

FUMAÇA HUMANANA

O INÍCIO DA SEGUNDA GUERRA, O FIM DA CIVILIZAÇÃO

Nicholson Baker

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NICHOLSON BAKER

Fumaça humana

*O início da Segunda Guerra,
o fim da civilização*

Tradução

Luiz A. de Araújo

FUMAÇA HUMANA

ALFRED NOBEL, o fabricante de explosivos, conversava com a amiga baronesa Bertha von Suttner, autora de *Lay Down Your Arms* [Deponham as armas]. Cofundadora do movimento pacifista europeu, ela acabava de participar da Conferência Mundial da Paz em Berna. Era agosto de 1892.

“Talvez as minhas fábricas acabem com a guerra antes dos seus congressos”, disse Nobel. “No dia em que dois exércitos forem capazes de se aniquilar mutuamente em um segundo, é provável que todas as nações civilizadas recuem com horror e desmobilizem suas tropas.”

STEFAN ZWEIG, o jovem escritor de Viena, estava num cinema em Tours, na França, assistindo ao noticiário. Era o verão de 1914.

A imagem do imperador Guilherme II da Alemanha apareceu fugazmente na tela. No mesmo instante, a audiência explodiu num grande alarido. “Todos se puseram a vaiar e assobiar, homens, mulheres e crianças, como se tivessem sido insultados pessoalmente”, escreveu ele. “O povo afável de Tours, que só sabia do mundo e da política pelo que lia nos jornais, enlouqueceu por um instante.”

Zweig ficou assustado. “Tudo durou apenas um segundo, mas um segundo que me mostrou a facilidade com que as pessoas se enfurecem numa época de crise, em qualquer lugar, apesar de todas as tentativas de compreensão do outro.”

WINSTON CHURCHILL, primeiro lorde do Almirantado da Inglaterra, instituiu o bloqueio naval da Alemanha. “O bloqueio britânico”, escreveu ele posteriormente, “ameaçava toda a Alemanha como se fosse uma fortaleza sitiada e, confessadamente, procurava impor a fome ao conjunto da população — homens, mulheres e crianças, velhos e jovens, feridos e sãos — até que eles cedessem.” Isso em 1914.

STEFAN ZWEIG estava no front oriental, colhendo proclamações de guerra russas para os arquivos austríacos. Era a primavera de 1915.

Ele subiu no vagão de carga de um trem-hospital. “Dei com uma fileira de macas toscas”, escreveu, “todas ocupadas por homens mortalmente pálidos que gemiam, suavam e arfavam na

densa atmosfera de excremento e iodofórmio.” Havia vários mortos entre os vivos. Desesperado, o médico lhe pediu que arranjasse água. Não tinha morfina nem ataduras limpas, e eles ainda estavam a 24 horas de Budapeste.

De regresso a Viena, Zweig iniciou uma peça teatral pacifista, *Jeremiah*. E escreveu:

Eu reconheci o inimigo que devia combater: o falso heroísmo que prefere mandar os outros para o sofrimento e a morte, o otimismo barato dos profetas sem consciência política nem militar que, prometendo audaciosamente a vitória, prolongam a guerra, e, atrás deles, o vendido coro de “apregoadores da guerra”, como os chamou Werfel, com reprovação, em seu belo poema.

JEANNETTE RANKIN, de Montana, a primeira mulher eleita deputada, votou contra a declaração de guerra à Alemanha. Foi no dia 6 abril de 1917.

“Eu me debrucei na balaustrada da galeria e a observei”, disse sua amiga Harriet Laidlaw, do Woman Suffrage Party [Partido do Sufrágio Feminino]. “Ela estava sob a mais terrível pressão.” Quase todas as suas companheiras sufragistas, inclusive Laidlaw, queriam que ela votasse pelo sim.

Fez-se silêncio quando a chamaram. “Eu quero ser leal ao meu país”, disse Rankin. “Mas não posso votar a favor da guerra. Voto pelo não.” Outros cinquenta membros da Câmara acompanharam seu voto; 374 preferiram o sim. “Eu senti”, disse ela depois, “que, na primeira vez em que uma mulher tivesse oportunidade de dizer não à guerra, o seu dever era fazê-lo.”

Um jornal de seu estado, o *Independent* de Helena, chamou-a de “otária do Kaiser, membro de um exército huno nos Estados Unidos e uma normalista chorona”.

HARRY EMERSON FOSDICK, um jovem pregador pró-guerra, escreveu um pequeno livro publicado pela Associação Cristã de Moços.

A guerra já não é galantaria nem paradas, disse:

Agora a guerra é jogar bombas de aviões e matar mulheres e crianças ainda em suas camas; é atirar, por ordem telefônica, em lugares invisíveis, a quilômetros de distância, e massacrar homens invisíveis. A guerra são homens sem mandíbula, sem olhos, sem pernas, sem mente.

O reverendo Fosdick terminou o livro com uma exortação ao alistamento: “O seu país precisa de você”, dizia. Isso em novembro de 1917.

MEYER LONDON, um socialista na Câmara dos Deputados, votou contra a segunda declaração de guerra do presidente Wilson à Áustria-Hungria. Foi no dia 7 de dezembro de 1917.

“Em termos de guerra, eu sou totalmente abstêmio”, disse London num discurso de quinze minutos. “Recuso-me a tomar a primeira dose intoxicante.”

O deputado Walter Chandler foi até o lugar em que London se achava e se postou diante dele para replicar. “Dizem que, se o senhor analisar o sangue de um judeu no microscópio, encontrará o

Talmude e a Antiga Bíblia flutuando em algumas partículas”, discursou o congressista Chandler. “Se o senhor analisar o sangue de um germano ou teutônico representativo, encontrará metralhadoras e partículas de granadas e bombas boiando.”

Segundo Chandler, a única coisa que se podia fazer com os alemães era “combatê-los até os destruir a todos”.

ELEANOR ROOSEVELT e o marido, Franklin D., secretário adjunto da Marinha, foram convidados a uma festa em homenagem ao financista Bernard Baruch. “Eu tive de ir à festa de Harris, embora preferisse a força a ser vista lá”, escreveu Eleanor à sogra. “Praticamente só judeus.” Foi em 14 de janeiro de 1918.

UM OFICIAL ALEMÃO CAPTURADO conversava com um repórter do *New York Times* no dia 3 de novembro de 1918. O governo alemão havia solicitado o armistício.

O militar afirmou que seu Exército não havia sido vencido e devia dar prosseguimento à guerra. “O imperador está cercado de gente que sente e fala em derrota”, disse. Mencionou homens como o líder socialista Philipp Scheidemann.

Novos tanques estavam chegando, observou o alemão, e era de se esperar uma guerra entre os Estados Unidos e o Japão. “Com toda certeza, o Japão e os Estados Unidos colidirão um dia, e nós abasteceremos os dois lados de quantidades enormes de material e munição.” A cessão da Polônia e da Alsácia-Lorena, acreditava ele, causaria agitação social, a ruína da indústria alemã e o empobrecimento da classe operária. “Os nossos inimigos terão o que sempre desejaram: o aniquilamento total da Alemanha. Essa seria a paz de Scheidemann.”

WINSTON CHURCHILL, então secretário de Estado da Guerra e da Aeronáutica, tomou a palavra no Parlamento para exaltar o sucesso do bloqueio naval. Isso em 3 de março de 1919, quatro meses depois da assinatura do armistício que pôs fim à Grande Guerra.

“Estamos impondo o bloqueio com rigor”, disse. “À nação britânica é repugnante usar essa arma de fome que atinge principalmente as mulheres, as crianças, os velhos, os fracos e os pobres; porém, uma vez cessadas todas as hostilidades, é necessário um momento maior para assegurar os termos justos pelos quais lutamos.” A fome e a desnutrição, observou o secretário, haviam levado a vida nacional e o Estado alemães à beira do colapso. “Agora, portanto, é hora de consolidar.”

WINSTON CHURCHILL publicou um artigo no dia 8 de fevereiro de 1920. Ele tinha agora outro inimigo. Seu inimigo não era mais a Alemanha, e sim o “sinistro conluio” da judiaria internacional.

“Esse movimento judaico não é novo”, disse. Tratava-se de uma “conspiração mundial para derrocar a civilização e reconstituir a sociedade na base do desenvolvimento contido, da

malevolência invejosa e do igualitarismo impossível”. Citou Marx, Trótski, Bela Kun, Rosa Luxemburgo e Emma Goldman entre os malfeitores. Segundo ele, a conspiração havia sido “a mola mestra de todos os movimentos subversivos do século XIX”. Tivera papel importante na Revolução Francesa. Todos os judeus leais, aconselhou, deveriam “vindicar a honra do nome judeu”, rejeitando o bolchevismo internacional.

AYLMER HALDANE, comandante das forças britânicas no Iraque, telegrafou a Winston Churchill pedindo mais tropas e aviões. Isso em 26 de agosto de 1920.

“O *jihad* vem sendo pregado com exaltado fervor pelos numerosos emissários das cidades sagradas de Najaf e Karbala”, dizia. Churchill, então secretário de Estado da Guerra e da Aeronáutica, enviou-lhe um bilhete encorajador: “O Gabinete decidiu que é preciso sufocar efetivamente a rebelião, e eu vou me empenhar em atender a todas as suas exigências”.

Vários dias depois, Churchill escreveu um ofício a Hugh “Boom” Trenchard, comandante da Royal Air Force. Os dois estavam desenvolvendo a ideia de policiar o império britânico por ar, poupando o custo das tropas terrestres — política essa que ficou conhecida como “controle aéreo”.

“Acho que o senhor certamente deve proceder ao trabalho experimental com as bombas de gás, especialmente gás mostarda, que infligirá castigo aos nativos recalcitrantes sem lhes causar ferimentos graves.” Churchill era perito nos efeitos do gás mostarda: sabia que este podia cegar ou matar, principalmente crianças e bebês. Ele observara num memorando anterior que o gás espalhava “um terror intenso”. E não compreendia as resistências ao seu emprego: “Sou decididamente favorável ao uso do gás venenoso contra as tribos incivilizadas”. A maioria dos gaseados não sofreria “graves efeitos permanentes”, disse.

OS HOMENS DE HALDANE bombardearam e metralharam as tribos rebeldes, atacaram-nas com granadas de gás, incendiaram aldeias e consertaram a ferrovia. Oficialmente, as baixas do lado britânico foram 47 oficiais e soldados ingleses e 250 gurkhas indianos. “É impossível determinar com precisão as baixas árabes”, escreveu Haldane, “mas foram estimadas em 8450 mortos e feridos.” Ele também opinou sobre como punir uma aldeia. “Devem-se incumbir grupos separados de incendiar as casas, arrancar e queimar o grão e o *bhoosa*, saquear etc.”, recomendou. “Incendiar uma aldeia leva uma hora ou mais, dependendo do tamanho e da hora em que os grupos incendiários entrarem.”

Churchill mandou um telegrama de congratulações a Haldane: “Nesses meses difíceis, sua paciência e firmeza foram de grande valor, e eu lhe dou os parabéns pela melhora sensível da situação operada pelo senhor”. Era o dia 18 de outubro de 1920.

J. A. CHAMIER, comandante de voo da Royal Air Force, publicou suas opiniões sobre a melhor maneira de lidar com as rebeliões tribais.

O oficial no comando devia escolher a aldeia mais inacessível da tribo mais importante, dizia Chamier, e atacá-la com toda a força aérea disponível. “O ataque com bombas e metralhadoras deve ser implacável e ininterrupto, perpetrado continuamente, dia e noite, contra casas, habitantes, plantações e o gado”, escreveu. “Parece brutal, eu sei, mas acontece que tem de ser brutal. No futuro, a mera ameaça mostrar-se-á eficaz se a lição for adequadamente aprendida.” Corria o ano de 1921.

FRANKLIN ROOSEVELT, então advogado em Nova York, notou que os judeus constituíam um terço dos calouros de Harvard. Depois de discutir o problema com Henry Morgenthau, Sr., ele se reuniu com o Conselho de Supervisores, do qual era membro. “Decidiu-se”, explicou posteriormente, “que, num período de anos, o número de judeus deve ser reduzido em 1% ou 2% ao ano até chegar a 15%.” Isso por volta de 1922.

MOHANDAS K. GANDHI foi preso por sedição. Escrevera um artigo que começava assim: “Como pode haver compromisso enquanto o Leão Britânico continuar a agitar diante de nosso rosto as garras de sua glória?”. Era 10 de março de 1922.

Naquele domingo, John Haynes Holmes, um pregador pacifista, fez um sermão no Lyric Theater de Nova York. “Gandhi está treinando 300 milhões de indianos para lutarem pela liberdade”, disse, “para se livrarem do jugo britânico mediante a não violência, e o está fazendo com um grau de sucesso que abala o alicerce do império. Em breve, ele salvará a Índia e, com isso, talvez a humanidade.”

Gandhi declarou em seu julgamento: “Eu estou empenhado em mostrar aos meus patrícios que a não cooperação violenta só serve para multiplicar o mal e que o mal só pode ser mantido pela violência. A retirada do apoio ao mal exige a abstenção total da violência”. Disse ainda ao tribunal que se submeteria alegremente à pena mais grave pelo seu crime.

Foi condenado a seis anos de reclusão.

LORD HUGH CECIL, representante de Oxford no Parlamento, tomou a palavra para dizer que a Royal Air Force era desnecessariamente grande e deveria ser menor. Foi no dia 21 de março de 1922.

Winston Churchill, secretário de Estado da Guerra, secretário de Estado da Aeronáutica e secretário de Estado das Colônias, replicou que a Royal Air Force precisava continuar grande. Lembrou o fim da Grande Guerra, quando os aviões britânicos estavam prestes a realizar operações ousadas. “Se a guerra tivesse durado mais alguns meses ou, talvez, mais algumas semanas”, disse, “teria havido operações, a partir deste litoral, contra Berlim e o centro da Alemanha, e essas operações cresceriam em magnitude e consequência se a campanha se prolongasse por todo o ano de 1919.” Mas tais operações não ocorreram. Interveio a paz, “já que ficamos sem alemães e

inimigos antes que os experimentos terminassem”.

Churchill prosseguiu com uma previsão: “Numa guerra aérea, a melhor forma de defesa será, sem dúvida, o ataque”.

STEFAN ZWEIG estava de férias em Westerland, na ilha de Sylt, no mar do Norte. Leu no jornal que seu amigo Walter Rathenau, ministro de Relações Exteriores da Alemanha, um judeu, tinha sido assassinado. Isso em 24 de junho de 1922.

O valor do marco alemão caiu vertiginosamente. “Agora começou o verdadeiro sabá da bruxa da inflação”, escreveu. Consertar uma janela quebrada custava mais caro do que construir uma casa inteira antes da inflação; um único livro, mais caro do que toda uma tipografia de cem prelos. “Os desempregados andavam por aí, sacudindo os punhos para os especuladores e estrangeiros em seus carros de luxo, que compravam fileiras de ruas como se fossem uma caixa de fósforos”, prosseguiu. “Acima de todos eles, alteava-se o superespeculador Stinnes.”

Com o colapso dos valores, disse Zweig, Berlim transformou-se numa babilônia: “Qualquer colegial queria ganhar uns trocados e, nos bares mal iluminados, viam-se altos funcionários e homens do mundo financeiro cortejarem docemente marinheiros bêbados, sem o menor pudor”.

As reações autoritárias grassavam em meio ao caos, observou ele. Os homens “aderiam prontamente a qualquer slogan que promettesse ordem”.

BOOM TRENCHARD, comandante da Royal Air Force, estava discutindo com seus subordinados. Tratava-se de saber se era melhor ter muitos aviões de combate para repelir o inimigo ou muitos bombardeiros para bombardeá-lo em seu próprio território. Trenchard disse que era como num jogo de futebol. Não se podia apenas defender o próprio gol; era preciso ir para o campo do adversário. A nação que aguentasse mais tempo o bombardeio acabaria vencendo. E, em sua opinião, “os franceses, num duelo de bombardeios, provavelmente começariam a chorar antes de nós”. Isso foi em 9 de julho de 1923.

O *DAILY MAIL*, um jornal conservador londrino, publicou, em 25 de outubro de 1924, uma carta forjada.

Pretensamente assinada pelo líder comunista russo Grigori Zinoviev, a missiva endereçava-se ao Partido Comunista da Inglaterra. Foi divulgada quatro dias antes da eleição geral de 1924 — uma disputa importantíssima para Winston Churchill, que havia perdido as duas campanhas anteriores.

Marcado como “ultrassecreto”, o texto falava num “bem-sucedido levante em certos distritos operários da Inglaterra”. Alguns trechos de sua prosa apresentavam cadência ligeiramente churchillianiana — não faltavam frases como “tensionar todos os nervos” e “proferiu sua ponderosa palavra” —, mas sem que lhe faltasse uma boa dose de pastiche bolchevique. “Seria desejável ter células (núcleos?) em todas as unidades militares, particularmente entre as aquarteladas nos

grandes centros do país, nas fábricas de munição e nos paióis militares”, dizia a carta. A manchete do *Daily Mail* era “Guerra civil tramada pelos chefões dos socialistas”.

Esmond Harmsworth, o dedicado apoiador de Churchill, era filho do lorde Rothermere, editor do *Daily Mail*. Desmond Morton, o grande aliado de Churchill no serviço secreto, foi quem entregou a carta, obtida junto a uma obscura fonte lituana, ao Ministério de Relações Exteriores britânico, atestando-lhe a autenticidade.

Moscou classificou a carta de “falsificação grosseira” e “maquinação tosca” e exigiu um pedido de desculpas. Membros do Parlamento disseram que se tratava de um “embuste” e de uma “cilada maligna”. “Como o comitê conservador conseguiu ter acesso a essa carta?”, perguntou o primeiro-ministro trabalhista Ramsay MacDonald.

É uma circunstância suspeitíssima um jornal e o comitê de campanha da Conservative Association [Associação Conservadora] obterem cópias dela ao mesmo tempo que o Ministério das Relações Exteriores. E, se for verdade, como é que eu, uma pessoa simples e honesta, que soma dois e dois, não vai desconfiar — e não digo concluir — que se trata de um conluio político?

CHURCHILL E OUTROS CONSERVADORES usaram a carta de Zinoviev para derrubar o primeiro-ministro MacDonald. Churchill o comparou a Alexander Kerensky, o fraco líder socialista que possibilitou o triunfo dos bolcheviques.

“Todos vocês conhecem a história de Kerensky”, disse ele num comício, “que, tal como o senhor MacDonald, fingia querer o melhor para o seu país, e, nos bastidores, não fazia senão pedir perdão às forças obscuras, ferozes e mortais que o tinham sob controle.”

Churchill foi eleito. Mas nem por isso parou de falar na carta de Zinoviev. Conspiradores e revolucionários “de todas as raças sob o sol” reuniam-se na Rússia para arquitetar a revolução mundial, afirmou ele no *Weekly Dispatch*. “Em toda parte, eles se esforçam para formar as ‘células germinativas’ a partir das quais há de crescer o câncer do comunismo”, escreveu. “De modo que não há nada de novo e nada de particularmente violento na carta de Zinoviev, vulgo Apfelbaum entre os comunistas britânicos.” Era 2 de novembro de 1924.

Ramsay MacDonald viu seu gabinete trabalhista encerrar os trabalhos. Disse que se sentiu um homem costurado dentro de um saco e jogado no mar. Churchill voltou ao poder: foi nomeado ministro da Fazenda do novo governo conservador.

Restaurou o padrão ouro, desencadeando uma depressão maciça.

JOSEPH GOEBBELS estava trabalhando em seu romance-diário *Michael*. “Eu passava muito tempo acordado na cama, pensando no sereno e pálido homem de Nazaré”, escreveu. Foi quando Adolf Hitler entrou em sua vida.

Hitler acabava de sair do presídio de Landesberg, onde ditara *Mein Kampf* [Minha luta] ao amigo Rudolf Hess. Goebbels terminou de ler *Mein Kampf*. “Quem é esse homem?”, indagou. “O verdadeiro Cristo ou apenas são João?” Hitler o convidou a assumir a função de editor do jornal

nacional-socialista *Völkischer Beobachter*. Os dois falaram juntos em comícios. “Ele se levanta de um salto, ei-lo”, escreveu Goebbels em seu diário em novembro de 1925. “Aperta minha mão. Como um velho amigo. E aqueles grandes olhos azuis. Feito estrelas. Fica satisfeito em me conhecer. Eu me sinto no céu.”

Semanas depois, Goebbels voltou a se encontrar com ele. “Hitler está presente. Grande alegria. Cumprimenta-me como a um velho amigo. E é atencioso comigo. Como eu gosto dele! Que camarada! Então ele fala. Como eu sou insignificante! Ele me dá sua fotografia. Com uma saudação à Renânia. *Heil* Hitler! Eu quero que Hitler seja meu amigo. Sua fotografia está na minha escrivaninha.”

Meses depois, os dois tiveram um novo encontro. Goebbels fez um discurso de duas horas e meia. “Eu dou tudo que tenho. Eles aplaudem, gritam. No fim, Hitler me abraça. Estou com lágrimas nos olhos. Sinto algo muito próximo da verdadeira felicidade.”

Eles jantaram juntos naquela noite — Hitler deixou Goebbels pagar. “E até nisso, que grandeza!” Goebbels tinha encontrado o seu homem de Nazaré. “Adolf Hitler — eu te adoro.”

O REVERENDO HARRY FOSDICK fez um sermão na catedral de São Pedro, em Genebra. Foi no dia 13 de setembro de 1925, quando da inauguração da Assembleia da Liga das Nações. O reverendo Fosdick renunciara ao fervoroso militarismo de outrora; agora era um conhecido pregador pacifista.

Ele tinha visto homens recém-gaseados chegarem das trincheiras, disse. Ouvira os gritos dos que queriam morrer e não podiam.

Eu detesto a guerra pelo que ela nos obriga a fazer com os nossos inimigos, alegrando-nos à mesa do café da manhã com cada maldito e diabólico mal que lhes infligimos. Detesto a guerra pelos seus resultados, pelas mentiras de que ela vive e que propaga, pelos ódios imortais que suscita, pelas ditaduras que põe no lugar da democracia e pela fome que a acompanha.

O sermão de Fosdick foi citado nos jornais. Dele se distribuíram 25 mil cópias impressas. A maioria das pessoas concordava. No mundo todo, a maioria era pacifista.

A ROYAL AIR FORCE jogou mais de 150 toneladas de bombas na Índia. Isso em 1925.

WINSTON CHURCHILL visitou Roma. “Fiquei encantado com a atitude gentil e simples do *signor* Mussolini e com sua atitude serena, desapaixorada, apesar dos tantos fardos e perigos”, declarou à imprensa. O fascismo italiano, prosseguiu, tinha demonstrado que havia um meio de combater as forças subversivas; fornecera o “necessário antídoto ao vírus russo”.

“Se eu fosse italiano, tenho certeza de que o apoiaria inteiramente, do começo ao fim da sua luta vitoriosa contra os apetites e paixões bestiais do leninismo”, disse Churchill aos romanos. Foi no

dia 20 de janeiro de 1927.

A ROYAL AIR FORCE anunciou um exercício de falso bombardeio em sua demonstração aérea anual em Hendon, no norte de Londres. Isso em 11 de junho de 1927.

O *New York Times* descreveu o evento de Hendon antecipadamente: “O ‘vilarejo’, construído principalmente com asas de avião, será despedaçado pelo bombardeio. As aeronaves jogarão alimento e munição para os ‘refugiados’ europeus, que estarão em fuga depois de escapar da cidadela em que foram ‘sitiados’ pelos habitantes nativos do povoado”. O vilarejo ficava no país imaginário de Irquestine.

Duzentos aviões iam voar ao som de uma canção intitulada “Chick, chick, chick, chick, chicken”. Quando o cantor cantasse “Bota um ovinho pra mim”, os aviões lançariam as bombas.

UMA ESQUADRILHA DE AVIÕES britânicos bombardeou a pirâmide sagrada dos nueres de Dengkur, no Sudão. Atingiu o gado — “carne dilacerada e ossos estilhaçados saltaram no ar”, relatou a revista *Time* —, atacando também os nativos. Um deles revidou, e seu disparo feriu a coxa de um piloto. “Não mais que duzentos nueres foram mortos”, de acordo com a estimativa oficial. Isso aconteceu em fevereiro de 1928.

WINSTON CHURCHILL publicou uma obra extraordinária intitulada *The Aftermath* [A consequência], o último volume da sua história da Grande Guerra. Isso em março de 1929.

A Grande Guerra tinha características inéditas. Por exemplo: “Nações inteiras foram metodicamente submetidas à fome, ou quase isso”. Mas o que aconteceu não foi nada em comparação ao que aconteceria se os alemães tivessem continuado lutando 1919 adentro, diz o livro. Gases venenosos de “incrível malignidade” teriam minado toda resistência. “Milhares de aviões teriam destruído suas cidades.”

Subitamente, no entanto, a luta terminou: “Em uma centena de laboratórios, em mil arsenais, fábricas e escritórios, os homens se recompuseram com um espasmo e abandonaram a tarefa que os absorvia”.

Mas aqueles cujo trabalho não combatente fora interrompido teriam mais uma chance, cedo ou tarde, de levar a cabo seus planos de 1919, previu Churchill. “A morte estava alerta”, escreveu, “obediente, expectante, pronta para servir, pronta para esquartejar os povos em massa; pronta, se convocada, para pulverizar, sem esperança de reparo, o que restava da civilização. Ela só aguardava a voz de comando.”

O BARÃO PONSONBY, autor de *Falsehood in Wartime* [Mentira em tempo de guerra], recordou algo que Winston Churchill lhe havia dito anos antes: “Eu gosto que as coisas aconteçam e, quando elas

não acontecem, gosto de fazer com que aconteçam”. Foi no dia 11 de março de 1929.

WINSTON CHURCHILL, apresentando um ciclo de palestras nos Estados Unidos, falou no Bond Club de Nova York. Era 9 de outubro de 1929.

Os 12500 dólares de honorários de palestrante de Churchill foram pagos por sir Harry McGowan, presidente da African Explosives e vice-presidente da Imperial Chemical Industries, um conglomerado britânico que produzia fertilizantes, raíom, pólvora, TNT, bombas, munição e gás venenoso. A Imperial Chemical era descendente da empresa de explosivos de Alfred Nobel, na qual McGowan começara a trabalhar aos quinze anos de idade; tinha convênios com a indústria bélica DuPont e, na Alemanha, com a I. G. Farben.

McGowan e Churchill desenvolveram certa intimidade financeira: aquele se encarregava de aplicar parte do dinheiro deste no mercado de valores americano. Segundo Churchill confidenciou à esposa, sir Harry tinha “fontes de informação profundas”.

Durante o seu giro por muitas cidades, Churchill exaltou as grandes forças navais, os grandes programas armamentistas e a cooperação anglo-americana. “Não queremos que todos os bons do mundo se desarmem enquanto os maus continuam fortemente equipados para a guerra”, disse no Iron and Steel Institute, ainda naquele mês de outubro. “Vocês são os amigos que nós gostaríamos de ver mais poderosamente armados.”

MOHANDAS GANDHI marchou até o oceano com seus seguidores. Tomara a decisão de resistir ao monopólio imperial britânico do sal. “Vejam, eu estou prestes a dar um sinal à nação”, disse, pegando alguns grãos de sal marinho. Foi em 6 de abril de 1930.

Lorde Irwin, o alto e magro vice-rei da Índia, já tinha prendido muitos discípulos de Gandhi. Mas esperava não ter de prender o líder, pois isso causaria agitação: “Sempre ouvi dizer que sua pressão arterial é perigosa e que seu coração não é lá dos melhores, e, há alguns dias, contaram-me que seu horóscopo prevê que ele vai morrer ainda neste ano, coisa que explica a sua jogada desesperada. Seria uma solução feliz”.

Mas Mohandas Gandhi não morreu. Ele e 60 mil adeptos foram encarcerados. Em Peshawar, perto da fronteira noroeste da Índia, as tropas britânicas dispararam numa multidão de muçulmanos que protestavam contra o monopólio do sal, matando alguns. Segundo o *New York Times*, ataques aéreos “varreram” posteriormente a região.

MUSSOLINI discursou diante de uma multidão de fascistas camisas-negras em Florença. “As palavras são bonitas”, disse, “mas os fuzis, as metralhadoras, os navios e os aviões são mais bonitos ainda.” Isso em 17 de maio de 1930.

O MAJOR FRANK PEASE, presidente da Hollywood Technical Directors Association, um grupo de dedos-duros, assistiu a *Nada de novo no front*, da Universal Pictures. O filme sobre o absurdo e o horror da Grande Guerra baseava-se no romance de Erich Maria Remarque.

O major Pease não gostou; telegrafou para o presidente Hoover e outros pedindo que o proibissem. “Sua exibição continuada e não censurada, principalmente para os jovens, provocará uma onda de covardes, desertores e traidores”, disse. “Nem mesmo Moscou seria capaz de produzir uma fita mais subversiva.”

Como o filme não foi proibido, Pease divulgou um boletim. “Os vira-latas mesopotâmicos que perpetraram um filme criminoso como NADA DE NOVO estavam fadados a se exceder um dia, e parece que esse dia chegou”, escreveu. “A HORA DE PARAR COM ISSO É AGORA.”

Foi no dia 24 de maio de 1930.

A ASSOCIATED PRESS despachou uma matéria de Peshawar. Era o dia 17 de agosto de 1930. “Castigados por uma chuva diária de bombas dos aviões britânicos, relatou-se hoje que os combatentes da tribo afridi bateram em retirada nas montanhas da fronteira noroeste”, dizia. “Segundo os oficiais, as punições infligidas às aldeias pelos ataques aéreos tiveram efeito salutar. Espera-se que em breve os segmentos descontentes negociem a paz.”

Em um editorial, o *Times* de Londres culpou os propagandistas de Gandhi pela morte dos afridis.

ALBERT EINSTEIN conversou com jornalistas, em Berlim, no dia 18 de setembro de 1930. Os hitleristas tinham vencido uma eleição. “Não há motivo de desespero”, disse Einstein, “pois o voto em Hitler não passa de um sintoma, não necessariamente de ódio antissemita, e sim de ressentimento momentâneo causado pela miséria econômica e pelo desemprego nas fileiras da desorientada juventude alemã.” Ele observou que, por ocasião do caso Dreyfus, a maioria da população da França tornara-se antissemita. Depois isso mudou. “Espero que, assim que a situação da Alemanha melhorar, as pessoas encontrem o caminho da lucidez.”

JOSEPH GOEBBELS, membro do Reichstag e líder do partido em Berlim, levou duzentos camisas-pardas ao cinema. Foi em 8 de dezembro de 1930. Tinha comprado ingressos para *Nada de novo no front*, que acabava de ser lançado na Alemanha. Goebbels descreveu Erich Maria Remarque como um “janota salafrário”. Disse que o filme era “uma obra sórdida”. Seus recrutas estavam armados: malas cheias de ratos brancos, bombas fétidas e pó do espirro. Iam defender a honra dos 2 milhões de mortos na Grande Guerra contra os negativistas e derrotistas como Remarque.

Durante a exibição do filme, os camisas-pardas, observados por Goebbels da galeria, puseram-se a saltar e a gritar: “Fora, judeus! Fora, judeus!”. Soltaram os ratos e jogaram as bombas de mau cheiro e a dianisidina. Houve confusão; a projeção foi interrompida. A polícia chegou e evacuou o cinema.

Na próxima noite, os grupos de assalto (SA) retornaram em maior número. A polícia montada

tentou controlar a situação. Goebbels denunciou o filme como “judaico”, e então os manifestantes foram em passeata a Kurfürstendamm, o elegante bairro comercial de Berlim, no qual havia muitos estabelecimentos de judeus. “Diversos proprietários de cafés de luxo temeram por suas vitrines ao ver os jovens antipacifistas se aproximarem”, noticiou o *New York Times*, “mas, aparentemente, eles não quebraram nenhuma vidraça.” Vinte e sete pessoas foram presas.

Na noite seguinte, houve mais agitação; e na outra noite; e na subsequente. O cinema ficou deserto. Intimidado, o governo alemão proibiu *Nada de novo*. “O filme da vergonha foi proscrito”, escreveu Goebbels em seu diário. “Com essa ação, o movimento nacional-socialista ganhou a luta contra as imundas maquinações dos judeus.” “Uma vitória”, escreveu ele, “que não podia ter sido mais grandiosa.”

Erich Maria Remarque presenciou a primeira manifestação. “Nenhum deles passava dos vinte anos”, escreveu posteriormente. “Nenhum podia ter estado na guerra — e nenhum sabia que, dali a dez anos, todos estariam em outra guerra e que a maioria deles morreria antes de chegar aos trinta.”

GANDHI havia substituído Lênin no papel de arqui-inimigo de Churchill. “A verdade é que, cedo ou tarde”, escreveu, “o gandhismo e tudo quanto ele representa terá de ser combatido e enfim esmagado. É inútil querer satisfazer um tigre alimentando-o com ração de gato.” Corria o dia 11 de dezembro de 1930.

Um mês depois, Gandhi foi posto em liberdade. Escreveu uma carta ao vice-rei, lorde Irwin. “Caro amigo”, dizia, “amigos cuja opinião eu valorizo aconselharam-me a lhe solicitar uma audiência.”

Irwin recebeu-o no palácio. Os dois homens se reuniram e conversaram. Voltaram a se reunir e a conversar — e uma vez mais. Winston Churchill ficou contrariadíssimo. O governo britânico, disse ele num discurso, devia se dissociar daquela reconciliação “fraca, insensata”. “É alarmante e também repugnante ver o senhor Gandhi, um advogado sedicioso da Middle Temple, que agora deu para bancar o faquir de um tipo muito conhecido no Oriente, subir seminu a escadaria do palácio vice-real, ao mesmo tempo que continua organizando e dirigindo uma campanha insolente de desobediência civil, para dialogar em termos de igualdade com o representante do imperador-rei. Semelhante espetáculo só pode aumentar a agitação na Índia.” Isso em 23 de fevereiro de 1931.

ALBERT EINSTEIN ministrou uma palestra no Ritz-Carlton, em Nova York. Havia duas maneiras de resistir à guerra, disse ele. Nos países em que o serviço militar era obrigatório, os pacifistas podiam se recusar a servir. Nos países em que não existia recrutamento compulsório, como nos Estados Unidos e na Inglaterra, o pacifista podia declarar publicamente que não pegaria em armas em circunstância nenhuma.

“Se apenas 2% dos homens aptos para o serviço militar se recusarem”, disse, “não haverá prisões suficientes no mundo para alojá-los.” Ele e a sra. Einstein foram ovacionados. Era 14 de dezembro de 1930.

DOIS EDITORES DE UM JORNAL CONSERVADOR apresentaram-se numa casa de uma rua elegante de Munique. Foi no dia 4 de maio de 1931. Tratava-se da Casa Parda, a sede do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães — o partido nazista. Fritz Thyssen, um magnata do aço, ajudara o líder do partido, Adolf Hitler, a comprá-la. Uma bandeira com a suástica tremulava no telhado. Os guardas examinaram os documentos dos dois editores, e então eles foram recebidos por Rudolf Hess, o antigo secretário particular de Hitler. Hess tinha uma aparência estranha, e um dos visitantes pensou: em suas feições, notavam-se traços de fanatismo e “perturbação mental”. Ele era o homem para o qual, anos antes, Hitler havia ditado os longos monólogos que viriam a constituir *Mein Kampf*.

No momento, o líder do partido estava ocupado, de modo que Hess levou os dois a dar uma volta. Desceram ao porão e viram os armários à prova de fogo com as fichas de meio milhão de militantes do partido. Tornaram a subir e viram suásticas no gesso do teto e suásticas na vidraça das janelas. Visitaram um cômodo chamado Salão dos Senadores, com 61 cadeiras revestidas de couro vermelho. O teto era de mármore e ostentava o emblema do partido feito em mosaico; no assoalho, “vastos tapetes caríssimos nos quais haviam sido tecidas inumeráveis suásticas”. Hess levou-os ao tribunal do Partido Nacional-Socialista, no qual havia uma mesa com uma suástica dourada e uma imagem de Cristo.

Ao cabo de uma hora, conduziu os visitantes ao gabinete de Hitler e fez as apresentações. Hitler foi gentil. Apertou a mão dos dois e disse afavelmente: “Eu sei o papel que vocês e o seu jornal têm na *intelligentsia* e na burguesia alemãs”. Dois retratos eram visíveis: um pequeno, de Mussolini, na escrivaninha, e, na parede, um painel a óleo de Frederico, o Grande. Hitler falou — às vezes dando murros na mesa, às vezes aos berros — nos comunistas, no Vaticano, nos judeus, na maçonaria, na imprensa, em Karl Marx, em Trótski e na cidade de Berlim, que chamou de “monturo internacional”. Um dos editores, Richard Breiting, que tinha sido estenógrafo do Reichstag, o Parlamento alemão, não teve dificuldade em acompanhar aquela excitadíssima logorreia.

“Só com o fanatismo conseguiremos realizar alguma coisa”, asseverou Hitler. “Não pretendemos pregar todo judeu rico nos postes telegráficos da estrada Berlim-Munique”, prosseguiu. “Isso é absurdo.” Mas haveria casos de perseguição. “Quando a gente usa uma plaina, saem lascas.”

Breiting quis saber quem forneceria os cérebros administrativos para gerir o governo caso o Partido Nacional-Socialista chegasse ao poder. Hitler fitou-o intensamente. “Eu sou o cérebro que lidera, e o meu gabinete geral secreto produzirá os demais cérebros necessários”, disse. Corou e se irritou. “Toda e qualquer resistência será rompida implacavelmente. Não vou tolerar oposição.” Fim da entrevista.

Posteriormente, Breiting escreveu um resumo. “Hitler exerce uma influência semi-hipnótica sobre seu staff”, observou. “Contaram-me que às vezes ele se enfurece como um louco na Casa Parda.” Na opinião de Breiting, ele era neurastênico, extremamente egoísta e tinha tendência à megalomania. Às vezes, disse, rompia em lágrimas. Em todo caso, impressionava muito; seu queixo, sob o bigodinho central, sugeria grande energia. “Ele faz muitas caretas quando fala, como se

estivesse disposto a triturar o adversário a dentadas.”

RICHARD BREITING voltou à Casa Parda para mais uma entrevista. Isso em junho de 1931. Hitler pôs-se a falar atropeladamente. Discorreu sobre a necessidade de uma arquitetura monumental, de lindas cidades, de novos sistemas viários, assim como sobre a decadência da arte. Também falou sobre os judeus nas finanças de Paris, o resultado das eleições, os judeus vienenses que haviam tolhido sua ambição de ser arquiteto, a prisão do dr. Goebbels por difamar os judeus, a utilidade da violência na política e, ainda, sobre a feiura do prédio do Reichstag. Aquilo parecia uma sinagoga, disse. Quanto mais cedo for incendiado, “mais cedo o povo alemão ficará livre da influência estrangeira”.

Segundo Hitler, as maiores ameaças à Alemanha eram a União Soviética e os Estados Unidos. A nação alemã precisava concluir sua reconstrução o mais depressa possível, “antes que a União Soviética se torne uma potência mundial, antes que os 5 milhões de quilômetros quadrados dos Estados Unidos se transformem no arsenal da judiaria internacional”. Esse era o perigo. “Os dois colossos ainda estão adormecidos”, disse. “Quando acordarem, será o fim da Alemanha.”

Breiting atreveu-se a dizer: “Mas, senhor Hitler, não se pode enxergar uma conspiração judaica em cada esquina”. As pessoas precisavam assimilar as coisas, acrescentou; nada se realizará “com a mera imposição do antissemitismo”.

Hitler ficou indignado. Os judeus queriam dividir o povo. Henry Cabot Lodge era um instrumento dos judeus. Ai da Alemanha se os “titereiros” judeus conseguissem o que queriam. Em Nova York, havia “forças” por trás do governador Franklin D. Roosevelt.

“Os judeus têm de tremer diante de nós”, acrescentou, “não nós diante deles.”

O ALEMÃO HANS RUMPF, engenheiro de incêndio, escreveu sobre o futuro bombardeio incendiário. Cem aviões, disse, cada qual transportando alguns milhares de bombas incendiárias, podiam voar até a capital de um país inimigo — por exemplo, Paris ou Londres — e jogar as bombas, provocando 100 mil incêndios simultâneos. Assim dizia o texto:

O ar quente que subisse dos inúmeros centros de conflagração causaria a chamada ventania de fogo, que levaria as chamas a pontos ainda não atingidos. E, no fim, todos os incêndios se uniriam numa rumorosa conflagração, a qual nenhuma organização ou maquinaria de combate ao incêndio teria como enfrentar. A cidade ficaria totalmente arrasada com um único ataque bem planejado e bem executado.

Rumpf terminou o seu hipotético raide com: *Der rote Hahn hat fliegen gelernt*, que significa: “O galo vermelho aprendeu a voar”. Isso foi em 1931.

A AGÊNCIA TELEGRÁFICA JUDAICA divulgou uma notícia que foi publicada no *New York Times*. Um grupo de nazistas se reuniu na Grenadierstraße, em Berlim, onde havia uma sinagoga. Gritando

“Abaixo a Judeia!”, atacaram alguns transeuntes. “No entanto, não tardou a se formar uma multidão de judeus que ofereceu resistência aos agressores, obrigando-os a retroceder.”

O despacho também citava um trecho de um plano para “livrar a Alemanha dos judeus sem chamar a atenção da opinião pública estrangeira”. Conforme esse plano — publicado num jornal legal —, quando chegassem ao poder, os nazistas fariam listas de cidadãos judeus. Uma vez prontas essas listas, bastaria cassar-lhes a cidadania. “Quando for suficientemente forte, o governo tomará as medidas mais cabais contra os judeus com a costumeira severidade ‘nazista’.” Isso em 2 de dezembro de 1931.

MOHANDAS GANDHI desembarcou na Inglaterra no dia 12 de setembro de 1931. Optou por se hospedar na Kingsley House, um albergue de pobres no East End de Londres. Na rádio CBS, participou de uma transmissão ao vivo para os Estados Unidos. “Eu pessoalmente esperaria séculos se necessário, mas não tentaria obter a liberdade do meu país por meios sangrentos”, disse. “O mundo está mortalmente doente de derramamento de sangue. O mundo está à procura de uma saída, e eu me lisonjeio com a convicção de que talvez seja o privilégio da antiga terra da Índia mostrar a saída para o mundo faminto.”

Gandhi conversou com o rei e a rainha, com o arcebispo de Canterbury e o tutor de Balliol, com George Bernard Shaw e lorde Lothian, com operários têxteis em Lancashire e lideranças quacres.

Quis conversar com Winston Churchill, mas este se negou a recebê-lo.

LILIAN MOWRER E O MARIDO, EDGAR MOWRER, jornalista, foram a uma cerimônia nazista no Palácio de Esportes. Isso por volta de 1931. O Palácio de Esportes, escreveu ela, era “um bonito prédio moderno com as paredes pintadas de vivas cores futuristas”. Subiram no palco em que estavam Joseph Goebbels, “pálido, magro, ligeiramente coxo”, Rudolf Hess, “um homem com jeitão de Clark Gable”, e o próprio Hitler, de gabardina e cinturão de couro, “o cabelo escorrido já caído na testa estreita, um sorriso satisfeito e nervoso nos longos lábios disformes”.

Goebbels se aproximou do microfone. “Por que nós confiamos no nosso Führer?”, perguntou. “Nós acreditamos nele porque ele acredita em nós.” Vinte mil gargantas se uniram em um frêmito.

Hitler começou a falar com sua voz esquisita, rouquenha. Enumerou os erros e corrupções do regime de Weimar. Chorou as mágoas do povo — “esmurrando o ar e com lágrimas a escorrer em ambos os lado do nariz carnudo”, escreveu Lilian Mowrer. A seguir, desancou judeus e socialistas, prometeu reduzir os impostos, elevar os salários, dar mais empregos e melhor habitação, baratear os fertilizantes. Mowrer não se abalou. “Hitler dizia absurdos, entregava-se às distorções mais grosseiras, desvirtuando a história com aquela voz estridente, teatral, com gestos grotescos e inconvincentes”, pensou. No entanto, ao examinar o público, ela viu não só conformidade, mas êxtase: uma mocinha de lábios entreabertos e com o olhar fixo no seu líder; um velho a acenar a cabeça, aquiescendo; a sessentona ao seu lado dizendo “Richtig! Richtig!” a cada promessa que Hitler fazia.

HALLET ABEND, o correspondente do *New York Times* na China, estava comendo caviar e tomando um aperitivo a bordo de um navio no porto de Shanghai. Seu anfitrião era o contra-almirante Shiozawa Koichi, da Marinha japonesa. Era 28 de janeiro de 1932.

“Às onze horas da noite, vou mandar os meus fuzileiros a Chapei”, informou o militar, “para proteger os nossos cidadãos e preservar a ordem.”

Chapei era uma parte de Shanghai com mais de meio milhão de habitantes. Lá haviam sido espancados cinco monges budistas japoneses — uma fatalidade. Em represália, uma associação patriótica japonesa incendiara uma fábrica de toalhas. O contra-almirante Shiozawa já tinha ameaçado os chineses com medidas drásticas caso não suspendessem a atividade antijaponesa. Os outros países também estavam atentos. O presidente Hoover e o ministro da Guerra Henry Stimson declararam-se dispostos a proteger os interesses de seu país; dois destróieres norte-americanos achavam-se nas proximidades, e uma tropa de fuzileiros navais havia desfilado — de baioneta calada — na zona internacional de Shanghai.

Pouco depois da meia-noite, o táxi de Hallett Abend virou a esquina de uma ruela de Chapei; os faróis iluminaram um grupo de fuzileiros japoneses e policiais britânicos arrastando-se com uma metralhadora. Um oficial se levantou e gritou para o táxi: “Apague os faróis, seu maluco!”. Ouviu-se um tiro. “O oficial agitou os braços no ar, gorgolejou estranhamente e caiu”, escreveu Abend em suas memórias.

Novas forças japonesas passaram de motocicleta, disparando. Os telhados estavam coalhados de franco-atiradores chineses do Exército da 19ª Rota. Os observadores americanos e europeus se aglomeraram na rodovia Szechuen Norte para ver a escaramuça — bebendo, rindo, fumando e comendo sanduíche. Abend e seu colaborador Douglas Robertson passaram a noite em claro, escrevendo notas para o *Times*, revigorando-se ocasionalmente com um absinto gelado.

Na manhã seguinte, ambos retornaram à rodovia Szechuen Norte. Ouviram aviões no céu.

“Os bastardinhos amarelos vão bombardear Chapei”, disse Robertson com aflição na voz.

“Nunca!”, exclamei. “Bombardear 600 mil civis numa cidade sem fortificação? Nem mesmo os japas.”

“Espere só; aposto um jantar”, disse Robbie, aquele escocês inteligente e perspicaz.

“Aviões semeiam terror”, dizia a manchete. “1,6 quilômetro quadrado em chamas.” E ainda: “Crianças feridas passam a noite na rua”.

Quatro dias depois, Abend foi tomar mais um drinque no navio do almirante de Shiozawa. “Vejo que os jornais americanos me apelidaram de Herodes”, disse o almirante. Parecia constrangido. “Eles deviam me dar algum crédito. Eu só usei bombas de quinze quilos e, assim como optei por elas, podia ter recorrido à variedade de 250 quilos.”

GEORGE WESTERVELT, antigo recruta da Marinha e agora vendedor da empresa de aviação Curtiss-

Wright, assistiu ao bombardeio de Shanghai da janela de seu quarto de hotel. Depois escreveu uma carta ao rico ministro da Fazenda da China, T. V. Soong. Foi em 10 de março de 1932.

Westervelt descreveu as coisas que a China podia fazer com sua própria frota de bombardeiros. “Essas aeronaves podem facilmente levar bombas inflamáveis de pouco peso em número suficiente para incendiar quase todas as cidades japonesas”, disse. Recomendou à China contratar um experimentado oficial da Força Aérea americana para desenvolver um programa de treinamento de pilotos chineses.

T. V. Soong gostou da ideia do programa de treinamento de pilotos, assim como o novo adido aeronáutico americano, o coronel Drysdale, que escreveu um memorando para o Departamento de Estado. “A presença de tal missão”, afirmou, “será valiosíssima para o aumento do uso de aviões e equipamento americanos na China.”

EM BERLIM, EDGAR MOWRER soube de uma coisa embaraçosa referente ao papa. Otto Brock, o assessor alemão de Mowrer, irrompeu no escritório dizendo que tivera uma reunião com o Partido Centrista Alemão, o Zentrum. Lá haviam lido uma carta do cardeal Pacelli, de Roma.

“O cardeal escreve que o papa está preocupado com o avanço do comunismo na Alemanha e aconselha o partido a contribuir para que Hitler chegue a chanceler. As lideranças do Zentrum concordam.” Brock estava chorando.

Mowrer perguntou se podia escrever sobre a mensagem do cardeal.

“Não”, respondeu Brock, “foi uma reunião secreta. Mas você vai ver.”

Como ele previu, dali por diante o Partido do Centro passou a apoiar Hitler. Era o verão de 1932.

BENITO MUSSOLINI estava escrevendo um artigo sobre o fascismo para o 14º volume da *Enciclopedia Italiana*. Pacifismo era covardia, disse. “Somente a guerra leva a energia do homem à mais alta tensão e imprime o sinal da nobreza naqueles que têm a virtude de enfrentá-la.” Isso em 1932.

O CORONEL JACK JOUETT, piloto veterano, começou a dar aulas a 88 cadetes chineses na nova escola militar de voo, ao sul de Shanghai. Os alunos entraram na classe com exemplares de *We*, de Charles Lindbergh. Estavam ansiosos por aprender a pilotar a nova frota de aviões Curtiss-Wright da escola. Isso em setembro de 1932.

EDGAR E LILIAN MOWRER foram convidados por um banqueiro alemão para um jantar. Isso no fim de 1932.

“Depois do jantar”, escreveu Edgar, “quando os homens — todos judeus, fora eu — tomavam

café, vários se gabaram de emprestar dinheiro ao Partido Nazista a pedido de arianos como Schacht e Thyssen.”

Mowrer ficou calado. O banqueiro que ele identificou como “Arnholt” — possivelmente Hans ou Heinrich Arnhold — perguntou-lhe em que estava pensando.

“Só estou tentando entender”, respondeu Mowrer, “como o povo de Israel conseguiu sobreviver tantos milênios, já que, obviamente, tem uma forte propensão suicida.”

O banqueiro menosprezava a retórica de Hitler. “Conversa fiada”, disse ele.

O CONHECIDO ROMANCISTA ALEMÃO LION FEUCHTWANGER deu uma palestra no Hotel Commodore de Nova York. Foi no dia 8 de fevereiro de 1933. Ele disse que havia 450 mil judeus na Alemanha, um país de 65 milhões de habitantes. No entanto, diariamente, publicavam-se 18 milhões de exemplares de jornais antissemitas — “uma média de quarenta por judeu a cada dia”.

Em março, quando Feuchtwanger estava na Suíça, os camisas-pardas atacaram sua casa em Berlim. Levaram o carro de sua esposa e os manuscritos de um romance inacabado. Destruíram um retrato de Eleanor Roosevelt. “Creio que tinham a intenção de me matar, mas não puderam porque eu não estava em casa”, disse Feuchtwanger. “O lamentável é que essa gente toma muito literalmente os antigos discursos ferozes de Hitler.”

O REICHSTAG pegou fogo. Isso no dia 27 de fevereiro de 1933.

Encontrado sem camisa no local, o jovem pedreiro holandês Marinus van der Lubbe, comunista confesso, foi preso. Em plena madrugada, Hitler dirigiu-se à sede do *Völkischer Beobachter*, onde um empregado lhe disse que voltasse no horário comercial. “Você está louco?”, retrucou Hitler. “Não percebe que agora está ocorrendo um fato de importância incalculável?” Ele e Goebbels passaram o resto da noite trabalhando para concluir a edição seguinte.

Os direitos civis na Alemanha foram suspensos. “Goering soltou suas hordas, e toda justiça na Alemanha foi esmagada de um só golpe”, escreveu Stephan Zweig.

O *NEW YORK TIMES* noticiou na primeira página que a União Central dos Cidadãos Alemães de Fé Judaica, um grupo de 60 mil membros, havia divulgado uma declaração segundo a qual os relatos de atrocidades nazistas contra os judeus eram “pura invenção”. Foi em 25 de março de 1933.

O antissemitismo existia, dizia a sociedade, e era motivo de muita preocupação, mas tratava-se de um assunto interno. “Posicionemo-nos energicamente contra todos os que tentam, criminosamente, influenciar a plasmação do futuro da Alemanha através de jornais estrangeiros.”

JAMES G. McDONALD, diretor da Foreign Policy Association dos Estados Unidos, jantou em Berlim com Ernst Hanfstaengel, amigo de Hitler. Era 1º de abril de 1933. McDonald contou a

Hanfstaengel que acabara de ter um encontro com Hitler, durante o qual havia dito que a política antissemita nazista estava prejudicando a Alemanha. Hitler teria lhe dito: “O mundo ainda vai nos agradecer por ensinarmos como se lida com judeus”.

Hanfstaengel tomou seu vinho. Embora fosse um paladino ardente do arianismo, era um homem de cabelo escuro e aparência não muito nórdica — a não ser pelo fato, segundo ele mesmo afirmava, de ter pelo bem loiro nas axilas. “Você sabe”, disse a McDonald, “o que nós já providenciamos para eliminar toda a população judia do Reich? Para cada judeu foi designado um membro da SA. Está tudo pronto e pode ser resolvido numa só noite.”

McDonald voltou para o hotel no Tiergarten. Viu casais de namorados nos bancos do parque. “Senti que tinha tido um pesadelo”, escreveu ele.

LILIAN MOWRER ouviu o chanceler Hitler dizer num discurso: “Os nossos inimigos serão brutal e implacavelmente exterminados”. Pensou que tivesse entendido mal. O líder de uma grande nação não podia falar uma coisa dessas. Examinou o texto oficial. Sim: “*Brutal und rücksichtslos ausgerottet*”. E então iniciaram-se os desaparecimentos e espancamentos noturnos, assim como os assassinatos, escreveu ela, “de centenas e centenas perpetrados por fanáticos e garotos ainda adolescentes por ordem dos ‘chefes do partido’”. Depois apareceram os cartazes amarelos nos estabelecimentos comerciais de proprietários judeus. Na Kaufhaus des Westens, uma loja de departamentos, Mowrer mostrou o passaporte americano e passou pelos SA que a cercavam de braços dados entre si. O estabelecimento estava quase deserto. Os poucos fregueses eram estrangeiros protestando contra o boicote. “Calados, desolados, os vendedores não tinham o que fazer. Eu queria comprar tudo que via”, disse ela. “Passei a manhã inteira fazendo compras em lojas judias.” Isso em abril de 1933.

Como era possível aquilo acontecer?, indagou ela. O país estava calmo; as ruas, limpas. O tráfego fluía normalmente.

“Os alemães são um dos povos mais amáveis da Europa e, entre eles, decerto não há mais sádicos e brutos do que nas outras nações”, escreveu. “A diferença é que o regime de Hitler se compõe de brutos e sádicos de alto a baixo.”

SAMUEL FULLER, um executivo do ramo da fibra de raio, escreveu um memorando ao velho amigo Franklin Roosevelt, agora presidente dos Estados Unidos. Era 8 de maio de 1933.

Roosevelt pedira a Fuller que, quando visitasse Berlim, descobrisse a resposta a algumas perguntas acerca de Hitler. Uma delas era: “Ele pretende excluir os judeus definitivamente? Ou só os está pressionando temporariamente a fim de enquadrá-los?”.

“Quanto aos judeus”, escreveu Fuller a Roosevelt, “o dr. Schacht afirmou que a imprensa americana exagera muito sua situação.” Ninguém foi assassinado, disse-lhe Schacht, o diretor do Banco Alemão; nenhum judeu sofre violência pessoal. Assim descreveu ele a situação:

Um grande número de judeus entrou na Alemanha depois da Guerra. Uma grande parcela deles ingressou no Partido Comunista. Nos últimos dez anos, boa parte dos postos burocráticos do governo foi ocupada por judeus. A maioria dos empregos estava nas mãos de judeus. A Alemanha não é uma nação judaica. Nos tribunais, muitos juízes nomeados eram judeus. O Ministério da Educação estava repleto de judeus. O chefe de polícia de Berlim era judeu. Dos 3200 advogados de Berlim, 2600 eram judeus. Na Universidade de Berlim, 3% a 4% do corpo discente era de judeus, e 40% dos professores eram judeus. A Alemanha sentiu que isso estava errado e os expulsou; e, onde se fez necessário, substituiu-os por cristãos.

Posteriormente, Fuller teve outra conversa com o banqueiro. “Se eu fosse judeu, estaria preocupado”, disse-lhe Schacht na ocasião. “Não sou judeu e estou preocupado.”

Roosevelt passou a carta “extremamente interessante” a Cordell Hull, seu secretário de Estado. “Por favor, devolva-a quando você e o chefe da Divisão da Europa Ocidental a tiverem lido”, escreveu.

GOEBBELS estava no alto de um palanque guardado com a suástica, na Unter den Linden, a larga alameda arborizada de Berlim em que ficam a universidade e a Ópera Estatal. Com fervor, discursava: “A era do extremo intelectualismo judaico chegou ao fim”. E atirou um livro numa fogueira.

“Foi como queimar uma coisa viva”, disse Lilian Mowrer. “Seguiram-se os estudantes com braçadas de livros, enquanto os escolares gritavam ao microfone a sua condenação a tal e qual autor, e, a cada nome citado, a multidão vaiava e assobiava.” Queimaram-se os livros de Lion Feuchtwanger, que já tinham sido retirados das livrarias, assim como os de Albert Einstein, Thomas Mann, Brecht, Lênin, Marx, Engels, Zinoviev, Heine, Emil Ludwig, Helen Keller, Upton Sinclair e Jack London. O romance pacifista de Bertha von Suttner *Lay Down Your Arms* foi tachado de “antialemão” e acabou na fogueira. *Nada de novo no front* foi o mais vaiado. Os livros de Stefan Zweig foram violentamente criticados e igualmente incinerados. O pacifismo mascarava um “veneno que escorre”, falou um orador. Isso no dia 10 de maio de 1933.

Goebbels disse: “Iluminado por essas chamas, o nosso compromisso há de ser: o Reich, a Nação e o nosso Führer: Adolf Hitler. *Heil! Heil!*”.

HARRY EMERSON FOSDICK, então pastor da igreja Riverside, em Nova York, organizou um abaixo-assinado de protesto. Isso em maio de 1933. “Nós reconhecemos as provocações atroztes que levaram à revolução alemã”, diziam os signatários de Fosdick, “especialmente a condenação de gerações de crianças alemãs ainda não nascidas à servidão econômica pelos termos da paz.” No entanto, chegara a hora de falar. “Há anos que o sr. Hitler prega o ódio implacável aos judeus. Uma das doutrinas fundamentais dos nazistas, explicitamente reconhecida por eles, é a de que os judeus são bacilos tóxicos no sangue da Alemanha e devem ser exterminados como uma praga.” Agora estavam pondo em prática essa convicção:

Sistematicamente, empreendem um “frio pogrom” de inconcebível crueldade contra os nossos irmãos judeus, afastando-os de

cargos de confiança e liderança, privando-os de direitos civis e econômicos, condenando-os deliberadamente a sobreviver, caso sobrevivam, como um povo renegado e excomungado, e ameaçando massacrá-los caso se atrevam a protestar.

O protesto foi assinado por 1200 religiosos americanos; os nomes ocuparam mais de uma página do *New York Times*.

Meses depois, num jantar do Federal Council of Churches [Conselho Federal de Igrejas], o reverendo Fosdick disse: “Na civilização ocidental, fazia mil anos que não se ouvia falar numa coisa tão bárbara como a perseguição deliberada de toda uma raça pelo poder público de uma nação”.

Presente ao jantar, o alemão Julius Richter, professor de teologia e homem conciliador, afirmou que a onda de antissemitismo alemão ia passar. “O chanceler Hitler é um sujeito muito inteligente, muito sensato”, disse. “Não bebe; não fuma; leva uma vida estritamente moral. Nós podemos ter certeza de que Hitler não deixará essas coisas prosseguirem durante muito tempo.”

EDGAR MOWRER — que acabava de ganhar o Prêmio Pulitzer por um livro antinazista, *Germany Puts the Clock Back* [A Alemanha retrocede no tempo] — recebeu uma ameaça formulada com delicadeza. O governo alemão não gostava de suas opiniões e queria que ele renunciasse ao posto de presidente da Foreign Press Association. Mowrer foi conversar com Goebbels, que o recebeu num vasto salão decorado com orquídeas em vasos chineses. “Nós não vamos permitir que o senhor continue enganando o público”, disse Goebbels.

O conhecido jornalista dr. Goldmann — doente, velho, corcunda — tinha sido preso. Mowrer achava que Goldmann não duraria muito num campo de prisioneiros. Propôs renunciar à presidência se Goldmann fosse libertado. Os nazistas aceitaram.

Quatro detetives passaram a vigiar os movimentos dos Mowrer. Uma noite o casal reparou num grupo da SA com um holofote nas imediações de sua casa — sem dúvida, havia chegado a hora de irem embora de Berlim. Mas Edgar e Lilian continuaram saindo para passear, admirando as árvores do Tiergarten, os cinco olmos em que brincavam os coelhos, a ilha na qual os cisnes chocavam todo ano. Evitavam falar na política alemã. “Pense no amor que eles têm pelas flores”, disse Edgar Mowrer. “Se um dia julgarem esse povo, espero que alguém se apresente e diga: ‘Mas lembrem-se dos vasos que eles tinham nas janelas’.”

Edgar foi informado de que o governo alemão já não podia garantir sua segurança. Ele se mudou para a França. Lilian fez as malas e também foi para lá. “Em parte alguma eu tive amigos tão amáveis como na Alemanha”, escreveu ela posteriormente. “Relembrar tudo isso é como ver um ente querido enlouquecer — e fazer coisas horríveis.”

JAMES G. McDONALD, da Foreign Policy Association, discursou no festival de Chatauqua. Lá estava um jornalista fazendo a cobertura para o *New York Times*. Era 10 de julho de 1933. McDonald não mencionou o que Hitler e Hanfstaengel lhe haviam dito acerca de seu plano para os judeus. Mas disse que as tentativas, por parte dos apologistas do nazismo, de negar que os judeus estavam

sendo tratados cruelmente eram um “insulto à inteligência”. “Os nazistas acreditam no mito da supremacia da raça ariana e estão decididos a esmagar a vida econômica dos judeus”, acrescentou. Hitler havia explorado os preconceitos e as humilhações do pós-guerra: “A guerra, o Tratado de Versalhes e o tratamento dispensado à Alemanha a partir da guerra levaram os alemães a se voltarem para novas lideranças”, explicou. “O hitlerismo é, na verdade, um presente dos Aliados e dos Estados Unidos.”

HITLER NOMEOU JULIUS STREICHER para chefe do partido na Francônia. Esse paranoico de cabeça raspada era editor de dois jornais, entre eles o tabloide sensacionalista antisemita *Der Stürmer*.

Streicher mandou prender várias centenas de judeus, na maior parte comerciantes de Nuremberg, a capital da Francônia. “Eles foram obrigados a marchar em fila pelas ruas, flanqueados em ambos os lados pelos SA e tratados com desprezo e brutalidade”, informou o *Times* de Londres. Alguns detidos ficaram aguardando o pagamento de resgate; outros tiveram de “aparar a grama de um campo com os dentes”. Escreveu o *Times*: “Como se acredita que a necessidade de um pretexto para ‘confiscar’ fundos teve um papel importante na última ocasião, muitos temem a repetição de tais ocorrências no futuro próximo”. Foi em julho de 1933.

O jornal de Streicher publicou um artigo intitulado “O judeu morto”. Falava num homem que se suicidara em virtude da perseguição que sofria. “Nós não faremos objeção se todos os seus pares raciais se despedirem da mesma maneira”, dizia o artigo.

O MAJOR JAMES DOOLITTLE, o ás da aviação americana, estava na China demonstrando aviões da Curtiss-Wright. Era o verão de 1933. Doolittle fez manobras para o prefeito de Shanghai e uma multidão de 75 mil pessoas no seu Curtiss Hawk; o governo de Nanjing encomendou posteriormente 36 Hawks, a maior venda da empresa naquele ano. “No outono passado, nós vendemos 24 Hawks ao governo turco”, disse T. P. Wright, o presidente da Curtiss-Wright, “e vários estão operando na América do Sul.”

O major Doolittle também conversara sobre os aviões Hawk com Ernst Udet, o ás alemão dos olhos azuis — ambos haviam voado juntos em demonstrações aéreas norte-americanas. Udet gostou do novo Curtiss Hawk II; tinha-o visto em corridas de aviões em Cleveland. Era um bom avião de manobras e um bom bombardeiro de mergulho. Mas muito caro.

EM NUREMBERG, MEMBROS DA SA levaram uma moça de dezenove anos a um cabaré. Cortaram-lhe o cabelo, raspam-lhe a cabeça e, em seu pescoço, penduraram um cartaz com os dizeres: “Eu me ofereci a um judeu”. Isso no dia 13 de agosto de 1933.

Um grupo de turistas que presenciou a cena escreveu uma carta às autoridades, dizendo que, embora não desejassem interferir nos assuntos municipais, incidentes daquele tipo eram repugnantes para qualquer visitante estrangeiro. Algumas semanas depois, a moça foi declarada

mentalmente enferma e recolhida a um sanatório.

JOSEF STALIN, o líder soviético, mandou o serviço secreto apreender todos os estoques de víveres das cidadezinhas agrícolas da Ucrânia. Milhões de pessoas ficaram sem pão — comiam ratos, insetos, cascas e crianças mortas. Foi em 1933.

Um casal de americanos nascidos na Rússia visitou uma aldeia ucraniana. “Nós estamos morrendo de fome”, contou-lhes um camponês. “Eles nos querem mortos. É uma fome organizada. Nunca tivemos uma safra melhor, mas, se nos pegarem cortando algumas espigas de milho, seremos fuzilados ou jogados na prisão e morreremos de fome.” Isso em agosto de 1933.

DAVID LLOYD GEORGE, que tinha sido primeiro-ministro da Inglaterra durante a Grande Guerra, ministrou uma palestra. O governo inglês não devia mexer com a Alemanha, disse. “Eu sei que houve atrocidades horrendas na Alemanha e nós todos as deploramos e condenamos”, prosseguiu. “Mas qualquer país que passe por uma revolução fica sujeito a episódios horrorosos pelo fato de, às vezes, um rebelde enfurecido se apoderar da administração da justiça.” Se as potências aliadas conseguissem derrubar o nazismo, o que o substituiria? “O comunismo extremista”, afirmou Lloyd George. “Por certo, não há de ser esse o nosso objetivo.”

Era 22 de setembro de 1933.

O PILOTO ALEMÃO ERNST UDET esteve em Buffalo, Nova York, negociando bombardeiros de mergulho. Disse ao gerente de vendas da Curtiss-Wright que não sabia se tinha condições de comprar um Hawk II. “Mas, senhor Udet”, respondeu o gerente de vendas, “o dinheiro já foi creditado na nossa conta.”

Hermann Goering, ministro alemão da Aeronáutica e presidente do Reichstag, comprara dois Curtiss-Wright Hawk II para Udet. Este se reintegrou à Luftwaffe — a Força Aérea alemã — e, com a sua ajuda, a Junkers Flugzeugwerke começou a projetar um avião alemão chamado Ju 87, um bombardeiro de mergulho melhor do que o Curtiss Hawk II.

FREDERICK BIRCHALL, correspondente do *New York Times* em Berlim, publicou um artigo sobre os preparativos de guerra alemães. Foi no dia 8 de outubro de 1933.

Birchall citou um livro recente de Ewald Banse, professor da Escola Técnica de Brunswick, Alemanha. O livro se intitulava *Wehrwissenschaft* [Ciência militar]. A guerra já não era uma questão de marchas e medalhas, observava ele. “É gás e peste. É um horror de tanques e aviões. É baixeza e fraude. É fome e pobreza.” E, já que a guerra era tão horrenda, dizia, precisava ser incorporada ao currículo escolar e ensinada como uma ciência nova e abrangente. “Os métodos e objetivos da nova ciência são criar uma fé inabalável no elevado valor ético da guerra e produzir no indivíduo a

disposição psicológica ao sacrifício pela causa da nação e do Estado.”

Uma passagem do livro chamou particularmente a atenção de Birchall. Nela, Banse afirmava que, na Grande Guerra, a França havia tentado usar a guerra bacteriológica contra as plantações e o gado alemães. O plano fracassara, mas a técnica merecia ser investigada. Pois, para uma nação fraca como a Alemanha do pós-guerra, que foi desarmada e ficou indefesa, a guerra biológica — contaminar água potável com os micro-organismos do tifo e disseminar a peste com ratos infectados — “é, sem dúvida, a arma disponível”. A Liga das Nações proibira semelhantes técnicas, mas, em se tratando da sobrevivência nacional, “qualquer método é lícito para conter o inimigo superior e derrotá-lo”.

ERNST UDET, numa demonstração aérea em Long Island, executou manobras assombrosas com seu Flamingo prateado, e um esquadrão de aviões americanos bombardeou e metralhou uma aldeia de papel machê. O vilarejo demolido chamava-se “Depressionville”. Isso em 8 de outubro de 1933.

O GOVERNO ALEMÃO mandou recolher todos os exemplares do livro de Ewald Banse. Foi em 20 de outubro de 1933.

“Citaram algumas frases isoladas, no exterior, a fim de pôr em dúvida a disposição pacífica da Alemanha”, constava em um pronunciamento oficial. “As ideias do professor Banse não correspondem às do governo e devem ser encaradas como sua opinião pessoal.”

O governo também proibiu duas músicas: “Vamos combater e conquistar a França” e “Povo alemão, às armas!”.

UM CARRASCO DE LUVAS BRANCAS E CARTOLA atou Marinus van der Lubbe à guilhotina. A cabeça do condenado pelo incêndio do Reichstag caiu num cesto de serragem. Isso em 10 de janeiro de 1934.

ELEANOR ROOSEVELT falou na nona edição do Congresso sobre a Causa e a Cura da Guerra. Estavam presentes quinhentos representantes de onze organizações que somavam 11 milhões de membros. “Qualquer um que pense deve pensar na próxima guerra como um suicídio”, disse ela. “É preciso ser mortalmente burro para não estudar a história e passar pelo que já passamos e, com tanta complacência, permitir que as mesmas causas nos levem a passar pela mesma coisa!” Foi em 17 de janeiro de 1934.

Uma semana depois, Clark H. Woodward, contra-almirante da Marinha norte-americana, fez um discurso veemente perante os delegados reunidos no nono encontro anual da Conferência Patriótica Feminina pela Defesa Nacional, um grupo guarda-chuva pró-militar e anti-imigrantista. O contra-almirante Woodward havia ganhado muitas condecorações e lutara em muitas guerras — tinha ajudado a reprimir insurreições na Nicarágua e no Haiti.

A propaganda subversiva a favor do desarmamento vinha sendo “viciosamente instigada por

forasteiros radicais, nascidos no estrangeiro e americanos antiamericanos”, disse ele às mulheres patrióticas. “Os pregadores esquerdistas e os traiçoeiros lobistas renovaram seu esforço sinistro, intenso e destrutivo para convencer os nossos estadistas, mediante apelos insidiosos e arrazoados acadêmicos, da futilidade de mais mobilização.”

O ESPIÃO BRITÂNICO FREDERICK WINTERBOTHAM visitou Hitler em seu novo gabinete na Chancelaria do Reich, em Berlim. Isso em fevereiro de 1934.

Winterbotham, um inglês alto, de cabelo cor de areia, subiu a suntuosa escadaria com seu anfitrião, o teórico racial Alfred Rosenberg. Homens de farda preta ficaram em posição de sentido, roçando o coldre com as luvas brancas. Os visitantes entraram num vasto escritório com tapeçaria nas paredes e cortinas de brocado. Sentado à escrivaninha, Hitler estava de camisa parda e gravata preta.

“Talvez Hitler não estivesse acostumado a que lhe abrissem um sorriso franco, mas isso deve ter funcionado, pois ele se levantou, estendeu a mão, não na saudação agora habitual, mas para que a apertassem à maneira civilizada comum”, escreveu Winterbotham. Ele ficou impressionado com os olhos de Hitler. “Muita gente comenta sua aparente força hipnótica, mas eu tive a impressão de que eram um tanto esbugalhados. Em todo caso, não deixavam de ser simpáticos.”

Hitler contou-lhe que a Luftwaffe chegaria a quinhentas aeronaves no início de 1935. “Haveria somente três potências importantes no mundo”, disse, “o império britânico, as Américas e o império alemão do futuro.” O império britânico ficaria com a África e a Índia, ao passo que a Alemanha controlaria a Rússia. O destino da China seria determinado com o tempo. Versalhes estava morto. “A única coisa que pedimos”, prosseguiu Hitler, “é que a Grã-Bretanha se contente em cuidar do império e não interfira nos planos de expansão da Alemanha.”

Então Winterbotham disse que tinha a impressão de que Hitler não gostava muito dos comunistas. O pescoço do Führer enrubesceu. “Seus olhos ficaram ainda mais saltados; ele se levantou e, como se fosse uma personalidade inteiramente diferente, começou a berrar com sua voz estridente de *staccato*, que ecoou nas paredes da sala enorme; estava se dirigindo não a três pessoas, mas a imaginárias 3 mil”, escreveu Winterbotham. Então Hitler concluiu, sorriu e sentou-se. “Isso é o que eu penso dos comunistas”, disse.

ALGUNS HOMENS DA TRIBO QUTAIBI atacaram uma caravana no sul do Iêmen, país que fazia parte do império britânico. Foi em março de 1934. O capitão de grupo Charles Portal, da Royal Air Force, achou que os nativos deviam ser castigados. Com seus pilotos, jogou folhetos mandando os Qutaibi pagarem uma multa e entregarem os malfeitores. “Enquanto vocês não acatarem estes termos, suas aldeias e lavouras podem ser bombardeadas ou incendiadas a qualquer hora do dia ou da noite, e lhes recomendamos particularmente não tocarem nas bombas que não explodirem, pois, se o fizerem, provavelmente morrerão”, diziam os panfletos.

Os Qutaibi não obedeceram. Portal ordenou aos pilotos que jogassem “algumas bombas pequenas

nas aldeias principais” e bombardeassem intensamente a casa do xeique e a de seu tio. Eles usaram bombas de efeito retardado a fim de manter os nativos longe de casa — uma técnica conhecida como “bloqueio invertido”. Ao cabo de dois meses de bombardeio, os Qutaibi aceitaram as condições. Três nativos perderam a vida ao tentar desmontar uma bomba de efeito retardado, escreveu Portal. Nenhum dos seus homens foi ferido. “A coisa mais notável e mais satisfatória”, disse ele, “foi o fato de a tribo ter voltado ao redil praticamente sem má vontade.”

H. C. ENGELBRECHT, autor de *Merchants of Death* [Mercadores da morte], um best-seller sobre os traficantes de armas, falou numa conferência da American Academy of Political and Social Science [Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais]. “A indústria bélica não conhece política, nem amigos, nem certo, nem errado — só clientes”, disse. “Quem pode pagar pode comprar.”

Havia pouco, a fábrica de armamentos francesa Schneider vendera quatrocentos tanques para a Alemanha de Hitler, observou Engelbrecht. A empresa camuflara a venda entregando os tanques via Holanda. Os alemães também tinham encomendado sessenta aviões à Vickers, a fabricante britânica de bombardeiros.

“Em toda guerra”, disse Engelbrecht, “o fabricante de armas que vende internacionalmente está armando um inimigo potencial de seu próprio país — e isso, na prática, se não na lei, é traição.”

Isso no dia 14 de abril de 1934.

CLARENCE PICKETT, secretário-executivo do American Friends Service Committee, encontrou-se com o rabino Leo Baeck em Berlim. O American Friends Service Committee era uma instituição beneficente quacre fundada por um professor do Haverford College chamado Rufus Jones; havia alimentado milhões de pessoas na Alemanha, na Áustria, na Polônia e na Rússia durante as fomes do fim do século XIX e do começo do XX. Pickett, um homem reservado e de sorriso torto, estava na Europa “a fim de averiguar o que fazer para impedir o tratamento cruel aos judeus e acompanhar a imigração daqueles que tivessem a sorte de conseguir entrar nos Estados Unidos ou em outro país”. Foi em maio de 1934.

O rabino Baeck disse que preferia não visitar Pickett na sede berlinense do Friends, pois não queria que o centro ficasse estigmatizado como um valhacouto de judeus. Os dois se reuniram numa sala de cortinas pretas do American Women’s Club.

Antes mesmo do tempo de Cristo, disse Baeck, os judeus já faziam parte daquilo que viria a ser a Alemanha. A sinagoga de Worms acabava de comemorar seus novecentos anos de existência contínua. Os judeus amavam a Alemanha e lá queriam ficar.

Baeck contou a Pickett que houvera um súbito aumento do sentimento religioso em virtude do racismo e da perseguição. A congregação do rabino antes contava com cinquenta ou sessenta pessoas; agora tinha quatro cerimônias separadas aos sábados. A multidão não deixava de comparecer, mesmo que às vezes fosse apedrejada ao sair da sinagoga. Era uma boa época para ser rabino, disse.

E contou que seu tema constante era: “Não deixem nenhuma gota de amargura entrar em seu coração, manchá-lo”.

REINHARD HEYDRICH, chefe do setor de inteligência da polícia secreta alemã, leu um documento sobre a política judaica especialmente preparado para ele. Isso no dia 24 de maio de 1934.

“O objetivo da política judaica é a emigração de todos os judeus”, dizia o ensaio. Os judeus “assimilacionistas” — aqueles que queriam viver como alemães na Alemanha — deviam ser desestimulados; ao passo que os sionistas — os que queriam emigrar para a Palestina — deviam ser incentivados:

O objetivo da Polícia do Estado é apoiar o sionismo e sua política de emigração o mais cabalmente possível. Todas as autoridades envolvidas devem, em particular, concentrar esforços no reconhecimento das organizações sionistas e apoiar suas iniciativas de treinamento e emigração; ao mesmo tempo, é preciso tolher as atividades dos grupos judeus alemães a fim de forçá-los a desistir da ideia de permanecer no país.

Desse modo, a Alemanha finalmente seria um país “sem futuro para os judeus”.

Heydrich, um homem loiro, de testa alta e dedos compridos e delgados, passou a ajudar as organizações sionistas a criarem centros de treinamento agrícolas para que os judeus soubessem cultivar quando chegassem à Palestina.

O PRESIDENTE ROOSEVELT decidiu usar o dinheiro da Lei de Recuperação Nacional — parte do New Deal — para construir 32 navios de guerra. Visitou Pearl Harbor, um posto naval avançado perto de Honolulu, onde havaianas cantaram canções tradicionais para ele e trezentas japonesas dançaram à luz de lanternas numa paródia histórica no palácio Iolani. Ao discursar, o presidente elogiou a riqueza do passado do Havaí, o asseio das casas havaianas e a eficiência e o espírito das Forças Armadas americanas no arquipélago, das quais ele era o comandante em chefe. “Essas forças sempre devem ser consideradas um instrumento da paz contínua”, disse. Agradeceu a todos e expressou o desejo de voltar um dia. “Eu lhes digo *aloha* do fundo do coração.” Foi em 28 de julho de 1934.

No *Japan Advertiser*, o general Kunishiga Tanaka, ex-adido militar em Washington, escreveu uma resposta à visita de Roosevelt: “O presidente Roosevelt foi ao Havaí e inspecionou a base de Pearl Harbor, que é considerada o centro das operações ofensivas norte-americanas no Pacífico, e disse ao mundo, em alto e bom som, que seu equipamento é perfeito”. Esse evento foi acompanhado, observou o general, da notícia da atividade lobista da Navy League a favor de vastas frotas americanas e da criação de bases aéreas americanas no Alasca e nas ilhas Aleutas. “Esse comportamento insolente deixa-nos desconfiadíssimos. Leva-nos a pensar que se está encorajando deliberadamente uma grande perturbação no sereno Pacífico. Nada mais lamentável.”

O REPÓRTER SENSACIONALISTA GEORGE SELDES publicou um artigo na *Harper's Magazine*. “É um axioma que as nações se armam não para a guerra, e sim para *uma* guerra”, disse. Ele acabava de entrevistar um funcionário da Navy League, grupo que exercia pressão a favor da mobilização.

“O senhor aceita a premissa segundo a qual vocês se preparam para combater uma Marinha específica?”, perguntou Seldes ao representante da Navy League.

“Sim”, foi a resposta.

“Vocês cogitam a possibilidade de uma luta com a Marinha britânica?”, perguntou Seldes.

“Não, absolutamente.”

“Pensam numa guerra com o Japão?”

“Sim.”

Isso em outubro de 1934.

OS ALUNOS DA NOVA U. S. AIR CORPS TACTICAL SCHOOL, em Maxwell Field, Alabama, estavam aprendendo a travar a guerra moderna com aviões. Corria o ano letivo de 1934-5.

“A boa estratégia exige que se desfira o golpe principal ali onde o inimigo é mais fraco”, ensinavam-lhes. “As grandes populações urbanas e o alto padrão de vida aumentam a amplitude do deslocamento e alongam a alavanca que a força aérea pode aplicar contra o moral.”

O fornecimento de água era particularmente vulnerável: “Os reservatórios podem ser gaseados; os aquedutos, interceptados; as barragens e sistemas de bombeamento, destruídos. O efeito sobre a população civil será imediato e abrangente: as instalações sanitárias deixarão de funcionar e a possibilidade de doenças epidêmicas será aguda”.

A BOEING CORPORATION, de Seattle, vendeu três bimotores à Alemanha. “Um estrategista militar consideraria esses aviões admiráveis bombardeiros potenciais”, disse o *New York Times*. Os engenheiros alemães estavam estudando-os detidamente. A Pratt and Whitney tinha filial em Berlim — a BMW comprara licença para construir um motor da empresa. A Sperry Corporation, fabricante de visores de bombardeio e estabilizadores giroscópicos, tinha um acordo de partilha de patente com a empresa alemã Askania.

Em Berlim, um adido comercial americano escreveu que fabricantes de seu país estavam vendendo para a Alemanha virabrequins, cabeçotes, sistemas de controle de armas antiaéreas e componentes suficientes para fabricar cerca de cem aeronaves por mês. Segundo ele, as encomendas pendentes eram capazes de equipar 2 mil aviões.

Foi em maio de 1934.

O PRESIDENTE ROOSEVELT transferiu para a Marinha norte-americana a administração da ilha Wake, um atol no oceano Pacífico. Autorizou a Pan Am Airways a construir pistas de pouso ali, e também no atol Midway e em Guam. Isso em 14 de março de 1935.

As autoridades militares japonesas não gostaram — os aeroportos podiam ser transformados em bases militares, diziam. “As ilhas são ‘porta-aviões’ naturais que oferecem aos esquadrões inimigos lugares ideais a partir dos quais operar”, escreveu um comandante em chefe reformado da Marinha japonesa. “Se elas forem ocupadas por um inimigo, a nossa defesa correrá perigo imediato.”

O QUACRE CLARENCE PICKETT E O PREGADOR PACIFISTA HARRY EMERSON FOSDICK foram tomar chá com o presidente Roosevelt no Salão Oval. Isso em abril de 1935. A Marinha propunha exercícios de guerra e manobras nas proximidades das ilhas Aleutas e de Midway. As ilhas ficavam longe dos Estados Unidos e perto do Japão. Na opinião de Pickett, “tratava-se de um esforço deliberado de flexionar os nossos músculos num lugar em que o Japão nos visse e de mostrar o que podia esperar caso não respeitasse o nosso poder”.

Roosevelt tinha lábia — pôs-se a contar casos, a evocar lembranças. “Chegamos a duvidar que conseguiríamos expor a nossa preocupação”, escreveu Pickett. Por fim, o reverendo Fosdick interveio, falando no perigo de grandes manobras navais tão perto do Japão. Roosevelt disse que tivera um colega de classe japonês e que ele só falava em conquista. “Não conseguimos convencê-lo a mudar o playground da Marinha de lugar”, disse Pickett.

EM ABRIL DE 1935, 160 NAVIOS E 450 AVIÕES norte-americanos iniciaram exercícios de guerra no Pacífico — os maiores da história dos Estados Unidos. O grupo pacifista Fellowship of Reconciliation enviou uma carta aberta ao povo do Japão com cópia para o presidente Roosevelt. “Desejamos comunicar”, dizia a carta, “que muitos milhares de cidadãos americanos, principalmente os que constituem o corpo de membros de nossas igrejas e sinagogas, protestam contra o prosseguimento dessas manobras.”

Fazia 81 anos que Japão e Estados Unidos cultivavam relações amistosas, continuava a carta. “No nosso povo, multidões ligadas às instituições religiosas ou leigas se opõem a tais manobras e se unem a nós em espírito no momento em que lhes transmitimos as nossas garantias de inabalável amizade.” Rufus Jones, John Haynes Holmes e quinze outros assinaram a carta.

O almirante Kanji Kato, ex-comandante do estado-maior japonês, observou que a manifestação naval americana era como “brandir uma espada à porta do vizinho”.

“Que pena”, disse o almirante Standley, comandante das operações navais dos Estados Unidos.

O PINTOR IMIGRANTE MICHAEL CALIFANO teve a janela de seu ateliê quebrada por uma pedra. No dia seguinte, três homens bateram à sua porta. Isso em 16 de maio de 1935, em Nova York. Os homens pediram para ver alguns cartões-postais com a pintura antinazista de Califano intitulada *A ignomínia do século XX*. Os cartões eram vendidos para auxiliar os refugiados judeus. O quadro, que tinha sido exposto no Independent’s Show no Grand Central Palace, mostrava Hitler expulsando Einstein da Alemanha; junto a Hitler, uma mão de ferro empunhava uma faca ensanguentada.

Califano virou-se para pegar os cartões-postais, e os homens o agarraram, espancaram-no e o amarraram no cano da calefação. Um deles enfiou o cano do revólver em sua boca e mandou-o ficar calado. Os outros puseram-se a retalhar seus quadros. Cortaram Einstein, Rodolfo Valentino e Adolph Ochs, o editor do *New York Times*. Pouparam a imagem de Hitler. Califano perdeu os sentidos. Um vizinho o encontrou desmaiado, mas vivo, pendurado no cano. Ele foi hospitalizado. Tinha planos de expor suas obras no Congresso Judaico Mundial.

UMA PASSEATA DE 10 MIL PESSOAS partiu do Washington Square Park e seguiu pela Quinta Avenida. Levava cartazes dizendo: NENHUMA NAÇÃO PODE CONJUGAR GUERRA E CIVILIZAÇÃO e PELA PROMOÇÃO DA AMIZADE COM O JAPÃO. A Liga Feminina Internacional pela Paz e Liberdade formou um “cemitério de guerra ambulante”, e havia uma espécie de carro alegórico: o relvado de um cemitério com cruzes brancas e duas pessoas de luto, a mãe e o filho, e um cartaz que dizia SANGUE EM TROCA DE GLÓRIA?.

À frente da passeata, dois líderes religiosos famosos — John Haynes Holmes (o admirador de Gandhi), da Community Church, e o rabino Stephen Wise, da Free Synagogue — marchavam com líderes de outras denominações, um grupo de quacres e alguns socialistas com bandeiras vermelhas. Um cachorro levava um cartaz com os dizeres: EU NÃO QUERO SER CÃO DE GUERRA.

A multidão entrou na rua 26 e seguiu pela Madison Avenue até a Union Square, na qual trezentos policiais perfilados tratavam de manter a ordem. O socialista Charles Solomon disse aos manifestantes que o capitalismo gerava o imperialismo, “que é o pai dos atritos internacionais causadores da guerra”. John Haynes Holmes prometeu que as cadeias ficariam lotadas se houvesse guerra e conduziu a multidão num juramento:

Se houver guerra, eu não lutarei.

Se houver guerra, eu não me alistarei.

Se houver guerra, eu não serei conscrito.

Se houver guerra, eu nada farei para apoiá-la.

Se houver guerra, eu farei tudo para me opor a ela.

Que Deus me ajude.

Foi no dia 18 de maio de 1935.

BENITO MUSSOLINI queria um império igual ao dos britânicos. Fez uma demonstração dos recursos militares italianos, adiantando-se à planejada anexação da Etiópia. Isso em 18 de maio de 1935. Bombas, gases venenosos, granadas de fumaça e lança-chamas, tudo foi exposto em Roma para as multidões admiradas. “O *signor* Mussolini participou pessoalmente, ostentando considerável habilidade para atirar granadas de mão e mostrando que não esqueceu as lições aprendidas na guerra”, escreveu o *New York Times*.

O JOVEM ESCRITOR E PROFESSOR LEO ROSTEN escreveu um artigo para a *Harper's Magazine*. O movimento pacifista nunca tinha sido tão notório e articulado, observou ele; no entanto, o militarismo continuava em alta. Por quê? Porque a sanguinolência estava “profundamente enquistada” na personalidade humana. “O primitivismo do homem vibra ante o apelo do militarismo porque reconhece, mediante um mecanismo não ‘consciente’, oportunidades de assassinato, sadismo e violência.” Pensem, escreveu Rosten, naqueles veteranos da Grande Guerra que recordavam com deleite “a ocasião em que eu rasguei o boche de cima a baixo”.

A grande maioria dos homens gosta de ver dois pugilistas profissionais se esmurrarem até virarem um gratificante mingau; ou se delicia perversamente ao “linchar um crioulo”; ou se empolga com a oportunidade de dar uma pancada na cabeça de um “radical”, de um opositor de consciência ou, mais recentemente, de um judeu.

Para impedir a guerra, era preciso fazer muita coisa, acreditava ele. Era preciso combater a pobreza e produzir mais petições de paz e mais artigos sensacionalistas sobre os corruptos fabricantes de munição. Também era preciso oferecer convincentes sucedâneos à guerra — o futebol, o pugilismo, os Jogos Olímpicos, o Tribunal Mundial, a National Recovery Administration —, arenas de conflito em que as pessoas participassem coletivamente das glórias sem que morressem milhões.

O artigo de Rosten intitulava-se “Os homens gostam da guerra”. Foi publicado em julho de 1935.

IF THIS BE TREASON [SE ISSO FOR TRAIÇÃO], PEÇA TEATRAL PACIFISTA DE JOHN HAYNES HOLMES, teve estreia mundial em Westport, Connecticut, em 29 de julho de 1935.

No primeiro ato, navios japoneses atacavam de surpresa a frota americana em Manila. O recém-empossado presidente dos Estados Unidos, comprometido com o pacifismo, decidia não contra-atacar. Em meio aos clamores por sangue e vingança e arriscando o impeachment, o presidente Gordon viajava desarmado ao Japão num avião particular. Comovido com esse gesto ousado, o povo japonês se revoltava sem violência contra seus líderes militaristas, instalava um populista chamado Koyé, e tudo acabava bem.

Holmes escreveu o drama com a ajuda de um dramaturgo pouco conhecido chamado Reginald Lawrence. Disse que baseou o enredo na visita de Gandhi à Inglaterra em 1931.

“Eles conseguiram criar momentos de tanta intensidade dramática”, escreveu o crítico do *New York Times*, “que o público foi levado a aplaudir muitas vezes.” Luigi Pirandello estava na plateia, assim como George M. Cohan.

Posteriormente, o importante jornal de Tóquio *Asahi Shimbun* publicou um artigo sobre a peça. O *Nation* fez uma longa resenha, e o *Times* de Londres a elogiou. A obra ficou seis semanas em cartaz no Music Box Theater de Nova York, depois caiu no esquecimento.

“Para mim, foi uma inocente causa de orgulho o fato de a minha peça ter antecipado, ponto por ponto, o ataque japonês a Pearl Harbor”, escreveu Holmes depois.

UM PROPAGANDISTA DO PARTIDO NAZISTA NA BAVIERA apresentou um relatório. Em seu distrito, a campanha antissemita não estava avançando, queixava-se. “Toda criança é informada sobre a ameaça judaica; em toda parte, ministram-se palestras de propaganda antissemita.” Cartazes antijudaicos e exemplares de *Der Stürmer* estavam expostos com grande destaque em todos os lugares. “E, apesar disso, as campanhas não têm o menor sucesso”, escreveu ele. “Os camponeses não querem romper seus vínculos com os judeus.”

Era outubro de 1935.

O GOVERNADOR DE NOVA YORK HERBERT LEHMAN solicitou ao presidente Roosevelt um aumento na cota de imigração judaica. Foi no dia 1º de novembro de 1935.

“A imigração proveniente da Alemanha é a mais elevada”, escreveu Lehman ao chefe de Estado. “Eu estive com muitos dos que chegaram nos últimos meses e fiquei impressionado ao ver que eram homens do tipo do meu pai, Carl Schurz, e de outros alemães que para cá vieram nos idos de 1848 e depois passaram a figurar entre os melhores cidadãos.” Lehman mencionou a cota de imigração oriunda da Alemanha, que era então de 25 mil. Entretanto, disse ele, nos últimos anos, somente 2500 dos espaços dessa cota tinham sido preenchidos, e transmitiu uma solicitação do banqueiro Felix Warburg e outros: “Eles pedem que a cota de imigração de judeus alemães para este país suba de 2500 para 5 mil. Esse, naturalmente, é um número quase insignificante”.

A dura resposta de Roosevelt — redigida pelo Departamento de Estado — afirmava que não havia cota de imigração para “pessoas da classe descrita”. No entanto, em 1935, o mesmo departamento emitira 5117 vistos de residência a alemães — de modo que a solicitação de Felix Warburg já tinha sido atendida. Segundo Roosevelt, qualquer um que quisesse escapar à situação do seu país de residência regular receberia “a mais considerada atenção e o tratamento mais generoso e favorável possível nos limites das leis deste país”.

O GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS divulgou sua análise estatística mensal da venda licenciada de armas a governos estrangeiros. Conforme as disposições da Lei da Neutralidade, toda venda de armas dependia da aprovação do Conselho de Controle de Munição do Departamento de Estado.

Em fevereiro de 1936, a China, mais uma vez, fora a maior compradora, seguida do Chile e da Alemanha. A China havia comprado aviões, tanques e munição. A Alemanha adquirira aeronaves “civis”, revólveres e munição.

NUM TRIBUNAL DE LONDRES, SIR HARRY MCGOWAN, presidente da Imperial Chemical Industries — amigo e consultor financeiro de Winston Churchill —, foi ouvido por uma comissão real que investigava o comércio de armamentos. Isso em 6 de fevereiro de 1936.

Pediram-lhe informações sobre a venda de armas a nações em guerra — por exemplo, à China e

ao Japão. “Eu não me oponho a vender armas para os dois lados”, respondeu McGowan. “Não sou purista nessas coisas.” E acrescentou que, embora não estivesse produzindo gases de combate, a Imperial Chemical podia começar a fazê-lo a qualquer momento, por solicitação do governo.

Naquele mesmo ano, a empresa iniciou a construção de uma nova fábrica de gás mostarda em Lancashire.

ALDOUS HUXLEY, ESCRITOR e membro proeminente da British Peace Pledge Union, escreveu um artigo para a *Time and Tide* sobre “segurança coletiva” — a ideia de agrupar países a fim de ameaçar as ditaduras beligerantes com consequências violentas.

Acaso era útil, perguntava-se ele, contar com uma grande força de bombardeiros para impedir um ditador de fazer coisas indesejáveis? Não, não era, porque um ditador podia perfeitamente calcular os riscos de modo muito diferente do que se esperava. “Se ele for louco, não perceberá o risco. Se for friamente maquiavélico, verá que, numa situação desesperada, talvez ele, pessoalmente, arrisque menos indo à guerra do que se sujeitando a ameaças de governos estrangeiros.”

Era difícil, admitia Huxley, impedir algumas nações de atacarem as outras. “O certo é que ameaçá-las com a guerra, se assim o fizerem, ou empreender guerra contra elas, mesmo com uma força aérea coletiva, não levará à realização do que se deseja”, escreveu. “Um ato mau sempre produzirá outros atos maus.”

Foi em 7 de março de 1936.

POR ORDEM DE MUSSOLINI, aviões italianos atacaram a Etiópia com bombas de gás. “A partir das 7h30 da manhã, um esquadrão de sete bombardeiros lançou contêineres de aço, alguns com fosgênio, outros com gás mostarda”, notificou o *New York Times*. “Muitos caíram entre as choupanas dos camponeses.” Era o dia 16 de março de 1936.

Um mês depois, o repórter Walter Holmes, do *Times* de Londres, escreveu sobre os novos meios de ataque italiano a tropas e civis etíopes: pulverização aérea. “Ao que parece, quase não há proteção contra a garoa de líquido corrosivo despejada pelos aviões, a menos que se invente algo parecido com roupa de mergulhador”, escreveu. “Consequentemente, um grande número de vítimas desse tipo de ataque teve ferimentos horrendos na cabeça, no rosto e na parte superior do corpo.”

WINSTON CHURCHILL publicou no *Evening Standard* um artigo intitulado “Como impedir a guerra”. Foi em 12 de junho de 1936.

Os belos discursos eram inúteis, disse Churchill; e os clichês pacifistas, um crime. Havia apenas um meio de impedir a guerra: o poderio militar. “Só haverá segurança”, escreveu, “mediante uma combinação de nações pacíficas armadas de um poder esmagador e capaz da mesma infinidade de sacrifício e, inclusive, da implacabilidade que até agora têm sido atributos da mentalidade

guerreira.”

HAILÉ SELASSIÉ, imperador da Etiópia, foi à tribuna da Liga das Nações em Genebra, Suíça. Isso em 30 de junho de 1936.

Selassié estava arrumando os papéis para discursar. De repente, barulho e confusão na galeria de imprensa. “Liderados por um homem rubicundo com voz de touro, os fascistas berravam execrações e palavrões”, noticiou o *New York Times*. “Ouviram-se várias buzinas.” A polícia expulsou os baderneiros, e o imperador falou.

Descreveu os bombardeios de gás contra seu povo. Primeiro os italianos haviam usado gás lacrimogêneo, depois tambores de gás mostarda. Nenhum desses métodos foi muito eficaz. Seguiu-se a batalha de Makale, no norte da Etiópia. “Eles instalaram borrifadores especiais a bordo das aeronaves a fim de vaporizar vastas áreas do território com um chuvisco fino e mortífero”, disse o imperador.

Sucediam-se grupos de nove, quinze ou dezoito aviões para que a neblina que deles saía formasse uma camada contínua. Desse modo, a partir do fim de janeiro de 1936, essa chuva mortal impregnou continuamente soldados, mulheres, crianças, gado, rios, lagos e pastos.

As aeronaves passaram muitas vezes a fim de envenenar a água. “O chuvisco mortífero que caía dos aviões fazia todos os atingidos saltarem gritando de dor”, disse Selassié. “Quem bebeu da água envenenada ou comeu do alimento infectado pereceu à mercê de um sofrimento horrível. O gás mostarda italiano fez dezenas de milhares de vítimas mortais.”

TODOS OS JORNAIS DE TÓQUIO deram a mesma notícia: o governo dos Estados Unidos ia emprestar à China 100 milhões de iuanes para a compra de armamentos norte-americanos. Foi no dia 21 de julho de 1936.

Segundo um documento, o representante do Departamento do Tesouro Arthur Campbell levara recentemente à China a minuta de um acordo comercial. Nos termos do acordo, os Estados Unidos concordavam em comprar 26 milhões de dólares em prata da China, a qual adquiriria dos Estados Unidos aviões, navios, petróleo, tratores e equipamento ferroviário. Campbell ia ficar na China como assessor.

Se fosse verdadeira a notícia de comércio de armas, disse um funcionário do Ministério de Relações Exteriores do Japão, o governo de seu país não poderia ficar indiferente.

HENRY “CHIPS” CHANNON, um membro conservador do Parlamento britânico, esteve na festa de Hermann Goering no Ministerium, em Berlim. Isso em 13 de agosto de 1936, durante os Jogos Olímpicos. “Cercado de sorrisos, condecorações e adornos”, Goering instalou Channon e a esposa à

mesa com a futura rainha da Grécia. Havia mais de setecentos convidados. Depois do jantar, alguns bailarinos apresentaram uma dança ao luar — “a coisa mais linda que se pode imaginar”, pensou Channon —, e então, na extremidade do jardim, apareceu repentinamente uma procissão de cavalos brancos, burros e camponeses. Os convidados os acompanharam até um parque de diversões particular. “Não se vê uma coisa dessas desde o tempo de Luís XIV”, disse alguém. “Goebbels”, anotou Channon em seu diário, “estava que se mordida de inveja.”

Quanto a Goering, Channon comentou: “Dizem que ele, bom nazista que é, pode ser muito duro e implacável quando a ocasião exige, mas externamente parece ser pura vaidade e ter um amor infantil pela ostentação”.

UM SUBCOMITÊ DE PLANEJADORES INGLESES estudou a possibilidade de uma futura guerra com a Alemanha. “Se os nossos ataques desmoralizarem o povo alemão com métodos semelhantes aos que, previsivelmente, os alemães empregarão contra nós, é possível que seu governo seja obrigado a desistir desse tipo de ataque”, escreveram. O problema, porém, é que Londres, na insular Inglaterra, era mais fácil de ser achada e atacada do que Berlim, no continente. “Ademais, uma ditadura militar tende a ser menos suscetível ao clamor popular do que um governo democrático.” Logo, bombardear o povo alemão na expectativa de que ele viesse a protestar e depor o governo dificilmente daria certo. Foi em 26 de outubro de 1936.

ALBERT WEDEMEYER, um capitão boa-pinta do Exército dos Estados Unidos, foi a Berlim estudar estratégia e tática avançadas na Escola Alemã de Guerra. Com a esposa, partiu de Fort Leavenworth, Kansas, onde ele, um egresso de West Point, havia estudado ciência militar na Command and General Staff School. As aulas começavam em outubro de 1936.

Wedemeyer alugou um apartamento de um homem chamado Rossbach, que tinha sido amigo íntimo de Ernst Röhm, o chefe pederasta da SA, executado por ordem de Hitler em 1934. Rossbach deu uma festa e convidou Wedemeyer. Lá estavam Goering, Hess, Bormann, Ley e outros nazistas de alto coturno, assim como Goebbels — “um dínamo com cérebro”, disse dele o americano.

Na Escola Alemã de Guerra, Wedemeyer estudou as campanhas de Frederico, o Grande, Napoleão, César, Alexandre e Filipe da Macedônia. O currículo não era muito diferente do de Fort Leavenworth, onde se estudavam Frederico, o Grande, Napoleão, César, Alexandre e Filipe da Macedônia. Mas os professores alemães eram melhores; e sua ciência militar, mais eficaz. “Um dos problemas cartográficos apresentados quando eu estava estudando em Berlim envolvia um ataque hipotético à Tchecoslováquia”, escreveu Wedemeyer. “Mais tarde, revelou-se que o problema não era tão hipotético assim.”

Quando ele chegava à escola de manhã, as faxineiras, que, de quatro no chão, estavam limpando os corredores, erguiam o braço direito e diziam: “*Heil* Hitler”. Wedemeyer retribuía a saudação, dizendo: “*Heil* Roosevelt”. Achando graça naquilo, as mulheres passaram a cumprimentá-lo com “*Heil* Roosevelt”.

“Ao que eu respondia: ‘*Heil Hitler*’.”

O CAPITÃO PHILIP S. MUMFORD, ex-oficial britânico no Iraque, ingressou na Peace Pledge Union. Fez um discurso explicando por quê. “Qual é a diferença entre jogar quinhentos bebês no fogo e jogar fogo de aviões em quinhentos bebês?”, perguntou. “Nenhuma.”

Foi em 5 de janeiro de 1937.

NA POLÔNIA, OS NACIONALISTAS DE DIREITA se sublevaram, espancando judeus. A comissão orçamentária do Parlamento polonês se reuniu em Varsóvia. Os judeus da Europa Oriental tinham um futuro econômico sombrio, avisou certo coronel Meidzinski, pois não havia emprego para todos. “O governo polonês, ao tentar achar uma saída para esse excedente populacional, tem em mente sobretudo os judeus. Nós apreciaríamos os judeus se eles fossem 50 mil”, disse. “A nossa atitude negativa é causada pelo fato de haver 3 milhões. Uma mudança nessa situação anormal é o único caminho para a solução do espinhoso problema judeu.”

O coronel Józef Beck, ministro polonês de Relações Exteriores, disse que a emigração para a Palestina não bastava. “Sem abrir mão da Palestina como uma saída para o nosso excedente judaico”, disse, “temos de atacar o problema em bases mais amplas.”

Outro membro do Parlamento, o deputado Minzberg, criticou a ideia de tratar os judeus como se fossem bens excedentes disponíveis para a exportação.

Era 13 de janeiro de 1937.

UMA DELEGAÇÃO DE VARSÓVIA esteve em Madagascar, na costa da África, outrora um centro de tráfico negreiro. O governo polonês estava negociando com o governo francês a possibilidade de enviar judeus poloneses à ilha, então colônia da França. Segundo o *New York Times*, a delegação — inclusive um especialista em colonização de Tel Aviv e o diretor da Jewish Emigrant Aid Society — relatou que “o platô central era muito adequado ao estabelecimento de homens brancos do tipo camponês”. Isso em 1937.

Entretanto, mais tarde se observou que não havia muito território disponível no platô e que as terras baixas eram “inadequadas à habitação branca”.

O DR. HOWARD BLAKE, um dentista de Nova York, conversou com Rafael Trujillo, presidente da República Dominicana. Blake representava o Congresso Judaico Norte-Americano. Os dois tentaram determinar se 1 milhão de judeus da Europa Oriental podiam se mudar para o país de Trujillo. Foi em janeiro de 1937.

Em companhia do assessor de engenharia do presidente e do ministro da Agricultura, Blake visitou a região proposta para a colônia. Segundo ele, a ilha era um “verdadeiro paraíso”.

Trujillo escreveu uma carta para o presidente do Congresso Judaico, o rabino Stephen Wise. “O

povo e o governo dominicanos, que eu tenho a honra de presidir, receberam a proposta com muita simpatia”, dizia, “e nós esperamos oferecer boa acolhida a essa imigração de agricultores judeus que o senhor propõe transferir para o meu país a fim de se dedicar à terra e ao desenvolvimento de empresas industriais.”

Trujillo queria imigrantes judeus porque eram brancos — naquele mesmo ano, suas tropas massacraram 12 mil camponeses haitianos por serem negros.

NO DIA 15 DE MARÇO DE 1937, 20 mil pessoas entusiasmadas reuniram-se no Madison Square Garden, numa manifestação antinazista e pelo boicote à Alemanha. No palanque, um enorme cartaz mostrava operários esmagando a suástica com alicates. O rabino Stephen Wise falou na ameaça do hitlerismo; o major Fiorello LaGuardia disse algumas frases, assim como o dirigente sindical do CIO [Congress of Industrial Organizations], a federação nacional dos sindicatos americanos. Joseph Tenenbaum, diretor de uma coalizão que preconizava o boicote aos produtos alemães, disse que os quatro anos de Hitler e seus cúmplices no poder tinham sido um “pesadelo fatal de terror e barbárie”. E esse pesadelo estava desembarcando nos Estados Unidos: “Cada navio alemão que ancora no nosso litoral despeja uma nova carga de ratos nazistas que espalham a peste bubônica do antissemitismo e do ódio racial e corroem os fundamentos da nossa grandiosa democracia”.

“Ninguém está livre do holocausto nazista”, asseverou Tenenbaum.

STANLEY BALDWIN, primeiro-ministro da Inglaterra, disse a uma delegação de pacifistas: “Eu sei que alguns de vocês pensam que eu devia ser mais ríspido com Hitler, mas vocês já pensaram que a resposta a uma carta grosseira pode ser uma bomba na mesa de seu café da manhã?”. Na Europa, acrescentou, não havia nenhuma opinião pública cristã a que a Inglaterra pudesse recorrer. “A paz no mundo está nas mãos desses ditadores. Que eu saiba, eles são loucos, e o poder ilimitado leva os homens à loucura.” Isso em 21 de março de 1937.

O CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES JUDIAS realizou um encontro em Utica, Nova York. O rabino Baruch Braunstein, de Allentown, Pennsylvania, que dirigia o setor judaico da “campanha pacifista de emergência”, exortou os delegados a pensarem no que a Grande Guerra havia feito. A Grande Guerra “fez três quintos da Europa retrocederem à Idade Média”, disse Braunstein. “Nós fomos para a guerra a fim de salvar a democracia, e a nossa experiência diz que a democracia morreu mil mortes.” A próxima guerra, afirmou ele, seria ainda mais destrutiva e seria “coeducativa”.

O Conselho decidiu opor-se à conscrição e reivindicar a limitação de armamentos, a neutralidade e a supressão das escolas de treinamento militar. Isso em 13 de abril de 1937.

OS SINOS DAS IGREJAS DE GUERNICA começaram a tocar. Eram 4h30 da madrugada de 28 de abril de

1937, segunda-feira, dia de mercado. Pilotos alemães estavam no ar. Levavam o emblema da Legião Condor — um condor mergulhando com uma bomba nas garras.

Passaram três horas sobrevoando a cidade. O pároco da igreja de Santa Maria de Guernica escreveu: “Perante Deus e o meu país, eu declaro que os aviões jogaram bombas incendiárias”. O *Times* de Londres relatou: “Toda a cidadezinha de 7 mil habitantes, mais 3 mil refugiados, foi lenta e sistematicamente destruída”. “Uma visão que me perseguiu durante semanas foi a dos corpos carbonizados de várias mulheres e crianças amontoados naquilo que tinha sido o porão de uma casa. Servira de refúgio”, registrou um jornalista do *Daily Mail*.

Posteriormente, Hermann Goering disse que Guernica havia sido um campo de teste para a Luftwaffe. “Foi uma pena”, acrescentou, “mas nós não tínhamos outra saída, já que não contávamos com nenhum lugar onde experimentar nossas máquinas.”

EM 1937, PEDIRAM A RICHARD BREITING, o editor que entrevistara Hitler na Casa Parda, que fosse de Leipzig a Berlim e se apresentasse no Ministério da Propaganda de Goebbels. Já tinha sido interrogado várias vezes e era acusado de ser um “lacaio judeu”. Dois agentes o levaram a um restaurante para conversar. Quando voltou para casa, ele estava com febre. Começou a ter convulsões. Disse à família que desconfiava de envenenamento. Quando Breiting morreu, o médico que o atendeu se recusou a fazer uma autópsia. Seu corpo foi cremado.

WINSTON CHURCHILL estava concluindo seu livro *Great Contemporaries* [Grandes contemporâneos] para impressão. Isso em agosto de 1937. Nele figurava um artigo sobre Hitler escrito alguns anos antes. “Quem conhece *Herr* Hitler pessoalmente, em negócios públicos ou em termos sociais”, dizia, “acha-o um funcionário altamente competente, calmo e bem informado, de modos agradáveis e sorriso sedutor; e são poucos os que não se deixam afetar pelo seu sutil magnetismo pessoal.” Apesar do rearmamento da Alemanha e da perseguição aos judeus, “pode ser que ainda vivamos para ver Hitler mais gentil numa época mais feliz”, escreveu. Mas Churchill tinha suas dúvidas.

Também incluiu um breve texto sobre Leon Trótski, o rei exilado do bolchevismo internacional. Churchill dizia que Trótski era um usurpador e um tirano; um bacilo de câncer, um “odre de malícia” enalhado no litoral do México. Ele possuía, segundo Churchill, a “capacidade de organização de um Carnot, a inteligência fria e calculista de um Maquiavel, a oratória popularesca de um Cléon, a ferocidade de um Jack, o Estripador, a resistência de um Titus Oates”.

E, afinal, o que era Trótski? Quem era ele? “Um judeu”, escreveu Churchill categoricamente. “Continua sendo judeu. Nada pode mudar isso.” O artigo se intitulava “Leon Trótski, vulgo Bronstein”.

O GOVERNO JAPONÊS anunciou que não estava confortável com a notícia de que 182 aviadores norte-americanos, cada qual acompanhado de dois mecânicos, iam pilotar aviões de guerra na

China. O alistamento de americanos, dizia a declaração japonesa, conflitava com a recentemente manifesta esperança dos Estados Unidos na paz no norte da China e infringia a Lei de Neutralidade americana. Foi em 5 de agosto de 1937.

HALLETT ABEND, CORRESPONDENTE DO *NEW YORK TIMES*, estava num carro em frente à Wing On's, a maior loja de departamentos de Shanghai. Isso no dia 23 de agosto de 1937.

Seu auxiliar Anthony Billingham acabava de entrar para comprar um binóculo. Fumando um cigarro, Abend reparou em alguns transeuntes chineses olhando para o céu. Pouco depois, uma bomba grande atingiu a loja. “A pior parte de uma experiência de bombardeio”, escreveu ele em suas memórias da China, “é o período de extrema paralisia que se segue às concussões.”

Durante bons quatro minutos, quando a bomba é grande, nada se move, a não ser a fumaça espiralada e a densa poeira, e não se ouvem senão o tilintar dos cacos de vidro caindo e o rumor da alvenaria a desabar. Ao cabo de uns quatro minutos, os feridos começam a gemer, a gritar e a tentar se afastar, arrastando-se.

Mancando, Abend entrou apressadamente na loja de departamentos em busca do auxiliar. No balcão de binóculos, no primeiro andar, deu com dois chineses mortos. De volta ao automóvel, encontrou Billingham encolhido no banco traseiro, com o braço esquerdo todo esfolado e sangue arterial saindo da axila. “Eu saí em marcha lenta”, escreveu Abend, “e comecei a avançar com cuidado pela rua, desviando dos feridos desamparados, mas às vezes, por necessidade, passando por cima dos mortos.”

Verificou-se que a bomba que atingiu a loja de departamentos Wing On's — uma única bomba de fragmentação de 380 quilos fabricada na Itália — não fora jogada por um avião japonês. Um piloto da Força Aérea chinesa, assustado ao avistar três caças japoneses, soltou sua carga para poder subir a 20 mil pés e salvar a pele.

Billingham se recuperou.

O JAPÃO instituiu um bloqueio naval contra navios chineses. “O comércio pacífico operado por terceiras potências será plenamente respeitado”, disse o governo japonês. Era o dia 28 de agosto de 1937.

Segundo a Associated Press, o cargueiro *Wichita*, de propriedade do governo norte-americano, estava a caminho da China transportando aviões bombardeiros e arame farpado. Não faltou quem se perguntasse se os japoneses considerariam aquela carga como “comércio pacífico”, escreveu o repórter.

AVIÕES CHINESES tentaram destruir um grupo de navios japoneses com bombas de cinquenta quilos. Isso em 30 de agosto de 1937.

O grande navio norte-americano *President Hoover*, lotado de cidadãos dos Estados Unidos que saíam da China, estava ancorado na foz do rio Yangtzé. Tendo confundido o *Hoover* com um navio de tropas, um piloto chinês mergulhou para bombardeá-lo. Outros aviões chineses o acompanharam. Um marinheiro morreu atingido por um estilhaço e vários passageiros e tripulantes ficaram feridos. A bordo, achava-se uma sobrinha do Generalíssimo e madame Chiang Kai-shek.

Horrorizada, esta, que era a secretária-geral das Forças Aéreas, convocou o piloto de seu marido, um americano chamado Royal Leonard. “Quero que o senhor se encarregue de todo o bombardeio chinês”, disse.

Royal Leonard respondeu que teria muito prazer em assumir o bombardeio chinês. Em Hancou, fundou com o também norte-americano Julius Barr uma escola de bombardeio nova e melhor, com cem alunos. Mil operários ajudaram a reformar o campo de pouso. “Trabalhando dia e noite, transportando o material em cestos suspensos nas extremidades das varas *yo-yo*, em poucos dias construíram uma pista pavimentada de mil metros de comprimento”, recordou Leonard.

CHURCHILL dizia ainda afagar sentimentos de admiração por Mussolini. “Seria uma tolice perigosa para o povo britânico subestimar a posição perene que Mussolini há de ocupar na história mundial”, escreveu ele no *News of the World*, “ou as extraordinárias qualidades de coragem, compreensão, autocontrole e perseverança que ele exemplifica.”

Foi no dia 10 de outubro de 1937.

BOOM TRENCHARD convidou Churchill a uma festa para uma delegação de oficiais da Força Aérea alemã. Era 11 de outubro de 1937.

“Eu lhes pedi, em particular, que jantássemos no Brook’s Club no dia 20 de outubro, às oito e quinze, para encontrar somente não oficiais”, disse Trenchard. Camrose, Kindersley, Weir, Amery e outros estariam presentes, acrescentou. Poderiam contar com a presença dele, Churchill? “*Espero que sim*, pois acho que o senhor vai se divertir e será de enorme interesse para eles.”

Churchill foi à festinha particular para a Força Aérea alemã.

JOSEPH C. HYMAN, do Joint Distribution Committee, uma instituição beneficente judaica, fez um discurso em Pittsburgh. “É de importância vital enviar recursos imediatamente a fim de tirar a nossa gente da Alemanha o mais depressa possível”, disse. Mas a Alemanha não era seu único problema.

Na Polônia, posto que nominalmente protegida pela Constituição e pela legislação pública, a população judia de mais de 3 milhões de almas é vítima frequente de *pogroms*, revoltas, ataques e boicotes; é abertamente objeto de uma propaganda vigorosa, dirigida com eficácia, que tem um *Leitmotiv*: expulsar os judeus!

E, na Romênia, o antissemitismo “vem crescendo na brutalidade da ação e, com frequência, na venenosidade da expressão que a torna, efetivamente, comparável à Alemanha nazista”, disse Hyman.

Foi em 17 de outubro de 1937.

ALDOUS HUXLEY estava em Hollywood escrevendo *Ends and Means* [Fins e meios], um estudo sobre a filosofia da não violência. Isso em 1937.

Segundo ele, a polícia internacional, pela qual as pessoas tanto clamavam, era um equívoco e uma denominação errônea. “A polícia age com o máximo de precisão; sai e prende o culpado”, escreveu. “As nações e os grupos de nações atuam por intermédio das Forças Armadas, que só podem agir com o máximo de imprecisão, matando, ferindo, impondo a fome e a ruína a milhões de seres humanos cuja maioria esmagadora não cometeu nenhum tipo de crime.” A polícia internacional era, na verdade, uma força internacional de massacre. “Quem aprova os massacres indiscriminados que o diga. Ninguém tem o direito de enganar os incautos dando a sua força de massacre o nome da força que controla o trânsito e prende o ladrão.”

A não violência, pensava Huxley, era a única reação intergovernamental à violência que tinha alguma chance prática de dar certo. Funcionava tanto com as nações quanto com os indivíduos:

Nós todos sabemos que o ódio se alimenta do ódio, mas fica desarmado diante da gentileza e da paciência. Todos sabemos o que é ver a nossa maldade, humilhada pela magnanimidade de outrem, transformada numa magnanimidade igual; o que é ver a nossa antipatia desfeita por um ato de consideração; o que é ver a nossa frieza e crueldade transformadas em solicitude graças ao exemplo da generosidade de outrem.

A violência torna os homens piores, disse Huxley; a não violência torna-os melhores.

O CORONEL CLAIRE CHENNAULT, um piloto militar aposentado trabalhando agora para os chineses, estava em seu apartamento com o instrutor de bombardeio Royal Leonard. Era um dia qualquer de 1937.

“A sala estava cheia de pilotos americanos”, recordou Leonard.

O assunto em debate era o iminente bombardeio de Tóquio [...] Estavam os melhores naquela sala, todos especialistas em navegação aérea e pilotagem. A China tinha bastante dinheiro disponível, o suficiente para comprar os bombardeiros Martin, leves e rápidos.

Mas o plano foi abortado pelos chineses, disse Leonard, pois não queriam correr o risco de envolver americanos no ataque a Tóquio.

“Ah, sim”, disse Chennault. “As coisas vão esquentar qualquer dia. Vamos arrasá-los.”

Os pilotos chineses chamavam Chennault de “Leatherface”.

EM LONDRES, LORDE HALIFAX, o líder da Câmara dos Lordes, comentou com o amigo Chips Channon sobre a viagem que fizera para conversar com os nazistas. Outrora, ele fora lorde Irwin, o vice-rei da Índia. Agora, lorde Halifax.

Channon ficou interessadíssimo. Lorde Halifax contou-lhe que gostava de todos os líderes nazistas — até mesmo de Goebbels. “Ele julga o regime absolutamente fantástico, talvez até fantástico demais para ser levado a sério”, escreveu Channon em seu diário.

Halifax falou no calção preto, nos sapatos de verniz e na camisa cáqui de Hitler. “Eu fiquei fascinado com tudo que ele disse”, escreveu Channon, “e não queria deixá-lo ir embora.” Foi em 5 de dezembro de 1937.

AVIÕES JAPONESES jogaram folhetos na cidade de Nanjing, na China. Isso no dia 7 de dezembro de 1937.

“Nanjing está cercada”, dizia o panfleto. “Se as suas tropas continuarem a combater, a guerra será inevitável. A cultura que resistiu por um milênio ficará reduzida a cinzas, e o governo que já dura uma década se esvanecerá no ar.”

Os japoneses aguardaram. Não obtiveram resposta. Então bombardearam, lançaram granadas e entraram na cidade. Seguiram-se estupros e massacre.

Royal Leonard, o norte-americano encarregado do comando dos bombardeiros chineses, escreveu: “Lembro-me das pessoas correndo pelas ruas de Nanjing, a cabeça estourada, a boca escancarada, aos berros, jorrando sangue em pequeninas fontes, morrendo enquanto corriam”.

ALBERT SPEER, o arquiteto de Hitler, mostrou ao pai sua sala de maquetes. Era o espaço mais amplo da antiga Academia de Artes de Berlim, ligada por uma passagem à Chancelaria do Reich, onde morava Hitler. Às vezes, depois do jantar, o Führer levava os convidados para lá a fim de mostrar sua cidade particular — a cidade que Berlim seria um dia, talvez só depois de sua morte. Os holofotes se acendiam a certo ângulo, imitando o sol a iluminar as ruas, alamedas arborizadas, fachadas e telhados elaboradamente reproduzidos — tudo fabricado sob a rigorosa supervisão de Speer. No fim do grande bulevar em miniatura — com cinemas, uma nova ópera, hotéis e teatros — ficaria o suntuoso auditório abobadado inspirado num esboço de Hitler. Seria a maior cúpula da história da humanidade, dezesseis vezes mais volumosa que a da basílica de São Pedro, suspensa sobre colunas de trinta metros de altura de pedra vermelha, no alto de um espaço capaz de abrigar 150 mil adoradores do Reich de pé.

Perdido numa feliz contemplação megalomaníaca, Hitler se curvava, aproximava o rosto do grande bulevar, os olhos a poucos centímetros da maquete, e discutia minúcias. “Em nenhuma outra situação eu o via tão animado, tão espontâneo, tão relaxado”, recordou Speer.

O arquiteto e o pai entraram na sala de maquetes. Acenderam-se as luzes. O pai olhou, e então voltou-se para Speer: “Vocês estão completamente loucos”, disse.

Naquela mesma noite, no teatro, Hitler convidou os dois ao seu camarote particular. Ao ser

apresentado ao Führer, o pai de Speer empalideceu. Não conseguiu dizer uma palavra. “Foi tomado de uma tremedeira violenta que eu nunca tinha visto nele até então”, escreveu o arquiteto. Ele e o pai não comentaram o incidente.

LOUIS LUDLOW, membro da Câmara dos Deputados, apresentou um projeto de emenda constitucional. Isso em janeiro de 1938.

A emenda dispunha que toda declaração de guerra dos Estados Unidos exigiria um referendo — um plebiscito nacional —, a não ser em casos de invasão ou ataque direto. O formulário a ser preenchido seria assim: “Os Estados Unidos devem declarar guerra a _____?”.

O presidente Roosevelt disse que a emenda tolheria a capacidade do presidente de conduzir as relações exteriores. “Eu compreendo perfeitamente”, afirmou, “que os patrocinadores dessa proposta acreditam sinceramente que seria bom manter os Estados Unidos fora da guerra. Estou convencido de que isso teria o efeito oposto.”

UM JORNALISTA DO *NEW YORK TIMES* entrevistou Alexander Cuza, um provecto ministro do governo romeno. Os judeus eram a ova do diabo, disse Cuza; todos os judeus precisavam sair da Romênia; haveria *pogroms* terríveis se não saíssem. “O mundo que se encarregue de arranjar moradia para os judeus do mundo. Madagascar parece ser o lugar mais indicado.” Era 21 de janeiro de 1938.

Pouco mais de uma semana depois, o mesmo jornalista entrevistou vários estudantes judeus que tinham sido atacados numa faculdade de medicina. Uma mulher disse: “Eu estava estudando na sala de dissecação quando os colegas me cercaram e me levaram ao porão. Após um período de espera, seis alunos fortes disseram: ‘Vamos lhe ensinar a estudar na universidade’. Então, de punhos cerrados, arremeteram contra mim e me espancaram”. Ela acordou numa poça de sangue. “Meu rosto estava irreconhecível”, disse.

MILTON MAYER, um escritor que trabalhava para o reitor da Universidade de Chicago, ouviu uma história.

No bonde, um judeu está lendo o *Völkischer Beobachter*, o principal jornal nazista. Um não judeu se senta ao seu lado e pergunta: “Por que você lê o *Beobachter*?”. O judeu responde:

Olha, eu passo o dia trabalhando numa fábrica, minha mulher briga comigo, meus filhos estão doentes e falta dinheiro para a comida. O que você queria que eu fizesse no caminho de volta para casa? Que lesse um jornal judeu? “*Pogrom* na Romênia.” “Judeus assassinados na Polônia.” “Novas leis contra os judeus.” Não, senhor. Meia hora por dia no bonde, eu leio o *Beobachter*. “Os judeus são os capitalistas mundiais.” “Os judeus controlam a Rússia.” “Os judeus dominam a Inglaterra.” É de *mim* que eles falam. Meia hora por dia, eu sou alguém. Deixe-me em paz, amigo.

HERMANN GOERING, o segundo no comando do Partido Nazista, compareceu a uma recepção do

corpo diplomático. Calçava botas verdes e empunhava uma lança de 1,80 metro.

Viciado em morfina, Goering era rico e corpulento. Trocava de roupa várias vezes por dia. De manhã, talvez vestisse algo de mangas brancas, curtas e folgadas; no jantar, um “quimono violeta e chinelos guarnecidos de pele”. Certa vez, reclinou-se numa otomana com as pernas da calça erguidas, exibindo meias de seda encarnada. Nas caçadas, chegava acompanhado de batedores e guias de cães armados de lanças de javali, “cuja ponta reluzente era protegida por uma capa de couro com borlas”.

JANNETTE RANKIN declarou na Rádio CBS: “Quero exortar todas as mães e todos os pais a trabalharem contra a guerra enquanto é tempo. Eu votei pelo *não* em 1917 e hoje voto pelo *não*, pois acredito que a guerra é um método fútil de resolver disputas”.

Na igreja Broadway Tabernacle, Allan Knight Chalmers falou durante uma grande cerimônia de “consagração à paz”. Várias centenas de líderes religiosos nova-iorquinos assinaram um novo compromisso. “De repente parece não muito distante a guerra que ninguém quer e todos receiam”, dizia o compromisso. “Portanto, no espírito do verdadeiro patriotismo e com profunda convicção pessoal, eu renuncio à guerra e nunca apoiarei outra.” John Haynes Holmes, o rabino Sidney Goldstein e o reverendo Fosdick eram signatários.

Foi no dia 1º de março de 1938.

O GENERAL ARCHIBALD WAVELL, comandante das forças britânicas na Palestina, solicitou apoio aéreo. Uma região conhecida como o Triângulo Sangrento estava cercada pelos ingleses. “Nove aviões da Royal Air Force bombardearam e metralharam um bando de árabes, matando entre cinquenta e sessenta no combate”, noticiou a Associated Press. Seguiram-se “operações de extermínio”. Isso em 6 de março de 1938.

EM VIENA, UM LOCUTOR DE RÁDIO proclamou com arrebatamento na voz: “*Der Führer ist hier!*”.^{a*} A Juventude Hitlerista e as Moças Hitleristas ocuparam as ruas, bradando em uníssono. Era o dia 12 de março de 1938.

Kurt von Schuschnigg, o chanceler da Áustria, acabava de renunciar, informou o radiojornalista da Mutual Broadcasting Network. “Disseram-lhe que tinha liberdade de ir para onde quisesse, mas seu filho Kurt, de onze anos, ficaria refém para assegurar a discricção do pai.” Schuschnigg se recusou a abandonar o menino.

A SS o jogou na solitária. Às sextas-feiras, permitiam-lhe conversar oito minutos com a esposa.

MURIEL LESTER, a ativista cristã e seguidora de Gandhi, estava em Shanghai. Isso em 1938. E pensou: a vida nunca foi tão dolorosa. “Estávamos cercados de tortura, fome e horrores sexuais”,

escreveu. “Milhares dormindo na rua, na calçada, sem um pedaço de estopa que os proteja da pedra e do concreto.” Toda manhã, os funcionários municipais recolhiam corpos congelados; crianças nasciam na calçada. “Nos campos de batalha, em alcateias como de lobos, correm os cães engordados com alimento humano.”

Lester seguiu viagem e visitou o Japão, onde as pessoas eram encarceradas por ter ideias perigosas. Mesmo assim, alguns japoneses enviavam mensagens fraternais à China, disse ela. “Queridos irmãos da China”, escreveu o pacifista cristão Toyiohiko Kagawa, “embora pedir perdão 1 milhão de vezes não compense os pecados do Japão, que me causam uma vergonha intolerável, eu lhes peço que perdoem a minha nação.”

ALGUNS QUACRES se reuniram na Friends Meeting House de Nova York, na rua 15 Leste, a fim de combater mais uma lei de Roosevelt de mobilização para a guerra. Foi no dia 2 de abril de 1938.

Uma Marinha forte não significava segurança nenhuma, disse a professora Mary McDowell. “Os navios de guerra são portadores de doença, ódio crescente, medo, desconfiança e de ameaça de destruição e domínio, coisas que constituem a própria atmosfera da guerra.” O grupo enviou cartas a Roosevelt e ao secretário de Estado Cordell Hull.

A REVISTA DOMINICAL DO *NEW YORK TIMES* publicou um longo artigo sobre o fascínio do presidente Roosevelt pela Marinha. “Atualmente, a Marinha é dirigida pela Casa Branca”, escreveu Hanson Baldwin, o correspondente militar do jornal. Roosevelt, dizia o texto, era “o poder por trás da expansão gradual da nossa força naval em todo o Pacífico”. Ele tinha um interesse pessoal por questões de projeto e armamento de navios, assim como de promoção de oficiais; era mais entusiasta e bem informado sobre a “grande Marinha” do que o próprio almirantado.

Segundo Baldwin, no gabinete do presidente havia um cinzeiro com um barco, um isqueiro em forma de timão, um barômetro, um relógio de navio, quadros com cenas marinhas e de batalhas, além de um modelo de destróier de convés corrido e quatro chaminés — embarcação produzida sob a supervisão de Roosevelt durante a Grande Guerra. Em quase todos os cômodos da Casa Branca viam-se pinturas e litografias de barcos e de batalhas navais, e também eram muitos os modelos de navio expostos — tantos, disse Baldwin, que o chefe do pessoal da Casa Branca “já não sabia o que fazer com aquela frota imensa”.

O artigo vinha acompanhado de um retrato a carvão de Roosevelt olhando, pensativo, para uma escuna de três mastros, com quatro maciços canhões de navio de guerra a espreitarem às suas costas. “O mar e as coisas do mar, a Marinha e seus navios, os homens e as armas são, provavelmente, a maior paixão da vida do presidente”, dizia a legenda.

Isso no dia 3 de abril de 1938.

BERNARD BARUCH escreveu, em abril de 1938, um memorando para o presidente.

Milhões de corajosos refugiados europeus, propunha Baruch, podiam se fixar num lugar chamado Estados Unidos da África — uma vasta república leiga montada com pedaços do Quênia, de Tanganica e do norte da Rodésia, tudo sob “o soberano controle da Inglaterra”. Baruch se opunha a qualquer mudança na política imigratória americana — afinal de contas, os Estados Unidos estavam em plena depressão.

“Os senhores Baruch e Morgenthau estão preocupados em salvar a própria pele e suas ‘posições’ nos Estados Unidos, e estão pouco ligando para o destino das vítimas de Hitler”, escreveu o professor de direito e futuro juiz da Suprema Corte Felix Frankfurter em carta a um amigo. “Esses homens se comportam precisamente como os judeus ricos e poderosos que ajudaram a ascensão do hitlerismo para contra-arrestar o bolchevismo.”

ARTHUR “BOMBER” HARRIS, da Royal Air Force, desembarcou do *Queen Mary* em Nova York. Foi em 25 de abril de 1938.

Comandara expedições de bombardeio na Índia, no Iraque, na Palestina, no Quênia e em Uganda. Agora ia comprar aviões nos Estados Unidos. Depois de passar por Washington, visitou a fábrica Lockheed em Burbank, Califórnia. Lá, com sua equipe, examinou o Model 14 Super Electra de passageiros, e julgou que, com algumas adaptações — um bom compartimento de bombas e algumas metralhadoras —, ele atenderia perfeitamente às necessidades britânicas. “Para minha surpresa”, escreveu Harris, “nada mais que 24 horas depois, mandaram um carro me levar à fábrica Lockheed, e lá eu vi um modelo de plena escala, de compensado, com todas as nossas exigências, completamente ajustado nos mínimos detalhes, e ainda duas propostas de nariz articulados a uma aeronave real, tudo pronto para a nossa inspeção.”

O ministro britânico da Aeronáutica encomendou duzentos aviões. Conforme o *New York Times*, foi “o maior pedido de compra estrangeiro já feito a uma empresa de aviação norte-americana”.

PEDIRAM QUE MOHANDAS GANDHI desse sua opinião sobre os pacifistas ingleses. Isso em maio de 1938.

O problema dos pacifistas ingleses, disse ele, era que se entregavam a cálculos morais. “Quando falam em pacifismo, eles o fazem com a reserva mental de que, se o pacifismo fracassar, não lhes restará senão recorrer às armas.” O verdadeiro pacifista nunca calculava. “Alguém precisa se erguer, na Inglaterra, com fé para dizer que, aconteça o que acontecer, o país não vai pegar em armas. Eles são uma nação totalmente armada; se com esse poderio se recusarem deliberadamente a recorrer às armas, isso será o primeiro exemplo de uma atitude cristã em escala maciça. Um verdadeiro milagre.”

GEOFFREY TUTTLE, um comandante da base da Royal Air Force em Rawalpindi, bombardeou uma tribo rebelde da fronteira noroeste da Índia. “Nós fomos treinados para ser assassinos profissionais

e queríamos ver se éramos capazes de matar gente”, disse Tuttle mais tarde. Eles tinham ordem de bombardear grupos de dez ou mais pessoas depois de adverti-las. “No meu caso, lembro-me de ter encontrado nove pessoas e de ter dito: ‘Está na margem de erro de dez por cento, o que é suficiente’; e os detonei.” Isso aconteceu em meados de 1938.

O GOVERNO JAPONÊS decidiu encomendar aviões. Queria 29 transporte/bombardeiros Lockheed Model 14. Um prospecto da Lockheed dizia que o Model 14 era uma “arma formidável para fins táticos ofensivos ou defensivos”. Corria o mês de maio de 1938.

A Companhia de Aviação Tachikawa e a Companhia de Aviação Kawasaki gostaram tanto do projeto das aeronaves da Lockheed que começaram a construí-las mediante licença. A Tachikawa e a Kawasaki fabricaram mais de duzentos Lockheed Model 14.

OS MORADORES DE FARMINGDALE, Long Island, receberam um folheto anunciando um ataque aéreo simulado. “Por favor, colaborem com o Departamento de Guerra, com os funcionários municipais, estaduais e distritais e com as autoridades florestais do estado de Nova York para que este seja o primeiro blecaute americano 100% bem-sucedido”, pedia o panfleto. Algumas crianças cavaram abrigos antiaéreos no quintal e foram fotografadas olhando para o céu. Um caminhão com alto-falante percorreu a cidade, exortando os habitantes a apagarem a luz quando a sirene do corpo de bombeiros tocasse três vezes. Foi no dia 16 de maio de 1938.

Às 22h30 a sirene tocou, e a Companhia de Luz de Long Island desligou a iluminação pública. A polícia mandou os motoristas apagarem os faróis. Um pelotão de holofotes de 800 milhões de velas escrutou a escuridão quando os bombardeiros Douglas das forças “inimigas” despejaram cem paraquedas sinalizadores na vizinha fábrica de aviões Seversky, ao passo que um esquadrão de aviões de caça tentava, em vão, interceptá-los. Milhares de pessoas assistiram ao exercício de guerra no aeroporto da Seversky e em carros estacionados; os homens da Força Aérea e alguns profissionais da imprensa instalaram-se numa pequena plataforma nas proximidades da fábrica. “É suficientemente realista, Sascha?”, perguntou um general a Alexander Seversky, o piloto perneta e profeta do bombardeio da cidade. Seversky disse que sim; aquilo lembrava-lhe 1915.

Depois, Henry “Hap” Arnold, chefe do Corpo de Aviação do Exército, foi entrevistado pela Rádio NBC. “Esses exercícios de defesa nacional demonstraram de maneira muito realista o que nós podemos esperar se invasores chegarem à distância de ataque das nossas praias”, explicou. “Afortunadamente, fomos poupados do uivo odioso das bombas caindo e do impacto letal de sua explosão.”

DOIS BOMBARDEIROS MARTIN B-10, pilotados por homens treinados pelos americanos, saíram de Hankow, na China, rumo a Nagasaki, no Japão. Passaram meia hora sobrevoando a cidade e jogando panfletos que denunciavam o militarismo japonês. Aquela visita aérea, afirmava um dos

folhetos, era um gesto de boa vontade. Os bombardeiros também sobrevoaram Kyushu e a base naval de Sasebo.

Acompanhado de um grupo de jornalistas, o primeiro-ministro H. H. Kung, cunhado do Generalíssimo e de madame Chiang Kai-shek, ficou aguardando na base aérea de Hankow o retorno da missão de Nagasaki. Kung, formado pelo Oberlin College, disse aos aviadores sujos de óleo: “Vocês não jogaram bombas como fazem as Forças Aéreas japonesas na China; jogaram panfletos, porque a China defende o humanitarismo”.

Isso em 20 de maio de 1938.

O UNITED PACIFIST COMMITTEE organizou uma passeata de protesto. Oitenta pessoas levavam cartazes escritos com tinta verde. GUERRA É SINÔNIMO DE FASCISMO, asseverava um deles. NÃO MATARÁS , proclamava outro. E um terceiro dizia: $2 + 2 = 4$; ARMA + ARMA = GUERRA — DESARMEMO-NOS. Os manifestantes entraram na Quinta Avenida. Um espectador bateu nas costas de um deles. “Muito bem”, disse, “mas não se preocupe: não vamos ter mais nenhuma guerra.” Era o dia 21 de maio de 1938.

UM MINISTRO DA DEFESA BRITÂNICO anunciou que o governo planejava aumentar o contingente do Exército através da conscrição. Um grande Exército britânico era “a forma mais eficaz de manter a paz”, escreveu Winston Churchill numa de suas colunas quinzenais de jornal. Na guerra seguinte, observou ele, as cidades britânicas seriam bombardeadas com frequência. “Os nossos homens terão um incentivo irresistível para lutar ao verem mulheres e crianças mortas por esse método covarde”, assinalou. “Nenhum homem digno deixará de participar da luta.”

Foi em 9 de junho de 1938.

A LOCKHEED CORPORATION escolheu um nome novo para os aviões Super Electra vendidos ao governo britânico. Passou a chamá-los de bombardeiros Hudson. O rio Hudson passava pelos estados natais de duas lideranças norte-americanas interessadíssimas na venda: Franklin Roosevelt e Henry Morgenthau Jr. Isso em junho de 1938.

“A indústria de aeronaves superou todas as outras indústrias do país no primeiro trimestre de 1938”, anunciou o *New York Times*. Os lucros foram superiores a 82%.

“As encomendas estrangeiras traduzem-se em prosperidade neste país, e nós não podemos eleger um Partido Democrata enquanto não tivermos prosperidade”, declarou Roosevelt posteriormente. “Sejamos francos.”

OSWALD GARRISON VILLARD, um editor do *Nation*, escreveu que os grandes armamentos conduziam ao caminho do fascismo. “Trazem consigo mais veneração do Estado, mais nacionalismo, mais

atividade estatal e, por conseguinte, favorecem gente como Hitler e Mussolini, que declara que o cidadão foi feito para o Estado, e não o Estado para o cidadão”, disse. Foi em 2 de julho de 1938.

EMMA CADBURY, que dirigia uma instituição beneficente quacre em Viena, escreveu uma carta a Clarence Pickett, o diretor do American Friends Service Committee. Cadbury transmitiu uma solicitação do cônsul americano na capital austríaca, que pedia o envio de listas telefônicas. “As pessoas chegam e as examinam em busca de possíveis parentes, e a lista do Brooklyn já está gasta”, disse ela. (O único meio prático de ir para os Estados Unidos consistia em lá achar um parente que se responsabilizasse pela pessoa.)

“Listas telefônicas velhas têm muita utilidade”, prosseguiu Cadbury, “sejam da cidade que forem.” Era o verão de 1938.

A CONFERÊNCIA DE ÉVIAN, organizada na estação de águas francesa à beira do lago Genebra para dar destino aos refugiados judeus, foi um fracasso. Myron Taylor, um executivo aposentado da U. S. Steel, asseverou, diante dos trinta delegados nacionais, que as cotas de imigração então existentes nos Estados Unidos eram generosas. Lorde Winterton, um membro do gabinete britânico, disse que a Inglaterra não era “país de imigração”, assim como não o eram as colônias e territórios britânicos. “Potências fecham as portas para judeus alemães”, foi a manchete do *Herald Tribune* de Nova York; e o subtítulo dizia: “A apreensão domina as negociações — Até os despovoados Estados sul-americanos recusam asilo”. Um jornal alemão clamou: “Judeus à venda — Quem os quer? Ninguém”. Isso em julho de 1938.

“Apesar dos bons conselhos ditos com parcimônia em Évian-les-Bains”, comentou a revista *Time* pouco depois, “a dura realidade é que nenhuma nação se dispõe a receber judeus pobres.” Nenhuma, com exceção da República Dominicana: o generalíssimo Trujillo concordou em acolher 100 mil refugiados; o resultado foi uma pequena colônia chamada Sosúa.

ALBERT WEDEMEYER, capitão do Exército americano, foi a um jantar de despedida na casa de seu professor em Berlim. Tinha concluído com sucesso os estudos na Escola Alemã de Guerra e ia voltar para os Estados Unidos com a mulher e os filhos. Era o verão de 1938.

Depois do jantar, o coronel Lohmann, oficial da Luftwaffe e professor de Wedemeyer, mostrou-se tenso e contrariado, assim como sua esposa, Maria. Tomando licor na biblioteca, ele revelou a causa de sua tristeza: “Maria é judia”, disse. “Espero que isso não afete a nossa amizade.”

Wedemeyer respondeu que não tinha preconceitos religiosos nem raciais. “Deixei claro”, escreveu, “que eu tinha vários bons amigos judeus e aceitava como cidadãos leais do meu país quem professava o judaísmo ou qualquer outra religião.”

Então o coronel Lohmann fez um pedido. Wedemeyer se disporia a cuidar de seus dois filhos caso acontecesse alguma coisa? O americano disse que faria tudo que pudesse pelas crianças.

Mostrando-se muito aliviado, Lohmann se despediu com um carinhoso aperto de mão.

GEORGE BELL, o bispo de Chichester, fez seu primeiro discurso na Câmara dos Lordes. Foi em 27 de julho de 1938. “Não consigo entender — e sei que muitos alemães também não — como os nossos parentes da raça germânica podem se rebaixar a tal nível de desonra e covardia e atacar gente indefesa como os nacional-socialistas têm atacado os não arianos”, disse. E pediu políticas imigratórias mais liberais na Inglaterra e nas colônias. Os refugiados deviam ser considerados como um ativo, e não como um passivo, insistiu.

Semanas depois, o bispo Bell escreveu: “É difícil entender a evidente apatia com que o povo do império britânico encara a sina dos judeus e dos cristãos não arianos”. Os refugiados não podiam ser chamados de refugiados, disse, “pois ainda não têm um país de refúgio”.

O RABINO LEO BAECK lançou um grito de socorro. Isso no dia 28 de julho de 1938.

“Numa situação dificilmente igualável na história tantas vezes dura do nosso povo, nós nos propusemos, não sem sucesso, a banir o espectro do caos”, escreveu ele num jornal judeu de Berlim. “Mas não há dúvida de que a tensão contínua e extraordinária a que estamos submetidos nos levará ao limite”, prosseguiu. “Nossos espaços de mobilidade se estreitam dia a dia.”

Ele disse: “A nossa força ameaça ceder”.

E concluiu: “Portanto, nós podemos pedir socorro”.

O CÔNSUL ALEMÃO em Cleveland foi à festa de aniversário de Henry Ford em Detroit. Ford completava 75 anos, e o diplomata levou um presente de Adolf Hitler: uma enorme medalha dourada e branca com quatro águias douradas e quatro pequenas suásticas, tudo acompanhado de uma larga fita de seda vermelha que contrastou extraordinariamente com o terno branco de Ford. Era 30 de julho de 1938.

ADOLF HITLER começou a falar na conquista da Tchecoslováquia. Tinha em mente uma entrada triunfal em Praga: multidões, câmeras e holofotes, banners com a suástica. Era agosto de 1938. O general Ludwig Beck, chefe do estado-maior de Hitler, se opunha. Seu Exército não tinha entusiasmo pela guerra, e tampouco o povo alemão. Somente os jovens doutrinários escolhidos a dedo para a milícia particular de Hitler, a SS, ansiavam por ela.

Num memorando, Beck recomendou a seus generais que se recusassem a obedecer à ordem de Hitler de invadir a Tchecoslováquia, caso ela chegasse. “Épocas anormais exigem atos igualmente excepcionais”, escreveu — uma oposição unida os salvaria a todos da “culpa por associação”. Informado da oposição de Beck, Hitler exigiu sua renúncia. O general aquiesceu tranquilamente, deixando seu substituto Franz Halder no comando do estado-maior. “Agora tudo depende de

você”, disse.

O general Halder, cuja chama da consciência oscilava intermitentemente, vinha observando Hitler fazia algum tempo. Julgava-o mentalmente enfermo e cruel. Reuniu-se com alguns conspiradores bem situados dispostos a dar um golpe o quanto antes. Cheio de dúvidas e atento ao sentimento popular, preferiu, no entanto, esperar o momento certo. Pediu um minucioso plano de golpe e, antes de dar o sinal verde, exigiria uma prova incontestável de que Hitler pretendia levar o país a uma nova guerra mundial. Havia ainda outras discordâncias: Halder e Beck queriam Hitler preso e julgado; outra facção preferia-o submetido a um exame psiquiátrico e declarado louco; os radicais propunham assassiná-lo sem demora.

Eis então que, repentinamente, o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain voou a Munique e decidiu assistir passivamente à invasão da Tchecoslováquia. Arrasado e convencido de que havia perdido a melhor oportunidade de depor Hitler, o general Halder pousou a cabeça na escrivaninha e chorou.

BERNARD BARUCH desembarcou do *Queen Mary*. Foi no dia 12 de setembro de 1938. Ele andara caçando faisão nos brejos da Escócia e discutindo sobre aviões com Winston Churchill e Pierre Laval. Não revelaria aos jornalistas se Roosevelt o tinha mandado reorganizar a indústria americana para a guerra, como o fizera anteriormente por solicitação do presidente Wilson. Queria eliminar a motivação do lucro de guerra na indústria, dizia. “Hoje todos sabem que nenhum país sai ganhando com a guerra.”

No mês seguinte, Baruch pernitoou na Casa Branca. Os bombardeiros eram a solução, disse ele ao presidente; os Estados Unidos precisavam equipar 50 mil bombardeiros de longo alcance. Mas não mencionou nenhum bombardeiro de longo alcance ao falar com os repórteres. Limitou-se a dizer: “Eu acredito que os Estados Unidos estão despreparados”. A França e a Inglaterra estavam tragicamente despreparadas, acrescentou, e por isso acontecera o Tratado de Munique. Ele não queria ver os Estados Unidos na mesma “situação humilhante”.

Dias depois, em entrevista coletiva, Roosevelt declarou que era preciso repensar na produção em massa de aeronaves e que estava na hora de ver a despesa militar com outros olhos. “Roosevelt quer acelerar a expansão do Exército e da Marinha” foi a manchete do *New York Times* de 15 de outubro de 1938. Isso provocou uma manchete previsível do pessoal de Goebbels na Alemanha: “O judeu Baruch de olho no lucro”. E apareceram outras no mesmo tom: “Washington dança conforme a música de Baruch?”; e “Mentiras incendiárias justificam massivo rearmamento nos Estados Unidos da América” — com o subtítulo “As teias de aranha mentais do judeu Baruch”.

NA ALEMANHA, MURIEL LESTER conversou com uma mulher que fora obrigada pela legislação racial a se divorciar do marido judeu. A mulher acabava de almoçar com ele, ilegalmente. “A descoberta teria resultado num campo de concentração”, escreveu Lester. “Num café insignificante, num beco, os dois passaram uma hora juntos e se separaram.”

Lester foi a Viena, onde visitou a exposição O eterno judeu, que estava lotada.

Com fotografias muito ampliadas, cartazes e quadros, mostrava todas as coisas ruins que os judeus faziam, os empregos bem remunerados que tinham, as honras que recebiam na música, na literatura, na arte, no teatro, na filosofia e em todos os ramos da ciência. A reunião de tantas provas de genialidade parecia refletir descrédito em nós, gentios, e não neles; mas surtiu o efeito desejado nos jovens nazistas, que promoveram *pogroms* ainda mais ferozes.

Era o outono de 1938.

COMEÇARAM AS EXPULSÕES NA TCHECOSLOVÁQUIA. Pequenos grupos de judeus subsistiam em acampamentos na periferia das cidades em que suas famílias haviam passado gerações. As autoridades tchecas e alemãs proibiram que lhes dessem comida ou água. Isso em meados de outubro de 1938.

O JORNAL CAMISA-NEGRA de Heinrich Himmler, *Das Schwarze Korps*, publicou um artigo de primeira página: “Os judeus residentes na Alemanha e na Itália são reféns que o destino colocou em nossas mãos para que nos defendamos da maneira mais eficaz dos ataques da judiaria mundial”. Foi no fim de outubro de 1938.

EM HANOVER, ALEMANHA, um policial bateu à porta de Sendel Grynszpan, um alfaiate judeu empobrecido, e o intimou a se apresentar na delegacia de polícia com seu passaporte. Isso em 27 de outubro de 1938.

Grynszpan e mais seiscentos cidadãos poloneses passaram a noite confinados numa sala de concertos; e então, em grupos de vinte, foram levados de caminhão à estação ferroviária. As pessoas na rua gritavam: “Mandem os judeus para a Palestina”. Eles chegaram a uma estação próxima da fronteira da Polônia. “Havia trens de toda a Alemanha: Leipzig, Berlim, Colônia, Düsseldorf, Bielefeld, Essen, Bremen”, escreveu Grynszpan à filha. “Éramos cerca de 12 mil ao todo.” Os homens da SS deram ordem à multidão de ir para a fronteira. “Os que não podiam andar foram espancados até que seu sangue molhasse a estrada.”

O *New York Times* classificou a expulsão dos poloneses da Alemanha como “talvez a maior deportação em massa dos últimos tempos”.

CLARENCE PICKETT e a esposa embarcaram no *Île-de-France* para retornar da Europa. Foi no dia 28 de outubro de 1938.

Pickett estivera na Alemanha, na Tchecoslováquia e na Áustria; voltava com a sensação de um desastre iminente. “O que fazer?”, perguntou em um memorando.

Podemos nos sentir penitentes pela nossa participação no sórdido Tratado de Versalhes e no acordo de paz. Mas é sobre os judeus que mais pesa o fardo desse acordo. O mínimo que podemos fazer é prestar toda ajuda possível para que aqueles que vêm a nós tenham um recomeço proveitoso. Durante algum tempo, esse é e será o nosso principal trabalho beneficente.

CHARLES LINDBERGH E ANNE, sua esposa, foram procurar uma casa para alugar em Berlim. Isso em 28 de outubro de 1938. Ele era piloto americano e supremacista nórdico. Na Alemanha, Goering lhe havia oferecido a medalha da águia com a suástica numa caixa vermelha — “por ordem do Führer” —, e Lindbergh estava aprendendo muito sobre os bombardeiros Junkers, os caças Messerschmitt e a organização da Força Aérea alemã.

O casal gostou de uma casa no agradável subúrbio de Wannsee — “boa mobília, ainda que pesada”, escreveu ele em seu diário, “e bastante espaçosa para as nossas necessidades. A parte mais bonita é o quintal — bem grande, com muitas árvores e arbustos, e termina num rio com cisnes”.

Um funcionário do Ministério da Aeronáutica alemão deu alguns telefonemas para alugar a casa. O proprietário era judeu e fazia questão de receber em moeda estrangeira. “O coronel Wendland aconselhou-nos a recusar”, escreveu Lindbergh. No entanto, Albert Speer ofereceu uma ajuda poderosa: se o casal estivesse interessado em construir uma casa, ele podia conseguir terreno praticamente em qualquer bairro de Berlim.

Os Lindbergh hesitaram; voltaram a Paris no trem noturno.

HITLER chamou Winston Churchill de belicista num discurso para 100 mil empolgados nazistas. “O senhor Churchill afirmou que, na sua opinião, o governo alemão deve ser eliminado com a ajuda de forças de dentro da Alemanha, as quais se colocariam à disposição dele”, disse. Tais forças não existiam, prosseguiu. “Só existe um poder, que é o movimento nacional-socialista, sua liderança e seus partidários armados.” Foi no dia 6 novembro de 1938.

Churchill respondeu com uma moderada declaração à imprensa, manifestando surpresa por ter sido o escolhido para o ataque verbal de Hitler. Ele e seus companheiros advogados de uma defesa forte não tencionavam nenhuma agressão à Alemanha, disse; queriam que a Inglaterra, a França e a Alemanha coexistissem em paz, lado a lado. E acrescentou algumas palavras elogiosas: “Eu sempre disse que, se a Grã-Bretanha fosse derrotada em uma guerra, a minha esperança era a de que nós encontrássemos um Hitler que nos levasse de volta à nossa posição legítima entre as nações”. Então o mundo ia se alegrar, prosseguiu Churchill, ao ver um brando Hitler pleno de paz e tolerância. “Que esse grande homem examine o seu próprio coração e consciência antes de acusar quem quer que seja de belicismo.”

HERSCHEL GRYSZPAN, o filho de Sendel Grynszpan, que morava em Paris, recebeu um cartão-postal da irmã. Ela descrevia em poucas palavras a deportação forçada da família. Herschel comprou um revólver na loja parisiense À la Fine Lame, tomou o metrô e foi à embaixada da

Alemanha. Deu dois tiros em um homem — Ernst vom Rath — que lá trabalhava. Isso em 7 de novembro de 1938.

Hitler enviou Brandt, seu médico pessoal, para tratar de Vom Rath, que estava com hemorragia interna causada por uma ruptura no estômago e no baço.

CLARENCE PICKETT almoçou na casa de campo de Roosevelt em Hyde Park, Nova York. Relatou ao presidente um pouco do que vira na Europa. “Tínhamos certeza de que as coisas iam piorar para os judeus e os outros não conformistas na Alemanha; não víamos meio de evitar a guerra”, escreveu ele. Disse que desejava que Roosevelt conversasse pessoalmente com Hitler. Foi em 9 de novembro de 1938 — o dia em que Ernst vom Rath sucumbiu aos ferimentos.

Roosevelt respondeu que já havia pensado num encontro com Hitler nos Açores. Mas, no momento, estava mais interessado em construir uma Força Aérea poderosa.

“No íntimo do coração e da mente, eu me perguntei se era possível preparar os instrumentos da guerra com uma mão e os da paz com a outra”, escreveu Pickett. “Isso produz esquizofrenia na vida nacional.”

HERSCHEL GRYNZSPAN disse: “Ser judeu não é crime”. “Eu esperava que o presidente Roosevelt se apiedasse de nós, refugiados.” E disse ainda: “Não sou cachorro. Não tinha intenção de matar. Perdi a cabeça”.

GOEBBELS E HITLER se reuniram para discutir a agitação provocada pelo caso Grynszpan. “Ele decidiu: que as manifestações continuem”, escreveu Goebbels. “Contenha a polícia. É bom os judeus sentirem a cólera do povo.”

As lideranças do partido convocaram os subordinados, e a Gestapo enviou por teletipo normas para orientar a revolta em toda a Alemanha, que decorreria do assassinato de Ernst vom Rath. Devia ser feroz, mas organizada. O incêndio de sinagogas só era permitido “se não houver perigo de incêndio nas imediações”. As casas e empresas de judeus “podem ser destruídas, mas não saqueadas”. E os estrangeiros “não devem ser importunados, mesmo que sejam judeus”.

Começou à uma hora da madrugada do dia 10 de novembro de 1938. Otto Tolischus fez a cobertura para o *New York Times*. “Quase não restou loja, café ou escritório de judeus que não tenham sido depredados, incendiados ou destruídos; as sinagogas tiveram a mesma sorte”, escreveu. “Em frente às sinagogas, os manifestantes arrancavam folhas dos livros de oração.” A elegante sinagoga da Fasanenstraße “transformou-se numa fornalha”. Vinte e cinco mil pessoas foram parar nos campos de concentração como reféns.

Foi a chamada Kristallnacht, Noite dos Cristais, pois ocorreu à noite e muitas vitrines foram quebradas, e também porque a palavra “cristal” dissimulava e, ao mesmo tempo, erguia um brinde à ferocidade da sublevação — e, enfim, talvez porque a palavra ecoasse o título de um dos livros

preferidos de Goebbels sobre a técnica de propaganda, *Crystallizing Public Opinion* [Como cristalizar a opinião pública], de Edward Bernays. Goebbels soube muito bem usar o assassinato de Vom Rath para cristalizar o antissemitismo alemão.

DAVID BUFFUM, cônsul americano em Leipzig, escreveu um relato das manifestações. “Num bairro judeu, um rapaz de dezoito anos foi jogado pela janela do terceiro andar e, com as duas pernas quebradas, caiu numa rua entulhada de camas e outros móveis em chamas”, disse. “Simultaneamente, atearam fogo em três sinagogas de Leipzig com bombas incendiárias, e todos os objetos sacros foram profanados ou destruídos, na maior parte dos casos, defenestrados e queimados na rua.” Foi, acrescentou ele, “um ataque de fúria nazista até agora sem par na Alemanha e, provavelmente, em qualquer outro lugar do mundo desde o tempo da selvageria, se é que já houve algo assim”.

THOMAS E. DEWEY, que acabava de perder a eleição para o governo do estado de Nova York, disse: “O mundo civilizado está revoltado com o sangrento *pogrom* de um povo indefeso”. E Herbert Hoover asseverou: “Esses indivíduos estão fazendo a Alemanha regredir 450 anos na civilização, até a expulsão dos judeus da Espanha de Torquemada”. Mas, como observou a revista *Time*, o presidente Roosevelt e outros chefes de Estado não se manifestaram prontamente contra atos que “chocaram um mundo quase à prova de choque com uma exibição de deliberada e imotivada crueldade em massa”.

O CÔNSUL-GERAL BRITÂNICO em Colônia recebeu uma carta anônima citando as ordens da polícia de queimar sinagogas e pilhar lojas. “A população de Colônia não tem absolutamente nada a ver com esses incêndios assassinos e, assim como toda a nação alemã, os condena”, escrevia o remetente. “Esses atos foram ordenados pelo governo em Berlim.” Isso no dia 12 de novembro de 1938.

CHARLES LINDBERGH ficou perplexo com as manifestações na Alemanha. “Sem dúvida, eles têm um difícil problema judeu”, escreveu, “mas será que há necessidade de enfrentá-lo de maneira tão insensata? A minha admiração pelos alemães vem se esmigalhando constantemente em rochas como essa.” Era 13 de novembro de 1938.

ROOSEVELT deu sua centésima entrevista coletiva. Foi em 15 de novembro de 1938, cinco dias depois da Noite dos Cristais. Fizeram-lhe perguntas a respeito do novo aeroporto de Washington e de cerejeiras. Depois ele leu uma declaração, anunciando que ia convocar o embaixador alemão e que a opinião pública estava “profundamente chocada”. Não usou a palavra “judeus”.

“Eu próprio mal pude acreditar que tais coisas ocorressem numa sociedade do século XX”, disse Roosevelt.

Um jornalista perguntou se ele achava que havia um lugar no mundo capaz de absorver a emigração em massa de judeus da Alemanha.

“Eu tenho pensado muito nisso”, respondeu o presidente.

“O senhor pode mencionar um lugar particularmente desejável?”, pediu o repórter.

“Não, a época não está madura para tanto.”

Outro jornalista indagou se ele recomendaria o relaxamento das restrições imigratórias para que os refugiados judeus entrassem nos Estados Unidos.

“Isso está fora de cogitação”, disse Roosevelt. “Nós temos o sistema de cotas.”

O CORRESPONDENTE DO *MANCHESTER GUARDIAN* escreveu a respeito do espetáculo nos consulados britânico e americano em Berlim. Judeus desesperados vão “implorar visto”, disse. “Eu entendo que nem a Grã-Bretanha nem os Estados Unidos fazem concessões, e para a grande maioria das pessoas que lá se apresentam quase não há esperança de obter aquilo que seria a única possibilidade de voltarem a uma vida normal.” Foi em 15 de novembro de 1938.

RUFUS JONES recebeu Clarence Pickett e outros vinte quacres em casa, em Haverford, Pennsylvania, para planejar socorro aos judeus alemães. Isso no dia 16 de novembro de 1938.

O Jewish Joint Distribution Committee telefonara perguntando se o American Friends Service Committee podia abrir centros de alimentação na Alemanha, coisa que Jones sabia fazer. Ele e Pickett fundaram o Refugee Service Committee e, no dia seguinte, remeteram uma carta a todas as instituições quacres dos Estados Unidos. “Os telegramas da Alemanha indicam que os jornais americanos não exageram a tragédia”, diziam. Os refugiados precisavam de habitação, de dinheiro e das declarações juramentadas prometendo apoio exigidas pelo Departamento de Estado.

UM JORNALISTA perguntou: “Presidente, na terça-feira o senhor deu a entender que não proporá, ou não cogita, diminuir as restrições à imigração para beneficiar os refugiados alemães. De lá para cá, muito se disse na imprensa que, afinal, era isso que se devia fazer. O senhor mudou de ideia?”

“Não”, respondeu Roosevelt. No entanto, acrescentou que os visitantes alemães que já se encontravam nos Estados Unidos com visto temporário podiam ficar. Não seria correto, “do ponto de vista humanitário”, metê-los num navio e mandá-los de volta.

Outro jornalista tornou a perguntar se havia chance de alterar a legislação das cotas.

“Acho que não”, disse o presidente. Foi em 18 de novembro de 1938.

O PRIMEIRO-MINISTRO NEVILLE CHAMBERLAIN fez uma declaração, na Câmara dos Comuns, acerca dos

refugiados judeus. Conversara com Joseph P. Kennedy e com lorde Halifax e tinha novas alternativas a oferecer. Isso no dia 21 de novembro de 1938.

“O governo de Sua Majestade está impressionadíssimo com a urgência do problema”, disse. Diante dos acontecimentos recentes, haviam “reexaminado a situação”. O império britânico, embora extenso em lugares escassamente povoados, não tinha condições de absorver um grande número de refugiados, alegou. Mesmo assim, ele havia perguntado se os governadores de duas colônias — Tanganica e Guiana Inglesa — podiam arrendar terra a organizações de refugiados com a finalidade de colonização em larga escala.

O governador da Guiana Inglesa respondeu que seu país teria uns quatrocentos hectares disponíveis para a colonização de judeus alemães. E o governador de Tanganica — ex-colônia alemã, mas possessão britânica desde a Grande Guerra — ofereceu 20250 hectares na Província Ocidental e no Planalto Austral. “Ele terá prazer em receber uma missão das organizações de refugiados”, disse Chamberlain na Câmara dos Comuns, “e lhe dará prontamente a oportunidade de inspecionar as regiões e formar uma opinião sobre as possibilidades.”

NAQUELE MESMO DIA, no Parlamento, sir Samuel Hoare, secretário do Interior, discutiu a questão de aceitar mais refugiados judeus na própria Inglaterra. Disse que se opunha a uma cota — alguns a achariam muito baixa; outros, muito alta. No seu parecer, era melhor trabalhar com as instituições beneficentes judaicas, quacres e outras, avaliando o mérito de casos individuais.

“Nós somos uma comunidade industrial densamente povoada e, no presente, com um grande número de desempregados.” Havia um clima de suspeita e ansiedade, observou Hoare, no tocante à imigração em larga escala. “É fato — e convém enfrentar abertamente esse fato — que, sob a superfície, trama-se a criação de um movimento francamente antijudaico. Na qualidade de secretário do Interior, eu faço o possível para combater esse tipo de mal.”

O *NEW YORK TIMES* gostou do plano Tanganica de Chamberlain — desde que a colônia nunca mais voltasse ao controle alemão. “Tanganica oferece melhores possibilidades de colonização do que muitos outros territórios mencionados como lugar de assentamento de refugiados alemães”, disse um editorial do *Times*. O clima do Planalto Austral era favorável aos europeus, observou o jornal, e sabia-se da existência de vales cultiváveis. Foi no dia 24 de novembro de 1938.

A revista *Time* opinou que a proposta de Chamberlain era “um sinal eloquente de que, sob o impacto do horror da civilização ante os *pogroms* nazistas, os moinhos da diplomacia finalmente começavam a moer um trigo útil”.

O juiz William Harman Black, da Suprema Corte do estado de Nova York, não se entusiasmou tanto assim. Tanganica era excessivamente quente e excessivamente alemã, disse ele no rádio, e podia ter pestes e moscas tsé-tsés.

O rabino sionista Stephen Wise teve a reação mais extremada contra Tanganica. “Prefiro que meus irmãos judeus morram na Alemanha”, escreveu em carta pessoal a Myron Taylor, “a que vivam

de algum modo, seja qual for, em terras que têm a marca da ocupação alemã do passado.”

GANDHI escreveu um artigo para o *Harijan*, o semanário em língua inglesa editado em Delhi. Isso em 26 de novembro de 1938.

Ele dizia ter recebido perguntas sobre os judeus e os árabes na Palestina e sobre a perseguição dos judeus na Alemanha, e — não sem hesitação — decidira expor seu ponto de vista.

“Eu simpatizo totalmente com os judeus”, escreveu Gandhi. “Se existisse uma guerra justificável em nome da humanidade e pela humanidade, a guerra contra a Alemanha para pôr fim à perseguição cruel de toda uma raça estaria plenamente justificada.” Mas nenhuma guerra era justificável, acreditava ele — unicamente a *satyagraha*, a resistência não violenta; e a própria *satyagraha* só se justificava se as tentativas de negociação tivessem fracassado.

“Se eu fosse judeu nascido na Alemanha e lá ganhasse a vida, proclamaria a Alemanha o meu país, tal como pode fazer o mais nobre gentio alemão, e o desafiaria a me matar ou a me jogar no calabouço”, escreveu. “Eu me recusaria a ser expulso ou a me submeter a tratamento discriminativo.”

Mesmo que os Aliados entrassem em guerra com a Alemanha, disse Gandhi, sua atitude não levaria nenhuma alegria ou força interior para os judeus. A alegria interior provinha da submissão voluntária ao sofrimento.

“A violência calculada de Hitler pode resultar até mesmo num massacre geral dos judeus como primeira resposta à declaração de tais hostilidades”, escreveu.

Quanto à Palestina: “O clamor por uma pátria para os judeus não me atrai”, disse. “É errado e desumano impor os judeus aos árabes.” A Palestina pertencia aos árabes assim como a Inglaterra pertencia aos ingleses, e a França, aos franceses. “Há centenas de modos de argumentar com os árabes, desde que eles” — os judeus — “dispensem a ajuda da baioneta britânica. Do contrário, serão cúmplices dos britânicos no esbulho de um povo que não lhes fez nenhum mal.”

NO CAIS DE HARWICH, na Inglaterra, 196 crianças alemãs refugiadas estavam em fila. Muitas eram órfãs, sem passaporte nem visto — haviam sido autorizadas a entrar no país por disposição de uma lei especial do Parlamento. Algumas traziam brinquedos; umas poucas, violinos. Foi no dia 2 de dezembro de 1938.

RUFUS JONES, professor de Haverford, foi à Alemanha com outros dois homens: Robert Yarnall, um negociante quacre, e George Walton, diretor de um internato quacre. Esperavam conversar com uma autoridade, talvez com Hitler, sobre o sofrimento dos judeus. Antes de partir, Jones escreveu alguns nomes e endereços na agenda, além desta frase: “Nós precisamos da nota da aventura, do heroico e do custoso, não do gorjeio dos pássaros sobre um vulcão”. Ele tinha 75 anos.

Os três embarcaram no *Queen Mary* e iniciaram a travessia do Atlântico. Um jornalista do *Record*

de Filadélfia telefonou para o navio querendo saber o que Jones pretendia fazer na Alemanha. Este respondeu que faria o que estivesse a seu alcance, e isso significava evitar ao máximo a publicidade. O repórter estampou na primeira página um artigo dizendo que os três líderes da Society of Friends iriam “interceder pessoalmente junto ao chanceler Adolf Hitler pelos judeus e os outros grupos minoritários perseguidos na Alemanha”. A visita estava “envolta no maior mistério”, acrescentou solicitamente. Vários outros artigos de jornal foram publicados em Nova York e Londres.

O dr. Goebbels, ministro da Propaganda, leu todos eles e escreveu, em seu jornal, que os “três sábios” estavam chegando. “Vêm nos investigar, pois, na Pennsylvania, falam muito mal dos alemães que aliviam os pobres milionários judeus de um pouco de seu dinheiro fraudulento”, disse. “Não esperem que os levemos a sério.”

RUFUS JONES e seus dois companheiros visitaram o escritório que o Centro Quacre abrira em Berlim para dar assistência aos refugiados judeus e não arianos. Ouviram histórias de Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen. Conversaram com Wilfrid Israel, dono de uma proeminente empresa de decoração de interiores. Israel disse que esperava ser assassinado dentro de dez dias. Falaram com Hjalmar Schacht, que propôs que os Estados Unidos e outros países acolhessem 50 mil refugiados imediatamente. Negociaram com o Intergovernmental Committee, em Londres, para terem certeza de que não estavam interferindo em seus planos de resgate. Na organização judaica central de Berlim, a ex-professora de economia Cora Berliner solicitou grandes campos provisórios nos Estados Unidos, nos quais os judeus ficassem até poderem entrar na cota anual.

Os três homens foram de táxi à sede da Gestapo. Entraram no prédio escoltados por seis camisas-negras de capacete. Percorreram alguns corredores, subiram um lance de escada e entraram numa sala com uma mesa redonda de tampo de vidro e grandes cadeiras modernas. Chegaram a ouvir a voz de Reinhard Heydrich na sala contígua. Apresentaram-se dois homens “de ar severo, de natureza acerada”. Jones entregou-lhes uma declaração já traduzida para o alemão.

O documento dizia que eles vinham averiguar se os quacres americanos podiam fazer alguma coisa para auxiliar; que não tinham nenhum interesse em propaganda; e que sempre haviam se oposto às duras condições do tratado de paz. A declaração também dizia que os quacres haviam dado de comer às crianças alemãs na época do bloqueio, depois da guerra, e que o programa assistencial, quando no auge, chegara a alimentar mais de 1 milhão de bocas por dia. Que, depois da guerra, tinham providenciado carvão para aquecer os hospitais e, ainda, que distribuíram víveres a todas as famílias necessitadas, inclusive as nazistas. “Nós não queremos saber de quem é a culpa dos problemas que porventura existam ou o que produziu a triste situação”, dizia a declaração. “A nossa missão é apoiar e salvar vidas e sofrer com aqueles que estão sofrendo.”

OS DOIS FUNCIONÁRIOS DA GESTAPO — o dr. Erlinger e o dr. Lischka — leram a declaração dos quacres. “Notamos que sua expressão se abrandou”, escreveu Rufus Jones posteriormente, “e

precisava mesmo se abrandar.” Então eles fizeram muitas perguntas. Os quacres e os funcionários da Gestapo discutiram os campos provisórios, a possibilidade de acelerar a emigração com o auxílio do Intergovernmental Committee em Londres e nos Estados Unidos e o socorro por intermédio das instituições judaicas. Os funcionários saíram para conferenciar com Heydrich. Jones, Yarnall e Walton aguardaram 25 minutos em silêncio, de cabeça baixa. Os dois homens retornaram.

“Eu vou telegrafar hoje à noite a todas as delegacias de polícia da Alemanha notificando que os quacres estão plenamente autorizados a investigar o sofrimento dos judeus e a prestar a assistência que acharem necessária”, disse Lischka.

Jones telegrafou um relatório a Pickett na Filadélfia. “O governo alemão está decidido a expulsar os judeus”, escreveu. “Os acontecimentos de 10 de novembro visavam a acelerar esse propósito. Enquanto não se elaborar um plano de emigração rápida, especialmente de gente jovem, as autoridades considerarão o problema não resolvido e é provável que ocorram outros ultrajes, gerando mais sofrimento e injustiça.”

Quando regressaram aos Estados Unidos, Jones contou aos jornalistas que tinham feito algum progresso. Mas falou que, em todos os lugares aos quais tinham ido, os judeus diziam que precisavam sair do país: “Eles pediram: ‘Não ponham a comida e a fome em primeiro lugar. Fome nós aguentamos. Nós aguentamos tudo, mas tirem-nos daqui antes que uma coisa horrenda aconteça’”.

No Friends Center de Berlim, os ativistas descobriram que tinham, temporariamente, mais facilidade para tomar providências legais e financeiras para a emigração de famílias judias. “Essa breve trégua pelo menos significou a diferença entre a vida e a morte para algumas famílias”, escreveu Clarence Pickett.

CHARLES LINDBERGH retornou ao Terceiro Reich para praticar tiro ao alvo com Ernst Udet e tentar convencer Erhard Milch, o ministro da Aeronáutica, a vender motores de avião alemães à França. Isso em 20 de dezembro de 1938.

Ele estava convencido de que, se a França comprasse motores alemães, os dois países passariam a nutrir sentimentos mais amistosos entre si. Milch mostrou interesse, mas disse que precisava da aprovação de Hitler. Quanto à violência recente contra os judeus, garantiu a Lindbergh que Goering e Hitler nada tinham a ver com ela. “Presumo que isso signifique que os responsáveis são Himmler e Goebbels”, escreveu Lindbergh em seu diário.

No trem de volta a Paris, ele refletiu mais sobre o “problema judeu”. “Eu não falei com uma única pessoa que não se envergonhe da ilegalidade e da desordem das últimas manifestações”, escreveu. “Mas tampouco falei com uma única pessoa que não queira que os judeus saiam da Alemanha, por mais que discorde dos métodos agora empregados.”

Disseram-lhe que os judeus eram os responsáveis pelo colapso da Alemanha no pós-guerra. “Num período de inflação, diziam que os judeus tinham obtido a propriedade de grande porcentagem dos imóveis de Berlim e outras cidades — moravam nas melhores residências, viajavam nos melhores automóveis e se envolviam com as alemãs mais bonitas.”

RUFUS JONES E CLARENCE PICKETT foram ao Departamento de Estado para conversar com George Messersmith, o secretário de Estado adjunto. Foi em dezembro de 1938.

Jones e Pickett levaram uma proposta. Tinham visto longas filas à porta dos consulados americanos na Europa — milhares de refugiados aguardavam a tramitação de seu pedido de visto. O Departamento de Estado alegava não ter condições de ampliar o pessoal para fazer frente àquele surto.

“Por isso, eu me propus a recrutar alguns rapazes confiáveis que falavam fluentemente o alemão”, escreveu Pickett, “e providenciar para que lhes pagassem salário e outras despesas quando estivessem trabalhando nas repartições consulares americanas da Europa para ajudar a dar fim àquele impasse.” Mediante apelos nas reuniões do Friends, Pickett já conseguira o alistamento de estudantes voluntários.

Irritado, Messersmith disse que o Departamento de Estado era capaz de cuidar de seus problemas. Se fosse o caso de aumentar o pessoal, solicitaria verba ao Congresso.

“Foi uma entrevista extremamente desagradável e insatisfatória”, escreveu Pickett.

EM DACHAU, WALTER LOEB, um dos 30 mil homens presos depois da Noite dos Cristais, recebeu ordem para se submeter a um exame médico. “Eu não passei”, escreveu ele posteriormente, “porque minhas mãos apresentavam evidentes ulcerações causadas pelo frio, e eles não queriam que o mundo exterior visse cicatrizes ou marcas de maus-tratos (como espancamentos etc.)” Um prisioneiro alemão emprestou-lhe luvas, e, uma semana depois, quando o médico o examinou, ele passou.

A maioria dos “judeus de novembro” foi solta naquele inverno — muitos deles só depois de transferirem seus bens e prometerem emigrar. “Com a onda de frio que começou no domingo”, noticiou o *New York Times*, “houve dezenas de casos de homens cujos membros congelados tiveram de ser amputados.”

Era dezembro de 1938.

GANDHI tornou a escrever sobre Hitler no *Harijan*. Isso no dia 7 de janeiro de 1939.

Até o mais duro metal derrete em contato com calor suficiente, observou; e o mais duro coração há de derreter ante o calor da não violência. “Herr Hitler não é mais que um homem que terá, como os outros, seu tempo limitado sobre a Terra”, prosseguiu. Sem o povo alemão, ele não era nada, e, no fim, o povo alemão seria tocado pela não violência.

“Eu me recuso a acreditar que os alemães, como nação, não tenham coração ou o tenham menos do que as outras nações da terra. Um dia eles se rebelarão contra o seu herói adorado, mesmo que este não desperte a tempo”, disse Gandhi.

LINDBERGH leu a manchete do *Herald Tribune* de Paris: “Lindbergh acusado de fornecer dados da Força Aérea do Reich aos Estados Unidos”. Ele ficou perturbado — a notícia irritaria os alemães? Havia passado adiante o número de aviões, alarmantemente elevado, que os alemães diziam ter — cifras exageradas, como depois se comprovou.

“Se devemos nos armar, há de ser visando a nossa própria força, assim como o homem treina o corpo para se manter em forma e ter saúde”, escreveu o piloto. “O que mais me incomoda é que os nossos povos setentrionais agora estejam rosnando e se armando uns contra os outros.”

Foi em 7 de janeiro de 1939.

OS FASCISTAS BRITÂNICOS revoltaram-se e jogaram bombas fedorentas, protestando contra o Fundo Lorde Baldwin para refugiados. O *Sunday Pictorial* disse: “Toda semana, os refugiados europeus roubam centenas de empregos dos britânicos”. Isso em 15 de janeiro de 1939.

Um grupo britânico chamado National Unemployed Workers Movement preferiu bater em outra tecla: “Os desempregados não são inimigos dos refugiados. Ajude a ambos”.

REINHARD HEYDRICH criou uma nova repartição — o departamento do Reich de Emigração Judaica — a fim de racionalizar e acelerar o ritmo da expulsão extorsiva. Isso em 24 de janeiro de 1939.

Na mesma semana, o *Jüdisches Nachrichtenblatt*, jornal judeu controlado pelo Estado, imprimiu uma esperança: “Se os Estados Unidos aceitarem condicionalmente 100 mil judeus alemães, estes poderão ficar nas regiões escassamente povoadas do oeste do país e dar uma contribuição valiosíssima para a solução do problema da emigração”. O Alasca era outra possibilidade de assentamento judaico, dizia o *Nachrichtenblatt*. O *New York Times* reproduziu essa esperança.

STEPHAN ZWEIG esteve numa agência de viagens de Londres. Cinquenta refugiados a lotavam — judeus na maioria. Um homem grisalho, exausto, disse que achava que o Haiti e a República Dominicana ainda aceitavam inscrições; outro tinha ouvido dizer que Shanghai era uma possibilidade. “Com o visto de trânsito vencido, só lhes restava seguir viagem”, escreveu Zweig, “seguir com mulher e filho rumo a novas estrelas, à língua de um novo mundo, a uma gente que eles não conheciam e que não os queria receber.”

HITLER gesticulava com o dedo em riste na tribuna do Reichstag. Atrás dele achavam-se Hermann Goering, o presidente do Reichstag, e vários notáveis. Atrás de Goering, erguia-se a silhueta enorme de uma águia iluminada de asas abertas e, atrás dela, um drapejado em forma de leque de estilo *boudoir*. À direita e à esquerda da tribuna, duas suásticas. Hitler vestia jaquetão e gravata.

“Hoje eu vou ser profeta uma vez mais”, disse. “Se os financistas judeus internacionais, dentro e fora da Europa, conseguirem mergulhar as nações numa nova guerra mundial, o resultado será não a bolchevização da terra e, portanto, a vitória do judaísmo, e sim o aniquilamento da nação hebraica na Europa!” Ouviram-se clamores e frenéticos aplausos entre os deputados reunidos. Foi no dia 30 de janeiro de 1939.

Ao analisar o discurso pouco depois, a revista *Time* disse não entender por que os jornalistas o classificavam de moderado. Tratava-se, na opinião da *Time*, de “um dos discursos mais sensacionalistas e ameaçadores já feitos por um chefe de Estado”.

FRANKLIN ROOSEVELT convocou o comitê de assuntos militares do Senado para uma reunião secreta. O Senado estava para votar uma lei autorizando a aquisição de aviões para o Corpo de Aviação do Exército. Isso em 31 de janeiro de 1939.

O objetivo da Alemanha era o domínio do mundo, disse Roosevelt aos senadores, assim como o cerco gradual dos Estados Unidos. A França e a Inglaterra constituíam a primeira linha de defesa contra essa ameaça. Hitler era um homem feroz que, aparentemente, se acreditava a própria reencarnação de Júlio César e Jesus Cristo. “O que fazer com uma personalidade dessas?”, indagou o presidente. “Nós o chamaríamos de louco. Mas é inútil chamá-lo de louco porque ele é uma potência e isso nós temos de reconhecer.”

Daí a necessidade de milhares de aviões.

EDITH NOURSE ROGERS, deputada de Massachusetts, e Robert Wagner, senador de Nova York, apresentaram um projeto de lei permitindo a entrada nos Estados Unidos de 20 mil refugiados menores de catorze anos, fora da cota alemã. A Inglaterra pretendia dar autorização especial a 10 mil crianças que, internadas em orfanatos, ficariam sob a custódia de grupos beneficentes judeus, católicos e quacres; o American Friends Service Committee de Clarence Pickett se propôs a supervisionar uma operação semelhante nos Estados Unidos.

“Milhares de famílias americanas já se manifestaram dispostas a acolher refugiados em casa”, disse o senador Wagner. “Eu estou convencido de que, em todo o país, haverá uma reação imediata e entusiástica a essa causa nobre, através da qual o povo americano expressará os seus anseios mais íntimos por liberdade, justiça e paz internacional.” Foi em 9 de fevereiro de 1939.

ELEANOR ROOSEVELT, que calara seu antissemitismo, disse que a aprovação da Lei Wagner-Rogers para crianças refugiadas era “a medida humanitária a ser tomada”. Uma semana depois, perguntou ao marido, que estava num cruzeiro no Caribe, se ela fazia bem em dar apoio total à lei. O presidente Roosevelt respondeu: “Você faz bem em apoiar a lei de crianças refugiadas, mas, quanto a mim, o melhor é não dizer nada até eu voltar”. Quando voltou, ele não disse nada sobre a lei. Foi em fevereiro de 1939.

Dezenas de jornais publicaram editoriais endossando a medida. Foi um gesto modesto, disse o *Herald Tribune* de Nova York, mas muito necessário, “tanto pela quantidade de miséria com que se há de acabar quanto como para explicitar ao mundo de que lado está a compaixão americana”.

O editorial do *New York Times* disse: “Se tivéssemos fronteiras de arame farpado, como alguns países menos afortunados, e vissemos essas crianças, cujos pais morreram ou estão em campos de concentração, nós não vacilaríamos. Basta um pouco de imaginação. Eles nos pedem socorro das trevas em que se encontram”.

O *Times Herald* de Newport News, Virgínia, escreveu: “O clamor da humanidade aflita é universal e não há dúvida de que as leis de Wagner e Rogers serão aprovadas”.

HAVIA MAIS DE 120 MIL pedidos de visto aguardando trâmites no consulado americano em Viena. Isso em março de 1939.

OS ESTRATEGISTAS DA MARINHA norte-americana distribuíram uma nova revisão do seu plano de guerra mais importante, o chamado Plano de Guerra Básico ORANGE. Foi no dia 8 de março de 1939.

Fazia anos que a Marinha elaborava variantes do Plano de Guerra ORANGE; ele ocupava muitas páginas. “A guerra com o ORANGE se desencadeará sem que se note”, dizia o plano secreto; seria “uma guerra ofensiva de longa duração.” A missão nacional do Plano de Guerra ORANGE era:

Impor a vontade dos ESTADOS UNIDOS ao ORANGE mediante a destruição das Forças Armadas do ORANGE e a devastação de sua vida econômica, protegendo, ao mesmo tempo, os interesses AMERICANOS internamente e no exterior.

ORANGE queria dizer Japão.

O UNITED PACIFIST COMMITTEE realizou uma conferência no Labor Temple, na rua 14 Leste, em Nova York. Foi no dia 11 de março de 1939.

O reverendo Abraham J. Muste, líder da Fellowship of Reconciliation, disse: “Quem aceita a ideia da guerra fortalece imediatamente os reacionários deste país”. Dorothy Detzer, secretária-executiva da Women’s International League for Peace and Freedom, exortou os presentes a apoiarem a Emenda Ludlow à Constituição — a que impunha um referendo nacional antes de qualquer declaração de guerra.

Mas o secretário de Estado Cordell Hull já tinha deixado clara a oposição frontal do governo a toda e qualquer lei de referendo da guerra. Semelhante medida infringia a forma representativa de governo, alegou, “que nos foi transmitida num período de 150 anos”.

ERA O DIA DO EXÉRCITO: 8 de abril de 1939. Na Quinta Avenida, em Nova York, 22 mil pessoas foram

assistir à parada de tanques e tropas com os novos fuzis M-1. O governador Lehman discursou: “Estou convencido de que o preparo adequado, longe de ser um incentivo à guerra, é a nossa maior salvaguarda da paz”.

O United Pacifist Committee, dirigido pelo reverendo Muste, promoveu uma pequena contramanifestação, na qual 52 pessoas desfilaram na calçada, levando cartazes e distribuindo panfletos. MASSACRAR NÃO É DEFENDER A LIBERDADE, dizia um cartaz.

O ESCRITOR INGLÊS CHRISTOPHER ISHERWOOD queria a convivência de gente pacífica. Planejou uma viagem à Califórnia, num ônibus da Greyhound, para visitar Gerald Heard e Aldous Huxley, os dois membros mais conhecidos da British Peace Pledge Union. Antes de partirem, ele e um amigo enviaram um questionário pelo correio a outros pacifistas britânicos. Isso em abril de 1939.

Uma das perguntas de Isherwood era: o que um pacifista deveria fazer em tempo de guerra, à parte simplesmente se recusar a combater? Outra indagação: convém abrir todas as portas para o agressor e deixá-lo pegar o que quiser?

Runham Brown respondeu que o pacifista deveria se dedicar ao trabalho beneficente, mas não para o governo. Ante o agressor, convinha praticar a desobediência civil, independentemente das consequências. Rudolf Messel achava que os pacifistas deveriam fazer passeatas e disse esperar que a guerra se transformasse numa revolução. George Lansbury, líder do Partido Trabalhista e membro do Parlamento, concordava com Brown. “O nosso método de resistência passiva nunca foi testado”, escreveu, “mas a guerra foi testada em todos os séculos e fracassou absolutamente.”

Isherwood concordou com George Lansbury.

A ATRIZ HELEN HAYES depôs a favor da Lei Wagner-Rogers para crianças refugiadas. “Eu trago uma única credencial: a de mãe americana”, disse. “Hoje em dia, quando a gente abre o jornal, encontra referências a barcos lotados de refugiados, inclusive crianças, sendo enxotados de um porto a outro porque ninguém os quer. A quem essas crianças hão de recorrer se nações como a nossa não abrirem a porta?” Foi em 20 de abril de 1939.

Clarence declarou: “A criança judia não pode ir à escola nem brincar nos parques. Ouve vidraças partidas a qualquer hora do dia ou da noite quando os desordeiros do bairro resolvem apedrejar a janela”. E prosseguiu:

E, além desse terror e insulto, seus pais perderam os meios de ganhar a vida; sua família foi expulsa de casa e talvez tenha sido colocada num quartinho sem aquecimento; não sabe como vai comer quando tiver vendido o último móvel. Assim é a vida cotidiana das crianças que o atual regime, na Alemanha, optou por deserdar.

CARRIE SIFTON, membro da Daughters of the American Revolution, testemunhou: “O nome do meu pai era Solomon Ginsberg, e ele era judeu polonês. Com toda lealdade a um grande número de membros da D. A. R., eu sinto que devo apoiar essa lei”.

No dia seguinte, Robert Yarnall falou ao comitê de imigração na recente visita de Rufus Jones à Alemanha. Havia em toda a população a sensação de um não-sei-quê “corrosivo e temível”. “A miséria dos judeus era indescritível.”

O problema não ia desaparecer, disse Yarnall ao comitê. “Hitler prometeu uma Alemanha livre de judeus e o Partido Nazista assumiu esse compromisso.” Citou as palavras que ouvira de um funcionário alemão: “Se vocês não tirarem essa gente das nossas mãos, nós vamos pressionar até que o façam”.

HERBERT HOOVER enviou um telegrama favorável à lei dos refugiados: “Nenhum mal, mas tão somente bem, pode acontecer a uma nação em virtude de um ato tão humano”. Pickett leu o telegrama durante as sessões na comissão. A famosa radialista Dorothy Thompson depôs a favor da lei. Não faltou quem chorasse quando o rabino Stephen Wise leu o salmo 46. Pickett disse que os debates haviam levantado uma questão maior: “A questão é se o povo americano perdeu a capacidade de reagir a situações trágicas como esta. Se se constatar que perdemos tal capacidade, significa que grande parte da alma saiu dos Estados Unidos”.

Então começou a oposição. Um membro das Allied Patriotic Societies disse: “Isto é apenas parte de uma manobra para demolir todo o sistema de cotas — de voltar à situação em que éramos inundados por estrangeiros que tentavam orientar o país por linhas diferentes das legadas pelos nossos maiores”.

O coronel John Thomas Taylor, da American Legion, disse: “Se for para aprovar essa lei, não sei por que não trazer 20 milhões de crianças chinesas também”.

Uma pessoa da Widows of War Veterans disse que já havia 7 milhões de comunistas “agindo por dentro”.

Percebendo que a lei dos refugiados estava em dificuldades, Clarence Pickett tentou angariar apoio entre os conservadores. Pediu ajuda a Louis Taber, o porta-voz isolacionista da agricultura.

Republicano de Ohio, Taber atuava no comitê nacional dos escoteiros. Não se enterneceu com o apelo de Pickett. Era perfeitamente possível que o sofrimento pelo qual as crianças refugiadas tinham passado fosse produzido, receava Taber, já que “não faltam mentes distorcidas e pontos de vista econômicos aberrantes capazes de prejudicar o futuro desenvolvimento da nossa democracia”. Em outras palavras, os pequenos judeus emigrados podiam virar bolchevistas quando crescessem.

“Prefiro dar dez dólares para que encontrem lugar para essas crianças em outro país”, escreveu Taber a Pickett, “a dar dez centavos para que as tragam para cá.” Isso em 25 de abril de 1939.

A ATIVISTA HUMANITÁRIA MURIEL LESTER desembarcou na Palestina. “Os espaços inóspitos e áridos que eu vi em 1910 agora florescia como uma rosa”, escreveu. Havia laranjais. Ela viu um porto novo em Tel Aviv. Era o ano de 1939.

Os árabes viviam nas proximidades das colônias judaicas. “As tendas beduínas escondiam as mulheres em casa, e os véus as escondiam quando saíam. Os homens olhavam com repulsa para as

sofisticadas judias de short ou saia justa”, escreveu Lester.

As Forças britânicas ficavam atrás do arame farpado. “Esse tipo de guerra cansa”, disse um soldado a Lester. A gente tem planos de ir ao cinema, contou ele, mas descobre que um amigo desapareceu. “Capturado por um árabe numa das aldeias. Talvez por engano. Foi pego no lugar de um judeu. Mas isso enlouquece a gente.” Uma vez ele saiu com alguns colegas e “fizemos um pouco de violência por conta própria”, relatou a Lester. “Eu me senti bem na ocasião, mas isso não durou muito.”

MURIEL LESTER estava tomando chá na Universidade Hebraica de Jerusalém. A palestra que acabava de ministrar não fora bem recebida. Era o início de 1939.

“A sua antipatia pelo imperialismo inglês não nos agrada”, disse um dos ouvintes.

Não se tratava só do imperialismo inglês, respondeu Lester. “Eu também detesto o japonês e o americano, a crueldade econômica e o orgulho racial.”

“Sim”, disse o interlocutor, “mas o inglês nós conhecemos. É infinitamente preferível a qualquer outro. Queremos a proteção dele.”

“Ele os protegerá a longo prazo?”, perguntou Lester.

O GOVERNO BRITÂNICO promulgou uma nova política para a Palestina. Isso em 17 de maio de 1939. Segundo um documento que passou a ser chamado de Livro Branco, não conviria que os judeus ultrapassassem um terço da população total. Nos cinco anos seguintes, podiam entrar 10 mil judeus anualmente. “Terminado o período de cinco anos, não se permitirá a imigração judaica, a não ser que os árabes da Palestina se disponham a aceitá-la”, dizia o documento.

Os judeus detestaram o Livro Branco. Os árabes também. “Quem conhece a situação atual dos judeus na Europa Central e Oriental não acredita que eles deixem de vir para a sua terra só porque uma lei qualquer diz que isso é ilegal”, declarou David Ben-Gurion, o chefe da Agência Judaica para a Palestina. “Os judeus que tiverem de escolher entre a extinção total e a imigração na Palestina em situação dita ilegal naturalmente não vacilarão um instante para optar.”

Os árabes palestinos detestaram o Livro Branco porque queriam britânicos e judeus fora de seu país.

GANDHI respondeu a uma carta de Hayim Greenberg, o editor do *Jewish Frontier*, um jornal sionista liberal de Nova York. Greenberg observou que, na Alemanha, um Gandhi judeu seria executado em menos de cinco minutos.

“Isso não invalida meus argumentos”, replicou Gandhi. “Posso conceber a necessidade da imolação de centenas, se não de milhares, para saciar a fome dos ditadores.” A disciplina da não violência — *ahimsa* — tinha mais eficácia diante da violência terrível, disse Gandhi. “Os sofredores não precisam ver o resultado em vida.”

Era o dia 22 de maio de 1939.

a “O Führer está aqui!” [N. T.]

O PRIMEIRO-MINISTRO CHAMBERLAIN falou tranquilamente na Câmara dos Comuns. Isso em 31 de março de 1939.

O governo de Sua Majestade acreditava que a negociação livre era a melhor maneira de resolver as divergências, disse Chamberlain; e o governo de Sua Majestade acreditava que não havia questão que não pudesse ser dirimida pacificamente. Nada justificava a força ou a ameaça da força. Mas, caso o governo polonês fosse obrigado a se defender de um ataque, prosseguiu ele, o governo de Sua Majestade ofereceria “todo o apoio possível” ao governo polonês.

Ferdinand Kuhn, a serviço do *New York Times*, ficou estupefato. “O compromisso do sr. Chamberlain foi tão abrangente que desconcertou”, escreveu. Kuhn citou Arthur Greenwood, o líder da bancada trabalhista, que disse que a garantia de Chamberlain da independência polonesa “pode se revelar a afirmação mais momentosa feita nesta Câmara em um quarto de século”.

Józef Beck, ministro de Relações Exteriores da Polônia — o líder que queria mandar os judeus poloneses para Madagascar —, não tardou a retribuir com um compromisso de assistência militar com a Inglaterra.

HAVIA CHEGADO A HORA, ACREDITAVA HITLER, de exigir a Polônia. O segredo era a precondição do sucesso, disse, numa sala repleta de generais. Se a Inglaterra saísse em defesa da Polônia, a Alemanha teria de atacar pela Holanda com a velocidade de um raio. E pela Bélgica. A Alemanha precisava dos campos de pouso dos dois países. Um conflito com a Inglaterra, disse ele, seria uma luta de vida e morte.

Foi no dia 23 de maio de 1939. Os generais de Hitler continuavam pouco dispostos a entrar em guerra.

A Alemanha deve queimar suas pontes!, disse Hitler. Tratava-se da vida de 80 milhões de pessoas. A guerra podia durar dez ou quinze anos. Os ingleses eram “orgulhosos, corajosos, tenazes, firmes na resistência e bons organizadores”. Tinham o amor da aventura e a coragem da raça nórdica, disse. Eram uma potência mundial havia trezentos anos. Mas um ataque-surpresa podia levar a uma decisão rápida. A surpresa era o plano. E o segredo.

A PEDIDO DO SECRETÁRIO DE ESTADO Cordell Hull, a Lockheed parou de vender aviões para o Japão. No entanto, os empregados da Lockheed permaneceram no Japão, montando e testando os aviões que continuavam chegando para atender encomendas anteriores. Isso em maio de 1939.

UM JORNALISTA REFUGIADO CHAMADO MANFRED GEORGE dirigiu-se ao American Writer’s Congress em Nova York. Foi no dia 4 de junho de 1939.

“Nunca na história um país perdeu praticamente todos os poetas, romancistas e ensaístas ao mesmo tempo”, disse. “Em um ano, a Alemanha perdeu a influência indiscutível que seus famosos pensadores e escritores exerciam sobre o mundo inteiro. Foi uma espécie de morte — o corpo ficou

onde estava, a alma se dispersou pelo mundo afora.”

O ESPIÃO INGLÊS FREDERICK WINTERBOTHAM comprou um avião Lockheed 14 Super Electra com cabine aquecida e instalou três câmeras Leica sob o assoalho. Contratou um piloto civil australiano para sobrevoar a Alemanha, tirando fotografias de fábricas e aeródromos para que a Royal Air Force listasse e mapeasse alvos. O calor da cabine impedia que as lentes da câmera se embaçassem, possibilitando ao piloto voar a grande altitude. Isso no verão de 1939.

A DEPUTADA CAROLINE O'DAY tentou contatar o presidente Roosevelt para saber o que ele achava da lei das crianças refugiadas, que continuava viva na comissão. Foi em 2 de junho de 1939.

O secretário de Roosevelt transmitiu o recado de O'Day. Roosevelt escreveu: “Não Agende Nada, FDR”. Sem seu apoio, a lei e as crianças não tinham a menor chance.

Clarence Pickett escreveu: “Os fatos e a lógica, a eloquência e o fervor me pareciam favoráveis à lei, mas os que a apoiavam se empenharam em vão. A lei nunca saiu da comissão”.

HITLER mandou dois auxiliares — seu médico pessoal, Karl Brandt, e o chefe da Chancelaria do Reich, Philip Bouhler — criarem um mecanismo para registrar as crianças nascidas com espinha bífida, retardo, malformações encefálicas e outros problemas congênitos. Os formulários de registro foram distribuídos nos hospitais. Uma vez preenchidos, eram encaminhados à rua Tiergarten, 4, em Berlim, onde se situava o gabinete de Bouhler. A casa, que não tardou a ficar conhecida como a sede do programa T-4, tinha sido confiscada pelo governo a um proprietário judeu. Era o verão de 1939.

NOVE EDITORES E PROPRIETÁRIOS DE JORNAL desembarcaram do *Yankee Clipper* em Nova York após uma viagem à Inglaterra. Aguardava-os um repórter da revista *Life*. Os viajantes tinham conversado com gente poderosa — inclusive lorde Beaverbrook, dono do *Daily Express*, e Neville Chamberlain, o primeiro-ministro — e estavam aliviados. “A sua previsão virtualmente unânime”, segundo a revista *Life*, é a de que “este ano não haverá guerra.” Isso no dia 13 de julho de 1939.

CEM BOMBARDEIROS BRITÂNICOS decolaram nos aeródromos ingleses, foram até Bordeaux, na França, e retornaram. Era 19 de julho de 1939. Dias depois, outros cem aviões viajaram até Marselha e voltaram; a seguir, 240 aeronaves foram a Marselha e Bordeaux e regressaram. Até então, nunca tantos bombardeiros tinham voado ao mesmo tempo. A Inglaterra e a Polônia começaram a discutir a possibilidade de “bombardeios vaivém”: decolar na Inglaterra, bombardear a Alemanha e pousar na Polônia, ou partir da Polônia, bombardear a Alemanha e aterrissar na Inglaterra. Um porta-voz do Ministério da Aeronáutica britânico anunciou que Berlim estava “ao alcance de

Londres”.

O primeiro-ministro Neville Chamberlain não queria a Royal Air Force bombardeando a Alemanha nem a Luftwaffe bombardeando a Inglaterra. Queria manter a paz demonstrando uma firme determinação belicosa. Os jornais diziam que ele devia integrar Winston Churchill, o primeiro lorde do Almirantado, ao gabinete. Churchill era um guerreiro muito versado em bombardeio aéreo; que fosse nomeado. Chamberlain não queria nomeá-lo ministro.

O GENERAL EDMUND “TINY” IRONSIDE, inspetor-geral das Forças Britânicas do Ultramar, conversou com Winston Churchill até as cinco horas da madrugada. Isso em 25 de julho de 1939. Ironside acabava de chegar da Polônia, onde visitara centros de treinamento militar e avaliara a disposição bélica das forças polonesas — um jornal alemão chamou essa visita de “conselho de guerra secreto”.

Em seu diário, Ironside anotou algumas ideias acerca de Neville Chamberlain. “Ele é um pacifista de coração”, escreveu. “Não é contra Winston, mas acredita que talvez ainda surja uma oportunidade de evitar a guerra e acha que Winston pode ter tanta força no Ministério que o impedirá de agir.”

NEVILLE CHAMBERLAIN escreveu uma carta à irmã, como costumava fazer para organizar as ideias. O povo alemão tinha inveja dos judeus porque estes eram inteligentes. “Sem dúvida, os judeus não são um povo simpático”, completou. “Eu, pessoalmente, não gosto deles; mas isso não basta para explicar o *pogrom*.” Foi no dia 30 de julho de 1939.

O PRESIDENTE ROOSEVELT queria que o mundo soubesse como a aviação norte-americana era poderosa. Um B-17 Flying Fortress novo em folha voou sem escala de Burbank, na Califórnia, a Floyd Bennett Field, no Brooklyn. O *New York Times* publicou uma fotografia do avião com a legenda: “Gigantesco bombardeiro americano atravessa o continente em menos de dez horas”. Isso em 1º de agosto de 1939.

No dia seguinte, a um sinal do presidente, 1500 aviões militares decolaram em bases aéreas de todo o país. Passaram algum tempo voando e então pousaram.

ADOLF HITLER convidou os comandantes militares ao seu refúgio nas montanhas. Foi no dia 22 de agosto de 1939. Goering, o chefe de cerimônias, apresentou-se de calça curta, coturnos, adaga à cinta numa bainha vermelha e casaco verde com botões de couro amarelo. Hitler, vestindo o costumeiro pardo nazista, estava postado junto ao piano de cauda, sobre o qual havia um busto de Richard Wagner.

“Eu os convoquei para apresentar um quadro da situação política”, disse o Führer. “Quero que os senhores compreendam claramente os elementos individuais nos quais baseei a minha decisão de

agir, a fim de fortalecer a sua confiança.” Havia chegado a hora de invadir a Polônia, afirmou. A guerra era inevitável, e ele era o homem que levaria o país a ela. Nunca mais haveria um homem com tanta autoridade. Ele não ia viver eternamente. Podia ser eliminado a qualquer momento “por um criminoso ou um idiota”. A Alemanha tinha de atacar para não ser destruída. “Só podemos aguentar mais alguns anos”, prosseguiu. O ataque implicava riscos, sim. Mas a Inglaterra ainda não estava preparada para a guerra. Tinha apenas 150 canhões antiaéreos. Não estava realmente disposta a defender a Polônia, nem mesmo a lhe emprestar dinheiro. E agora que a Alemanha estava negociando um pacto com Stálin, não havia por que se preocupar com um bloqueio inglês. “Os nossos inimigos são *kleine Würmchen*”, disse Hitler. “Eu os vi em Munique.” *Kleine Würmchen* significa “pequenos vermes”.

Goering agradeceu a Hitler e disse que as Forças Armadas cumpririam seu dever. Fizeram uma pausa para comer no terraço.

Mas os comandantes não estavam convencidos. Hitler voltou a tomar a palavra. Nada de recuar, disse. A paz não nos interessa. “Uma atitude viril.” O objetivo era a destruição, o aniquilamento total da Polônia. Primeiro da Polônia, depois das potências ocidentais. “Fechem o coração para a piedade”, disse. “Ajam com brutalidade.”

Ninguém disse não. Eles voltaram aos respectivos postos, guardando as dúvidas para si. Um general achou repulsiva a fanfarrice do discurso de Hitler: “Falou um homem que perdeu todo senso de responsabilidade e toda concepção clara do que significa uma guerra vitoriosa”, escreveu. Em sua opinião, Hitler estava disposto “a dar um salto no escuro”.

HITLER não estava bem — seus generais chegaram a pensar que tivesse sofrido uma espécie de colapso mental. Isso no fim de agosto de 1939. O presidente Roosevelt lhe havia escrito um apelo: “Incontáveis vidas humanas ainda podem ser salvas”, dizia, se a Alemanha e a Polônia simplesmente aceitassem um “entendimento pacífico”. Em Londres, o rico sueco Birger Dahlerus — diretor administrativo da subsidiária britânica da Electrolux — enviou uma mensagem de última hora ao amigo Goering, dizendo que a Grã-Bretanha queria achar o caminho da paz. Goering acordou Hitler, que recebeu Dahlerus. Hitler andava de um lado para outro, falando atropeladamente, de um modo que, a Dahlerus, pareceu “anormal”. Umas vezes ficava com o olhar parado; outras vezes dava a impressão de estar discursando num comício. “Vou construir submarinos, construir submarinos, construir submarinos”, repetia. “Vou fabricar aeronaves, fabricar aeronaves, fabricar aeronaves, e vou destruir meus inimigos.” Depois ele se acalmou. Com a ajuda de Dahlerus, elaborou uma proposta pela qual a Alemanha obtinha alguma coisa, a Polônia obtinha alguma coisa, e a Alemanha “prometia solenemente defender o império britânico”.

A Inglaterra não se interessou. Dahlerus era “uma vespa no piquenique”, escreveu em seu diário o subsecretário permanente Alexander Cadogan. “Passou a maior parte de terça-feira com Goering e Hitler, mas seus ‘termos’ eram os esperados: dê-nos sinal verde na Europa Central e Oriental e nós garantimos o império britânico.”

Entretanto, outro intermediário, Neville Henderson, foi negociar para evitar a guerra. Hitler

gritou com Henderson; Henderson gritou com Hitler. No dia 29 de agosto, um assessor do Führer o achou “anormalmente tenso, nervoso e ríspido”.

VICTOR KLEMPERER, um professor aposentado de Dresden, estava tentando avançar em sua autobiografia. Era o dia 29 de agosto de 1939.

Klemperer queria escrever sobre seus estudos em Paris, na Sorbonne, em 1903, mas não conseguia. “Os últimos dias deixaram e continuam deixando meus nervos em pandarecos”, relatou. Haveria um *pogrom* sangrento quando a guerra estourasse? “Um perigo incalculável para todos os judeus aqui”, sentia. Seu amigo Moral, de Berlim, acabava de visitá-lo. “Ele espera a deflagração da guerra e, nesse caso, ser fuzilado, talvez não num *pogrom* feroz, mas criteriosamente colocado diante do muro de um quartel.”

NINGUÉM SABIA o que Hitler pretendia fazer. Segundo um informante do *Herald Tribune* de Nova York, ele continuava em solitária meditação desde a partida de Neville Henderson. “Passou quase duas horas absolutamente sozinho, decidindo o rumo a tomar”, escreveu o jornalista. “Os homens de seu séquito estão quase esgotados”, disse o informante. “Noite após noite, desde que chegou à Chancelaria, há exatamente uma semana, Hitler tem trabalhado até as quatro horas da madrugada.”

ULRICH VON HASSELL, ex-embaixador alemão na Itália, escreveu: “Do meu ponto de vista, o mais vital é evitar uma guerra mundial”. Foi em 31 de agosto de 1939.

Na opinião de Von Hassell, Hitler e Ribbentrop, o ministro de Relações Exteriores, haviam chegado a um estado de “temeridade criminosa”. Tinham verdadeira fixação pela devolução de Dantzig — a cidade portuária arrebatada à Alemanha e anexada à Polônia em consequência do Tratado de Versalhes. “Será que vamos nos precipitar no abismo por causa de dois loucos?”, perguntou.

A fim de dirimir mal-entendidos e impedir a ruptura entre as partes, Von Hassell empreendeu um derradeiro ciclo de telefonemas e visitas — à irmã de Goering, a Goering, a Neville Henderson, ao secretário do Ministério de Relações Exteriores Ernest von Weizsäcker, uma vez mais a Henderson e, depois, a Bernardo Attolico, o embaixador italiano. Houve um momento em que tudo pareceu depender de fazer que o embaixador polonês, Josef Lipski, dialogasse com Ribbentrop. Mas, à tarde, quando o diplomata finalmente aquiesceu, o lado alemão se recusou a recebê-lo.

Attolico telefonou para o conde Galeazzo Ciano, genro de Mussolini, para dizer que a situação era desesperadora. Sem uma nova *démarche*, a guerra seria inevitável. Ciano ligou para lorde Halifax, perguntando se não era possível devolver Dantzig aos alemães. Halifax consultou o gabinete e retornou a ligação a Ciano para dizer que não. “O céu está escurecendo cada vez mais”, escreveu o italiano.

William Shirer, correspondente da CBS em Berlim, ficou intrigado. “Todo mundo contra a guerra”, escreveu em seu diário. “Como uma nação pode entrar numa guerra importante com a população tão decididamente contra ela?”

ALGUNS HOMENS DA SS DE HIMMLER, disfarçados de guerrilheiros poloneses, invadiram uma estação de rádio alemã na cidade fronteiriça de Gleiwitz. Prenderam os empregados no porão e interromperam a programação para dizer coisas subversivas em polonês enquanto disparavam as armas. Para dar autenticidade ao episódio, lá deixaram alguns cadáveres. Portanto, a Alemanha tinha sido atacada.

“Para dar fim a essas provocações insanas, daqui por diante não me resta senão opor força à força”, disse Hitler ao Exército.

Goering declarou: “Hoje a Força Aérea alemã está pronta para executar qualquer ordem do Führer”. E este ordenou que mil aviões entrassem na Polônia. Bombardeiros de mergulho sobre Dantzig. Foi no dia 1º de setembro de 1939.

William Bullit, o embaixador americano na França, telefonou para o presidente Roosevelt, contando que as cidades polonesas estavam sendo atacadas. Ao consultar o relógio e notar que eram quase três horas da madrugada, Roosevelt teve a estranha sensação de já haver passado por aquilo. Lembrou-se do seu tempo de secretário adjunto da Marinha no governo do presidente Wilson — aqueles telefonemas urgentes que chegavam ao seu criado-mudo. “Eu já tinha passado de fato por aquilo”, percebeu. “Não chegou a ser estranho para mim; foi como retomar uma rotina interrompida.”

O FAMOSO ESCRITOR STEFAN ZWEIG estava no cartório de Bath, na Inglaterra, preparando a papelada para se casar em segundas núpcias. Um funcionário irrompeu na sala. “Os alemães invadiram a Polônia”, disse. “É a guerra!”

Zweig ponderou: “Não necessariamente”.

O homem discordou: “Nós estamos fartos! Não podemos deixá-los fazer isso de seis em seis meses! Temos de dar um basta!”.

ROOSEVELT enviou uma carta de dois parágrafos aos governos da Alemanha, da Polônia, da Itália, da França e da Inglaterra. Isso no dia 1º de setembro de 1939.

O impiedoso bombardeio aéreo de civis em centros populacionais não fortificados durante as hostilidades que têm devastado várias partes da Terra nos últimos anos, ferindo e matando milhares de homens, mulheres e crianças indefesos, causa repulsa ao coração de todos os homens civilizados e choca profundamente a consciência da humanidade.

O recurso a essa forma de barbárie perversa durante a trágica conflagração com a qual o mundo agora se confronta custará a vida de centenas de milhares de seres humanos inocentes que não têm responsabilidade pelas hostilidades que ora eclodem e delas não participam nem remotamente. Por isso, eu dirijo este apelo urgente a todos os governos que porventura estiverem envolvidos em tais hostilidades para que afirmem publicamente a determinação de que suas Forças Armadas não empreendam, em caso nenhum e

em nenhuma circunstância, o bombardeio aéreo de populações civis ou de cidades não fortificadas, entendendo que as mesmas regras de guerra serão escrupulosamente observadas por todos os seus adversários.

Roosevelt exigia resposta imediata.

AS CRIANÇAS TIVERAM DE PARTIR: questão de segurança. “No populoso East End de Londres, no coração do bairro judeu, o correspondente viu 180 crianças de olhos sonolentos, entre três e treze anos de idade, se agruparem na escola da rua Myrdle para a evacuação”, escreveu o *Herald Tribune*. Cada uma recebia uma máscara de gás, roupa e comida, e levava pendurado ao pescoço um cartão com o endereço. Os pais e avós estavam presentes para a triste despedida. “Entre as crianças, havia uma menina de seis anos que falava inglês. Chegou ontem a Londres como refugiada da Alemanha e, doze horas depois, foi obrigada a se mudar novamente”, disse o jornal.

Herbert Morrison, chefe do comitê de precauções contra ataque aéreo, recomendou: “Guardem os problemas na mala velha e sorriam, sorriam, sorriam”.

Foi em 1º de setembro de 1939.

NA ÓPERA KROLL, onde o Reichstag se reuniu às dez horas da manhã, Hitler fez um discurso de guerra — ou melhor, um discurso de guerra suicida. Começou por denunciar o Tratado de Versalhes, que agora se tornara “sumamente intolerável”. “Dantzig era e é uma cidade alemã!”, disse. A Alemanha estava sendo atacada pela Polônia: “A partir das 5h45, nós passamos a responder ao fogo! Quem transgredir as regras da guerra humana só pode esperar que nós façamos o mesmo”.

Ele estava disposto a fazer um sacrifício extremo pela Alemanha, disse aos deputados. A voz lhe saiu esquisita. Se algo lhe acontecesse, Goering o sucederia; e se algo acontecesse a Goering, Rudolf Hess assumiria. Se Hess morresse, neste caso, o Senado trataria de escolher a pessoa certa. Ele, o Führer, não desistiria nunca. Frederico, o Grande, enfrentara uma forte aliança de nações. Triunfara sobre elas porque tivera fé.

Foi um discurso fraco, escreveu Ulrich von Hassell. Joe Barnes, correspondente do *Herald Tribune*, reparou na multidão “surpreendentemente pequena” que aguardava para ver Hitler retornar à Chancelaria. “Os jovens alemães gritaram: ‘Sieg Heil!’”, escreveu Barnes. “Os demais ficaram calados e inexpressivos.”

Depois do discurso, Hitler teve outro encontro com Dahlerus. Prometeu que ia aniquilar os poloneses, mas continuava disposto a negociar com os britânicos caso eles quisessem. O hábito do ditador fez Dahlerus recuar um passo.

“Ao anoitecer”, escreveu Joe Barnes em Berlim, “as sirenes de ataque aéreo começaram a tocar: um longo e plangente gemido inventado especialmente para o fim do mundo. Todos correram para os abrigos feito formigas cujo formigueiro foi pisoteado por descuido.” Mas não apareceu nenhum avião.

Os aviões acabariam chegando, pensou William Shirer — e, quando chegassem, ele ia “ficar na

desagradabilíssima situação de desejar que bombardeiem esta cidade inteira sem me atingir”.

Era o dia 1º de setembro de 1939.

CHRISTOPHER ISHERWOOD estava na sala escutando rádio com o amigo Vernon. “Era como se nenhum dos dois estivesse presente. A sala parecia absolutamente vazia — sem nada além da voz do locutor. Sem medo, sem desespero, sem sensação alguma. Só o vazio.”

A INGLATERRA E A FRANÇA responderam ao apelo de Roosevelt quanto aos bombardeios. Isso em 2 de setembro de 1939. Prometeram “conduzir as hostilidades com o firme desejo de poupar a população civil e preservar, de todos os modos possíveis, os monumentos de realização humana entesourados nos países civilizados”, dizia a declaração conjunta.

Mas havia um senão. Se a Alemanha bombardeasse civis ou destruísse o patrimônio cultural, o trato estava cancelado. Nesse caso, a Inglaterra e a França empreenderiam “todas as ações que considerassem adequadas”.

Hitler escreveu a Roosevelt: “Concordo com a sua proposta — obviamente, desde que o inimigo acate as mesmas normas”.

NAQUELE DIA, ao largo de Tel Aviv, mais de mil refugiados judeus estavam tentando desembarcar. Haviam chegado num navio velho, o *Tiger Hill*. Uma lancha da patrulha britânica, impondo a proibição do Livro Branco, disparou nos refugiados para obrigá-los a retroceder. Dois foram mortos. Quanto ao resto, alguns alcançaram a terra e se fundiram com a população judia, enquanto outros foram parar num campo de detenção britânico.

NEVILLE CHAMBERLAIN declarou na Câmara dos Comuns que a Inglaterra estava oficialmente em guerra com a Alemanha. “É um dia triste para todos nós, mas para ninguém é mais triste do que para mim”, disse. “Tudo pelo que eu trabalhei, tudo que esperei, tudo em que acreditei durante a minha vida pública desmoronou em ruínas.” Foi no dia 3 de setembro de 1939.

Churchill, que o ouvia, não ficou nada triste. Teve, escreveu ele posteriormente, uma sensação de exaltada serenidade e um grande distanciamento dos assuntos humanos. “A glória da velha Inglaterra, pacífica e mal preparada que estava, mas alerta e destemida ante o chamado da honra, emocionou o meu ser e pareceu alçar o nosso destino às esferas mais afastadas dos fatos terrenos e da sensação física”, disse.

Em Berlim, um grupo de ouvintes aglomerados junto aos alto-falantes da Wilhelmplatz recebeu a notícia em silêncio. “Não se ouvia um murmúrio”, escreveu William Shirer. “Lá ficaram tal como antes. Atordoados.” Foi um dia bonito, ensolarado — o do início da Segunda Guerra Mundial.

A revista *Life* disse: “Começou o segundo Armagedon”.

O PARLAMENTAR CONSERVADOR DUNCAN SANDYS escreveu uma longa carta de felicitações ao sogro, Winston Churchill, que voltara a ser o lorde do Almirantado. Gente tacanha, medíocre, afastara Churchill do poder, disse Sandys, e a Europa havia se precipitado numa catástrofe. “Você teria poupado o mundo disto tudo, mas não o deixaram.” Era 3 de setembro de 1939.

Naquela noite, no Almirantado, Churchill instalou-se em sua antiga cadeira. Em um estojo de madeira, achou o mapa do mar do Norte, no qual havia planejado batalhas e bloqueios na guerra anterior. Um aviso chegou à frota britânica: “WINSTON VOLTU”.

OS BRITÂNICOS, tendo se comprometido a não bombardear civis nem o patrimônio cultural, instituíram imediatamente um bloqueio de fome e jogaram ameaçadores panfletos de propaganda. Os alemães afundaram um grande navio de passageiros, o vapor *Athenia*.

Horas depois da declaração de Chamberlain, um navio de guerra britânico, o *Ajax*, patrulhando as águas próximas do Uruguai, interceptou o *Olinda*, um cargueiro alemão que zarpava de Montevideu rumo à linha Hamburgo-América. Os oficiais britânicos mandaram o capitão e a tripulação pegarem suas coisas e saírem em botes salva-vidas. A seguir, dispararam no navio alemão, que ia carregado de grãos e carne enlatada, e o afundaram. Ninguém morreu.

No Atlântico norte, o comandante de submarino Fritz-Julius Lemp recebeu uma ordem: “Não espere ser atacado. Ataque a marinha mercante de acordo com as ordens operacionais”. No crepúsculo, Lemp avistou um navio ao longe e quis destruí-lo. Era muito grande, levava as luzes apagadas, avançava em zigue-zague e parecia ser o inimigo. Ele o alvejou com alguns torpedos.

No *Athenia*, vapor que ia de Liverpool a Montreal com 1400 passageiros apinhados a bordo — canadenses, americanos e refugiados judeus alemães —, houve uma grande explosão. Mais de cem pessoas morreram queimadas, esmagadas ou afogadas.

NAQUELA NOITE, 6 milhões de folhetos foram despejados no norte e no oeste da Alemanha.

AVISO
DA GRÃ-BRETANHA PARA O POVO ALEMÃO

“Com fria deliberação, o governo do Reich obrigou a Grã-Bretanha a entrar em guerra”, diziam os panfletos. “O presidente Roosevelt ofereceu-lhes paz com honra.” O seu governo, pelo contrário, “condenou-os ao massacre, à miséria e às privações de uma guerra que vocês não têm a menor chance de ganhar”. A censura mantinha o espírito do povo alemão aprisionado em um campo de concentração, diziam os impressos. A Alemanha estava à beira da ruína. “Vocês, alemães, têm o direito de exigir a paz a qualquer hora, a qualquer momento. Nós também desejamos a paz e estamos dispostos a fazê-la com qualquer governo alemão honesto e pacífico.” Alguns aviões

erraram o alvo e jogaram os panfletos na Holanda.

O correspondente de guerra norte-americano John Gunther perguntou ao ministro da Informação britânico qual era o conteúdo dos impressos. “Não estamos autorizados a dar informações que possam ser valiosas para o inimigo”, foi a resposta. Gunther observou que milhões de folhetos já tinham caído na Alemanha. O ministro titubeou. “Sim, deve ter sido um engano”, disse.

NO DIA SEGUINTE, OS BRITÂNICOS despacharam 29 aviões numa missão de bombardeio à luz do dia, com tempo ruim. Tinham por alvo navios de guerra alemães nas proximidades da cidade de Wilhelmshaven, no litoral do mar do Norte. “Os nossos aviadores *dizem* ter bombardeado navios em Wilhelmshaven ontem à noite”, escreveu o subsecretário Cadogan. “Mas como eles sabiam que estavam lá?”

A verdade é que algumas bombas destinadas à Alemanha caíram na cidade dinamarquesa de Esbjerg. Uma das bombas atingiu o porto; outra explodiu em um pátio; uma terceira demoliu um prédio de apartamentos; e uma outra, ainda, acertou uma plantação vizinha ao aeroporto. No prédio de apartamentos, uma mulher morreu quando estava preparando o jantar. Quinze pessoas ficaram feridas. Os alemães derrubaram sete aviões.

Na noite seguinte, a Royal Air Force jogou 3 milhões de panfletos de propaganda. E ainda mais na noite seguinte. Diziam: “Não esqueçam que a Inglaterra, quando obrigada a combater, costuma sair vitoriosa. A Inglaterra tem bons nervos e muitos recursos”.

O codinome escolhido para esse bombardeio de folhetos foi Nickel. Arthur Harris, o comandante da RAF, observou que o Nickel dera papel higiênico gratuito aos alemães durante toda a guerra.

Centenas de milhares de folhetos foram jogados na Dinamarca por engano. Os dinamarqueses chegaram a cogitar pintar sua bandeira nos telhados e iluminar a fronteira.

O GOVERNO FRANCÊS começou a prender cidadãos alemães. “Os alemães só podem sair de casa para ir para os campos de concentração”, informou a Associated Press de Paris, “levando víveres para dois dias, talheres e roupa de baixo.” Isso em 6 de setembro de 1939.

Aproximadamente 15 mil alemães foram mandados para campos de concentração franceses nos primeiros dias da guerra, estimou mais tarde um agente humanitário. Dentre eles, cerca de 9 mil eram refugiados judeus, e a maior parte dos restantes era formada por inimigos liberais do regime de Hitler. Como entre eles podia haver espões, sabotadores ou propagandistas, todos foram presos.

O REPÓRTER OTTO TOLISCHUS, do *New York Times*, disse que os alemães estavam “esmagando a Polônia como um ovo quente”. No entanto, Varsóvia resistia. Os alemães panfletaram a cidade, exortando à capitulação, prometendo que os oficiais que se rendessem poderiam conservar a

espada. Os diplomatas saíram precipitadamente durante uma trégua. Como não aparecera nenhuma bandeira branca, a Luftwaffe intensificou sua atividade. As bombas destruíram a lateral de um prédio de apartamentos. Uma camada de dois centímetros de vidro quebrado cobriu as ruas. Escrevendo para o *Herald Tribune*, Sonia Tomara mencionou um morador idoso de um bairro operário. “Perdi minha mulher e dois filhos”, disse ele, chorando. O bombardeio parecia errático, escreveu Tomara. Numa plantação, chegou a contar 21 crateras de bomba.

Em Varsóvia, foram atingidos o castelo Real, a praça da Cidade Velha e a estação ferroviária. “O enorme telhado abriu-se como a casca de um melão maduro”, escreveu um jornalista italiano, “e, lançados ao ar pela explosão, dele saíram fragmentos de ferro e aço, pedaços de locomotivas e vagões.”

O GENERAL HALDER contou a um subordinado, o general Helmuth Groscurth, que Hitler e Goering pretendiam “destruir e eliminar o povo polonês”. Foi o que Groscurth anotou em seu diário no dia 9 de setembro de 1939.

DE PALETÓ BRANCO, HERMANN GOERING estava numa tribuna de estilo clássico montada numa fábrica de munições. A um lado da tribuna cercada de arranjos de flores, havia vários canhões enormes. Diante dele, qual uma bateria antiaérea, uma multidão de operários estendia o braço na saudação hitlerista. Era 9 de setembro de 1939.

“Foi você que nos declarou guerra, senhor Chamberlain, não nós”, disse Goering. A Alemanha “desejava profundamente a paz”, afirmou, mas não abriria mão do Führer, como exigiam os britânicos. “O nosso amor e veneração pelo Führer é coisa que o senhor não pode entender porque não existe no seu país.”

Goering também abordou a questão dos panfletos de propaganda britânicos, os quais chamou de “ridículas folhinhas”. “Pode ser que Chamberlain entenda de guarda-chuvas”, disse, “mas não sabe nada de propaganda alemã.” Na verdade, os folhetos estavam em bom alemão vernáculo. Ele atribuiu sua fluência aos expatriados: os judeus e “outros canalhas”.

O RADIALISTA AMERICANO EDWARD R. MURROW almoçou no Savoy Grill, em Londres. Isso em 9 de setembro de 1939.

Murrow encontrou-se com o diretor-geral do Ministério da Guerra Econômica, sir Frederick Leith Ross. “A função dele é esfomear a Alemanha por todos os meios conhecidos, esfomear a todos, homens, mulheres e crianças”, disse Murrow à sua plateia naquela noite. “Seu ministério é importante. Espera-se que ele faça um bom trabalho.”

O ministro da Guerra Econômica estava incumbido de elaborar a política de bloqueio, mas sua implementação cabia a Winston Churchill, o lorde do Almirantado. “O bloqueio foi imposto com todo o rigor”, escreveu ele posteriormente. “O Almirantado controlava sua execução.”

ALGUMAS PESSOAS começavam a se desiludir com a guerra. Tanto Berlim quanto Londres continuavam intactas; não haviam sido gaseadas. Mollie Panter-Downs, correspondente da *New Yorker* na Inglaterra, escreveu: “No momento, o público se sente como o garotinho que tapou os ouvidos no Quatro de Julho e acabou descobrindo que não houve nenhuma salva de canhões”. Foi em 10 de setembro de 1939.

O CONDE CIANO voltou a tentar uma paz intermediada. Conversou com Percy Loraine, o embaixador britânico na Itália. Loraine enviou um telegrama a lorde Halifax, que este mencionou numa reunião do gabinete de guerra. Churchill, agora membro do gabinete de guerra, pôs fim a tais sondagens negociadoras. “Loraine parece não entender nossa decisão”, escreveu ele a Halifax; o embaixador italiano devia ser estimulado a mostrar uma “disposição mais robusta”. Acontecesse o que acontecesse na Polônia, a Inglaterra levaria a guerra até a vitória. “Se Ciano perceber a nossa determinação inflexível, terá menos inclinação a brincar com a ideia de uma mediação italiana”, disse. Isso no dia 10 de setembro de 1939.

MARY TAYLOR, uma mulher de Liverpool, foi a pé a Londres com um banner, que dizia: PELAS CRIANÇAS DE TODA PARTE, PEÇO AOS HOMENS QUE PAREM COM ESTA GUERRA. Corria o mês de setembro de 1939.

HITLER teve mais um acesso de cólera no dia 19 de setembro de 1939. Os ingleses haviam rejeitado sua assim chamada “ofensiva de paz” — a paz não era possível enquanto ele não desse o fora, disseram —, e os poloneses estavam opondo forte resistência ao seu Exército. Ele tinha planos de fazer um discurso triunfal em Varsóvia, mas Varsóvia ainda não caíra, de modo que só lhe restou falar no Salão da Guilda, em Dantzig, enquanto os canhões troavam em Gdynia. “Eu não tenho exigências de guerra para a Inglaterra nem para a França, tampouco as tem a nação alemã desde que eu assumi o poder”, disse Hitler. “Tenho em mente apenas o grande objetivo de travar uma amizade sincera com o povo britânico.” A Inglaterra estava sacrificando os benefícios da paz por causa de um “punhado de belicistas fanáticos”, concluiu.

Ao sair do salão, ele cruzou com William Shirer; Himmler e o resto da equipe o acompanharam. Não tinham tido tempo de fazer a barba, notou Shirer, e pareciam “um bando de gângsteres de Chicago”.

VICTOR KLEMPERER escutou o discurso de Hitler por um alto-falante. “Em parte, retoricamente muito eficaz”, pensou. Mas apontava para uma guerra prolongada. Todos os livros ingleses tinham

sido retirados de sua biblioteca.

Algo preocupava Klemperer. “Das duas, uma”, ele previu, “ou Hitler conclui uma paz vitoriosa dentro de uma semana — e então nós vamos perecer —, ou a guerra está apenas começando e vai durar muito — nesse caso, nós também vamos perecer.”

HAROLD NICOLSON, secretário da Informação, ouviu Lloyd George, ex-primeiro-ministro da Inglaterra, falar nas chances de a Grã-Bretanha ganhar a guerra. Lloyd George estava “francamente aterrorizado”, escreveu Nicolson em seu diário.

Naquele mesmo dia, Chamberlain fez seu balanço semanal no Parlamento. Nicolson contou dez parlamentares cochilando. “Ele parecia o secretário de uma agência funerária lendo a ata da reunião anterior”, escreveu. Naquela noite, Nicolson e Guy Burgess jantaram no Savoy Grill com o parlamentar conservador Ronald Cartland, que se mostrou muito pessimista. “Ele diz”, escreveu Nicolson, “que nós estamos com pouca munição em todas as armas — que, na verdade, não temos nem Exército, nem Marinha, nem Força Aérea —, e que deveríamos fazer um acordo de paz sem demora.” Era 20 de setembro de 1939.

EM DANTZIG, HITLER disse: “Todas as partes do Reich estão agora completas”. Tornou a fazer uma oferta de paz. William Shirer explicou-a na Rádio CBS:

A paz que Hitler oferece à Grã-Bretanha e à França é mais ou menos assim: parem de lutar — vocês conservam seus impérios —, e nós não os incomodamos. Quanto à Europa Oriental, todos os pequenos países que outrora formavam a Polônia, ora, isso é assunto da Alemanha e da Rússia. Mantenham distância. Nessa base, a paz é possível. Coisa que nós queremos e esperamos que vocês também queiram. Mas, do contrário, se vocês preferirem continuar a guerra, não pensem que nós, alemães, vamos esperar sentados até que o bloqueio nos mate de fome e nos arruíne. Não, nós tomaremos a ofensiva, e a Rússia nos apoiará.

Foi no dia 29 de setembro de 1939.

“Não pode haver paz com Hitler porque não pode haver paz com Hitler”, disse um editorial do *Times* de Londres.

Dois dias depois, o *Völkischer Beobachter* publicou um editorial de primeira página: “O povo quer paz”.

CHRISTOPHER ISHERWOOD escreveu em seu diário que a guerra começara fazia um mês. “A gente imagina a guerra como um fato único, final, absoluto”, disse. “Nada disso. A guerra é uma situação, tal como a paz, com dias bons e dias ruins, estados de espírito de otimismo e de desespero.”

O rádio de Isherwood ficava ligado permanentemente; levava-o à beira da loucura. Ele detestava especialmente os correspondentes europeus transmitindo a cor local: “O céu de Paris está azul. As folhas do Bois começam a se amarelar. Uma cotovia canta sobre Montmartre”. “Isso faz com que eu me sinta como alguns vagabundos devem se sentir quando o Exército da Salvação lhes empurra

hinos junto com a sopa”, disse.

HAROLD NICOLSON conversou, no Carlton Grill, com um requintado aristocrata suíço que conhecera Hitler superficialmente. Isso em 3 de outubro de 1939. O aristocrata, Burckhardt, imitou os gestos do ditador. “Ele diz que Hitler é o homem mais profundamente feminino que ele já viu e que, em certos momentos, fica quase afeminado”, escreveu Nicolson. “Diz que Hitler tem dupla personalidade, sendo a primeira a de um artista delicadíssimo, e a segunda, a de um maníaco homicida.”

Burckhardt contou que certa vez ouvira Hitler dizer: “Para mim, é uma pena não ter conhecido um inglês que falasse alemão bem o suficiente para que eu me sentisse à vontade em sua companhia”.

VARSÓVIA desistiu da luta. Uma igreja foi atingida durante a missa; muitos morreram rezando, disse um locutor de rádio. Um hospital bombardeado “virou sepultura de centenas de soldados, mulheres e crianças feridos”.

Hitler esteve com jornalistas no aeroporto: “Cavalheiros, os senhores viram as ruínas de Varsóvia”, disse. “Que isso sirva de advertência aos políticos de Londres e Paris que ainda pensam em continuar esta guerra.”

Milhões de judeus moravam na Polônia, inclusive muitos de origem russa que tinham sido mandados para além da zona de assentamento durante as perseguições czaristas. “Além da zona de assentamento” significava a Polônia, a Lituânia e a Ucrânia. O Terceiro Reich, fundamentado no ódio ao judeu, quintuplicara sua população judaica.

Iniciaram-se as prisões. Adam Zamenhof, diretor de um hospital judeu, desapareceu. Seu pai era o inventor do esperanto. Adam desenvolvera um método de detectar zonas cegas no campo visual humano.

LLOYD GEORGE discursava na Câmara dos Comuns. Era 3 de outubro de 1939.

“O que se tem publicado na imprensa deixa bem claro”, disse o ex-primeiro-ministro, “que houve uma discussão entre as partes, a Rússia, a Alemanha e a Itália, pormenorizando os termos da paz.” Ele se perguntou se o Parlamento não deveria analisar todas as propostas em sessão secreta; em sua opinião, era importantíssimo evitar uma rejeição precipitada. “Fiquemos atentos ao que fazemos porque estamos entrando numa coisa que envolve toda a vida deste império e todo o futuro do nosso povo.”

A ESCRITORA INGLESA VERA BRITAIN anunciou um boletim semanal intitulado *Carta aos amantes da paz* que ela pretendia escrever. “Quero examinar reiteradamente os slogans populares e as imagens

de ódio por meio dos quais nós plasmamos as emoções uns dos outros”, disse. Citou uma frase do romancista norueguês Johan Bojer, escrita durante a Primeira Guerra Mundial: “Eu fui e semeiei cevada no campo do meu inimigo para que Deus existisse”.

Mil pessoas assinaram o boletim de Brittain. Foi no dia 4 de outubro de 1939.

HITLER falou na rádio ao meio-dia, na Ópera Kroll, para apresentar seu plano de paz com mais detalhes. Queria uma conferência das quatro potências. Estava disposto a devolver parte da Polônia — mas não as partes alemã e russa. Propunha-se a tentar chegar a “uma solução definitiva do problema judeu” mediante a discussão com as demais potências. Mas, se a facção churchilliana prevalecesse na Inglaterra, disse, a Alemanha iria lutar. “No curso da história, nunca houve dois vencedores; geralmente, só perdedores.”

John Colville, o secretário de Chamberlain, comentou a proposta de Hitler em seu diário: “Surpreendentemente, ele não nos ameaçou com a forma mais horrenda de destruição; mas os termos que ofereceu são, como era de se esperar, inaceitáveis a todos, a não ser a certos intelectuais acometidos de senilidade como Bernard Shaw”.

Shaw havia escrito no *New Statesman*: “Que história é essa agora, em nome do diabo, que nós perdemos a Polônia?”. Abolir o hitlerismo, prosseguiu, era um objetivo de guerra tão absurdo quanto abolir o churchillismo. “Embora nós, na nossa determinação de acabar com Herr Hitler, sejamos capazes de matar com facilidade 100 mil alemães totalmente inocentes, homens, mulheres e crianças, no fim, não conseguiremos linchá-lo.”

MILTON MAYER, assessor do reitor da Universidade de Chicago, publicou um artigo no *Saturday Evening Post*. Isso em 7 de outubro de 1939. O artigo se intitulava “Acho que eu estou fora dessa”.

Todos os seus antigos companheiros pacifistas tinham se convertido em intervencionistas radicais, escreveu; ele, pelo contrário, não. “Eu tomo a decisão de me opor a essa guerra — de me opor a ela agora e quando os Estados Unidos nela entrarem”, completou, “e tomo essa decisão apesar do meu horror pelo ‘maníaco de Berchtesgaden’ e a despeito da minha aversão a bancar o mártir dos meus ideais.”

Mayer questionou: afinal, quem era Hitler?

Um homem como qualquer outro, capaz, como qualquer outro, de agir como homem; mas um homem brutalizado, como qualquer outro pode ser, pela guerra, pela miséria da guerra e pela degradação animal da guerra — um homem, em suma, que se comporta como animal.

Não era Hitler que tínhamos de combater, e sim o fascismo; e não podíamos combater o fascismo agindo como animais — só podíamos combatê-lo tentando continuar a ser humanos. “A guerra é, ao mesmo tempo, a essência e a apoteose, o princípio e o triunfo do fascismo”, continuou. “Eu me considero um homem comum e me pergunto o que seria da minha humanidade se eu fosse

recrutado, no dizer de Swift, para matar a sangue-frio tantos da minha espécie, que nunca me ofenderam, quanto me fosse possível.”

Mayer recordou as palavras do presidente Wilson: nós não temos nada contra o povo alemão. “Mas foi no povo alemão que atiramos”, disse Mayer, “e as forças com as quais tínhamos realmente conflito cresceram e se intensificaram, intensificaram-se e cresceram, até florescerem no hitlerismo. E agora nós somos convocados a atirar uma vez mais no povo alemão.”

E disse: “Não me sai da cabeça que, se hoje Hitler ameaça os Estados Unidos, não é porque nós ganhamos a última guerra, e sim porque ele a perdeu”.

JOSEPH GOEBBELS conversou com Hitler, que continuava aguardando uma resposta de Chamberlain. “O Führer ainda não tem uma ideia clara do que a Inglaterra pretende fazer”, escreveu em seu diário. “Em todo caso, cabe aos ingleses decidir se a guerra vai continuar.” Foi em 11 de outubro de 1939.

No dia seguinte, Goebbels leu para Hitler a tradução de um artigo recente de Bernard Shaw. Hitler “chorou de rir”, escreveu ele.

A RESPOSTA DE CHAMBERLAIN finalmente chegou naquele mesmo dia. O chanceler alemão, dizia o britânico — rigidamente postado na Câmara dos Comuns —, exigia que a Inglaterra reconhecesse as conquistas do Reich e ratificasse seus métodos: “É impossível para a Grã-Bretanha aceitar tais bases sem abrir mão da honra e sem abandonar o postulado de que as disputas internacionais devem ser resolvidas pela negociação, não pela força”. Segundo o *Times*, a nova nota desafiadora de Chamberlain suscitou “intensos e demorados aplausos”. Era 12 de outubro de 1939.

George Lansbury, o idoso líder trabalhista dos pacifistas britânicos, tomou a palavra para questionar a rejeição de Chamberlain à proposta de Hitler. Disse que estava tão horrorizado quanto qualquer um com a agressão alemã e a carnificina, mas não podia conceber que mais carnificina desfizesse os horrores já ocorridos. Ele esperava que Roosevelt convocasse uma reunião de cúpula — coisa que o presidente americano não tinha interesse em fazer.

Hitler passou três horas estudando o discurso de Chamberlain e, a seguir, mandou Goebbels chamar a imprensa para um ataque veemente. “Já não é sem tempo”, disse Goebbels. “Não podemos tolerar mais essa insolência.”

VICTOR KLEMPERER foi às compras. “Nas peixarias, confeitarias etc., as mercadorias muitas vezes eram substituídas por retratos do Führer com a bandeira”, escreveu em seu diário. Mas ainda não havia verdadeira escassez como em 1917 e 1918. “Por outro lado, a Inglaterra e a França devem acreditar na perspectiva de uma guerra prolongada, já que a proposta de paz parece ter sido rejeitada.” Isso em 12 de outubro de 1939.

VERA BRITAIN postou sua primeira *Carta aos amantes da paz*. Falava numa carta aberta que ela e outras cinco escritoras tinham enviado recentemente ao primeiro-ministro, pedindo-lhe que não bombardeasse as cidades alemãs. “A intenção explícita do governo de conquistar a simpatia do povo alemão ficaria arruinada com esse terrível expediente”, escreveu ela no boletim. Mesmo que a Alemanha bombardeie cidades inglesas, a Inglaterra deve se recusar a retaliar: “De nada nos serviria se as mulheres e crianças alemãs se juntassem a nós em nossa agonia”. Brittain remeteu cópias da carta a todos os jornais. O *Times*, o *Telegraph* e outros diários importantes não deram a mínima. O *Manchester Guardian* a publicou. O primeiro-ministro Chamberlain escreveu a Brittain dizendo simpatizar com seu propósito. A carta da escritora enfureceu uma leitora: “Não vejo por que poupar as alemãs daquilo que o nosso povo tiver sofrido nas mãos dos seus patrícios homens”. Se a Alemanha bombardeasse a Inglaterra, esta também deveria BOMBARDEAR A ALEMANHA, escreveu ela com maiúsculas.

Foi em 18 de outubro de 1939.

CIRCULOU UMA CARTA no papel timbrado do próprio Hitler aprovando a expansão do programa de *Gnadenort*, “morte de misericórdia”. Era pós-datada de 1º de setembro de 1939, o primeiro dia da guerra. Em setembro e outubro, soldados da Unidade Caveira da SS retiraram os pacientes de um manicômio de Owinska, na Polônia, levaram-nos a um bosque e os fuzilaram. O prédio se transformou em quartel da SS. Outras instituições psiquiátricas foram igualmente evacuadas.

Ao mesmo tempo, boa parte da classe intelectual da Polônia foi gradualmente eliminada. “A gente simples nós queremos poupar”, disse Reinhard Heydrich, “mas os nobres, os padres e os judeus têm de ser mortos.”

ULRICH VON HASSELL, um adversário direitista de Hitler, escreveu em seu diário acerca da guerra na Polônia. Foi no dia 19 de outubro de 1939.

“Eu notei muito desespero nas pessoas bem informadas em Berlim”, dizia. O bombardeio de Varsóvia e as bestialidades antissemitas da SS tinham conspurcado o bom nome da Alemanha. “Quando as pessoas usam o revólver para abater um grupo de judeus levados a uma sinagoga”, escreveu Von Hassell, “o que dá é vergonha.”

No entanto, ele acreditava que aquele governo não podia durar eternamente: “Precisa se transformar, pouco a pouco, num Estado orgânico baseado no império da lei e que funcione sob controle popular”. Um golpe de Estado era a única esperança, pensavam ele e seus companheiros conspiradores. “Mas como?”

O FILÓSOFO CYRIL JOAD, que estava escrevendo um livro intitulado *Viagem pelo espírito da guerra*, teve uma conversa com o amigo pacifista “D.”. Joad perguntou-lhe se achava que Chamberlain devia

ter negociado com Hitler após a oferta de paz. “Sim, claro”, respondeu D.; nunca se deve iniciar uma guerra e, caso seja iniciada, é urgente detê-la. A seguir, enumerou muitos males da guerra: a mutilação física e moral, a intolerância, a mentira pública, a entronização da malta. Citou parte do texto da recusa de Chamberlain — a que dizia que, para a Grã-Bretanha, discutir a paz com Hitler era abrir mão da honra e abandonar o postulado de que as disputas internacionais deviam ser resolvidas pela negociação, não pela força. “Veja, o nosso postulado”, disse D. a Joad, “é que as disputas internacionais não devem ser resolvidas pela força, e nós nos propomos a cumprir esse postulado resolvendo uma disputa internacional pela força. Estamos empregando a força para mostrar que nós não podemos ou, pelo menos, não devemos impor a nossa vontade aos outros pela força.” O que era um contrassenso.

Uma vez iniciada a guerra, disse D., a única coisa a fazer era cessá-la o mais depressa possível. “Consequentemente, eu devo negociar com Hitler.”

Joad argumentou: Ah, mas você não pode negociar com Hitler porque não pode confiar nele — Hitler violaria qualquer acordo se isso o beneficiasse.

“Suponha que você tenha razão”, respondeu D. — suponha que Hitler viole o acordo de paz e a Inglaterra volte a entrar em guerra. O que nós perdemos? “Se o pior vier para o pior, é sempre possível reiniciar a matança.” Mesmo um único dia de paz era um dia de paz. Joad achou que não tinha resposta pronta para isso.

CYRIL JOAD conversou sobre a guerra com outra conhecida, a “sra. C.”, uma conservadora radical. Nada mais natural e inevitável do que a guerra, disse ela. Os alemães não eram humanos — não passavam de uns “debiloides pervertidos”, loiros e brutos.

Joad perguntou-lhe o que ela faria com a Alemanha, e os olhos da mulher brilharam.

“Eu faria uma verdadeira paz cartaginesa”, foi a resposta. “Arrasaria suas cidades, sulcaria o país inteiro e depois salgaria todo o solo; isso exterminaria uma em cada cinco alemãs para que elas parassem de pôr tantos pequenos hunos no mundo.”

Joad já notara que as ideias da sra. C. eram compartilhadas por outros. Pouco antes, havia lido a carta de um leitor do *News Chronicle* de Londres a respeito da Alemanha: “Sinceramente”, dizia, “eu aniquilaria todo ser vivente, homem, mulher e criança, bicho, pássaro e inseto; aliás, não deixaria crescer nem um talo de grama; se dependesse de mim, a Alemanha ficaria mais árida do que o deserto do Saara”.

Quanto mais durasse a guerra, acreditava Joad, mais esse tipo de aberração grassaria. “O sr. Churchill”, escreveu ele, “já estava ressuscitando a designação ‘hunos’.”

UMA NOTA DE UMA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS publicada pelo *New York Times* dizia que 2 mil judeus vienenses estavam a caminho de uma “reserva” nas proximidades de Lublin, na Polônia. “Partiram ontem à noite, a bordo de trens especiais, rumo à morada nova e permanente numa região parecida com uma reserva indígena norte-americana. Entende-se que essa foi a primeira de uma série de

migrações em massa que devem abranger todos os judeus austríacos e talvez alemães.” Foi em 21 de outubro de 1939.

Uma semana depois, conforme a Associated Press, outros 2 mil judeus foram transferidos de Viena a Lublin. O segundo grupo incluía mulheres e jovens com mais de dezesseis anos. A meta, disse o repórter, era uma Viena “livre de judeus” em 1º de março de 1940.

O GENERAL JOHANNES BLASKOWITZ, comandante em chefe do Exército alemão de ocupação na Polônia, começou a elaborar um relatório das atrocidades. Isso em novembro de 1939.

Na verdade, eram dois os exércitos alemães de ocupação na Polônia, um superposto ao outro. Havia o Exército oficial, a Wehrmacht, que travara uma guerra de tipo tradicional com o Exército polonês. E havia o Exército cada vez maior da SS — o império paralelo, purificador da raça, de Himmler e Heydrich.

O general Blaskowitz, do Exército oficial, não era um homem bom nem gentil — havia subjogado a Polônia e considerava os judeus e os poloneses “os nossos aqui-inimigos na esfera oriental” —, mas não acreditava na tortura, na chibata, na pilhagem, no estupro nem na matança de famílias e estava enojado com as histórias que seus homens contavam. As unidades de operações especiais da SS estavam, obviamente, fora de controle.

Blaskowitz enviou o relatório sobre os atos impróprios aos seus superiores em Berlim. Conversou sobre isso com o general Groscurth, que distribuiu amplamente o relatório, e com o tenente-coronel Helmuth Stieff, que posteriormente conspiraria contra Hitler. Stieff escreveu à esposa que nada era tão atroz quanto os assassinatos e saques que grassavam na Polônia. E que ocorriam “com a presumível tolerância dos altos escalões”. Famílias inteiras eram exterminadas “por bárbaros que não mereciam ser chamados de alemães”, dizia. “Tenho vergonha de ser alemão.”

Hitler leu um dos relatórios de Blaskowitz, que falava em “sede de sangue” e na incapacidade de manter a ordem, e disse: não é possível travar uma guerra com o Exército da Salvação.

Apesar da recepção fria em Berlim, Blaskowitz começou a preparar outro dossiê sobre a miséria polonesa e judia. Conservou-o consigo durante algum tempo, sem saber se devia encaminhá-lo diretamente a Hitler ou não. No fim, entregou-o ao seu superior imediato, o general Walther von Brauchitsch. Este chegara a resistir temporariamente a Hitler, mas estava fraquejando — por recomendação de Hitler e com sua ajuda, divorciara-se e se casara com uma nazista furibunda. Brauchitsch arquivou o relatório.

“Todo soldado sente asco e repulsa diante desses crimes”, escreveu Blaskowitz. Eram temíveis as consequências da tolerância franca ante a brutalidade: a depravação ia “se propagar como uma epidemia”. “Com velocidade surpreendente, as personalidades afins e aberrantes se unem, como no caso da Polônia, para soltar as rédeas de seus instintos animais e patológicos.” No fim, disse Blaskowitz, “só a brutalidade reinará”.

O PRIMEIRO-MINISTRO NEVILLE CHAMBERLAIN tornou a escrever à irmã. Hitler simplesmente tinha de

sumir para que houvesse alguma possibilidade de paz. “Ele precisa morrer, ir para Santa Helena ou virar um arquiteto de obras públicas, de preferência no hospício”, dizia. “Seu séquito também precisa sumir, com a possível exceção de Goering, que pode vir a ocupar um cargo ornamental num governo de transição.” Foi em 5 de novembro de 1939.

UM HOMEM CHAMADO ELSER montou uma bomba-relógio com dinamite roubada da pedreira em que trabalhava. Escavou um lugar para a bomba num pilar da cervejaria Burgerbrau, em Munique, e acertou o timer para o dia 8 de novembro de 1939, data em que Hitler lá discursaria. Encostou o ouvido na coluna. Sim, ouviu muito bem o tique-taque. Tomou o trem e foi para a Suíça.

A bomba explodiu, matando oito pessoas e ferindo muitas outras. Hitler tinha saído dez minutos antes. O *Völkischer Beobachter* proclamou “a miraculosa salvação do Führer”.

GOERING deu uma entrevista coletiva em novembro de 1939. Um jornalista perguntou por que a Luftwaffe atacava os navios, mas não os portos britânicos. “Os navios de guerra são mais importantes”, foi a resposta. “À parte isso, são um ótimo exercício.”

Perguntaram se ele pretendia levar a *Blitzkrieg* à Grã-Bretanha.

“Nós somos humanos”, disse Goering. Os repórteres acharam graça. Ele reagiu: “Estou falando a sério. Estou mesmo”.

E continuaria sendo humano?

“Isso depende dos outros. E também não estou brincando agora.”

VERA BRITAIN postou um boletim descrevendo os acessos de raiva fanática de Hitler. Os psiquiatras tinham alguma experiência com essa variedade de doença mental, observou. “Dentre os muitos métodos desenvolvidos para tratá-la, a violência recíproca geralmente é considerada a menos indicada.”

Isso no dia 23 de novembro de 1939.

VICTOR KLEMPERER escreveu: “A falta de comida está me dando nos nervos”. Mas ele duvidava que o bloqueio britânico fosse conclusivo: “O estado de coisas — fogo leve e fustigante no Ocidente geralmente tranquilo — ainda pode e com certeza há de se arrastar durante anos, e é tão difícil conceber como a Inglaterra vai lidar com Hitler quanto como Hitler vai lidar com a Inglaterra”. Era 29 de novembro de 1939.

GOERING estava irritadíssimo com o bloqueio de fome britânico, e resolveu atacar Londres. Seus planos estavam prontos, contou aos jornalistas — os alemães tinham passado um bom tempo

fotografando os preparativos de guerra da Inglaterra. “Basta uma ordem do Führer”, disse, “para que eles levem seu carregamento de bombas em vez de um insignificante carregamento de câmeras.” Seria um ataque “que o mundo nunca viu igual”. Foi em 30 de dezembro de 1939.

A JEWISH TELEGRAPHIC AGENCY preparou um relatório sobre os judeus poloneses em Lublin; foi publicado em Nova York pelo *Herald Tribune*. “Fazia mais de três meses que os judeus da cidade eram alvo de *pogroms*, pilhagem sistemática, tortura e expulsão”, dizia o texto. O Yeshiva Chachmei, colégio religioso judaico de Lublin, tinha se transformado num “quartel das SA nazistas e numa câmara de tortura”.

No entanto, a deportação de judeus para Lublin tinha sido suspensa, “supostamente em razão de sérias divergências quanto à questão entre a Gestapo (serviço secreto) alemã e as autoridades militares”, noticiou o *Herald Tribune*. As deportações deviam recomeçar em breve: “Sabe-se, por fontes fidedignas, que a Gestapo conseguiu se impor na controvérsia”.

Outro cabograma publicado pelo *Herald Tribune* descrevia os vagões cargueiros repletos de judeus deportados. “Os vagões são herméticos, não têm aquecimento, nem janelas, nem comida. Num deles, aberto numa estação de Varsóvia, encontraram oito crianças mortas de frio e fome”, dizia o despacho. “Tamanho é o medo que sentem os judeus de Lodz desses vagões herméticos que milhares fugiram da cidade a pé.”

A entidade beneficente United Jewish Appeal for Refugees and Overseas Needs anunciou que, além do seu esforço pelos judeus, a instituição doaria 250 mil dólares para auxiliar refugiados de outras confissões. A metade do dinheiro seria entregue ao papa para socorrer os católicos; a outra metade, às agências protestantes.

Isso em 2 de janeiro de 1940.

O SECRETÁRIO DO TESOUREIRO HENRY MORGENTHAU JR. obteve autorização do presidente Roosevelt para desviar para a França 25 caças P-40 novos. Foi em janeiro de 1940. “Eu fiz um passe de mágica para vocês”, disse Morgenthau a um dos franceses. “Tirei 25 aviões da cartola.”

CHRISTOPHER ISHERWOOD, que estava escrevendo um roteiro para a MGM, foi a um comício da Hollywood Antiwar League. Não gostou da desonestidade e do interesse próprio na argumentação dos pacifistas. Um dos oradores, um roteirista chamado Dudley Nichols, anunciou que era militante pacifista; declarou-se disposto a trocar socos com qualquer um que quisesse que os Estados Unidos entrassem na guerra.

Na opinião de Isherwood, a agitação pacifista não levaria a nada se não se baseasse em uma condenação genuína da violência. “Como toda essa gente teme a postura puramente moral contra a matança!”, escreveu em seu diário. Foi em 16 de janeiro de 1940.

CHEGOU ÀS LIVRARIAS a nova “Edição de Guerra de 1940” do best-seller de John Gunther *Inside Europe* [A Europa por dentro], publicado pela Harper and Row. Isso em janeiro de 1940.

Hitler não andava bem fisicamente, dizia Gunther; pensava muito na morte. Em sua opinião, o ditador vinha engordando nos últimos anos — “é o que mostram o pescoço e a barriga” —, e sua saudação estava notoriamente frouxa. Quanto à atitude para com as mulheres, disse o que segue: “Do ponto de vista sexual, ele não tem o menor interesse por elas”, explicava o autor. “Tampouco é homossexual, como tantos acreditam.” Depois de uma investigação cuidadosa, os jornalistas concluíram que Hitler era virgem.

Inside Europe também trazia uma seção dedicada a Winston Churchill. Este tinha olhos muito claros, muito azuis, escreveu Gunther; parecia dez anos mais moço do que era. “Durante anos — não agora — deu a impressão de estar sempre do lado errado das grandes questões sociais.” Opusera-se ao direito de voto à mulher; opusera-se ao socialismo moderado do Partido Trabalhista; opusera-se ao governo democrático na Índia; e — desastrosamente — invadira a Rússia, em 1919, a fim de salvá-la do bolchevismo. Na infância, possuía 1500 soldadinhos de chumbo; em certa ocasião, saltou de uma ponte e passou meses convalescendo. “Às vezes, quando se examinam suas principais ideias políticas”, prosseguiu Gunther, “sente-se que são ideias de um garoto incrivelmente talentoso, teimoso e mal-educado.”

Não obstante, Churchill era um homem imaginativo e sensato, acreditava o escritor: participara da criação do tanque de guerra e tinha advogado com sucesso pela remilitarização da Grã-Bretanha.

Havia mais uma coisa nele: “De qualquer lado da última guerra, é o único funcionário ou líder do primeiro escalão que hoje sobrevive e ocupa um cargo importante”.

HAROLD NICOLSON jantou no Carlton Club com alguns parlamentares e um homem do Ministério da Aeronáutica. Foi em 17 de janeiro de 1940.

O homem do Ministério da Aeronáutica contou aos demais que o gabinete de Chamberlain havia proibido o bombardeio da Alemanha. “O grupo considera a situação gravíssima”, escreveu Nicolson em seu diário.

Ele soube da existência de uma facção, no gabinete de guerra, que estava negociando com o ex-chanceler alemão Heinrich Brüning. O objetivo era selar a paz com o alto comando alemão desde que este se dispusesse a “eliminar” Hitler. “Nós discutimos os meios pelos quais tal intriga pode ser contra-arrestada”, escreveu Nicolson.

CIRCULARAM EM LONDRES UNS VERSOS pejorativos sobre o fato de Auden e Isherwood terem fugido de Londres durante a última guerra:

Os paladinos da esquerda literária de outrora

Debalde vão procurar Auden ou Isherwood agora.

Isherwood ficou ofendido. “Eu tenho medo de ser bombardeado? Claro que sim. Todo mundo tem”, escreveu em seu diário. Mas não era por isso que estava nos Estados Unidos. “Se há uma coisa que eu receio”, disse, “é a atmosfera da guerra, o poder que ela confere a todas as coisas que detesto: os jornais, os políticos, os puritanos, os monitores de escoteiros, as implacáveis solteironas de meia-idade.” Isherwood disse ainda que tinha horror à atividade da oposição: “Temo ficar reduzido a um macaco falador e colérico, pagando com ódio, e aos berros, o ódio deles”. Por isso tinha ido embora. Era o dia 20 de janeiro de 1940.

O DR. NAHUM GOLDMANN, do World Jewish Congress, fez um discurso em Chicago. “Se a guerra na Europa durar mais um ano”, disse, “1 milhão dos 2 milhões de judeus da Polônia morrerão de fome ou serão assassinados pelos algozes nazistas.” Isso em 21 de janeiro de 1940.

WINSTON CHURCHILL falou no Free Trade Hall de Manchester no dia 27 de janeiro de 1940. Disse que uma pergunta não lhe saía da cabeça: por que a Inglaterra ainda não tinha sido atacada por ar? “Será que eles estão preparando uma orgia de horror que em breve se abaterá sobre nós?”, indagou. “Acaso temiam o contra-ataque maciço que receberiam imediatamente de nossa poderosa artilharia?” Decerto não era um “falso senso de delicadeza” que os continha, ponderou Churchill: “Nós sabemos muito bem o que eles fizeram na Polônia, e não há brutalidade nem massacre bestial de civis mediante bombardeio aéreo que não estejam dispostos a perpetrar caso achem que isso lhes seja vantajoso”.

Churchill perguntou então: “Nós devíamos ter jogado bombas, em vez de panfletos, em toda a Alemanha para mostrar o poder da nossa Força Aérea?”. Não, de modo nenhum, acreditava ele. “Nós nos empenhamos muito em ganhar o máximo de tempo possível para nos preparar e, sem dúvida, avançamos enormemente tanto em termos de proteção da população civil quanto de punição a ser infligida aos agressores.”

Ele não disse que a Grã-Bretanha não jogaria bombas na Alemanha porque o governo britânico havia se comprometido a não fazê-lo, ou porque era errado bombardear cidades. Disse que a Grã-Bretanha não tinha bombardeado o inimigo porque o país precisara de vários meses para acumular bombardeiros, treinar tripulações e erguer defesas antiaéreas.

O GENERAL ALAN BROOKE, da Força Expedicionária Britânica, não gostou da ideia de bombardear o vale do Ruhr, que concentrava mais fábricas — e mais gente — do que qualquer outro lugar da Alemanha. Preferia usar os aviões ingleses contra o Exército alemão na zona de guerra, e não contra a indústria alemã fora dela. No dia seguinte ao do discurso de Churchill em Manchester, Brooke escreveu em seu diário:

Cogitar o bombardeio do Ruhr no momento em que os alemães estão combinando o uso do Exército e da Força Aérea na poderosa e uniforme tentativa de esmagar as forças francesas e britânicas a fim de abrir caminho para a França é, no meu entender, pura maluquice.

“No caso, dois ‘erros’ não resultam num ‘acerto’”, disse. Foi em 28 de janeiro de 1940.

O MASS OBSERVATION, o serviço britânico de avaliação do moral da população, concluiu que, na Inglaterra, as pessoas estavam achando a guerra uma grande chatice. “Está surgindo uma nova inquietude”, constatou um relatório do Mass Observation, “o desejo de que aconteça alguma coisa, mesmo que desagradável.” Corria o mês de fevereiro de 1940.

ALGUNS JUDEUS conseguiram fugir do gueto de Lodz escondidos em caixões de defunto. Mary Berg, uma garota de quinze anos que vivia no gueto de Varsóvia, ouviu falar neles. “O cemitério judeu fica do lado de fora, de modo que é possível levar os mortos para lá”, escreveu. “Assim, houve quem se escondesse em caixões, que eram levados aos enterros; antes de chegar ao cemitério, saíam e fugiam para Varsóvia.” Uma pessoa morreu do coração, disse ela, quando estava dentro de um deles. Isso em 2 de março de 1940.

BOMBARDEIROS ALEMÃES atravessaram o mar do Norte até Scapa Flow, um porto nas ilhas Orkney no qual estavam ancorados navios ingleses. Foi em março de 1940. Os aviões lançaram suas bombas, e houve mortes — os primeiros civis a perderem a vida com bombas alemãs, em solo britânico, desde a Primeira Guerra Mundial.

“Foi deliberado?”, perguntou lorde Strabolgi na Câmara dos Lordes.

“Não, eu diria que não”, respondeu lorde Halifax.

Mas houve contestação. Lorde Boom Trenchard, o criador da Royal Air Force, tomou a palavra: “Lembrem-se, senhores, de que a Força Aérea é uma arma ofensiva, não defensiva”.

Cinquenta aviões ingleses dirigiram-se à ilha alemã de Sylt, no mar do Norte, com a intenção de destruir uma base aérea. Alguns erraram o alvo e jogaram bombas incendiárias e altamente explosivas na Dinamarca, quebrando janelas.

“Morre a esperança de paz”, escreveu o *New York Times*; “A guerra entra em nova fase de violência”. “Uma das ideias principais”, escreveu no dia seguinte Raymond Daniell do *Times* de Londres, “era lançar duas bombas britânicas para cada bomba alemã que caísse nas Orkney.” Os meninos de recado, os motoristas de ônibus e os membros do Parlamento aprovaram o ataque retaliativo a Sylt, escreveu Daniell: “Aplaudiram em uníssono, pediram mais, embora ninguém fosse cego a ponto de não enxergar que tais retaliações só podem chamar contrarretaliações, dando início ao holocausto que o mundo inteiro reza por evitar, seja lá como for”.

WINSTON CHURCHILL, lorde do Almirantado, escreveu um ofício propondo minar as águas norueguesas. O minério de ferro, com que se fazia o aço, com que se faziam os instrumentos da guerra, chegava à Alemanha pelos pontos de entrada noruegueses. Sustar a importação de ferro pelo remotíssimo porto de Narvik, acima do Círculo Ártico, paralisaria a indústria do inimigo, alegava ele — e também podia “levar os alemães a uma ação imprudente capaz de abrir portas para nós”. O plano, chamado Wilfrid, era “modesto e inocente”, disse Churchill aos almirantes.

A imprensa deixou transparecer indícios do plano, alertando o alto comando alemão, que elaborou planos de contra-ataque. O primeiro-ministro Chamberlain não gostou da ideia Narvik, em parte por ser ilegal. A Noruega era um país neutro, e espalhar minas em portos neutros contrariava a lei internacional, além de ser uma provocação.

Os almirantes alemães puseram-se a matutar sobre as consequências de perder os portos noruegueses. Praticamente, era perder a guerra, disseram. Vidkun Quisling, ex-ministro da Guerra da Noruega, começou a negociar com Hitler a instituição de um governo fantoche. Até então, Berlim não tinha planos de invadir a Noruega; mas passou a ter. Corria o mês de março de 1940.

HAROLD NICOLSON anotou em seu diário que a Marinha britânica estava espalhando minas em águas norueguesas. “Coisa que só pode gerar furor”, disse. Isso em 8 de abril de 1940.

Um diplomata sueco apresentou-se no gabinete do subsecretário Cadogan. “Ele diz que nós cometemos a maior tolice da história — algo totalmente contrário ao nosso próprio interesse”, escreveu Cadogan. “E acho que tem razão, mas fui obrigado a contra-argumentar.”

“O governo norueguês protesta veementemente contra essa transgressão flagrante da lei internacional”, disse o ministro de Relações Exteriores da Noruega. As forças alemãs entraram em ação. No dia 9 de abril de 1940, assumiram o controle de uma Oslo não bombardeada. E de Narvik. “Parece que os alemães entraram em Narvik!”, escreveu o subsecretário Cadogan. “Como?!”

DE UMA HORA PARA OUTRA, a guerra virou uma guerra real, no solo. À meia-noite, pequenas forças inglesas e francesas desembarcaram em território norueguês e foram atacadas por aviões alemães. Os franceses haviam se esquecido de levar mulas. Os ingleses não tinham quilhas para andar na neve. Um grupo confiscou dos camponeses alguns trenós puxados por cavalo e avançou em meio à nevasca. Um esquadrão de aviões da RAF afundou ao pousar num lago congelado, e a Luftwaffe bombardeou o gelo. A RAF começou a atacar os aeroportos noruegueses controlados pelos alemães, às vezes com bombas de efeito retardado.

Retirada britânica, desastre; críticas severas e grande indignação na imprensa e no Parlamento. A indignação voltou-se não contra Churchill, que havia concebido a campanha norueguesa, e sim contra Chamberlain.

“A primeira de nossas evacuações gloriosas”: uma debacle, disse posteriormente H. G. Wells. Ou

não, se o que se queria era um caos nobre, luta encarniçada, um refletor treinado na indecisão chamberlainiana e, acima de tudo, a imagem de uma Inglaterra estoica, acossada mas firme, resistindo num mundo escravizado e prostrado em toda parte.

“A Noruega foi uma aventura de Winston, e o pobre Neville pagou o pato”, escreveu Chips Cannon em seu diário.

CHARLES “PETER” PORTAL, a estrela em ascensão da Royal Air Force, assumiu a direção do comando de bombardeio. Portal era um homem frio que adorava abater passarinhos e coelhos. Na infância em Winchester, criava falcões e mantinha um diário detalhado do número de cotovias, estorninhos e pombos que eles matavam: “O falcão se prepara para o mergulho decisivo e investe com brilho contra a presa, que desaparece rapidamente. Se forçarmos a vista à luz fugidia, vemos um tufo de penas saltar do corpo do pombo, e a ave cai por terra para não se levantar mais”.

Mascateando, fuçando e dando tiros, ele abriu caminho em Oxford. Cabulava aula para correr de motocicleta; depois aprendeu a pilotar. Em 1917, começou a bombardear soldados alemães durante a noite. Depois da guerra, voltou a escrever o diário dos falcões. Na temporada de 1920-1, sua força falcônida trucidou 105 cotovias, 46 perdizes, um pombo e uma rolinha.

Na década de 1920, Portal começou a atuar na Royal Air Force de Boom Trenchard. Recebeu o comando no esquadrão número 7, em Worthy Down, no qual, durante anos a fio, saiu vencedor na competição anual de bombardeio. Por fim, em 1934, no sul do Iêmen, teve a chance de combater e esmagar a vontade da tribo Qutaibi com semanas de bombardeios. Deu uma palestra sobre a operação; foi considerada um exemplo clássico de aplicação bem-sucedida do princípio do controle aéreo.

Quando Portal assumiu a chefia do comando, em abril de 1940, o *Times* de Londres escreveu: “Há mais do que um traço de impiedade em sua natureza, embora nesta guerra ele a tenha suprimido até agora”.

UM CAPITÃO DO EXÉRCITO FRANCÊS levou a jornalista norte-americana Clare Boothe para ver uma fortaleza em Lorena. Esta fazia parte da Linha Maginot: “a vasta fileira de fileiras”, escreveu Boothe, “de catacumbas de concreto, de navios de guerra afundados em terra”, que se erguia ao longo da fronteira da França com a Alemanha. O comandante da fortificação mostrou-lhe os enormes canhões, as prateleiras de granadas, os estoques de víveres e medicamentos, as portas corrediças à prova de fogo, as fossas de quinze metros, os “espantosos labirintos de maquinaria”.

Era evidentemente inexpugnável, concluiu Clare Boothe. “Por que”, perguntou ela, “os alemães tentariam entrar por aqui?”

Porque, respondeu o comandante, é para isso que existem dois grandes exércitos, para arremeter um contra o outro.

“Os alemães não podem entrar na França por outro caminho?”, quis saber ela.

O comandante e seus subordinados riram. “Que outro caminho?”

“Pela Holanda? Pela Bélgica?”

Eles continuaram a rir. “Os alemães são burros — mas não *tanto*.”

O OFICIAL ALEMÃO HANS FRANK conversou com alguns subordinados no palácio do governo em Cracóvia. Foi no dia 12 de abril de 1940.

Cracóvia, Varsóvia e Lublin faziam parte agora de um grande território oriental, na Polônia, que os alemães denominavam Governo Geral. Hans Frank — um antigo devoto de Hitler — era o governador-geral. Milhões de judeus viviam no Governo Geral, e Frank, ainda que disposto, por ora, a tolerar esse fato, achava que Cracóvia, a sua capital, devia ficar livre de judeus na medida do possível. Em Cracóvia, disse ele, havia escassez de habitação, e “milhares e milhares de judeus vagam por aí e ocupam apartamentos”. Por isso ordenou que eles, com exceção dos economicamente úteis, saíssem da cidade. Os que partissem até 15 de agosto poderiam levar seus pertences. Alguns se mudaram para cidades menores; milhares ficaram.

OS ALEMÃES ENVIARAM UMA ADVERTÊNCIA FORMAL à Grã-Bretanha, reclamando de bombas caídas sobre trilhos na estação de Heiligenhafen, em Schleswig-Holstein, longe de qualquer zona de guerra. Isso em 12 de abril de 1940. O ministro da Aeronáutica britânico negou o ataque. Na noite de 22 de abril, os ingleses bombardearam a Oslo ocupada — coisa que os alemães não tinham feito para conquistar a cidade —, durante duas horas e meia. Segundo as forças de ocupação, os britânicos atingiram uma área civil.

Então, no dia 25 de abril, o alto comando alemão divulgou sua terceira “e última” advertência. Dessa vez, tratava-se de um ataque à cidadezinha de Heide, no norte da Alemanha. “O inimigo empreendeu incursões aéreas a lugares sem defesa”, disse o alto comando alemão. Embora a Luftwaffe tivesse ordem de evitar ataques a civis, se os ingleses insistissem nesse padrão de agressão, a Alemanha retaliaria. “Bomba será paga com bomba se os britânicos continuarem atingindo alvos não militares”, dizia a advertência. A reação seguinte seria um “triste despertar” para a Inglaterra.

CHURCHILL estava obcecado pela ideia de recapturar Narvik. “É aqui que temos de lutar e perseverar na mais larga escala possível”, escreveu a um de seus comandantes navais. Foi em 28 de abril de 1940.

“Ele quer deslocar tropas de toda parte para lá”, anotou o general Ironside em seu diário. “É uma criança em muitos aspectos. Enjoa de uma coisa e não quer mais ouvir falar nela.” Primeiro queria Namsos, depois desistiu — agora queria Narvik outra vez. “É deveras extraordinário o quanto ele é imprevisível.”

O MINISTRO DA AERONÁUTICA BRITÂNICO publicou um desmentido: “Não houve nenhum ataque à

cidade de Heide”. O que não significava que não tivessem caído bombas britânicas em Heide. Usando a navegação estimada e mirando rios e o litoral à luz do luar, era difícil para os aviadores ingleses saber aonde iam. Lançavam bombas no escuro, esperando estar onde pensavam estar. Mais tarde, quando eles passaram a contar com sistemas de radionavegação — os chamados “Gee” e “Oboe” —, ficou mais fácil. Antes disso, porém, era comum se perderem. “Normalmente, não havia dificuldade para localizar a região visada, mas era quase impossível chegar perto de um alvo específico”, recordou um piloto, referindo-se a esse período inicial, “de modo que nós simplesmente jogávamos as bombas numa posição estimada e torcíamos para que desse certo. Duvido muito que tenhamos acertado um só alvo específico.”

UM FOTÓGRAFO começou a retratar as pessoas antes que fossem mortas. Isso em maio de 1940, no castelo medieval de Hartheim, na Áustria. Lá se matavam deficientes mentais e físicos; a seguir, os corpos eram queimados num forno crematório. “Hitler achava que, com o extermínio dos chamados comilões inúteis”, declarou posteriormente um eutanásista do T-4, “era possível liberar mais médicos, enfermeiros, enfermeiras e outro pessoal, leitos hospitalares e demais instalações para o uso das Forças Armadas.”

O cheiro de queimado incomodou o fotógrafo. O supervisor de Hartheim, um ex-policial, recomendou: beba, você vai se sentir melhor. Então o fotógrafo bebeu e tirou os retratos. As execuções em linha de montagem levaram à brutalização da equipe, escreveu um historiador: “Abundavam relatos de orgias etílicas, promiscuidade, rixas e violência”. Uma testemunha ocular disse que, no castelo, “quase todos os empregados eram íntimos entre si”. Mais de 9 mil pessoas morreram em Hartheim em 1940.

ALGUNS GENERAIS ALEMÃES começaram a se entusiasmar com o Plano Amarelo, a invasão dos Países Baixos e da França. Hitler pagava-lhes gratificação mensal — aos mais submissos — tirada de uma conta especial da Chancelaria. O Exército foi corrompido, disse posteriormente o general Halder, mediante a distribuição de “envelopes fechados com remuneração extraordinária”. Aliás, o próprio Halder ganhou dinheiro da Chancelaria. Hitler foi abrindo caminho para o oeste mediante suborno.

A JORNALISTA NORTE-AMERICANA CLARE BOOTHE estava dormindo no último andar do prédio da embaixada de seu país em Bruxelas, na Bélgica. Uma empregada a sacudiu: “Os alemães estão chegando!”. Era o dia 10 de maio de 1940.

Boothe foi à janela e olhou para as árvores negras do parque. Viu uns vinte aviões voando em formação, suas barrigas reluzindo no dourado da alvorada. “Ouvi um sibilo agudo, prolongado, e um terrível e estrepitoso *bum!*”, escreveu. Do outro lado da praça, uma casa foi atingida. “O *bum* era o desbordo e o vômito de vidro, madeira e pedra arremessados no parquinho à minha frente.” A

bateria antiaérea começou a disparar, e Boothe tratou de se vestir. “Tomei o cuidado de levar na bolsa um sortimento extra de pó de arroz, batom e creme hidratante e de tirar da mala só os sapatos de salto baixo.”

O SUBSECRETÁRIO PERMANENTE CADOGAN foi acordado às 5h40 com a notícia de que a Holanda e a Bélgica estavam sendo atacadas. “Os alemães nos livraram de várias perguntas embaraçosas ao invadir *os dois* países”, escreveu ele. Isso em 10 de maio de 1940. O gabinete de guerra se reuniu, cogitou bombardear a Alemanha em auxílio aos países invadidos e adiou a decisão. A Luftwaffe de Hermann Goering começou por detonar os aeroportos.

Neville Chamberlain falou no rádio. “Hoje à noite, eu solicitei audiência ao rei”, disse, “e lhe entreguei minha renúncia, a qual Sua Majestade teve a bondade de aceitar.” O novo primeiro-ministro era Winston Churchill, anunciou. “Vocês e eu temos de apoiar o nosso novo líder e, somando forças e com uma coragem inabalável, lutar e trabalhar até que a besta-fera que saiu de seu covil para nos atacar finalmente seja desarmada e derrubada.”

Harold Nicolson adorou o discurso. “Todo o ódio que eu sentia por Chambelain amoleceu como um pedaço de pão caído numa taça de champanhe”, escreveu.

WINSTON CHURCHILL, ao tomar posse dos cargos de primeiro-ministro e ministro da Defesa, ofereceu sangue, suor e lágrimas. Qual seria a sua política? Muito simples: guerra — guerra contra “uma tirania monstruosa, jamais superada nas trevas do lamentável rol de crimes humanos”. Qual era o objetivo dessa guerra? Vencer. O Parlamento o aplaudiu. Na saída, ao passar por um assessor, Churchill disse: “Eu acertei na mosca, não?”.

PARAQUEDISTAS ALEMÃES saltaram em Rotterdam e no telhado do forte Eben-Emael, na Bélgica. Todo mundo pensou que fossem milhares de paraquedistas, mas não: alguns não passavam de bonecos jogados a fim de dar a impressão de uma invasão maciça. A Luftwaffe alvejou o aeroporto de Nancy, mas errou. Morreram quinze civis, inclusive uma família que corria para um abrigo antiaéreo. Quatro idosos ficaram sepultados nos escombros. A vinte quilômetros de Paris, os bombardeiros alemães, sob fogo antiaéreo, lançaram bombas incendiárias e aterrorizaram um povoado. Era o dia 10 de maio de 1940.

A PEDIDO DE CHURCHILL, lorde Halifax concordou em continuar no Ministério das Relações Exteriores. Foi em 11 de maio de 1940. “Raramente conheci uma pessoa com mais estranhas lacunas de conhecimento ou cuja mente trabalhasse assim, aos trancos”, escreveu Halifax acerca de seu novo chefe. “Será possível fazer que funcione de maneira ordenada? Muita coisa depende disso.”

Com a transferência do poder, o secretário particular de Neville Chamberlain, John Colville,

passou a ser secretário particular de Churchill. Mais tarde, Colville escreveu: “A mera ideia de Churchill no cargo de primeiro-ministro fez correr um frio na espinha do staff da Downing Street, 10”. Ele disse que a “verborragia e a inquietação de Churchill davam um trabalho desnecessário, impediam o planejamento real e causavam atrito”. Chamberlain tinha sido fraco, pensava Colville, ao permitir que Churchill “assumisse responsabilidades tão excessivas nas questões ministeriais [...] nós achamos que a impetuosidade de Churchill contribuíra para o fiasco norueguês”. Sua visão, disse Colville, coincidia com a de toda a Whitehall.

Mas, em poucas semanas, a energia e a autoconfiança do novo primeiro-ministro granjearam a lealdade de todos. Ele aparecia instigando, reclamando, resmungando. Era ministro da Defesa e primeiro-ministro ao mesmo tempo. Cercado de conselheiros e generais, trabalhava até muito tarde — às duas, às três, às três e meia da madrugada —, sempre bebendo e mascando a ponta do charuto. Usava roupa informal: pijama azul de uma peça, com zíper, por cima do qual às vezes punha um roupão vermelho com um confuso estampado de dragões dourados. Não era alcoólatra, disse alguém posteriormente — nenhum alcoólatra conseguia beber tanto. Sabia de cor os *Lays of Ancient Rome* [Cânticos da Roma antiga], de Macaulay.

Escrevia toneladas de bilhetes à sua equipe, todos eles redigidos em seu característico linguajar pomposo e anacrônico, prontos para serem citados em qualquer história que ele acaso viesse a escrever. Todos concordavam que Churchill era um administrador destrambelhado e um estrategista militar errático. Faltava-lhe senso de proporção. Mas ele criou, disse Colville, um bem-vindo sentimento de urgência: em poucos dias, “viam-se funcionários respeitabilíssimos em desabalada correria pelos corredores”.

DEZOITO BOMBARDEIROS WHITLEY DA ROYAL AIR FORCE decolaram com o intuito de causar danos a localidades alemãs. Era a segunda noite de Churchill na chefia do governo. “O comando de bombardeio foi para a guerra no dia 11 de maio de 1940. Até então, só tinha brincado de guerra”, escreveu anos depois James Spaight, um teórico da RAF. “Nós começamos a bombardear alvos em território alemão antes que os alemães bombardeassem alvos em território britânico.”

Na cidadezinha de Mönchen-Gladbach, na Westfália, pouco depois da meia-noite, quatro civis — entre eles uma inglesa — foram mortos por bombas inglesas. Os alemães derrubaram três dos 36 aviões que realizaram a operação. Na noite seguinte, novos bombardeios aleatórios da RAF. Na madrugada seguinte, outros tantos. As aeronaves inglesas sobrevoavam a Alemanha no escuro, como tinham feito com o compartimento repleto de panfletos. Agora levavam bombas.

Os primeiros raids noturnos não foram anunciados oficialmente, embora a Associated Press os noticiasse, citando fontes alemãs: “Uma transmissão de rádio alemã disse que Essen, onde ficam as grandes fábricas de armamentos Krupp, assim como outras duas cidadezinhas, foram bombardeadas por aviões aliados”, informava um artigo. O ministro da Aeronáutica britânico negou o bombardeio: “Essen não figurava entre os objetivos atacados pela RAF na noite passada nem na anterior”.

Mas parece que os aviões andavam por lá.

ENVIARAM-SE TELEGRAMAS aos chefes de polícia dos distritos ingleses em que paraquedistas alemães podiam saltar. Isso em 11 de maio de 1940. Churchill queria todos os estrangeiros de origens alemã e austríaca trancafiados. Soldados de baioneta calada levaram para a prisão centenas, depois milhares, de pessoas: na maioria refugiados judeus.

O ALMIRANTE JAMES O. RICHARDSON, comandante da frota americana, ficou intrigado e irritado. Por que Roosevelt lhe dera ordem de manter a frota tão a oeste, concentrada em Pearl Harbor, depois das manobras de primavera? Por que os navios não podiam retornar, como de costume, às bases do litoral da Califórnia, a San Diego, a San Pedro e a Long Beach?

O almirante Richardson escreveu uma carta ao seu superior, o almirante Stark. “Sinto que qualquer avanço a oeste significa hostilidade”, dizia. “Sinto que, no momento, seria um erro grave ficarmos concentrados ali, onde os nossos interesses, embora importantes, não são vitais.” Foi em 13 de maio de 1940.

Uma semana depois, ainda estacionado em Pearl Harbor, Richardson escreveu outra carta a Stark. “Estamos aqui principalmente para influenciar os atos de outras nações com a nossa presença?”, perguntou. “Estamos aqui para induzir a atividade beligerante?”

O almirante Stark respondeu: “Vocês estão aí graças ao efeito de contenção que se acredita que a sua presença pode ter sobre os japas a caminho das Índias Orientais”, dizia a carta. “Você naturalmente perguntaria: ‘Supondo que os japas resolvam entrar nas Índias Orientais, o que vamos fazer?’. Minha resposta é esta: não sei e acho que não há ninguém neste mundo de Deus capaz de dizer.”

OS ALEMÃES apresentaram um ultimato aos holandeses: se a resistência não cessasse, Rotterdam ia encarar a “destruição completa”. Era 14 de maio de 1940.

Os holandeses procrastinaram, indagando qual era a patente e o nome do autor do ultimato. Um dos generais alemães, Schmidt, acreditando que a capitulação era iminente, entrou em contato com o alto comando por rádio, pedindo o cancelamento do ataque aéreo. Outros acima dele — provavelmente Goering e provavelmente Hitler em pessoa — autorizaram-no mesmo assim.

Às 13h30, a Luftwaffe chegou com mais de cinquenta bombardeiros Heinkel. Sem ver ou sem fazer caso dos sinais luminosos vermelhos de “não bombardear” enviados pelo general Schmidt, eles incendiaram e explodiram o centro da cidade. O óleo de uma fábrica de margarina alimentou o furor das chamas. Morreram novecentas pessoas.

O SERVIÇO DE PESQUISA DE OPINIÃO do governo alemão, dirigido por um homem da SS chamado Otto Ohlendorf — posteriormente enforcado em Nuremberg por ter participado de atrocidades na

Ucrânia —, pediu informação às filiais de Aachen, Koblenz, Darmstadt e Neustadt. Isso em 14 de maio de 1940.

O levantamento revelou que as incursões dos bombardeiros britânicos “a cidades e aldeias indefesas causaram grande repulsa, mas nenhuma agitação grave na população”.

ETTY HILLESUM, uma judia residente em Amsterdam, saiu correndo do clube de patinação. Foi no dia 15 de maio de 1940.

Etty alcançou seu ex-professor Willem Bonger. As pessoas que ela conhecia não falavam senão em tentar o asilo na Inglaterra. “O senhor acha que devemos fugir?”, perguntou.

“Os jovens têm obrigação de ficar”, respondeu o professor Bonger.

Etty quis saber se ele achava que a democracia tinha chance de vencer.

“Vai vencer”, foi a resposta, “mas isso nos custará muitas gerações.”

De repente, Bonger se mostrou frágil e indefeso. Etty o abraçou e caminhou um pouco com ele. Depois segurou sua mão nas dela. “Ele inclinou gentilmente a pesada cabeça e me fitou através dos seus óculos azuis.” Os dois se despediram.

Naquela noite, Bonger se suicidou com um tiro.

O NOVO GABINETE DE GUERRA BRITÂNICO — dezesseis homens em torno de uma mesa, com Churchill no centro — reuniu-se às onze horas da manhã de 15 de maio de 1940. O primeiro-ministro queria prender um “grande número de estrangeiros inimigos e suspeitos”. Disse que o melhor era pôr aquela gente atrás de arame farpado — mais seguro para eles caso os alemães começassem a bombardear a Inglaterra e o povo se revoltasse. A ata da reunião do gabinete de guerra não faz referência ao fato de que a maioria dos estrangeiros era de refugiados judeus recém-chegados.

Outro item importante na pauta: não estava na hora, perguntou Churchill, de bombardear o centro industrial alemão — o vale do Ruhr? Ele achava que sim. Em sua opinião, o bombardeio “cortaria a Alemanha pela raiz”. Aquele era o “momento psicológico de atingir a Alemanha por dentro e convencer o povo alemão de que a Inglaterra tinha a determinação e o poder de atingi-lo duramente”. O bombardeio devia começar de pronto. Não havia necessidade de informar a França.

O marechal do ar Richard Peirse disse que seu staff já estava escolhendo os pátios ferroviários alemães adequados como alvo. (Os pátios ferroviários, que geralmente ficavam no centro da cidade, eram mais fáceis de atingir por ar, em pleno blecaute, do que prédios específicos ou bairros industriais.) Hugh Dowding, chefe do comando de artilharia, disse que a Inglaterra não devia ser tolhida pelo medo de contra-ataques. Estes “viriam cedo ou tarde”. Churchill concordou: “Não nos resta senão esperar que o país sofra retaliação”.

Havia mais uma questão importante, disse ele: “Ultimamente, a simpatia americana está muito voltada para nós”. Levando isso em conta, o bombardeio de alvos em cidades alemãs provocaria um “sentimento de aversão” nos Estados Unidos? Ou seria aceito como uma represália justificável?

Para apoiar o bombardeio retaliativo inglês da Alemanha — apesar de as cidades inglesas ainda

não terem sido bombardeadas —, Churchill mandou o novo ministro da Informação Duff Cooper “providenciar para que a imprensa mencionasse discretamente a matança de civis na França e nos Países Baixos provocada pelas incursões alemãs”. Mas a imprensa não devia falar em revide, opinou.

O subsecretário permanente Cadogan escreveu em seu diário: “Hoje de manhã, o gabinete decidiu começar a bombardear o Ruhr. É o começo da ‘guerra total!’”.

CHURCHILL, na tarde do mesmo dia 15 de maio de 1940, escreveu pela primeira vez ao presidente Roosevelt na qualidade de primeiro-ministro. Dizia que a Inglaterra precisava de: quarenta ou cinquenta destróieres, várias centenas de aviões, canhões, munição antiaérea e ajuda no Extremo Oriente. “Espero que vocês mantenham o cão japonês quieto no Pacífico, usando Cingapura da maneira mais conveniente”, escreveu.

UMA CENTENA DE BOMBARDEIROS BRITÂNICOS levantou voo naquela mesma noite — ainda 15 de maio de 1940 — e fez o possível para bombardear os alvos que conseguisse encontrar na escuridão. A equipe de levantamento de Otto Ohlendorf deu conta de raids em Aachen, Düsseldorf, Colônia, Duisburg, Koblenz e Münster.

O alto comando alemão disse que os aviões ingleses estavam bombardeando a esmo, matando civis, mas sem acertar nada de importância militar. Na cidadezinha de Marienberg, um internato de meninas foi atingido por bombas incendiárias, informou o alto comando. Mas as alunas estavam fora quando ocorreu o ataque.

UM GRUPO DE CIENTISTAS FRANCESES foi conversar com lorde Hankey, o presidente do Microbiological Warfare Committee [Comitê de guerra microbiológica]. Isso em maio de 1940. Os cientistas trabalhavam na comissão de profilaxia da França, um estabelecimento de guerra biológica situado em Vert-le-Petit, nas cercanias de Paris. Desde maio de 1939, os franceses vinham investigando a possibilidade de jogar por ar o besouro-da-batata nas plantações alemãs. Também haviam pensado em infectar as lavouras com o *Phytophthora infestans* ou mangra da batata — a doença que causara fome na Irlanda no século XIX. A disseminação aérea da peste bovina era outro campo de pesquisa.

A ideia do besouro-da-batata não era nova: no fim da Primeira Guerra Mundial, certo major Tiverton (depois conde de Halsbury) havia proposto a disseminação do inseto na Alemanha. Embora esse plano tivesse sido considerado “digno de atenção”, não deu em nada por causa do risco de a praga destruir as batatas francesas.

Agora, porém, a França parecia prestes a ser vencida pelos alemães. A batata francesa acabaria sendo batata alemã.

GOERING mandou que seus pilotos evitassem danificar as catedrais francesas. “Eu enfatizei muito aos meus aviadores que as magníficas catedrais góticas das cidades francesas deviam, em quaisquer circunstâncias, ser protegidas e não atacadas, mesmo no caso de concentração de tropas nesses lugares”, disse ele mais tarde, “e, caso houvesse necessidade de atacá-las, que se usassem principalmente os bombardeiros de precisão Stuka.” Amiens, Rouen, Chartres e outros monumentos foram deliberadamente poupados, acrescentou. “Naturalmente, houve vitrais quebrados nas catedrais, em razão da detonação das bombas, mas os mais preciosos tinham sido previamente retirados, graças a Deus.”

AS DIVISÕES DE TANQUES ALEMÃS avançaram na França. O general Halder escreveu: “Um dia desagradável. O Führer está terrivelmente nervoso”. No dia seguinte: “Ele está furibundo e diz, aos berros, que nós estamos fazendo de tudo para arruinar completamente a campanha”. Foi no dia 18 de maio de 1940.

No entanto, com o recuo das forças britânicas para as cidades de Dunquerque e Calais, no litoral francês, Hitler não tardou a recuperar o bom humor. Lorde Gort, o comandante das forças britânicas, havia ordenado a retirada. O assessor militar alemão Blumentritt escreveu que Hitler estava convencido de que a guerra terminaria em seis semanas. “Depois disso, ele desejava concluir uma paz razoável com a França, e então o caminho ficaria livre para um acordo com a Grã-Bretanha.” A seguir, segundo Blumentritt, Hitler se entregou a um apaixonado monólogo sobre a grandeza do império britânico. Sem dúvida, os ingleses costumavam recorrer a meios cruéis — mas, quando se usa uma plaina, sempre há lascas. “A única coisa que o Führer queria da Grã-Bretanha”, escreveu Blumentritt, “era que ela reconhecesse a posição da Alemanha no continente.” Sua meta era “firmar a paz com a Grã-Bretanha numa base cuja aceitação ela julgasse compatível com a sua honra”.

A TRIPULAÇÃO DE UM BOMBARDEIRO BRITÂNICO recebeu ordem de bombardear uma estação ferroviária em Düsseldorf. Eles não conseguiam encontrá-la — o blecaute os impedia —, por isso recorreram a uma coisa chamada “varredura quadrangular”. Voavam numa direção, viravam, voavam em outra — dando voltas e voltas à procura do lugar que deviam detonar. Enquanto isso, nada de artilharia antiaérea nem de caças alemães. Por fim, eles jogaram as bombas e foram embora. Um membro da tripulação disse que era inútil designar estações ferroviárias como alvos. Afinal de contas, muitos aviões “tinham dificuldade até para localizar as cidades em que se situavam”.

No dia 24 de maio de 1940, Hitler emitiu uma diretiva. Agora a Luftwaffe estava “autorizada a atacar o território inglês da maneira mais plena, assim que houvesse forças suficientes disponíveis”. A mudança de política foi inaugurada como “um revide aniquilador às agressões inglesas no Ruhr”. Mesmo assim, não houve ataque nenhum.

O PRESIDENTE ROOSEVELT, ao ver as coisas irem de mal a pior na França, disse: “Eu queria que esta nação aumentasse sua capacidade de produção até chegar a pelo menos mil aviões por ano”. Isso em 24 de maio de 1940.

Uma semana depois, uma declaração de Henry Morgenthau apareceu no *New York Times*: “Planos de produção em massa de motores de avião”. Os projetos dos motores seriam padronizados conforme diferentes classes de potência em cavalos, explicou, e transferidos a subcontratados, grandes e pequenos, a fim de alcançar o objetivo de 50 mil por ano. Morgenthau havia se reunido com Alfred Sloan, o diretor da General Motors, com quem passara uma hora conversando sobre o motor de refrigeração líquida. Surgiram fábricas em todo o país.

CHURCHILL, depois de ir e voltar de Paris, deu ordem à pequena força britânica que estava em Calais — regimentos de caçadores e tanques — de combater até a morte. Nenhum navio iria resgatá-los. Essa última posição serviria para distrair os alemães, dando tempo para que os grandes contingentes de Dunquerque se retirassem. “Tenha a maior admiração possível pela sua esplêndida posição”, escreveu Churchill ao comandante de Calais. “A evacuação não (*repito*: não) se realizará, e as embarcações necessárias ao propósito acima devem retornar a Dover.”

Churchill era, como se costuma dizer dos generais, um dizimador de homens: “Foi doloroso sacrificar aquelas tropas regulares magnificamente treinadas que tanta falta nos fariam”.

Foi em 26 de maio de 1940.

PHILIPPE PÉTAÏN, do gabinete de guerra francês, conversou com o assessor Paul Baudouin em Paris. A capitulação era iminente. “É fácil, mas também uma burrice, falar em lutar até o último homem”, disse Pétain com lágrimas nos olhos. “Também é um crime diante das nossas perdas na última guerra.”

Baudouin foi conferenciar com Maxime Weygand, o comandante das forças francesas, que estava no quartel-general, no castelo de Vincennes. Weygand concordou com Pétain: não tinha sentido combater até a derradeira bala. Se o Exército francês fosse destruído, era bem possível que houvesse agitação. Às vezes, o certo era parar a fim de “evitar um massacre inútil”, disse ele. Isso em 26 de maio de 1940.

GOERING prometeu acabar com a Força Expedicionária Britânica na praia. Os sedentos soldados ingleses faziam longas filas para beber água enquanto aguardavam embarcações que os levassem para a Inglaterra. Os aviões alemães mergulharam e as bombas caíram, mas a areia abafou as explosões e não havia muita coisa que as bombas incendiárias pudessem incendiar.

Além disso, o tempo estava encoberto: a névoa escondeu aquilo que Churchill chamou de milagre de Dunquerque.

“Talvez seja uma sorte a Força Expedicionária Britânica ser tão boa em termos de retirada”,

escreveu Harold Nicolson em seu diário, “já que é praticamente a única coisa que lhe resta fazer.”

A PEDIDO DE CHURCHILL, os comandantes militares britânicos trataram de imaginar como ganhar a guerra “em certa eventualidade” — isto é, se a França caísse e aceitasse uma paz separada com a Alemanha. Maio de 1940 estava chegando ao fim.

Três coisas levariam à vitória: 1) a fome generalizada e a escassez de matérias-primas em toda a Alemanha e nos países ocupados; 2) o solapamento do moral com os bombardeiros de longo alcance; e 3) o incentivo à subversão sempre e onde fosse possível incentivá-la.

Com o auxílio dos Estados Unidos, teorizavam os comandantes, um firme bloqueio europeu resultaria na escassez de pão, gorduras essenciais e frutas. “A vida será sustentada provisoriamente pelo abate de animais imaturos”, vaticinavam eles, recordando as fomes de outrora. Antes do inverno de 1940, haveria “fome generalizada em muitas regiões industriais”. Entrementes, reduzir-se-ia o estoque de algodão, lã, borracha e gasolina. E, se os Estados Unidos se dispusessem a fornecer mais aviões, a Inglaterra se converteria numa “base de operações avançada para os grandes bombardeiros de longo alcance que chegariam dos centros de produção do outro lado do Atlântico”. Enfim, um grupo subversivo especial plantaria as “sementes da revolta” nos territórios conquistados.

Impor tais medidas a todo o subcontinente — em outras palavras, matar de fome milhões de pessoas — podia suscitar questões morais, admitia o relatório. No entanto, “só por meio dessa pressão é que podemos garantir a derrota da Alemanha” e, depois, a reconstrução da civilização europeia.

MIL HOMENS DO SETOR DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL da Scotland Yard bateram à porta das casas em que residiam “estrangeiros inimigos”. Concentraram milhares de alemães e austríacas, muitas das quais eram empregadas domésticas, e as transferiram para a ilha de Man, no mar da Irlanda. “Algumas choravam, principalmente as que tinham filhos pequenos”, notificou o *New York Times* do dia 27 de maio de 1940.

Agora o governo britânico confinava 11 mil pessoas em campos de detenção, judeus na maior parte. Por fim, alguns refugiados foram levados para o Canadá, onde ficaram presos até o fim da guerra. Um deles era Max Perutz, um refugiado alemão que pesquisava a hemoglobina em Cambridge. Ele organizou uma escola no campo de prisioneiros de Québec e passou a ensinar cristalografia de raios X aos demais prisioneiros. “Ser preso, interno e deportado como estrangeiro inimigo pelos ingleses, os quais eu considerava amigos, deixou-me mais amargurado do que a própria perda da liberdade”, escreveu Perutz.

No campo de detenção de Mooragh, na ilha de Man, os presos publicaram um jornal. “Que o *Mooragh Times* seja uma testemunha do fato de uma grande nação ter achado certo — pela primeira vez nos longos séculos de sua história heroica — iniciar uma guerra pela libertação da civilização ocidental prendendo os mais ferrenhos inimigos dos seus inimigos”, escreveu o editor Robert

Neumann, na Alemanha.

Não tardou para que o jornal fosse proibido.

LORDE HALIFAX E NEVILLE CHAMBERLAIN — não mais primeiro-ministro, porém ainda no gabinete de guerra — disseram que a Inglaterra devia continuar tentando chegar a um acordo de paz com os alemães, talvez por intermédio de Mussolini. Isso em 27 de maio de 1940.

Churchill discordou: não pensar em negociação. O prestígio da Inglaterra estava enlameado, e a única maneira de restaurá-lo era seguir lutando. “Portanto, não nos deixem escorregar ao lado da França por essa ladeira”, disse ao gabinete.

Eles passaram horas discutindo em torno da grande mesa. O primeiro-ministro deu para declamar; Halifax se enfureceu e ameaçou renunciar. “Achei que Churchill não fazia senão falar besteira, assim como Greenwood” — Arthur Greenwood, o ministro sem pasta do gabinete de guerra —, “e, depois de aturar aquilo durante algum tempo, eu disse exatamente o que pensava deles”, escreveu Halifax em seu diário. Então Churchill o convidou a dar uma volta no jardim de Downing Street, 10, e se desmanchou em gestos conciliadores e pedidos de desculpas. Mas Halifax não se deixou persuadir. “Fico desesperado ao vê-lo entregue a uma emoção apaixonada quando devia pôr o cérebro a funcionar e raciocinar”, escreveu.

Depois Churchill recordou o desejo da Inglaterra — quer dizer, o seu desejo — de continuar lutando: “Havia um branco fulgor, irresistível, sublime, envolvendo a nossa ilha de ponta a ponta”.

HEINRICH HIMMLER, um filho de professor primário, de olhinhos miúdos e inquietos, escreveu um memorando descrevendo seus planos para as populações estrangeiras. Em face da “marafunda” genética dos 20 e tantos milhões de habitantes dos territórios recém-adquiridos, ele propunha selecionar os elementos racialmente valiosos. Os judeus iriam para uma colônia na África ou qualquer outro lugar, escreveu: “Por cruel e trágico que seja cada caso individual, esse método continua sendo o mais brando e o melhor, se se rejeitar o método bolchevique, antigermânico e impossível do extermínio físico de um povo por convicção íntima”.

Hitler leu o memorando de Himmler e, segundo este, achou-o “ótimo e corretíssimo”. Foi no dia 28 de maio de 1940.

CHURCHILL viajou a Paris a fim de conversar com os generais franceses. Isso em 31 de maio de 1940. Narvik foi o primeiro assunto tratado — tinha sido retomada e estava sendo mantida, a duras penas, pelos Aliados. Agora devia ser abandonada imediatamente, adiantou ele. Também discutiram o que fazer com a Itália caso esta cometesse a loucura de entrar na guerra. “Eu propus atacar por ar o triângulo industrial do noroeste formado pelas cidades de Milão, Turim e Gênova”, disse Churchill. “Muitos italianos eram contrários à guerra, e tudo devia ser feito para que se percebesse a sua severidade.”

Para o primeiro-ministro britânico, o bombardeio era uma forma de pedagogia — um modo de mostrar aos habitantes das cidades, matando-os, os horrores dos remotos campos de batalha. Mas os franceses não se entusiasmaram com a ideia; queriam evitar represálias.

Churchill também garantiu aos franceses que “os acontecimentos recentes” tinham despertado os Estados Unidos. Em sua opinião, uma invasão alemã da Inglaterra teria efeito profundo nos americanos. O importante era continuar lutando. “Melhor seria a civilização da Europa ocidental, com suas realizações, ter um fim trágico, mas esplêndido, do que as duas grandes democracias seguirem existindo, mas despojadas de tudo quanto tornava a vida digna de ser vivida”, disse.

DOROTHY DAY, editora do *Catholic Worker*, escreveu um editorial intitulado “A nossa posição”. “Tal como na guerra etíope, na guerra espanhola, na guerra japonesa e chinesa e na guerra russo-finlandesa, na guerra atual nós nos opomos inalteravelmente ao uso da guerra como meio de salvar ‘a cristandade’, ‘a civilização’, ‘a democracia’.” E conclamou uma oposição não violenta à injustiça e à servidão — chamou-a de Loucura da Cruz.

“Temos o dever de amar a Deus e de nos amarmos uns aos outros”, escreveu. “Essa é a única lei, e nisso consiste a vida. Nada mais importa.” Foi em junho de 1940.

NORMAN THOMAS, líder do Partido Socialista, falou num comício pacifista em Washington.

Os Estados Unidos precisavam assumir a responsabilidade pelos refugiados europeus, disse, e tinham o dever de proteger as liberdades civis internamente, “que muito têm sofrido com a histeria de guerra”.

O senador Burton Wheeler também discursou. “Uma histeria louca se apodera do nosso povo”, disse. “Quero fazer tudo para ajudar os Aliados a liquidarem as forças brutais que almejam dominar a Europa e talvez o mundo. Mas pôr fogo nos Estados Unidos não ajudará a apagar o incêndio na Europa.”

Isso no dia 7 de junho de 1940.

O CIENTISTA REFUGIADO RUDOLF PEIERLS teve um encontro com o professor Lindemann, assessor científico de Churchill. Taciturno, azedo, de chapéu-coco, Lindemann era um vigoroso paladino do bombardeio de cidades. Peierls e seu colega Otto Frisch estavam convencidos da possibilidade de fazer uma superbomba a partir de um isótopo concentrado de urânio.

Peierls explicou o funcionamento da tal bomba, e Lindemann escutou. “Eu não o conheço bem”, escreveu Peierls, “para traduzir corretamente os seus grunhidos.” Mas ele sentiu que pelo menos tinha convencido Lindemann de que convinha levar a sério a noção de reação em cadeia. Foi no início de junho de 1940.

RONALD HEALISS, da Marinha Real, tendo abandonado o porto de Narvik, estava a caminho da Inglaterra num porta-aviões. Churchill tinha mandado que fossem a Narvik, e a Marinha fora. Agora Churchill os mandava voltar, e todos estavam voltando. Era o dia 9 de junho de 1940.

Dois grandes navios de guerra alemães, o *Scharnhorst* e o *Gneisenau*, abriram fendas na embarcação de Ronald Healiss. Quando esta adernou e começou a afundar, Healiss saltou por cima do hélice em movimento e mergulhou no mar do Norte, que estava um gelo. Achou um barco danificado, já adernando, e entrou. Deu com vinte homens a bordo, todos amarrados para não serem levados pelas águas. “Nas quatro horas seguintes, eu vi toda aquela gente morrer”, escreveu. “Um após outro, vi-os resvalar silenciosamente para a morte, de olhos vidrados e imóveis, a não ser quando as ondas os erguiam em suas cordas e os jogavam de volta.”

Ele abandonou o navio e nadou até um bote, no qual topou com mais gente morrendo. Subiu. De repente, um homem soltou um grito e se atirou na água negra. Por fim, uma embarcação norueguesa o resgatou. Deixou-o, congelado, mas vivo, nas ilhas Faroe — bem longe de Narvik.

NA INGLATERRA, O DEPARTAMENTO DO INTERIOR, em sua histeria de guerra, emitiu novas e mais amplas ordens de detenção. Os estrangeiros inimigos de sessenta a setenta anos de idade, homens e mulheres — uma vez mais, quase todos judeus —, deviam ser encarcerados, além dos que tinham entre dezesseis e sessenta anos. Não chegaram a ser torturados nem espancados como em Dachau, onde alguns haviam estado — apenas privados de liberdade durante vários anos. Foi em 10 de junho de 1940.

Churchill havia preparado o terreno na Câmara dos Comuns. Disse saber que grande parte dos alemães presos era inimiga dos nazistas. “Lamento muito por eles”, declarou, “mas, no presente momento e sob o presente estresse, nós não temos condições de estabelecer distinções como gostaríamos.”

NA ITÁLIA, o povo foi convocado a se reunir na praça principal de sua aldeia ou cidade para ouvir o discurso de Mussolini. Isso em 10 de junho de 1940.

Às seis horas, o Duce, de camisa preta, assomou ao terraço do Palazzo Venezia, em Roma. A seu lado, o conde Ciano, seu genro, com farda de aviador. “Nós vamos conquistá-los!”, disse Mussolini, declarando guerra à Inglaterra.

“A notícia da guerra não surpreende nem entusiasma ninguém”, escreveu Ciano em seu diário. “Eu estou triste, muito triste. Inicia-se a aventura.”

O GOVERNO INGLÊS começou a procurar e prender italianos: agora eles também eram estrangeiros inimigos. Com o uso das listas fornecidas pelo MI-5, as autoridades detiveram o gerente do Picadilly Hotel, o *chef de cuisine* do Café Royal e dois palhaços do circo Bertram Mills. “Trancafiam essa malta”, teria dito Churchill. A *Hotel Review*, uma publicação setorial inglesa, ficou

satisfeitíssima: “Agora a italianização excessiva dos nossos hotéis será contida”.

A polícia montada canadense também prendeu várias centenas de italianos. Durante as batidas em Toronto, manifestantes quebraram as vitrines das quitandas de propriedade de ítalo-canadenses. Logo depois, estes foram concentrados no Toronto’s Exhibition Park; de lá, foram encaminhados para campos de detenção.

VICTOR KLEMPERER ouviu uma história em Dresden. Em um hospital local, uma mulher foi visitar o marido ferido na frente de batalha. Achou-o em péssimo estado. Tinha perdido a metade do rosto e um braço. A mulher gritou: “A culpa é dos judeus! A culpa é dos judeus!”.

Klemperer anotou o que alguém disse: “Nós todos vamos acabar sendo mandados a Lublin”. Foi no dia 11 de junho de 1940.

HAROLD NICOLSON escreveu uma carta à esposa, Vita Sackville-West. “O que me deixa de dentes rangendo é Hitler ter dito que estará em Paris em 15 de junho”, dizia, “e acho que vai conseguir, reforçando com isso a sua lenda mística.” Porém, mesmo assim, Nicolson estava animado. Sentiu-se *inflamado*, disse. “Eu não sabia que tinha instintos tão combativos. Querida, por que será que estou tão *contente*?” Era 12 de junho de 1940.

CINCO BOMBAS BRITÂNICAS caíram numa estação de trem e num hotel de Renens, ao norte de Lausanne, na Suíça, país neutro. “Uma mulher em cadeira de rodas morreu, seu marido perdeu um pé e um homem que dormia em um hotel sofreu um ferimento fatal”, disse a Associated Press. Isso no mesmo 12 de junho de 1940.

O governo britânico pediu desculpas, explicando que os aviões tinham se perdido.

SEIS MEMBROS DA PEACE PLEDGE UNION foram presos e processados por causa da publicação de um pôster em Londres. O pôster dizia: “A guerra cessará quando os homens se recusarem a combater. O que VOCÊ pretende fazer?”. O Ministério da Informação atacou a “propaganda perniciosa” da entidade. Os homens acabaram sendo soltos, mas as pessoas entenderam a mensagem: pacifismo era subversão. Foi em junho de 1940.

Na Alemanha, o dr. Hermann Stöhr, secretário da Fellowship of Reconciliation alemã, recusou-se a se alistar no Exército. Foi fuzilado.

O GENERAL JOHN DILL, chefe do estado-maior e membro do gabinete de guerra, avaliou os méritos do uso de gás venenoso na defesa das ilhas Britânicas. Isso no dia 15 de junho de 1940.

Havia duas graves objeções à ideia, pensou ele. Primeiro: “Nós nos comprometemos a não lançar

mão do gás, a não ser em represália. Faltar com nossa palavra pode afastar a simpatia norte-americana”. E, segundo, o uso do gás convidaria imediatamente à retaliação alemã contra a população inglesa.

No entanto, a ideia era atraente. “As forças inimigas aglomeradas nas praias, com a inevitável confusão no primeiro desembarque, seriam um alvo esplêndido”, escreveu. Os aviões poderiam gaseá-las assim que elas pisassem em seco — como haviam feito os aviões de Mussolini com os etíopes —, e o litoral ficaria lambuzado de mostarda engrossada. No fim das contas, os benefícios compensavam os riscos.

Outros membros do gabinete rejeitaram a proposta de Dill, e a ideia esmoreceu. Mas Churchill se interessou por ela: “Quero um relatório sobre a quantidade de mostarda ou outras variantes que temos em estoque”, escreveu. “Na minha opinião, não há necessidade de esperar que o inimigo adote tais métodos.”

Os britânicos começaram a armazenar o gás mostarda fabricado pela Imperial Chemical Industries.

PARIS capitulou. “Esquisito como a reação aqui é morna”, escreveu Marie Vassiltchikov, uma jovem *émigrée* russa em Berlim. “Não há absolutamente nenhum sentimento de júbilo.” Churchill rascunhou uma carta para os líderes do Canadá, da Austrália e de outros países da Commonwealth, garantindo que a Inglaterra levaria sua luta de vida ou morte até o fim. Não haveria paz. A Alemanha podia perfeitamente montar um ataque aéreo ou arriscar uma invasão por mar, dizia Churchill, mas a Inglaterra a esgotaria atacando a “congestionada e centralizada indústria de guerra” — as cidades — “no Ruhr”.

“Eu, pessoalmente, acredito que o espetáculo da luta feroz e da carnificina na nossa ilha obrigará os Estados Unidos a entrarem na guerra”, prosseguiu ele. “Confio na conjunção com os Estados Unidos até que o regime de Hitler desmorone sob a pressão.”

Mostrou a carta ao marechal do ar Newall, que ficou empolgadíssimo. “Eu senti um brilho de sóbria confiança”, disse Churchill depois.

Foi no dia 16 de junho de 1940.

LORDE HALIFAX, após uma arrastada reunião do gabinete de guerra, tentou uma vez mais compreender Churchill. “É o cérebro mais extraordinário que eu já vi, o de Winston, para observar funcionando; uma curiosíssima mistura de emoção infantil com raciocínio de homem”, disse. Isso em 19 de junho de 1940.

No dia seguinte, Churchill se dirigiu à Câmara dos Comuns numa sessão secreta. O sofrimento da Inglaterra arrastaria os Estados Unidos para a guerra, vaticinou o primeiro-ministro — cuja mãe era americana. “Nada os afetará mais do que a luta na Inglaterra”, diziam suas anotações para esse discurso. “A luta heroica da Grã-Bretanha os atrairá.” Se Roosevelt for reeleito, os Estados Unidos farão mais, prometeu: “Tudo depende do nosso comportamento resoluto e da nossa resistência até

que as questões eleitorais se resolvam por lá”.

A ROYAL AIR FORCE bombardeou Gênova e Milão. Foi em junho de 1940. Lançou bombas em Düsseldorf, foi embora, mas logo voltou para jogar mais bombas quando a população estava saindo dos abrigos para apagar os incêndios. Em Münster e Wertheim, a RAF incendiou partes da cidade e, a seguir, em voo rasante, metralhou as brigadas de incêndio. “O ódio enorme à Inglaterra está ficando cada vez mais concentrado”, relatou o serviço de pesquisa de opinião da SS de Ohlendorf, “e clama incessantemente por vingança.”

FRANKLIN ROOSEVELT demitiu o secretário da Guerra Harry Woodring. Foi em junho de 1940. Woodring queria muitos aviões nos Estados Unidos — não simpatizava com a ideia de mandá-los para a Inglaterra. Morgenthau e Roosevelt haviam elaborado um esquema para que alguns B-17 quase novos, no valor de um quarto de milhão de dólares cada, fossem considerados excedentes e devolvidos à Boeing para que esta os revendesse à Inglaterra. Assim, a neutralidade norte-americana ficaria intacta.

Woodring se recusou a apoiar o esquema. Roosevelt o demitiu e lhe ofereceu o governo de Porto Rico, cuja administração era “de suma importância para este país”. Woodring disse que não, obrigado, e escreveu uma carta afirmando que achava que a entrega de bombardeiros “não corresponde aos interesses da defesa do nosso país”.

O presidente respondeu com uma carta ríspida, dizendo que Woodring tinha uma “compreensão ligeiramente equivocada dos fatos e das datas”. Ele, Roosevelt, não havia solicitado a entrega dos bombardeiros. E explicou:

O fato é que, no dia 17 de junho, o exame, com o secretário do Tesouro, de uma lista de equipamentos do Exército e da Marinha constatou que diversas ‘fortalezas voadoras’ estavam a serviço do Exército havia muito tempo — em alguns casos entre dois e três anos. Sugeriu-se que, se esses bombardeiros fossem obsoletos, seria do interesse da defesa nacional devolvê-los aos fabricantes em troca de novos bombardeiros de último tipo.

Roosevelt disse ainda que tinha toda certeza de que ele, Woodring, não queria dar a impressão de se opor ao registro factual. Esperava que não houvesse depoimentos diante dos comitês parlamentares — nada de levantar “falsas questões”. Encerrava a carta com seus sinceros cumprimentos.

A EXILADA RUSSA MARIA VASSILTCHIKOV foi a uma festa no apartamento de seu novo amigo, C. C. von Pfuel, em Berlim. Isso em 21 de junho de 1940. Von Pfuel, que havia levado Vassiltchikov ao teatro e a visitara algumas vezes, via a guerra com pessimismo: achava que não ia terminar tão cedo. Vassiltchikov voltou para casa e estava se preparando para dormir quando as sirenes de raide começaram a tocar. “Ficamos sentados nos degraus do térreo, conversando com o porteiro, que

também atua na defesa antiaérea”, escreveu ela posteriormente em seu diário. “Depois soubemos que as bombas tinham sido jogadas nas proximidades de Potsdam, mas nenhuma em Berlim.”

a Whitehall, rua de Westminster, na grande Londres, em que fica boa parte dos ministérios. [N. T.]

OS ITALIANOS resolveram mostrar a alguns correspondentes estrangeiros os danos causados pelos bombardeios em Turim e Milão. Quatro bombas britânicas tinham caído numa praça de um bairro pobre de Turim, perto de um tanque de petróleo. “Causaram a morte de dez civis; quase todos morreram na cama”, escreveu Allen Raymond no *Herald Tribune* de Nova York. Em Milão, os jornalistas visitaram a fábrica de aviões Breda, a fábrica de pneus Pirelli e uma usina siderúrgica. Todas intactas. No entanto, cinco bombas tinham atingido um orfanato católico. Um homem que sofria do coração foi levado às pressas ao hospital logo depois do raide, contaram aos repórteres, onde se descobriu que o choque do bombardeio o havia curado. “O pároco e os vizinhos estão convencidos de que foi milagre”, escreveu Raymond.

Os moradores mencionaram um segundo milagre: “Uma Madonna de terracota, que estava justamente entre os lugares em que caíram duas bombas, também ficou incólume, muito embora tudo à sua volta tenha sido devastado”.

Foi no dia 21 de junho de 1940.

O PRESIDENTE ROOSEVELT nomeou Henry Stimson para ser o novo secretário da Guerra, em substituição a Harry Woodring. Os chineses ficaram contentes; os japoneses, nem tanto. “O sr. Stimson é detestado pelos japoneses, possivelmente mais do que qualquer outro político americano”, disse o *Herald Tribune* de Nova York. Isso em 21 de junho de 1940.

CLEMENTINE CHURCHILL, em Chequers, a casa de campo da família, escreveu ao marido. A carta era datada de 23 de junho de 1940. Ao decidir que não podia enviá-la, rasgou-a. Dias depois, já em Downing Street, decidiu reescrevê-la: “Um membro da sua equipe (um amigo dedicado) procurou-me para contar que você corre perigo de ser amplamente malquisto pelos colegas e subordinados por causa do seu modo grosseiramente sarcástico e autoritário”.

Ela se surpreendera ao ouvir semelhante queixa, dizia, mas ainda assim completou: “Meu querido Winston, eu devo confessar que notei uma deterioração nos seus modos; e você já não é tão gentil como costumava ser”. Recomendou-lhe urbanidade, cordialidade e calma olímpica. Desenhou um gato e encerrou assim: “Por favor, perdoe a sua ternamente dedicada e atenta Clemmie”.

HITLER E ALBERT SPEER visitaram a vazia, mas totalmente iluminada, Ópera de Paris. Isso no dia 25 de junho de 1940. Hitler nunca tinha estado lá — aliás, nunca tinha ido a Paris —, mas estudara atentamente a planta baixa do prédio. “Ficou encantado com a beleza do lugar”, recordou Speer, “seus olhos brilhavam tanto de entusiasmo que me pareceram anormais.” Perto de uma das caixas do proscênio, o Führer notou que faltava um cômodo — a planta indicava que ali havia um salão. Ah, sim, disse o assessor, anos atrás, houve uma reforma. “Viu como eu sei das coisas?”, gabou-se o Führer.

Naquele mesmo dia, Speer foi ter com ele num quartel-general provisório em Brûly-de-Pesche,

um povoado fronteiriço belga. “Paris não é linda?”, perguntou Hitler. E acrescentou que estava na hora de retomar as obras em Berlim: quando concluíssem o grande bulevar, Berlim humilharia até mesmo Paris.

Mais tarde, recordando a visita, Hitler disse: “Foi um grande alívio para mim não termos sido obrigados a destruir Paris”.

CHURCHILL deu instruções ao ministro da Informação. Foi em 26 de junho de 1940.

“Convém pedir à imprensa e à rádio que tratem dos ataques aéreos com frieza e num tom que faça diminuir o interesse público”, disse. Sem importância excessiva, sem manchetes. “Todo mundo deve aprender a encarar os raids e os alarmes antiaéreos como se não passassem de trovões. Rogo-lhe que tente impor isso às autoridades jornalísticas e as convença a colaborar.”

O *NEW YORK TIMES* publicou um registro da quantidade de bombardeiros Hudson que os Estados Unidos tinham vendido à Inglaterra e à França. Em junho de 1940, o total chegava a 1860. Foram usados para jogar panfletos e “tinham tido grande participação no patrulhamento do mar do Norte e nas atividades de bombardeio de longo alcance nos últimos dias”.

Simultaneamente, havia a outra arma: o bloqueio de fome. “Uma declaração oficial britânica avaliou as possibilidades de fome e achou boas as chances se o bloqueio de guerra for mantido até o inverno”, disse a revista *Time*. Isso em 1º de julho de 1940.

O GENERAL RAYMOND E. LEE, adido da Força Aérea americana em Londres, assistiu a uma apresentação da ópera-cômica *The Mikado* no D'Oyly Carte. “Eles trabalham bem e são tantos os epítetos e citações reconhecíveis que é como ouvir Shakespeare”, escreveu em seu diário. “O público, de tweed e máscara de gás, reagiu muito bem.” Era o dia 1º de julho de 1940.

UM HOMEM DA GESTAPO em Varsóvia disse a Adam Czerniakow, o chefe do Jewish Council, que a guerra terminaria logo, dentro de um mês. Depois disso, todos os judeus iriam para Madagascar. “Assim se realizará o sonho sionista”, escreveu Czerniakow. Foi em 1º de julho de 1940.

As obras no novo gueto de Varsóvia não tardaram a ser paralisadas. A SS e o Ministério de Relações Exteriores estavam ocupados com propostas rivais. Todos os judeus iriam para um gigantesco campo de concentração numa ilha, um “supergueto”, como o denominou um memorando, administrado por um governador da SS, com prefeito, polícia e correio judeus. Num período de quatro anos, 120 navios, cada um com 1500 judeus a bordo, transportariam 4 milhões para Madagascar, calculou Adolf Eichmann, o especialista em emigração judaica do Departamento Central de Segurança. Madagascar pertencia à França, mas agora a França pertencia à Alemanha. Assim que os navios voltassem a navegar livremente — em outras palavras, assim que a Inglaterra

fizesse as pazes com a Alemanha e deixasse de bloquear o tráfego oceânico —, os judeus europeus iriam embora, depois de despojados de todo e qualquer bem que porventura ainda possuíssem.

Mas tudo dependia da paz com Churchill.

O CONDE CIANO, genro de Mussolini, teve uma conversa com William Phillips, o embaixador americano na Itália. Isso em 3 de julho de 1940.

Ciano perguntou-lhe se os Estados Unidos estavam dispostos a entrar na guerra. Phillips disse que não — por ora, os Estados Unidos não tinham planos de entrar em guerra. “Estamos nos armando em muito grande escala e ajudando os britânicos de todas as maneiras possíveis”, contou. “No entanto, só um fato novo pode decidir a nossa intervenção, como um bombardeio de Londres com muitas vítimas na população civil.”

Ciano escreveu: “Por isso Hitler anda tão cauteloso e reticente para se lançar na aventura final”.

O ALMIRANTE BRITÂNICO LORDE SOMERVILLEM expediu um ultimato a um esquadrão de navios de guerra franceses ancorado no porto de Mers el Kebir, no litoral argelino. O texto dizia: unam-se à Marinha britânica ou afundem seus navios. “Nós imaginamos que Somerville tivesse achado isso de péssimo gosto”, recordou Vernon Coles, um tripulante do HMS *Faulknor*. O comandante francês, almirante Gensoul, ficou indignado e se recusou a ceder; por ordem de Churchill, os britânicos abriram fogo. “Foi uma triste ironia”, disse Coles. “Não estávamos atacando os alemães nem os italianos, e sim o mais antigo inimigo da Royal Navy e nosso aliado no século XX.” O *Dunkerque* foi atingido, assim como o *Bretagne*, o *Mogador* e o *Provence*. “Então o almirante Gensoul disse: ‘Pelo amor de Deus, parem de atirar. Vocês estão nos assassinando!’.” Morreram mais de mil marinheiros franceses. Foi em 3 de julho de 1940.

Na Câmara dos Comuns, Churchill fez um discurso vibrante sobre a destruição da frota francesa. “Quando ele terminou, o decoro parlamentar desapareceu”, escreveu o general Raymond Lee, que a tudo assistia da Galeria de Estrangeiros Ilustres. “Todos se levantaram aos berros e, feito loucos, puseram-se a aplaudir e a agitar lenços e cópias da ordem do dia.”

MOHANDAS GANDHI escreveu ao povo da Inglaterra uma carta aberta datada de 3 de julho de 1940. “Seus soldados estão fazendo o mesmo trabalho de destruição que os alemães”, dizia. “Quero que vocês combatam o nazismo sem armas.”

Se Hitler e Mussolini decidirem invadir a Inglaterra, prosseguiu ele, que a invadam:

Eles que se apoderem da sua bonita ilha com tantos prédios bonitos. Vocês lhes darão tudo isso, mas não a alma, nem a mente [...] Se esses senhores quiserem ocupar o seu lar, vocês o desocuparão. Se eles não lhes derem liberdade para sair, vocês, homens, mulheres e crianças, se deixarão massacrar, mas se recusarão a lhes prestar lealdade.

Esse método, dizia Gandhi, vinha tendo um sucesso considerável na Índia.

O SERVIÇO DE PESQUISA DA OPINIÃO alemã de Otto Ohlendorf escreveu que o noticiário da imprensa e da rádio sobre os bombardeios da Royal Air Force provocara “um ódio generalizado à Inglaterra e o desejo de retaliação ‘real’ mediante o bombardeio de cidades inglesas”. Isso em 4 de julho de 1940.

Hitler ainda hesitava em dar a ordem a Goering. Seus exércitos tinham conquistado meia dúzia de países. As campanhas militares iam bem — os ingleses tinham sido obrigados a sair do continente —, porém, mesmo assim, milhares de soldados haviam morrido. Não faltavam caças destruídos, tanques quebrados. As feridas precisavam ser curadas; as medalhas, condecorar; as promoções, ser conferidas. A munição precisava ser repostas.

Hitler tinha 100 milhões de novos súditos, entre os quais vários milhões de judeus. A eugenia dos Estados escravos requeria análise mais detida. Ele necessitava de tempo para assimilar a experiência de ser o Führer da França.

Mas Churchill não lhe dava tempo: fazia papel de picador, mandando esquadrões noite após noite. Em comparação com os ataques maciços que se iniciariam dois anos depois, os danos causados pelos bombardeiros da Royal Air Force eram insignificantes e inconsequentes — mas não era bem isso que sentiam os civis alemães, e as imprensas britânica e americana exageravam-nos ao máximo. No release do Ministério da Aeronáutica, um pequeno raide no porto de Hamburgo transformava-se num grande ataque a tanques de petróleo acompanhado de uma “explosão violentíssima que incendiou muitos quilômetros do céu em volta”.

VICTOR KLEMPERER registrou uma nova proibição: os judeus não podiam entrar nos parques de Dresden. Foi em 6 de julho de 1940.

Mas a grande notícia eram os ataques aéreos. “Dia após dia, aeronaves inglesas causam ‘danos insignificantes a alvos não militares’ e matam somente civis, na maioria mulheres e crianças, e a vingança da Alemanha por esses crimes será terrível”, escreveu ele, parafraseando o discurso oficial.

“O que nos acontecerá em caso de vitória alemã?”, indagou. “E o que nos acontecerá em caso de derrota alemã?”

Katz, um velho habitante de uma Judenhaus, contou-lhe: “Em Berlim, os judeus rezam pela vitória de Hitler”.

No dia seguinte, Klemperer ouviu um boato: o governo britânico acabava de renunciar. “Agora eles vão firmar a paz”, disse o informante, “e nós vamos ser despachados para Madagascar.”

CHURCHILL escreveu um memorando a Max Beaverbrook, o ministro da Produção Aeronáutica e proprietário do *Daily Express*. Isso em 8 de julho de 1940. Era de caças que eles precisavam com urgência, dizia. Mas, no futuro, precisariam de mais bombardeiros. “O bloqueio foi rompido”,

escreveu ele. Hitler tinha a Ásia e talvez a África; podia ser repellido na Inglaterra ou então optar por não invadi-la, especulava Churchill. Podia ir para o leste, e a Inglaterra não teria “meios de detê-lo”. E aí? Se Hitler se voltasse para o leste, a Inglaterra não teria guerra nenhuma em que lutar.

“Mas há uma coisa que vai trazê-lo de volta e vai derrubá-lo”, escreveu o primeiro-ministro, “e é um ataque absolutamente devastador e exterminador com bombardeiros muito pesados deste país contra a pátria nazista.” O objetivo era o domínio dos ares, disse ele a Beaverbrook. “Quando o obteremos?”

O PRESIDENTE ROOSEVELT queria recrutar gente para o Exército americano, embora o país não estivesse em guerra, coisa que jamais havia acontecido. Um grupo de várias centenas de escritores e professores — entre os quais Rufus Jones, Dorothy Detzer, o reverendo Harry Fosdick e Milton Mayer — assinou um manifesto contra a conscrição.

O serviço militar universal, dizia a declaração, sempre fora um meio de os ditadores suprimirem a consciência do povo e doutriná-lo com a noção de que a força bruta era superior aos ideais. “A ideia essencial por trás da conscrição é a premissa maior de toda ditadura e de todo totalitarismo”, prosseguiram os signatários. “É a presunção de que o cidadão individual não passa de um peão nas mãos do poder ilimitado do Estado.”

Era 8 de julho de 1940.

CHRISTOPHER ISHERWOOD almoçou com Thomas e Katia Mann e com o filho deles, Klaus, que era romancista como o pai. Klaus divergiu de Isherwood a respeito da guerra. Aconselhou-o a declarar publicamente apoio à causa aliada, pois seu silêncio estava sendo mal interpretado. E acrescentou que ele próprio era, obviamente, pacifista: não podia matar ninguém pessoalmente. Mesmo assim, o pacifismo não convinha naquele momento: “Deixar os nazistas matarem todo mundo é permitir que a civilização seja destruída”.

Isherwood retrucou com um argumento que ouvira de Aldous Huxley: “Em todo caso, a civilização morre de septicemia no momento em que adota as armas do inimigo e passa a trocar crime por crime”.

Klaus Mann alegou que as profissões de pacifismo não haviam feito senão auxiliar os nazistas e os quinta-colunistas.

“É por isso”, respondeu Isherwood, “que eu fico de bico calado.” Foi no dia 8 de julho de 1940.

“A NOSSA AÇÃO contra a frota francesa teve um efeito tremendo no mundo todo”, escreveu Harold Nicolson à esposa. “Eu estou mais tenso que nunca.”

Isso em 10 de julho de 1940.

LORDE LINLITHGOW, o vice-rei da Índia, declinou educadamente da proposta de Gandhi ao povo britânico de empregar métodos não violentos contra Hitler. O governo britânico, disse Linlithgow, estava “firmemente decidido a levar a guerra a uma conclusão vitoriosa”. Foi em 10 de julho de 1940.

“Agradeço ao excelentíssimo vice-rei ter encaminhado minha sugestão ao governo de Sua Majestade”, respondeu Gandhi no *Harijan*. “Sem dúvida, a determinação é natural e digna da melhor tradição britânica. Entretanto, o horrendo morticínio que essa determinação envolve deveria induzir à busca de um modo melhor e mais corajoso de atingir o fim.”

A COMISSÃO DE ASSUNTOS MILITARES do Senado estava tendo audiências conturbadas a respeito do projeto da Lei do Treinamento e Serviço Militar Obrigatório. Isso em julho de 1940. James Conant, o reitor de Harvard, disse: “O país está gravemente ameaçado. Parece-me necessário promulgar o mais depressa possível uma lei que permita expandir imediatamente as nossas Forças Armadas”. William J. “Wild Bill” Donovan — um advogado que atuava como espião de Roosevelt — disse: “Se você quiser lutar, precisa ser forte; mas, se quiser ter paz, precisa ser mais forte ainda; e é por acreditar na paz que eu sou a favor dessa lei”.

Norman Thomas, o líder socialista, opôs-se à lei. Era um erro, disse, afirmar que expandir um Exército conscrito contribuía para a causa da paz. “Conscrição não é liberdade, e sim servidão; sua igualdade é a igualdade dos escravos. A conscrição, sejam quais forem as esperanças e intenções de alguns de seus atuais apoiadores, numa nação potencialmente tão poderosa e agressiva como a nossa, é o caminho do militarismo, do imperialismo e, enfim, do fascismo americano e da guerra.” Thomas disse ainda que talvez não fosse por acaso que o patrocinador da lei, o senador Edward R. Burke, havia anunciado, ao retornar de uma visita à Alemanha em 1938, que Hitler estava “promovendo o bem-estar de todo o povo alemão”.

CATHERINE FITZGIBBON, da Women’s International League for Peace and Freedom, também se opôs radicalmente ao projeto de lei. “Eu só queria enumerar algumas coisas que nos assustam um pouco”, disse. “Quando os judeus da Alemanha procuraram refúgio, este governo não fez nenhum esforço especial para auxiliá-los; as cotas de imigração estabelecidas continuaram exatamente as mesmas.” A omissão, continuou ela, “honrou a Hitler”. Por outro lado, a sanha com que o país se entregara à caça a espões, agentes estrangeiros e quinta-colunistas, disse, arremedava o totalitarismo. E agora, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, o governo americano propunha transformar os homens em vassalos do Estado, sendo que o Estado não estava em guerra. Os grandes exércitos conscritos é que haviam possibilitado a manutenção do poder de Hitler, Mussolini e Stálin. “O padrão totalitário está praticamente pronto”, concluiu FitzGibbon.

O juiz da Filadélfia William F. Clark falou, depois de Catherine FitzGibbon, a favor da lei. Sua indumentária suscitou comentários: camisa cáqui e uma braçadeira vermelha, branca e azul. Segundo ele, não havia “nenhuma relação entre o serviço militar obrigatório seletivo e o

totalitarismo”.

A VOZ DE CHURCHILL trovejou no rádio. “Nós aguardamos sem temor o ataque iminente”, disse ele. “Não aceitaremos condições, não toleraremos nenhum jogo. Podemos mostrar piedade — não a pedimos.” Foi no dia 14 de julho de 1940.

Hitler emitiu sua diretiva 16: “Como a Inglaterra, apesar de sua situação militar desesperada, não dá sinais de estar disposta a chegar a um entendimento, eu decidi preparar uma operação de desembarque contra ela e, se necessário, levá-la a cabo”.

Mas ele não a levou a cabo. Começou a escrever um discurso.

O GENERAL RAYMOND LEE examinou a cratera de uma bomba perto da sede de uma fazenda na área rural inglesa. A cratera tinha 10,5 metros de diâmetro e nove metros de profundidade. “Junto à borda, havia um celeiro com um cavalo, uma vaca e um touro, os três ilesos”, escreveu ele. “Um porco foi trespassado por um estilhaço de madeira e um galo morreu. Só isso.” Era 16 de julho de 1940.

HITLER fez um discurso no Reichstag. A voz lhe saiu mais controlada, pensou William Shirer, e, em termos de oratória, ele estava em ótima forma. Não gritou nem berrou como antes. Isso em 19 de julho de 1940.

“O senhor Churchill voltou a declarar que quer guerra”, disse o Führer.

Um grande império mundial será destruído — um império mundial que eu nunca tive intenção de destruir nem prejudicar. Mas estou plenamente consciente de que a continuação desta guerra só pode acabar com a destruição completa de uma das duas partes beligerantes. Pode ser que o senhor Churchill acredite que seja a Alemanha. Eu sei que será a Inglaterra.

Sua consciência, prosseguiu ele, obrigava-o a fazer um derradeiro apelo à Inglaterra: “Eu não vejo razão nenhuma que nos obrigue a continuar com esta guerra”.

O conde Ciano, que lá estava aplaudindo, escreveu que tinha ouvido um “tom inusitadamente humano” no discurso de Hitler. “Creio que seu desejo de paz é sincero”, disse. “Eles esperam e rezam para que seu apelo não seja rejeitado.”

Na mesma cerimônia, Hitler brindou promoções aos generais de peito reluzente. Goering teve o privilégio de envergar uma esplêndida túnica nova com bordado de prata na insígnia da gola. Também foi promovido e recebeu um estojo com uma medalha especialmente cunhada — ele espiou rapidamente o conteúdo do estojo no palco. “Seu orgulho e satisfação pueris quase comoveram — velho assassino que ele é”, disse Shirer.

UMA HORA DEPOIS da transmissão radiofônica do derradeiro apelo à razão que Hitler fez à Inglaterra, Sefton Delmer, um dos locutores em língua alemã da BBC, divulgou uma resposta não oficial aos ouvintes alemães: “Eu vou dizer o que nós, aqui na Grã-Bretanha, achamos desse seu apelo àquilo que o senhor tem a graça de chamar de nossa razão e bom-senso”, disse ele em alemão. “Senhor Führer e chanceler do Reich, nós o jogamos de volta, nós o jogamos nos seus dentes fedorentos.”

O conde Ciano escreveu: “Tarde da noite, quando chegaram as primeiras e frias reações inglesas ao discurso, uma sensação de indisfarçável decepção espalhou-se entre os alemães”.

Já Churchill preferiu ficar calado. “Eu proponho não dizer nada em resposta ao discurso de Herr Hitler”, disse, “já que não há condições de conversar com ele.”

HAROLD NICOLSON escreveu: “A reação ao discurso de Hitler de ontem foi boa. Mas eu sei muito bem que ficaremos expostos a uma punição terrível”. Era esquisito, pensava ele, haver tão pouco ódio a Hitler ou aos alemães. “Hoje nós recuamos diante do inimigo principal”, escreveu. “Se formos invadidos, poderemos ficar zangados.” Foi no dia 20 de julho de 1940.

Naquela noite, Charles Portal, chefe do Comando de Bombardeio, pernoitou com os Churchill em Chequers. “O primeiro-ministro quis saber o que se podia fazer para bombardear Berlim e deu a data de 1º de setembro”, anotou posteriormente. Portal disse ao primeiro-ministro que, a partir de 1º de agosto, bastava dar a ordem com doze horas de antecedência para que os bombardeiros pesados fossem enviados a Berlim.

FRANCES PARTRIDGE — que morava em Wiltshire com o marido, Ralph, um opositor de consciência — soube que Hitler havia iniciado mais uma ofensiva de paz. Sentiu-se tentada a especular sobre o que aconteceria se o governo britânico o levasse a sério. “Mas é muito tantalizador, já que, sem sombra de dúvida, nós vamos rejeitar qualquer proposta”, escreveu ela em seu diário. “Ora, imagino que Churchill torne a dizer ao mundo que nós morreremos na montanha e no mar, e então faremos justamente isso.” Era 20 de julho de 1940.

LORDE LOTHIAN, o embaixador britânico nos Estados Unidos, tomou conhecimento de um resumo da última proposta de paz alemã por intermédio de um quacre. Achou que merecia ser discutida. “Temos a obrigação de descobrir o que Hitler pretende antes de condenar o mundo a 1 milhão de baixas”, disse Lothian ao lorde Halifax.

“Philip Lothian telefona avidamente de Washington, ao entardecer, implorando a Halifax que, à noite, no seu programa de rádio, não diga nada que venha fechar a porta da paz”, escreveu Harold Nicolson em seu diário. “É bom saber que Halifax não dá a mínima para isso e faz uma péssima transmissão radiofônica, mas, mesmo assim, perfeitamente firme, na medida do possível.” Isso em 22 de julho de 1940.

“HALIFAX inflexível”, disse o *New York Times*. Mas um repórter da United Press acrescentou um pequeno adendo. Minutos antes que ele se sentasse diante do microfone, alguém fez cortes em seu texto. “Várias frases, que em certos setores podiam ser interpretadas como uma abertura para que o chanceler Hitler apresentasse uma oferta nova e mais generosa, foram suprimidas”, disse o jornalista da United Press. “Ao falar, lorde Halifax deu a impressão de vacilar momentaneamente nessas partes revisadas de seu manuscrito.”

O DEPARTAMENTO ALEMÃO DE IMPRENSA anunciou que, desde o discurso do “Apelo final” de Hitler, os britânicos haviam bombardeado alvos civis em Wismar, Bremen, Hamburgo, Pinneberg, Paderborn, Hagen, Bochum, Schwerin, Wilhelmshaven e Kassel. Isso no dia 23 de julho de 1940.

A resposta de Churchill à oferta de paz de Hitler — mais ataques aéreos — e a reação da imprensa britânica não representavam o estado real da opinião pública, proclamou o *Frankfurter Zeitung*. “A imprensa britânica é uma cortina de ferro que oculta a verdadeira opinião e o verdadeiro sentimento do povo”, prosseguiu o jornal, utilizando uma expressão que Churchill mais tarde imortalizaria. “O povo não tem como se fazer ouvir nem pode expressar sua opinião publicamente.”

Os alemães imprimiram a oferta de paz de Hitler e, de avião, jogaram-na em toda a Inglaterra. Alguns panfletos caíram numa estação de tratamento de esgoto. “Atração magnética”, disse o Ministério da Informação.

LORDE HANKEY decidiu que estava na hora de iniciar um programa cabal de armas biológicas. Devia ficar sediado em Porton Down, não muito longe de Stonehenge, um lugar isolado em que se estavam testando armas químicas. “Recentemente, eu cheguei à conclusão”, escreveu Hankey em um memorando, “de que devemos dar um passo à frente em matéria de guerra bacteriológica de modo a termos condições de revidar caso usem esses métodos abomináveis contra nós.” Foi em 26 de julho de 1940. Ele começou a recrutar cientistas.

CHRISTOPHER ISHERWOOD tomou chá em Palos Verdes, Califórnia, com seu amigo Wystan Auden, um poeta. A essa altura, Auden havia abandonado a posição contrária à guerra. Disse a Isherwood que não gostava de palavras sânscritas — como as usadas por Gandhi. “A verdade é que eu quero matar gente.” Era 3 de agosto de 1940.

A ROYAL AIR FORCE bombardeou Hamburgo. Na noite seguinte, Hanover. “A Grã-Bretanha perdeu a honra”, dizia a manchete do *Zeitung* de Bremen. A RAF atacou Munique, a cidade dos

triunfos de Hitler. Jogou bombas de efeito retardado em Lippsspringe. Tudo isso em agosto de 1940.

A descrição dos jornais em língua inglesa da pretensa pulverização de Hamburgo irritou Joseph Goebbels. Um grupo de jornalistas, entre os quais William Shirer, foi convidado a dar um giro na cidade para ver que, no aspecto militar, os danos eram quase inexistentes. “Depois de dois meses de bombardeios quase toda noite, eu esperava que os ingleses tivessem conseguido muito mais”, escreveu Shirer. A manchete do *Völkischer Beobachter* deu uma interpretação típica do momento:

DESLAVADAS MENTIRAS BRITÂNICAS ORIUNDAS DA ANSIEDADE
JUDEUS AMERICANOS APOIAM TOSCA MANOBRA FRAUDULENTA INGLESA

Um correspondente holandês escreveu para Gandhi que os jovens nazistas tinham se transformado em máquinas. Os métodos não violentos eram inúteis contra robôs.

Gandhi discordou. “Ninguém se transforma permanentemente em máquina”, escreveu no *Harijan*. “Assim que tira da sua cabeça o peso morto da autoridade, a pessoa volta a funcionar normalmente.” Foi em 6 de agosto de 1940.

WISTON CHURCHILL foi a um estande de tiro com o filho Randolph e o secretário John Colville. Fumando seu charuto, atirou com um fuzil Mannlicher e com um revólver. Tinha boa pontaria.

“Ele passou o tempo todo falando na melhor maneira de abater hunos”, escreveu Colville. “Bom mesmo era usar balas *soft point* e ele precisava conseguir algumas.” Randolph observou que as balas *soft point* — que se expandiam com o impacto, causando maior dilaceração — eram ilegais na guerra. Churchill retrucou que não entendia por que devia ter dó dos alemães se eles não tinham dó dele. Isso no dia 11 de agosto de 1940.

MURIEL LESTER, a ativista humanitária cristã, estava tentando conceber um meio de ajudar os refugiados na França. Isso em 1940. “Dá uma espécie de náusea ver crianças morrendo de fome”, escreveu. “Elas não cobram simpatia nem explicações. Não guardam ressentimento. Endereçam um olhar direto, calmo, e uma coisa muito além de nós, muito ‘diferente’ da criança, nos convence do pecado e da vergonha.”

Os líderes das nações, disse Lester, não tinham a experiência do contato direto com a fome; as mulheres, os assistentes paroquiais, os professores e os médicos, sim. “Se o seu trabalho de diplomata consiste em fazer um discurso sarcástico sobre a Itália, a Alemanha ou o Japão, você finge que as emoções de escárnio e suas ameaças cuidadosamente equilibradas o poupam de encarar em carne e osso o resultado de sua política.”

A Fellowship of Reconciliation, os quacres e Herbert Hoover queriam mandar para a Europa um navio repleto de comida. Eles e outros formaram algo chamado Committe for the Feeding of the Little Democracies [Comitê para a alimentação das pequenas democracias]. “Mas o governo

britânico declarou-se averso ao plano”, escreveu Lester.

EM COLORADO SPRINGS, HERBERT HOOVER fez uma declaração à imprensa acerca da situação alimentar na Bélgica, na Holanda, na Polônia e na Noruega. “A verdade óbvia é que haverá fome, morte e doenças em larga escala nesses pequenos países, a menos que se tome uma providência”, disse. Foi no dia 11 de agosto de 1940.

Churchill era o principal obstáculo, escreveu Hoover posteriormente. “Era um militarista da escola extremista, que achava justificável a fome incidental de mulheres e crianças se isso contribuísse para antecipar o fim da guerra com a vitória.”

Ocorria que a Polônia era particularmente vulnerável. A Polish Relief Commission [Comissão de assistência à Polônia] de Hoover havia montado refeitórios nos guetos e bairros pobres poloneses, nos quais dava de comer a 200 mil pessoas por dia — o governo Chamberlain autorizara a passagem de víveres pelo bloqueio. “Quando sucedeu Chamberlain no cargo de primeiro-ministro, em maio de 1940”, escreveu Hoover, “Churchill não tardou a cancelar todas as autorizações de distribuição de alimento na Polônia.”

MURIEL LESTER escreveu um panfleto: “Apressem os navios de gêneros alimentícios”, para coleta de alimento nos Estados Unidos. Isso em 1940. “Um trabalho de guerra sensato aguarda todas as mulheres”, escreveu ela. “Esse trabalho consiste unicamente em dar de comer à Europa.” O excedente de alimento norte-americano precisava atravessar o Atlântico: “Será um novo tipo de invasão, um cavalo de Troia infiltrado na antiquada cirurgia anticientífica da Europa”.

Naturalmente, o Departamento da Guerra britânico ameaçaria afundar qualquer embarcação que infringisse o bloqueio, admitia Lester.

Nesse caso, os Estados Unidos continuariam enviando navios, pois seriam tripulados por americanos, milhões dos quais se exporiam alegremente ao perigo de perder a vida no esforço de salvar vidas [...] Nenhuma situação política ou militar há de deter durante muito tempo a correnteza de generosidade quando ela tiver rompido as obstruções que há tanto tempo vêm impedindo seu fluxo portador de vida.

Um panfleto contrário, “Questões espirituais da guerra”, tentou refutá-lo.

“Eu recebi um alerta dos amigos na Inglaterra para tomar cuidado”, disse Lester. “Nos bastidores, a oposição estava acumulando força.”

CHARLES DE GAULLE esteve em Chequers. Corria o mês de agosto de 1940. Churchill estava esperando o ataque aéreo alemão e, conforme recordou De Gaulle posteriormente, achava a espera insuportável. Ergueu os punhos no ar. “Então eles não vêm!”, disse.

“Por que tanta pressa”, perguntou o francês, “para ver as suas cidades despedaçadas?”

“Veja”, respondeu Churchill, “o bombardeio de Oxford, Coventry, Canterbury provocará uma

onda tão grande de indignação nos Estados Unidos que eles acabarão entrando na guerra!”

De Gaulle duvidou. A desgraça da França não levava os americanos a intervir. Ah, disse Churchill, é porque a França estava ruindo. “Cedo ou tarde, os americanos virão, mas com a condição de que nós não recuemos.”

Faltavam três meses para o ataque a Coventry.

EDWARD R. MURROW, da Rádio CBS, percorreu a periferia de Londres, atingida por bombas. “Pelo que vi, estou convencido de que os alemães estavam à procura de alvos militares”, disse. Ele não foi autorizado a visitar zonas militares. O que viu foi uma esponja vermelha na saboneteira de um banheiro destruído, o vitral quebrado de uma igreja e uma casa numa fileira de casas geminadas que “parecia ter levado uma porretada”. Foi no dia 18 de agosto de 1940.

EM MILÃO, três bombas inglesas atingiram um prédio particular. Outras bombas, assim como panfletos, caíram em Cuneo e Turim. Ninguém morreu. Isso em 19 de agosto de 1940.

“Italianos!”, diziam os folhetos ingleses. “Agora os bombardeiros britânicos trazem a guerra aos seus lares. É a espada de Hitler, não a da Inglaterra, que está apontada para o seu coração. A responsabilidade pelas vítimas dos raids é toda de Hitler e de seus satélites italianos.”

O *Giornale d'Italia* respondeu com um editorial. Os panfletos existiam, dizia o texto, para que os italianos tivessem “a prova da burrice dos que governam a Inglaterra” e estavam “levando o império britânico a um rápido colapso”.

VÁRIOS ATIVISTAS PACIFISTAS foram à rádio argumentar contra o recrutamento em tempo de paz nos Estados Unidos. Era 19 de agosto de 1940.

“O serviço de combate pesará mais sobre os desempregados, os operários não especializados e os grupos de baixa renda”, disse John Nevin Sayre, da Fellowship of Reconciliation. O editor e crítico literário Burton Rascoe declarou: “A verdade é que a agitação acerca da conscrição em tempo de paz não é o que vocês pensam. Trata-se de uma manobra dos militaristas e dos políticos para mergulhar este país na guerra o mais depressa possível”.

CHURCHILL, discursando na Câmara dos Comuns, abordou o tema da fome. Havia recebido propostas “fundadas nos mais elevados motivos” para permitir a passagem de alimento pelo bloqueio naval britânico, disse. “Lamento ter de recusar essas solicitações.” As gorduras servem para fazer bombas, explicou, e a batata, para fazer combustível sintético. E disse: “A matéria plástica, agora tão amplamente empregada na construção de aeronaves, é feita de leite”. Isso em 20 de agosto de 1940.

Os que gemiam sob o jugo hitlerista, acrescentou Churchill, teriam o que comer quando se

libertassem desse jugo.

Mais tarde, Herbert Hoover escreveu: “A ideia de que o tipo especial de alimento de que precisávamos para as crianças (leite, chocolate, gorduras e carne) seria usado na produção de munição era simplesmente absurda”.

Hoover recordou o velho adágio: a verdade era a primeira vítima da guerra.

LORDE LYTTON, o novo presidente do Advisory Council on the Welfare of Refugees [Conselho Consultivo sobre o Bem-estar dos Refugiados], disse aos jornalistas que a situação nos campos de internamento de estrangeiros, na Grã-Bretanha, era “desgraçada e deplorável”. Atribuiu a culpa dos problemas aos comandantes de campo individuais e ao caos produzido pela decisão do governo — a decisão de Churchill — de trancafiar todos os estrangeiros inimigos entre dezesseis e setenta anos de idade. Lytton disse esperar que a situação melhorasse rapidamente. Foi em 22 de agosto de 1940.

O PORTEIRO começou a bater panelas a fim de acordar Marie Vassiltchikov em Berlim: ataque aéreo, todos ao porão. Era 26 de agosto de 1940.

Algumas noites depois, duas bombas de cinquenta quilos caíram numa rua da cidade, mutilando a perna de um homem que estava à porta de casa. Após algumas noites, a RAF deu “uma boa metralhada” na cidade, escreveu William Shirer. Na noite seguinte, uma chuva de bombas-relógio no Tiergarten — os prisioneiros de um campo de concentração foram incumbidos de removê-las.

Vassiltchikov descreveu seu porão antiaéreo: “Crianças pequenas deitadas em catres, chupando o dedo. Tatiana e eu geralmente ficamos jogando xadrez”. Quando sua irmã teve um pouco de febre, elas resolveram enfrentar o raide na superfície mesmo. Os aviões voavam muito baixo; súbitos clarões alagavam o quarto. “Tatiana temia que, se atingissem o prédio, eu fosse arremessada no espaço enquanto ela ficaria suspensa a meio caminho; por isso fui para sua cama, e as duas passamos duas horas inteiras abraçadas. O barulho era um horror.”

HARRY “BART” BARTHOLOMEW, editor do *Daily Mirror* de Londres, jantou com um repórter fotográfico chamado Heanley que agora era metralhador traseiro num esquadrão de bombardeiros da Royal Air Force. Bart Bartholomew relatou a Cecil King, proprietário do *Mirror* e do *Sunday Pictorial*, a conversa que eles tiveram.

“Heanley revelou”, anotou King em seu diário, “que seu esquadrão estava equipado com tanques de gás mostarda debaixo das asas dos aviões. Do ar, borrifaram soldados com uma mistura fajuta de pó rosado que imitava o gás mostarda.” Heanley disse que tinha a impressão de que os ingleses só usariam o gás se os alemães o fizessem. Foi no dia 31 de agosto de 1940.

Enquanto isso, Churchill acompanhava os preparativos. “Fiquei muito contente em saber que os estoques de armas químicas estão aumentando neste país”, escreveu a Herbert Morrison, ministro da Segurança. “Continuem avançando.”

a Residências que confinavam judeus expulsos de seus lares, antes das deportações. [N. E.]

CHURCHILL mandou Portal experimentar uma coisa um pouco diferente, usando certas armas especiais. Já a haviam tentado no verão anterior, logo depois da queda da França, mas não dera muito certo. Talvez valesse a pena fazer um novo teste.

As armas a serem usadas não eram propriamente bombas; tratava-se de folhetos em branco. Os britânicos os chamavam de “cartão de visita”. Eram mais ou menos do tamanho de uma carta de baralho — talvez um pouco menor — e feitos de uma pasta de fósforo prensada entre duas camadas de pano úmido. Quando este se secava ao sol, o fósforo pegava fogo. Havia outras formas e configurações: às vezes vinham recobertos com uma substância plástica que se rachava ao secar. Quando isso acontecia, a massa se acendia.

O que esses sanduíches de fogo podiam incendiar? As plantações? Eles já tinham tentado isso. Churchill voltou o pensamento para a Floresta Negra. Lá Hitler tinha depósitos e quartéis-generais escondidos. Aliás, por que não incendiar todos os bosques da Alemanha?

Os ataques começaram na noite de segunda-feira 2 de setembro de 1940, mas o Ministério da Aeronáutica omitiu a notícia durante dois dias. “Florestas bombardeadas” foi a manchete do *New York Times*. “Bombardeiros da RAF desencadearam um devastador ataque de bombas incendiárias na Floresta Negra, a leste de Baden, nas densas matas do maciço de Oberharz, no distrito florestal de Grünewald, perto de Berlim, e em bosques da Turíngia”, dizia o jornal.

No dia seguinte, as chamas continuavam acesas na Floresta Negra. Os pinheiros do maciço de Harz “ardiam como gravetos”. Na volta, um piloto reconheceu o cimo das montanhas de Harz — ele havia passado férias lá em certa ocasião. Naquele morro, recordou, vivia um gigante lendário. “Eu contei isso para meus companheiros de avião quando o sobrevoamos”, disse. Perto da estrada de ferro que subia o morro do gigante, as bombas atearam “um bom trecho novo de fogo de aproximadamente 1,5 quilômetro quadrado”, acrescentou.

HITLER estava entre suásticas e membros da SA no Palácio de Esportes, o Madison Square Garden de Berlim. Diante dele, uma enorme multidão de militantes do partido e de participantes da Campanha Assistencial de Inverno aplaudia e batia os pés. Goebbels estava no palanque com ele. Era o dia 4 de setembro de 1940. “Os ingleses chegam de noite, sem escolher objetivos e sem plano”, disse Hitler, “jogam bombas em bairros residenciais, plantações, sedes de fazenda e aldeias.” Atacavam à noite, explicou, porque não podiam fazê-lo durante o dia. “Em qualquer lugar que enxergam luz acesa, eles jogam uma bomba.”

Nos últimos três meses, eu não permiti que se desse uma resposta por ser da opinião de que eles parariam com esse absurdo. Churchill interpretou isso como uma fraqueza da nossa parte. Vocês hão de entender que agora daremos resposta toda noite — e em medida crescente.

Ele ameaçou “destruir” (*ausradieren* — “apagar”, “obliterar”) as cidades britânicas se os ataques não cessassem. “O povo da Inglaterra é muito curioso e pergunta: ‘Por que eles não vêm?’”, disse.

“Nós já vamos.” Esperou que parassem de aplaudir. “Nem sempre as pessoas deveriam ser tão curiosas”, arrematou.

DOIS PRISIONEIRO ALEMÃES derrubados dos céus achavam-se na estação ferroviária de Tonbridge, Inglaterra. “São uns garotinhos de dezesseis anos”, escreveu Harold Nicolson em seu diário, “algemados um ao outro e vigiados por três soldados de baioneta calada.” Um deles estava sem botas, calçando apenas grossas meias cinzentas. Isso em 7 de setembro de 1940.

Às cinco horas, as sirenes começaram a tocar. Uma escritora chamada Virginia Cowles estava numa casa de campo a cinquenta quilômetros de Londres. Deitada na relva, olhou para o céu. “Os aviões voavam tão alto que era difícil enxergá-los, mas, de quando em quando, o sol se refletia em suas asas”, escreveu. “O barulho era pavoroso. Parecia o estrondo de Niagara.” Ela contou mais de duzentos aviões. “Nós sabíamos que era o pior raide da guerra.” Ao todo, chegaram cerca de mil aeronaves. Goering estava na França, dirigindo o ataque de seu suntuoso trem.

“Vários alvos militares pareciam ser o principal objetivo dos agressores”, escreveu o *New York Times* — entre eles, as docas e os armazéns do Tâmis. Morreram centenas de vítimas das bombas *screamer*, dos prédios desmoronados e dos incêndios. Era o começo da blitz. Numa rua, ouviu-se um homem dizer: “Afim de contas, os nossos rapazes fazem isso toda noite com os alemães”.

Um jornalista visitou um abrigo antiaéreo. “Lá dentro, o cheiro era forte, composto de fumaça, poeira, roupa e corpos sem lavar. Um bebê choramingava.”

“Nós ainda não chegamos à nota mais alta desse crescendo de ataques aéreos”, vaticinou um oficial no Ministério da Aeronáutica.

AVIÕES BRITÂNICOS voltaram à Floresta Negra e avistaram muitos trechos pretos, estorricados. Um repórter do *New York Times* escreveu:

Contornando esses intervalos vazios, despejaram centenas de bombas incendiárias nas partes verdes da floresta, iniciando muitos novos focos de incêndio que, segundo o Ministério da Aeronáutica, se espalharam rapidamente e se fizeram acompanhar de explosões, algumas extremamente violentas, indicando que depósitos de munição haviam sido atingidos.

Goebbels convocou os jornalistas ao Ministério da Propaganda para mostrar exemplares de “cartões-postais” ingleses. Os britânicos esperavam queimar muitas plantações, teorizou Shirer. “Infelizmente”, disse, “nós tivemos um agosto muito úmido e poucas delas estavam secas a ponto de pegar fogo.”

O EDITOR DE JORNAL Cecil King saiu da estação de Baker Street e olhou à sua volta. Foi no dia 10 de setembro de 1940. “Uma bomba grande atingira o Madame Tussauds, revirando-o de dentro para fora”, reparou. As bombas mais recentes não uivavam nem zuniam, escreveu ele em seu diário —

vinham com uma espécie de sussurro cujo volume ia aumentando: “Parecia o farfalhar de uma árvore frondosa movida pelo vento”.

UM PILOTO BRITÂNICO viu a lua refletida nos lagos da Berlim mergulhada no blecaute e entendeu que tinha encontrado seu alvo: a estação ferroviária de Potsdam. Era a noite de 10 de setembro de 1940. “Típico das atuais operações de bombardeio da RAF, o raide da noite de ontem foi feito por uma força de bombardeiros que executou o ataque com grande precisão”, dizia a nota oficial inglesa. “Houve um incêndio particularmente grande e diversos outros menores foram vistos.” A equipe de propaganda da BBC aproveitou para transmitir a notícia para a Alemanha.

Mas as bombas não acertaram o alvo: a estação de Potsdam continuava intacta. Danificados ficaram o prédio do Reichstag, o Portão de Brandemburgo, o hospital católico Santa Edviges, um hospital judeu, o hospital Charité e a Academia de Arte de Berlim — embora a sala das maquetes de Hitler não tivesse sofrido avarias. Um fragmento de bomba abriu um buraco na janela dupla da embaixada norte-americana e ficou cravado na parede do escritório de um dos secretários; várias bombas incendiárias caíram no jardim. Cinco civis morreram, segundo o comunicado oficial alemão. Em Berlim, as manchetes vespertinas foram: “Reichstag bombardeado! Hospitais, hotéis, bairros residenciais e monumentos de Berlim atacados conforme o plano — bombas também no Portão de Brandemburgo”. E ainda: “Loucos ataques contra símbolos nacionais”.

“Agora que o prédio do nosso Reichstag foi bombardeado, não temos por que não arrasar de vez o Parlamento britânico a bombas”, disse uma fonte anônima próxima de Hermann Goering a um repórter da Associated Press. “Eu não daria um tostão pelas câmaras do Parlamento.”

CHURCHILL atacou Hitler violentamente no rádio. “Esse homem perverso, repositório e personificação das muitas formas do ódio embrutecedor de almas, esse monstruoso produto de injustiças e vergonhas passadas, agora resolveu tentar exterminar a nossa gloriosa raça insular mediante um processo de matança e destruição indiscriminadas”, disse. Foi em 11 de setembro de 1940.

VICTOR KLEMPERER ouviu rumores sobre o que estava para acontecer: braçadeiras amarelas; o confisco das máquinas de costura e de escrever. “Até agora, não sofri nenhuma privação apesar dos tantos impostos”, escreveu. Sem dúvida, sua necessidade de roupas tornara-se “grotesca”. Os chinelos estavam chegando ao fim, e “o estado das meias é péssimo”. Mas podia ser pior, disse, e ele não queria pensar no amanhã.

Aliás, o amanhã dava-lhe arrepios: “A Judenhaus conta permanentemente com um massacre no caso de derrota alemã”, escreveu ele no dia 12 de setembro de 1940.

OS ALEMÃES afirmaram que os aviadores britânicos haviam lançado dos aviões sacos de besouro-da-batata. Os insetos estavam caindo, supostamente, em plantações da Alemanha, de Luxemburgo, da Bélgica e da Holanda.

Os britânicos negaram a acusação. Isso em 12 de setembro de 1940.

UM PILOTO CANADENSE de bombardeiro escreveu para a família sobre os tripulantes de voo alemães. Foi em 12 de setembro de 1940.

“Os aviões que caem perto da nossa estação são tripulados por garotos de quinze ou dezesseis anos”, contou ele. “Alguns aviões alemães de cinco tripulantes contam com apenas dois rapazes para manejá-los.”

ALGUNS REFUGIADOS DE WANDSWORTH, um distrito de Londres, estavam hospedados na casa de Frances Partridge em Wiltshire. “A nossa família de Wandsworth acreditava que a paz *precisava* chegar porque os londrinos não aguentavam mais aquela tensão terrível e tanta vigília”, escreveu Partridge em seu diário. “Eles são como a maioria das pessoas pacíficas que vi ultimamente. Não têm raiva do povo alemão, apenas simpatia por aqueles que estamos bombardeando em Berlim.” Era 13 de setembro de 1940.

GANDHI fez um discurso no All India Congress Committee [Comitê do Congresso de Toda a Índia]. “Pensar na catedral de São Paulo danificada magoa-me tanto quanto me magoaria ver o templo de Kashi Vishwanath ou o Jama Masjid destruídos”, disse. “Eu não desejo a derrota dos britânicos. Quero que eles vençam. São uma nação destemida. Mas não posso admitir que seu domínio sobre o meu país se perpetue e que nós fiquemos eternamente sob a sua proteção. Por isso não subo a bordo de seu navio.” Foi no dia 15 de setembro de 1940.

FRANK KNOX, o novo ministro norte-americano da Marinha, visitou a frota, que continuava em Pearl Harbor, longe da base. Knox jogou golfe com o almirante Richardson, e este lhe entregou um ofício solicitando o retorno da frota à Costa Oeste. Isso em 15 de setembro de 1940.

“A atual política parece ter o objetivo de impor a nossa vontade a outra nação do Pacífico”, dizia o documento. “Acaso o objetivo de tal guerra foi formulado, e seu custo, calculado e comparado com o valor da vitória?”

O almirante Richardson também contou ao ministro Knox uma coisa que ele sabia por experiência própria: “Eu lhe disse que o presidente tinha dois hobbies: colecionar selos e brincar com a Marinha”.

CLARENCE PICKETT pediu ajuda a Eleanor Roosevelt para conseguir uma audiência com o presidente da República a fim de discutir a lei do serviço militar obrigatório — agora denominada Lei do Treinamento e Serviço Seletivos, prestes a ser votada no Congresso. O presidente respondeu que não tinha tempo para conversar com Pickett. A lei foi aprovada: 47 votos a 25 no Senado, 231 a 124 na Câmara dos Deputados.

Henry Stimson, o novo ministro da Guerra, e George Marshall, o comandante do estado-maior do Exército, postaram-se atrás do presidente Roosevelt, observando-o sancionar a lei. Foi no dia 16 de setembro de 1940, às 15h08.

O presidente fez uma proclamação: no prazo de um mês, todos os cidadãos e estrangeiros entre 21 e 36 anos de idade, nos Estados Unidos, teriam de se submeter ao cadastramento. “Nós não podemos ficar indiferentes à filosofia da força que agora grassa no mundo”, disse ele. “O destino horrendo das nações cuja fraqueza incitou o ataque é bem conhecido de todos.”

Roosevelt ainda afirmou que a lei era bipartidária e justa, e expressava a vontade do povo. Era o primeiro passo: “No dia do cadastramento, os nossos rapazes sairão das fábricas e da lavoura, das cidades e dos povoados, para se inscrever”.

De acordo com a lei, quem deixasse de se alistar e quem aconselhasse, ajudasse ou instigasse “intencionalmente outra pessoa a se furtar ao cadastramento ou ao serviço nas forças terrestres ou navais” era passível de prisão ou de multa de 10 mil dólares ou de ambas.

CHAMBERLAIN voltou à Câmara dos Comuns depois da cirurgia para extrair um câncer. Tinha envelhecido, pensou Harold Nicolson: seu nariz parecia maior; a cabeça, menor. Churchill avisou os parlamentares que os bombardeios iam piorar. Isso no dia 17 de setembro de 1940.

“Todos estão preocupados com o estado de espírito no East End, onde reina a amargura”, escreveu Nicolson. “Dizem que até o rei e a rainha foram vaiados quando visitaram as áreas destruídas.”

Nos abrigos antiaéreos, os comunistas passaram um requerimento a ser entregue a Churchill.

HITLER desistiu da Operação Leão-marinho, a invasão pelo canal. A Royal Air Force não tinha sido destruída, de modo que as lanchas de desembarque lotadas de soldados não podiam fazer a travessia. E, por conseguinte, gorou o Plano Madagascar, em suas várias versões: os navios cheios de judeus deportados não tinham como romper o bloqueio. Hitler voltou sua hostilidade para o leste. Foi em meados de setembro de 1940.

EDWARD R. MURROW deu uma volta para ver casas incendiadas num bairro operário de Londres após um ataque aéreo. Acompanhava-o um piloto de bombardeiro que participara de 25 missões na Alemanha. Eles viram uma mulher levando uma panela e outra com um bebê nos braços. As duas olhavam para trás, para o incêndio que devorava um quarteirão.

“Eu estou farto disso”, desabafou o piloto. “Tomara que não tenhamos feito a mesma coisa no Ruhr e na Renânia nos últimos três meses.” Isso em 25 de setembro de 1940.

O CONDE CIANO foi de trem a Berlim para assinar o Pacto Tripartite entre o Japão, a Alemanha e a Itália. Hitler telefonou, mandando o trem parar. “Ataques da Royal Air Force ameaçavam a região, e o Führer não queria expor-me ao perigo de uma longa parada em campo aberto”, escreveu Ciano em seu diário. Era o dia 26 de setembro de 1940.

Ele foi de avião de Munique a Berlim, onde achou uma atmosfera mais fria do que quando lá estivera para assinar o Pacto de Aço — o acordo entre a Itália e a Alemanha —, em 1939. Agora a comida escasseava em Berlim, e as sirenes irritavam as pessoas. “Toda noite, os cidadãos passam de quatro a cinco horas no porão. Estão com o sono atrasado, há promiscuidade entre homens e mulheres, frio, e essas coisas que acabam com o bom humor de qualquer um.” Às dez horas, todos consultavam o relógio, disse ele, com vontade de estar em casa com os entes queridos. “Os estragos das bombas são leves”, pensou Ciano; “já o nervosismo, enorme.”

AS FAMÍLIAS DE BERLIM E HAMBURGO começaram a inscrever os filhos no novo programa de evacuação rural, o chamado *Kinderlandverschickung* ou KLV. O programa foi organizado, a pedido de Hitler, por Baldur von Schirach, o líder do partido em Viena. Von Schirach era um velho camarada — tinha escrito poemas em louvor ao gênio de Hitler e comprara quadros seus em Munique. Filho de mãe americana, ele contou que descobrira o antissemitismo aos dezessete anos, pela leitura de *O judeu internacional*, de Henry Ford.

Os meninos do KLV ficavam a salvo das bombas britânicas, mas passavam longos períodos longe dos pais, morando em acampamentos, constantemente sujeitos à doutrinação nacionalista, a arengas antissemitas, a exercícios militares, a cantorias e a sádicas violências físicas e psicológicas. O programa era dirigido pela Juventude Hitlerista, sob o comando de Baldur von Schirach desde 1933.

CHURCHILL enviou ao general Hastings Ismay, chefe do estado-maior, um bilhete preocupado acerca do gás de guerra. “Convém estudar, e na mais larga escala possível, a possibilidade de termos de utilizá-lo na população civil alemã”, escreveu. “Não devemos começar em hipótese alguma, mas precisamos estar em condições de revidar.” Isso em 28 de setembro de 1940.

Naquela noite, houve um raide em Berlim. Uma vez mais, Marie Vassiltchikov preferiu ficar na cama a descer ao porão. As pessoas estavam começando a desconfiar dos porões, disse ela. “Há algumas noites, uma bomba caiu num prédio aqui perto, atingindo-o de lado. Embora o prédio tenha ficado em pé, os canos se romperam no porão e todos os moradores morreram afogados.”

O CORONEL HENRI SMITH-HUTTON, adido naval americano em Tóquio, apresentou um relatório a Washington sobre as cidades japonesas. Foi no dia 30 de setembro de 1940.

“As mangueiras estão velhas, gastas e vazantes”, escreveu Smith-Hutton. “Os dutos principais de água são fechados durante a noite. Há pouca pressão disponível. Os hidrantes de incêndio são escassos e distantes entre si.” Não havia muitos abrigos antiaéreos, prosseguia o adido — e, como o transporte era superlotado, a evacuação apresentaria dificuldades tremendas. “O amplo lançamento de bombas incendiárias numa região de cidades japonesas resultaria na destruição de grandes porções dessas cidades”, disse.

Smith-Hutton prometeu preparar uma lista de importantes objetivos de bombardeio.

O ECONOMISTA ALEXANDER S. LIPSETT, que trabalhava para a instituição de assistência alimentar de Herbert Hoover, escreveu uma carta para o *New York Times*. Queria que os britânicos suspendessem o bloqueio de víveres. “Estamos enfrentando o problema pavoroso da fome em massa”, dizia. “Aqueles que pensam que os alemães, eles mesmos seriamente afetados, não deixarão essa gente morrer de fome e, se ela se revoltar, não a matarão em massa, estão tragicamente equivocados. Talvez por não conhecerem os alemães. Eu os conheço.”

Se o plano fracassasse — se os alemães desviassem as cargas de víveres —, nós pelo menos teríamos tentado, observou ele.

Quem condena esse ou qualquer outro plano de assistência alimentar deve ter em conta que nada é mais destrutivo, mais desmoralizante e, em última análise, mais vantajoso para os arremedos incipientes de Hitler e para os pregadores do totalitarismo do que a aquiescência por palavras e atos à sentença de morte que ora paira sobre a cabeça de milhões de inocentes.

Lipsett estava preparando um livro: *Famine Stalks Europe* [A fome ronda a Europa].

Isso em 2 de outubro de 1940.

O SERVIÇO DE IMPRENSA britânico providenciou um documento que deveria ser uma resposta devastadora aos adversários do bloqueio, assinado por quinze importantes lideranças norte-americanas. “O povo americano se solidariza profundamente com as populações civis da Europa em seu sofrimento e na perspectiva de mais sofrimento”, dizia a declaração — mas aquela era uma guerra total. “Entre a agonia temporária das barrigas vazias em uma parte do mundo e a agonia das almas afetadas no mundo inteiro, só há uma opção.” Além de outras doze pessoas, subscreveram-na James Conant, de Harvard, Harold Dodds, de Princeton, e Henry Sloane, do Union Theological Seminary. Foi em 6 de outubro de 1940.

UM AVIÃO JAPONÊS jogou trigo, arroz e pulgas na ilha de Chuhsien, no litoral da China. Isso em 4 de outubro de 1940. O povo de Chuhsien começou a morrer de peste bubônica. Os aviões japoneses

também lançaram uma nuvem de grãos na cidade de Ningpo. Cem pessoas morreram de peste em Ningpo.

A ROYAL AIR FORCE entregou à imprensa o rol dos lugares que seus aviões tinham bombardeado no primeiro ano de guerra. Corria o mês de outubro de 1940. Segundo essa lista, Hamburgo sofrera 36 bombardeios; Bremen, 31. Os outros lugares que haviam sido bombardeados dez ou mais vezes eram: Berlim (quinze), Dortmund (catorze), o canal Dortmund-Ems (onze), Duisburg (doze), Ehrang (dez), Emden (dezenove), Essen (dezesesseis), Frankfurt (doze), Hanover (dezenove), Homburg (doze), Kiel (doze), Krefeld (treze), Magdeburg (dez), Mannheim (dezesesseis), Nordeney (catorze), Osnabrück (22), Soest (29) e Wilhelmshaven (vinte).

A Floresta Negra só tinha sofrido cinco bombardeios; Dresden, apenas um.

Churchill apresentou um relatório da guerra na Câmara dos Comuns: “A morte e a dor serão as nossas companheiras de viagem; a privação, a nossa roupa; a constância e a coragem, o nosso único escudo”, disse o primeiro-ministro.

PETER STAHL, piloto de um bombardeiro Ju-88, participou de um dos primeiros ataques noturnos a Londres. “A Luftwaffe mudou de tática”, escreveu ele em seu diário. “Agora a meta de exaurir o inimigo deve ser atingida com raids de formações maiores à noite, exatamente como os britânicos já experimentaram na Alemanha.” Seu avião tinha sido pintado de preto: “Parecia que, com essa roupagem, nós seríamos invisíveis para os holofotes”.

Eles guinavam para evitar os canhões antiaéreos, lançavam as bombas e então voltavam para casa. Hein, um dos colegas de Stahl, pediu um pouco de música. Sintonizaram a rádio Hilversum, uma estação holandesa. “E nós atravessamos o mar do Norte acompanhados de alegres acordes.” Foi no dia 7 de outubro de 1940.

O ALMIRANTE RICHARDSON, comandante da frota dos Estados Unidos, teve uma audiência com o presidente Roosevelt. Isso em 8 de outubro de 1940. Richardson disse o que já havia dito em carta ao almirante Stark e num ofício ao ministro Knox: que Pearl Harbor não era o lugar certo para seus navios. Roosevelt disse achar que a manutenção da frota no Havaí tinha uma “influência restrigente” sobre o Japão.

Richardson perguntou ao presidente se os Estados Unidos iam entrar em guerra. “Ele respondeu”, dizia o relato de Richardson, “que, se os japoneses atacassem a Tailândia ou a península da Malásia ou as Índias Orientais Holandesas, ele não entraria em guerra; e, mesmo que atacassem as Filipinas, o presidente duvidava que entrássemos em guerra.” Mas os japoneses não estavam livres de cometer erros, completou Roosevelt. “Cedo ou tarde eles vão cometer um erro, e nós entraremos em guerra.”

OS JORNAIS DE CECIL KING se encrencaram. Hugh Cudlipp, o editor do *Pictorial*, tinha escrito que “a influência paralisante” de Chamberlain persistia no ministério. O *Daily Mirror* publicara uma frase sobre “a troca e a transferência de mediocridades”. Cudlipp citou o livro de Churchill sobre a Primeira Guerra Mundial. Em tempo de paz, dizia Churchill, as lideranças podiam proceder com cautela e vacilar, mas, na guerra, era preciso tomar decisões implacáveis e claras. Cudlipp encerrou dizendo: “Churchill, você avisou a si próprio”.

Indignado, o primeiro-ministro levou um desses artigos a uma reunião do gabinete e, na Câmara dos Comuns, denunciou os ataques “perniciosos e malignos”. Isso aconteceu em 8 de outubro de 1940. Clement Attlee, o lorde do Selo Privado, telefonou para o diretor da Associação de Proprietários de Jornal, ameaçando censura geral tanto dos editoriais quanto do noticiário.

Cecil King foi conversar com Attlee. Este havia se refugiado num abrigo antiaéreo à prova de gás de três metros quadrados; sentado numa cama, estava lendo a *New Statesman*. Disse que os jornais de King mostravam “influência subversiva” e punham em perigo o esforço de guerra. King respondeu que Churchill não dava a mínima quando seus jornais criticavam Chamberlain; ele simplesmente “não gostava de ser criticado”. Attlee fez questão de afirmar que o governo não tinha objeção a diferenças de opinião, só à crítica “irresponsável”.

“Obviamente, nós vamos calar a boca durante algumas semanas”, escreveu King, “até que o curso da guerra altere toda a situação.”

A LUA estava quase cheia. Os britânicos atacaram a estação de energia elétrica de Berlim e o distrito operário de Moabit que a cercava. Na noite seguinte, os alemães bombardearam Stoke Newington, um bairro operário judeu de Londres. Era 14 de outubro de 1940.

Vera, uma datilógrafa, estava em um abrigo de Stoke Newington com a família quando a bomba explodiu, rompendo o duto principal de água. A luz se apagou, e a água começou a inundar o cômodo. A porta estava bloqueada. Na escuridão, alguém disse: “Não entrem em pânico. Lembrem-se de que vocês são britânicos!”. De mãos dadas, Vera e sua família conseguiram achar uma segunda saída. “Nós fomos a última família”, disse ela posteriormente. “Quando chegamos à saída, a água já me alcançava as axilas.”

Morreram 164 pessoas no bombardeio de Stoke Newington — cinquenta por afogamento.

O PRESIDENTE ROOSEVELT anunciou no rádio o início do cadastramento para o serviço militar. “Calmamente, sem medo e sem histeria, mas com clara determinação, nós estamos construindo armas, aviões, tanques e navios — e todas as outras armas que a defesa moderna exige”, disse. “O alistamento de hoje para treinamento e serviço é a pedra angular no arco da defesa nacional.” Foi no dia 16 de outubro de 1940.

John Haynes Holmes, presidente nacional da War Resisters League [Liga dos Adversários da Guerra], falou a uma pequena multidão na Community Church de Nova York. “Não odeiem nem

sintam rancor por aqueles que querem tornar as coisas desagradáveis para vocês”, disse. Sessenta pessoas portando cartazes percorreram a Quinta Avenida, rindo para os transeuntes. Um dos cartazes dizia: ACASO ALGUÉM GANHA UMA GUERRA?.

Quatro membros da Fellowship of Reconciliation, dois da Young People’s Socialist League [Liga Socialista dos Jovens] e oito alunos do Union Theological Seminary — entre os quais se achavam os futuros ativistas dos direitos civis David Dellinger e George Houser — recusaram-se a se alistar.

Os estudantes de teologia passaram a ser chamados de os Union Eight [os oito do Union].

CHURCHILL estava bebericando um porto na sala de fumar da Câmara dos Comuns. Harold Nicolson ouvia-o falar. Um parlamentar conservador disse ao primeiro-ministro que o público britânico exigia o bombardeio irrestrito da Alemanha.

“Pode ser que você e outros desejem matar mulheres e crianças”, retrucou Churchill, mas o governo britânico desejava destruir objetivos militares. “O meu lema”, acrescentou, “é ‘primeiro o dever, depois o prazer’.” Isso em 17 de outubro de 1940.

ROOSEVELT fez um discurso de campanha na Filadélfia. Condenou “a *Blitzkrieg* de bombas incendiárias verbais” desencadeada por seus críticos. Uma das acusações mais ultrajantemente falsas, queixou-se, era a de que seu governo desejava levar o país à guerra.

“A republicanos e democratas, a todo homem, a toda mulher e a toda criança desta nação, eu digo o seguinte: o seu presidente e o seu secretário de Estado trilham o caminho da paz. Nós não estamos nos armando para uma guerra estrangeira.”

E arrematou com uma promessa: os Estados Unidos não enviariam tropas a países estrangeiros, a não ser em caso de ataque.

“É pela paz que eu tenho trabalhado e é pela paz que vou trabalhar até o fim da vida.”

Era 23 de outubro de 1940.

EM DRESDEN, as sirenes antiaéreas soaram às três horas da madrugada. Era a quarta vez que Victor Klemperer as ouvia, mas as bombas nunca caíam — os aviões passavam por outro lugar. Ele anotou em seu diário que fazia um ano que não havia café para os judeus. Os arianos, como sua esposa, Eva, tinham direito a quarenta gramas por mês — a não ser em Colônia e Berlim, onde recebiam sessenta gramas mensais por sofrer mais bombardeios. A mulher do açougueiro contou a Klemperer que os ingleses estavam bombardeando prédios com a cruz vermelha no telhado porque havia fábricas de armamentos sob telhado com cruz vermelha. Isso em 25 de outubro de 1940.

UM NOVO DECRETO NAZISTA: judeus e arianos eram obrigados a ficar em abrigos antiaéreos separados. Foi em outubro de 1940.

O GOVERNO BRITÂNICO DA ÍNDIA tornou ilegal toda e qualquer publicação capaz de “fomentar, direta ou indiretamente, oposição ao prosseguimento da guerra até sua bem-sucedida conclusão”. A resposta de Gandhi foi o lançamento de uma campanha de desobediência civil. Isso no dia 26 de outubro de 1940.

Um seguidor de Gandhi, Vinoba Bhave, foi encarcerado por pacifismo público. Logo depois, por solicitação de Gandhi, Jawaharlal Nehru, o presidente do Congresso Indiano, fez um segundo discurso pacifista. Foi preso e condenado a quatro anos de reclusão com trabalho forçado.

LORDE HALIFAX preparou a minuta de uma proposta de paz a ser oferecida a Hitler. Um funcionário do Ministério de Relações Exteriores mostrou-a a Harold Nicolson, que a achou patética — falava excessivamente em Deus. “Receio muito que agora recebamos uma proposta de paz de Hitler cuja recusa será difícil de explicar ao povo”, escreveu em seu diário. Foi em 26 de outubro de 1940.

Os termos da paz de Halifax, que cedia a Áustria e partes da Polônia e da Tchecoslováquia à Alemanha, chegaram aos generais Halder, Beck e Brauchitsch. No entanto, entre as estipulações de Halifax — recordou Halder posteriormente — constava o assassinato de Hitler. Para os generais, era ir longe demais, e a proposta malogrou.

UMA INTERNA DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO de Gurs, no sul da França, enviou uma carta a um membro da Women’s International League for Peace and Freedom. “Ontem nos reuniram para avisar que os barracões receberiam milhares de pessoas que acabavam de chegar”, dizia a carta. “Quando me aproximei da porta, vi um sem-número de velhinhas alquebradas descendo dos caminhões debaixo de chuva.” Estava escuro e havia muita lama. Algumas delas eram cegas, outras surdas, várias incapazes de andar. Vinham de asilos de idosos de Mannheim e se diziam aliviadas por não terem sido transferidas a Lublin. Traziam uma pequena valise. Muitas morreram no caminho.

“Estar lá, vendo aquela miséria, foi a coisa mais terrível que qualquer uma de nós já presenciou”, escreveu a mulher. “Todas ficamos tão transtornadas que começamos a chorar.” Ela e outras residentes conseguiram sacos de dormir de palha e cobertas e levaram as idosas para os anexos.

“Ajudem-nos”, pedia a carta. “Já trouxeram 4 mil mulheres para cá.” Os soldados e oficiais franceses faziam o possível para atendê-las, dada a situação. Mas havia “oitocentas pessoas em um só bloco”.

VICTOR KLEMPERER escreveu em seu diário: “Muito abalado com a brutal evacuação dos judeus de Württemberg”. Era 7 de novembro de 1940. O *New York Times* notificou a remoção de 10 mil judeus

“entre seis meses e 98 anos de idade” da Alemanha. Foram expulsos de duas regiões: o Palatinado, perto do rio Reno, e Baden-Württemberg, onde ficava a Floresta Negra. Mannheim situava-se em Baden.

Os judeus foram mandados a campos de concentração no sul da França. Não iam sem dinheiro: foram autorizados a levar consigo o equivalente a 2,50 dólares.

Um relatório interno alemão dizia que aquilo fazia parte do Plano Madagascar: “Como há escassez de alimento e de acomodações adequadas para os deportados, na maioria velhos e velhas, aqui se acredita que o governo francês pretende mandá-los para Madagascar assim que as rotas marítimas forem reabertas”.

Hitler não os queria, o governo francês não os queria, e Roosevelt não os queria. Churchill queria fazê-los passar fome até que se revoltassem contra seus opressores.

“O trabalho assistencial era prestado sob a supervisão dos quacres”, informou o *Times*.

O SECRETÁRIO DA GUERRA Henry Stimson estava no auditório do Departamento de Guerra. Trazia os olhos vendados com uma tira de pano amarelo retirada de uma cadeira em que alguém se sentara quando da assinatura da Declaração de Independência. Franklin D. Roosevelt, que acabava de discursar, observou-o enfiar a mão num aquário de quarenta litros e retirar uma cápsula azul numerada. Ele a entregou ao presidente, que a abriu, examinou o pedaço de papel que continha e disse: “O primeiro número é um-cinco-oito”. Uma mulher soltou um grito: seu filho acabava de ser convocado. Foi em 29 de outubro de 1940.

A CRUZ VERMELHA decidiu enxugar o pessoal que tinha na França. Como a Inglaterra não deixava víveres entrarem no país, os assistentes sociais nada podiam fazer. Os estoques de alimento estavam esgotados; cinquenta caminhões não tinham o que transportar. Uma equipe muito reduzida continuaria em Paris. Isso em 8 de novembro de 1940.

“Estava acontecendo uma coisa profundamente nociva à raça humana”, escreveu Muriel Lester.

Em Nova York, John Haynes Holmes fez um sermão na Community Church. “Um dos motivos para empreender a guerra é libertar essas pessoas”, disse, “e a questão agora é se vamos deixá-las morrer de fome no processo.”

“Se a fome e a peste devastarem a Europa”, escreveu a *Commonweal* num editorial, “nós vamos achar intolerável pensar que podíamos tê-las evitado e vamos achar o pós-guerra amargo, de uma amargura terrivelmente destrutiva.”

HITLER fez outro grande discurso em Munique. Foi no dia 8 de novembro de 1940, aniversário da tentativa nazista de derrubar o governo em 1923. Falou na imponente cervejaria Löwenbrau, que tinha uma torre com a palavra LÖWENBRAU volteando sua curva e, dentro dela, um candelabro. (A cervejaria Bürgerbräu, bombardeada um ano antes, ainda não tinha sido restaurada.) Segundo os

relatos, ele envergava a farda cinzenta de “comandante supremo”.

Parte do discurso endereçava-se aos Estados Unidos, que acabavam de reeleger Roosevelt. Hitler se disse “um dos homens mais duros que a Alemanha tinha tido em décadas, talvez em séculos”. Não atacara civis naquela guerra, afirmou. Só havia autorizado bombardeios durante o dia — geralmente — porque à noite não se podia alvejar com precisão. “Mas eis que então ocorre ao senhor Churchill atacar a população civil alemã durante a noite.”

Passei oito dias observando. Eles lançaram bombas no povo do Reno. Lançaram bombas no povo da Westfália. Fiquei mais quinze dias observando. Achei que o homem tinha enlouquecido. Estava empreendendo uma guerra que só podia levar a Inglaterra à destruição. Eu esperei mais de três meses, mas finalmente dei a ordem. Vou aceitar o combate.

Quanto aos Estados Unidos, o Führer ouvira falar na produção massiva de aviões, mas duvidava das cifras. E, mesmo que essas fossem exatas, a Alemanha triunfaria. A Alemanha produziria mais do que os inimigos. A manchete do *New York Times* foi “Adolf diz ao mundo que é um cara durão”.

O discurso devia ter sido transmitido por rádio — mas a Royal Air Force bombardeou Munique.

CHRISTOPHER ISHERWOOD pôs-se a pensar na infelicidade, na grande quantidade de infortúnio que grassava no mundo. “Não é preciso procurá-la na Londres, na China ou na Grécia bombardeadas”, escreveu em seu diário. “Numa tarde dessas, do lado de fora da minha janela, um menino gritou para a mãe: ‘Você não deixa *ninguém* brincar comigo!’. Mesmo a indelicadeza mais trivial causa sofrimento, se não somos tão surdos e cegos.” Lembrou-se de ter pisado numa lata num estacionamento. “Eu me senti quase tão mal como se tivesse matado um gato”, escreveu. “‘Meu Deus’, disse comigo, ‘será que a gente precisa *sempre* colidir com as coisas?’”

OS JORNAIS ITALIANOS passaram a chamar os pilotos britânicos de covardes. Com medo de se aproximar dos lugares protegidos por baterias antiaéreas, diziam os editoriais, eles bombardeavam a esmo. Segundo uma nota oficial, um bombardeio recente em Turim alvejara uma maternidade, um hospital militar, um quartel e um sanatório. Os pilotos de Churchill insultavam a humanidade com seus ataques aos fracos e indefesos, disse o *Trabalhador Fascista*, e pagariam com sangue centuplicado.

“Ao traírem todas as regras do código de honra, ao pisotear qualquer consideração humana, os britânicos autorizam o inimigo a não ter escrúpulos”, dizia o editorial. Isso em 9 de novembro de 1940.

O ARQUITETO FRANK LLOYD WRIGHT estava no Museu de Arte Moderna de Nova York [MoMA], expondo modelos arquitetônicos de casas e edifícios públicos que faziam parte da sua utópica metrópole vasta, limpa, descentralizada e à prova de bombas chamada Broadacre. “É uma cidade

tão esparramada que não pode ser danificada”, explicou ele a um repórter do *New York Times*. “Eu não diria que o bombardeio da Europa não tenha um lado bom, pois dará aos arquitetos de lá a oportunidade de começar tudo de novo.” Foi em 10 de novembro de 1940.

O jornalista quis saber qual era a melhor cidade europeia em termos arquitetônicos. Todas elas eram ruínas, respondeu Wright. A mais bonita talvez fosse Viena. “Mas Moscou foi a que mais avançou em termos de espalhar a população.”

Mais tarde, o *News-Chronicle* de Londres convidou Wright a mostrar, com 1500 palavras, como ele reconstruiria a devastada capital da Inglaterra. A nova Londres poderia ser um lugar vasto, limpo, descentralizado, e seus núcleos interligados por vias expressas — enfim, bem como a sua Broadacre. “Os bombardeios não são o puro mal”, repetiu o arquiteto. “Os cortiços e a feiura, que tardariam séculos a ser eliminados, foram detonados em poucos dias.”

O GENERAL RAYMOND LEE, adido aeronáutico americano, ofereceu um almoço de despedida, no Claridge’s, ao marechal do ar Newall, que Churchill acabara de demitir. Ele perguntou a Portal, o novo chefe da Royal Air Force, se enviar bombardeiros à Tchecoslováquia não era querer ir longe demais. “De jeito nenhum”, respondeu Portal. E propôs continuar bombardeando o Leste Europeu, “ainda que só pelo efeito que isso há de ter sobre os povos conquistados, que serão muito estimulados”. Isso em 11 de novembro de 1940.

ALEXANDER CADOGAN esteve no enterro de Neville Chamberlain na Westminster Abbey. Foi no dia 14 de novembro de 1940, ao meio-dia.

As explosões tinham quebrado todos os vitrais da capela. “A coisa mais fria que eu vi na vida”, escreveu Cadogan. “Uma cerimônia excessivamente demorada.”

O BRITISH INSTITUTE OF PUBLIC OPINION fez a seguinte pergunta a uma amostra de cidadãos: “Diante do bombardeio indiscriminado deste país, você aprovaria ou reprovava a adoção, por parte da RAF, de uma política semelhante de bombardeio da população civil da Alemanha?”.

Resultou que 46% aprovavam o bombardeio da população civil da Alemanha; outros 46% reprovavam-no, e 8% não sabiam. Corria o mês de novembro de 1940.

O governo de Winston Churchill era aprovado por 89% da amostra.

UM PRISIONEIRO DE GUERRA ALEMÃO recém-capturado conversou com um companheiro de cela. Este, que era informante da inteligência britânica, escreveu um relatório: “Ele está convencido de que houve revoltas em Londres, de que o palácio de Buckingham foi atacado e de que ‘Hermann’ — Hermann Goering — “acha que chegou o momento psicológico de realizar um raide colossal entre os dias 15 e 20 deste mês, na lua cheia, e que Coventry e Birmingham serão as cidades atacadas”. Isso

em 12 de novembro de 1940.

No mesmo dia, veio outra informação dos decodificadores de Bletchley Park: estava chegando uma operação de “dimensões muito consideráveis” que lançaria mão de “todas as aeronaves disponíveis”. O comandante da unidade especial da Luftwaffe, o Kg100, preparado no uso da antena direcional de rádio, coordenaria pessoalmente o ataque. Seu codinome era SONATA AO LUAR.

O ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA BRITÂNICA, após analisar os dados da inteligência, mandou um ofício ao primeiro-ministro acerca da “sonata ao luar”. “Provavelmente, trata-se de um revide ao nosso ataque a Munique”, dizia o documento. “Acreditamos que as regiões-alvo serão as supracitadas no parágrafo primeiro, provavelmente nas cercanias de Londres, mas, se novas informações apontarem Coventry, Birmingham ou outro lugar, esperamos receber instruções a tempo.”

A reação proposta pelo comando de bombardeio foi uma “política ‘olho por olho’”: o comandante em chefe Richard Peirse escolheria uma cidade alemã — Berlim, Essen ou Munique, dependendo do tempo — e a bombardearia.

Foi em 12 de novembro de 1940.

OS UNION EIGHT foram levados ao tribunal por se recusarem a se alistar. Os estudantes declararam-se culpados e afirmaram: “A guerra consiste em massacre, fome deliberada, vandalismo e outros males semelhantes. A destruição física e a desintegração moral são o resultado inevitável. O método da guerra perpetua os males que pretende eliminar”.

Era urgente a necessidade de formar um grupo de técnicos treinados em oposição não violenta ao militarismo e ao fascismo, prosseguiram os estudantes de teologia. “Não esperamos deter as forças belicistas de hoje”, concluíam, “mas estamos ajudando a construir o movimento que triunfará no futuro.”

O juiz Mandelbaum condenou-os a um ano e um dia de reclusão. “Esta é uma emergência nacional, em que a vida, a liberdade e a defesa do nosso país estão em jogo”, disse o juiz, “e eu não tenho alternativa senão cumprir a lei.”

“No tribunal, algumas moças e mulheres mais velhas choraram”, escreveu o repórter do *New York Times*. Um senhor idoso lamentou: “Mais uma vitória de Hitler”.

Isso em 14 de novembro de 1940.

OS ESQUADRÕES ALEMÃES receberam o sinal de ataque — MOND, “lua” — e trataram de angular as antenas direcionais de modo a cruzá-las sobre Coventry. Era o dia 14 de novembro de 1940.

À uma hora da tarde, os observadores de sinais britânicos já sabiam que a Operação SONATA AO LUAR começaria naquela noite. Duas horas depois, souberam onde: “Às três horas da tarde do dia do raide, a 80 Wing conseguiu informar que as ondas de X-Gereat estavam se cruzando sobre

Coventry”, escreveu depois da guerra a funcionária da inteligência Aileen Clayton. “Todos os comandos da RAF foram informados, assim como a Segurança Nacional e as forças internas.”

Ativou-se o contraplano britânico, a Operação ÁGUA FRIA: trinta aviões decolaram rumo a Berlim.

Churchill estava no automóvel com um de seus secretários, a caminho de Ditchly, a casa de campo alugada em que ficava nas noites claras, quando Chequers era muito visível do ar. Levava um estojo fechado em que se lia: “Para ser aberto unicamente pelo primeiro-ministro em pessoa”. Ele o abriu. Encontrou mensagens decifradas selecionadas para Churchill por Frederick Winterbotham, o espião que ajudara a fotografar a Alemanha. Leu-as e, imediatamente, mandou o motorista voltar para Londres. “Largada anulada para Ditchly”, escreveu o secretário John Martin em seu diário. “A sonata ao luar.”

NINGUÉM se comunicou com Coventry para alertar os habitantes do enorme ataque de centenas de aviões que se preparava para dali a algumas horas. A Brigada de Incêndio de Coventry não foi avisada; o prefeito não foi avisado; o serviço de ambulância não foi avisado. Vinte minutos antes que as bombas caíssem, uma equipe antiaérea local recebeu uma mensagem: “Espera-se um grande ataque a Coventry esta noite”.

ÀS 19H10, AVIÕES BATEDORES ALEMÃES sobrevoaram o alvo. Lançaram 10 mil bombas incendiárias nos primeiros trinta minutos. O bombardeio prosseguiu até o amanhecer.

Em Coventry, moravam e trabalhavam várias centenas de milhares de pessoas. Lá a Rolls-Royce fabricava motores de bombardeiro e a Armstrong Siddeley produzia os bombardeiros Whitley. A cidade também tinha uma catedral do século XIV — “um dos melhores exemplares da arquitetura perpendicular da Inglaterra”, segundo a *Encyclopaedia Britannica* de 1911. O centro da cidade foi destruído; quinhentas pessoas morreram; 50 mil casas ficaram danificadas. A torre e algumas paredes da catedral sobraram em meio à devastação. “Desapareceram todas as lojas da rua Smithford: a Boots, as joalherias Flinns, a Marks, a Woolworths. Não sobrou uma”, recordou um habitante.

Um repórter do Ministério da Propaganda alemão viajou num dos bombardeiros. Escreveu que aquele ataque, o maior da história da guerra aérea, havia paralisado a indústria aeronáutica da Grã-Bretanha. “Era como se a terra se tivesse aberto, vomitando massas de lava incandescente numa grande extensão do país”, prosseguiu. “As vigas de aço derrubadas nos grandes prédios fabris ficaram cercadas de gigantescas línguas de fogo.” O comando alemão explicou que o raide era uma represália pelo ataque a Munique quando Hitler estava fazendo o discurso de aniversário.

“Por ora, como centro produtor de munição, Coventry está morta”, escreveu o editor Cecil King em seu diário. O que o desconcertava era não ter havido nenhum plano de evacuação, muito embora Coventry “fosse o mais denso conglomerado de objetivos militares de natureza industrial de todo o país”.

Depois o Ministério da Propaganda alemão preparou um panfleto para as crianças comentando

o raide. “Para vingar o ataque a Munique, chovem bombas numa área importante do Midlands inglês e elas estão tendo efeito”, dizia. “Quando a manhã de outono clarear em Coventry, esse centro de armamentos estará seriamente comprometido.”

AO RETORNAR A COVENTRY no dia seguinte ao do bombardeio, Margaret Couling descobriu que o prédio em que trabalhava continuava de pé. Subiu ao último andar e contemplou as ruínas da catedral, ainda fumegantes. “Um pequeno cortejo saiu da extremidade posterior da igreja e seguiu pela Hay Lane”, disse ela. Eram o rei e outros notáveis. “Traziam cestos de piquenique para almoçar antes de ir a outro lugar.”

O rei escreveu em seu diário: “Acho que eles gostaram que eu viesse vê-los em sua adversidade”.

Winston Churchill mandou dar grande publicidade ao raide de Coventry. Não visitou a cidade.

A ROYAL AIR FORCE voou até Hamburgo e bombardeou a cidade a noite toda, tomando o cuidado — escreveu Raymond Daniell no *New York Times* — de fazer uma pausa no meio, “longa o suficiente para levar os cidadãos do porto do Reich a acreditarem que o ataque havia terminado”. O raide ocorreu 24 horas depois de Coventry. “Retaliação da RAF em Hamburgo” foi a manchete de primeira página do *Times* de 17 de novembro de 1940.

Daniell também escreveu que, em Londres, alguns observadores achavam que os dois lados estavam errados. Aquela guerra de extermínio recíproco era realmente o único caminho a seguir? Alguns “exigiam um reexame da política deste lado”. Daniell acrescentou:

Cada raide contra a humanidade empreendido quer pelos britânicos, que insistem em dizer que não estão se afastando de uma política de concentração do ataque em objetivos militares, quer pelos nazistas, que se gabam de cobrar olho por olho e dente por dente, acelera o ritmo do massacre e intensifica a sede de sangue.

A cidade de Coventry continuava ardendo naquele dia. “Às vezes, pequenas explosões lançavam minúsculos gêiseres em meio às ruínas quentes quando os enlatados acumulavam vapor suficiente para romper a embalagem”, escreveu um jornalista da United Press. Ele perguntou a um bombeiro quantas pessoas tinham morrido no bombardeio. O homem olhou para ele com ar compassivo e o levou a um abrigo antiaéreo desmoronado cujo telhado acabava de ser içado. “Olhe lá embaixo”, disse. O jornalista viu muitos cadáveres sob a camada de concreto. “Alguns corpos não estavam inteiros.”

O Mass Observation, o serviço de pesquisa de opinião do governo britânico, divulgou um relatório sobre o moral da população. Havia sinais de histeria, terror e neurose, dizia. “Viam-se mulheres chorando, gritando, tremendo dos pés à cabeça, desmaiando na rua.”

Afixaram um aviso no necrotério:

LAMENTAMOS INFORMAR QUE, DEVIDO
À ENORME PRESSÃO NO NECROTÉRIO, NÃO SERÁ

Numa vala comum, 172 cadáveres, muitos deles carbonizados ou mutilados a ponto de não serem reconhecidos, foram enterrados às pressas.

RAYMOND DANIELL foi a um enterro coletivo em Coventry — o primeiro de dois. Isso no dia 20 de novembro de 1940.

Eram duzentos caixões anônimos enfileirados e cobertos com a bandeira, disse Daniell — “uma vala comprida, estreita e funda aberta na terra vermelha por uma escavadeira a vapor e escorada por tábuas toscas, de modo que parecia uma escavação para o encanamento hidráulico”. Havia uma pilha de terra com pás espetadas, e os coveiros de galochas aguardavam. Postado num monte e com uma escavadeira como pano de fundo, o bispo pediu aos presentes que lembrassem que Hitler havia matado seus entes queridos, mas não podia matar o espírito humano. Os ajudantes jogaram terra e cinza nos caixões empilhados, e mil pessoas enlutadas passaram por eles. Não houve música. O rei e a rainha não compareceram. Winston Churchill estava em Londres, discutindo a Grécia com o gabinete de guerra e sendo fotografado por Cecil Beaton.

O artigo de Daniell foi “censurado fortemente e sem explicações”, dizia uma nota em itálico impressa no fim.

CHURCHILL visitou Birmingham, onde, dias antes, um ataque aéreo matara oitocentas pessoas. Era o fim de novembro de 1940. “Uma moça muito bonita correu até o carro e nele jogou uma caixa de charutos”, escreveu Churchill posteriormente. “Eu tive a grande satisfação (no meu cargo oficial) de lhe dar um beijo. Então fui ver a comprida vala comum em que acabavam de sepultar tantos cidadãos e seus filhos.”

EM ANTUÉRPIA, os judeus foram obrigados a usar braçadeiras com a estrela de Davi. Em solidariedade, muitos não judeus da cidade também passaram a portá-la. Foi em novembro de 1940.

ULRICH VON HASSELL, da frouxa coalizão anti-Hitler, conversou com dois coconspiradores sobre a situação alimentar. “Na Alemanha, podemos aguentar até agosto se usarmos todas as reservas”, escreveu. “Em algumas regiões ocupadas, muito em breve haverá escassez aguda de alimento.” Isso em 23 de novembro de 1940.

UM GRUPO DE REFUGIADOS JUDEUS da Alemanha e da Áustria foi colocado num barco no porto de Haifa, na Palestina. Com a aprovação de Churchill, os britânicos estavam deportando os judeus que, depois de muito sofrimento, haviam chegado ilegalmente à Palestina. Os ingleses planejavam levá-

los para as ilhas Maurício, não longe de Madagascar. Foi em 25 de novembro de 1940.

Dois sabotadores do grupo paramilitar judaico Haganá abriram um buraco no casco da embarcação com o uso de uma mina explosiva, a fim de impedi-la de zarpar. O navio, que afundou, chamava-se *Patria*, e a catástrofe ficou conhecida como o Desastre do *Patria*. Morreram mais de 250 pessoas. Os sobreviventes foram levados a uma prisão britânica.

O EMBAIXADOR FRANCÊS solicitou formalmente ajuda ao secretário de Estado Cordell Hull. Foi em 25 de novembro de 1940.

O embaixador Gaston Henry-Haye mencionou a recente chegada de vários milhares de “israelitas” expulsos de Württemberg e Baden. Eles representavam apenas uma parte de um problema maior, explicou Henry-Haye, que era a presença de 3,5 milhões de estrangeiros na zona livre da França: armênios, assírio-caldeus, austríacos, tchecos, alemães, judeus, poloneses, norte-africanos e espanhóis. “O problema de alimentá-los”, anotou o embaixador, “era particularmente difícil de resolver.” Ele esperava que a França, os Estados Unidos e outros países achassem um meio de permitir que alguns refugiados — principalmente os judeus alemães — emigrassem para as Américas. O embaixador encerrava renovando elevados protestos de estima.

O Departamento de Estado deixou a carta várias semanas em banho-maria, avaliando uma resposta formal.

O JAPÃO escolheu um novo embaixador nos Estados Unidos. “Há poucos japoneses — se os há — que querem guerra com os Estados Unidos”, disse o almirante Kichisaburo Nomura antes de partir de Tóquio. “Agora o destino do mundo depende das atitudes americanas. Se os Estados Unidos se envolverem num conflito na Europa ou no Pacífico, a civilização arderá em chamas.” Era 26 de novembro de 1940.

ROOSEVELT mandou Henry Morgenthau emprestar 100 milhões de dólares à China a fim de auxiliar o governo nacionalista a seguir combatendo os japoneses. O dinheiro financiaria aviões.

Claire “Leatherface” Chennault escreveu, em nome de Chiang Kai-shek, um memorando de quatro páginas endereçado a Roosevelt, propondo uma unidade aérea especial operada na China por pilotos e tripulantes norte-americanos. T. V. Soong, o rico emissário e cunhado de Chiang Kai-shek, entregou o memorando a Morgenthau, que o leu. Isso em 30 de novembro de 1940.

“Há 136 campos de pouso disponíveis na China”, dizia o documento do generalíssimo, “mais da metade deles em excelente estado, e todos utilizáveis tanto por bombardeiros quanto por caças. Vários desses campos ficam a menos de mil quilômetros do Japão.” Segundo Chiang Kai-shek, a nova unidade aérea podia atuar em concerto com o Exército chinês — ou operar independentemente, atacando “o Japão de modo apropriado”. Podiam-se fornecer mapas mostrando a localização das pistas.

Morgenthau pensou nos campos de pouso e em sua proximidade do Japão. Sondou lorde Lothian, o embaixador britânico. Disse-lhe que tentaria obter bombardeiros quadrimotores e tripulações para os chineses, “com o entendimento de que esses bombardeiros devem ser usados para bombardear Tóquio e outras grandes cidades”. Lothian concordou.

“Isso pode mudar tudo”, disse.

MILO PERKINS explicou aos leitores da *Harper's Magazine* o que os Estados Unidos deviam fazer com o excedente de produtos alimentícios. Ele, que supervisionava o novo programa de cupom alimentar do governo norte-americano, disse: “A invasão da Noruega, o colapso dos Países Baixos e o fechamento do Mediterrâneo cortaram o acesso a importantes mercados”. Havia centenas de milhões de sacas de trigo encalhadas, explicou, forçando os preços para baixo.

O que fazer? Alguns, escreveu Perkins, achavam que os Estados Unidos deviam tratar de vender o grão para a Europa, mas ele discordava. Após a Grande Guerra, milhares de meninos alemães semimortos de fome recuperaram a saúde em lares holandeses e escandinavos, mas, vinte anos depois, eles mesmos atacaram os países que lhes haviam salvado a vida. “Este é um mundo novo e sumamente diferente, e partes dele são incrivelmente brutais”, opinou Perkins. “Por horrível que seja, um pouco de fome na Europa agora, em virtude do bloqueio britânico, pode ser necessário para pôr fim ao jugo de Hitler sobre homens livres.”

Cupons alimentares para consumidores americanos, nada de vendas à Europa: essa era a solução para o problema do excedente norte-americano.

Transcorria o mês de dezembro de 1940.

CHARLES PORTAL escreveu um ofício secreto a Winston Churchill. “Há dois dias, o senhor me instruiu a planejar o mais destrutivo ataque aéreo a uma cidade alemã escolhida a dedo”, dizia. Ele obedecera. Deviam participar cerca de cem aviões.

Os primeiros ataques serão com bombas incendiárias, e, se o tempo permitir, o bombardeio com AE e incendiárias deve continuar a noite toda.

É preferível o uso de bombas de quinhentos e de 250 quilos ao de bombas de cem quilos e, se a situação permitir, também se lançarão algumas minas. Todas as bombas AE serão armadas para o melhor efeito destrutivo contra prédios, tubulações de gás e água e cabos elétricos.

AE significava “bombas altamente explosivas”. As possíveis cidades eram Hanover, Mannheim, Colônia e Düsseldorf. “Assim que receber sua autorização, eu darei instruções para que a operação seja executada na primeira noite propícia”, escreveu Portal. O codinome da operação era “Abigail”. Cada cidade tinha um codinome: Bremen era “Jezabel”; Düsseldorf, “Dalila”; e Mannheim, “Raquel”. Foi no dia 7 de dezembro de 1940.

As ordens do ministro da Aeronáutica a Portal começavam assim: “Com o objetivo de provocar incêndios alastrados e incontroláveis, sugiro que as primeiras dez investidas levem somente bombas

incendiárias”.

“Os escrúpulos morais do gabinete a esse respeito foram superados”, escreveu o secretário John Colville em seu diário.

O SECRETÁRIO DO TESOUREO HENRY MORGENTHAU almoçou com o presidente Roosevelt. Depois foi conversar com T. V. Soong. Isso em 8 de dezembro de 1940.

Tendo feito Soong jurar segredo, Morgenthau tratou do equipamento da China para bombardear Tóquio e outras cidades.

“Dizer que ele se entusiasmou é atenuar a coisa”, escreveu em seu diário. “Eu lhe disse que não havia discutido o assunto com o presidente, mas dei a entender que a ideia era do próprio presidente, o que não deixa de ser verdade, pois ele me disse que seria ótimo os chineses bombardearem o Japão.”

Morgenthau mencionou os campos de pouso — os que ficavam a menos de mil quilômetros de Tóquio. Soong podia dar informações sobre eles?

No dia seguinte, Soong mandou um bilhete escrito à mão. “Em relação ao memorando secreto do general Chiang Kai-shek para o presidente relativo às necessidades aéreas da China, tenho a satisfação de anexar um mapa da China, mostrando a localização dos campos de pouso atualmente controlados pela nossa Força Aérea, o qual espero que lhe interesse.” Havia um P. S.: “Obviamente, este mapa é altamente secreto e é para sua informação pessoal”.

NA CÂMARA DOS COMUNS, o socialista Richard Stokes, membro da Peace Pledge Union, fez uma pergunta ao ministro da Segurança Interna. Por que sir Oswald Mosley, sua esposa e várias centenas de outros fascistas britânicos estavam presos sem julgamento e sem representação legal? Não que ele, Stokes, simpatizasse com os fascistas de Mosley, disse, mas o correto não seria processá-los por traição ou soltá-los? Foi no dia 10 de dezembro de 1940.

“Em tempo de guerra, a segurança do Estado está acima de tudo o mais”, respondeu Herbert Morrison, o ministro de Segurança Interna. E acrescentou que já estava farto daquele tipo de objeção.

Stokes lembrou que Morrison podia encarcerar todos os membros do Parlamento se quisesse.

Alguém indagou por que, já que os fascistas estavam presos, o jornal comunista *Daily Worker* continuava nas bancas.

O AMERICAN FRIENDS SERVICE COMMITTEE anunciou que continuaria tentando levar alimento para o povo da Europa, ainda que os britânicos fizessem valer o bloqueio. “No momento, os assistentes quacres americanos na França não ocupada estão alimentando mais de 30 mil crianças por dia”, disse Clarence Pickett. “Crianças órfãs e abandonadas, muitas delas em campos de concentração, são atendidas em tudo pelos representantes do comitê.” Era o dia 11 de dezembro de 1940.

“Não podemos erigir uma paz viável sobre ossadas de mães e bebês mortos”, concluiu Pickett.

UMA FORÇA DE BOMBARDEIROS Wellington carregados de bombas incendiárias e tripulados pelas equipes mais experimentadas da RAF chegou a Mannheim, na Alemanha. Isso em 16 de dezembro de 1940. A missão dos Wellington era provocar incêndios que depois servissem de alvo a outros bombardeiros. Segundo o comandante em chefe Richard Peirse, o raide tinha por meta “concentrar o máximo de danos no centro da cidade”. Era o Plano Abigail em ação.

Coisa rara na Europa, a planta do centro da cidade tinha forma de grelha como a de Manhattan. Parecia um tabuleiro de xadrez, disse um piloto — um fulgurante tabuleiro iluminado pelo luar. O fogo antiaéreo subiu “como uma fonte dourada”. E então as bombas incendiárias foram lançadas. O alto comando alemão mencionou um castelo e um hospital atingidos.

Churchill lançou mão de uma de suas metáforas favoritas, a do pugilista, a do martelo de Thor: “Nós desferimos pancadas pesadíssimas — as pancadas em Mannheim parecem ter sido das mais pesadas —, e o inimigo não teve como evitá-las”.

Na verdade, o raide foi uma decepção para o Ministério da Aeronáutica. Embora concebido como uma retaliação por Coventry, não chegou à escala de Coventry. Os incêndios provocados pelos Wellington estavam fora do alvo, coisa que desorientou os bombardeiros que vieram depois. O comandante Peirse disse que as ordens tinham sido formuladas com demasiada rigidez — deviam ter sido no sentido de apontar para o alvo, não para os incêndios. Estes tinham a função de iluminar o alvo, mas o importante era o alvo em si. No futuro, disse Peirse com severidade, “espero que a grande maioria das bombas caia dentro de um raio de oitocentos metros dele”.

ROOSEVELT, ao voltar de uma viagem de férias ao Caribe, deu uma entrevista coletiva. Estava um pouco bronzeado; falou com a piteira apontada para o alto. Foi no dia 17 de dezembro de 1940.

A palavra-chave do presidente foi “empréstimo”. Lorde Lothian anunciara que, de tanto comprar armas, a Inglaterra estava à beira da falência e precisava de ajuda militar. Mas os Estados Unidos continuavam oficialmente neutros. Ora, suponham que a casa do meu vizinho pegue fogo, disse Roosevelt, e que eu lhe empreste uma mangueira para apagá-lo. Depois ele a devolve. Se acontecer de a mangueira se partir ou se estragar no combate ao incêndio, ele que me dê uma mangueira nova do mesmo comprimento. O fogo apaga, a mangueira é restituída, e todos ficam satisfeitos. É justamente isso que nós vamos fazer, explicou ele. Vamos emprestar os aviões e os navios de que a Inglaterra necessita. Se os aviões e os navios forem destruídos, a Inglaterra os restituirá depois da guerra.

Os jornalistas titubearam, mas escreveram: mangueira, empréstimo.

Roosevelt não propunha emprestar nenhuma mangueira de jardim à Inglaterra. Em dezembro de 1940, depois de sobreviverem a muitos raids incendiários, os ingleses tinham um bocado de mangueiras e não precisavam de outras. O que eles queriam — e já o haviam dito mais de uma vez — eram bombardeiros pesados. Queriam pôr fogo, não apagar.

AVIÕES ESTRANGEIROS SOBREVÃOAM BASILEIA, na Suíça, e bombardearam a estação ferroviária. Isso em 18 de dezembro de 1940. Setenta vagões foram destruídos e quatro mulheres perderam a vida. Os fragmentos eram de bombas britânicas. A cidade pediu autorização para suspender o procedimento de blecaute; tinha sido bombardeada justamente por causa do blecaute.

Mannheim foi atacada uma vez mais, segundo o *New York Times* — oficialmente, pela 34ª vez. “Em outras ocasiões, Mannheim também ouvia a explosão das bombas britânicas como fases incidentais dos raids da RAF a outros lugares da Alemanha”, informou o *Times*, “porque os pilotos ou escolhiam a cidade como objetivo alternativo ou lançavam as bombas excedentes quando a caminho de outros alvos.”

MORGENTHAU telefonou para o presidente pedindo uma audiência — acabava de receber uma mensagem secreta de Chiang Kai-shek dizendo que queria atacar o Japão. Foi no dia 18 de dezembro de 1940.

“Ele ainda está disposto a combater?”, perguntou Roosevelt.

“É o que diz a mensagem”, respondeu Morgenthau.

“Excelente. É disso que eu venho falando há uns quatro anos.”

O GOVERNO CHINÊS acusou os japoneses de terem jogado, havia pouco, micróbios da peste em três cidades. Isso em 19 de dezembro de 1940.

Em Tóquio, o porta-voz do quartel-general imperial negou veementemente a acusação. O Japão não tinha necessidade de recorrer a tais métodos, disse. E acusou os chineses de colocarem germes do cólera nos poços a fim de contaminar as forças de ocupação.

HAROLD NICOLSON deu uma palestra para alguns membros da Força Aérea em Nether Wallop. O tema era o caráter alemão. Mas logo percebeu o desinteresse da plateia. “No fundo, são todos uns fascistas iguais aos alemães”, escreveu em seu diário. Foi em 20 de dezembro de 1940.

O DR. SOONG estava na sala de jantar de Henry Morgenthau, com Claire Chennault, planejando o ataque aéreo ao Japão com bombas incendiárias. Era 21 de dezembro de 1940.

Chennault disse que cada avião precisaria de um bombardeiro americano, de um piloto americano e de cinco mecânicos americanos. Morgenthau se dispôs a providenciar o recrutamento de homens dispensados do serviço ativo na unidade aérea do Exército dos Estados Unidos — desde que fossem muito bem remunerados. Digamos: mil dólares por mês? Soong e seu assessor concordaram.

Chennault discorreu sobre diversos bombardeiros. O Hudson podia percorrer 1600 quilômetros com boa carga. Mas, como a viagem de ida e volta era de quase 2 mil quilômetros, o Hudson não tinha condições de bombardear Tóquio. “No entanto, Nagasaki, Kobe e Osaka estavam ao seu alcance”, disse. A Fortaleza Voadora podia chegar a Tóquio — e não faltavam campos de pouso chineses com as longas pistas que o Fortress exigia.

Morgenthau quis saber se os aviões podiam voar à noite. Sim, respondeu Chennault, tinham de voar à noite, pois os caças que os escoltavam nas missões diurnas não tinham autonomia de voo para chegar ao Japão.

Morgenthau quis saber das bombas incendiárias, “já que todas as cidades japonesas são feitas de madeira e papel”.

Podia-se fazer muito estrago com elas, concluíram os três. Então se despediram e foram dormir.

O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO Sumner Welles preparou a minuta da resposta à solicitação do embaixador francês de auxílio no tocante à emigração judaica. Submeteu-a à aprovação de Roosevelt no dia 21 de dezembro de 1940.

A resposta apresentava as saudações do secretário de Estado Cordell Hull ao embaixador francês e acusava o recebimento de sua nota pedindo ajuda na solução do problema dos refugiados, particularmente dos de “nacionalidade alemã e religião judaica”. Era bem verdade que a França estava alimentando e assistindo milhares de refugiados judeus alemães. Era bem verdade que a França queria a ajuda do governo dos Estados Unidos para encontrar moradia para esses refugiados no hemisfério americano.

Educadamente, com muita cerimônia, o secretário de Estado achou por bem recusar a solicitação francesa. “As leis dos Estados Unidos relativas à imigração são bem explícitas”, dizia ele, “e não permitem mais liberalização.” Chegaria o tempo em que a situação de ordem e paz iria prevalecer, mas, por ora, os Estados Unidos “não creem que tenha utilidade discutir problemas de migração bilateralmente com o governo francês ou multilateralmente com os vários governos”.

O SUBSECRETÁRIO WELLES rascunhou uma carta de resposta à solicitação do embaixador Henry-Haye. Ele asseverou que se tratava de “chantagem totalitária”: os alemães estavam forçando os franceses a pressionar os Estados Unidos. “Se nós cedermos a essa pressão”, prosseguiu, “os alemães mandarão para os franceses os judeus restantes na Alemanha e nos territórios ocupados, centenas de milhares, na expectativa de que os franceses, por sua vez, convençam este país e os outros países americanos a recebê-los.”

Em toda a Europa, alegou Welles, os alemães “inaugurariam uma espécie de ‘reino do terror’ contra o povo judeu”. Portanto, os refugiados judeus da França deviam ficar onde estavam. “Temos de pensar acima de tudo nas trágicas vítimas”, concluiu ele.

Roosevelt escreveu “OK” no rascunho; o secretário de Estado Cordell Hull assinou a carta; e, dias depois, ela foi entregue ao embaixador francês.

FRANCES PARTRIDGE escreveu acerca de um amigo em seu diário: “Colin acha que todos os alemães devem ser esterilizados, que eles não são como as outras pessoas — e essa afirmação não suscitou raiva em mim, apenas fria surpresa”, dizia. “Entretanto, ele é um homem inteligente. Como será nos anos do pós-guerra, caso nós sobrevivamos?”

Foi em 21 de dezembro de 1940.

CHURCHILL pensou nos milhares de pessoas, como Jawaharlal Nehru e Oswald Mosley, que ele mandara trancafiar na qualidade de presos políticos. Escolheu uma palavra delicada para designar esses homens e mulheres: *détenus*. Os *détenus* eram os que, embora não tivessem cometido nenhum delito específico, precisavam ficar sob custódia. “Naturalmente, eu me sinto mal sendo responsável por um ato tão extremamente contrário a todos os princípios fundamentais de liberdade britânicos, *habeas corpus* e outros que tais”, disse. “O perigo público justifica a atitude tomada, mas agora o perigo está diminuindo.”

Ele mandou abrandar o “caráter rigoroso” da punição de Nehru. Mas não o deixou sair da cadeia. Isso no dia 22 de dezembro de 1940.

A ROYAL AIR FORCE bombardeou a catedral de Berlim. O chão estava coberto de neve; faltavam poucos dias para o Natal de 1940.

“Aviões em voo rasante metralharam os holofotes das baterias antiaéreas”, disse o *New York Times*. Atingiram o Lustgarten — um parque antes usado nos comícios nazistas —, assim como a Zeughaus, um museu de história militar alemã, no qual Hitler discursara um ano antes.

No dia seguinte, o *Völkischer Beobachter* reportou: “O ataque à maior igreja da capital do Reich prova a falta total de planejamento da Força Aérea britânica”. A Alemanha tinha condições de “retribuir de um modo que os londrinos, apesar das reiteradas experiências, nem podem imaginar”, ameaçava o artigo. “Não há de ser por falta de aviso.”

GANDHI escreveu uma carta aberta a Adolf Hitler. Na saudação, chamava-o de “Querido amigo”. Foi em 24 de dezembro de 1940.

“Não duvidamos”, dizia Gandhi ao Führer, “da sua bravura ou devoção pela pátria. Tampouco acreditamos que o senhor seja o monstro descrito pelos seus adversários.” Mas os seus atos, prosseguia, eram monstruosos. A Tchecoslováquia, a Dinamarca, “o estupro da Polônia”: tais conquistas degradavam a humanidade.

Explicou a Hitler a técnica da não violência. “A nossa situação é singular”, disse Gandhi, nós “resistimos ao imperialismo britânico tanto quanto ao nazismo. Se há diferença entre eles, é apenas de grau. Um quinto da humanidade foi submetido ao jugo britânico por meios que não suportarão

nenhum exame”.

Fazia cinquenta anos, prosseguia a carta, que a Índia tentava se livrar do domínio britânico. “Na não violência, nós encontramos uma força que, se organizada, pode, sem dúvida, fazer frente às forças mais violentas do mundo.”

Submeta a sua disputa a um tribunal internacional, aconselhou. O uso bem-sucedido da ciência da destruição não prova que quem a ela recorre tem razão:

Se não forem os britânicos, outra potência certamente aperfeiçoará o seu método e o vencerá com a sua própria arma. [...] O senhor não deixará para o seu povo nenhum legado de que ele se orgulhe. Por isso eu lhe peço, em nome da humanidade, que ponha fim a essa guerra.

Gandhi mandou um telegrama a sir Gilbert Laithwaite, o secretário do governador-geral da Índia: CARTA ABERTA A HERR HITLER ENVIADA IMPRENSA. ESPERO VOSSA EXCELÊNCIA AUTORIZAR PRONTA PASSAGEM PARA OCIDENTE.

A LUFTWAFFE provocou 1500 incêndios em Londres. Isso em 29 de dezembro de 1940. A Guildhall medieval foi destruída. Os sinos derreteram no campanário de Christopher Wren da igreja de Santa Brígida, construída após o incêndio de Londres de 1666. O ataque aéreo ficou conhecido como o Segundo Grande Incêndio de Londres. Charles Portal e Bomber Harris, respectivamente chefe e vice-chefe do estado-maior da Aeronáutica, foram para o telhado do Ministério da Aeronáutica ver a cúpula da catedral de São Paulo acima das labaredas. “Eles estão semeando vento”, disse Bomber Harris.

O gabinete de guerra se reuniu no dia seguinte e discutiu o que fazer. “Decidiu-se dar publicidade ao ataque a Londres — muito corretamente”, escreveu em seu diário o subsecretário Cadogan. “Isso pode nos ajudar enormemente nos Estados Unidos no momento mais crítico. Graças a Deus — apesar de toda a sua astúcia, indústria e eficiência —, os alemães são loucos. Almocei em casa.”

A censura foi subitamente suspensa para os jornalistas norte-americanos — eles estavam livres para contar a história toda, citando prédios e bairros específicos. “Destruíram-se edifícios”, escreveu Robert Post no *New York Times*, “nos quais era possível sentir o roçar das asas dos séculos.”

Portal conversou com Churchill. A seguir, avisou o chefe do comando de bombardeio que ele “tinha toda liberdade de empreender outra ‘Abigail’ em qualquer uma das cidades anteriormente aprovadas”.

O POETA LOUIS MACNEICE observou o incêndio de um edifício em Londres e ficou impressionado com sua beleza: “era o prédio enorme de uma loja que parecia uma simples fachada com janelas, e essas janelas estavam cheias até a borda de uma chama amarela contínua, uniforme como um líquido, mas um pouco borbulhante no alto das janelas como tanques aerados num aquário”. Os alemães estavam dando iluminação cênica a Londres, disse MacNeice.

A contista Sylvia Townswend Warner pediu o apoio de MacNeice à Convenção Popular organizada pelos socialistas e comunistas. Circulava um plano de seis pontos:

1. Defesa do padrão de vida do povo.
2. Defesa dos direitos democráticos e trabalhistas do povo.
3. Precauções antiaéreas adequadas, abrigos antiaéreos fundos, reabilitação e assistência para as vítimas.
4. Amizade com a União Soviética.
5. Um governo popular verdadeiramente representativo de todo o povo e capaz de inspirar confiança nos trabalhadores do mundo.
6. Uma paz popular que elimine as causas da guerra.

A convenção estava marcada para janeiro.

MacNeice perguntou a Warner por que ele haveria de apoiar tal reunião. “Porque a revolução é necessária imediatamente”, respondeu a escritora. MacNeice disse não acreditar que os comunistas britânicos fossem capazes de fazer uma revolução e, ainda que o fossem, ele não sabia se era a solução correta. “À parte isso”, acrescentou, “se a revolução tiver sucesso hoje, amanhã Hitler invade a Inglaterra — e provavelmente com sucesso.”

O SENADOR BURTON WHEELER, um isolacionista, falou na Rádio NBC. “Eu acredito firmemente que o povo alemão quer a paz assim como qualquer povo prefere a paz à guerra”, disse, “e a oferta de uma paz justa, razoável e generosa esfacelará mais depressa e mais efetivamente o hitlerismo, quebrando o moral do povo alemão, do que todos os bombardeiros que despacharmos contra Berlim.” Foi no dia 30 de dezembro de 1940.

ROOSEVELT mandou um telegrama a Churchill, em que falava sobre o leite da França. Isso na véspera do Ano-Novo de 1940.

Clarence Pickett pediu-lhe que solicitasse ao primeiro-ministro autorização para um navio de víveres da Cruz Vermelha furar o bloqueio. “Se ele não passar”, escreveu Pickett, “não sabemos como obter leite a partir do dia 5 de janeiro.”

As autoridades do bloqueio britânico, escreveu o presidente americano a Churchill, recusavam-se a permitir à Cruz Vermelha enviar até mesmo pequenas quantidades de leite para as crianças da França, “alegando ser difícil distinguir os territórios ocupados dos não ocupados”. Roosevelt achava possível fazer tal distinção e queria que o leite passasse.

Disse ainda que não tinha intenção de implementar uma política capaz de enfraquecer a eficácia do bloqueio britânico — a Alemanha que alimentasse os territórios sob ocupação alemã. Mas as crianças da parte não ocupada da França precisavam de leite, enxoval e vitaminas. E a Espanha precisava de farinha. Se a Espanha recebesse farinha, podia ser que ficasse fora da guerra, disse ele.

CINCO PACIFISTAS vestidos de refugiados encabeçaram uma passeata até a igreja Broadway

Tabernacle, na rua 56, em Nova York. Isso no dia 1º de janeiro de 1941. Tinham vindo a pé de Lancaster, Pennsylvania, empurrando um carrinho de mão, para protestar contra o bloqueio de fome dos britânicos. A BONDADÉ CONSTRÓI A PAZ REAL, dizia um cartaz dos manifestantes. Outro afirmava: A FOME GERA ANARQUIA, NÃO GERA PAZ NEM DEMOCRACIA. Os manifestantes cantaram uma canção sobre o poder do amor.

O estudante Lee Stern, da Case School of Applied Science, era um dos cinco líderes. Morava num lugar chamado Ahimsa Farm, uma comuna em Aurora, Ohio; disse que a Food for Europe Pilgrimage to the Sea [Peregrinação ao Mar, Comida para a Europa] inspirava-se na marcha de Gandhi até o mar em busca de sal. Muriel Lester, a autora de “Apressem os navios de gêneros alimentícios”, também participou da passeata — era a fundadora da Kingsley House, no East End, na qual Gandhi se hospedou quando de sua visita à Inglaterra em 1931.

Uma mulher empurrava um carrinho de bebê e portava um cartaz que dizia ROMPAMOS OS GRILHÕES DA ESCRAVIDÃO DA FOME. Seu marido, Angelo Mogiore, estava preso por ter se recusado a se alistar.

ELVIRA NIGGEMAN, a secretária particular de Harold Nicolson, foi dar uma volta depois de um bombardeio no West End. “Em toda parte, havia pequenos grupos de pessoas conversando tranquilamente, mas determinadíssimas a se vingar”, escreveu ela a Nicolson. “Sem dúvida nenhuma, cresce o sentimento de que dar o mesmo tratamento aos alemães é a única coisa que eles entenderão.” Isso em 2 de janeiro de 1941.

WINSTON CHURCHILL respondeu à carta de Roosevelt sobre o alimento para a Europa. Foi no dia 3 de janeiro de 1941.

Concordava em deixar passar um navio da Cruz Vermelha, contanto que se fizessem todos os esforços para impedir que os bens assistenciais chegassem à França ocupada. “Tenho certeza de que conto com a sua ajuda para manter essa distinção”, disse; “do contrário, todo o tecido do nosso bloqueio ficaria fatalmente esgarçado, e eu não preciso lhe explicar o que isso significaria em termos de vitória final.”

Os bens que Churchill se dispôs a autorizar foram: leite enlatado ou em pó, vitaminas e remédios “no sentido estrito”. Recusou-se a deixar entrar óleo de bacalhau e de halibute.

Para autorizar essa pequena abertura temporária do bloqueio, ele apresentou mais uma exigência: “Nós gostaríamos que se afirmasse que os bens assistenciais estão disponíveis graças à boa vontade do governo de Sua Majestade”, escreveu. “A impressão que queremos dar é de uma cooperação anglo-americana com fins humanitários.”

NO MESMO DIA, CHURCHILL escreveu um bilhete a um assessor, falando nos estrangeiros inimigos. Mais de 50 mil judeus alemães haviam finalmente sido postos em liberdade com o consentimento do primeiro-ministro — sendo que mais de 200 mil continuavam na prisão —, e alguns seriam

integrados ao Pioneer Corps, um ramo das Forças Armadas semelhante ao corpo de engenheiros do Exército dos Estados Unidos. Churchill queria ter certeza de que o corpo tinha sido “escovado e reescovado” para ficar livre de células nazistas. “Sou muito favorável ao recrutamento de alemães amistosos e a mantê-los sob rigorosa disciplina, em vez de deixá-los parasitando nos campos de concentração”, escreveu, “mas precisamos ser duplamente cautelosos para não pegar nenhum da cepa errada.”

ROOSEVELT proferiu seu discurso anual no Congresso. A segurança americana estava ameaçada, disse. Já havia um grande número de agentes secretos na América Latina. Os Estados Unidos estavam atrasados na construção de aviões. Era preciso fazer sacrifícios para enfrentar a atual emergência. Era preciso abastecer nossos amigos de “navios, aviões, tanques e armas”.

Mas, apesar disso tudo, era necessário aspirar a uma coisa: às quatro liberdades humanas essenciais.

Uma delas era a liberdade de expressão; a outra, a liberdade religiosa; a terceira, a liberdade de não passar necessidade. E a quarta: “A quarta é a liberdade de não ter medo — a qual, traduzida em termos mundiais, significa uma redução do armamento tão cabal e tão vasta, em escala planetária, que nenhuma nação tenha condições de perpetrar um ato de agressão física contra o vizinho — seja onde for”.

Essa meta tão louvável — a redução mundial do armamento — explicava por que os Estados Unidos precisavam fabricar com a máxima urgência mais navios, mais aviões, mais tanques e mais armas.

Foi no dia 6 de janeiro de 1941.

WINSTON CHURCHILL foi escolhido o homem do ano pela revista *Time*. Isso em janeiro de 1941.

MAIS UM RECALCITRANTE ao alistamento foi parar na cadeia. Era 6 de janeiro de 1941.

“Se eu me alistasse, não faria mais do que jogar incenso no fogo que já está aceso no altar do ódio”, explicou Ernest J. Kirkjian, um ex-estudante de teologia da Universidade de Temple. O juiz Welsh disse que Kirkjian era “totalmente sincero” e o condenou a um ano e um dia de reclusão em prisão federal.

CHURCHILL soube pela Casa Branca que Harry Hopkins desejava visitar a Inglaterra. “Quem?”, perguntou ele. Seus assessores explicaram que se tratava do confidante e assistente direto do presidente americano.

Organizou-se uma visita oficial para ele, com direito a audiência com o rei e a rainha, excursões a lugares destruídos pelos ataques aéreos, reuniões com o comando de bombardeio e uma viagem

de trem particular para ver os navios de guerra em Scapa Flow. Foi em janeiro de 1941.

Hopkins esteve com lorde Beaverbrook, o magnata da imprensa e chefe da produção aeronáutica, e jantou com editores e publishers de jornal. Ficou até tarde com Churchill, que bebia muito e cheirava o rapé de uma caixinha de prata. Este, que inicialmente foi considerado por Hopkins um mero gorducho sorridente, rubicundo, de mãos rechonchudas e voz pastosa, não tardou a conquistar o afeto do norte-americano. Tudo nele era realmente novo: a pugnacidade inteligente, a eufórica fluência verbal, a memória para evocar fragmentos de poemas.

Hopkins escreveu a Roosevelt que Churchill era o homem com quem ele devia negociar — que não se preocupasse com mais ninguém. Churchill era o governo, explicou: “Os políticos e a camada superior fingem gostar dele”. E ele estava fazendo um trabalho esplêndido. “Para mim, ficou mais claro do que nunca que Churchill está liderando magnificamente este país em todos os aspectos e que a nação inteira o apoia”, dizia.

E ainda relatou que o primeiro-ministro acreditava que “nesta guerra não haverá confronto de grandes forças aglomeradas umas contra as outras”. Seria uma guerra de bombardeiros — bombardeiros e bloqueios. No momento, disse Churchill, a proporção de bombardeiros alemães para os ingleses era de 2,5 para um, mas ia diminuir. “Ele tem muita esperança na nossa ajuda para dominar os ares, e então a Alemanha e todos os seus exércitos serão liquidados.” Quanto ao bloqueio: “Ele expressou a esperança de que nós não cheguemos ao ponto de alimentar um dos países dominados”. Para Hitler, era muito mais difícil controlar gente desacomodada e desesperada.

O *DAILY WORKER* anunciou a People’s Convention [convenção do povo] no *New York Times*. “O povo britânico ergue a voz!”, dizia o cabeçalho estampado sobre o horizonte de uma Londres bombardeada e em chamas. Isso em 11 de janeiro de 1941.

No dia seguinte, 2 mil delegados reuniram-se em Londres e ouviram discursos. Havia soldados presentes, assim como clérigos, estudantes e sindicalistas. O deputado socialista D. N. Pritt era o tesoureiro da convenção. Uma faixa enorme proclamava: AMIZADE COM A PODEROSA UNIÃO SOVIÉTICA. Theodore Dreiser e Paul Robeson enviaram saudações, bem como Earl Browder, o dirigente do Partido Comunista americano.

A convenção reivindicou melhores salários, melhores abrigos antiaéreos, habitação e compensação para as vítimas dos raids, assim como a restauração dos direitos sindicais e das liberdades civis. Também reclamou uma “paz popular conquistada pelos trabalhadores de todos os países e baseada no direito de todos os povos de determinarem seu destino”.

Acreditava-se que a polícia militar estava espreitando do lado de fora. Herbert Morrison, ministro da Segurança Interna, ameaçara proibir o evento, mas acabou voltando atrás.

WINSTON CHURCHILL, nesse mesmo dia, enviou um bilhete a Herbert Morrison acerca de D. N. Pritt e dos comunistas, acompanhado de um panfleto recente deles.

O panfleto não podia ser permitido, disse o primeiro-ministro. Contrariava a vontade do

Parlamento e tolhia a capacidade do governo de resistir ao inimigo. Churchill perguntava: se o fascista Oswald Mosley estava na prisão, por que os comunistas como Pritt não estavam? “A lei e as regulações devem ser cumpridas contra todos os que estorvam o nosso esforço de guerra, sejam da extrema direita, sejam da extrema esquerda”, dizia. “O que vale para um vale para o outro!”

OS FRANCESES começaram a chamar Winston Churchill de “esfomeador”. “Em muitos aspectos”, escreveu Lucien Romero no *Figaro*, “as doutrinas totalitárias são o produto do bloqueio de 1918.” Segundo ele, o novo bloqueio também “mata o liberalismo”. Foi no dia 13 de janeiro de 1941.

SACERDOTES CATÓLICOS juntaram fotografias de algumas igrejas e de um mosteiro repleto de relíquias históricas que tinham sido bombardeados em Düsseldorf. Encaminharam as fotos para o Vaticano.

O *JAPAN ADVERTISER* publicou um editorial sobre Pearl Harbor. “Gigantescas concentrações navais no ultramar equivalem a uma extensão das fronteiras nacionais”, dizia o jornal. “No caso dos Estados Unidos, sugerem uma ditadura sobre os paralelos de latitude inferior a Pearl Harbor, um convite para que os outros se afastem e, por conseguinte, um desafio e uma ameaça, preliminares das hostilidades — logo, uma contradição com a anunciada política dos Estados Unidos de manter seus filhos guerreiros em casa.” Isso em 17 de janeiro de 1941.

Naquele ano, a 16ª Conferência sobre a Causa e a Erradicação da Guerra não se realizou em janeiro. Foi cancelada por falta de fundos.

CHURCHILL e seu gabinete estavam fartos do *Daily Worker*. A ampla cobertura da People’s Convention, com a reivindicação de uma paz negociada das massas, foi a gota-d’água. Era o dia 18 de janeiro de 1941.

Uma fonte governamental contou a um repórter do *New York Times* que o gabinete estava prestes a proscrever o *Daily Worker*, tal como já proscivera o partido fascista de Oswald Mosley e seu jornal, o *Action*. A legislação pertinente já estava pronta. “Brincando, brincando, as coisas foram longe demais”, concluiu a fonte.

Três dias depois, a Scotland Yard invadiu a sede do *Daily Worker*. De agora em diante, era ilegal imprimir, distribuir ou colaborar como quer que fosse com a publicação do periódico e com a de um pequeno jornal mimeografado chamado *The Week*.

Herbert Morrison, ministro da Segurança Iterna, disse no Parlamento que o governo não podia tolerar a circulação de jornais que “debilitavam a vontade do povo”. Segundo ele, o *Daily Worker* havia sugerido que “o nosso povo nada tem a ganhar com a vitória, e que as dificuldades e o sofrimento da guerra são desnecessários e impostos por um governo insensível que leva a cabo um

conflito egoísta no interesse das classes privilegiadas”.

Não se podia transigir com nenhuma força que, consciente ou inconscientemente, obstruísse o esforço de guerra ou ajudasse o inimigo, declarou Morrison. Foi muito aplaudido.

O Partido Comunista não foi proscrito; só o jornal. Cecil King, editor do *Daily Mail*, não gostou da medida. “Não é do interesse de nenhum jornal a proibição de outro jornal”, disse. “Isso dá uma publicidade maravilhosa aos comunistas e é de valor inestimável para eles.”

EM DRESDEN, VICTOR KLEMPERER anotou seu desejo impossível: passar um ano percorrendo os Estados Unidos de automóvel, falando inglês, lendo jornais e revistas, indo ao cinema. “Depois estudar e escrever sobre literatura americana na minha casa, na Costa Leste”, escreveu. “Mas já vou completar sessenta anos, e meu coração se rebela diariamente.”

Sua esposa, Eva, também andava melancólica. E, naturalmente, com a cota de imigração, era difícil entrar nos Estados Unidos. Mas, mesmo que ele pudesse, o que ia fazer lá? Seu inglês não era dos melhores. Quem o quereria? Isso em 21 de janeiro de 1941.

EM TÓQUIO, O EMBAIXADOR AMERICANO no Japão ouviu falar na possibilidade de um ataque surpresa. “Comenta-se muito na cidade que, em caso de ruptura com os Estados Unidos, os japoneses planejam empreender um grande ataque surpresa a Pearl Harbor”, escreveu o embaixador Joseph Grew em seu diário. “É claro que já informei o meu governo.” Foi no dia 24 de janeiro de 1941.

HOPKINS pediu licença a Roosevelt para ficar mais algum tempo na Inglaterra. O presidente aquiesceu, mas pediu-lhe que continuasse mandando relatórios. A Lend-Lease Bill [Lei de Empréstimo e Arrendamento] provavelmente seria votada no fim de fevereiro, disse, e as coisas pareciam animadoras. “Durma um pouco.”

Isso em 29 de janeiro de 1941.

HITLER começou a dar mais atenção à ideia de Roosevelt de emprestar armas para a Inglaterra. Diante de 13 mil animados espectadores no Palácio de Esportes, avisou que era melhor os Estados Unidos ficarem fora da guerra. A Alemanha contaria com armamentos moderníssimos: as “maravilhas azuis”. Ele não tinha nada contra o povo americano; não tinha absolutamente nada contra os Estados Unidos, disse.

Então reiterou sua ameaça de antes da guerra: se o judaísmo internacional arrastasse a Alemanha a um conflito mundial, seria o extermínio dos judeus na Europa.

Era 30 de janeiro de 1941.

O ALMIRANTE RICHARDSON saudou o almirante Kichisaburo Nomura, que estava de passagem por Honolulu a caminho de San Francisco e, a seguir, de Washington, para aí assumir o cargo de embaixador. Isso em 31 de janeiro de 1941.

Richardson gostou de Nomura — “pessoa inteligente e simpática” — e lhe ofereceu um almoço. “Almirante Nomura, é em nome dos oficiais da Marinha dos Estados Unidos que eu manifesto a gratidão profissional que sentimos ao ver um oficial naval japonês assumir um cargo diplomático tão elevado”, disse no almoço. “Esperamos que a sua missão nos Estados Unidos seja um grande sucesso.”

Foi o último dia de Richardson no posto. Semanas antes, Roosevelt o havia afastado do posto de comando que ocupava.

O MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO britânico imprimiu folhetos descrevendo a visita de Harry Hopkins e jogou-os na Alemanha. E a Royal Air Force empreendeu alguns raids ousados durante a estada do americano. Corria o mês de janeiro de 1941.

Um dos raids chegou às três horas da madrugada a Pádua e Mestre, o polo industrial próximo de Veneza. “Sobre Veneza, nós voamos em círculo para atrair o fogo deles”, disse um comandante de ala. Ele e sua tripulação passaram pelas chaminés de Mestre, atiraram em duas sentinelas postadas numa fortaleza e tornaram a subir para lançar as bombas. “Estávamos com uma de nossas bombas mais pesadas e, quando explodiu, quase nos arrebentou no ar”, disse o comandante de ala. Então tornaram a descer, voando junto às torres de Pádua. Metralharam o aeroporto ao mesmo tempo que soltavam uma chuva de panfletos. Por fim, chegou a hora de voltar para os Alpes e para a Inglaterra.

Na Alemanha, a RAF criou o que se descreveu como um “lago de fogo” em Wilhelmshaven.

WINSTON CHURCHILL E HARRY HOPKINS fizeram juntos uma lista do que a Inglaterra precisava a título de “mangueiras” provenientes dos Estados Unidos. Precisava de tantos navios, de tantos motores de avião, de tantos canhões e de tanta munição — 20 milhões de balas calibre .50, “e de todos os canos extras calibre .50 que estiverem disponíveis”. Havia necessidade de aviões grandes, médios e pequenos — mas especialmente de aviões grandes:

A máxima quantidade de B-17, B-24 ou D, além dos vinte que se acertou enviar para a Inglaterra imediatamente. As aeronaves devem chegar totalmente prontas para operação imediata, inclusive as peças sobressalentes, as bombas e a munição. Necessidade urgente de tripulações.

Hopkins e Churchill queriam que os dois países concebessem um plano de levar os bombardeiros para a Inglaterra usando tripulações norte-americanas. “Isso liberaria quase oitocentos britânicos do pessoal da RAF.” E queriam que oitenta observadores treinados — metade composta de fabricantes de aviões e metade formada pelo Exército e pela Marinha — fossem à Inglaterra ensinar

as tripulações britânicas a usar os aviões.

Churchill foi à rádio e disse a Roosevelt: “Dê-nos as ferramentas e nós concluímos o trabalho”. Isso no dia 9 de fevereiro de 1941.

HARRY HOPKINS retornou aos Estados Unidos. Algo muito grande o aguardava no aeroporto: um novo bombardeiro Consolidated B-24, o primeiro dos 26 que estavam indo de San Diego para a Inglaterra. “O bombardeiro gigante ostentava a insígnia da Royal Air Force e estava camuflado com manchas verde-cinzentas”, disse o *New York Times*. “Manteve-se grande segredo quando o avião aterrissou. Por casualidade ou desígnio, ele apareceu na pista bem quando o Yankee Clipper que trazia Harry L. Hopkins, assessor do presidente Roosevelt, estava chegando ao terminal da Marinha.” A aeronave podia lançar mais de quatro toneladas de bombas em qualquer lugar da Europa, dizia a notícia. Foi em 17 de fevereiro de 1941.

As fábricas americanas viriam a produzir 18482 B-24 Liberators.

JAMES CONANT, reitor da Universidade Harvard, participou da conferência patrocinada pelo Chemical Warfare Service [Departamento de Guerra Química], em Washington. O objetivo era estudar “a possibilidade de providenciar espaço adicional de desenvolvimento para o Chemical Warfare Service, de modo que todas as novas ideias, os dispositivos ou processos desenvolvidos em laboratório pelo National Defense Research Committee [Comitê de Pesquisa para a Defesa Nacional] sejam testados em larga escala a fim de determinar sua provável aplicação militar”. O comitê recomendou montar um grande laboratório no Massachusetts Institute of Technology — MIT. Foi em fevereiro de 1941.

Durante a Primeira Guerra Mundial, James Conant encarregara-se da produção de lewisita, um gás de guerra com cheiro de gerânio. Montou uma grande fábrica de lewisita nas proximidades de Cleveland, trabalho que lhe valeu uma condecoração. Em 1918, um navio carregado de lewisita estava a caminho da Europa quando a Alemanha capitulou. As bombas de gás foram jogadas no mar.

Em tempo de paz, James Conant fora só um reitor da famosa universidade — um bom reitor, aliás, embora tivesse imposto limites ao número de judeus contratados ou admitidos. Em tempo de guerra, além de continuar reitor, era responsável pela Divisão B do National Defense Research Committee. A Divisão B ocupava-se de bombas, combustíveis, gases e armas químicas. O grupo de Conant estava interessado em aperfeiçoar novas maneiras de atordoar, assustar, cegar, nausear ou matar gente — armas químicas, armas biológicas e novos tipos de armas incendiárias: as maravilhas azuis dos Estados Unidos.

Ao depor perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado em defesa da Lend-Lease Bill, Conant disse: “Nós temos de fazer corajosamente as coisas que sabemos que devem ser feitas. E temos de estabelecer os fundamentos morais, intelectuais e espirituais do tipo de mundo que queremos legar aos nossos filhos”.

EM AUSCHWITZ, o enorme campo de concentração na Polônia, dois prisioneiros poloneses de cueca e com máscara de gás encheram um cômodo de roupa suja. “Havia muitos piolhos na roupa”, contou posteriormente um deles, Andrzej Rablin; os piolhos caíram no chão. Eles jogaram nos insetos cristais do tamanho de uma ervilha de uma substância chamada Zyklon Blausaure — “ácido azul Ciclone”, um forte fumigante inseticida e raticida. “Depois de jogar os cristais, nós saímos, fechamos a porta e vedamos as frestas com tiras de papel.” Os piolhos morreram.

Era o início de 1941.

ALBERT HERLING, opositor de consciência ao alistamento, disse ao juiz: “Eu não posso compactuar com nenhuma legislação cujo resultado seja o sacrifício da vida. Se há uma coisa que não quero ver é os Estados Unidos da América transformados num país totalitário”. O juiz condenou Herling a dois anos de prisão.

O SENADOR BURTON WHEELER, um democrata de Montana, fez um longo discurso contra a Lend-Lease Bill de Roosevelt. A lei, disse, era patrocinada pelos “banqueiros internacionais” — os Rothschild, os Warburg, os Sassoon — que estavam usando sua influência para levar os Estados Unidos à guerra. Isso no dia 14 de fevereiro de 1941.

George Gordon Battle, chefe do Council Against Intolerance in America [Conselho contra a Intolerância nos Estados Unidos], disse que Burton estava jogando o jogo dos nazistas. Ao mencionar os banqueiros internacionais, inoculava em sua argumentação “uma nota deplorável de fanatismo”.

POR DETERMINAÇÃO DE BALDUR VON SCHIRACH, patrono da Juventude Hitlerista, 10 mil judeus foram deportados de Viena para a Polônia. Lá ainda restavam cerca de 50 mil judeus ortodoxos, informou o *New York Times*. “A maioria muito velha ou muito jovem.” Foi em 19 de fevereiro de 1941.

JOSEPH GOEBBELS estava escrevendo uma longa matéria sobre Winston Churchill para o jornal *Das Reich*. Isso em fevereiro de 1941. Goebbels examinou uns velhos artigos de Churchill sobre a Guerra dos Bôeres publicados no *Morning Post*, citando passagens. Também parece ter examinado detidamente uma fotografia do primeiro-ministro. “Seu rosto não apresenta um único traço de bondade”, escreveu. “Esse homem avança pisando sobre cadáveres para satisfazer sua cega e presunçosa ambição pessoal. A ponta do charuto entre os beiços é o último vestígio de uma existência lasciva que chega ao fim.”

ROBERT MENZIES, primeiro-ministro da Austrália, foi visitar os Churchill em Chequers. Era 22 de fevereiro de 1941.

Segundo Menzies, Mary Churchill, a filha de dezessete anos de Winston, era a moça “mais viçosa e linda que eu vi em muitos anos”. Churchill, por sua vez, era um horror, incapaz de ouvir os outros. “Retórico até na conversa fiada. O mestre da expressão corrosiva e, no entanto, eu diria, quase desprovido de verdadeiro humor. Gosta mesmo é do ódio.”

VICTOR KLEMPERER teve de vender o carro a um adeleiro. Um decreto de venda compulsória estava em vigor. Dois meninos viram o comerciante rebocar o automóvel de Klemperer com o seu. “O carro do judeu, o carro do judeu”, gritaram. Mas o adeleiro Meincke era um homem decente, pensou Klemperer — antinazista, ainda que membro do partido havia muitos anos. Isso no dia 25 de fevereiro de 1941.

Naquela noite, Victor e Eva foram jantar fora: “Chegamos ao Monopol quando Hitler estava escarrando as últimas frases, no rádio, com sua estridência paranoica”. Os dois ficaram do lado de fora até que ele terminasse o discurso e a cantoria chegasse ao fim. Só então se dispuseram a entrar.

MARY BERG, que morava no gueto de Varsóvia, fez o retrato de uma menina na aula de desenho. Foi em 27 de fevereiro de 1941; o gueto estava morrendo de fome lentamente. “Muitos alunos vão à aula sem ter comido nada, e todo dia nós organizamos uma coleta de pão para eles”, escreveu Mary em seu diário. Mas a situação dos modelos era pior. Faziam fila para ganhar dinheiro posando: “Ontem a nossa modelo foi uma garotinha de onze anos e lindos olhos pretos. Enquanto nós trabalhávamos, não parava de tremer de febre, de modo que foi difícil desenhá-la”.

Deram-lhe de comer. “Tremendo, a menina comeu só parte do pão que conseguimos para ela e embrulhou cuidadosamente o resto num pedaço de jornal. ‘É para o meu irmãozinho’, disse.” Depois disso, ficou menos trêmula enquanto a desenhavam.

CHURCHILL escreveu um breve memorando secreto ao ministro da Aeronáutica. Falava no bombardeio de Roma. “Se decidirmos fazê-lo mais tarde”, disse o primeiro-ministro, “espero não nos limitarmos aos alvos mostrados em (b), e sim fazer que eles recebam uma boa dose ali onde lhes doa mais.” Isso em 28 de fevereiro de 1941.

MENZIES, o primeiro-ministro da Austrália, reparou nos saquinhos de areia à porta de todas as casas de Londres, prontos para serem usados contra os efeitos das bombas incendiárias. Almoçou com alguns juizes no Gray’s Inn. Aqueles velhos estavam sofrendo, escreveu em seu diário. “Fora a

pavorosa perda de vidas, é duro ver danificadas ou destruídas as coisas de vetusta beleza que a gente aprendeu a amar desde criança.”

Depois foi a Chequers. Churchill pôs-se a falar de submarinos. A luz da batalha estava em seus olhos, escreveu Menzies: “Em todas as conversas, acaba chegando a um ponto em que mostra gostar positivamente da guerra”. Foi em 1º de março de 1941.

Na manhã seguinte, um domingo, a jovem Mary Churchill levou Menzies e o cachorro a um longo passeio. “Um prodígio (ela, não o cachorro) de vitalidade e completa naturalidade.”

Menzies estava gostando cada vez mais de Churchill, escreveu ele. O homem tinha um domínio impressionante dos detalhes: “É movido pelo discurso entusiástico — tão atraente para seu espírito que os fatos imprecisos são obrigados a ceder”.

O CONSPIRADOR ANTINAZISTA ULRICH VON HASSELL consultou mais um general alemão sobre a possibilidade de um golpe de Estado — se e quando. “Tópicos importantes da situação”, escreveu ele. “Crise alimentar em rápido desenvolvimento, a qual será absolutamente ameaçadora se Hitler de fato atacar a Rússia na primavera.”

A invasão da União Soviética seria uma loucura, acreditava Von Hassell. Os nazistas procuravam justificá-la com base no fato de a Alemanha precisar do trigo da Ucrânia e de Moscou ser um aliado potencial da Inglaterra. O resultado seria o cerco completo.

A Alemanha não conseguiria, disse-lhe o embaixador brasileiro — “uma opinião”, escreveu Von Hassell, “que está se disseminando rapidamente”. Isso em 2 de março de 1941.

MENZIES foi passear uma vez mais em Londres. Era o dia 5 de março de 1941. A Lincoln Inn’s Fields, a enorme praça projetada por Inigo Jones, estava envolta numa neblina azul-acinzentada com um toque de luz do sol. De vez em quando, ele passava por uma casa ou loja destruída. “Que mundo maluco”, escreveu; “e o pior é discutir e decidir (como fazemos no Gabinete de Guerra) políticas que, mesmo se forem bem-sucedidas, hão de levar o anjo da morte a muitos lares.”

CHARLES EADE, editor do *Sunday Dispatch*, almoçou com Winston e Clementine Churchill no porão de Downing Street, 10.

A sra. Churchill estava com uma echarpe cheia de slogans patrióticos estampados: EMPRESTAR PARA DEFENDER e AVANTE. Serviram aos convidados xerez, bolinhos de peixe, vinho branco, turnedôs com champignon, pêsego, queijo, conhaque e charutos. Churchill acendeu o dele umas dez vezes. Estavam presentes James Conant, o reitor de Harvard, e o professor Lindemann. Foi no dia 6 de março de 1941.

“Falamos na imensa bomba lançada em Hendon uns vinte dias antes”, escreveu Eade posteriormente. “O sr. Churchill disse que pesava quase duas toneladas e que tinha matado cerca de oitenta pessoas.”

Alguém comentou o absurdo das inglesas que ofereciam chá e cigarros aos aviadores alemães derrubados. Clementine Churchill disse que o povo inglês não podia odiar os inimigos. Churchill vaticinou: até o fim da guerra, nós vamos odiar muito os nossos inimigos.

Notava-se, disse Eade, um grande desejo de que os cidadãos alemães comuns sofressem o efeito dos bombardeios britânicos.

Churchill repetiu seu gracejo: “Primeiro o dever, depois o prazer”.

Clementine Churchill riu exageradamente. “Você é um sanguinário”, disse.

O ESTADO-MAIOR DA AERONÁUTICA britânica distribuiu o memorando “Chemical Board Crop Subcommittee [Subcomitê de Sementes da Divisão Química]: Primeiro Relatório”. Discutia a possibilidade de lançar sementes de erva daninha, pragas e doenças nas plantações do Eixo. Tais ataques podiam ter um “efeito moral” sobre a população alemã, afirmava o documento. Isso em 6 de março de 1941.

Outra ideia era matar as culturas ou tolher-lhes o crescimento mediante substâncias desenvolvidas pela Imperial Chemical Industries — ICI, a empresa britânica que produzia bombas e o gás mostarda pulverizável do tipo Runcol. O produto químico 1313 da ICI afetava o trigo e outros grãos, ao passo que o 1414 devastava raízes e tubérculos. “Em 1941, cogitou-se seu uso por distribuição aérea”, dizia um memorando posterior. “No entanto, as dimensões de tal operação, em termos de recursos disponíveis na época, eram grandes demais e, por esse motivo e por causa da rápida expansão da guerra às regiões de cultivo de milho do sudeste da Europa, o desenvolvimento ativo foi interrompido.”

UMA NOITE, ROBERT MENZIES foi novamente a Chequers. Charles de Gaulle estava presente, assim como Duncan Sandys, o genro de Churchill. Sandys era “um radical”, escreveu Menzies — “queria enforcar Hitler e exterminar 40 milhões de alemães”. Ao que Churchill retrucou com um chiste:

Na guerra — fúria

Na derrota — desafio

Na vitória — magnanimidade

Na paz — boa vontade

Era 8 de março de 1941.

EM LONDRES, A BOATE CAFÉ DE PARIS, no subsolo do teatro Rialto, foi atingida por uma poderosa bomba. Sua pista de dança não era tão segura quanto se supunha. O regente Ken “Snakehips” Johnson foi decapitado — “o doce e magnético Snakehips Johnson, com seu rosto magro e elegante e seu ritmo alegre”, escreveu uma adolescente chamada Joan Wyndham em seu diário. “Eles estavam dançando ‘Oh, Johnny’ quando a bomba caiu. Os casais na pista, mortos pela explosão, ainda

ficaram alguns segundos de pé como se continuassem dançando, apenas um pouco inclinados — e então caíram uns por cima dos outros.”

Depois ladrões esgueiraram-se entre os mortos à procura de carteiras e colares, amputando os dedos que portavam anéis. Alguns cadáveres foram levados ao hospital Charing Cross, que tinha um elevador pequeno. Cada morto, atado a uma maca, foi colocado em posição vertical para caber no elevador e descer ao necrotério acompanhado de um vivo. “No escuro, com o cadáver tendendo a cair por cima da gente, aquela foi uma tarefa das mais desagradáveis”, recordou um médico. Isso também em 8 de março de 1941.

EDWARD R. MURROW viu um agricultor tentando tapar uma cratera de bomba em sua lavoura. Foi em 9 de março de 1941. “Nesta primavera, as bombas serão maiores e mais numerosas”, disse ele no rádio. “Berlim e Londres continuarão afirmando que suas bombas atingem alvos militares, ao passo que o inimigo ataca principalmente igrejas, escolas, hospitais e moradias.”

Murrow achava que os Estados Unidos deviam mandar mais armas para a Inglaterra e entrar na guerra.

O GENERAL DE GAULLE estava dormindo em Chequers. “O sr. Churchill veio me acordar para contar, saltitando literalmente de alegria, que o Congresso norte-americano havia aprovado a Lend-Lease Bill.”

Hitler disse que gostaria de ter um bombardeiro de longo alcance para atacar as cidades americanas — seria uma lição para os judeus de lá. Ele autorizou o Ministério da Propaganda a desancar os Estados Unidos. “Agora nós vamos descer o malho”, disse Goebbels.

“Ameaça de represália contra judeus” foi um subtítulo do *New York Times* logo depois da aprovação da Lend-Lease Bill: “Os meios políticos de Berlim afirmam que a ligação de nomes como Frankfurter, Cohen e Baruch com a Land-Lease Bill demonstra em nome de quais interesses os Estados Unidos deram esse passo letal”.

“O judeu Frankfurter não lhes prestou nenhum serviço ao convencê-los e ao solapar a neutralidade americana”, disse o *Borsen Zeitung* de Berlim. Agora os judeus europeus carregarão uma “pesada responsabilidade”, acrescentou o jornal.

“Agora nós sabemos a favor do que e contra quem estamos lutando”, disse o *Völkischer Beobachter*. “Começa a batalha final.” Isso em 12 de março de 1941.

GEORGE CARTER, um navegador britânico, estava a caminho de Berlim num avião Whitley. “Tomara que a gente detone o alvo (que, incidentalmente, era a agência de correio no centro da cidade) de cabo a rabo”, escreveu à namorada durante o voo. Levava consigo um tijolo, um pedaço de concreto e algumas “mensagens pessoais para o huno” a serem jogados do avião.

Quando ele estava sobrevoando Berlim, entrou-lhe fumaça nos olhos vinda do terrível fogo

antiaéreo. “Lancei nossas bombas no meio da cidade. Espero que elas nos tenham ajudado no esforço de guerra. Não vi onde caíram.”

Era o período de lua cheia de março de 1941.

CHURCHILL enviou um relatório a Anthony Eden, seu ministro das Relações Exteriores, que estava fora do país: “Aqui vai indo tudo muito bem, e enfim nós começamos a atacar os hunos ao luar. Deus os abençoe a todos”. Foi em 14 de março de 1941.

EM AMSTERDAM, ETTY HILLESUM escreveu em seu diário: “É o problema da nossa época: o ódio aos alemães envenena o espírito de todos”. Lembrou-se de ter tido, semanas antes, uma ideia que “brotou em mim como um tenro e hesitante talo de grama a abrir espaço em meio à erva má”.

A ideia era: imagine que haja um único alemão decente em toda a Alemanha. Esse alemão decente deve ser amado. “E, por causa desse solitário alemão decente, é errado despejar o nosso ódio sobre todo um povo”, escreveu. “O ódio indiscriminado é a pior coisa que existe. É uma doença da alma.”

Isso em 15 de março de 1941.

ULRICH VON HASSELL escreveu em seu diário que estava quase desistindo dos generais Halder e Brauchitsch. Nenhum golpe ou sublevação partiria deles — eram fracos, pensou, tanto quanto os súcubos de Hitler.

“Um ódio indescritível se acumula contra nós”, escreveu Von Hassell. Foi em 16 de março de 1941.

GOEBBELS soube das últimas deportações. “Em breve, Viena estará totalmente livre de judeus”, anotou em seu diário. “E agora é a vez de Berlim. Eu já estou discutindo a questão com o Führer e com o dr. Frank.” Era o dia 18 de março de 1941. Um dos assessores de Goebbels teve uma conversa com Adolf Eichmann e um dos assessores de Albert Speer. Este era da opinião de que os judeus tinham de partir, lembrando que eles ocupavam 20 mil apartamentos em Berlim numa época em que a cidade tinha escassez de habitação.

Mas, vários dias depois, Goebbels foi informado de que os judeus não podiam ir embora. Faziam um trabalho essencial e perigoso nas fábricas de armamentos. Os judeus eram necessários ao sucesso do esforço de guerra.

UM EDITOR DA REVISTA *TIME* recebeu pelo correio um caixãozinho preto. Dentro dele, um bilhete dizia: “Leia GERMANY MUST PERISH! Amanhã você receberá um exemplar”. Isso em março de 1941. *Germany must perish* [A Alemanha deve ser exterminada] era um livro escrito e publicado por Theodore Kaufman, um vendedor de ingressos do Brooklyn. Ele garantia que 20 mil cirurgiões, fazendo 25 operações por dia, conseguiriam esterilizar o Exército alemão em um mês. O resto da população masculina tardaria outros três meses. Já com as mulheres seria mais demorado: talvez três anos.

O editor da *Time* achou, com razão, que aquilo podia render uma boa matéria. Em 1939, o esterilizador Kaufman, como o chamou a revista, tinha se autointitulado presidente de um grupo chamado American Federation of Peace [Federação Americana da Paz] e exortara o povo dos Estados Unidos a se eximir das guerras europeias ou submeter-se à esterilização. Agora, em 1941, em plena guerra, Kaufman voltava as armas contra a Alemanha. O programa seria fácil de administrar, disse: “É como fazer o registro da seguridade social”. Em pouco tempo a raça alemã estaria extinta.

Goebbels aproveitou essa efusão estapafúrdia. “Se ele estivesse a nosso serviço ao escrever esse livro, não teria feito coisa melhor”, disse em seu diário. E publicou trechos e uma análise de seu conteúdo em forma de panfleto, exacerbando-lhe o perigo. Leram-se passagens no rádio. As revistas femininas publicaram artigos burlescos. Kaufman foi transformado numa poderosa eminência parda: membro da equipe de consultores de Roosevelt, “um dos conselheiros mais íntimos do judeu nova-iorquino Samuel Rosenman, que, como se sabe, orienta e assessora a redação dos discursos do atual presidente dos Estados Unidos”.

O ESCRITOR EXPATRIADO THOMAS MANN gravou uma mensagem para o povo alemão. A BBC a transmitiu. Ele disse: “Vocês souberam que a chamada Lend-Lease Bill, a lei que autoriza a mais abrangente ajuda à Inglaterra, acaba de ser aprovada por uma grande maioria no Senado dos Estados Unidos?”. A partir de então, prosseguiu, a Alemanha estava em guerra não só com o império britânico, mas também com os Estados Unidos — e a situação se tornaria cada dia mais opressiva. “O que será de vocês?”, perguntou Mann. “Se forem derrotados, a sanha vingadora do mundo inteiro se abaterá sobre todos.”

Foi em março de 1941.

MENZIES percorreu Londres logo depois de um violento ataque aéreo. “Ruas e ruas em chamas”, escreveu, “pobres velhos chocados e atordoados sendo conduzidos a albergues.” Ele ficou sinistramente contente por ter visto aquilo, disse. “Eu sou totalmente a favor da paz quando ela vier, mas será uma tragédia para a humanidade se vier antes que as cidades desses animais sejam igualmente devastadas. Os hunos precisam sentir na própria pele.”

Era 21 de março de 1941.

HEINRICH HIMMLER, o comandante da SS, encarregou Viktor Brack de uma investigação. Brack, que era assessor de Philip Bouhler, havia supervisionado o programa de eutanásia T-4. Agora tinha ordem de pesquisar o uso de raios X na esterilização secreta dos judeus deportados. Em seu descabelado fetichismo racial, Himmler temia que, para a Alemanha, a mistura da linhagem judaica ocidental com a oriental representasse um perigo ainda maior do que cada linhagem separadamente. Ele discutira o problema com o Führer; talvez a esterilização fosse a solução. Isso em março de 1941.

Brack estudou a questão com certo cuidado e preparou um relatório ultrassecreto assinado “Heil HITLER! Brack”. “Um procedimento prático”, escreveu, “é, por exemplo, fazer que a pessoa a receber o tratamento se aproxime de um balcão para responder algumas perguntas e preencher um formulário, coisa que deve durar dois ou três minutos.” Nesse intervalo, seus testículos ou ovários ficam expostos a uma dose de alta radiação oriunda de duas fontes ocultas de raios X.

A desvantagem desse método era “afetar outros tecidos do corpo”, ressaltou Brack. “Se a intensidade dos raios X for excessiva, as partes da pele atingidas apresentarão sintomas de queimadura — de gravidade variável de indivíduo para indivíduo — nos dias ou semanas subsequentes.” De modo que, embora a esterilização em massa fosse perfeitamente viável, era impossível levá-la a cabo sem que as vítimas percebessem.

O assessor de Himmler não deixou de responder: Himmler estava na Grécia, mas agradecia muito o relatório sobre a castração por raios X. “Ele leu o relatório com interesse e vai discutir a questão com o senhor na primeira oportunidade.”

DRAGISHA CVETKOVITCH, o primeiro-ministro iugoslavo, andava flertando com Hitler. Alertado, Churchill o ameaçou: o império britânico tinha o domínio incontestável dos mares e, com o auxílio dos americanos, em breve teria o do ar, escreveu. Se a Iugoslávia ingressasse no Eixo, “sua ruína será certa e irreparável”. Foi em 22 de março de 1941. Imperturbável, Cvetkovitch firmou um pacto com a Alemanha.

Dentro de 48 horas, a British Special Operations Executive [Direção Britânica de Operações Especiais] instigou e financiou um golpe militar em Belgrado. Foi rápido e sem derramamento de sangue. O comandante sérvio da Força Aérea iugoslava ocupou a estação de rádio e a companhia telefônica. Unidades de artilharia e de metralhadoras impuseram a ordem. Cercaram o palácio real. Obrigado a abdicar, o príncipe Paulo foi despachado para a Grécia com a família; um novo rei adolescente, Pedro II, foi coroado na catedral de Belgrado. Desfraldaram-se as bandeiras inglesa e francesa; a multidão tomou as ruas da capital cantando o hino sérvio. “Poucas revoluções foram tão tranquilas”, recordou Churchill com satisfação. Ele anunciou a boa notícia no rádio: “Esta madrugada, a nação iugoslava encontrou sua alma”.

HITLER, ao saber da revolução iugoslava, pensou que fosse brincadeira. Mas logo se pôs a matutar

furiosamente — Churchill descreveu o estado de espírito do Führer como o de uma “jiboia que, já tendo coberto a presa de imunda saliva, a visse subitamente arrancada de seus anéis constritores”. O Führer convocou Goering e outros chefes militares e mandou-os “destruir a Iugoslávia militarmente e como unidade nacional”. Sem mensagens diplomáticas, sem ultimato. O golpe devia ser desferido com a rapidez de um raio e uma “crueldade implacável”.

CHURCHILL estava tomando seu xerez na sala de fumar da Câmara dos Comuns. Agora a Inglaterra contava com um Exército de verdade, disse. “Temos tanques — bons tanques. Temos canhões.” Isso em 1º de abril de 1941.

Harold Nicolson achou que havia anos que ele não ficava com tão boa aparência. “Toda aquela espécie de inchaço desapareceu e seu rosto ficou quase magro, com o lábio inferior o tempo todo projetado numa atitude de desafio.”

LYLE WILSON, um repórter da United Press, escreveu sobre as precauções antiaéreas na Alemanha. Foi no dia 2 de abril de 1941.

Agora, a maioria dos abrigos contava com duas saídas, informou: “No outono passado, aconteceram coisas horríveis na Alemanha quando os prédios diretamente atingidos se incendiavam, torrando os moradores abrigados no subsolo, ou quando as bombas arrebentavam os canos hidráulicos e bloqueavam a única saída, fazendo os refugiados no porão se afogarem”. Em todo o país, viam-se placas amarelas com setas vermelhas e os dizeres PARA O ABRIGO ANTIAÉREO. Em Bremen e Hamburgo, construíram-se abrigos para 2 mil pessoas, mas em Berlim a população continuava usando apenas os porões de casa.

“Os mais duramente atingidos são os judeus”, escreveu Wilson. “Contaram-me que eles estão proibidos de entrar nos abrigos arianos e são obrigados a procurar segurança como puderem, a não ser que o porão do prédio tenha espaço suficiente para um abrigo especial para eles.”

No dia seguinte, o governo alemão instituiu mais uma norma punitiva: os judeus não receberiam remuneração correspondente ao tempo que passassem nos abrigos antiaéreos.

EM MANCHESTER, Inglaterra, 6 mil engenheiros estagiários entraram em greve por melhores salários. O ministro do Trabalho Ernest Bevin mandou prender seis deles, e a greve acabou.

Isso em 4 de abril de 1941.

CHURCHILL enviou uma carta ao general Dusan Simovitch, comandante da Força Aérea iugoslava, avisando-o de que os relatórios da inteligência davam conta de uma convergência de bombardeiros alemães para o seu país e exortando-o a disparar o primeiro tiro. Aquele era o momento ideal para atacar a Albânia, disse, e lá capturar as “massas de equipamento”.

Na Operation Strafgericht [Operação Juízo Final], os alemães partiram dos campos de pouso romenos e passaram três dias bombardeando Belgrado. Destruíram a estação ferroviária, a ópera, a usina elétrica e muito mais; o palácio do rei Pedro ficou danificado. “Os atônitos habitantes passaram dias e dias sem se atrever a sair dos porões”, escreveu um jornalista da United Press. O vice-cônsul americano disse que Belgrado era “uma cidade da morte”.

Churchill transmitiu uma mensagem radiofônica em servo-croata, oferecendo sua cordial solidariedade pelas mulheres e crianças assassinadas e animando o país a seguir lutando contra a furiosa ofensiva. As cidades britânicas também estavam sofrendo, disse. Mulheres e crianças britânicas vinham sendo assassinadas. E incentivou: os camponeses iugoslavos que se levantassem na defesa dos direitos do homem como haviam feito no século XVI! A recompensa haveria de chegar — a sua coragem “brilhará nas páginas da história”.

A resistência foi sufocada quase imediatamente.

Depois, em suas memórias de guerra, Churchill reservou espaço para descrever a agonia dos animais do jardim zoológico de Belgrado.

“Uma cegonha ferida passou mancando pelo hotel principal, que era uma massa de fogo”, escreveu. “Com passos titubeantes, um urso atordoado e confuso arrastava-se pelo inferno rumo ao Danúbio.”

UMA ENTIDADE CHAMADA KEEP AMERICA OUT OF WAR [Deixem os Estados Unidos Fora da Guerra] realizou um congresso no Town Hall de Nova York. Jeannette Rankin disse: “Não se pode ter guerra e democracia; não se pode ter guerra e liberdade”. O rabino Sidney Goldstein, presidente da War Resisters League [Liga de Resistência à Guerra], falou: “A democracia nunca esteve tão ameaçada como hoje”. Norman Thomas disse que o país devia convocar um referendo nacional antes de entrar em guerra. Oswald Garrison Villard afirmou que as “quatro liberdades” de Roosevelt “não resistiriam ao choque na nossa entrada e permanência nessa guerra”.

Era o dia 6 de abril de 1941.

A REVISTA *TIME* visitou alguns campos de refugiados na França. “Agora todos os refugiados sonham em ir para os Estados Unidos”, dizia o artigo, “mas é apenas um sonho. A maioria deles soçobrou na apatia do tédio; perdeu toda esperança de voltar a ter uma vida civilizada.” Foi em 7 de abril de 1941.

O CENTRO DE BERLIM, a região em torno da Unter den Linden, na qual fazia nove anos que Goebbels e seus estudantes haviam queimado livros, estava em chamas novamente. Isso em 9 de abril de 1941.

Foram atingidos a Biblioteca Municipal, a universidade e o palácio do príncipe herdeiro. Trinta bombas incendiárias cobriram de labaredas a Ópera de Berlim, na qual Wilhelm Furtwangler regia

as óperas de Wagner. As paredes continuavam de pé, mas o palco era uma ruína destelhada. Hitler ordenou a Albert Speer que a reconstruísse imediatamente. E tratou de sair da cidade. Passou duas semanas morando em um trem estacionado à entrada de um túnel alpino, confabulando com seus comandantes. O trem se chamava *Amerika*.

Churchill levou boas notícias à Câmara dos Comuns. “Mês a mês, as incursões que já nos acostumamos a empreender contra as cidades e portos alemães vêm aumentando tanto no número de aeronaves empregadas quanto no peso de descarga”, disse. “Em alguns casos, nós, nos nossos raids, já superamos em severidade tudo quanto uma só cidade sofreu aqui numa só noite.”

E ainda disse que ansiava pelo luar.

O PAPA PIO XII, ex-cardeal Pacelli, fez uma transmissão radiofônica de Páscoa. “Devemos lamentar o fato de que os limites da guerra legítima têm sido reiteradamente transpostos”, disse. “Que todos os beligerantes, que também têm o coração moldado pelo amor materno, demonstrem algum sentimento de caridade pelo sofrimento das populações civis.” Foi em 13 de abril de 1941.

VICTOR KLEMPERER escreveu: “Tenho medo do pensamento dos Estados Unidos”. Era 14 de abril de 1941. Klemperer pensou na esterilidade intelectual de estudar a gramática inglesa. “Agora é frequente eu dizer cá comigo: afinal de contas, tenho atrás de mim uma vida longa, interessante, nem sempre tão mal-sucedida, e, seja como for, só um remanescente pela frente — por que isso importa tanto?” Ele estava acumulando anotações a respeito do vocabulário do nacional-socialismo, reunindo evidências dos meios pelos quais a ditadura militar deformava o idioma que usava.

A ROYAL AIR FORCE lançou bombas grandes nos portos de Lorient e Brest, no litoral da França. Isso na brumosa madrugada de 14 de abril de 1941. Foi o 49º bombardeio de Lorient e o 44º de Brest. O *Scharnhorst* e o *Gneisenau* estavam atracados em Brest; em Lorient, havia docas cobertas nas quais os submarinos alemães eram abastecidos e passavam por reparos. Os submarinos estavam afundando os navios mercantes que navegavam em comboio entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Estes iam carregados de alimentos e armas.

Com as bombas de que dispunha a RAF, era praticamente impossível destruir navios ou submarinos à noite. Mas era possível devastar a área habitada próxima dos submarinos e navios. Se os britânicos bombardeassem e incendiassem as imediações de Brest e Lorient, pouca gente se disporia a trabalhar nesses portos — de modo que o bombardeio acabaria funcionando como uma espécie de bloqueio invertido, parecido com o que Portal impusera às tribos do Iêmen.

Pouco depois do raide de 14 de abril, um indignado representante do governo de Vichy deu entrevista coletiva. O ataque aéreo era “selvagem”, disse. Brest tinha sido bombardeada durante sete horas; 64 pessoas morreram quando uma bomba atingiu um hospital civil. “É impossível”, declarou

o porta-voz de Vichy, “aceitar sem protesto os repetidos bombardeios, principalmente contra a população civil francesa, e a devastação de grandes portos franceses sem objetivos militares nem importância no que diz respeito à guerra.”

O PRIMEIRO-MINISTRO escreveu a sir Archibald Sinclair sobre armas químicas. “Eu continuo longe de estar satisfeito com a situação de nossos preparativos de guerra química ofensiva”, disse, “caso ela nos seja imposta pelas ações do inimigo.”

Havia poucos projéteis de gás de 4,5 polegadas e de seis polegadas, queixou-se ele a Sinclair. A produção da bomba de gás de paredes finas, a Mark I, que podia conter gás ou panfletos, estava atrasada. E a produção de fosgênio era inadequada. “Proponho examinar toda a situação numa reunião prévia do Comitê de Defesa”, concluiu. Foi em 15 de abril de 1941.

DOIS NAVIOS DA CRUZ VERMELHA estavam quase prontos para zarpar rumo a Marselha de um porto de Staten Island. Eram operados pela French Line e levavam farinha e leite em pó. A Cruz Vermelha pediu que retirassem as metralhadoras e os canhões antiaéreos que estavam acondicionados nos porões — não convinha dar aos britânicos a menor “desculpa para interceptar as embarcações”.

Um passageiro desembarcou de um navio chegado da Martinica e disse a um repórter: “Não deviam mandar essa carga. Duvido que chegue ao povo francês. Os alemães e os italianos têm uma comissão que inspeciona tudo que entra e sai”. Isso em 16 de abril de 1941.

Em carta ao *Times* de Londres, Herbert Hoover voltou a destacar que a distribuição de alimento seria monitorada por observadores em todas as etapas. Se os alemães se apropriassem do leite e da farinha, o mundo saberia e os embarques cessariam.

O GENERAL RAYMOND E. LEE, adido aeronáutico americano, retornou à Inglaterra e analisou a situação. “O que me impressiona é a atitude das pessoas: muito mais solene do que em janeiro.” Em Londres, foi a um cinema assistir a filmes de propaganda. Um deles mostrava soldados britânicos em treinamento gritando: “Matar, matar, matar”. Lee conversou com o amigo Ted. “Ted disse que o pessoal da Força Aérea já desistiu da ideia de lealdade e está sinistramente decidido a liquidar o máximo de alemães por todos os meios possíveis”, escreveu Lee. Foi em 16 de abril de 1941.

NESSE MESMO DIA, O GENERAL HAP ARNOLD, comandante da Força Aérea do Exército americano, também se encontrava na Inglaterra, acompanhando a preparação de aviões para viagens à Alemanha. Harry Hopkins escrevera antecipadamente a Churchill a respeito de Arnold: o presidente Roosevelt queria muito que ele “fosse exposto à guerra real”. O general vinha se opondo a dar ajuda à Inglaterra, confidenciou Hopkins; ele esperava que Churchill o apresentasse por lá e pusesse tudo à sua disposição — em outras palavras, que o convencesse da necessidade da Lend-

Lease.

Estava previsto que o ataque aéreo daquela noite lançaria dez toneladas de bombas em Berlim. Mas, na última hora, a cidade-alvo foi trocada por Bremen. Participariam duzentos aviões. No quartel-general subterrâneo do comando de bombardeio, Arnold ouviu uma descrição da nova bomba britânica de duas toneladas com um fino projétil rebitado. “Detona acima do solo, de modo que o resultado é produzido por explosão, não por fragmentação”, anotou Arnold em seu diário. “Precisamos de algumas imediatamente.”

Ele foi conduzido a um hangar em que os homens carregaram cada bombardeiro Vickers Wellington com seis caixas de incendiárias e cinco de bombas de 230 quilos. Dois deles transportavam bombas de 1840 quilos. Os aviões decolaram, um a cada dois minutos, rumo aos estaleiros de Bremen.

HAP ARNOLD voltou ao hotel londrino no qual dividia uma suíte com Pete Quesada, um de seus companheiros de aviação. A cidade tinha sofrido um ataque aéreo violentíssimo quando ele estava fora, o pior da guerra até então. A loja de departamentos Selfridge’s ardia em chamas. Uma mina terrestre quebrara os vidros do Savoy Hotel, onde Arnold havia almoçado com o secretário de Estado da Aeronáutica. “Vulnerável”, anotou ele. Falava-se em seiscentos mortos. “Arrumar a cidade e aguardar o próximo raide”, escreveu. “Por trás de tudo isso, a determinação de não ser riscado do mapa.”

Arnold foi a Ditchly e ficou conversando com Churchill até as duas horas da madrugada. Segundo o primeiro-ministro, a Rússia era “um crocodilo imoral à espera, nas profundezas, da primeira presa que cruzasse seu caminho”. Mas a principal mensagem de Churchill foi: a Inglaterra precisava de bombardeiros de longo alcance tão depressa quanto os Estados Unidos os pudessem enviar.

Na manhã seguinte, o camareiro de Arnold abriu a cortina para ele e serviu-lhe chá na cama. Arnold desceu e ficou examinando as cabeças de veado penduradas nas paredes. “Algumas das mais antigas cabeças de veado”, escreveu. “Eles foram caçados no século XVII por diversas pessoas.” Houve um almoço de honra com os Churchill, Averell Harriman e o presidente no exílio da Tchecoslováquia.

Depois de um bate-papo sobre a nova base aérea britânica no Iraque e sobre a necessidade de um programa adequado de propaganda nos Estados Unidos, Churchill levou Arnold a um passeio de carro no campo. Quando voltaram, aguardava-os Charles Portal, ocupante do mesmo posto que Arnold na Royal Air Force. Os dois entusiastas do poderio aéreo conversaram muito. Portal aventou a possibilidade de uma bomba de 2,7 toneladas. “Portal é um homem inteligentíssimo que faz, é capaz e conhece o seu trabalho. O primeiro-ministro, uma grande personalidade, dono de um intelecto maravilhoso. Para a cama às duas da madrugada.”

GEORGE BELL, o bispo de Chichester, escreveu uma carta para o *Times* de Londres. Isso no dia 17

de abril de 1941.

Estava abalado com o que lhe haviam contado, na Páscoa, acerca do sofrimento das populações civis. Era uma barbaridade, afirmou, uma nação beligerante atacar e aterrorizar mulheres e crianças desarmadas. “Se a Europa for mesmo civilizada”, perguntou, “o que pode desculpar o bombardeio noturno de cidades?” Bell apresentou uma proposta: que tal o governo britânico se propor solenemente a não bombardear à noite, desde que o governo alemão também se comprometesse a não fazê-lo? “Se se chegar a essa restrição única, pelo menos será possível deter a precipitação do mundo a uma baixeza e confusão cada vez mais profundas”, disse. Gilbert Murray, um classicista de Oxford, escreveu apoiando a ideia de Bell, assim como Bernard Shaw. O governo britânico não se dignou a responder.

A RÁDIO ALEMÃ explicou que o recente raide incendiário no centro de Londres — o que destruiu a Selfridge’s e parte da catedral de São Paulo — era uma represália ao raide incendiário britânico ao centro de Berlim — o que arruinara a ópera. “De agora em diante”, disse o alto comando alemão, “todo ataque aéreo britânico a áreas residenciais da Alemanha será retaliado com intensidade crescente.” Foi em 17 de abril de 1941.

CHARLES E. WILSON, presidente da General Motors, anunciou em Detroit que sua empresa havia iniciado a produção de metralhadoras no valor de 61 milhões de dólares. Longas fileiras de canos de metralhadora aguardavam montagem na AC Spark Plug Divison, em Flint, Michigan. A divisão Saginaw Steering Gear da empresa construía uma nova fábrica, com paredes de vidro. Também estava produzindo armas mecânicas. Isso em 17 de abril de 1941.

WINSTON CHURCHILL solicitou à comissão de defesa do gabinete de guerra a aprovação de uma advertência a Roma, a ser difundida pela BBC. Foi no dia 18 de abril de 1941.

A advertência era a seguinte: se as potências do Eixo bombardeassem Atenas ou Cairo, “nós passaremos a bombardear Roma sistematicamente”. Depois de discutir o assunto, o comitê concordou em dizer que a Inglaterra procuraria poupar a cidade do Vaticano. A nota foi divulgada com o acréscimo de uma farpa: os ingleses estavam informados de que aviões italianos pretendiam bombardear o Vaticano com bombas inglesas capturadas caso os britânicos atacassem Roma. “Portanto, é necessário denunciar antecipadamente essa tramoia característica”, dizia a nota.

O GENERAL RAYMOND LEE viu os danos após o recente ataque aéreo. Fortnum e Mason, Dunhills, Hoby e Gullick (os sapateiros de Lee) tinham “esticado a canela”, anotou ele em seu diário. “Quanto mais eu penso nisso, mais tolo me parece os britânicos insistirem em bombardear Berlim”, escreveu. Afinal, para os alemães, bastava percorrer a distância do canal a partir da França, e eles tinham mais aviões. Os ingleses deviam esperar até contarem com mais bombardeiros, concluiu Lee. “Isso provavelmente só acontecerá no ano que vem, quando a maioria deles chegar dos Estados

Unidos.” Isso em 19 de abril de 1941.

UM NOVO GRUPO NORTE-AMERICANO favorável à guerra e ao bloqueio divulgou um manifesto. Foi em 19 de abril de 1941.

O grupo sediado no prédio RKO, na Sexta Avenida, em Nova York, chamava-se Fight for Freedom, Inc. [Luta pela Liberdade]. Seu chefe titular era o bispo episcopaliano Henry Hobson, de Cincinnati; Carter Glass, um venerável senador, o presidente honorário; e o secretário executivo, o publicitário Peter Cusick da Young and Rubicam. Do comitê participavam William Donovan, o espião muito viajado do presidente Roosevelt — que em breve seria o fundador e chefe do Office of Strategic Services —, e Allen W. Dulles, advogado e futuro diretor da Central Intelligence Agency [CIA]. O grupo recebeu financiamento do British Security Co-ordination, uma agência secreta de propaganda chefiada pelo espião britânico William Stephenson.

O povo americano devia aceitar o fato de já estar em guerra, dizia a Fight for Freedom — “seja declarada, seja não declarada”. Segundo o manifesto, se aceitasse esse fato, o povo enfim encontraria a paz em si mesmo, “coisa que não acontecerá enquanto buscarmos segurança à custa do sacrifício alheio”.

LORDE HANKEY andava desanimado com Winston Churchill. “A guerra vai mal”, escreveu em seu diário. “E continua indo mal no segundo ano. Os gregos estão em derrocada. A nossa pequena força de apoio enfrenta a evacuação. É a Noruega outra vez. Exatamente os mesmos erros.” Isso em 22 de abril de 1941.

A causa do problema, pensava Hankey, era que, no gabinete de guerra, todos eram subservientes, confusos e dominados por Churchill. “Churchill está administrando a guerra como um ditador”, concluiu.

HOWARD SCHOENFELD estava preso em Danbury, Connecticut, por se recusar ao alistamento, com outros dezesseis detentos. Queria abrir mão do almoço para fazer uma manifestação de apoio ao Dia da Paz dos Estudantes. O diretor do presídio proibiu a manifestação. Os presos disseram que lamentavam, mas não podiam deixar de fazê-la. Schoenfeld entregou ao diretor Gerlach um bilhete:

Como expressão de solidariedade aos estudantes em greve pela paz lá fora, à maioria do povo dos Estados Unidos e a incontáveis milhões em todo o mundo, eu me recuso a trabalhar no dia 23 de abril de 1941. A minha greve não é contra o governo dos Estados Unidos nem contra a administração carcerária; é contra a guerra, que eu considero o pior mal conhecido pelo homem.

O diretor do presídio mandou Schoenfeld e os outros para a solitária, a qual ele apelidara de “meditação construtiva”. Enviou um relatório a Washington, acompanhado da transcrição de suas conversas com os pacifistas, secretamente gravadas.

Passaram-se os dias. As paredes e o piso da cela de Schoenfeld eram de cimento cru; a porta, de metal. Ele escrevia romances mentalmente e fazia tranças na barba. “Um dia, comecei a gritar a plenos pulmões loucas paródias de músicas patrióticas”, registrou em suas memórias. Apareceu um carcereiro. Schoenfeld esclareceu que tinha sido mordido por um patriota e estava acometido de febre patriótica. O carcereiro mandou-o calar a boca. “Eu me joguei no catre e fiquei rindo da minha piada.”

Em outra ocasião, um dos rebeldes se pôs a cantar “Ave Maria”. “A música pareceu-me incrivelmente bela depois de dias e dias de horrível silêncio”, escreveu Schoenfeld, “e eu tive a impressão de ouvir, realmente, de ouvir e sentir pela primeira vez na vida a voz humana em seu verdadeiro esplendor.” Os outros reagiram rezando o Pai Nosso; e então Schoenfeld, Al Herling e Stan Rappaport oraram em hebraico. “Foi um bom dia.”

Passaram-se as semanas.

O MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA britânico elaborou um documento novo e mais pragmático, discorrendo sobre a política de bombardeio. Foi em 24 de abril de 1941.

Sem luar, era impossível atacar com sucesso um alvo específico, observava. Portanto, durante três quartos do mês, a única opção era o bombardeio-relâmpago: “Só se podem obter resultados satisfatórios mediante o ataque-relâmpago às grandes regiões operárias e industriais das cidades”. Mesmo atingir as cidades, prosseguia o documento do Ministério da Aeronáutica, oferecia grande dificuldade, a não ser que elas ficassem nas imediações de um corpo de água.

Anexado ao documento, havia uma lista de cidades-alvo próximas da água e passíveis de ataque em noite sem luar: Düsseldorf, Duisburg e as margens oriental e ocidental de Colônia. Eram centros ferroviários e “congestionadas cidades industriais, nas quais o efeito psicológico será dos maiores”.

O anexo terminava com uma recomendação: as bombas de efeito retardado deviam corresponder a 10% da tonelagem lançada, “de modo a impedir ou estorvar seriamente o combate ao incêndio, os concertos e a organização geral do tráfego”.

CHARLES LINDBERGH, que vinha se manifestando contra a Lend-Lease, tentou decidir se se afastava do Exército ou não. Roosevelt tinha-o acusado indiretamente de traição. “Ando viajando o país na companhia de pacifistas e cogito renunciar à patente de coronel da Força Aérea do Exército, sendo que não há filosofia da qual eu mais discorde do que a pacifista e nada me agrada mais do que voar na Força Aérea”, escreveu ele em seu diário. “Quem dera que os Estados Unidos estivessem do lado certo de uma guerra inteligente!” Isso no dia 25 de abril de 1941.

CHURCHILL notou certo mal-estar. Seus generais o haviam aconselhado a não invadir a Grécia, mas ele insistira nisso e agora se via às voltas com um novo Narvik. A Iugoslávia estava perdida. E a guerra aérea estava dando com os burros n’água. Agora se generalizavam os saques e a falta de

moradia, assim como morte e devastação estupefacentes. A população de ratos tinha aumentado vertiginosamente. Como um tônico, Churchill fez uma visita a lugares destruídos em Londres, Liverpool, Cardiff, Swansea e Bristol. Depois foi à rádio. Sim, ele sabia do mal-estar. Sim, tinha visto belos edifícios “transformados em montes de entulho e ruínas”. Sim, eram muitos os mortos. Mas o moral, afirmou, estava altíssimo e esplêndido. “De certo modo, esse ordálio de fogo até exaltou a condição de homem e de mulher na Grã-Bretanha”, disse. Elevava-os acima dos fatos materiais “na alegre serenidade que julgamos pertencer a um mundo melhor do que este”.

E em breve o destemido estoicismo geraria frutos: “Nos últimos doze meses, graças à nossa atitude e conduta, nós conquistamos um poderoso lugar no afeto do povo dos Estados Unidos”, prosseguiu o primeiro-ministro. “Eles voltaram grande parte de sua indústria gigantesca para a fabricação da munição de que precisamos. Chegaram até a nos dar ou emprestar suas próprias e valiosas armas.” Agora a Inglaterra e os Estados Unidos estavam estreitamente unidos.

“Havia menos de 70 milhões de hunos malignos — alguns deles curáveis, outros extermináveis”, disse Churchill. Juntas, a população do império britânico e a dos Estados Unidos chegavam a cerca de 200 milhões. Os Aliados tinham mais gente e produziam mais aço. Os Aliados venceriam. Foi em 27 de abril de 1941.

CHURCHILL escreveu uma diretiva ultrassecreta para o gabinete de guerra: “Pode-se dar por quase certo que, à entrada do Japão na guerra, seguir-se-á imediatamente a entrada dos Estados Unidos do nosso lado”; convinha aos britânicos pautar seus planos por esse fato.

Ele também ordenou aos oficiais do estado-maior que cogitavam render-se que continuassem lutando até que a metade dos homens morresse ou ficasse ferida e, se necessário, que usassem armas curtas. “A honra de um homem ferido está a salvo”, disse. “Quem matar um huno ou mesmo um italiano terá prestado um bom serviço.” Isso em 28 de abril de 1941.

TROPAS IRAQUIANAS concentraram-se num platô perto de Fallujah, no Iraque. Corria o mês de maio de 1941. Em sua sala de mapas à prova de bomba, Churchill estava de olho no Oriente Próximo. A Iugoslávia e a Grécia, incendiadas e depois largadas nas mãos dos nazistas, estavam perdidas — mas agora as forças do Eixo tinham a possibilidade de chegar de um lugar qualquer e capturar o petróleo do Iraque.

“É preciso enviar tropas a Basra o mais depressa possível”, escreveu ele ao general Ismay, da Junta de Chefes de Estado-maior. O primeiro-ministro iraquiano Rashid Ali comunicou que não podia autorizar novos desembarques de militares britânicos enquanto os que já se encontravam em Basra não avançassem. Churchill ordenou o prosseguimento dos desembarques. Os civis britânicos fugiram de Bagdá em busca de abrigo na base de treinamento da Royal Air Force, à beira do lago Habbaniya. Embarcaram em hidroaviões e foram levados a lugar seguro.

CHURCHILL mandou o general Wavell iniciar uma ofensiva geral no Iraque. O general contestou a ordem: não tinha contingente suficiente, disse, e era preciso levar outros países em consideração. Recomendou negociar com Rashid Ali. Churchill contraordenou, coisa que levou Wavell a mandar um aviso: “Eu penso que o prolongamento da luta no Iraque põe a defesa da Palestina e do Egito em grave risco. As repercussões políticas são incalculáveis”. E tornou a pedir autorização para negociar.

“Eu estou profundamente contrariado com a atitude do general Wavell”, escreveu Churchill a Ismay. A Wavell, ele disse: “O senhor não precisa se preocupar muito com o futuro remoto do Iraque”. A missão de Wavell era “ocupar Bagdá mesmo com forças reduzidas”. Derrubar Rashid Ali e pôr um governo amigável em seu lugar, esse era o encargo do general.

AS TROPAS IRAQUIANAS ameaçaram a escola de voo de Habbaniya. Rashid Ali pediu ajuda a Berlim. Chegou a hora do poderio aéreo.

Churchill mandou Wavell dizer ao comandante da escola de voo que a sua obrigação era “defender Habbaniya até o fim”. O comandante, um homem chamado Smart, mostrou-se à altura da missão. No dia 2 de maio de 1941, os instrutores de voo da RAF e seus cadetes fizeram quase duzentos voos contra os iraquianos no platô, sendo que alguns decolaram sete vezes, lançando bombas levadas nas asas e retornando. Dos 64 aviões, 22 foram destruídos, e dez pilotos morreram ou ficaram feridos a ponto de não poder voar. Aviões iraquianos chegaram ao local, inclusive bombardeiros de ataque Northrop-Douglas de fabricação norte-americana, com motor Wright Cyclone e mira retrátil; começaram a metralhar e bombardear a escola de voo e seu campo de polo.

“A situação no Iraque é péssima”, escreveu o subsecretário Cadogan. “Será possível que os iraquianos nos vençam?!” Cadogan autorizou o Air Committee a dizer que a Royal Air Force bombardearia Bagdá caso Habbaniya caísse.

HITLER postou-se ao microfone em frente ao Reichstag. Era 4 de maio de 1941. Falou nos capitalistas democrático-judaicos e nos lucros que estavam auferindo com a indústria bélica. Eles queriam uma guerra prolongada, disse. Queriam o retorno dos bilhões investidos em armamento. E agora Churchill e seus cúmplices estavam tentando obter ajuda do outro lado do oceano.

“A minha oferta de paz foi interpretada como um sinal de medo e covardia”, prosseguiu Hitler. E Churchill — que importância dava Churchill à cultura ou à arquitetura? “Quando a guerra estourou, ele afirmou claramente que queria a sua guerra, mesmo que as cidades da Inglaterra ficassem em ruínas. Pois agora ele teve a sua guerra.”

Ouvindo-o em Roma, o conde Ciano achou o discurso excelente. “Eu estou gostando cada vez mais da retórica desse homem. É forte e persuasiva”, escreveu.

ROOSEVELT despachou uma carta para o secretário da Guerra Henry Stimson. “A defesa efetiva

deste país e a defesa vital das outras nações democráticas exigem o aumento substancial da produção de bombardeiros pesados.” Era indispensável: “O domínio dos ares pelas democracias deve e pode ser alcançado”, disse ele. Foi no dia 5 de maio de 1941.

Circulava uma nova cifra: quinhentos bombardeiros pesados por mês. A meta era alcançável se a indústria automobilística passasse por uma readaptação imensa para produzir aviões. Henry Ford estava iniciando a construção de uma fábrica de 1,5 quilômetro em Willow Run, Michigan, na qual 60 mil pessoas iam produzir o quadrimotor B-24 Liberator.

William Knudsen, ex-diretor da General Motors — agora chefe do Office of Production Management — e admirador do milagre econômico alemão, mostrou aos jornalistas uma carta de incentivo por ele enviada aos líderes da indústria de máquinas-ferramenta. “Vamos avançar e seguir avançando”, dizia. “Esqueçamos tudo que não seja o bem do nosso país.”

OS INSTRUTORES DE VOO BRITÂNICOS venceram a grande batalha. Retirando-se do platô, as tropas iraquianas seguiram pela estrada de Fallujah, onde se encontraram com reforços retardatários. Os dois grupos pararam para trocar informações. Tendo avistado aquela concentração de tropas, os aviões da RAF transformaram o lugar na própria rodovia da morte: “Uma coluna de reforço de Fallujah foi detectada na estrada e destruída por quarenta aviões nossos enviados de Habbaniya para esse fim”, escreveu Churchill. Em 7 de maio de 1941, quando terminou o “sítio de Habbaniya”, como ele o chamava, 52 aviadores britânicos haviam morrido ou estavam gravemente feridos; quatro achavam-se em estado de colapso mental. Nunca se soube o número de iraquianos mortos.

Então chegou equipamento novo para a derradeira investida contra Bagdá. O correspondente do *New York Times* C. L. Sulzberger informou que a Royal Air Force estava usando caças Curtiss Tomahawk e bombardeiros Glenn Martin 157 de fabricação americana para “fustigar” as forças de Rashid Ali. Circulou o boato segundo o qual o primeiro-ministro iraquiano solicitara visto de trânsito à Turquia. Mas Rashid Ali acabou indo para a Pérsia, e príncipes aliados dos britânicos foram reinstalados na capital. O comandante Smart, o sobrecarregadíssimo diretor da escola de voo, teve um colapso; sedado, foi tirado de lá em um Douglas DC-2.

O CARCEREIRO abriu a porta metálica do bloco de Howard Schoenfeld. Donald Benedict, um dos confinados na solitária, era um ótimo *pitcher*; o diretor Gerlach precisava dele numa partida decisiva de *softball* das equipes do presídio. Benedict disse que só jogaria se todos os presos — não só ele e não só os pacifistas, mas absolutamente todos — saíssem da solitária.

Depois de matutar por uma hora, o diretor Gerlach mandou soltar a todos. Benedict arremessou um *no-hitter*.^b O presídio comemorou ruidosamente. “Foi uma catarse coletiva da miséria humana”, escreveu Schoenfeld. “Alguns homens choravam; outros riam feito loucos. Foi uma coisa que eu nunca tinha visto e espero nunca mais ver.”

UM BOATO começou a circular entre os funcionários civis de Whitehall e os jornalistas. E não tardou a chegar à revista *Time*, que o considerou “eminentemente fidedigno”.

Dizia o boato que Rudolf Hess, o suplente do Führer, estivera na Espanha discutindo um acordo de paz com sir Samuel Hoare. Este era um possível sucessor de Churchill na chefia do governo; Churchill abafara seu poder em Londres nomeando-o embaixador na Espanha. O diálogo de Hess com Hoare, caso o rumor tivesse mesmo um fundo de verdade, suscitou em algumas mentes a possibilidade de um golpe duplo: e se os nazistas de alto coturno depusessem Hitler ao mesmo tempo que Churchill fosse obrigado a renunciar? Isso viabilizaria uma paz negociada?

Os adversários do primeiro-ministro também eram ativos na Câmara dos Comuns. Agora, tendo se retirado da Grécia, o Exército britânico estava sendo bombardeado na ilha de Creta; e a impressão de lorde Hankey de que Churchill agia como um ditador e não tinha ninguém à sua volta forte o suficiente para opor resistência aos seus caprichos militares vinha se generalizando sigilosamente.

A reação de Churchill aos adversários foi, como sempre, escrever um belo discurso combativo. Eu não preciso de quem me diga não, disse; preciso de quem me diga sim. “É a minha cabeça que vai rolar se nós não ganharmos a guerra”, afirmou. “A maioria dos membros da Câmara provavelmente há de ter um destino ainda mais desagradável nas mãos do huno triunfante.” A ajuda dos Estados Unidos estava chegando, prometeu ele.

No fim, 447 deputados deram voto de confiança ao primeiro-ministro. Três votaram pelo não: um advogado socialista, um médico quacre e um comunista. Isso em 7 de maio de 1941.

UMA FROTA DE TREZENTOS AVIÕES, entre os quais alguns fornecidos pelos Estados Unidos, chegou a Hamburgo, Bremen, Emden e Berlim na mesma noite. Era 8 de maio de 1941, o dia seguinte ao do voto de confiança em Winston Churchill.

Foi “um grande show”, disse o Ministério da Aeronáutica; foi o maior de todos. “Viram-se muitos grandes incêndios.” Um avião errou o alvo, que era a capital alemã, e atingiu Posen, na Polônia ocupada; uma bomba caiu perto do recentemente arianizado Instituto Anatômico da universidade local, quebrando janelas e matando gente. No porão do Instituto Anatômico ficava o forno em que a Gestapo carbonizava as pessoas por ela assassinadas.

Em Hamburgo, o céu estava claro e a lua era de bombardeiro: uma série de explosivos arrebentou uma fileira de prédios; tanques de petróleo pegaram fogo; a fumaça chegava a trezentos metros de altura. Berlim registrou vítimas em prédios de apartamentos.

Era a 68ª vez que bombardeavam Hamburgo. Na noite seguinte, a RAF voltou para lá. Nesse ataque, 94 pessoas morreram — algumas em um campo de trabalho.

HANS JESCHONNEK, chefe do estado-maior da Luftwaffe, recebeu um telefonema de Hitler às oito horas da manhã. “Estamos planejando um raide de represália contra Londres”, disse o Führer. Tinha de ser grande — todas as aeronaves disponíveis — e tinha de ser naquela noite: 10 de maio de 1941.

Jeschonnek chamou Hugo Sperrle ao Hotel Luxembourg, em Paris, e transmitiu a ordem: para Londres, com tudo quanto temos. Sperrle, um homenzarrão de pescoço de touro e boca de lagarto, havia dirigido o bombardeio de Guernica; agora estava no comando da Frota Aérea Três da Luftwaffe. Ele convocou seus comandantes; estes convocaram suas tripulações; os aviões foram abastecidos de combustível e armamento.

Não era longa a travessia do canal. Descendo lentamente de paraquedas, os foguetes sinalizadores iluminaram as docas, a curva do Tâmis e o centro de Londres. Os aviões passaram e lançaram centenas de bombas, e os incêndios começaram — como brilhantes a cintilar no veludo, segundo um policial. Mangueiras não faltavam, mas não havia água suficiente: o Tâmis estava baixo. O telhado da Câmara dos Comuns foi arrancado — talvez fosse a resposta de Hitler ao voto de confiança dado pela esmagadora maioria dos parlamentares a Churchill. Queimaram-se mais de 100 mil livros no British Museum; ficaram destruídas a Sala de Moedas e Medalhas, a Sala da Britânia Romana e a Sala da Vida Pré-histórica. No Queen’s Hall, as labaredas devoraram os instrumentos da Orquestra Sinfônica de Londres. A abadia de Westminster e a catedral de São Paulo sofreram graves danos. A ala noroeste do Old Bailey (o tribunal criminal central) ficou em ruínas. Outras igrejas projetadas por Christopher Wren foram atingidas ou destruídas: a de St. Stephan Walbrook, a de St. Mildred, a abadia de St. Nicholas Cole, a de St. Mary-le-Bow. Os postes de iluminação tombaram, semiderretidos pelo calor. O reverendo Pennington-Bickford, da igreja de St. Clement Danes, pôs-se a gritar junto com sua esposa enquanto os sinos da torre em chamas — mais um projeto de Wren — caíam por terra. Centenas morreram nos abrigos antiaéreos.

“Cegava-nos a luz do fogo que tudo assolava lá embaixo”, disse um repórter aéreo alemão. “Cheguei a reconhecer um grande armazém aqui, um enorme complexo de apartamentos acolá, incandescente como uma montanha de cinzas quentes.” Hugo Sperrle perdeu dez aviões.

“Durante todo aquele dia, eu senti um renovado e intensificado ódio à Alemanha no povo de Londres”, escreveu o jornalista americano Quentin Reynolds. Uma mulher chamada Moyra MacLeon anotou em seu diário: “Eu odeio os alemães e espero que as nossas bombas despedacem todos aqueles bastardos e a sua maldita Berlim”.

QUANDO A FROTA AÉREA ALEMÃ partiu de Londres, o suplente do Führer Rudolf Hess, calçando vistosas botas de couro, decolou num caça noturno Messerschmitt. Levava um pouco de comida, uma boa câmera e um mapa marcado a lápis azul. Voou até a Escócia e saltou de paraquedas. Um agricultor aproximou-se de forçado em punho. Com toda a calma, o alemão disse que queria conversar com o duque de Hamilton. O homem chamou a Home Guard [Defesa da Pátria]. “Eu não tenho bombas no avião, não precisam se preocupar”, contemporizou Hess. Um dos guardas ofereceu-lhe um pouco de leite. Ele ficou radiante. “Vocês têm leite?”

Churchill encontrava-se em Chequers com alguns assessores. Telefonou para saber do ataque aéreo. As notícias não eram nada boas. Então ele entrou no hall para assistir a *Os irmãos Marx vão para o Oeste*. Uma de suas secretárias, Mary Shearburn, recebeu um telefonema de Downing Street. Tirou Churchill do filme e contou-lhe que Rudolf Hess acabava de chegar à Escócia. O rosto do

primeiro-ministro “se contorceu de alegre incredulidade”, segundo um relato. “O bicho está na maçã”, disse ele.

Mas o que fazer? Hess vinha numa espécie de missão de paz independente de Hitler. A secretária ouviu Churchill dizer: “Não, ele vai é para o buraco — vai ser internado. Que audácia! Ele vai ser internado como qualquer um”.

Hitler leu a carta de despedida de Hess. “Oh, meu Deus, meu Deus!”, exclamou com assombro. “Ele foi para a Inglaterra!”

ROBERT MENZIES, primeiro-ministro da Austrália, foi conversar com Roosevelt em Washington. O presidente estava de cama, com gastrite. Foi no dia 11 de maio de 1941, um domingo.

“R. tem um pouco de inveja do lugar de Winston no centro da paisagem”, julgou Menzies. E se perguntou como e quando os Estados Unidos entrariam seriamente na luta — era o que o gabinete de Roosevelt queria. “Mas o presidente, treinado por Woodrow Wilson na última guerra, aguarda um incidente que, de um só golpe, leve os Estados Unidos à guerra e o livre de suas tolas promessas eleitorais de ‘mantê-los fora da guerra.’”

Menzies esteve com o senador Claude Pepper — “um sujeito feio, mas favorável à guerra ‘dos pés à cabeça’”, escreveu ele. “Tem uma mulher perigosa, mas agradável.”

O ESCRITOR E REFORMADOR CRISTÃO DR. TOYOHICO KAGAWA esteve no Rockefeller Center, em companhia do bispo japonês Yoshimune Abé, conversando com um jornalista do *New York Times*. Isso em 14 de maio de 1941.

Órfão criado por missionários, Kagawa morava num cortiço em Kobe; suas declarações pacifistas levaram-no a ser detido pelo governo japonês em 1940. Alguns o designavam como o Gandhi do Japão; um escritor definiu-o como “um Górkí na literatura, um São Francisco na piedade e um Tolstói na doce solidariedade aos pobres”. Christopher Isherwood, que o conheceu nessa época, escreveu que Kagawa era “muito pálido sob o casacão preto e atrás dos óculos grossos que lhe cobriam os olhos fracos e inchados de tracoma. Devido ao tracoma, ele não podia apertar a mão de ninguém: à guisa de saudação, ofereceu o antebraço a cada um de nós”.

Kagawa disse ao jornalista que, no Japão, as pessoas não falavam tanto em guerra quanto ele observara nos Estados Unidos. O objetivo de sua viagem, explicaram Kagawa e Abé, era religioso, não político, econômico ou diplomático. Era de oração — oração pela preservação da paz entre o Japão e os Estados Unidos. “Achamos que podemos contribuir”, disse Abé, “para conservar essa boa amizade que já dura oitenta anos.”

NA FRANÇA, a polícia tirou da cama vários milhares de judeus — na maioria poloneses, tchecos e austríacos — e os trancafiou em trens com destino a Lorient, no litoral. De Lorient os homens foram transferidos a três campos de concentração, nos quais, segundo as autoridades, trabalhariam

em projetos na região. Foi em 15 de maio de 1941.

Na noite seguinte, a Royal Air Force voltou a bombardear Lorient e outros pontos do litoral. Segundo o *New York Times*, “foi um dos piores ataques já empreendidos na região”. Os moradores das cidades inglesas próximas do canal da Mancha chegaram a ouvir o distante reboar de explosões.

O SR. E A SRA. OTTO SUESSER e sua filha Hilga chegaram ao Píer Dois, no Brooklyn. Isso em 17 de maio de 1941. Suesser era do ramo de vidro óptico em Berlim. Em outubro de 1940, fugiu com a família para Moscou. De lá, os três foram a Kobe, no Japão, pela ferrovia Transiberiana. Prosseguiram até Yokohama, onde o Jewish Joint Committee lhes providenciou visto para a Costa Rica. Eles embarcaram num cargueiro com destino ao Panamá. As autoridades portuárias desse país não os deixaram desembarcar e seguir por terra até a Costa Rica. De modo que eles continuaram até Valparaíso, no Chile. Não foram autorizados a entrar no Chile. Tampouco no Equador e no Peru. Só lhes restou voltar de cargueiro ao Panamá. Nesse meio-tempo, o Jewish Joint Committee conseguiu visto para a família nos Estados Unidos. Eles embarcaram em outro cargueiro, o *Dona Nati*, que levava manganês das Filipinas, e foram para o Brooklyn. Em breve, disse Otto Suesser, partiriam para San Francisco. Era a San Francisco que estavam tentando chegar desde o começo.

LORDE BOOM TRENCHARD queria muito saber o que ia acontecer. Fazia um ano que a RAF despejava tudo quanto tinha em cidades de Schwerte a Kiel, de Mannheim a Berlim, e não adiantava: nenhum colapso do moral civil, nenhuma agitação revolucionária, nenhum desmantelamento da indústria. A querida RAF de Trenchard perdera muitos bons aviões e bons homens, e os aviadores entrevistados ao retornar dos voos juravam ter atingido vários objetivos. Obviamente não era assim. A única coisa que conseguiam fazer era irritar o boche. E agora lá estava a Câmara dos Comuns a céu aberto, sem telhado. Maio de 1941 já chegava ao fim. O que ia acontecer?

A resposta de Trenchard foi: *mais*. Mais bombardeios. Atrozes bombardeios noturnos — bombardeiros mais pesados, mais bombardeiros. Deixe estar. Os ingleses aguentariam a mão, garantiu ele num longo memorando. “A história prova que nós sempre fomos capazes de suportar nossas baixas melhor do que as outras nações”, escreveu. E os alemães não. “A nação alemã é peculiarmente suscetível ao bombardeio aéreo.” Sim, era bem verdade que “as bombas que atingem o alvo militar a que se destinam não ultrapassam um ponto percentual”. Isso só constituía um problema quando o alvo se achava em lugares isolados, como um navio de guerra ou um campo de petróleo. Que fossem ignorados esses alvos: o litoral francês e o belga; operações táticas no Mediterrâneo. Era preciso aumentar a tonelagem lançada em plena Alemanha, onde morava gente e nenhuma bomba se desperdiçava: “Os 99% que erram o alvo militar ajudarão a matar, destruir, intimidar ou transtornar os alemães na Alemanha, e 100% da organização de bombardeiros farão um trabalho útil, e não só 1%”. Qualquer cidade com mais de 5 mil habitantes e com algum tipo de objetivo militar — que obviamente não seria atingido 99% das vezes — era um alvo legítimo. “Não devia passar um dia nem uma noite sem uma visita dos nossos aparelhos”, escreveu Trenchard. A

meta era arrebutá-los: fazer que a “população civil da Alemanha saiba o que é guerra”.

Portal, o comandante da Royal Air Force, concordou.

O ALTO COMANDO DO EXÉRCITO ALEMÃO emitiu uma diretiva. A invasão da Rússia ocorreria em breve, e as forças militares encarregadas da operação precisavam de orientação sobre como se comportar. O bolchevismo, dizia a diretiva, era inimigo do povo alemão nacional-socialista, e a luta da Alemanha era contra aquela ideologia subversiva. “Esta luta requer ação implacável e enérgica contra os agitadores, os guerrilheiros, os sabotadores e os judeus bolchevistas, assim como a eliminação cabal de toda resistência ativa e passiva.” A diretiva datava de 19 de maio de 1941.

Agora o Exército passaria a fazer o trabalho da SS.

EM VARSÓVIA, ADAM CZERNIAKOW, chefe do Jewish Council, foi ao quartel-general da Gestapo e, ao ser atendido, contou que só na primeira metade de maio haviam morrido 1700 judeus. “Eu expliquei que isso se deve à alocação insuficiente de comida”, escreveu Czerniakow em seu diário. Foi em 19 de maio de 1941.

No dia seguinte, o comissário nazista de Varsóvia, Heinz Auerswald, escreveu um relatório sobre o gueto. “A situação do bairro judeu é catastrófica”, dizia. “Os cadáveres dos que morrem de fome ficam na rua. A taxa de mortalidade, 80% de desnutrição, triplicou de fevereiro para cá.” A ração de pão era mínima, e a encomenda de batata, pela qual a comunidade judaica pagara antecipadamente, ainda não havia chegado, informou.

Czerniakow teve uma entrevista com Auerswald. “Ele observou que os cadáveres jogados na rua dão uma péssima impressão”, escreveu Czerniakow. “De fato, os corpos ficam abandonados (os rostos cobertos com jornal e tijolo).” O gueto precisava de comida; o gueto estava perecendo.

Auerswald se propôs a doar quinhentas toneladas de aveia ao gueto. Sempre diligente, Czerniakow saiu em busca de um moinho que moesse os grãos.

REGINALD SORENSEN, membro da Câmara dos Comuns, acolheu a ideia do bispo Bell. Não seria bom se a Grã-Bretanha propusesse à Alemanha negociar a suspensão dos bombardeios noturnos por ambos os lados?

Clement Attlee, o lorde do Selo Privado, rejeitou com veemência a proposta de Sorensen.

Este contrapôs que, além de Gilbert Murray, George Bernard Shaw e dois bispos da Igreja da Inglaterra, um grande número de moradores das regiões mais violentamente atacadas de Londres era favorável à ideia.

Attlee retrucou: “É tolice achar que se pode selar acordo com gente que não cumpre acordo nenhum”. Foi ovacionado.

Outro parlamentar disse: “No país, há um considerável corpo de opinião que sente que devemos bombardear os alemães muito mais do que temos bombardeado”. Novos aplausos.

Isso em 21 de maio de 1941.

GANDHI escreveu a uma de suas mais próximas seguidoras americanas, Madeleine Mirabeau. “A notícia da destruição na Inglaterra é desoladora”, dizia a carta. “As casas do Parlamento, a abadia e a catedral pareciam imortais. E ainda não é o fim. Entretanto, o orgulho governa a vontade dos ingleses.” E perguntou: “Será que isso é bravura?”. Foi no dia 22 de maio de 1941.

Naquele mês, lorde Linlithgow, vice-rei da Índia, tinha nas prisões uns 14 mil resistentes não violentos de Gandhi.

O RADIALISTA SEFTON DELMER, da BBC, recebeu ordem de começar a escrever propaganda velada para o público alemão. O primeiro tema de que o incumbiram foi a misteriosa fuga de Rudolf Hess. Para disseminar a ansiedade e a confusão, Delmer criou um personagem chamado Der Chef — o Chefe —, um pretense fanático hitlerista a transmitir pela rádio sua insatisfação com o comportamento da elite nazista.

No primeiro programa, Delmer mandou o tal Chefe — que, na realidade, era um exilado chamado Peter Seckelmann — falar em Rudolf Hess: “Assim que ele percebe o lado obscuro dos desenvolvimentos previstos, o que acontece? O homem perde a cabeça completamente, pega uma sacola cheia de comprimidos de hormônio e uma bandeira branca, toma um avião e se põe — a si e a nós — à mercê do velho judeu Churchill, aquele bastardo incapaz e beberrão”.

Delmer escutou a gravação do programa. “A parte de que mais gostei”, disse, “foi a denúncia de Churchill como um ‘velho judeu bastardo, incapaz e beberrão’.” Nenhum alemão, pensava Delmer, era capaz de acreditar que os propagandistas britânicos tivessem a coragem de se referir ao primeiro-ministro de tal modo. “Decidi que valia a pena repetir a frase em outras transmissões.”

Isso em 23 de maio de 1941.

SIDNEY GOLDSTEIN, rabino associado da Free Synagogue, resolveu não falar no Second National Anti-War Congress [Segundo Congresso Nacional Antiguerra]. Membro da War Resisters League de John Haynes Holmes, Goldstein se opunha à entrada dos Estados Unidos na guerra, mas não concordava com a presença do senador Burton Wheeler no programa.

“Diante das declarações antijudaicas que o senador Wheeler tem feito privada e publicamente”, disse o rabino, “eu não posso, por uma questão de autorrespeito, subir no mesmo palanque que ele.”

DAWID SIERAKOWIAK, um rapaz de dezessete anos, estava passando fome no gueto de Lodz. “Quando recebo minha ração de pão”, escreveu em seu diário, “eu não consigo me controlar e, às vezes, sofro tanto de exaustão que sou obrigado a comer toda a comida que tenho, e o meu pãozinho desaparece muito antes que a nova ração chegue, coisa que aumenta o meu tormento.” O

que fazer? “Tudo indica que o nosso túmulo será aqui mesmo.” Foi no dia 24 de maio de 1941.

O *NEW YORK TIMES* de 24 de maio de 1941 publicou, na página 3, a notícia semissecreta e supostamente vazada do treinamento da Força Aérea chinesa pelos americanos.

“Aviadores chineses teriam sido preparados por instrutores estrangeiros e agora estariam em condições de enfrentar os caças japoneses”, dizia o autor anônimo. “A China recebeu dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha numerosos aviões de combate e bombardeiros que devem participar da planejada retaliação contra o Japão.” O jornal ainda informava que agora os comunistas chineses também estavam envolvidos; haviam solicitado a Chongquing o “fornecimento imediato de bombardeiros e caças de fabricação americana”.

O subtítulo dizia: “Possível bombardeio de cidades japonesas graças à nova visão de Chongquing”.

O REPÓRTER WALTER DURANTY retornou a Honolulu depois de uma viagem ao Japão, e trazia um presságio na bagagem: “A cada dia passado em Tóquio, aprofundava-se a minha convicção de que o Japão não lutaria a não ser que obrigado pelo corte do fornecimento de petróleo”, escreveu no *New York Times*. Afinal de contas, a guerra implicava graves riscos: “As frágeis cidades de madeira e papel do Japão são terrivelmente vulneráveis a bombas incendiárias”, disse.

Isso em 26 de maio de 1941.

GEORGE BELL, o bispo de Chichester, falou aos outros bispos reunidos na Canterbury Convocation. O arcebispo o havia proibido de tocar no tema bombardeio noturno, mas o bispo Bell não obedeceu. Foi em 27 de maio de 1941.

Começou por resumir o histórico dos ataques e represálias desde o início da guerra, ressaltando que os raids noturnos ingleses em solo alemão haviam precedido os raids noturnos alemães em solo inglês. Isso causou um clamor; o bispo de Winchester disse que Bell estava sendo impertinente, e o arcebispo mandou-o concluir o discurso. O bispo Bell o concluiu.

No dia seguinte, o arcebispo o admoestou: “Duvido que o senhor possa se queixar da apreensão que tantos irmãos bispos manifestaram quando o senhor se desviou da moção que estava apresentando para relatar o que pareceu ser uma história tendenciosa do bombardeio noturno”, disse. “Pensei que o senhor havia concordado plenamente, ainda que com relutância, em se limitar à sua moção de solidariedade com os povos bombardeados; e fiquei surpreso quando o senhor voltou atrás para introduzir aquilo que teria dito se tivesse adotado a sua moção inicial acerca do bombardeio noturno.” Felizmente, arrematou o arcebispo, o mal-estar eclesiástico não tinha chegado aos jornais. “Só espero que não se criem novos problemas.”

EM LODZ, DAWID SIERAKOWIAK acompanhou o discurso do presidente Roosevelt declarando estado de “emergência nacional ilimitada”. Sierakowiak ficou decepcionado; esperava uma declaração de guerra americana. “Escutar aquela patacoada nojenta é de enlouquecer qualquer um”, escreveu em seu diário. O rabeção, disse ele, andava ocupadíssimo no gueto. “Enquanto isso, eles preferem esperar. Malditos!” Isso em 27 de maio de 1941.

O GOVERNO DE VICHY aumentou ligeiramente a ração de pão. O perigo de fome não passara, mas a escassez de farinha de trigo para o pão tinha sido parcialmente contornada mediante o uso de sucedâneos da farinha. No entanto, a safra de batata estava ameaçada; os escolares trabalhavam alguns dias por semana catando besouros-da-batata nas folhas das batateiras. Foi em 28 de maio de 1941.

O ESCRITOR WILLIAM HENRY CHAMBERLIN falou no congresso da Keep America Out of War. Era o dia 31 de maio de 1941. “O boicote econômico total — por exemplo, a suspensão do fornecimento de petróleo — jogaria o Japão nos braços do Eixo”, alertou ele. “A guerra econômica será o prelúdio da guerra naval e militar.”

OS ESTADOS UNIDOS despacharam para a Inglaterra o primeiro carregamento de víveres da Lend-Lease. Lorde Woolton, ministro da Alimentação, foi recebê-lo no porto. “Queijo!”, disse. E comeu um pouco do *cheddar* de Wisconsin de um caixote aberto. “É um queijo muito bom”, acrescentou.

Havia 4 milhões de ovos a bordo, assim como mil toneladas de farinha. Foi em 31 de maio de 1941.

O *HERALD TRIBUNE* de Nova York publicou uma estatística oficial: haviam morrido quase duas vezes mais civis britânicos nos bombardeios — 35756 — do que soldados britânicos em combate. Isso em 1º de junho de 1941.

No dia seguinte, o *Herald Tribune* estampou fotografias da devastação perpetrada pelos bombardeios ingleses em Hamburgo. “Informações de dentro da Alemanha apresentam um quadro trágico da cidade”, dizia a reportagem. “Entre as casas próximas de objetivos industriais importantes, a destruição é generalizada.”

NA CONVENÇÃO ANUAL DO PARTIDO TRABALHISTA britânico, menos de 1% dos votos apoiou uma paz negociada com a Alemanha e a Itália. O parlamentar pacifista Rhys Davies foi um dos poucos a criticar publicamente a condução da guerra. “A declaração do primeiro-ministro Winston Churchill, em discurso recente, segundo a qual milhões de alemães são curáveis, e outros,

extermináveis, é comparável à atitude de Herr Hitler para com os judeus”, disse. As bombas não resolviam nada, asseverou.

Outro parlamentar, Fred Watkins, declarou: “Prefiro ver todas as igrejas deste país reduzidas a ruínas a subir no púlpito para pregar a doutrina do hitlerismo”.

Isso foi em 3 de junho de 1941.

O CONGRESSISTA NOVA-IORQUINO MICHAEL EDELSTEIN sofreu um ataque cardíaco logo depois de discursar no plenário da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos. Foi no dia 4 de junho de 1941.

John Rankin, um isolacionista do Mississippi, acabara de dizer: “Wall Street e um grupelho da confraria judaica internacional continuam tentando instigar o presidente e o Congresso dos Estados Unidos a mergulharem de cabeça na guerra europeia sem que estejamos preparados”.

Zangado, Edelstein replicou: “Foi Hitler que começou a falar em ‘confraria judaica’. Eu lamento a ideia de que, sempre que acontece alguma coisa, seja pela política de guerra, seja contra a política de guerra, os homens, dentro e fora desta Casa, procurem usar os judeus como bode expiatório. Digo que isso é injusto e digo que é antiamericano”.

Lembrou que Sidney Hertzberg tinha promovido o America First Committee; e citou outros proeminentes judeus contrários à guerra: Lessing Rosenwald e os rabinos Sidney Goldstein, Isadore B. Hoffman e De Sola Poole.

Terminado o discurso, o deputado Edelstein caiu e morreu.

ONZE MIL OPERÁRIOS entraram em greve numa fábrica de aviões perto do aeroporto de Los Angeles. Era 5 de junho de 1941. A fábrica produzia caças, bombardeiros e aeronaves de treinamento; era dirigida pela North American Aviation. Os trabalhadores queriam 10% de aumento salarial e a elevação do salário mínimo de cinquenta para 75 centavos de dólar por hora. A empresa tinha cerca de 200 milhões de dólares em encomendas dos governos americano e britânico.

“A única coisa que nós queremos é retomar a produção o mais depressa possível e entregar os bombardeiros de que o país tanto precisa neste período crucial”, disse James Kindelberger, o presidente da North American Aviation.

O JORNALISTA AMERICANO JOHN CUDAHY foi recebido na vasta sala de estar de Hitler em Berchtesgaden. Suásticas e pinturas de nus pendurados nas paredes; um tapete vermelho revestindo o piso. Cudahy também reparou em um vaso de hortênsias e em outro de copos-de-leite. O busto de Wagner continuava no piano.

Com ajuda do intérprete, Cudahy falou no temor do povo norte-americano de que “o próximo campo da aventura militar alemã fossem os dois continentes americanos”.

Hitler achou graça. “Disse que a ideia de invadir o hemisfério ocidental era tão fantástica quando a de invadir a Lua”, escreveu Cudahy.

Podia parecer fantástica, contrapôs o jornalista, mas, nos Estados Unidos, as pessoas achavam que era verdade. O Führer respondeu que a ideia de invasão era disseminada pelos belicistas; nada mais inconcebível do que atacar a uma distância de 4 mil quilômetros de mar aberto. “A tonelagem combinada da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Alemanha seria irremediavelmente insuficiente, insistiu, para transportar um Exército de milhões que seria necessário para conquistar o hemisfério ocidental.”

Hitler ainda afirmou que “não estava interessado em escravos nem na escravização de povo nenhum”. Um relógio deu altas badaladas.

Ao se despedir de Cudahy, Hitler afirmou que havia procurado responder a todas as perguntas com a máxima sinceridade, mas duvidava que a entrevista rendesse coisa boa. Cudahy escreveu: “Ele disse que tentara, reiteradamente, deixar claro que a posição e os planos da Alemanha não eram hostis aos Estados Unidos e que seu esforço tinha sido inútil”.

A entrevista foi publicada no dia 6 de junho de 1941.

O PROFESSOR QUACRE RUFUS JONES escreveu um panfleto intitulado “Exortação às pessoas de boa vontade”. Foi publicado pelo American Friends Service Committee.

“O uso da força militar para os seus próprios fins é uma desvantagem evidente para qualquer nação ou povo”, dizia o panfleto, e oferecia seis princípios. Um deles era “a redução das Forças Armadas nacionais visando ao desarmamento universal”. Outro: “Todos os povos devem ter a liberdade de desenvolver suas próprias culturas; e cada nação deve ter a liberdade de desenvolver a forma de governo que o povo desejar”. A paz não era uma situação estática, afirmava Jones, alcançada após a derrota de um inimigo: “A paz é um método dinâmico de eliminar as injustiças, realizar as readaptações necessárias e remediar, em vez de agravar, os males infligidos ao mundo pela agressão militar”. O remédio para a guerra não era a guerra, dizia ele, e sim a paz dinâmica. E indagava: “Acaso, neste momento, não há em nenhum governo alguém suficientemente distanciado e acima das questões do conflito para exortar à sua cessação e à mediação?”.

Os jornais divulgaram trechos do panfleto de Jones. “Quacres oferecem a Roosevelt plano para acabar com a guerra”, foi a manchete do *Herald Tribune* de Nova York. Jones enviou exemplares aos congressistas, ao Departamento de Estado e ao presidente da República. Foi em junho de 1941.

A LEAGUE OF AMERICAN WRITERS [Liga dos Escritores Americanos] realizou seu congresso anual no Hotel Commodore, em Nova York. Dashiell Hammett foi eleito presidente. *Native Son*, de Richard Wright, foi escolhido o melhor romance americano do ano. Theodore Dreiser recebeu um prêmio da paz. Lillian Hellman, Clifford Odets e Orson Welles foram os patrocinadores. Isso nos dias 6, 7 e 8 de junho de 1941.

A liga se opunha ao envolvimento americano na guerra. “Hoje convém perguntar se a atual política do governo e o programa das grandes empresas não estão nos levando ao fascismo em nome da resistência à guerra e ao fascismo”, dizia a declaração da liga. Seus membros prometeram

apoiar a greve da fábrica de aviões North American Aviation; denunciaram o America First Committee como fascista; decidiram mandar gente reforçar os piqueteiros da American Peace Mobilization [Mobilização Americana pela Paz] em frente à Casa Branca.

“São claras as evidências de que a guerra atual é, nua e indisfarçavelmente, uma guerra imperialista dirigida contra os negros e os trabalhadores de todo o mundo”, disse Richard Wright.

NA QUALIDADE DE COMANDANTE SUPREMO e invocando poderes de emergência, Roosevelt mandou o Departamento da Guerra ocupar a fábrica da North American Aviation. “O nosso país está em perigo”, disse, “e os homens e as mulheres que agora fabricam aviões têm um papel indispensável na sua defesa.” Foi em 9 de junho de 1941.

Naquela manhã, havia um piquete de cerca de mil grevistas na entrada principal da fábrica. Alguém disse: “O Exército vem vindo”. Soldados que haviam servido na China saltaram dos caminhões e entraram em formação. “Eles avançaram devagar, o sol quente da manhã reluzindo nas suas baionetas”, disse o *New York Times*. Um grevista recebeu um corte de baioneta na coxa.

Uma vez subjugados os grevistas, um tenente-coronel pegou um microfone e anunciou que a Força Aérea do Exército havia ocupado a fábrica em nome do governo dos Estados Unidos.

Frank Knox, secretário da Marinha, ficou satisfeito. O fim da greve “teve um efeito psicológico profundo”, disse em carta a um amigo. “De agora em diante, acho que os nossos problemas dessa origem vão diminuir.”

Perguntaram o que Eleanor Roosevelt achava da atitude do marido. “Eu sempre lamento quando há necessidade desse tipo de coisa”, respondeu ela.

MARY BERG, moradora do gueto de Varsóvia, visitou o lar comunitário em que viviam os refugiados mais pobres. “Vi crianças seminuas, imundas, jogadas no chão, inertes. Uma linda menina de quatro ou cinco anos chorava num canto. Não pude deixar de afagar seu cabelo desgrenhado. A criança pôs em mim os olhos grandes e azuis e disse: ‘Eu estou com fome’.” Mary Berg ficou com muita vergonha; havia comido naquele dia e não tinha pão para oferecer à menina. “Fui embora sem me atrever a fitá-la nos olhos.” Morriam de fome trezentas pessoas por semana.

Era 12 de junho de 1941.

ZHUKOV E TIMOSHENKO, dois generais de Josef Stálin, estavam alarmados com a possibilidade de invasão alemã, e perguntaram ao líder soviético se podiam mobilizar as tropas e deslocá-las, preparando-as para enfrentar um ataque alemão. Stálin disse que não. “A Alemanha está enterrada até o pescoço com a guerra no Ocidente, e tenho certeza de que Hitler não arriscará criar uma segunda frente atacando a União Soviética”, explicou. “Hitler não é tão idiota.” Foi em 12 de junho de 1941.

HERMANN VOSS, o novo instrutor do Instituto de Anatomia de Posen, desceu ao porão para ver o forno crematório. Isso no dia 14 de junho de 1941.

“Esse forno foi construído para eliminar o resto dos cadáveres depois dos exercícios de dissecação”, escreveu em seu diário. “Agora serve para incinerar poloneses executados. Os carros cinzentos com os homens cinzentos — isto é, os homens da SS e da Gestapo — chegam quase diariamente com material para o forno.” Voss olhou para dentro. “Os poloneses andam muito atrevidos no momento, de modo que o forno tem muito que fazer. Que bom se nós pudéssemos enfiar todos eles em fornos assim.”

O FIGHT FOR FREEDOM publicou um anúncio grande no *New York Times*. O cabeçalho dizia “O QUE ESTAMOS ESPERANDO, SR. PRESIDENTE?”. E reivindicava a revogação da Lei da Neutralidade e o “ataque a qualquer submarino ou navio de guerra do Eixo que a Marinha americana avistar”.

A lista de apoiadores incluía a escritora Dorothy Parker, o dramaturgo George S. Kaufman, James Conant, reitor de Harvard, e diversos diretores de faculdades e colégios.

“Por que não nos adiantamos a Hitler pelo menos uma vez, senhor presidente?”, perguntava o anúncio. E citava o senador Glass: “Eu acho que nós devíamos ir até lá e arrebentar com todos os submarinos”. Era 15 de junho de 1941.

EM NOVA YORK, mais um adversário do alistamento foi a julgamento. Chamava-se Lowell Naeve. “Se todos fizessem o que eu fiz”, declarou ele, “não haveria guerras.” O juiz o condenou a um ano de reclusão. Foi em 16 de junho de 1941.

MIHAIL SEBASTIAN, um escritor judeu de Bucareste, começou a achar que os alemães não tardariam a atacar a Rússia. “Se Hitler perceber que não vai acabar de vez com os britânicos este ano”, escreveu em seu diário, “e se se conformar com esse fato, o que há de fazer com um Exército tão imenso?” Isso no dia 17 de junho de 1941.

O DEPARTAMENTO DE ESTADO manifestou receio de que os refugiados se tornassem espões quando chegassem aos Estados Unidos. Foi em 17 de junho de 1941. Se os refugiados deixarem parentes na Europa, ponderava o Departamento de Estado, pode ser que os nazistas os obriguem a espionar no nosso país, ameaçando torturar seus familiares. Por conseguinte, os Estados Unidos não concederiam mais vistos a refugiados que tivessem parentes na Europa ocupada.

A norma incluía a Alemanha, a Holanda, a Bélgica, a Noruega, a França, a Polônia e os Bálcãs. Cada vez mais desanimado, Clarence Pickett declarou ao *New York Times* que a decisão teria “graves consequências” sobre todos os esforços para ajudar os refugiados.

O comitê diretor do Keep America Out of War Congress escreveu uma carta ao secretário de Estado Cordell Hull: “Por acaso o nosso governo carece tanto de condições e meios de detectar os espiões verdadeiros que precisa fechar a última porta de esperança para milhares de judeus, espanhóis, poloneses e tchecos que odeiam o fascismo e amam a democracia?”.

O ORGANIZADOR SINDICAL E SOCIALISTA PHILIP RANDOLPH esteve no gabinete do presidente Roosevelt para conversar sobre o emprego de negros na indústria de defesa. Isso em 18 de junho de 1941.

Randolph anunciara uma gigantesca marcha sobre Washington. “A nossa gente vive sendo rejeitada na porta das fábricas por ser negra”, queixou-se ele ao presidente. “Não dá para viver com isso. Pois bem, o que o senhor pretende fazer?”

Roosevelt respondeu que ia telefonar para os dirigentes da indústria de defesa e providenciar para que os cidadãos negros gozassem de igualdade de oportunidades. Randolph disse que queria mais: queria uma ordem executiva obrigando as fábricas a empregarem negros.

“Ora, Phil, você sabe que eu não posso fazer isso”, alegou Roosevelt. “Aliás, não posso fazer nada enquanto você não suspender essa tal marcha.”

Randolph disse que não podia suspender a marcha.

Roosevelt dirigiu-se a Walter White, da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) [Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor]. “Quanta gente vocês pretendem trazer?”, perguntou.

“Cem mil, senhor presidente”, respondeu White.

“Vocês não podem trazer 100 mil negros a Washington. Pode haver mortes.”

No fim, Roosevelt emitiu a Ordem Executiva 8802, declarando que “não deve haver discriminação por raça, credo, cor ou origem nacional no emprego de trabalhadores na indústria de defesa”. Philip Randolph suspendeu a marcha.

H. G. WELLS enviou a Winston Churchill uma carta acompanhada de um livro, na qual sugeria que a Inglaterra jogasse bombas incendiárias nas plantações e florestas da Alemanha. Era 20 de junho de 1941. Churchill agradeceu o telegrama.

O EXÉRCITO DE HITLER invadiu a Rússia. Às quatro horas da madrugada, Adam Grolsch, um operador de rádio alemão, atravessou o rio Meml e entrou na Lituânia, controlada pelos soviéticos, com uma unidade blindada avançada do Exército alemão. Foi no dia 22 de junho de 1941.

Ao chegar à outra margem do rio, avistou corpos pendurados nas árvores. Um lituano local esclareceu que as pessoas já tinham “tomado providências”: todos os judeus da cidadezinha haviam sido saqueados e enforcados pelos camaradas lituanos. “Eles se aproveitaram da situação”, percebeu Grolsch. “Hitler é contra os judeus mesmo. O negócio é matá-los e pegar tudo que eles têm.” Havia uns vinte mortos. “Era uma aldeia pequena.”

O SECRETÁRIO DE CHURCHILL despertou-o às oito horas da manhã para informá-lo da invasão alemã da União Soviética. “Diga à BBC que eu vou falar às nove da noite”, pediu o primeiro-ministro, e dormiu mais duas horas. Passou o dia preparando o discurso: “Pois agora esse moleque de rua sanguinário precisa lançar seus exércitos mecanizados em novos campos de matança, pilhagem e devastação”, disse. “Pobres dos camponeses, operários e soldados russos: ele terá de arrebatá-los o pão de cada dia; terá de devorar suas colheitas; terá de roubar o óleo com que lubrificam os arados; e, assim, produzirá uma fome sem comparação na história humana.”

A invasão era apenas o prelúdio de mais um ataque em larga escala à Inglaterra, afirmou Churchill, e da subjugação generalizada do hemisfério ocidental. Mas os ingleses acabariam com os “saqueadores hunos”: “Dentro de seis meses, o peso da ajuda que estamos recebendo dos Estados Unidos em todo tipo de material bélico, especialmente em bombardeiros pesados, começará a se fazer sentir”.

A Inglaterra, disse ele, bombardearia a Alemanha dia e noite, “fazendo o povo alemão saborear e engolir, a cada mês, uma dose maior da miséria que ele despejou sobre a humanidade”.

O discurso foi transmitido por quinhentas estações dos Estados Unidos; foi divulgado em ondas curtas em todo o mundo.

AO ANOITECER — ainda em 22 de junho de 1941 —, 24 aviões alemães passaram em voo rasante por um campo de pouso próximo da cidadezinha de Vilius, na Lituânia ocupada pela União Soviética. Ivan Ivanovich Konovalov, um aprendiz de piloto, saltou sob a asa esquerda de um dos aviões enfileirados no campo de pouso. Ouviu-se um barulho ensurdecedor de bombas, e tudo pegou fogo. “Nós sepultamos 48 pessoas naquela primeira noite, aprendizes de piloto”, disse Konovalov. “Pusemos os cadáveres nas crateras e os cobrimos.”

VYACHESLAV MOLOTOV, o ministro soviético das Relações Exteriores, dirigiu-se ao povo russo: “Este inconcebível ataque ao nosso país é uma perfídia sem paralelo na história das nações civilizadas”.

Stálin escutou e foi ao gabinete de Molotov. “Olhe, você estava um pouco agitado”, comentou, “mas o discurso foi bom.”

À noitinha, o general Timoshenko apresentou um relatório sobre a ruína da Força Aérea soviética. Stálin pôs-se a andar de um lado para outro no gabinete. “Obviamente, a Força Aérea alemã não conseguiu atingir todos os campos de pouso?”

“Infelizmente conseguiu”, respondeu Timoshenko. Estimavam-se em setecentos os aviões já destruídos.

“É um crime monstruoso”, disse Stálin. Em seguida, mandou o diretor da polícia secreta, Lavrentii Beria, descobrir qual dos oficiais tinha errado. “É preciso cortar a cabeça dos

responsáveis.”

O FIGHT FOR FREEDOM COMMITTEE [Comitê de Luta pela Liberdade] apressou-se a publicar nos jornais um anúncio referente à invasão da União Soviética. Dizia: “CHEGOU A HORA!”. “O perigo, neste país, é os quinta-colunistas e os lacaios do nazismo agora tentarem nos seduzir com a história da carochinha de Hitler livrando o mundo do comunismo, o qual todos os americanos abominamos”, dizia o anúncio. “O perigo é procrastinarmos enquanto Hitler garante a sua retaguarda para o ataque final à Grã-Bretanha e ao hemisfério ocidental.”

Mas também surgira uma excelente oportunidade, dizia o Fight for Freedom: “Enfim Hitler virou as costas”. O anúncio terminava com uma espécie de poema em negrito:

Avante, pois, América.

*Ataquemos com toda a poderosa força de que esta
terra livre e generosa dispõe.*

Ataquemos por ar, por mar e, se possível, por terra.

Que não haja mãos ociosas.

É guerra — guerra de morte.

Isso em 23 de junho de 1941.

CHURCHILL escreveu um memorando secreto a Charles Portal, o chefe do estado-maior da Aeronáutica. Foi em 23 de junho de 1941 — o dia seguinte ao da invasão da Rússia e ao do discurso em que ele chamara Hitler de moleque de rua sanguinário.

“Qual é a posição quanto ao bombardeio da Floresta Negra neste ano?”, quis saber o primeiro-ministro. “Talvez seja possível produzir ótimos resultados.”

“As plantações não pegam fogo, mas as florestas sim”, respondeu Portal. “Por isso, o comando de bombardeio vai priorizar as florestas.” E acrescentou que a Royal Air Force precisava de uma bomba incendiária melhor — uma parecida com o coquetel Molotov, que “espalhe uma mistura inflamável nas próprias árvores”.

O SENADOR HARRY TRUMAN assim se manifestou à notícia de que a Alemanha e a União Soviética estavam em guerra: “Se virmos que a Alemanha está vencendo, devemos ajudar a Rússia, e se a Rússia estiver vencendo, devemos ajudar a Alemanha e, assim, deixar que eles se matem tanto quanto possível, muito embora eu não queira ver Hitler vitorioso em circunstância nenhuma”. Isso em 23 de junho de 1941.

VÁRIOS DOS GRUPOS mais decididamente contrários à guerra — os alinhados à União Soviética e ao Partido Comunista — mudaram de posição e viraram combativos. Era o fim de junho de 1941. A League of American Writers de Dashiell Hammett passou a preconizar a “derrota militar dos agressores fascistas”. A American Peace Mobilization, que fazia piquete em frente à Casa Branca, alterou seu nome para American People’s Mobilization [Mobilização do Povo Norte-americano] e suspendeu o piquete. “Agora o pré-requisito essencial para alcançar a paz popular é a derrota militar da Alemanha”, declarou o grupo.

Havia agora dois tipos de organizações antibelicistas: um de esquerda e um de direita. O primeiro era constituído de pacifistas autênticos — gente da Fellowship of Reconciliation, do Keep America Out of War Congress, os quacres, os pastores e rabinos pacifistas, John Haynes Holmes e os gandhistas, assim como a Women’s International League for Peace and Freedom. E o segundo reunia os isolacionistas que, como Lindbergh e suas multidões de America Firsters,^d apreciavam os grandes exércitos e frotas de aviões de guerra e — em alguns casos — sustentavam teorias quase paranoicas a respeito da influência judaico-bolchevista. Queriam que os Estados Unidos deixassem a Alemanha em paz porque a Alemanha era o paredão que continha Stálin.

AVIÕES ALEMÃES atacaram Minsk, uma cidade da Rússia, com bombas incendiárias. Lá não havia abrigos antiaéreos; os canos de água quebraram, os incêndios se alastraram e se uniram, e morreu muita gente. Foi no dia 24 de junho de 1941.

A Luftwaffe também bombardeou a Inglaterra, mas bem menos agora do que antes: a maior parte da sua força estava concentrada na frente oriental.

Em Bucareste, Romênia, apareceram novos cartazes antisemitas. Num deles, figurava um judeu de quipá e *peót* empunhando uma foice e um martelo. Escondia soldados soviéticos no casaco.

RALPH, o marido de Frances Partridge, recebeu uma carta do velho amigo Gerald Brenan, um escritor. Por motivos desconhecidos, observava Brenan com irritação, os pacifistas eram péssimos em aritmética — incapazes de fazer uma adição simples. Quanto à guerra: “Cada mulher e criança alemã que forem mortas são uma contribuição para a segurança e a felicidade futuras da Europa”, dizia. Quando a guerra acabasse, aí sim, haveria tempo para a amizade. “Por ora, morte a todo alemão. Isso deve chocá-lo. Já estou vendo a sua expressão de clérigo sensibilizado.” Isso em 25 de junho de 1941.

O LÍDER DA ROMÊNIA, Ion Antonescu, convocou um comandante a Iasi, uma cidadezinha próxima da fronteira russa, na qual havia mais de cem sinagogas. Foi no dia 27 de junho de 1941.

Antonescu mandou o comandante livrar Iasi de judeus. Os policiais e soldados começaram a matar. Milhares de judeus foram colocados em trens lacrados, nos quais passaram dias percorrendo a zona rural. A maioria morreu de sede e asfixia.

HOUVE UMA ONDA DE CALOR em Berlim. “A cidade está um forno”, escreveu Joseph Goebbels em seu diário. Isso em 28 de junho de 1941.

Em um sábado, ele foi para sua casa de campo em Lanke a fim de pôr em dia o trabalho. “Em Berlim, o abastecimento de produtos alimentícios está péssimo”, escreveu. “Nada de batata, pouquíssimos vegetais.” E nos países ocupados era pior ainda. “Em algumas regiões, há fome de verdade.”

A Hungria tinha declarado guerra à Rússia, anotou ele, o que era um incentivo psicológico. Todo o continente estava “passando por um despertar”. “No fim, Churchill vai ficar completamente isolado com seus bolcheviques.”

WINSTON CHURCHILL imaginou uma invasão aérea da Inglaterra. Era 29 de junho de 1941. Para o primeiro-ministro, 250 mil soldados podiam saltar de paraquedas, ou aterrissar, ou chegar em planadores. Os ingleses precisavam ter condições de reagir, escreveu ele ao chefe do estado-maior e secretário de Estado da Guerra:

Todos os que usarem farda e qualquer um que quiser devem cair em cima deles ali onde os encontrarem e atacá-los com a máxima alacridade —

“Que cada um
mate um huno”

Esse espírito precisa ser inoculado incessantemente em todas as fileiras das forças de Sua Majestade.

Todo homem deveria ter uma arma — ainda que apenas uma clava ou um pique. “Vamos providenciar alguns tipos de clavas e piques”, instruiu ele ao seu staff. E também continuava atento aos estoques de gás venenoso.

O GOVERNO NORTE-AMERICANO prendeu algumas pessoas em Minneapolis e, com base na nova Alien and Sedition Act [Lei de Estrangeiros e Sedição], acusou-as de articular uma “revolução armada contra o governo dos Estados Unidos”. Todas elas eram filiadas ao Socialist Workers Party [Partido dos Trabalhadores Socialistas], um pequeno grupo trotskista que se opunha à participação americana na guerra. O jornalista intervencionista independente I. F. Stone foi ao escritório do promotor-geral Biddle e indagou: “O que essa gente fez? O que pretendia fazer? De que modo ameaçava Minneapolis?”. Foi em julho de 1941.

O promotor-geral Biddle disse que não estava a par das especificidades do caso, mas fez o possível para explicar. Mais tarde, Stone escreveu no *Nation*:

Se eu compreendi bem o sr. Biddle, ele acha que o governo não precisa esperar um ato flagrante e pode punir as pessoas pelas prováveis consequências que adviriam se elas pusessem suas ideias em prática. Esse raciocínio não difere em nada daquele que mantém os trotskistas encarcerados no Terceiro Reich ou na União Soviética. Nessa base, Thoreau teria passado a vida na cadeia.

Outro advogado do Departamento de Justiça deu a Stone detalhes do caso. Os trotskistas distribuía panfletos e faziam discursos, dizendo-se contrários à guerra e aos processos democráticos. Tinham se envolvido na política sindical em Minneapolis. Sua “guarda defensiva”, um contingente de duzentas a quinhentas pessoas, possuía de dez a cinquenta armas. Eles faziam ginástica juntos. Certa vez, em um teste, a guarda defensiva se mobilizara: todos chegaram ao quartel-general em uma hora.

“O que eles fizeram lá?”, perguntou Stone ao advogado do Departamento de Justiça. A resposta foi: chegaram e então foram visitar o Gaiety, um cabaré burlesco.

Dezoito trotskistas do Socialist Workers Party, inclusive o secretário nacional, passaram mais de um ano na prisão.

O EXILADO ALEMÃO WILLY LEY foi contratado para escrever sobre armamento para um novo jornal chamado *PM*, publicado em Nova York. O *PM* editou o livro de Ley, *Bombs and Bombing* [Bombas e bombardeio], cujo frontispício era o desenho a bico de pena do bombardeiro pesado de longo alcance B-17, cortesia da Boeing Aircraft Company. Isso em julho de 1941.

Ley se serviu de uma metáfora das ciências naturais para explicar o ataque com bombas incendiárias. Há dois tipos de reprodução, disse. Um método é o dos animais que geram alguns filhotes e os criam com todo cuidado. O outro é o método da ostra, prosseguiu ele, que envolve a produção de 2 milhões de ovos por estação e a esperança de que alguns vinguem. Essa é a ideia por trás das pequenas bombas usadas nos ataques incendiários. A gente espalha muitas delas “na esperança de que alguns bebês-incêndio produzidos sobrevivam à adversidade das baterias antiaéreas”.

No fim da Primeira Guerra Mundial, explicou Ley, os alemães tinham acumulado estoques de bombas incendiárias de cerca de um quilo cada. Pareciam “latas de conserva finas e compridas, com aletas nas extremidades”. Feitas de uma liga de magnésio chamada “electron”, vinham recheadas de termita, uma mistura de óxido de ferro e pó de alumínio.

Era difícil olhar para a termita acesa, disse ele. Parecia um pedacinho do sol.

C. L. SULZBERGER, correspondente do *New York Times* na Turquia, escreveu sobre a fome na Grécia. Foi no dia 1º de julho de 1941. O peixe era escasso porque os britânicos haviam confiscado os barcos de pesca, informou. As crianças, os cães, os gatos e os cavalos estavam morrendo. Na ilha de Santorini, fazia trinta dias que não se via pão.

Sulzberger entrevistou um viajante que acabava de voltar da Grécia. “O povo grego enfrenta uma fome sem precedentes em consequência de sua luta pela liberdade”, contou o recém-chegado. “Os

britânicos precisam suspender as restrições do bloqueio se quiserem se esquivar da responsabilidade por essa situação.”

REINHARD HEYDRICH expediu instruções para os líderes das unidades motorizadas especiais da SS, os Einsatzgruppen. Isso em 2 de julho de 1941. Na Rússia, certas classes de gente estavam sujeitas à execução: os políticos, os judeus a serviço do Partido Comunista ou do Estado soviético e todos os sabotadores, propagandistas, franco-atiradores, assassinos e agitadores, a menos que fossem necessários aos fins da inteligência. “É preciso tomar um cuidado especial quando se trata de fuzilar médicos e outros envolvidos na prática da medicina”, escreveu Heydrich.

GOEBBELS estava uma vez mais em sua brumosa casa de campo em Lanke: “Violentos ataques aéreos ingleses no norte e no oeste da Alemanha”, escreveu. “Danos consideráveis.” Ele anotou um termo novo, *Bombenfrischler* (“vagabundos da bomba”): “vadios de ambos os sexos que, tendo fugido das regiões ameaçadas de bombardeio, passaram a viver ao ar livre neste verão”. Convinha jogar a polícia em cima deles, sentia Goebbels. “Perturbam a moral pública e arruinam o bom nome do norte e do noroeste da Alemanha.”

Mas a guerra na Rússia ia melhor: “Nossos tanques já avançam além de Minsk”, disse ele. “O laço está se estreitando em Novogrodok.”

Era 3 de julho de 1941.

TODA A GRÃ-BRETANHA comemorou o Quatro de Julho da Lend-Lease. Bandeiras americanas enfeitavam as estações ferroviárias de Londres. Nos cinemas, o público cantava de pé “My country 'tis of thee” enquanto a letra ia aparecendo na tela, ao lado de fotografias de Franklin Roosevelt. Os restaurantes serviram pratos com nomes de cidades americanas: sopa de legumes Filadélfia, frango frito Baltimore.

O secretário da Guerra Aérea, sir Archibald Sinclair, falou em uma cerimônia fúnebre, na semidestruída catedral de São Paulo, em homenagem a um piloto americano que morrera na qualidade de voluntário do recém-criado American Eagle Squadron da RAF. “Sem nenhuma espécie de coação, ele veio e lutou pela Grã-Bretanha e, lutando, morreu”, disse Sinclair.

Não faltaram orações pelo rei da Inglaterra e pelo presidente dos Estados Unidos e seus súditos, na esperança de que eles “finalmente alcancem a bênção da vitória e de uma paz justa e duradoura”. Então a banda da Royal Air Force tocou os dois hinos nacionais.

O DRAMATURGO ROMENO MIHAIL SEBASTIAN desistiu de acompanhar a guerra. Não se podia dar ao luxo de comprar jornal e não tinha rádio. “Ler jornal é um exercício de decodificação de texto sem ter o código”, escreveu.

E, mesmo assim, não há nada mais interessante! Pela primeira vez na vida, ocorre-me que a verdade é, definitivamente, o tipo da coisa que não se pode camuflar. Embaixo das falsificações, das mentiras e de todas as aberrações mentais, por mais escondida e ferozmente deformada que esteja, a verdade sempre aparece, sempre reluz, sempre respira.

Isso em 5 de julho de 1941.

A ROYAL AIR FORCE adotou um sistema de estrelas para classificar a intensidade dos ataques aéreos. No dia 5 de julho de 1941, como parte da ofensiva de verão, a cidade de Münster recebeu uma “carga três estrelas”, segundo o *New York Times*. Voltou a ser atacada na noite seguinte e na seguinte e na seguinte — e então o raide de 9 de julho foi de quatro estrelas, “com tudo”.

Richard Peirse, chefe do comando de bombardeio, deu a seguinte instrução: “Até segunda ordem, vocês concentrarão o esforço principal da força de bombardeio no deslocamento do sistema de transporte alemão e na destruição do moral da população civil como um todo e, em particular, dos operários industriais”.

Durante a ofensiva, Churchill escreveu uma mensagem ultrassecreta para Charles Portal. “Um dos nossos grandes objetivos é o lançamento, nas cidades alemãs, da maior quantidade possível de bombas por noite”, dizia. Para manter o ritmo do ataque, propunha o uso das assim chamadas “equipes menos qualificadas”. Estas voariam muito alto, “simplesmente apontando para as regiões muito urbanizadas” — por exemplo, o vale do Ruhr. Já “os pilotos regularmente treinados” seriam incumbidos das missões mais importantes.

OS FUZILEIROS NAVAIS AMERICANOS instalaram-se na Islândia, um país neutro, a convite da Inglaterra e com o consentimento relutante dos anfitriões. Desembarcaram canhões e começaram a montar abrigos Nissen. Foi em 7 de julho de 1941. Os jornais alemães disseram que Roosevelt estava “correndo atrás da guerra para ‘não perder o bonde’”. Certamente, pensou Victor Klemperer, o fato de os Estados Unidos ocuparem a Islândia significava que eles estavam na guerra.

FRANKLIN ROOSEVELT solicitou um novo plano de guerra — um que estimasse “as exigências gerais de produção impostas para derrotar nossos inimigos potenciais”. Isso no dia 9 de julho de 1941. O plano não tardaria a ser batizado: Victory Program.

O secretário da Guerra passou a solicitação de Roosevelt para o chefe do estado-maior do Exército, e este a repassou para o chefe da Divisão de Planos de Guerra, que, por sua vez, mandou o major Albert C. Wedemeyer — aquele que passara dois anos na Escola de Guerra de Berlim — pôr mãos à obra.

“Embora o procedimento fosse normal”, escreveu Wedemeyer, “a tarefa era bem mais difícil que de costume, pois nunca se havia tentado elaborar um plano de guerra de dimensões globais.” Ele

próprio se opunha à guerra com a Alemanha — tinha relações cordiais com vários membros do America First Committee e concordava com boa parte do que dizia Charles Lindbergh. Em sua opinião, a verdadeira ameaça aos Estados Unidos era o bolchevismo, não o fascismo.

Mas Wedemeyer obedeceu à ordem: “Assim, fui o planejador do Victory Program de uma guerra que eu não queria”.

MARY BERG, a moça do gueto de Varsóvia, começou a ter pesadelos. “Eu via Varsóvia afogada em sangue”, escreveu. “Ao lado de minhas irmãs e de meus pais, eu pisava sobre corpos prostrados.” Foi em 10 de julho de 1941.

Ela ouvia os aviões russos sobrevoarem a cidade — o barulho das bombas sacudia o ar. Mas eles poupavam o gueto: “Por esse motivo, não descíamos ao porão com tanta frequência quando ouvíamos o alarme”.

O MAJOR FIORELLO LAGUARDIA lançou uma advertência. Isso em 14 de julho de 1941. Hitler não tardaria a tentar induzir as pessoas a pensarem que ele queria a paz, quando na verdade o que ele queria era dominar o mundo. O major contou ao seu público — um grupo de professores sul-americanos — que, poucos dias antes, um representante do governo alemão havia apresentado propostas de paz nazistas a representantes de uma organização pacifista anônima. “Agora, neste exato momento, Hitler, por intermédio de seus agentes, está tentando usar os cidadãos honrados, bem-intencionados e amantes da paz do nosso país e da América Central e do Sul como instrumentos para divulgar aquilo que, muito em breve, será anunciado como as Propostas de Paz de Hitler”, afirmou.

No Departamento de Estado, Sumner Welles secundou o alerta de LaGuardia.

WINSTON CHURCHILL, à sombra de um toldo no Hyde Park, em Londres, passou em revista 6 mil membros da defesa civil. Era o dia 14 de julho de 1941. Havia diretores de ataque aéreo, padioleiros, mulheres do serviço voluntário e equipes de descontaminação. “Nós vimos toda essa gente marchar numa adorável manhã de verão”, disse Churchill no rádio. A Royal Air Force frustrara os planos de invasão de Hitler, prosseguiu ele, e, conseqüentemente, em setembro, Hitler havia tentado arrasar as cidades da Inglaterra. Londres caíra? Não. Mesmo com 20 mil mortos e distritos inteiros devastados pelo fogo, Londres continuava inconquistada: “Londres é tão vasta e forte que parece um monstro pré-histórico em cuja pele blindada se podem disparar chuvas de setas em vão”.

A certa altura, ele se dirigiu diretamente a Hitler: “Você foi mais brutal justamente ali onde encontrou menos resistência”, disse. “Foi você que iniciou o bombardeio indiscriminado” em Varsóvia, em Rotterdam, em Belgrado e na Rússia. “Com você e com a asquerosa gangue que executa a sua vontade perversa, nós não teremos trégua nem negociação. Você que faça o seu pior

— nós faremos o nosso melhor.”

Então veio mais um anúncio de retaliação aérea:

Chegou a hora de fazer os alemães sofrerem em sua própria terra e em suas cidades um pouco dos tormentos que eles desencadearam sobre os vizinhos e sobre o mundo. [...] Todo mês, à medida que os grandes bombardeiros saírem de nossas fábricas ou aqui chegarem do outro lado do oceano Atlântico, nós prosseguiremos com a implacável descarga altamente explosiva na Alemanha.

Só nas últimas semanas, disse ele, essa implacável descarga correspondera à metade do que os alemães haviam despejado na Inglaterra durante todo o ano. Mas era apenas o começo. O bombardeio continuaria, disse Churchill, “mês a mês, ano a ano, até que o regime nazista seja extirpado por nós ou, melhor ainda, demolido pelo próprio povo alemão”.

Naquela noite, sir Alexander Cadogan trabalhou até tarde no Ministério de Relações Exteriores. “Por volta das sete, nós recebemos interceptações japonesas mostrando que os macacos tinham decidido capturar bases na Indochina — por volta do dia 20”, escreveu ele.

NO DIA SEGUINTE, o editorial do *New York Times* apressou-se a pôr panos quentes no discurso de Churchill: “Não se trata da manifestação de um desejo sádico de vingança; trata-se da convicção sincera de que o bombardeio de Berlim há de acelerar a vitória e apressar a paz”, dizia.

O PRIMEIRO-MINISTRO começou a matutar sobre a espessura do invólucro das bombas. Isso em 16 de julho de 1941.

A esse propósito, escreveu um ofício a sir Archibald Sinclair, o secretário de Estado da Aeronáutica. Churchill observava que as bombas britânicas tinham invólucro metálico grosso, chegando em torno de 70% de seu peso, ao passo que o das bombas alemãs era mais fino, o que lhes permitia conter mais explosivos e, portanto, provocar um deslocamento de ar mais poderosamente destrutivo ao detonar. Os invólucros grossos geravam muitos fragmentos — Churchill os chamava de “lascas” —, mas “as lascas atingem poucos alvos úteis, principalmente à noite, quando a maioria das pessoas está abrigada”, dizia. As bombas alemãs de invólucro mais fino e maior força explosiva tinham uma proporção carga/peso de meio a meio: “Além de mais eficientes na destruição de cidades, são mais baratas”. Talvez conviesse reconsiderar a proporção carga/peso das bombas britânicas, sugeria ele — “especialmente agora que o Ministério da Aeronáutica solicitou um grande aumento da produção”.

Archibald Sinclair respondeu de modo a insinuar que as ponderações de Churchill não tinham agradado muito. O primeiro-ministro insistiu na discussão sobre detonação *versus* lascas e requereu a lista das diversas bombas que estavam para ser produzidas. “Tenho o prazer de constatar que as bombas americanas têm uma proporção carga/peso mais elevada”, disse.

EM WASHINGTON, CHARLES DARWIN, neto do naturalista de mesmo nome, leu um documento intitulado Relatório Maud. Foi no dia 16 de julho de 1941. Darwin, que era físico, dirigia o British Central Scientific Office, o órgão responsável pela coordenação das pesquisas bélicas britânicas com as pesquisas realizadas sob a supervisão de Vannevar Bush, do MIT, e James Conant, de Harvard. O Relatório Maud era uma breve, lúcida e entusiástica descrição datilografada da possibilidade de produção de uma bomba a partir do urânio enriquecido.

“Gostaríamos de ressaltar que nós entramos no projeto com mais ceticismo do que fé”, escreviam os autores do Relatório Maud. “À medida que avançamos, no entanto, fomos nos convencendo cada vez mais de que a liberação de energia atômica em larga escala é possível e que se podem escolher condições capazes de transformá-la numa arma de guerra poderosíssima.” Os autores acreditavam que uma bomba carregada com meros dez quilos de urânio enriquecido detonaria com a força de 1800 toneladas de TNT. Também liberaria “uma grande quantidade de substâncias radioativas, que tornariam as proximidades do lugar em que a bomba explodisse perigosas para a vida humana durante um longo período”.

Eles queriam muito construir essa bomba, e a Imperial Chemical Industries estava disposta a ajudá-los. “Embora o custo do quilo desse explosivo seja altíssimo”, prosseguiam os autores do Relatório Maud, “ele se compara muito favoravelmente aos explosivos ordinários quando calculado em termos de energia liberada e danos causados.” Mas a redução de custo não era o ponto principal — o ponto principal, diziam os autores, eram “a destruição concentrada que ele produziria, o enorme efeito moral e a economia em esforços aéreos [...] em comparação ao bombardeio com explosivos comuns”. Todos os esforços deveriam ser feitos para produzir aquela bomba, insistiam os autores.

Ao ler o relatório, Darwin imaginou a detonação de um artefato tão gigantesco. Depois escreveu uma carta a lorde Hankey. Se chegasse a ser feita, indagava, aquela bomba seria realmente usada? “O nosso primeiro-ministro, o presidente americano e os respectivos estados-maiores”, escreveu ele, “estão dispostos a sancionar a destruição total de Berlim e das regiões circunvizinhas quando lhes disserem — caso digam — que isso é possível de um só golpe?”

ROLF-HEINZ HÖPPNER, um administrador da SS em Posen, enviou a Adolf Eichmann um ofício referente aos judeus na Polônia. “É iminente o perigo de não podermos abastecer todos os judeus de víveres no próximo inverno”, escreveu. “Convém ponderar seriamente se não seria mais humano liquidá-los de vez, já que eles não estão em condições de ser mobilizados para o trabalho, com algum meio de efeito rápido.” Isso, na opinião de Höppner, seria “mais agradável do que deixá-los morrer de fome”. Era 16 de julho de 1941.

No dia seguinte, Hitler contou a um líder croata que os lituanos e estonianos estavam se vingando dos judeus. Quando estes desaparecessem, disse o Führer, nada obstruiria a unificação europeia. Porém, se um único país tolerasse a sobrevivência de uma família judia em seu território, essa família constituiria “uma fonte de bacilos capaz de causar uma nova infecção”. Ele, Hitler, ia exigir que todos os países se livrassem dos judeus. “Tanto faz mandá-los para a Sibéria ou para

Madagascar”, disse. Foi em 17 de julho de 1941.

LORDE HALIFAX, ex-vice-rei da Índia, agora embaixador britânico nos Estados Unidos, esteve na fábrica Lockheed em Burbank, Califórnia. Isso em 17 de julho de 1941. Ele e lady Halifax foram comemorar a conclusão do milésimo bombardeiro Hudson destinado à Inglaterra.

Aquele milésimo avião, disse o embaixador, contribuiria para ampliar o fluxo de material bélico que começava a correr para o leste. “Tudo que vocês nos derem será usado na defesa da liberdade de opinião, de pensamento e de religião, assim como das liberdades individuais, coisas que os povos anglófonos valorizam mais do que a própria vida.” O avião Hudson era famoso no comando costeiro, disse Halifax — ele podia apanhar e, mesmo assim, voltar mancando para casa.

Havia outros grandes aviões de guerra; prosseguiu:

Ao lado dos Lockheed, nós ouvimos falar diariamente nos produtos de outras grandes usinas: os Tomahawk da fábrica Curtiss de Buffalo; os Maryland produzidos pela Glenn Martin de Baltimore; os Martlet e Buffalo das fábricas Grumman e Brewster em Long Island; os Liberator e Catalina da fábrica Consolidated de San Diego; os Boston e Havoc da grande fábrica Douglas de Santa Monica; os Fortress da fábrica Boeing de Seattle; os Harvard de treinamento da North American de Englewood; e os Vanguard da Vultee de Downey.

Encerrou agradecendo à empresa “o bombardeiro que vocês deram de presente de Natal ao meu povo no ano passado”. Jimmy Mattern, o piloto do bombardeiro Hudson, já estava na cabine, pronto para decolar. Antes que ele ligasse o motor, lady Halifax disse: “E agora o seu trabalho criou asas. Vá, Jimmy Mattern, e Deus o abençoe”.

ALGUNS ESTRATEGISTAS MILITARES estrangeiros conversaram com o jornalista Ray Brock do *New York Times*. Foi em 17 de julho de 1941.

“Düsseldorf é pouco mais do que uma ruína carbonizada”, informaram os entrevistados. “Os aviadores da Royal Air Force, pilotando ‘fortalezas voadoras’ de fabricação americana e lançando bombas americanas de quinhentos quilos e de duas toneladas, reduziram a cidade a escombros”, disse um deles. O moral estava no chão. “Incontáveis famílias pedem permissão às autoridades civis ou à Gestapo para se mudar para a zona rural a fim de escapar dos bombardeios mais pesados.”

Hanover também estava em petição de miséria, contou um diplomata. Relatava-se que os Flying Fortress haviam lançado quatro bombas de duas toneladas na estação ferroviária — agora a estação e os arredores eram uma “fornalha fumegante”.

NO MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO, HAROLD NICOLSON continuava preocupado com a possibilidade de uma oferta de paz por parte de Hitler. Se a Rússia caísse, o ditador alemão se proclamaria senhor da Europa. “Então poderia iniciar uma grande manobra de paz”, escreveu ele em seu diário, “arvorando-se de cruzado contra o bolchevismo e oferecendo-nos os termos mais lisonjeiros.” Se a Inglaterra recusasse, ele poderia dizer aos Estados Unidos que a Inglaterra havia perdido a chance

de uma paz honrada.

“A melhor coisa a fazer”, acreditava Nicolson, “é impedir isso alertando os americanos para a ofensiva de paz.”

Naquela noite, ele recebeu do primeiro-ministro uma caixa preta com uma breve carta dentro. A carta lhe pedia que renunciasse ao cargo de ministro da Informação — sem maiores explicações. “Eu estou magoado, triste e deprimido”, escreveu Nicolson. Foi em 18 de julho de 1941.

HARRY HOPKINS voltou à Inglaterra antes de ir conversar com Josef Stálin sobre o que os Estados Unidos dariam à Rússia no âmbito da *Land-Lease*. Era o fim de julho de 1941. Hopkins deu a entender a Churchill que, em seu país, havia certa insatisfação com o pouco uso dado aos vinte grandes B-17 *Flying Fortress* da Boeing que os Estados Unidos haviam mandado para a Grã-Bretanha naquela primavera, já que eram os aviões ideais para ser usados em Berlim.

Churchill entendeu a mensagem. “Acho que, nos terrenos mais vastos, seria muito bom usar esses bombardeiros em ataques aéreos contra a Alemanha”, escreveu a Charles Portal.

O problema de Portal era que aquele modelo específico de *Flying Fortress* da Boeing — o B-17C — nada tinha de bom. O projeto de aerodinâmica era excelente — e modelos aperfeiçoados contribuiriam, aos milhares, para a ruína das cidades alemãs a partir de 1943 —, mas eles eram mais protótipos do que aviões de produção.

Faltavam-lhes geradores torrentes e artilharia traseira, e, durante o dia, mesmo quando eles voavam a 30 mil pés, os caças alemães eram capazes de alcançá-los e enchê-los de buracos de bala. As armas congelavam, o para-brisa ficava coberto de gelo, as hélices paravam de girar e, a altitudes elevadas, suas miras Sperry não conseguiam aproximar as bombas do alvo. Os pilotos chamavam-nos de “alvos voadores”; Goebbels os apelidara de “féretos voadores”.

Mesmo assim, Churchill queria que esses *Fortress* fossem usados — e enaltecidos — em missões de bombardeio.

O COMANDO CONJUNTO DO EXÉRCITO E DA MARINHA dos Estados Unidos aprovou um plano chamado JB 355, que propunha a expansão da Força Aérea da China para que esta tivesse condições de levar a cabo, entre outras coisas, o “bombardeio incendiário do Japão”. O plano era de autoria de Lauchlin Currie, o economista e especialista em China de Roosevelt. Uma empresa de fachada, a China Defense Supplies, incorporada por T. V. Soong e dirigida por Thomas Corcoran, ex-assessor de Roosevelt, compraria os aviões de fabricantes dos Estados Unidos; Claire Chennault se incumbiria de contratar e treinar pilotos voluntários norte-americanos para os aviões. Eles seriam pagos por outra empresa de fachada, a Central Aircraft Manufacturing Corp. (CAMCO).

Roosevelt leu e aprovou o plano do comando conjunto. Lauchlin Currie telegrafou uma carta para madame Chiang Kai-shek e Claire Chennault que era um prato cheio para os interceptadores japoneses: “Muito me alegra informar que hoje o presidente determinou que 66 bombardeiros fiquem disponíveis para a China neste ano, sendo que 24 serão entregues imediatamente. Ele

também aprovou o programa de treinamento de pilotos chineses aqui. Detalhes pelos canais normais. Cordiais saudações”. Isso em 23 de julho de 1941.

Os agentes da inteligência japonesa transmitiram a Tóquio relatórios minuciosos sobre a venda de aviões e o programa de treinamento. Os agentes da inteligência americana interceptaram e decodificaram essas mensagens japonesas — acompanhando o progresso de suas provocações.

O PRESIDENTE ROOSEVELT recebeu na Casa Branca o Volunteer Coordination Committee [Comitê de Coordenação dos Voluntários], um grupo de mobilização para a guerra. Foi em 24 de julho de 1941.

Talvez fossem necessários sacos de areia em algumas partes do país, disse. E era preciso soltar as informações certas. “Há muita coisa que as pessoas não entendem”, explicou ele. Por exemplo: “Por que eu sou obrigado a reduzir o meu consumo de gasolina se o jornal diz que milhares de toneladas de gasolina vão de Los Angeles — na Costa Oeste — para o Japão?”.

A resposta era simples, disse o presidente. “Se nós tivéssemos cortado o fornecimento de gasolina, o mais provável é que eles fossem para as Índias Orientais Holandesas, e nós teríamos tido guerra no ano passado”, disse. “Do nosso ponto de vista egoísta da defesa, era essencial evitar a irrupção de uma guerra no Pacífico Sul. Portanto, a nossa política externa era: tentar evitar que a guerra estourasse lá.”

“A nossa política externa *era*” — Roosevelt usou o pretérito imperfeito, notaram os jornalistas.

O MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA do Reino Unido lançou uma enérgica campanha de boletins informativos em defesa de seus vinte e quase inúteis Flying Fortress. Corria o mês de julho de 1941. Novas agências de ambos os lados do Atlântico atuavam em íntima cooperação. A Associated Press soltou o seguinte comunicado:

Ontem grandes quadrimotores Boeing Flying Fortress de fabricação americana bombardearam o navio de guerra alemão *Gneisenau*, ancorado em Brest, França, de uma altura tão “fantástica” que, provavelmente, o uivo das bombas foi o primeiro e vago indício de ataque detectado pelos alemães, informou hoje o serviço de imprensa do Ministério britânico da Aeronáutica.

Um despacho do *New York Times*, por sua vez, relatou o que segue:

Os raids foram organizados em torno da participação dos Flying Fortress de fabricação americana, que, equipados com um supercompressor especial e a mira mais precisa do mundo, são capazes de executar um trabalho destrutivo com um alto grau de eficácia a partir dos mais elevados níveis já alcançados na guerra.

Um piloto britânico leu em voz alta para os colegas uma das muitas notícias de jornal: “A 11 mil metros de altitude, a tripulação desses enormes Boeing lançou bombas pesadas com uma precisão extraordinária, sem ser importunada pelos esquadrões de Messerschmitts, muito mais abaixo”.

Outro piloto, que havia participado de uma missão num dos tais “enormes Boeing”, disse: “Acho

que eu vou vomitar”.

O CORONEL ENRIQUE ZANETTI, professor de química na Universidade Columbia, apresentou-se para o serviço ativo no Chemical Warfare Service do Exército dos Estados Unidos. Isso em julho de 1941.

Zanetti era o grande especialista em guerra incendiária do país. Seu interesse por esse tipo de armas, iniciado na Primeira Guerra Mundial, intensificou-se com a invasão italiana da Etiópia — um repórter do *Herald Tribune* de Nova York enviara-lhe uma bomba incendiária italiana parcialmente queimada, a qual ele analisou e entregou ao Chemical Warfare Service. Em 1936, Zanetti escreveu que o fogo era o “inimigo esquecido”: mais perigoso para uma grande cidade do que o gás venenoso. “O gás *se dissipa*, ao passo que o fogo *se alastra*”, dizia. Uma bomba incendiária minúscula levava em si “as devastadoras possibilidades da vaca da sra. O’Leary”.e As favelas eram particularmente vulneráveis, observou ele; a erradicação das favelas devia ser um componente de todo programa de defesa nacional.

Agora, no verão de 1941, Zanetti foi encarregado do novo Incendiaries Branch [Setor de Incendiários] do Chemical Warfare Service. Foi a Londres conhecer projetistas de bomba e levou de volta plantas, técnicas de fabricação e fórmulas da bomba de termita-magnésio de dois quilos, que tinha excelentes propriedades de perfurar telhados.

UMA ORDEM EXECUTIVA emanou de Hyde Park, Nova York. Foi em 25 de julho de 1941.

“Considerando a emergência nacional ilimitada declarada pelo presidente da República, hoje ele emitiu uma ordem executiva congelando os ativos do Japão da mesma maneira como, no dia 14 de junho de 1941, foram congelados os ativos de vários países europeus.”

Seguiu-se um embargo anglo-americano do petróleo.

O MINISTÉRIO DA INFORMAÇÃO do Reino Unido tomou uma decisão política. Isso em 25 de julho de 1941. Decidiu ser comedido no uso de notícias trágicas na propaganda endereçada à frente doméstica. Certa quantidade de horror era necessária, mas as histórias deviam “sempre abordar o tratamento incivilizado dispensado pelo inimigo a pessoas incontestavelmente inocentes”, sentiam os propagandistas. “Não a adversários políticos violentos. Tampouco aos judeus.”

Nesse dia, Churchill mandou a Portal um de seus bilhetes mais secretos: “Este período de estiagem aumenta a importância da floresta de Nieppe”, dizia. “Seria bom fazer uma experiência de incêndio florestal cujos resultados fossem observáveis de perto.” Nieppe ficava na Flandres francesa.

MIHAIL SEBASTIAN estava conversando com o amigo Camil Petrescu, um simpatizante do nazismo. “A guerra com os russos é difícil, dificílima”, disse Petrescu, mas no fim, acreditava ele, Hitler salvaria o mundo dos bolcheviques. Quanto aos judeus, Petrescu opinou: “Isso não pode continuar

como está”. Os judeus teriam um Estado próprio num lugar qualquer da Rússia. Talvez em Birobidzhan, cogitou ele — Birobidzhan é uma região pantanosa da Sibéria oriental que Stálin havia reservado para a colonização judaica na década de 1920. Era o dia 26 de julho de 1941.

HARRY HOPKINS fez um discurso na BBC, transmitido a partir do microfone pessoal de Churchill em Chequers. Foi em 27 de julho de 1941.

O discurso havia sido escrito pelo jornalista americano Quentin Reynolds enquanto Hopkins cochilava. “Eu cheguei num avião bombardeiro, e comigo vieram outros vinte bombardeiros fabricados nos Estados Unidos.” Os departamentos de propaganda da BBC transmitiram o discurso em várias línguas, e a Royal Air Force lançou cópias dele em terras inimigas, difundindo a ideia de que os Estados Unidos já estavam na guerra.

WINSTON CHURCHILL escreveu uma carta a Josef Stálin em 28 de julho de 1941. Naquela noite, Harry Hopkins partiria para Moscou, dizia o primeiro-ministro. Nele Stálin podia depositar confiança absoluta. “Há pouco tempo, quando eu lhe pedi 250 mil fuzis, estes chegaram imediatamente”, contou.

Churchill garantiu a Stálin que a Inglaterra faria tudo que estivesse a seu alcance para ajudar a União Soviética: “Um terrível inverno de bombardeios aguarda a Alemanha. Ninguém nunca recebeu o que eles vão receber”.

ALAN BROOKE, comandante da Home Guard, anotou em seu diário que Churchill, havia pouco, lhe dissera algo muito sensato quando ele estava em Chequers. Comentara que a mente humana era como um cano de seis polegadas num bueiro: só podia receber certa quantidade de água. Em épocas de inundação, a água simplesmente desbordava o bueiro. “Nos últimos dois anos, senti muitas vezes que a minha mente era incapaz de assimilar cabalmente o volume e a magnitude dos fatos que eu estava vivendo”, escreveu Brooke. Isso em 29 de julho de 1941.

“JAPÃO ENFURECIDO COM AMEAÇA DO PETRÓLEO” foi a manchete do *New York Times* de 30 de julho de 1941. Numa reunião do gabinete com Roosevelt, o secretário do Interior Harold Ickes propôs um ataque aéreo. “Eu gostaria de ver um dos nossos últimos modelos ir para a Sibéria passando pelo Japão”, disse. “A caminho, podia pôr fogo em Tóquio lançando algumas bombas incendiárias.”

VERA BRITAIN estava na cama ao anoitecer, ouvindo os bombardeiros britânicos voarem em direção ao mar. O barulho demorou uma hora para desaparecer. “Quantas crianças estarão mortas amanhã de manhã na Alemanha?”, perguntou-se. Ela escreveu uma carta de paz: “Perceber que o

nosso povo está sofrendo danos é doloroso, mas saber que ele o está infligindo a outros é detestável”. Foi em 31 de julho de 1941.

REINHARD HEYDRICH teve um encontro com Hermann Goering em Berlim. Isso em 31 de julho de 1941. Heydrich, que administrava as questões judaicas na SS, levou consigo a minuta de uma ordem que ele queria que Goering assinasse. A ordem empregava três vezes a palavra “solução” (*Lösung*) — sendo que, na última vez, a palavra “final” (*end*) vinha ligada a ela:

No cumprimento da missão que lhe foi atribuída pelo decreto de 24 de janeiro de 1939 de dar à questão judaica, pela emigração ou evacuação, uma solução tão vantajosa quando possível na situação vigente, pela presente, eu o encarrego de fazer todos os preparativos organizacionais, funcionais e materiais necessários à solução completa da questão judaica na esfera de influência alemã na Europa. À medida que a jurisdição de outras agências centrais for afetada, que elas sejam envolvidas. Eu o encarrego, ademais, de submeter a mim, no futuro próximo, um plano geral de medidas organizacionais, funcionais e materiais a serem tomadas no preparo da implementação da almejada solução final da questão judaica.

Anos depois, o historiador Richard Breitman escreveu: “A solução final foi e não foi um plano de transferência”. Certa vez perguntaram a Hans-Adolf Prutzmann, um dos líderes da SS de Himmler, para onde alguns “elementos criminosos” estavam sendo transferidos. Para o outro mundo, respondeu ele.

NOVENTA CRIANÇAS E BEBÊS judeus ficaram trancafiados numa casa sob custódia ucraniana. Isso em agosto de 1941. Seus pais tinham sido fuzilados, e eles não recebiam comida nem água. Alguns soldados alemães avisaram dois capelães, que entraram em contato com o oficial do estado-maior Helmuth Groscurth. Filho de um pastor luterano, Groscurth era o homem que tentara conter as atrocidades da SS na Polônia, distribuindo os relatórios do general Blaskowitz aos membros do alto comando. Por esse motivo, acabou sendo mandado para a frente de batalha.

Groscurth foi imediatamente para a casa. Lá o cheiro era terrível. As crianças lambiam as paredes. Uma delas estava desmaiada. Ele fez perguntas; contaram-lhe que, por ordem da SS, as crianças logo seriam mortas. Groscurth pediu um adiamento e providenciou água e pão para elas. Solicitou uma reconsideração. Houve uma reunião e uma decisão: ele foi vencido. As crianças foram assassinadas por milicianos ucranianos que estavam trêmulos quando apertaram o gatilho.

A ROYAL AIR FORCE retomou os voos a Berlim. Na volta, uma tripulação relatou três explosões e um incêndio que “subia como um vulcão”. O piloto de um dos novos bombardeiros quadrimotores britânicos, os Stirling, descreveu uma grande detonação e uma chuva de bombas incendiárias: “Acho que nós demos aos berlinenses o que eles mereciam”. Foi em 2 de agosto de 1941.

A União Soviética também passara a bombardear Berlim: “O vasto ataque aéreo britânico parecia fazer parte de uma ofensiva conjunta com os aviadores russos”, informou o *New York Times*. E os

Estados Unidos estavam nominalmente presentes, pelo menos no noticiário da imprensa, que voltou a falar no “mais recente orgulho da RAF, os Flying Fortress de fabricação norte-americana”.

O CARDEAL CLEMENS VON GALEN fez um sermão na catedral de Münster, Alemanha. Isso no dia 3 de agosto de 1941. “Há meses que ouvimos relatos segundo os quais, por ordem de Berlim, os pacientes de manicômio que estavam havia muito tempo doentes e talvez parecessem incuráveis foram removidos compulsoriamente”, disse. “Pouco depois, os parentes têm sido regularmente informados de que o cadáver foi cremado e que as cinzas estão disponíveis.”

O cardeal fez uma pergunta: “Vocês e eu temos o direito de viver somente enquanto formos produtivos, somente enquanto os outros nos reconhecerem como produtivos?”.

O bispo de Limburg escreveu para o ministro da Justiça em Berlim. “As crianças, quando brigam, gritam: ‘Você é louco; vai ser mandado para o forno de Hadamar’”, dizia a carta. E ele pediu humildemente ao ministro que impedisse novas transgressões do Quinto Mandamento.

Pouco depois, Hitler suspendeu o programa T-4; alguns membros dessa equipe foram transferidos para Lublin a fim de trabalhar com o líder da SS Otto Globocnik.

ALEXANDER CADOGAN foi à Escócia de trem em companhia de lorde Cherwell, lorde Beaverbrook, Harry Hopkins e o primeiro-ministro da Inglaterra. O destino deles era Scapa Flow, onde embarcariam num navio de guerra e rumariam para o oeste a fim de conferenciar com o presidente dos Estados Unidos. Era o dia 3 de agosto de 1941.

No trem, serviram-lhes sopa de tomate, assado — “em quantidade ilimitada e excelente”, comentou Cadogan — e torta de amora e groselha. Churchill anunciou ao grupo que, nos últimos 48 anos, vinha tomando uma média de meia garrafa de champanhe por dia. “Mandou o ‘Prof calcular essas cifras”, escreveu Cadogan, “e em toneladas, coisa que muito impressionou.”

EM BUCARESTE, A POLÍCIA foi de casa em casa, notificando que os judeus de idade entre vinte e cinquenta anos tinham ordem de se apresentar prontamente no quartel-general. Foi em 4 de agosto de 1941.

Aquilo era uma convocação para os campos de trabalho, perguntou-se Mihail Sebastian, ou tratava-se de mais um massacre como o de Iasi? “Quando eu saí, às dez horas, a cidade estava com um ar esquisito: um estranho tipo de nervosismo”, escreveu ele em seu diário. “Olhares que indagavam aos outros com o mudo desespero que se transformou numa espécie de saudação judaica.”

No dia seguinte, Sebastian lembrou-se do que um amigo góí lhe havia dito recentemente: “Toda vez que eu vejo um judeu, tenho vontade de me aproximar, cumprimentá-lo e dizer: ‘Acredite, por favor, eu não tenho nada a ver com isso que está acontecendo’”.

“Todo mundo desaprova e sente indignação”, escreveu Sebastian, “mas, ao mesmo tempo, todo

mundo é um dente de engrenagem na enorme fábrica antissemita que é o Estado romeno, com seus funcionários, autoridades, imprensa, instituições, leis e procedimentos.”

FRANKLIN ROOSEVELT E HENRY MORGENTHAU estavam trocando ideias sobre estratégias de bombardeio. “A melhor maneira de vergar Hitler é a que eu tenho recomendado aos ingleses, mas eles não me dão ouvidos”, disse o presidente americano. Em sua opinião, o certo era bombardear as cidades menores que, até então, tinham sido poupadas de ataques — uma espécie de programa WPA invertido.^f “Cada cidadezinha deve ter pelo menos uma fábrica”, argumentou ele. “É o único jeito de quebrar o moral alemão.”

OS JAPONESES convenceram-se de que estavam sendo cercados. Isso em 7 de agosto de 1941. “Primeiro foi a criação de uma superbase em Cingapura, muito reforçada pelas tropas imperiais britânicas”, denunciou o *Japan Times Advertiser*.

A partir desse cubo, construiu-se uma roda imensa que foi se ligando a bases americanas para formar um arco gigantesco que se estende por uma vasta área ao sul e a oeste das Filipinas, passando pela Malásia e por Burma, interrompendo-se unicamente na península da Tailândia. Agora se propõe incluir os estreitos no cerco, que avança até Rangum.

a Office of Strategic Services (OSS), o serviço de inteligência dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, precursor da Central Intelligence Agency (CIA). [N. T.]

b Lance sem tacada do rebatedor. [N. T.]

c Chongqing, a capital da República Chinesa de Chiang Kai-shek a partir de 1938.

d America Firster: membro do America First Committee [Comitê América em Primeiro Lugar], agrupamento isolacionista fundado em 1940, do qual participavam celebridades como Henry Ford, Alice Roosevelt Longworth (filha de Theodore Roosevelt) e o aviador Charles Lindbergh.

e Referência a uma espécie de lenda urbana que atribuía o Grande Incêndio de Chicago (1871) a uma vaca de propriedade da sra. Catherine O’Leary, que, tendo chutado acidentalmente um lampião, provocou um incêndio no celeiro, o qual se propagou e destruiu boa parte da cidade. [N. T.]

f WPA (Works Progress Administration), um programa de geração de empregos instituído pelo governo norte-americano, no âmbito do New Deal, para combater o efeito da Grande Depressão; abrangia quase todas as localidades, particularmente as regiões remotas do país e as áreas rurais. [N. T.]

Não havia justificativa, prosseguiu o jornal, para a “muralha de bases” de Roosevelt no Pacífico nem para o cerco conjunto anglo-americano.

O secretário de Estado Cordell Hull disse não saber de cerco nenhum. Se o Japão estava cercado, ora, devia ter se cercado a si próprio.

O PRESIDENTE ROOSEVELT queria aumentar o excedente de produtos alimentícios nos Estados Unidos. Queria mais laticínios e mais aves, mais tomates e mais carne de porco. Escreveu uma carta ao secretário da Agricultura. “Os víveres, tanto quanto as munições, são uma arma contra o hitlerismo”, dizia. “Precisamos não só de uma produção abundante para nós e para as nações que estão resistindo à agressão, mas também de reservas para enfrentar as emergências que, até o momento, não puderam ser previstas.” Foi em agosto de 1941.

CHURCHILL E ROOSEVELT tiveram um encontro secreto no oceano Atlântico. Isso em 9 de agosto de 1941. Tendo partido de Scapa Flow a bordo do *Prince of Wales* — um dos mais novos navios de guerra britânicos —, o primeiro-ministro leu *Captain Hornblower* [O capitão Hornblower], que lhe pareceu “interessantíssimo”. O presidente norte-americano o aguardava a bordo do *Augusta*, ao largo do litoral de Terra Nova. Na tolda do *Prince of Wales*, dois capelães cerimoniaram orações em um púlpito revestido com as bandeiras britânica e americana, coisa que Churchill achou profundamente tocante. Juntos, ele e Roosevelt comeram torta de maçã, e a tripulação norte-americana presenteou os marinheiros britânicos com caixas contendo duzentos cigarros, algumas maçãs, uma laranja e 250 gramas de queijo. Roosevelt discorreu sobre seu plano de plantar árvores de Natal em Hyde Park e vendê-las. Os dois passaram vários dias conversando e trocando elogios, enquanto os respectivos assessores — Cadogan, Beaverbrook, Cherwell, Hap Arnold e o secretário de Estado em exercício Sumner Welles — se entregavam ao trabalho. Isso feito, passaram um documento incongruente às mãos dos jornalistas.

O documento intitulava-se Carta do Atlântico. Continha oito princípios e incluía a expressão “povos amantes da paz”. Cadogan o rascunhou, Churchill o refez e o pessoal de Roosevelt acrescentou uma ou outra coisa. Mas, estranhamente, os oito princípios da Carta do Atlântico pareciam inspirados nos seis princípios do panfleto da “paz dinâmica” de Rufus Jones.

Este preconizava que todas as nações tivessem “acesso equitativo às matérias-primas essenciais”; a Carta do Atlântico pedia acesso “em termos de igualdade ao comércio e às matérias-primas do mundo”. Jones dizia que “toda nação deve ser livre para desenvolver a forma de governo que o povo desejar”; a Carta do Atlântico falava no “direito de todos os povos de escolher a forma de governo sob o qual hão de viver”. (Cláusula essa que Gandhi e Nehru leram com atenção.) Jones dizia que nenhuma nação devia usar “a força militar no interesse próprio”; a Carta do Atlântico afirmava que “todas as nações do mundo, por motivos de ordem prática e também de caráter espiritual, devem renunciar ao emprego da força”.

À parte o palavrório pacificador, o que Churchill queria daquele encontro oceânico era que os

Estados Unidos endereçassem uma linguagem dura ao Japão — talvez até mesmo uma declaração paralela britânica e americana avisando que novos avanços do Japão para o sul levariam à guerra — e a garantia de que não haveria nenhuma interrupção no fornecimento de armas para a Inglaterra. A questão do armamento foi um dos motivos pelos quais Churchill solicitou a presença de Max Beaverbrook, o ex-ministro da Produção Aeronáutica: ele queria garantias de que Stálin não ia atrair para si o fluxo da Lend-Lease, em detrimento da Grã-Bretanha, pelo mero fato de a União Soviética estar sendo selvagemmente atacada. Os bombardeiros pesados voltaram a ocupar o topo da lista: “Os britânicos querem 6 mil a mais do que estamos produzindo”, escreveu Arnold.

Churchill se saiu bem. Telegrafou para Londres dizendo que a Rússia era “um comensal bem-vindo à mesa da fome” e que Roosevelt ia pedir outros 5 bilhões de dólares, na verba da Lend-Lease, para financiar armamento pesado suficiente para todos. “Vão fornecer 150 mil novos fuzis imediatamente, e eu espero melhores alocações de bombardeiros e tanques pesados”, escreveu ele. “Acredito que meus colegas sentirão que a minha missão foi frutífera.”

Robert Sherwood, um dos escritores de discurso de Roosevelt, anotou: “Pelo menos ficou claro que eles, enfim, acenderiam o charuto e o cigarro na piteira com o mesmo fósforo”.

O MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA do Reino Unido disse que os pilotos da Royal Air Force haviam sobrevoado Berlim durante duas horas, provocando “vastos incêndios”. Foi em 12 de agosto de 1941. O *New York Times* publicou um mapa na primeira página mostrando dois raios atingindo a cidade — um da Inglaterra, o outro da União Soviética. “Aviões britânicos e russos se revezaram no bombardeio noturno da capital do Reich”, dizia a legenda.

Em outro raide, trezentos bombardeiros britânicos dirigiram-se às cidades alemãs de Hanover, Brunswick e Magdeburg. “A primeira onda a atingir Hanover causou grandes incêndios que, depois, nortearam os esquadrões até o local”, disse o *Times*. “A tripulação dos aviões avistou fortes explosões entre os vários prédios.”

Esses bombardeios seguiram-se imediatamente ao endosso da linguagem pacifista pela Carta do Atlântico.

UM PETROLEIRO repleto de querosene de avião partiu de Los Angeles. Isso no dia 14 de agosto de 1941.

Seu destino era Vladivostok, na União Soviética, passando pelo Japão. Harold Ickes, membro do gabinete de Roosevelt e coordenador do abastecimento de petróleo — o mesmo que falara em mandar um avião à Sibéria para lançar bombas em Tóquio —, incumbiu-se do anúncio. Outros navios estavam prestes a zarpar — alguns americanos, alguns russos. Vladivostok, situada bem em frente ao Japão, ia receber combustível de avião; mas o Japão, nada. O governo japonês endereçou um protesto formal ao governo norte-americano.

A ROYAL AIR FORCE transformou os oito pontos da Carta do Atlântico em um panfleto e o jogou na Alemanha e na Itália. Os agentes secretos nas cidades continentais receberam ordem de divulgar sua existência. Os locutores da BBC leram o texto da carta em quarenta línguas. Foi a maior campanha de propaganda da guerra, declarou o governo britânico.

HEINRICH HIMMLER pediu para assistir a um fuzilamento nos arredores de Minsk, a recém-capturada cidade russa, na qual residiam 50 mil judeus. O comandante local escolheu para a execução uma centena de judeus, quase todos homens, que tinham sido presos durante uma batida no gueto. Ao reparar em um menino loiro de aparência germânica no grupo, Himmler perguntou: “Seus pais são judeus?”. O garoto fez que sim. Himmler perguntou: “Você tem antepassados não judeus?”. O menino respondeu que não. Himmler disse: “Então eu não posso fazer nada por você”.

Alguns judeus receberam ordem de entrar em uma vala. Foram fuzilados e cobertos de terra. A seguir, outro grupo saltou sobre o primeiro e foi igualmente executado. “Himmler nunca tinha visto cadáveres”, relatou posteriormente um de seus ordenanças, “e, tomado de curiosidade, ficou bem à beira da vala — uma espécie de buraco triangular —, olhando.”

Então algo espirrou da cabeça de alguém, manchando-lhe o casaco. Ele empalideceu e desviou a vista. O comandante apontou para o pelotão de fuzilamento. “Olhe nos olhos dos homens deste comando”, disse a Himmler. “Que tipo de adeptos nós estamos treinando aqui? Ou neuróticos, ou selvagens!” Himmler mandou-os cumprir o dever por mais difícil que fosse. Isso em 15 de agosto de 1941.

JOSEPH GOEBBELS revelou à imprensa alemã o que ele pensava da Carta do Atlântico. “Raramente a história viu um documento tão idiota e sem imaginação como o que os dois figurões da plutocracia mundial formularam no Potomac”, disse, equivocando-se quanto ao lugar.

Esses dois especuladores da guerra e da inflação, esses capitalistas gordos e dedicados lacaios dos judeus, esses perjuros de suas promessas eleitorais não merecem senão que o povo alemão cuspa neles com desprezo e volte ao trabalho: pois nós queremos trabalhar e lutar até que a humanidade se livre dessa praga divina.

Goebbels foi especialmente severo com a questão do desarmamento. “Quem quiser nos desarmar terá o pequeno contratempo de vir até aqui tomar as armas de nós”, disse. Isso em 16 de agosto de 1941.

A REVISTA DO *NEW YORK TIMES* publicou uma fotografia de dois aviões em combate. A legenda dizia:

O COQUETEL B & B. A mais nova criação da RAF é uma poderosa mistura apelidada “Coquetel B & B”. Combina as bombas do Flying Fortress de fabricação americana com as balas do Beaufighter de fabricação britânica.

No frontispício, uma foto de Churchill de perfil, acendendo o charuto diante de um bombardeiro quadrimotor cuja tripulação, com traje de gala, perfilava-se em posição de sentido às suas costas. “O inventor do ‘B & B’”, dizia a legenda. Foi em 17 de agosto de 1941.

No dia seguinte, a turma da Carta do Atlântico estava no trem a caminho de Londres. Churchill bebeu um Bénédictine e, logo depois, pediu um conhaque. O garçom observou que o primeiro-ministro acabava de tomar um Bénédictine. Churchill disse: “Eu sei: quero um conhaque para lavar a goela”.

De volta à vasta mesa de Downing Street, 10, Churchill contou ao gabinete que Roosevelt estava definitivamente com eles. “O presidente se disse disposto a travar a guerra, mas não a declará-la”, registrou a minuta do gabinete de guerra. Era de se esperar que Roosevelt ficasse “cada vez mais provocativo”.

Churchill disse aos ministros: “É preciso fazer de tudo para forçar um incidente”.

O SECRETÁRIO PESSOAL DE LORDE CHERWELL examinou 650 fotografias de reconhecimento de lugares bombardeados pela Royal Air Force naquele verão. Chegou à conclusão de que, em média, um em cada cinco aviões ingleses que decolavam para bombardear a Alemanha ou o litoral da França com sucesso lançava suas bombas em um lugar qualquer em um raio de 120 quilômetros do alvo designado. Quando não havia luar ou artilharia antiaérea, o índice de erros era ainda mais elevado.

O nome do secretário era David Benussou-Butt, e seu relatório, datado de 18 de agosto de 1941, ficou conhecido como Relatório Butt. Isso causou muita preocupação no Ministério da Aeronáutica, e Churchill começou a duvidar de que somente com bombardeios venceria a guerra. Mas o bombardeio continuou. O slogan de Churchill era “Continuar dando bordoadas”.

UM DIRETOR DE PRESÍDIO disse que tudo ia perfeitamente bem na penitenciária federal de Atlanta. Agora os presidiários estavam fazendo seu trabalho de guerra. “Temos mil deles divididos em dois turnos, fazendo coisas como caixas para cargas de TNT, roupas para aviadores, capas de projétil, barracas, mochilas e colchonetes”, declarou. Os problemas disciplinares tinham desaparecido. Foi em 18 de agosto de 1941.

O diretor de uma prisão de Ohio comentou: “Esse boom de defesa nacional foi realmente uma dádiva do céu”.

MURIEL LESTER, autora de “Apressem os navios de gêneros alimentícios”, foi engrossar a lista de presos políticos na Inglaterra. Isso no dia 19 de agosto de 1941.

Estava num barco em Trinidad, a caminho do Extremo Oriente, onde pretendia se encontrar com Gandhi. Um funcionário britânico lhe disse: “Lamento, mas tenho de lhe pedir que desembarque”.

“O senhor vai me prender?”, perguntou ela.

“Oh, não!”, respondeu o funcionário.

“Então suponha que eu diga que não vou. O que acontece?”

“Eu creio que nós... ahn... teríamos de encontrar um meio de induzi-la a vir.”

Com o passaporte confiscado, Lester passou um mês e meio num campo de prisioneiros cercado de arame farpado, sem nenhuma acusação. Depois foi transferida para o presídio de Holloway, em Londres; então, graças a telefonemas de amigos para o Departamento do Interior, ela foi posta em liberdade.

GOEBBELS E HITLER tiveram mais uma conversa sobre os muitos judeus que ainda se achavam em Berlim, e Hitler lhe fez uma promessa. Foi no dia 20 de agosto de 1941.

“Imediatamente depois da conclusão da campanha no Leste, eu posso deportar os judeus de Berlim para lá”, registrou Goebbels em seu diário. “É revoltante e escandaloso pensar que 70 mil judeus, parasitas na maioria, ainda perambulam na capital do Reich alemão.” A situação, disse ele, deveria ser abordada sem sentimentalismo.

UM BATALHÃO DA POLÍCIA ALEMÃ chegou à *shtetl* de Sudilkov, na Ucrânia. Os policiais levaram várias centenas de pessoas a uma cratera de bomba na periferia da aldeia e as fuzilaram. As vítimas caíram na cratera. Ilesa, uma mulher saiu de lá e sentou-se na borda, chorando. Um soldado deu-lhe um tiro, e ela tornou a cair no buraco. Isso em 21 de agosto de 1941.

EM PARIS, UM CORONEL ALEMÃO foi esfaqueado no metrô. Era 22 de agosto de 1941.

Prenderam 6 mil judeus. Um decreto dispôs: “Em caso de novo ato criminoso, uma quantidade de reféns correspondente à gravidade do ato perpetrado será fuzilada”. Assinava-o “Von Schaumburg, general comandante, Forças Alemãs de Ocupação”.

CHURCHILL fez um discurso sobre o encontro que tivera com Franklin Roosevelt, a quem ele agora chamava de grande amigo. Foi no dia 25 de agosto de 1941.

Também falou um pouco em Hitler, e depois se referiu ao Japão. O presidente Roosevelt estava trabalhando com infinita paciência a fim de obter um acordo justo entre o Japão e os Estados Unidos, afirmou. “Nós esperamos sinceramente que as negociações deem certo. Mas devo dizer: caso essa esperança se frustrar, nós, naturalmente, nos colocaremos sem hesitação do lado dos Estados Unidos.”

O jornal japonês *Nichi Nichi* dizia: “O que Churchill disse a respeito de um acordo pacífico não passa de uma grande mentira”.

O GENERAL LEE, adido aeronáutico norte-americano em Londres, enviou um relatório aos Estados Unidos, depois de analisar 23 raids alemães contra a Inglaterra. Isso em 26 de agosto de 1941.

“Acho que são necessárias cerca de quarenta bombas para derrubar um ponto-chave”, escreveu em seu diário, “e, em média, um bombardeiro mata três quartos de um cidadão e fere um cidadão e um quarto.”

Tais cifras eram animadoras para a Grã-Bretanha, sentia Lee, mas preocupantes se o que se esperava era paralisar a Alemanha somente com ataques aéreos. “A minha teoria é que não se pode vencer a guerra contra um país totalitário usando apenas uma arma”, escreveu. “Isso vai criar uma grande perturbação interna, creio eu, pois Arnold e a Força Aérea estão completamente entregues à ideia de destruir a Alemanha com bombardeios.”

A INCENDIARIES BRANCH de Enrique Zanetti, do Chemical Warfare Service do Exército dos Estados Unidos, recebeu a primeira missão: dar um jeito de produzir 25 milhões de bombas incendiárias de dois quilos — 50 mil toneladas de fogo. Foi em 28 de agosto de 1941.

Zanetti sabia que precisaria de muito magnésio em pó. E, afortunadamente para ele, uma nova fábrica de magnésio financiada pelo governo federal e abastecida de energia pela Boulder Dam seria construída nos arredores de Las Vegas. Las Vegas estava destinada a crescer no deserto, em parte sustentada pelo dinheiro dos homens e das mulheres que fabricavam a matéria-prima das bombas incendiárias.

METADE DA CAPACIDADE INDUSTRIAL da Grã-Bretanha estava sendo usada na fabricação de bombas e bombardeiros. “O sr. Churchill, naturalmente, era responsável por decidir a alocação da força de trabalho e da produção industrial das três Armas”, escreveu posteriormente o diretor de operações militares. “No Comando Geral, nós tínhamos plena certeza de que as decisões que ele estava tomando na época eram perigosamente errôneas.”

LORDE CHERWELL contou a Churchill que a arma de urânio era promissora. O primeiro-ministro logo se pôs a escrever um ofício aos chefes de estado-maior. Isso em 30 de agosto de 1941.

“Embora eu, pessoalmente, esteja muito satisfeito com os explosivos existentes”, dizia, “sinto que não convém estorvar seu desenvolvimento.” Os chefes de estado-maior recomendaram ação imediata, prioridade máxima.

SIR RICHARD PEIRSE, chefe do comando de bombardeio, recebeu uma carta com ordem para atacar cidadezinhas ferroviárias na Alemanha. O programa “vilarejos” tinha dois objetivos. Primeiro, o bombardeio de várias localidades à beira da mesma linha férrea, na mesma noite, semearia o caos no

tráfego ferroviário. E, segundo: “Do ponto de vista moral, com a extensão dos ataques a cidades menores, sente-se que a experiência mais generalizada do efeito direto da nossa ofensiva terá um valor considerável”. Agora o teatro da guerra — a desgraça, o medo, o espetáculo da ruína — chegaria ao interior. O conselho do presidente norte-americano tinha sido acatado.

Foi em 30 de agosto de 1941.

UM GRUPO DE AUTORIDADES AERONÁUTICAS BRITÂNICAS viajou a Nova York no *Atlantic Clipper*. William Courtenay, um correspondente aeronáutico da *Allied Newspapers* na Inglaterra, respondeu às perguntas dos repórteres ao aterrissar no aeroporto de La Guardia. Segundo ele, a Royal Air Force já tinha se incumbido de “arrasar” cidades como Aachen e Colônia. No inverno seguinte, quando escurecesse mais cedo e os aviões pudessem decolar às quatro horas da tarde, continuaria a fazer estrago em Berlim.

No dia seguinte, um ex-criador de carneiros australiano, sobrevoando Bremen em um dos Flying Fortress da RAF a elevadíssima altitude, em plena luz do dia, lançou bombas de quinhentos quilos. Era justamente em Bremen que a Focke Wulfe produzia aviões de caça, muito embora fosse mínima a chance de as bombas de um avião a oito ou dez quilômetros de altura atingirem uma fábrica. “Não houve nenhum fogo da artilharia antiaérea e nós não vimos nenhum caça”, disse o australiano. “Nossas bombas caíram bem no meio do porto.”

Era 31 de agosto de 1941. Os alemães ordenaram uma violenta represália contra uma cidade portuária inglesa.

UMA TESTEMUNHA OCULAR foi de Bremen a Estocolmo. “Os alemães já não aguentam, principalmente os raids mais pesados”, disse ela a Bernard Valery, correspondente do *New York Times* na capital sueca. “Eu ouvi um operário dizer à mulher, que chorava num abrigo antiaéreo chamado Goering: ‘Aquele mentiroso desgraçado’.”

Trens lotados de feridos começavam a voltar da União Soviética, escreveu Valery. As carteiras de Viena entraram em greve por serem obrigadas a entregar uma infinidade de cartas anunciando mortes — “estavam nervosas demais para enfrentar a reação desesperada que a entrega de tal correspondência suscitava nos destinatários”. Se os russos aguentassem por mais algum tempo e os britânicos continuassem bombardando, o colapso da Alemanha chegaria “com dramática brevidade”, achava Valery. Transcorria o mês de setembro de 1941.

A IMPRENSA JAPONESA ficou irritada com o fluxo de navios carregados de petróleo e gasolina de avião a caminho da União Soviética. O jornal *Yomiuru* disse que os Estados Unidos estavam “esfregando aquele petróleo no nariz do Japão ao fazê-lo passar pelo nosso litoral rumo a Vladivostok”.

O coronel Hayto Mabuchi, chefe do setor de imprensa do Exército japonês, falou no rádio. A

Grã-Bretanha e os Estados Unidos estavam travando uma guerra econômica contra o Japão, que era obrigado a enfrentar a “morte lenta”, disse. “Se o Japão não conseguir chegar a um entendimento justo mediante negociações diplomáticas, só lhe restará romper o cerco à força.” Foi em 2 de setembro de 1941.

COLÔNIA, NA ALEMANHA, tinha sido atacada mais de cem vezes. O prefeito da cidade foi nomeado “Führer de medidas imediatas”. E começou a usar os prisioneiros de guerra franceses na remoção dos escombros provocados pelas bombas. Eles estavam confinados em um campo de concentração em um terreno de circo do outro lado do rio, bem em frente à catedral. Isso em 2 de setembro de 1941.

DAVID GARNETT, oficial de inteligência, publicou um livro intitulado *The War in the Air* [A guerra no ar]. Ele também era romancista e editor — participara do grupo Bloomsbury. Agora, no entanto, prestava serviço de guerra.

Disse que não era a favor do bombardeio do terror — não por achá-lo errado, e sim porque a Inglaterra ainda não dispunha de aviões para aterrorizar adequadamente com bombardeios. “Para ser eficaz, o bombardeio de civis deve inspirar um terror e um desespero insuportáveis”, escreveu Garnett.

Posso conceber que em 1943, quando a Grã-Bretanha tiver obtido uma superioridade aérea tremenda, o bombardeio implacável da população alemã cansada da guerra, em escala muito mais gigantesca do que a enfrentada por qualquer cidade britânica, seja a maneira mais eficaz de viabilizar a revolução na Alemanha. É possível que a matança indiscriminada da população a leve a uma sublevação desesperada que resultará na degola de todo membro do Partido Nazista.

Garnett disse que teve a satisfação de examinar um Flying Fortress da Boeing: “Precisamos de 2 mil ou 3 mil aviões assim”. Foi em setembro de 1941.

PAUL JONES, ex-bispo episcopaliano de Utah, faleceu. Isso no dia 4 de setembro de 1941.

O bispo Jones tinha perdido o cargo em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, por pregar contra o conflito. Certa vez ele disse: “Um pacifista entre duas guerras é como um proibicionista entre dois drinques”.

O NAVIO AMERICANO *L. P. ST. CLAIR* chegou intacto a Vladivostok com 95 mil barris de combustível de avião. Os Estados Unidos não se dignaram a dar resposta aos protestos do Japão. Mas a Marinha japonesa não fez caso da provocação. Foi em 5 de setembro de 1941.

Em Tóquio, a população recebeu ordem de se preparar para ataques aéreos a qualquer momento.

HANS HIRSCHFELD E INGE KORACH iam se casar em Berlim. Isso no outono de 1941. Foram buscar as respectivas mães bem cedo para chegar ao cartório a tempo — a saleta reservada para o matrimônio de judeus ficava aberta somente das oito às nove horas da manhã. O funcionário transferiu algumas flores da sala ariana para a sala judaica a fim de criar um clima mais festivo.

Mais tarde, no templo, o rabino Leo Baeck presidiu a cerimônia religiosa dos Hirschfeld. No entanto, a cerimônia foi perturbada por um barulho de marteladas. Em outra parte do templo, operários estavam desmontando os bancos. Em breve, o prédio ia servir de centro de triagem e deportação.

EM BUCARESTE, o pátio da Grande Sinagoga ficou entulhado de camas, travesseiros, colchões, lençóis e cobertores. Foi em 5 de setembro de 1941.

As autoridades municipais disseram que, se os próprios judeus não levassem essas coisas, o Exército se encarregaria de confiscar tudo. “Gente abatida chegava incessantemente com os trastes nas costas: todos resignados, lúgubres, sem revolta, quase sem surpresa”, escreveu Mihail Sebastian. “Ninguém se surpreende com mais nada.”

REINHARD HEYDRICH publicou uma ordem. Todos os judeus com mais de seis anos de idade eram obrigados a portar uma estrela: “É uma estrela de seis pontas, traçada em preto sobre pano amarelo do tamanho da palma de uma mão, com a inscrição Judeu em preto. Deve ficar bem visível e costurada com firmeza no lado esquerdo do peito da roupa”. Era o dia 6 de setembro de 1941.

RITA KUHN, uma adolescente de Berlim, batizada, mas metade judia, saiu sozinha usando a estrela. “As pessoas olhavam com tristeza e constrangimento e desviavam a vista”, contou ela.

Sua mãe, que era ariana, costurou um forro na parte de trás da estrela. O forro facilitava a lavagem e permitia prendê-la com alfinetes.

EM PARIS, O GOVERNO DE OCUPAÇÃO deteve uma centena de judeus proeminentes: advogados, um ex-deputado, um ex-subsecretário de Estado e um proprietário de cavalos de corrida. Isso em 8 de setembro de 1941.

“Hoje teve início a seleção sistemática dos abastados”, disse o *New York Times*. “Eles são considerados responsáveis pela manutenção da ordem, o que parece significar que foram feitos reféns.”

EM HANOVER, o prefeito começou a prender e concentrar os judeus. Foi em 8 de setembro de 1941.

Segundo a Associated Press, aproximadamente cem pessoas “de todas as idades e ambos os sexos”

foram levadas ao necrotério do cemitério judeu. E de lá seguiram. Para onde? Para o leste.

O prefeito de Hanover deu duas justificações para esse ato. Uma era o livro escrito e publicado por Theodore Kaufman, o vendedor do Brooklyn que preconizava a esterilização forçada de 20 milhões de alemães. A outra, os bombardeios naquela guerra “imposta aos alemães pela judiaria de outros países”.

“A força aérea inimiga ataca cidades desprotegidas e lança bombas explosivas e incendiárias indiscriminadamente”, disse ele.

A fim de abrandar a situação aflitiva provocada pela guerra, sou forçado a reduzir imediatamente o espaço à disposição dos judeus nesta cidade. Por esse motivo, exijo que vocês abandonem imediatamente o domicílio atual. Deixem a chave de casa na chefatura de polícia do seu distrito.

A renda auferida na venda da propriedade judaica seria liberada, dizia a ordem de despejo, “oportunamente”.

“O bombardeio ofensivo”, escreveu o historiador Shlomo Aaronson anos depois, “alimentava a fúria de Hitler, em conexão direta com seu conceito de ‘guerra dos judeus’ contra ele, e ajudava a unir a nação ao seu redor e a justificar novas atrocidades nazistas contra os judeus restantes.”

CHEGOU O DIA 9 DE SETEMBRO DE 1941, o primeiro aniversário da blitz de Londres. A Royal Air Force marcou a data com uma série de raids em Berlim destinados a quebrar o recorde. “A capital em chamas”, proclamou a manchete do *New York Times*. “O luar estava claro quando os aviões chegaram”, informou o repórter. “Voavam tão baixo que, à luz das labaredas por eles provocadas, os aviadores podiam ver os carros de bombeiros nas ruas.”

“Ao amanhecer, os berlinenses saíram dos abrigos antiaéreos, pálidos, abalados, vencidos e aterrorizados, e deram com a cidade ainda incendiada e com destruição em toda parte”, relatou o *Herald Tribune*. “Muitas centenas ficaram sem teto, e as escolas e os hospitais se encheram de refugiados.”

Os jornais alemães preferiram falar nas heroicas equipes que manejaram a artilharia antiaérea em toda a capital e não pouparam críticas à Inglaterra. “Na lista de ataques criminosos que a Royal Air Force desencadeou contra a população civil da capital do Reich”, escreveu um jornal de Berlim, “o cometido na noite passada há de figurar, no futuro, como um dos mais sórdidos e repulsivos.” Mesmo assim, a RAF não atingiu seu objetivo de “aterrorizar a população berlinense”, prosseguia a reportagem. “Esse objetivo continuará sendo apenas um desejo, pois se esfacela diante da conduta disciplinada do povo de Berlim.”

BUCARESTE divulgou uma norma: lá os judeus também teriam de usar a estrela amarela. O presidente da Federação das Comunidades Judaicas teve um encontro com o primeiro-ministro Antonescu. A ordem foi cancelada.

Mihail Sebastian já tinha se habituado à ideia de portar a estrela. “Eu a encarava como uma espécie de condecoração”, disse, “uma insígnia que atestava a minha falta de simpatia pelos atos infames perpetrados à nossa volta, a minha falta de responsabilidade por eles, a minha inocência.” Isso no dia 9 de setembro de 1941.

DURANTE UM ATAQUE AÉREO EM BERLIM, Rita Kuhn e sua família desceram ao porão do prédio de apartamentos de quatro andares em que moravam. A nova vizinha Frau Burger, uma mulher da Gestapo, já estava lá. Vendo as estrelas, mandou os judeus saírem enquanto as bombas caíam. “Eu entrei em pânico”, disse Kuhn. “Comecei a chorar.”

Outra mulher — uma ariana, esposa de um médico — passou o braço nos ombros de Kuhn, a levou a uma sala menor e a consolou. “Estava bom na saleta”, disse Kuhn. “Lá eu me senti segura.” Foi no outono de 1941.

Mas não tardou para que os Kuhn fizessem amizade com Frau Burger. Tomavam chá juntos. Até então, Frau Burger não havia conhecido judeus pessoalmente — para ela, disse, eles eram uma abstração.

O GENERAL PORTER, diretor do Chemical Warfare Service, fez o discurso anual na reunião de outono da American Chemical Society. “Para vencer o inimigo, nós temos de partir para a ofensiva”, disse. Agora todos os beligerantes estavam bem equipados de agentes químicos, e os nazistas podiam recorrer ao uso intenso de gás a qualquer momento. Houvera progressos desde a Primeira Guerra Mundial: as frotas de aviões eram capazes de “pulverizar líquidos vesicantes em vastas áreas, não só contra o pessoal militar mas também contra a população civil”. (O termo “vesicantes”, categoria a que pertence o gás mostarda, faz referência à propriedade dessas substâncias de causar ferimentos que podem levar à morte pela ação de vesículas externas ou internas.)

Mil oficiais da reserva tinham sido convocados, disse o general Porter, e — graças ao National Defense Research Committee de James Conant — os melhores talentos do país estavam mobilizados.

Em sua opinião, a palavra “defense” [defesa] era um eufemismo. “Ninguém ganha uma guerra com máscaras de gás.”

Era 10 de setembro de 1941.

MORREU A MÃE DE FRANKLIN ROOSEVELT. Sem dizer palavra, o presidente foi a Hyde Park de carro, acompanhado apenas de seu chefe de segurança. Oito homens levaram o caixão da sra. Roosevelt da propriedade de Hyde Park à igreja local. A imprensa não teve acesso.

No dia seguinte, ele fez o discurso que ficou conhecido como “ataque imediato”. O *Greer*, um destróier de convés corrido norte-americano, perseguira um submarino alemão enquanto um avião britânico o atacava com bombas de profundidade. O submarino lançou torpedos contra o *Greer*; o

Greer revidou. Ninguém foi atingido. “Roosevelt”, disse uma nota oficial alemã, “está lançando mão de todos os meios de que dispõe para provocar incidentes com o propósito de levar o povo americano à guerra.”

Em seu discurso, Roosevelt disse que Hitler estava tentando dominar o mundo. “Para ser definitivamente bem-sucedido na conquista do mundo, ele sabe que precisa controlar os mares”, acrescentou. “Primeiro tem de destruir a ponte naval que estamos construindo no Atlântico, pela qual seguiremos transportando implementos bélicos a fim de ajudar a destruí-lo e a todo o seu aparato.”

Os submarinos alemães eram as cascavéis do Atlântico, disse o presidente. “Quem vê uma cascavel pronta para atacar não deixa para esmagá-la só depois que ela tiver dado o bote.” Isso em 11 de setembro de 1941.

CHARLES LINDBERGH discursou num comício do America First em Des Moines. Foi no dia 11 de setembro de 1941.

Disse que os agitadores estavam atuando em conjunto para envolver os Estados Unidos na guerra da Europa. “Eles planejaram: primeiro, preparar os Estados Unidos para a guerra estrangeira à guisa de defesa americana; segundo, envolver-nos na guerra, passo a passo, sem que o percebamos; terceiro, criar uma série de incidentes que nos obriguem a entrar no conflito.”

De acordo com Lindbergh, havia três grupos de agitadores de guerra: “os britânicos, os judeus e o governo Roosevelt”.

Disse ainda que entendia perfeitamente por que os judeus queriam a derrota do governo nazista:

Ninguém com senso de dignidade pode contemporizar com a perseguição da raça judaica na Alemanha. Mas ninguém com honestidade e visão pode observar sua atual política de guerra aqui sem enxergar os perigos envolvidos em tal política, tanto para nós quanto para eles. Em vez de agitarem em prol da guerra, os grupos judaicos deste país deveriam a ela se opor de todos os modos possíveis, pois eles serão os primeiros a sentir as consequências.

A tolerância é uma virtude que depende da paz e da força. A história mostra que ela não sobrevive à guerra e às devastações. Alguns judeus dotados de discernimento já compreenderam isso e se opõem à intervenção. Mas a maioria ainda não.

E então disse: “O maior perigo que eles representam para este país reside em seu enorme domínio e influência sobre o nosso cinema, a nossa imprensa, o nosso rádio e o nosso governo”.

Lindbergh foi alternativamente vaiado e aplaudido. Da galeria, alguém atirou nele um pacote de impressos do America First durante o discurso. Errou o alvo e acertou uma planta em um vaso.

STEPHEN EARLY, o porta-voz de Roosevelt, disse: “Vocês ouviram o palavrório de Berlim nos últimos dias. Ouviram as afirmações de Lindbergh ontem à noite. Acho impressionante a semelhança que há entre os dois”.

Peter Cusick, secretário executivo da Fight for Freedom, disse: “O prestígio do senhor Lindbergh precipitou-se ainda mais vertiginosamente do que os bombardeiros de picada de que ele fala tão

admiravelmente”.

O American Jewish Committee e o Jewish Labor Committee publicaram uma declaração: “Cada um de nós tem direito a uma opinião, seja contra ou seja a favor do isolacionismo, sem medo de que o sr. Lindbergh nos intimide com a acusação sórdida e infundada de que nós colocamos outros ‘interesses’ acima da lealdade à nossa pátria”.

Norman Thomas, pacifista e chefe do Partido Socialista, disse: “Muitos grupos e elementos, neste país, estão tentando nos arrastar para a guerra. Isso permeia todas as linhas raciais. Nenhuma raça é responsável. O Partido Socialista conta com muitos judeus em suas fileiras e estes se alinham à posição do partido contra o envolvimento americano. Nenhuma raça ou povo pode ser transformado em bode expiatório desse crime”.

O DR. HENRY SZOSZKIES distribuiu um relatório aos jornais norte-americanos acerca dos judeus na Polônia. Isso em 13 de setembro de 1941.

No gueto de Varsóvia, havia 88 cozinhas públicas, dizia. Até pouco tempo antes, 115420 pessoas recebiam um prato de sopa diário, pago por toda a comunidade mediante um pequeno imposto. Mas o dinheiro não era mais suficiente, e mal dava para manter as cozinhas abertas quatro dias por semana. A ração de pão reduzira-se a noventa gramas diários, ocasionalmente com o acréscimo de batata e sacarina. “Atualmente, um grande número de mortes no gueto de Varsóvia”, dizia Szoszkies, “é de crianças entre um e cinco anos de idade que deixaram de receber a ração diária de leite.” Em Random, prosseguia ele, a maior parte dos 7 mil judeus que moravam no gueto havia sido despojada de seus bens e estava passando fome.

Em sua opinião, o bloqueio monetário de Roosevelt, que dificultava a compra de alimento para os habitantes dos países controlados pelos alemães, agravava o problema. “As últimas restrições impostas pelo Tesouro dos Estados Unidos à remessa de valores para o exterior”, dizia Szoszkies, “aumentavam o sofrimento das famílias judias que recebiam regularmente — via Portugal e outros países neutros — víveres enviados pelos parentes nos Estados Unidos.”

James Reston, correspondente do *New York Times* em Washington, escreveu: “É evidente que o novo bloqueio anglo-americano proporcionará à Alemanha o pior inverno desde os dias da fome da última grande guerra”.

JOSEF STÁLIN mandou 400 mil descendentes de alemães que viviam perto do rio Volga, na Rússia, para o leste, para a Sibéria. Foi em 13 de setembro de 1941.

Alfred Rosenberg achava que Hitler deveria revidar, deportando os judeus da Europa Central. Que todos fossem para o leste. Ele elaborou um plano.

O ÓDIO MANÍACO DE HITLER estava em alta. São Petersburgo era um “ninho de peçonha” asiático, disse ele ao embaixador alemão na França — agora que a cidade estava cercada, acrescentou, ele ia

bombardeá-la e explodi-la até que sumisse da face da Terra.

Hitler também conversou com o líder do partido, Karl Kaufmann. Ele queria expulsar os judeus de Hamburgo e oferecer suas casas às vítimas alemãs dos bombardeios. Hitler aprovou as deportações. Era setembro de 1941.

No entanto, ainda não estava na hora de empreender a “represália” em escala gigantesca proposta por Rosenberg, mandando todos os judeus alemães para o leste. Um assessor de Rosenberg escreveu: “O Führer cogita tomar essa providência em caso de um possível envolvimento dos Estados Unidos na guerra”.

EM MOGILEV, UMA CIDADE DA BIELO-RÚSSIA próxima da fronteira soviética, dois homens experimentaram um novo modo de matar. Himmler vinha pedindo a seus subordinados da SS que desenvolvessem métodos menos traumáticos — para os matadores — do que o fuzilamento.

Albert Widmann, químico forense, e Arthur Nebe, comandante de um pelotão da SS, foram a um manicômio e instalaram dois tubos numa janela emparedada. Quando o quarto ficou cheio de pacientes, eles conectaram um carro a um dos tubos e ligaram o motor. Os pacientes não morreram. “Nebe e eu chegamos à conclusão de que o automóvel não era forte o suficiente”, depôs Widmann posteriormente. “Então Nebe ligou o outro tubo a um veículo de transporte pertencente à polícia regular. As pessoas ficaram inconscientes em poucos minutos. Os dois veículos passaram mais dez minutos com o motor ligado.”

Isso em meados de setembro de 1941.

RUDOLPH HÖSS, comandante do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, matou novecentos prisioneiros russos nus. Eles entraram na câmara pensando que seriam despiolhados. O comandante usou um gás composto de cristais do pesticida Zyklon B.

“Quando o gás foi introduzido, algumas pessoas gritaram ‘gás’, e então ouviram-se muitos gritos e eles se comprimiram nas duas portas”, recordou Höss. “Mas elas resistiram à pressão.”

Depois o comandante escreveu que ficara aliviado com a eficácia do Zyklon B. “Devo admitir que aquela exposição ao gás me tranquilizou”, disse ele, “pois o extermínio de judeus começaria em breve e, na época, nem Eichmann nem eu sabíamos ao certo como levar a cabo essas execuções em massa.” Foi no dia 15 de setembro de 1941.

O QUARTEL-GENERAL BRITÂNICO no Extremo Oriente enviou um memorando informativo ao general Douglas MacArthur: “O problema de derrotar o Japão”. Isso em 19 de setembro de 1941.

O documento propunha a criação de “organizações subversivas”, na China e na Indochina francesa, incumbidas de executar propaganda, terrorismo e sabotagem, “criando descontentamento na população, o que culminará numa rebelião generalizada”. Na Tailândia, um grupo terrorista devia “estender seus tentáculos”, dizia o memorando. “Também convém cogitar o assassinato de

japoneses individuais.” E as bases aéreas de Vladivostok tinham acesso aos “vitais” do Japão.

Se os métodos políticos falhassem, dizia o memorando, “temos de estar preparados para combater”.

MIHAIL SEBASTIAN foi à sinagoga por ocasião do Rosh Hashanah e ouviu a mensagem do rabino Safran. “Idiota, pretensioso, ensaístico, jornalístico, superficial e frívolo”, escreveu Sebastian. “Mas as pessoas choraram — eu mesmo fiquei com lágrimas nos olhos.” Foi em 22 de setembro de 1941.

O TREM PARTICULAR DO SR. E DA SRA. CHURCHILL parou na estação de Coventry. Era o dia 26 de setembro de 1941.

O prefeito de Coventry levou-os ao que restava da catedral e do centro da cidade, e eles visitaram fábricas de aviões, que haviam retomado a produção. Na indústria Armstrong Siddeley, os operários receberam-nos com marteladas ensurdecedoras.

“A fábrica de bombardeiros Whitley é um viveiro de comunismo, e havia dúvida quanto à recepção reservada ao primeiro-ministro”, escreveu John Colville, o secretário de Churchill. “Mas sua chegada com o charuto e de meia cartola encantou os trabalhadores, que o aplaudiram ruidosamente.” Colville notou, com certa contrariedade, que o ritmo de produção havia se acelerado depois da invasão alemã na União Soviética.

Também visitaram o cemitério de Coventry, onde viram a vala comum dos mortos nos ataques aéreos; depois voltaram ao trem. Almoçaram a caminho de Birmingham para inspecionar uma fábrica de tanques.

ELENA EFIMOVNA BORODYANSKA-KNYSH e a filha foram levadas a Babi Yar, um grotão próximo de Kiev, na Ucrânia, onde estavam fuzilando milhares de pessoas. Isso em 27 de setembro de 1941.

“Sem esperar a ordem seguinte, eu joguei imediatamente a minha menina na vala e saltei atrás dela. Um segundo depois, começaram a cair corpos em cima de mim. Então veio o silêncio.” Quinze minutos depois, novos disparos. A seguir, uma discussão. Elena fugiu com a filha nos braços e se escondeu no porão de uma olaria. As duas sobreviveram.

A EDIÇÃO DE OUTUBRO DE 1941 DA REVISTA *FORTUNE* foi distribuída aos assinantes. O artigo de capa se intitulava “Uma ferramenta para o sr. Churchill: o bombardeiro pesado”. O texto iniciava-se como um encarte de página dupla em que apareciam um B-17 Fortress e um B-24 Liberator voando alto, lado a lado, sobre plantações de grãos; havia ilustrações indicando o tamanho e a forma das bombas, representações gráficas da trajetória e das espoletas dos projéteis, diagramas de fluxo de subconjuntos e círculos de capacidade de sobrevivência à explosão.

“O bombardeiro pesado quadrimotor é uma arma peculiarmente americana”, dizia a revista. “Foi

o desenvolvimento lógico de uma nação de altas montanhas e vastas distâncias.” O artigo, que ocupava muitas páginas, vinha cercado de anúncios de rolimãs, rolamentos de agulhas, correntes de transmissão, tintas industriais, tornos mecânicos e rodas de esmeril; descrevia o programa de produção da Boeing, da Consolidated, da General Electric, da Nash Kelvinator, da Allis Chalmers e da grande fábrica de Henry Ford em Willow Run. “Desse protoplasma, saiu a planta do equivalente a toda uma indústria nova com uma vez e meia o número de empregados da U. S. Steel”, dizia a *Fortune*. O artigo citava Philip Johnson, da Boeing: “O público precisa acordar e ver como é grande o touro que nós prendemos pelo rabo”.

No entanto, havia problemas para voar a altitudes quase subestratosféricas, observava a revista. E a presunção básica do efeito dos bombardeiros pesados sobre um país inimigo — isto é, segundo a *Fortune* (se “usados em grande número contra fábricas e civis”), a destruição de “seu poder de produzir e, enfim, de sua vontade de resistir, levando-o a capitular mesmo que seus exércitos não tenham sido derrotados” — ainda não se comprovara em dois anos de guerra.

“Contudo, mesmo descontando os elementos de propaganda, resta um prognóstico imenso e espetacular”, prosseguia o artigo. “O que agora está a caminho é grandioso a ponto de deixar seus próprios arquitetos admirados.” E nós, nos Estados Unidos da América, o havíamos feito: “Nós, americanos, colocamos o bombardeiro pesado no oscilante equilíbrio dos negócios humanos. Para o bem ou para o mal, nós o lançamos no mundo”.

EM LUBLIN, POLÔNIA, quinze policiais alemães pegaram quinze caminhões e se dirigiram a um campo em que muitos judeus estavam presos. Trinta pessoas — homens, mulheres e crianças — foram obrigadas a embarcar em cada caminhão. Levadas a um campo de pouso, receberam ordem de cavar trincheiras. Quando terminaram, mandaram-nas tirar a roupa, e elas obedeceram. Os policiais entregaram-lhes camisões feitos de uma espécie de papel enrugado. Os presos as vestiram. Espalharam palha no fundo das valas. Então lhes deram ordem de entrar nas valas e deitar. Deviam ficar em posição oposta: cabeça, pés, cabeça, pés.

A seguir, os policiais jogaram granadas lá dentro. As explosões fizeram pedaços de corpos saltarem no ar. Os que sobreviveram às granadas foram mortos a tiros. Os policiais cobriram-nos com cal e mais palha, e o grupo seguinte foi forçado a se deitar na primeira camada de cadáveres despedaçados. Novas granadas explodiram.

Foi assim que 450 judeus morreram em Lublin, Polônia — atingidos por granadas a curta distância. Isso em outubro de 1941.

WINSTON CHURCHILL fez um discurso na Câmara dos Comuns. Falou em uma acusação que lhe parecia “um pouco injusta”. A acusação era de que o governo britânico estava “travado por excesso de escrúpulos e inibições”. “As pessoas perguntam, por exemplo: ‘Por que você não bombardeia Roma? O que o impede? Você não disse que ia bombardear Roma se o Cairo fosse bombardeado? Qual é a resposta?’”

A resposta, disse Churchill, era que somente a periferia do Cairo havia sido bombardeada. E acrescentou: “Não vamos hesitar em bombardear Roma com a nossa melhor capacidade e tão intensamente quanto possível se o curso da guerra tornar tal ação conveniente e útil”. Foi em 1º de outubro de 1941.

O SECRETÁRIO DA GUERRA Henry Stimson escreveu uma carta ao dr. Frank Jewett, presidente da National Academy of Sciences [Academia Nacional de Ciências]. “Em virtude do perigo que corre este país de vir a enfrentar o emprego, por parte de inimigos potenciais, do que se pode chamar genericamente de guerra biológica”, dizia, “parece-me recomendável iniciarmos investigações para avaliar a situação atual e as possibilidades futuras.” Isso no dia 1º de outubro de 1941.

Jewett recrutou o dr. Edwin B. Fred, um bacteriologista da Universidade de Wisconsin que posteriormente viria a ser seu reitor. O dr. Fred recrutou outros, e estes contrataram outros, e não tardou para que dezenas e depois centenas e depois milhares de pessoas estivessem trabalhando, nas universidades e centros de pesquisa de todo o país, com febres, pragas, distúrbios de crescimento e pestes dos mais variados tipos — como curá-los e como disseminá-los.

O *STUTTGART COURIER* publicou um artigo criticando os “casos de compaixão inadequada pelos judeus”. Esses casos não eram raros, dizia. Por exemplo, quando uma judia do asilo de idosos judaico tomava o bonde portando a estrela, não faltavam passageiros que se levantavam para lhe ceder o lugar.

Segundo o jornal, certa vez um alemão dissera a um judeu: “Realmente, é preciso ter mais coragem para usar a estrela do que para ir à guerra”. Foi em 4 de outubro de 1941.

O FIGHT FOR FREEDOM COMMITTEE organizou um grande ato público no Madison Square Garden — o tema era “É gostoso ser livre”. Isso no dia 5 de outubro de 1941.

Uma multidão de 17 mil pessoas assistiu a Bill “Bojangles” Robinson, de calça dourada, sapatear no caixão de Hitler ao som de “While that Man is Dead and Gone”. Eddie Cantor apresentou-se de saia-balão. Carmen Miranda, Jack Benny e Ethel Merman exibiram seus talentos. William Knudsen, do Office of War Production [Escritório de Produção de Guerra], disse que o país suaria muito nos doze meses seguintes; Wendell Willkie censurou o racismo de Lindbergh; e o rosto do presidente Roosevelt apareceu numa tela enquanto o sistema de som reproduzia um trecho de seu discurso “ataque imediato”. Herbert Agar, o editor-chefe do *Courier-Journal* de Louisville, citou o Eclesiastes e disse: “Hoje é tempo de guerra”.

No fim da cerimônia, o teatro ficou escuro. Vozes de falsos locutores de rádio anunciaram que grandes frotas de bombardeiros estavam se aproximando de Los Angeles, Nova York e Laredo. Ouviu-se ruído de hélices e explosões — e então caíram do teto milhares de paraquedistas de papelão de quinze centímetros de altura, todos iluminados por focos cruzados. “Meu Deus, eu

pensei que fosse tudo de verdade!”, disse uma mulher na plateia.

O CIENTISTA BÉLICO VANNEVAR BUSH conversou sobre a bomba de urânio com o presidente Roosevelt e o vice-presidente Wallace. Foi na tarde de 9 de outubro de 1941. Roosevelt gostou da ideia de enviar um bilhete a Churchill logo depois: “Caro Winston”, dizia, “parece-me desejável nos correspondermos ou conversarmos acerca do tema que está sendo estudado pelo seu comitê MAUD e pela instituição do dr. Bush, neste país, para que todo esforço ampliado seja coordenado ou mesmo envidado conjuntamente”. O Manhattan Project avançava.

WALTER MATTNER, um secretário de polícia de Viena, escreveu para a esposa. Isso em 10 de outubro de 1941.

Mattner acabava de participar de um massacre em Mogilev. Sua mão tremera um pouco, disse, quando ele atirara nos primeiros a chegarem ao caminhão, mas, no décimo, já conseguira fazer pontaria com mais calma. Tinha “matado, seguramente, muitas mulheres, crianças e bebês” — e ainda acrescentou detalhes horrendos. Tudo aquilo, explicou, ele fazia sabendo que tinha crianças pequenas em casa, “com as quais aquelas hordas fariam o mesmo ou coisa dez vezes pior”.

E acrescentou: “Muitos aqui dizem que, quando nós voltarmos, chegará a vez dos nossos judeus. Bem, eu não estou autorizado a contar tudo”.

UM TOTAL DE 82 BOMBARDEIROS WELLINGTON, 54 bombardeiros Whitley, nove bombardeiros Halifax e sete bombardeiros Stirling partiram para Nuremberg, a 960 quilômetros de distância. Nuremberg era difícil de achar: as tripulações ainda navegavam pela posição das estrelas e pela velocidade do vento, e alguns aviões foram parar em Stuttgart, 150 quilômetros a sudoeste.

Nuremberg era a cidade em que o Partido Nazista realizava seu congresso anual. Também era uma cidade muito antiga, muito gótica e adorável, na qual judeus e não judeus conviviam — com diversas erupções e expulsões — fazia setecentos anos. Na Renascença, tinha sido a cidade do artesanato; era conhecida pelos relógios de bolso, pelas bonecas, pelos astrolábios e por Albrecht Dürer. *As revoluções dos orbes celestes* de Copérnico fora publicado pela primeira vez em Nuremberg. A cidade fazia parte da história alemã, da história judaica, da história teuto-judaica e da história mundial.

“Bombardeiros britânicos incendiam Nuremberg” foi a manchete do *New York Times*. “As fábricas que faziam bonecas em tempo de paz agora produzem tanques e peças de avião, canhões e obuses”, informava o jornal. Os alvos eram as fábricas de aviões e de máquinas-ferramenta. “Os incêndios se alastraram por uma ampla área”, noticiava o *Times*, “devastando com tanta violência que seu clarão avermelhado tingia as asas dos bombardeiros que voavam a grande altitude.” A nota oficial alemã subsequente disse: “Mortos e feridos na população civil”.

Esse não foi o grande ataque aéreo a Nuremberg — sobre o qual se escreveram livros, e em que

quase oitocentos aviões incineraram a *Altstadt*, a parte antiga da cidade. Isso ocorreria três anos depois. Foi apenas o maior raide em Nuremberg até então. Aconteceu na noite de 12 de outubro de 1941.

MOHANDAS GANDHI fez um discurso em Savagram, o povoado em que ele morava. “Uma guerra bárbara está sendo travada na Europa, com massacres em larga escala”, disse. “Jovens, velhos e até inválidos são aniquilados.” Só havia uma reação correta àquela guerra: *ahimsa*, a não violência preceitual, mesmo diante do risco de prisão, fome e morte. “O hitlerismo e o churchillismo são, na verdade, a mesma coisa”, prosseguiu ele. “A diferença é só de grau.” No entanto, a Índia não devia estorvar a Inglaterra — não ajudar, mas tampouco estorvar. A Índia devia amar seus inimigos. Isso em 12 de outubro de 1941.

No mesmo dia, Gandhi disse a um repórter da Associated Press que os Estados Unidos precisavam exigir “garantias de liberdades humanas” para continuar ajudando a Inglaterra. “Precisam dizer o que diria Abraham Lincoln. Precisam perguntar o que será da Índia, da Ásia e das possessões africanas.”

FREDERICK J. LIBBY, secretário executivo do National Council for the Prevention of War [Conselho Nacional pela Prevenção da Guerra], foi ouvido numa audiência do Congresso acerca de uma alteração à Lei da Neutralidade. Era 14 de outubro de 1941. Libby disse que os Estados Unidos não deveriam autorizar a instalação de canhões em navios mercantes — nem canhões antissubmarinos, nem canhões antiaéreos.

A Grã-Bretanha precisava negociar com a Alemanha imediatamente, enquanto seu império estivesse intacto, e com o apoio dos Estados Unidos. Segundo ele, os judeus e as outras minorias oprimidas “tinham mais chance de conquistar seus direitos à mesa de negociação, com a ajuda da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, do que no campo de batalha”.

AS COISAS PIORARAM subitamente em Berlim. Isso em outubro de 1941.

A Kulturbund — ou Associação Cultural Judaica, na qual os judeus, havia muito tempo excluídos dos eventos arianos, podiam assistir a peças e filmes e ouvir concertos — foi dissolvida. Conforme o *New York Times*, os músicos e artistas tinham sido obrigados a trabalhar “em fábricas de munição, em projetos de construção de estradas e em outras coisas do gênero”. Aos judeus era proibido comprar frutas, verduras e legumes. As poucas sinagogas restantes estavam fechadas para o culto e repletas de sacos de dormir de palha.

Foi dada ordem de despejo a 2 mil judeus. Disseram-lhes que não procurassem outros apartamentos.

CHRISTOPHER ISHERWOOD chegou de trem à estação de Haverford, Pennsylvania, para ensinar inglês aos refugiados judeus num albergue quacre. Foi no dia 15 de outubro de 1941.

Hospedou-se na residência de um casal idoso, o sr. e a sra. Yarnall. Na casa dos Yarnall também morava um ex-advogado do Lago de Constança — “um aristocrático Dante judeu”, assim o definiu Isherwood em seu diário — e juiz de Berlim. O juiz, disse Isherwood, “falava bem inglês, escolhendo muito as palavras e expressando-se com uma humildade genuína e comovente. Estava terrivelmente apreensivo com a mulher e as duas filhinhas, que se achavam na Bélgica ocupada”. Segundo Isherwood, ele era “um homem permanentemente entristecido”.

Isherwood dava cinco ou seis aulas de inglês por dia. Aos domingos, ia a um encontro do Friends, no qual ouvia Rufus Jones, a quem chamava de papa quacre não coroado. Em pouco tempo, passou a falar como um quacre: “Caroline, ides a Haverford no dia de hoje?”.

MIHAIL SEBASTIAN soube que em breve zarparia um navio com 750 judeus a bordo. Era 16 de outubro de 1941.

O barco se chamava *Struma*. “Para ir, eu precisava de um senso de aventura e, acima de tudo, teria de ser mais moço, mais sadio, menos castigado pela vida”, escreveu ele em seu diário. Citou Dante Gabriel Rossetti: “Olha para o meu rosto, o meu nome é Podia-ter-sido”.

HOUVE TERROR E COMOÇÃO na madrugada: casas invadidas, confiscos, prisões. “Em Berlim e outras cidades, os judeus foram despejados dos apartamentos”, noticiou o *New York Times*, “alegadamente para oferecer moradia a famílias ‘arianas’ cujas casas foram destruídas pelos raides.” Foi em 16 de outubro de 1941.

O VISCONDE DE TRENCHARD, marechal da Royal Air Force, contou a uma plateia em Leeds que o seu lema era: “Manter os alemães fora da cama e manter as sirenes tocando”. Isso em 17 de outubro de 1941.

O PRESIDENTE ROOSEVELT deixou vaziar lentamente a notícia de seu novo plano de guerra, o Victory Program. Seriam investidos 100 bilhões de dólares na produção de 125 mil aviões; a metade da capacidade produtiva dos Estados Unidos se concentraria na produção de armamento. “Planejam-se tanques numa quantidade considerada incrível”, informou o *New York Times*. Foi no dia 18 de outubro de 1941.

Eugene Duffield, chefe da sucursal de Washington do *Wall Street Journal*, refletiu sobre o significado de tal quantidade de tanques e escreveu uma longa matéria no dia seguinte. “A julgar pela ênfase dada aos tanques e armamentos, o ‘Victory Program’ revela que já não se conta com o bombardeio e o bloqueio oceânico a longo prazo para vencer a Alemanha”, dizia. Em sua opinião, o

programa concebida “um Exército americano composto de um de cada três homens entre dezoito e 45 anos de idade”.

NA GRANDE FÁBRICA DE GÁS MOSTARDA Runcol da Imperial Chemical em Rhydymwyn, País de Gales, 21 pessoas ficaram feridas, algumas gravemente, ao trocar uma bomba corroída numa fossa de desagüamento. Isso foi em outubro de 1941. As dejeções iam para o rio Dee.

TODA A EMIGRAÇÃO JUDAICA da Alemanha ficou oficialmente suspensa por edital. Isso em 18 de outubro de 1941.

HERBERT HOOVER falou no rádio. Havia cerca de 40 milhões de crianças nas democracias invadidas pela Alemanha, disse, e o bloqueio estava matando-as: “Seu clamor por alimento chega de hora em hora às democracias livres do Ocidente”. Era 19 de outubro de 1941.

Hoover citou dois relatórios recentes. Um acerca da fome na Bélgica, o outro, de autoria do dr. Szoszkies, sobre a fome no gueto judeu de Varsóvia. Lá, disse ele, a taxa de mortalidade entre as crianças era dez vezes superior à taxa de natalidade, e os cadáveres ficavam jogados na rua. Por não terem compelido a Inglaterra a alterar sua política, os Estados Unidos eram um participante moral do bloqueio.

“Porventura hoje a causa aliada avançou ao menos um passo em consequência da fome das crianças?”, perguntou Hoover. “Acaso os exércitos de Hitler estão menos vitoriosos do que estariam se essas crianças tivessem sido salvas? As crianças britânicas acham-se mais bem alimentadas pelo fato de milhões de crianças ex-aliadas terem morrido de fome? Vocês podem mostrar um único benefício resultante desse holocausto?”

EM NANTES, uma cidade à beira do rio Loire, na França, o comandante local das forças alemãs estava atravessando a rua. Dois homens se aproximaram correndo e dispararam vários tiros em sua cabeça. Foi em 20 de outubro de 1941.

Em represália, os alemães fuzilaram cinquenta reféns franceses.

A UNITED PRESS transmitiu uma nota sobre as deportações em Berlim. “55 mil dos estimados 65 mil judeus da capital alemã devem ser deportados para a Rússia e a Polônia”, dizia a matéria. “Segundo os despachos, cada deportado será autorizado a levar consigo um terno extra, algumas camisas e seis lenços.” Isso em 21 de outubro de 1941.

Toda noite transportes especiais partiam para a Polônia, noticiou o *New York Times*. “Quando se iniciaram as expulsões, disseram que os judeus seriam deslocados a fim de abrir espaço para os

‘arianos’ cujas casas foram destruídas pelos ataques aéreos.” O *Völkischer Beobachter* publicava anúncios de leilão de propriedades abandonadas.

VICTOR KLEMPERER escreveu: “Relatos cada vez mais chocantes de deportação de judeus para a Polônia. Eles partem quase nus e sem um centavo. Milhares de Berlim para Lodz”.

Um jornalista perguntou a uma fonte governamental alemã se os judeus iriam para campos de concentração. Não, respondeu o funcionário: “Sua energia será empregada em coisas úteis”. E surgiu uma nova expressão corrente: “apartamento catástrofe”. Apartamento catástrofe era aquele “destinado a refugiados arianos de cidades sujeitas a bombardeios”, explicou o *New York Times*.

Albert Speer, o arquiteto de Hitler, foi encarregado de esvaziar os apartamentos catástrofe de Berlim: ele tentou aproveitar os danos provocados pelas bombas para implementar o projeto — seu e de Hitler — de uma cidade moderna, com um grande bulevar a atravessá-la. Em uma crônica do progresso do grande bulevar, um de seus assessores escreveu: “Conforme uma diretiva de Speer, vamos começar uma nova ação para liberar uns 5 mil apartamentos de judeus”.

O ADVOGADO HELMUTH JAMES VON MOLTKE escreveu uma angustiada carta à esposa. De toda parte chegavam notícias horrendas: fuzilamento de reféns na França; aldeias reduzidas a cinzas na Sérvia — e agora os judeus de Berlim. “Desde sábado, os judeus berlinenses estão sendo presos”, escreveu. “São apanhados às 21h15 e passam a noite trancafiados numa sinagoga.” De lá eram mandados para Lodz ou Smolensk, dizia ele, onde morriam de fome ou congelados. E perguntava: “Como é possível saber dessas coisas e continuar andando livremente por aí?”.

Foi no dia 21 de outubro de 1941.

NO GUETO DE LODZ, Dawid Sierakowiak escreveu: “Continuam chegando judeus alemães: de Frankfurt am Main, Colônia e também de Viena e Praga (eles moram perto de nós). Quase todos ‘figurões’. Pelo menos é o que parece”.

O preço do pão tinha dobrado. Isso em 22 de outubro de 1941.

EM BORDEAUX, FRANÇA, um oficial alemão caminhava pelo bulevar St. Georges. Quatro assaltantes o mataram a tiros. Foi em 22 de outubro de 1941.

Naquela noite, uma bomba destruiu o quartel-general do Exército romeno na cidade de Odessa. Morreram um comandante, dezesseis oficiais e quatro militares alemães.

Em represália, o Exército alemão fuzilou cinquenta reféns franceses e o Exército romeno fuzilou ou queimou vivos mais de 30 mil judeus.

ULRICH VON HASSELL, o oponente de Hitler, ouvira relatos da expulsão noturna dos judeus berlinenses — “cenas terríveis”, contaram-lhe, e a ordem vinha do próprio Führer. “Parte do povo ficou tão enojada”, escreveu ele, “que os nazistas acharam necessário distribuir folhetos dizendo que os judeus eram os culpados de tudo.”

Esses folhetos diziam: “Todo judeu é inimigo nosso. Todo alemão que ajudar um judeu por motivo de falsa compaixão — mesmo que se limitando a mostrar uma atitude simpática para com ele — comete traição contra o seu próprio povo”. As expulsões eram justificadas com o argumento de que os arianos cujas casas tinham sido destruídas nos bombardeios precisavam de lugar onde morar.

A Gestapo distribuiu boletins em todos os departamentos: “Ultimamente, tem chegado com frequência ao nosso conhecimento o fato de pessoas de sangue alemão continuarem mantendo relações amistosas com judeus e com eles se apresentarem ostensivamente em público”. A ordem da Gestapo era de tomar o simpatizante do judeu “sob custódia protetora com fins educativos”. Os casos graves de amizade seriam encaminhados para um campo de concentração de 1º Grau. O judeu beneficiado com o ato amistoso também iria para o campo de concentração. Foi em outubro de 1941.

A CIDADE DE TÓQUIO, a terceira maior do mundo, com 6,5 milhões de habitantes, passou por um treinamento de blecaute antiaéreo. Isso em 22 de outubro de 1941.

“O Japão não vai aos Estados Unidos nem a nenhuma outra nação de chapéu na mão, pois tem consciência de seu poder na paz ou na guerra”, dizia o editorial do *Japan Times Advertiser*. Mas a paz ainda era possível. “O problema é a propaganda maligna”, prosseguia o texto; os jornais britânicos e americanos estimulavam o apetite do público pelo sensacionalismo. “A mente pública tem sido levada à desconfiança, à suspeita e ao puro ódio.”

O JORNALISTA EDGAR MOWRER tomou, em um bar de Manila, um trago com um homem que trabalhava para a Maritime Commission. Naquele fim de outubro de 1941, Mowrer estava em missão de espionagem para o coronel Donovan.

“Você vai passar por correspondente de jornal”, dissera-lhe Donovan. Mowrer já tinha estado em Cingapura, em Java, na Tailândia, em Burma, em Chongqing e em Hong Kong. Agora encontrava-se na capital das Filipinas.

No bar, o homem da Maritime, Ernest Johnson, contou que tinha uma filha em San Francisco. Perdera a esperança de voltar a vê-la. “Os japas vão ocupar Manila antes que eu saia daqui”, disse.

“Ocupar Manila?”, perguntou Mowrer. “Isso seria uma guerra conosco.”

Johnson concordou. “Você não sabia que a frota japa se deslocou para o leste, presumivelmente para atacar a nossa frota em Pearl Harbor?”

O PADRE BERNHARD LICHTENBERG, deão da catedral de Santa Edviges, em Berlim, foi preso pela Gestapo. Vinha promovendo orações diárias pelos judeus. Isso no dia 23 de outubro de 1941.

Lichtenberg também andava rezando pelos prisioneiros nos campos de concentração, pelos refugiados apátridas, pelos soldados feridos de ambos os lados e pelas cidades bombardeadas em países amigos e inimigos.

A Gestapo revistou sua casa e achou uma declaração que ele pretendia ler no púlpito. Referia-se ao folheto que dizia: “Todo judeu é nosso inimigo”. “Não nos deixemos desnortear por esse pensamento anticristão”, escreveu Lichtenberg, “acatemos o rigoroso mandamento de Jesus Cristo: ‘Amarás ao teu próximo como a ti mesmo’.”

Submetido a interrogatório, ele dissera ser contra *Mein Kampf*, contra a matança de pessoas “inválidas” e contra a perseguição e deportação dos judeus. Perguntaram-lhe se também havia rezado pelos bolchevistas. Não, respondeu o sacerdote, não rezara pelos bolchevistas, mas não tinha a menor objeção a incluí-los na oração diária, “para curar sua loucura”.

Os interrogadores ameaçaram mandá-lo a Lodz para que ficasse com seus “queridos judeus”. Ele respondeu: “Era justamente isso que eu ia pedir: pode haver tarefa mais bela para um velho sacerdote do que dar assistência aos cristãos judeus que vão morrer?”

Lichtenberg foi preso. Depois de dois anos de sevícias e humilhações, morreu a caminho de Dachau.

EM UMA ENTREVISTA COLETIVA, o presidente Roosevelt falou no programa de produção de tanques, e depois fez um gracejo. Um jornalista indagou acerca do relato de um marinheiro, em Honolulu, dizendo que seu navio tinha sido bombardeado pelos alemães ao atravessar o mar Vermelho. O presidente estava a par daquele ataque?

“Não”, respondeu ele, “a única coisa que eu soube com relação a isso foi que Hitler procurou um dos poucos judeus ilustres ainda restantes na Alemanha e prometeu deixá-lo ficar se ele explicasse como foi que Moisés conseguiu abrir as águas para os filhos de Israel passarem.”

Os jornalistas riram. Era 24 de outubro de 1941.

FRANKLIN ROOSEVELT E WINSTON CHURCHILL condenaram o fuzilamento de reféns franceses. Isso em 25 de outubro de 1941. “Há muito que os povos civilizados adotaram o princípio fundamental de não punir ninguém pelos atos de outrem”, disse o presidente norte-americano. “A intimidação nunca levará a paz à Europa. Apenas espalha as sementes do ódio que, um dia, gerará uma vingança temível.”

Churchill disse: “De agora em diante, a retribuição a esses crimes deve figurar entre os principais objetivos da guerra”.

A REVISTA DO *NEW YORK TIMES* saiu com um artigo sobre os “japoneses fanáticos e lúgubres”.

Tóquio era sinistra e totalmente controlada, dizia o jornal. Os locais noturnos estavam fechados. Havia espiões, polícia secreta e oficiais alemães em toda parte. Os elevadores tinham sido desativados e as luzes ficavam apagadas para economizar energia. Os táxis eram movidos a gasogênio.

Algumas fotografias acompanhavam o artigo. Uma delas mostrava uma fila de mulheres passando um balde de água enquanto a instrutora lhes falava por um megafone. A legenda dizia: “Brigada de baldes — as japonesas são treinadas para combater incêndios”. Outra foto era de um grupo de homens operando uma mangueira. “Treinamento para ataque aéreo em Tóquio”, dizia a legenda.

Foi no dia 26 de outubro de 1941.

A PEDIDO DE HITLER, HEINRICH HIMMLER foi caçar com o conde Ciano e o ministro de Relações Exteriores Ribbentrop. Isso em 26 de outubro de 1941.

Himmler, que sofria de cólica, levou consigo seu massagista e confidente finlandês Felix Kersten. Quatrocentos soldados bancavam os batedores, desentocando a caça. “Todos levavam a tarefa muito a sério”, escreveu o conde Ciano, “como se se tratasse de expulsar os russos dos bosques de Wiesma ou Briansk.”

Kersten incumbiu-se de contar as aves. Ciano abatera 620 faisões. Ribbentrop, 410. Himmler, apenas 95. “Veja como Ciano tem sorte”, disse ele, amuado, a Kersten. “Pena que os italianos não atiraram tão bem assim na África.”

Ribbentrop estava bem-humorado. “Vocês não acham esta caçada simbólica?”, disse. “Assim como nós nos entrosamos para abater os faisões, vamos nos entrosar para abater os inimigos da Alemanha!”

ALAN BROOKE, comandante das British Home Forces, foi convidado para jantar em Chequers com Churchill e lorde Cherwell, o cientista bélico. Era 26 de outubro de 1941.

O jantar, que incluiu uma sessão de rapé, terminou às onze. Churchill levou os dois compatriotas ao primeiro andar, onde assistiram a alguns filmes russos e alemães. Depois tornaram a descer, e Brooke descreveu o Plano Bumper, um grande exercício anti-invasão. Churchill mandou Cherwell embora e ficou conversando com Brooke sobre o norte da África e o Mediterrâneo.

“Eu manifestei o meu temor de ficarmos sem tanques se continuássemos mandando-os para a Rússia como se havia proposto”, escreveu Brooke em seu diário. Pouco depois das duas horas da madrugada, Churchill pediu um sanduíche. “Eu tive a esperança de que aquilo finalmente significasse cama!”, prosseguiu Brooke. “Mas não!! Ele ligou o gramofone e, com seu roupão coloridíssimo, o sanduíche numa mão e o agrião na outra, pôs-se a trotar em círculos na sala, saltitando ocasionalmente ao ritmo do gramofone. A cada volta perto da lareira, parava para proferir uma valiosa citação ou ideia.”

Eis uma das ideias de Churchill: a vida do homem era como passar por um comprido corredor com janelas em ambos os lados. “Quando a gente se aproxima de uma janela, uma mão invisível a

abre e a luz que entra por ela não faz senão aumentar, por contraste, a escuridão no fundo do corredor.”

Brooke foi dormir pouco depois das três horas.

O PRESIDENTE ROOSEVELT disse num discurso que os Estados Unidos tinham sido atacados. Houvera mais um incidente com submarino; onze homens da Marinha tinham morrido a bordo do USS *Kearny* em consequência do torpedo que atingira sua praça das caldeiras quando ele escoltava um comboio de navios mercantes. “Nós queríamos ter evitado atirar”, disse Roosevelt. “Mas começaram a nos atacar. E a história registrou quem deu o primeiro tiro.” Era o Dia da Marinha, no Mayflower Hotel, em 27 de outubro de 1941.

Hitler costumava afirmar, disse Roosevelt, que não tinha pretensões nas Américas. Mas Roosevelt dispunha de provas do contrário. “Eu tenho em minha posse um mapa secreto feito na Alemanha pelo governo de Hitler”, disse. No mapa, as fronteiras existentes estavam apagadas; o canal do Panamá, ocupado; e os países da América Latina, transformados em “Estados vassalos” da Alemanha. “Esse mapa deixa claro o desígnio nazista não só contra a América do Sul mas também contra os próprios Estados Unidos.” Ele não mostrou o tal mapa.

A reação alemã foi extrema. O mapa era produto das “oficinas dos falsificadores judeus”, disse um porta-voz do Ministério da Propaganda. “Talvez alguém tenha enfiado no bolso de Roosevelt um mapa mostrando as bases e linhas de aviação americanas na América Latina, o qual ele confundiu com um documento alemão”, disse o porta-voz. Roosevelt ou estava “criminalmente desvairado, ou era um simples criminoso”.

O jornal de Goebbels *Der Angriff* saiu com a seguinte manchete: “Roosevelt, o vice-rei da judiaria — A dupla fraude dos arquimentirosos”.

UM JORNALISTA perguntou o que Franklin Roosevelt achava de ser chamado de mentiroso e falsificador pelos alemães. Foi em 28 de outubro de 1941. O presidente respondeu que achava “ridículo”. Um repórter pediu para ver o mapa secreto alemão. Roosevelt disse que não podia mostrá-lo para não comprometer sua fonte. Um jornalista quis saber onde estava o mapa. Ele respondeu que estava em sua escrivaninha.

A verdade é que o mapa não mostrava nenhum plano de Hitler de desmembrar a América do Sul. Mostrava as rotas percorridas pelos aviões americanos, com anotações em alemão descrevendo a distribuição da gasolina de avião. Era uma falsificação britânica.

QUATRO GRUPOS PACIFISTAS encaminharam uma petição à Casa Branca. Juntos, a Women’s International League for Peace and Freedom, o Keep America Out of War Congress, o National Council for the Prevention of War e a Fellowship of Reconciliation haviam colhido 25 mil assinaturas. O reverendo John Haynes Holmes escreveu uma carta de motivação. “Nós exortamos o

presidente dos Estados Unidos a lançar mão da influência de que dispõe, na qualidade de representante eleito do povo americano, em prol da cessação das hostilidades e do estabelecimento de uma paz justa”, dizia. Foi no dia 28 de outubro de 1941.

LENA, AMIGA DE MIHAIL SEBASTIAN, disse: “Vamos tentar não pensar nos judeus da Ucrânia”.

“Talvez ela tenha razão”, escreveu Sebastian — mas não conseguiu se livrar do pesadelo. “E o pesadelo também é nosso”, continuou, “mesmo que ainda não nos tenha arrastado para o abismo.”

Os massacres faziam parte de um “evento europeu” maior, suspeitava ele: “Tudo é demasiado calculado para chamar a atenção, demasiado encenado para não ter significado político”. O que viria depois? “O nosso extermínio puro e simples?” Isso em 29 de outubro de 1941.

CHARLES LINDBERGH discursou num comício do America First no Madison Square Garden. Foi no dia 30 de outubro de 1941.

A Oitava Avenida ficou interditada para os ônibus, e a multidão se aglomerou do lado de fora a fim de escutar pelos alto-falantes. “Todo o quarteirão em frente ao Madison Square Garden estava cheio de gente — na rua e nas calçadas”, escreveu Lindbergh em seu diário. “E o quarteirão seguinte, a oeste, lotado até onde eu podia enxergar!” Um grupo do Fight for Freedom distribuiu literatura contrária. “Leiam os fatos referentes ao nazista número 1 dos Estados Unidos”, gritavam.

Lá dentro, 20 mil pessoas passaram seis minutos aplaudindo e tocando sinetas de vaca quando Lindbergh se levantou para falar. Ele apontou para o relógio e tentou começar, mas o público continuou ovacionando. Por fim, a banda tocou “Marching through Georgia” e a multidão se calou.

“A guerra na qual querem que entremos será o conflito mais devastador da história”, disse ele. “Vocês acreditam que ideais civilizados podem brotar da morte, da doença e da fome em todo o mundo?”

Mais tarde, Lindbergh escreveu que, quando estivera no palco, havia observado com atenção os rostos na plateia. “Acho que a coisa que mais me agradou no comício foi a qualidade das pessoas que vieram”, disse. “Eram *muito* acima da média de Nova York. Vale a pena lutar por essa gente.”

O INSTITUTO DE ANATOMIA DO PROFESSOR VOSS em Posen, Polônia, estava prestes a receber os primeiros cadáveres para os alunos dissecarem. “Onze poloneses serão executados”, escreveu ele. “Vou ficar com cinco deles; os outros serão cremados.” Isso em 31 de outubro de 1941.

A REVISTA *UNITED STATES NEWS* publicou um mapa do Extremo Oriente. Compridas setas vermelhas e pequenos bombardeiros vermelhos convergiam para um alvo no centro do mapa. Os pequenos bombardeiros provinham de Guam, Cingapura, Hong Kong e das Filipinas. O alvo era Tóquio. Foi em 31 de outubro de 1941.

A MÁQUINA DE ESCREVER DE VICTOR KLEMPERER foi confiscada. “Isso me doeu muito; é virtualmente irreparável.” Era 31 de outubro de 1941. Alguém lhe disse que ele precisava renovar urgentemente a solicitação de visto para os Estados Unidos. Mas já não havia sentido. “Ouvimos de diversas fontes que o lado alemão acaba de decretar a proibição total da emigração. Além disso, passariam um ano e um dia até que os novos requisitos americanos fossem cumpridos. Não, nós temos de esperar aqui e ver qual será o nosso destino.”

TRÊS HOMENS DA SS chegaram a um lugar chamado Belzec, na Polônia, em que havia um desvio de estrada de ferro. Foi em 1º de novembro de 1941.

Pediram então ajuda a vinte poloneses para um projeto de construção. Stanislaw Kozak era um deles. Os poloneses construíram barracões com paredes grossas, recheadas de areia, contou Kozak posteriormente, e as reforçaram com zinco por dentro. “As portas eram muito robustas, com tábuas de oito centímetros de espessura, e, para resistir à pressão de dentro para fora, contavam com uma tranca de madeira encaixada em duas alças de ferro especialmente adaptadas para isso.” E tinham borracha de vedação. Velhos motores de caminhão forneceria o gás de escape para matar os prisioneiros nos barracões.

Aquele era o campo de extermínio de Belzec. Começaria a matar em janeiro de 1942.

EM BERLIM, um dos urbanistas de Albert Speer anotou no diário do progresso do grande bulevar: “No período de 18 de outubro a 2 de novembro, foram evacuados cerca de 4500 judeus. Em consequência, mais mil apartamentos ficaram vagos para inquilinos sem teto”.

LORDE HALIFAX, o embaixador britânico, deu uma palestra no Economic Club de Detroit. Dois grupos de mulheres — um chamado Mothers of the USA e o outro, American Mothers — protestaram contra sua presença com cartazes e faixas. Diziam coisas como HALIFAX É UM BELICISTA e LEMBRE-SE DO INCÊNDIO DO CAPITÓLIO NA GUERRA DE 1812. Alvejaram-no com um ovo e um tomate: o ovo o atingiu. Halifax foi atendido rapidamente no Hospital Henry Ford para um curativo no olho, mas o cônsul britânico garantiu que aquilo não tinha relação com o incidente do ovo.

“Esta é a guerra das fábricas”, disse Halifax no Economic Club. “Pelo que me consta, neste momento, algo entre 40% e 50% das encomendas de armamento do governo dos Estados Unidos ligadas ao programa de defesa foram feitas a estabelecimentos fabris de Detroit e da circunvizinhança.” Enumerou alguns crimes de Hitler e então disse: “O clamor por represália vem de todos aqueles a que esse monstro deu morte”. Isso em 3 de novembro de 1941.

EM TÓQUIO, O EMBAIXADOR JOSEPH GREW enviou um extenso telegrama ao Departamento de Estado na esperança de que alguém lhe desse a devida atenção. A imposição de graves sanções econômicas por parte de Washington talvez forçasse o Japão a arriscar um “haraquiri nacional”, alertou. “Um conflito armado com os Estados Unidos pode ocorrer com perigosa e extraordinária repentinidade.” Foi em 3 de novembro de 1941.

No dia seguinte, ele escreveu em seu diário: “Se houver guerra, espero que a história tome conhecimento deste telegrama”.

DE MANHÃ BEM CEDO, as sirenes antiaéreas começaram a tocar em Changteh, na China. Um avião japonês passou várias vezes pela rua Kwan-miao em voo rasante, jogando trigo, arroz, pedaços de papel e chumaços de algodão. Isso no dia 4 de novembro de 1941.

Uma semana depois, uma moradora da rua Kwan-miao morreu de peste bubônica. Tinha onze anos de idade.

LORDE HALIFAX estava em Cleveland. Um jornalista indagou sobre o incidente do ovo e do tomate. “O meu único sentimento foi de inveja das pessoas daqui, que têm ovos e tomates para jogar nos outros”, respondeu ele. Foi em 5 de novembro de 1941.

Em Cleveland também não faltaram manifestantes. HALIFAX MANDOU 400 MIL INDIANOS PARA CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, denunciava um cartaz. Outro, referindo-se ao bloqueio, dizia: HALIFAX ACREDITA NA LIBERDADE DE CONFISCO. Halifax leu os cartazes e sorriu educadamente.

HELMUTH JAMES VON MOLTKE recebeu da esposa, pelo correio, um bolo de sementes de papoula. Comeu um pedaço — estava especialmente gostoso — e decidiu dar um pouco ao amigo Walther Unger. Este havia emagrecido, e Moltke andava preocupado com ele. “Afimil, é o último judeu que eu conheço”, escreveu à esposa, “e, de certo modo, encaro isso como uma compra de indulgências e tenho certeza de que você me aprova.”

Além do bolo, Moltke pensou em dar a Unger um pouco de toicinho, algumas maçãs e alguns ovos. Isso em 5 de novembro de 1941.

UMA NOVA CERCA DE ARAME FARPADO foi erguida no gueto de Lodz. Estavam chegando levas de ciganos de Burgenland, uma região da Áustria. Era o dia 5 de novembro de 1941.

Uma epidemia de tifo alastrou-se imediatamente no campo dos ciganos. Toda manhã chegava um rabeção para levar os cadáveres. O jornal do gueto noticiou: “A grande maioria dos corpos retirados do campo é de crianças”.

WINSTON CHURCHILL apresentou um documento do gabinete de guerra propondo o serviço militar obrigatório para todos os homens acima de dezoito anos e meio de idade e abaixo de 51. Foi em 6 de novembro de 1941. “Convém impulsionar a campanha de recrutamento de mulheres para a indústria de munição”, recomendou. Um mês depois, o Parlamento aprovou o National Service Act, que incluía a conscrição de mulheres solteiras entre vinte e trinta anos. Estas tinham a opção de ingressar no serviço militar ou trabalhar numa fábrica do governo, como a Royal Ordnance Factory, em Bridgend, que empregava 30 mil pessoas.

Na fábrica de Bridgend, em que as operárias faziam bombas incendiárias e altamente explosivas, o pó de TNT manchava de amarelo a pele, o cabelo e os dentes — por isso, as mulheres encarregadas de pôr a substância nas bombas às vezes eram chamadas de “canárias”. “Os acidentes eram frequentes, sobretudo nas oficinas de montagem de detonadores”, afirma um relato sobre Bridgend. “As principais vítimas eram jovens operárias, e as infelizes perdiam os dedos ou sofriam ferimentos mais graves.” Certa vez, numa manhã de inverno, uma mulher que levava uma bandeja de detonadores de um prédio a outro escorregou e sacudiu a bandeja, “fazendo que os detonadores explodissem e lhe arrancassem os seios”.

MIRIAM KORBER e sua família, que era de refugiados judeus romenos, chegaram à cidade fronteiriça de Atachi, onde muitos judeus tinham sido assassinados. “Logo na primeira noite em Atachi, eu entendi o significado real de miséria humana”, escreveu. “Vi crianças de olhos inchados, pés congelados, mãozinhas desamparadas; mães com filhos mortos no colo, velhos e jovens envoltos em andrajos.” Isso no dia 7 de novembro de 1941.

Ela e a família sobreviveram à inspeção e atravessaram o rio Mogilev.

HELMUTH VON MOLTKE participou de uma reunião no Ministério de Relações Exteriores, em Berlim, com 24 homens. Estava em discussão um decreto ordenando a expropriação dos bens dos judeus deportados. Dos 25 presentes, 24 queriam aprovar o decreto; Moltke se opôs.

Os homens eram camaleões, escreveu ele à esposa: “Em uma sociedade sadia, eles se mostram sadios; em uma sociedade doentia como a nossa, mostram-se doentes. E, na verdade, não são nem uma coisa nem outra. Não passam de tapa-buracos”.

Foi em 8 de novembro de 1941.

O ROMANCISTA DAVID “BUNNY” GARNETT, autor de *The War in the Air*, foi passar o fim de semana na casa de Frances Partridge. O filho de Garnett alistara-se no pelotão de salvamento da Royal Air Force; saía de barco para resgatar aviadores na água. “Bunny deseja francamente manter os filhos fora de perigo; no entanto, apoia o esforço de guerra em tudo o mais”, escreveu Partridge em seu diário.

Ela discutiu essa incoerência com o marido. “O fato principal é que é horrível querer que os

filhos dos outros morram para que você obtenha o tipo de vida que quer e considera desejável”, dizia.

Naquela noite, ligaram o rádio e escutaram o discurso de Churchill. “Ele matraqueou a espada muito ruidosamente em direção ao Japão”, observou Partridge: se os Estados Unidos entrassem em guerra com o Japão, asseverou Churchill, a declaração de guerra britânica seria imediata. Ele também alertou contra uma nova “ofensiva de paz” da Alemanha: “Os culpados de instaurar o inferno no mundo nutrem a esperança de escapar, com seus triunfos efêmeros e suas pilhagens criminosas, da danação que se avizinha”.

Não haveria negociação de paz, completou: não haveria entendimento nenhum com Hitler nem com “partido algum, na Alemanha, que represente o regime nazista”. Em outras palavras, não haveria negociação com nenhum alemão que tivesse autoridade de ordenar o fim dos combates.

“Um trovejar de aplausos em Mansion House ou onde quer que tenha sido feito o discurso”, escreveu Frances Partridge.

Estava correndo um rio de sangue, disse Churchill no discurso — sangue dos judeus e comunistas. “Temos de encará-los como bravos soldados que morrem pela pátria no campo de batalha”, arrematou.

Isso no dia 10 de novembro de 1941.

FELIX KERSTEN massageou a dolorida barriga de Himmler. Foi em 11 de novembro de 1941.

Himmler estava deprimido. “À custa de muita pressão e de muita insistência em saber o que o atormentava, ele contou que estão planejando a eliminação dos judeus”, registrou Kersten em seu diário. “Eu fiquei horrorizado e disse que era uma crueldade pavorosa eliminar seres humanos pelo mero fato de serem judeus.” Himmler retrucou que os judeus criavam “corrupção” e dominavam o mundo através dos noticiários, da imprensa, do cinema e da arte. Ele, Himmler, havia tentado criar um departamento de emigração que os obrigasse a ir embora sem que fosse necessário recorrer ao extermínio, mas não tinha dado certo: os outros países não se haviam disposto a acolhê-los. Agora Hitler queria-os eliminados.

“Vou carregar um fardo pesadíssimo”, disse Himmler. E acrescentou: “A retaliação ronda, implacável, a história do mundo”.

Kersten tinha certa influência sobre Himmler, pois sua massagem era a única coisa que lhe atenuava a cólica. “Como eu combato em vão os princípios atrozos com que Himmler está comprometido”, escreveu ele, “prometi a mim mesmo fazer o máximo possível de intervenções especiais para salvar judeus, na esperança de que ele abra algumas exceções.”

O SUBSECRETÁRIO CADOGAN se aborreceu: 37 bombardeiros não tinham voltado de um recente conjunto de raids. “As nossas perdas catastróficas no fim de semana devem-se à irremediável ignorância das condições climáticas”, escreveu. “Os bombardeios NÃO afetam o moral alemão: enfiemos isso na cabeça e paremos de perder aviões nessas incursões.” Isso em 11 de novembro de 1941.

O LABORATÓRIO DE RADIAÇÃO do MIT começou a pesquisar um novo sistema de mira aérea. Empregava um radar cujas ondas partiam do bombardeiro para o solo. As ondas retornavam de modo diferente dependendo do que encontrassem lá embaixo: água, terra arável ou prédios. O sistema protótipo se chamava Ehib, ou seja, “Every House In Berlin” [Todas as casas de Berlim]. Foi em novembro de 1941.

WINSTON CHURCHILL escreveu uma carta secreta para lorde Linlithgow, vice-rei da Índia. Isso em 12 de novembro de 1941.

O primeiro-ministro falava na sua preocupação com a iminente soltura de Nehru e outros presos — os *détenus* indianos. “Sem dúvida, a libertação dos presidiários como um ato de clemência será considerada uma vitória do partido de Gandhi”, dizia Churchill. “Nehru perpetrará novos crimes” — o que significava dar mais declarações contrárias à guerra —, “exigindo uma vez mais a tramitação de todo o processo.”

GEORGE MARSHALL, chefe do estado-maior do Exército de Roosevelt, chamou alguns repórteres — da *Time*, da *Newsweek*, do *Times*, do *Herald Tribune* e de três agências de notícias — ao seu gabinete para um comunicado. “Nós estamos preparando uma guerra ofensiva contra o Japão”, disse. Falou aos jornalistas acerca das bases aéreas chinesas e contou que havia 35 B-17 nas Filipinas, além de outros a caminho. Cogitavam-se bombardeios de vaivém entre as Filipinas e Vladivostok. A meta era “cobrir toda a área com poderio aéreo”. Guardem segredo, recomendou ele. Foi em 15 de novembro de 1941.

ERNST UDET, o ás da aviação alemã, vestia um roupão de banho vermelho. Foi à sua sala de armas e pôs uma bala num revólver Colt. Os bombardeios de mergulho com os Stukas já não funcionavam; os novos modelos de aviões Heinkel e Messerschmitt que ele projetara não prestavam; a Luftwaffe era um fracasso.

Ele tomou um copo de conhaque, deitou-se na cama e se matou. Isso no dia 17 de novembro de 1941.

Goebbels compôs imediatamente uma história diferente: Udet tivera morte heroica ao testar uma arma secreta. Deram-lhe funeral de Estado, com direito a espadas desembainhadas e discurso de Goering, seu antigo companheiro de voo. Músicos da Filarmônica de Berlim tocaram a Marcha Fúnebre de *Crepúsculo dos deuses* de Wagner.

UM AVIÃO ALEMÃO lançou panfletos em Moscou. “Os seus aliados não os ajudam em nada”, diziam. Um caça de fabricação americana pilotado por um membro da Força Aérea soviética derrubou o

avião. Isso em novembro de 1941.

EM BREMEN, a Gestapo anunciou o recolhimento dos judeus. Católicos, protestantes e homens de negócios protestaram em diversas instâncias — alguns com o prefeito. Foram punidos. O comboio partiu de Bremen no dia 18 de novembro de 1941.

ALFRED ROSENBERG chamou representantes da imprensa alemã para dar um informe secreto sobre a questão judaica. Foi em 18 de novembro de 1941.

Ele invocou a Noite dos Cristais, três anos antes: “O dia 9 de novembro foi de decisão e destino para nós. Nesse dia, a judiaria mostrou que era favorável à aniquilação da Alemanha”. Havia 6 milhões de judeus na Rússia, e a Rússia fazia parte da Europa. “A questão judaica só estará resolvida para a Alemanha quando o último judeu deixar o solo alemão; e, para a Europa, quando não houver nenhum judeu no continente europeu deste lado dos Urais”, explicou. Do outro lado dos montes Urais, ficava a Sibéria.

As ações da Alemanha, prosseguiu Rosenberg, deviam partir não do ódio pessoal, e sim da visão histórica lúcida: os judeus tinham de ficar longe da Europa para sempre. “Por isso é necessário levá-los para o outro lado dos Urais ou então eliminá-los de algum modo.”

Rosenberg pediu aos jornalistas que não contassem nem escrevessem o que ele acabava de dizer: “Seria extremamente nocivo se o público tomasse conhecimento dessas coisas”.

HENRY STIMSON fez uma anotação em seu diário. Ele, Knox, Stark, Hull e Marshall estiveram no Salão Oval com o presidente discutindo um problema que este havia levantado. Era provável que os japoneses atacassem em breve, talvez na segunda-feira seguinte, disse Roosevelt. “A questão é como levá-los à situação de disparar o primeiro tiro sem nos expormos a um perigo excessivo”, escreveu Stimson. “Uma questão difícilíssima.” Isso em 25 de novembro de 1941.

DOIS ESTUDANTES estavam num tribunal lotado em Filadélfia. Acusados de se recusarem ao cadastramento para a conscrição, Arnold Satterthwait, aluno do Haverford College, e Frederick Richards, do Swarthmore College, declararam-se culpados. Richards disse: “Para um homem ansioso por trabalhar em prol da atenuação do sofrimento humano, o serviço militar não dá liberdade de consciência”. Satterthwait alegou que a bondade e o perdão eram suficientemente complacentes para superar os erros humanos; a violência, não. “Não consigo conceber que a vida, tal como nós todos a desejamos, venha a ser alcançada mediante a disseminação do ódio, da morte e do caos no mundo inteiro”, disse.

O juiz os sentenciou a um ano e um dia de reclusão num presídio federal. Foi no dia 26 de novembro de 1941.

ANTES DE VOLTAR PARA OS ESTADOS UNIDOS, o adido aeronáutico Raymond Lee conversou com outros adidos aeronáuticos sobre a estratégia britânica. Deveriam os britânicos continuar bombardeando, embora isso obviamente não estivesse dando certo? Antes Lee considerava aquilo um erro, mas agora não: era o único método de ataque disponível. “O moral do povo britânico exige que os alemães sejam atacados de algum modo”, pensava ele, “e, se o bombardeio parar, seu espírito sofrerá imediatamente.” Isso em 28 de novembro de 1941.

EM BERLIM, A EMPRESA HEINKEL começou a usar trabalho escravo na fabricação de aviões. Os operários vinham do campo de concentração de Sachsenhausen-Oranienburg. Foi no mês de novembro de 1941.

Adolf Eichmann, assistente de Heydrich, enviou convites para uma reunião e um bufê. A reunião era importantíssima: discutiria “uma solução abrangente para a questão judaica”. Seria realizada no dia 9 de dezembro de 1941, em Wannsee, o bairro nobre em que os Lindbergh quase tinham alugado uma casa.

O PARLAMENTAR JAPONÊS JIUJI KASAI disse: “Entre os Estados Unidos e o Japão, não há problemas que não possam ser resolvidos pela diplomacia pacífica”. Foi em 28 de novembro de 1941.

No dia seguinte, o rabino Herbert S. Goldstein, da New York’s West Side Institutional Synagogue, fez uma oração pelos representantes políticos dos Estados Unidos e do Japão. “Que eles tenham consciência”, disse o religioso, “do terrível sacrifício de vida, sangue e segurança que se imporá se se abrirem hostilidades entre as duas nações.”

ROYAL LEONARD saiu da China para contratar pilotos americanos de bombardeiro. Corriam os primeiros dias de dezembro de 1941. “Chennault e eu já elaboramos os nossos planos de guerra contra o Japão”, escreveu. “O governo dos Estados Unidos prometeu-nos pelo menos 27 bombardeiros leves Hudson novos, com autonomia de voo de 3200 quilômetros com carga de bombas efetiva.” Mas algo sucedeu no Havaí. “O nosso sonho mais dileto, o bombardeio de Nagasaki, não vai se realizar tão cedo”, escreveu Leonard.

UM CARREGAMENTO DE BATATA chegou ao gueto de Varsóvia. Destinava-se aos soldados na frente de batalha, mas, como se congelou, acabou sendo enviado para os judeus. Frita em óleo de cânhamo, a batata rendia ótimas panquecas, escreveu Mary Berg. “Em toda parte, o cheiro de panqueca de batata invade as narinas da gente.” Era 1º de dezembro de 1941.

NO JAPÃO, O PACIFISTA CRISTÃO DR. TOYOHICO KAGAWA recebeu um telegrama de Stanley Jones, um teólogo metodista e discípulo de Gandhi. Jones dizia que estava rezando para evitar uma catástrofe no Pacífico e propunha que Kagawa fizesse o mesmo. Este e duzentos adeptos começaram a orar continuamente, dia e noite. Isso em 1º de dezembro de 1941.

O DR. SAMUEL HARDEN CHURCH, presidente do Carnegie Institute, propôs um Exército judaico. Foi em 4 de dezembro de 1941. Em sua opinião, ele deveria ter um contingente de 200 mil judeus americanos, que ficariam excluídos da conscrição, seriam treinados no Canadá e armados pela Lend-Lease. Church disse em sua mensagem: “Os judeus lutarão com grande determinação para infligir uma vingança tão terrível que a história não oferecerá paralelo à sua execução completa”. E, quando terminassem de combater Hitler, os judeus iriam para Jerusalém, “restaurar naquele antigo recôncavo todos os refugiados afetados, inspirados para uma nova existência lá onde, durante muitos séculos, o rei Davi e os poderosos homens de Israel conservaram seu Estado”.

NEHRU e outros quinhentos membros do Partido do Congresso Indiano foram postos em liberdade. “O único sentido que eu enxergo em sua soltura”, disse Gandhi a um jornalista, “é o governo da Índia esperar que os presos tenham mudado de opinião quanto à sua solidão voluntária. Espero que o governo não tarde a se decepcionar.” Isso em 4 de dezembro de 1941.

ALGUÉM FEZ VAZAR o texto completo do Victory Program a um jornalista do *Chicago Tribune*. O *Tribune* e seu jornal irmão, o *Times-Herald* de Washington — ambos isolacionistas e contrários a Roosevelt —, publicaram grandes manchetes:

OS PLANOS DE GUERRA DE F.D.R.
META É 10 MILHÕES DE HOMENS EM ARMAS;
A METADE DEVE COMBATER NA AEF

“AEF” significava American Expeditionary Forces.

O repórter do *Tribune* escreveu:

Hoje o *Tribune* teve acesso a uma das poucas cópias existentes desse documento espantoso que representa decisões e compromissos capazes de afetar o destino dos povos de todo o mundo civilizado. Trata-se de um plano de guerra total, numa escala sem precedentes, em pelo menos dois oceanos e três continentes: a Europa, a África e a Ásia.

A notícia atrasou a edição de 4 de dezembro de 1941.

Albert Wedemeyer, que havia elaborado boa parte do documento, desesperou-se. “Quando eu li, ficou claro que o correspondente do *Tribune* em Chicago publicara uma reprodução exata das partes mais importantes do Victory Program, no qual eu vinha trabalhando dia e noite nos últimos

meses”, escreveu ele mais tarde.

Tratava-se de um plano de guerra prolongada, lenta, na qual o primeiro ataque em terra só ocorreria em 1943. E era uma guerra contra o povo alemão pela fome, pelos bombardeios e também por palavras: “É preciso debilitar o apoio popular ao esforço de guerra nos países do Eixo e despedaçar sua confiança mediante atividades subversivas, a propaganda, a penúria e o trabalho de destruição”. Contra o Japão, os Estados Unidos empregariam “métodos estratégicos”.

UM REPÓRTER PERGUNTOU A ROOSEVELT sobre os supostos planos de guerra. “Não tenho nenhuma novidade a esse respeito”, respondeu o presidente. Depois mandou investigar o vazamento, e os agentes do FBI interrogaram Wedemeyer intensamente sobre suas inclinações pró-germânicas. Mas Wedemeyer não era o culpado — o senador Burton Wheeler contou posteriormente que Hap Arnold, o chefe da Força Aérea do Exército, lhe havia dado os planos e que ele os passara para o *Chicago Tribune*.

Wedemeyer suspeitava que o próprio Roosevelt queria a divulgação dos planos de guerra. “Não tenho nenhuma prova concreta”, disse ele ao historiador Thomas Fleming anos depois, “mas sempre estive convencido, numa espécie de intuição, de que o presidente Roosevelt a autorizou.”

Independentemente de quem tenha vazado o Victory Program, sua publicação funcionou como mais uma provocação. A manchete de um jornal japonês dizia: “Revelado plano secreto dos Estados Unidos contra o Japão e a Alemanha”.

O REPUBLICANO JOHN DANAHER, de Connecticut, fez um discurso no plenário do Senado. “A opinião corrente é a de que os Estados Unidos só poderão iniciar uma ofensiva militar efetiva daqui a pelo menos dois anos”, disse — quantos famintos da Europa estariam vivos então? A fome, asseverou ele, não era uma arma legítima. “Tanto isso é verdade que, mesmo que dar de comer aos belgas, poloneses, franceses, gregos e outros desamparados resultasse em uma vantagem para a Alemanha, os Estados Unidos, com excedentes enormes e cargueiros disponíveis, continuariam tendo o dever de fazer esse trabalho.” Foi em 4 de dezembro de 1941.

THOMAS MANN gravou uma mensagem de propaganda em Hollywood. Foi transmitida pela BBC aos ouvintes alemães. “Vocês sabem dos crimes inomináveis que foram e continuam sendo cometidos na Rússia contra os poloneses e os judeus”, disse, “mas preferem não saber por causa do seu justificado pavor do ódio igualmente inominável, gigantesco, que um dia os engolfará quando a força dos seus homens e máquinas ceder.”

Era 6 de dezembro de 1941.

LORDE HANKEY escreveu a Churchill a propósito de um modo de matar muitos animais — e gente também — na Alemanha. Isso no dia 6 de dezembro de 1941.

“No momento, o único método tecnicamente viável é o uso do antraz, contra o gado, mediante forragem infectada lançada por aviões”, informou Hankey ao primeiro-ministro. “As experiências que se fizeram”, prosseguiu, “dão bons motivos para considerar possível matar um grande número de animais se esse método for usado em escala suficiente e na época do ano em que o gado fica ao ar livre.”

Para matar o gado, explicou Hankey, era preciso muita bactéria de antraz, 2 milhões de fardos de feno, além de pessoal e máquinas para verter os germes nos fardos.

Churchill aprovou o plano. Assim começou a Operation Vegetarian: a criação de milhões de fardos de feno infectado, que ficaram armazenados à espera da ordem do primeiro-ministro. No fim, o Exército russo e os anos de incessantes bombardeios incendiários mostraram-se suficientes para impor a capitulação incondicional.

O EMBAIXADOR CHINÊS, dr. Hu Shih, visitou o presidente Roosevelt em seu gabinete, no domingo, 7 de dezembro de 1941. Tendo recebido do médico as gotas matinais no nariz, Roosevelt leu em voz alta para Hu Shih a carta que tinha enviado ao imperador do Japão às nove horas da noite anterior. Vez por outra, enquanto Hu Shih escutava, o presidente interrompia a leitura para elogiar seu próprio trabalho. “Aqui eu o peguei; essa foi uma bela frase persuasiva”, dizia.

A carta ao imperador Hirohito falava pomposamente num longo período de paz ininterrupta e em novos desenvolvimentos com suas “trágicas possibilidades”. Terminava assim:

Neste momento, dirijo-me a Vossa Majestade esperando sinceramente que Vossa Majestade venha a pensar, como faço eu nesta emergência decisiva, em meios de despejar as nuvens sombrias. Estou convencido de que nós dois, pelo bem não só do povo dos nossos grandiosos países, mas pelo bem da humanidade nos territórios vizinhos, temos o sagrado dever de restaurar a amizade tradicional e evitar mais mortes e mais destruição no mundo.

Roosevelt fez uma pausa nesse ponto. “Ficou ótimo para o registro”, disse.

Quando o embaixador Hu Shih se despediu, o presidente abriu o envelope semanal de novidades filatélicas que o Departamento de Estado lhe enviava e se ocupou de sua coleção de selos.

PILOTOS JAPONESES partiram de seis porta-aviões e tomaram o rumo de Pearl Harbor, a base naval perto de Honolulu. Era o dia 7 de dezembro de 1941.

Suas bombas afundaram dezoito navios americanos e mataram mais de 2 mil pessoas. Um piloto japonês que foi derrubado levava consigo uma garrafa de uísque, fachs, bolachas, pó dental e uma folha de boa sorte feita à mão.

Na folha do piloto estavam desenhados navios americanos explodindo e afundando. Dizia em inglês: “Desgraçados! Vão para o inferno!”. E em japonês: “Ouçam a voz da danação! Abram os olhos, malucos cegos!”.

Também morreram dezenas de civis em Honolulu — atingidos por munição antiaérea norte-americana perdida.

DEPOIS DO JANTAR EM CHEQUERS, CHURCHILL se mostrou mal-humorado e sorumbático. Acompanhavam-no o guarda-costas, o secretário particular e dois americanos: Averell Harriman, o enviado de Roosevelt à Europa, e o embaixador dos Estados Unidos John Winant. Sawyers, o criado de Churchill, foi buscar um rádio portátil com tampa — presente de Harry Hopkins — para que todos escutassem o noticiário. Isso em 7 de dezembro de 1941.

Um locutor da BBC noticiou um ataque aéreo japonês. Harriman achou que tinha ouvido falar num raide em Pearl Harbor; o guarda-costas Thompson disse que não, que se tratava de um raide em Pearl River.

“Recuperando-se da letargia”, recordou Harriman posteriormente, “o primeiro-ministro fechou a tampa do rádio e se levantou.” Mandou o secretário telefonar para Roosevelt. “Senhor presidente, que história é essa do Japão?”, quis saber.

“Eles nos atacaram em Pearl Harbor”, respondeu Roosevelt. “Agora nós todos estamos no mesmo barco.” O embaixador Winant pegou o telefone; Churchill pensou tê-lo ouvido dizer algo como: “Isso simplifica as coisas”. Martin, o secretário, recordou: “A principal reação de Winant foi de euforia com a certeza de que, agora, os Estados Unidos estavam definitivamente na guerra”. Os dois americanos, observou Churchill, receberam a notícia “com um sangue-frio admirável. Aliás, chegaram a dar a impressão de que tinham se livrado de uma prolongada dor”.

Churchill começou a preparar uma viagem aos Estados Unidos.

JAMES ROOSEVELT entrou no gabinete do pai naquela tarde. O presidente parecia muito calmo. “Quando eu entrei, ele estava mexendo nuns selos de sua adorada coleção”, recordou o filho. Sem erguer a vista, o presidente disse: “É ruim, é muito ruim”.

O PASTOR E MILITANTE PACIFISTA HARRY FOSDICK estava em seu escritório, na torre da igreja Riverside, diante de um microfone. Ia iniciar seu programa religioso semanal na rádio NBC, o *National Vespers*. O coro acabava de cantar “O come, o come, Emmanuel”. Ainda era 7 de dezembro de 1941.

“O público desta rádio está cheio de gente que se sente como árvores numa ventania”, disse o reverendo Fosdick. “Hoje o vendaval é terrível.”

Um locutor o interrompeu para informar que o presidente Roosevelt convocara uma reunião do gabinete após o ataque no Havaí. A seguir, um jornalista falou ao vivo do telhado da rádio KGU, em Honolulu. “Não é brincadeira, é guerra mesmo”, disse. O locutor comunicou-se com a Sala de Imprensa da Casa Branca, onde o correspondente H. R. Baukhage informou que um poderoso navio tinha sido torpedeado a 2 mil quilômetros de San Francisco e que os submarinos japoneses estavam

“em atividade em nossas águas territoriais”.

Ainda na véspera, Baukhage dissera que tinha conversado com o enviado especial do Japão Saburo Kurusu e que este garantira que 90% dos japoneses eram em princípio contrários à guerra — mas que a maioria se dispunha a lutar contra a China, caso fosse necessário. Baukhage recordou que, dois anos antes, ele estava no centro radiofônico de Berlim transmitindo a notícia do ataque de Hitler à Polônia. “Devo dizer que lá reinava exatamente o mesmo sentimento, pelo menos no povo”, disse. “Aquilo foi um golpe terrível para a população em geral.”

O *National Vespers* retornou com “Break thou the bread of life”. Então Baukhage voltou para anunciar que Stephen Early, o porta-voz da Presidência, acabava de distribuir cópias da carta de Roosevelt ao imperador do Japão — aquela em que ele dizia esperar sinceramente que ainda houvesse meios de despejar as nuvens sombrias.

Baukhage leu ao microfone longos trechos da carta de Roosevelt, com voz suave e modulada. Parecia um sermão.

HENRY MORGENTHAU estava presente quando Frank Knox, secretário da Marinha, recebeu um relatório dos estragos em Pearl Harbor. “Knox sente uma coisa horrível”, escreveu Morgenthau em seu diário. “Eles estão com toda a frota no mesmo lugar — toda a frota se achava na pequena base de Pearl Harbor. Nunca poderão explicar isso.”

NAQUELA NOITE, EM WASHINGTON, EDGAR MOWRER não conseguiu dormir. Pensou: o homem naquele bar de Manila tinha razão! “E, se um membro da Maritime Commission sabia qual era o destino da frota japonesa, por que o presidente da República, por que Knox, Stimson e Hull, que esperavam a guerra, não o sabiam e não tomaram as devidas precauções?”

Então Mowrer compreendeu: “Só mesmo *um ataque direto podia levar os Estados Unidos a entrarem na guerra!* Aquela era a ‘tacada’ por que Churchill e T. V. Soong tanto esperavam”.

Os senhores da guerra japoneses, concluiu Mowrer, tinham salvado o mundo livre.

AVIÕES JAPONESES voaram até Clark Field, a base aérea norte-americana em Luzon, nas Filipinas. Os pilotos avistaram fileiras de aviões de caça e de B-17 Flying Fortress estacionados em terra. As bombas destruíram a metade deles. Foi no dia 8 de dezembro de 1941.

ELEANOR ROOSEVELT escreveu sua coluna de jornal intitulada “My Day”. “Enfim desfechou-se o golpe, e nós fomos atacados”, dizia. “Como a nossa nação sempre observou as normas da civilização, provavelmente tardaremos alguns dias a nos equiparar ao inimigo, mas ninguém neste país pode ter dúvidas quanto ao resultado final.” Isso em 8 de dezembro de 1941.

A POLÍCIA esteve em todos os restaurantes japoneses dos cinco distritos de Nova York. Foi em 8 de dezembro de 1941. Aguardou os clientes acabarem de comer e então escoltou empregados e proprietários até as respectivas moradias. O FBI começou a prender as pessoas que constavam de uma lista. Um dos detidos japoneses era funcionário de banco, dois importavam seda, um exportava pérolas e um era médico formado pela Universidade de Nova York em 1922. Ficou em prisão domiciliar, na Park Avenue, onde morava com a mulher e a filha. “É uma situação infeliz”, disse ele. Um agente especial do FBI declarou aos jornalistas: “Nós estamos em guerra e estabeleceu-se uma censura em Washington. Eu tenho instruções de não fazer comentários para a imprensa”.

No fim do dia, havia centenas de cidadãos japoneses detidos em todo o país, informou o procurador-geral Biddel, e se esperavam novas prisões. Biddle disse que os presos provavelmente seriam levados a duas bases abandonadas do Exército, onde o governo já confinava italianos e alemães: no forte Missoula, havia mil italianos; no forte Lincoln, na Dakota do Norte, trezentos alemães. “Estava ocorrendo uma grande caçada humana”, escreveu o *Los Angeles Times*.

WINSTON E CLEMENTINE CHURCHILL acorreram a uma reunião de emergência na Câmara dos Comuns. Isso em 8 de dezembro de 1941.

Chips Channon escutou o primeiro-ministro declarar guerra ao Japão, adiantando-se a Roosevelt, muito embora este lhe tivesse pedido que aguardasse. Enquanto Churchill falava, alguém cochichou a Channon como Churchill estava contente: “A Rússia salvou o governo em julho; agora o Japão vai fazer a mesma coisa”.

Churchill escreveu: “Saturado e saciado de emoção, fui para a cama e dormi o sono dos salvos e agradecidos”.

VESTINDO UMA CAPA E UMA BRAÇADEIRA PRETA, o presidente Roosevelt chegou ao Capitólio com Eleanor para discursar. Soldados do Exército e fuzileiros navais de baioneta calada custodiavam as entradas. O presidente exortou o Congresso a declarar guerra ao império japonês em reação à “agressão não provocada e covarde”. Havia sido perdidas muitas e muitas vidas, disse. No fim do discurso, ele sorriu e acenou. Foi no dia 8 de dezembro de 1941.

Antes que o plenário votasse, houve discursos denunciatórios e leitura de poemas patrióticos. “Os japoneses, ímpios assassinos do inferno que são, estão nos estrangulando”, disse o congressista Homer Angell, de Oregon. O Japão havia atacado feito uma serpente, disse o deputado John Gibson, da Georgia, e vai perecer: “Sim, perecer pela força e pelo poder do povo que ele agrediu tão injustamente”.

Enquanto isso, a deputada Jeannette Rankin, a pacifista de Montana, queria fazer uma declaração. “Senhor orador, eu peço um aparte”, disse. O orador Sam Rayburn ignorou-a. Ela insistiu: “Senhor orador, questão de ordem”. Continuou sendo ignorada. “Sente-se, irmã”, gritaram. Um parlamentar lhe disse: “Eles bombardearam Pearl Harbor mesmo”.

“Matar mais gente não adianta”, contrapôs Rankin.

Ao ouvir chamarem seu nome na lista de oradores, ela se levantou. “Sendo mulher, eu não posso ir à guerra”, disse, “e me recuso a mandar outrem em meu lugar.”

O único voto pelo não foi o dela, e recebeu apupos e vaia. No salão, alguns oficiais do Exército a insultaram. “Vocês estão bêbados!”, disse Rankin. E se refugiou na cabine telefônica.

Mais tarde, ela contou a um colega que os deputados a tinham pressionado para que a votação fosse unânime — no entanto, era justamente aquela insistência na uniformidade, aquela intolerância com a divergência, o que de mais errado havia nos partidários da guerra. Não, pensou Rankin, o meu voto é para a democracia.

NUMA CASA SENHORIAL à beira de um rio em Chelmno, nas cercanias de Lodz, na Polônia, soldados mandaram prisioneiros nus entrarem num furgão cinzento estacionado no fim de uma rampa. Então os soldados trancaram as portas e o motorista ligou o motor, que tinha sido modificado para que o gás de escape entrasse no espaço em que os presos estavam encerrados. “Em poucos minutos, os gritos e gemidos das pessoas foram cessando gradualmente”, contou posteriormente o motorista do furgão. Ele se dirigiu a uma vala na clareira de um bosque próximo. Quando lá chegou, os prisioneiros já estavam mortos.

Começava a funcionar a primeira fábrica de morte nazista. Isso em 8 de dezembro de 1941.

FREDA KIRCHWEY, editora do *Nation*, escreveu uma coluna pós-Pearl Harbor: “O apaziguamento rendeu frutos”, dizia. “O horror unificou os Estados Unidos. Hoje amamo-nos a nós e ao nosso país. Temos uma feliz sensação de união crescendo no coração; o ódio e o desprezo ao inimigo correm calidamente em nosso sangue.”

“A GUERRA se alastra pelo mundo afora”, escreveu Mihail Sebastian em Bucareste. “Tudo é mais grave, mais complexo e mais obscuro.” Foi no dia 8 de dezembro de 1941.

FREDERICK LIBBY, diretor do National Council for the Prevention of War, divulgou um anúncio. O grupo não tinha intenção de obstruir o esforço de guerra, disse, mas “continuará apoiando o método da negociação, a ser empregado no primeiro momento em que a negociação fosse viável”. Isso em 8 de dezembro de 1941.

REINHARD HEYDRICH se apressou para notificar os convidados à reunião de Wannsee — a que estava agendada para o dia 9 de dezembro para discutir a questão judaica. Havia sido adiada para janeiro.

EM NOVA YORK, 1 milhão de crianças e 40 mil professores saíram das escolas e tomaram as ruas. O alarme antiaéreo soava em toda a cidade. Era 9 de dezembro de 1941.

“Rápida e tranquilamente, as escolas do maior sistema educacional do mundo foram evacuadas em quinze minutos”, escreveu o *New York Times*. “Não se viu o menor sinal de pânico.” Mas as escolas paroquiais não tinham sido informadas do exercício. As freiras do colégio Church of the Lady of Pity foram perguntar a um policial na rua se se tratava mesmo de um ataque aéreo.

Um menino de oito anos disse a um colega que estavam chegando 1 milhão de aviões de Hitler. “Mas a polícia vai acabar com todos eles.”

EM VARSÓVIA, MARY BERG ouviu dizer que os alemães tinham percorrido o gueto de Lodz confiscando peles, roupas de baixo de inverno e agasalhos de lã. Varsóvia era a seguinte na lista, contaram.

Mas a entrada dos Estados Unidos na guerra infundira novas esperanças em seu gueto. “A maioria acredita que o conflito não vai durar muito agora que a vitória dos Aliados é certa”, escreveu ela. Nos portões, os guardas andavam macambúzios, e alguns eram menos insolentes. “Em outros”, observou, “o efeito foi exatamente o contrário, e eles estão mais intratáveis do que nunca.” Foi em 9 de dezembro de 1941.

EM LONDRES, CHIPS CHANNON dividiu uma de suas últimas garrafas de Krug 1920 com Averell Harriman, o “pálido e ilustre” emissário do presidente Roosevelt, a quem ele estava começando a conhecer. “Muito se falou numa possível invasão japonesa na Califórnia”, escreveu Channon. “Averell torce para que as cidades americanas sejam atacadas — assim o povo desperta. E criticou violentamente os isolacionistas.” Isso em 9 de dezembro de 1941.

WILLIAM ALLEN WHITE publicou um editorial em seu jornal, o *Gazette* de Emporia. Falava no voto de Jeannette Rankin na Câmara dos Deputados.

“O *Gazette* discorda frontalmente da lógica de sua posição”, escreveu White. “Mas, santo Deus, que atitude corajosa!” Segundo ele, cem parlamentares queriam votar pelo não. “Mas nenhum teve peito.” Foi no dia 10 de dezembro de 1941.

OS PESQUISADORES DA GEORGE GALLUP telefonaram para as pessoas perguntando: “A Força Aérea dos Estados Unidos deve bombardear cidades no Japão?”. Dos entrevistados, 67% responderam que sim. Alguns disseram que sim somente se o Japão bombardeasse os Estados Unidos primeiro. Alguns não sabiam. Os que se opunham totalmente formavam 10% — representando 12 milhões de

cidadãos.

Esses 12 milhões continuavam fiéis ao princípio fundamental de Franklin Roosevelt: ninguém devia ser punido pelos atos de outrem. Franklin D. Roosevelt não figurava entre eles. Isso em 10 de dezembro de 1941.

JOSEPH GOEBBELS recordou o grande pugilista alemão Max Schmeling. Este derrotara Joe Louis na primeira luta, mas, na segunda, cometera o erro de poupar forças e fora nocauteado no primeiro assalto. “Talvez os japoneses também tenham a oportunidade de golpear os americanos de forma tão letal nos primeiros ataques que os Estados Unidos fiquem significativamente debilitados e já não possam lançar contra-ataques sucessivos”, escreveu. Também era possível que os Estados Unidos parassem de dar tantos aviões à Inglaterra, pois precisariam deles para enfrentar o Japão.

Hitler estava mudado, observou Goebbels. “O Führer voltou a irradiar otimismo e confiança na vitória. Depois de digerir tantas notícias desagradáveis durante tantos dias, faz bem ter contato direto com ele.” Foi em 10 de dezembro de 1941.

LORDE HALIFAX escreveu a um amigo na Inglaterra. “Não é impressionante essa história dos japoneses?”, dizia a carta. “Eu apostava que eles não queimariam os navios. Não tão já.” Mas agora que o haviam feito, os Estados Unidos começariam a trabalhar muito mais, o que era bom: “Hoje o presidente me disse que vão entrar num ritmo de sete dias por semana e 24 horas por dia, e me mostrou um gráfico do efeito que eles pensam que isso vai ter na nossa produção”.

Os japas podiam causar “muito estrago” a curto prazo, previa Halifax, mas, no fim, veriam que tinham cometido um grande erro. “Aqueles porcos — tomara que eles se danem de cabo a rabo.”

UM MORADOR DE DETROIT escreveu uma carta anônima ao porta-voz de Roosevelt. “Gostei do discurso do presidente ontem à noite”, dizia, “mas continuo achando que ele tende a ser excessivamente idealista.” E continuava:

Às favas com os ideais enquanto nós não tivermos liquidado esses arruaceiros internacionais. Malhá-los até que comecem a pedir socorro. E acabar com eles outra vez. A única língua que esses ratos amarelos traiçoeiros entendem é a da FORÇA. É dar-lhes dez vezes o que eles nos deram. É devolvê-los ao lugar em que estavam quando nós os descobrimos.

A mesma carta também foi enviada a Hitler e “Muss”, dizia o autor. Isso em 10 de dezembro de 1941.

BOMBARDEIROS DE MERGULHO JAPONESES, oriundos de Saigon, afundaram o *Prince of Wales*, o navio em que Churchill viajara para se encontrar com Roosevelt e assinar a Carta do Atlântico. Metade da

tripulação morreu. Aconteceu no dia 10 de dezembro de 1941.

Ao atravessar Oxford Circus, Harold Nicolson leu um cartaz: AFUNDADOS O *PRINCE OF WALES* E O *REPULSE*. A esquina começou a girar. “Para o Beefsteak o mais depressa possível”, escreveu ele, “onde posso me reanimar com um bom cálice de xerez.” Foi em 10 de dezembro de 1941.

LORDE PORTAL fez uma sugestão a Churchill. O marechal do ar Richard Peirse, chefe do comando de bombardeio, não obtivera resultados satisfatórios. Não seria bom transferir Peirse para o Extremo Oriente, dentro de mais ou menos um mês, e colocar Arthur Harris em seu lugar? Isso em dezembro de 1941.

Winston Churchill concordou. Agora os líderes britânicos — Churchill, Portal e Bomber Harris — estavam prontos para as tempestades de fogo pangermânicas de 1942, 1943, 1944 e 1945.

VICTOR KLEMPERER foi à mercearia em Dresden. Tinha ouvido a voz de Hitler no rádio, mas não entendera o que dizia. “A Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos?”, perguntou ele ao vendeiro.

“Sei lá, eu estou ocupado aqui”, respondeu o homem.

Mais tarde, Klemperer leu o que Hitler dissera de Roosevelt: “Foi o judeu, em toda a sua satânica sordidez, que se agrupou em torno desse homem, mas também a quem ele procurou”. A linguagem do império “levada ao extremo do absurdo”, pensou Klemperer. Foi em 11 de dezembro de 1941.

OUTRA LEVA DE JUDEUS — homens, mulheres e crianças — foi transportada de trem de Krefeld a Düsseldorf, a uns 25 quilômetros de distância. Isso em 11 de dezembro de 1941.

Em Düsseldorf, o pessoal da Gestapo e da SS fez que eles atravessassem a cidade a pé, rumo a um matadouro. O local estava sendo usado como centro de deportação, pois ficava num lugar afastado e tinha rampas de carga e descarga — e talvez também por ser um matadouro. No dia seguinte, os judeus foram despachados para o gueto de Riga.

Em Riga, um oficial da SS chamado Friedrich Jeckeln executou as ordens de Himmler: “Foram todos fuzilados”, contou ele mais tarde a um interrogador, “num bosquezinho a três quilômetros da cidade, no lado esquerdo do caminho entre a rodovia e a estrada de ferro”.

O PRESIDENTE ROOSEVELT leu uma prova preliminar da “Washington Merry-Go-Round”, a divulgadíssima coluna de jornal de Drew Pearson e Robert S. Allen. Pearson e Allen diziam que Pearl Harbor tinha sido a “maior derrota naval da história desta nação”. Encolerizado, Roosevelt — que estava tratando de abafar todos os detalhes do desastre — mandou J. Edgar Hoover, chefe do FBI, entrar em contato com os colunistas e ameaçar o cancelamento de seus privilégios de jornalistas. Hoover esteve com Pearson e Allen, e os dois desistiram de publicar a coluna. Foi no dia 12 de dezembro de 1941.

GOEBBELS estava na Chancelaria do Reich ouvindo Hitler falar aos líderes do partido. Ele discorreu sobre a Rússia, Pearl Harbor e a guerra com os Estados Unidos. Depois mencionou os judeus. “No tocante à questão judaica, o Führer decidiu fazer uma limpeza geral”, escreveu Goebbels em seu diário. “Estamos em plena guerra mundial, e o aniquilamento dos judeus é a consequência necessária.” Isso em 12 de dezembro de 1941.

Os soldados alemães estavam se congelando na frente de batalha, e Goebbels mergulhou de cabeça na Campanha de Inverno. Em um discurso, pediu ao povo alemão que doasse:

Galochas, se possível forradas de pele; agasalhos de lã, meias, ceroulas, roupa íntima bem grossa, coletes ou pulôveres; cuecas e camisetas grossas, especialmente de lã, protetores de peito e pulmões; todo tipo de agasalho para a cabeça, orelheiras, munhequeiras, protetores de ouvido, capacetes de lã; peles em todos os sentidos da palavra, casacos e coletes de pele, todo tipo e tamanho de botas de pele; cobertores, especialmente cobertas de pele, luvas grossas e quentes, principalmente as de couro e forradas de pele, ou luvas de tricô, e mitenes de lã; em suma, tudo que for de lã é urgentemente necessário no front e será duplamente bem-vindo.

A guerra, disse Goebbels, decidiria a “existência ou a não existência da nação alemã”.

NA COMMUNITY CHURCH DE NOVA YORK, o pacifista e dramaturgo John Haynes Holmes fez seu primeiro sermão escrito depois de Pearl Harbor. “Mais importante do que qualquer ação dos Estados Unidos na defesa de seus interesses nacionais é sua reação imediata de retaliação, vingança, castigo e morte contra o inimigo”, disse. “De tanto mal não pode vir nenhum bem, mas tão somente desastre e uma maldição incomensurável.” Ele invocou a descrição de Santo Agostinho de uma vitória romana, na qual o conquistador se igualou ao conquistado. “O precioso tesouro da nossa civilização”, disse, “está prestes a ser varrido.” Foi no dia 14 de dezembro de 1941.

MIHAIL SEBASTIAN soube que o navio de refugiados *Struma* havia chegado a Istambul. “Essa gente ainda tem toda a vida pela frente”, escreveu ele em 15 de dezembro de 1941.

Mas, na verdade, aquela gente não tinha nada pela frente. O governo britânico não deixou a embarcação seguir viagem até a Palestina, e o governo turco não autorizou o desembarque de nenhum passageiro. Dois meses depois, os turcos rebocaram o navio até o mar Negro, onde um torpedo russo o afundou. Sobreviveu um passageiro.

HANS FRANK, governador-geral da Polônia, informou, em conversa com os subordinados, que em Berlim haveria uma reunião importante sobre os judeus. “Uma grande migração está para começar”: os judeus da Alemanha seriam mandados para o leste. Mas quando fossem mandados para o leste — quando chegassem ao território de Hans Frank —, o que aconteceria?

Os judeus eram comilões perniciosos, disse ele — e, se se incluíssem os de raça mestiça, já havia meio milhão deles morando no Governo Geral. “Nós não podemos fuzilar nem envenenar esses 3,5 milhões de judeus, mas mesmo assim precisamos tomar medidas que, de algum modo, levem a seu aniquilamento”, explicou Frank. “O Governo Geral tem que se livrar dos judeus, assim como o Reich.” Foi no dia 16 de dezembro de 1941.

O BOTÂNICO EZRA KRAUS, da Universidade de Chicago, teve uma ideia para ganhar a guerra com o Japão. Isso em 18 de dezembro de 1941.

A pulverização dos arrozais com níveis tóxicos de hormônios de crescimento, pensou ele, “seria um modo viável e relativamente simples de destruir as plantações de arroz, a base da alimentação dos japoneses”.

O trabalho de Kraus levou-o a testar dois hormônios sintéticos — o 2,4-D e o 2,4,5-T — componentes de um desfolhante que, posteriormente, ficaria conhecido como “agente laranja”.

ADOLF HITLER exonerou o general Brauchitsch em 19 de dezembro de 1941. Já haviam se entrematado 800 mil alemães e milhões de russos, e, mesmo assim, Moscou ainda não caíra. “Portanto, nestas circunstâncias, hoje eu decidi assumir pessoalmente o comando do Exército em minha competência de comandante supremo das Forças Armadas alemãs”, disse.

CLEMENTINE CHURCHILL escreveu ao marido. Sua campanha de arrecadação de fundos ia bem, disse — e, em Londres, aonde quer que ela fosse, as pessoas eram boas e simpáticas e perguntavam muito por ele, especialmente os mais velhos. “Bem, meu querido Winston”, prosseguiu ela, “que Deus o proteja e o inspire a fazer bons planos com o presidente. O mundo atual é horrível: a Europa atropelada pelos porcos nazistas e o Extremo Oriente, pelos piolhos amarelos japoneses.” Isso em 19 de dezembro de 1941.

O *BOMBAY CHRONICLE* quis saber o que Mohandas Gandhi achava do fato de os Estados Unidos terem entrado na guerra. Foi em 20 de dezembro de 1941.

“Não vejo com bons olhos a participação dos Estados Unidos”, respondeu ele. “Com sua vastidão territorial, sua energia assombrosa, seu status financeiro inigualável e com o caráter diversificado de seu povo, eles eram o único país capaz de salvar o mundo da carnificina inconcebível que está ocorrendo.” Agora, prosseguiu Gandhi, não restava nenhuma nação poderosa que pudesse mediar e possibilitar a paz que todos os povos procuravam. “É um estranho fenômeno a paralisação da vontade humana pelo efeito insidioso da febre guerreira.”

CHURCHILL escreveu para os chefes de estado-maior um ofício acerca da futura condução da guerra. “A queima das cidades japonesas com bombas incendiárias persuadirá o povo japonês, da maneira mais efetiva, dos perigos do rumo que ele resolveu tomar”, dizia. Isso em 20 de dezembro de 1941.

A REVISTA *LIFE* publicou um artigo ensinando a distinguir o japonês do chinês. Foi em 22 de dezembro de 1941.

Os chineses tinham o nariz bem-feito e a pele amarelo-pergaminho; eram relativamente altos e de constituição esbelta, dizia a matéria. Já os japoneses tinham nariz chato e constituição atarracada, o que denunciava sua ancestralidade aborígine. “O japonês moderno descende dos mongoloides que invadiram o arquipélago japonês nas brumas da pré-história e dos aborígines que habitaram as ilhas antes deles”, esclarecia a *Life*. Ilustrando o artigo, vinha a fotografia do primeiro-ministro japonês Hideki Tojo.

NO GUETO DE LODZ, os ciganos começaram a ser levados de caminhão para Chelmno, o novo campo de extermínio. Lá eles foram mortos com gás de escape e enterrados. Isso pouco antes do Natal de 1941.

AVIÕES SOVIÉTICOS jogaram cartões de Natal para as tropas alemãs na frente de batalha. Foi no dia 24 de dezembro de 1941.

Um deles reproduzia fotografias de familiares de soldados alemães mortos. E dizia: “Para esta mulher não há feliz Natal. Este menino não tem o colo do papai. Ela é viúva. Ele, órfão”. Outro cartão mostrava uma paisagem hibernal com uma infinidade de cruces de madeira fincadas no chão, cada qual com um capacete alemão em cima; no alto, planavam os abutres. Dizia: “Espaço vital no Leste”.

ADAM CZERNIAKOW estava doente, com febre, vomitando. Isso em 24 de dezembro de 1941.

Czerniakow recebera uma ordem. “Devemos entregar todas as peles — tanto de homem quanto de mulher. Eu serei pessoalmente responsável.” Ele tinha até o dia 28 de dezembro.

O PAPA leu sua mensagem de Natal no Vaticano. “Não há lugar para a opressão aberta ou velada das minorias nacionais”, dizia. “Que um raio de verdadeira sabedoria desça sobre os homens que governam os povos, divididos uns contra os outros neste momento.”

MIRIAM KORBER, deportada com a família para a região de Mogilev, na Ucrânia, escreveu em seu diário que estava fazendo muito frio. “Ontem à noite, começou a soprar o vento do norte”, dizia. “Entra no nosso quarto um verdadeiro vento do norte ucraniano, a ventania da estepe.” A lenha era caríssima, de modo que eles não tinham fogo durante o dia. “Conseguiremos sobreviver a estes tempos?”, indagava ela. “É o que todo mundo se pergunta, inclusive eu.” Foi no dia 26 de dezembro de 1941.

DAVID LILIENTHAL, diretor da Tennessee Valley Authority, escutou o discurso de Churchill perante uma sessão conjunta do Congresso dos Estados Unidos. O discurso era uma obra-prima, pensou Lilienthal, um dos melhores que ele já tinha ouvido, todo salpicado de aliterações e imagens e, a certa altura, avivado com “uma espécie de grunhido que lembrava o leão britânico”.

“Quando ele prometeu um severo castigo ao Japão”, escreveu Lilienthal em seu diário, “o plenário prorrompeu em gritos — a primeira manifestação de sanguinolência que ouvi nesta guerra.”

Depois Churchill foi passear no jardim da Casa Branca. Antes tivera algumas dúvidas quanto ao discurso, contou ao seu médico, lorde Moran, mas logo entendeu que estava corretíssimo. “Eu acertei na mosca o tempo todo”, disse.

Isso em 26 de dezembro de 1941.

FRANCES PARTRIDGE sintonizou a BBC. Ouviu falar em soldados alemães congelando-se e morrendo e também no último triunfo de Churchill nos Estados Unidos. Ao que ela escreveu em seu diário:

Ele está fazendo o “dever de casa” e se deleitando com as loas dos jornalistas americanos, sem sentir o menor constrangimento (é a única coisa que me ocorre) pelos tantos erros, morte e desastre pelos quais é responsável, vangloriando-se e fulminando ameaças, e dizendo com frases ribombantes o que vamos fazer com o inimigo em 1942, 1943, 1944 e 1945. Deus nos acuda!

HAVIA MONTANHAS DE PELES na sala de reuniões da Autoridade Comunitária do gueto de Varsóvia. “Todo o trabalho normal nos escritórios ficou paralisado”, escreveu Czerniakow. “Não há quem não esteja ocupado com a coleta de peles.” Era o dia 28 de dezembro de 1941.

Na manhã seguinte, o comissário Auerswald chegou zangado por não ter recebido um relatório discriminado. Czerniakow e a equipe começaram a fazer um inventário. Contaram 690 casacos de pele masculinos, 2541 casacos de pele femininos, 4441 forros de pele masculinos, 4020 forros de pele femininos, 1352 peles de raposa, 5118 aquecedores de mão de pele, 39556 cachecóis de pele, 7205 peles sortidas e 2201 casacos de carneiro, sendo que chegariam ainda mais.

Czerniakow também registrou 3438 casos de tifo em outubro e 2156 em novembro. No gueto, houvera dez vezes mais enterros do que no ano anterior.

DOROTHY DETZER escreveu uma carta às participantes da Women's International League for Peace and Freedom. O número de membros da liga vinha caindo desde Pearl Harbor, mas Detzer não se deixou afetar. “Na qualidade de pacifistas, nós nunca podemos abrir mão do nosso direito inalienável de afirmar e declarar que a guerra entre nações, classes ou raças é incapaz de solucionar permanentemente os conflitos ou curar as feridas que os suscitaram”, dizia. Foi em 28 de dezembro de 1941.

Em compensação, Albert Einstein passou a apoiar a guerra. “Nós temos de bater com força”, disse, “e deixar o arrombamento para os outros lados.”

O GENERAL MACARTHUR enumerou os tesouros culturais de Manila destruídos pelos aviões japoneses. As ações dos 63 bombardeiros do Japão “só podem ser consideradas cabalmente violadoras de todos os processos civilizados do direito internacional”, disse. “A bela igreja de São Domingos, com seus inestimáveis tesouros artísticos e veneradas relíquias, reduziu-se a um monte de entulho fumegante, diante do qual sacerdotes vestidos de preto se revezam para orar pelo povo.” Na ocasião adequada, acrescentou MacArthur, seriam tomadas “medidas retaliativas”.

Mas grande parte de Manila continuava intacta. Dali a três anos, durante a reconquista, bombas e morteiros americanos arrasariam a cidade.

O SENADOR ALBEN BARKLEY, líder da maioria parlamentar e antigo intervencionista, disse que o bombardeio de Manila pelo Japão tinha sido a coisa mais idiota imaginável: “Pensem em Tóquio, com dez vezes mais habitantes, quando chegar o inevitável dia da destruição, quando os nossos bombardeiros mergulharem sobre a cidade”. Isso em 29 de dezembro de 1941.

O senador Burton Wheeler, ex-isolacionista, concordou plenamente: “A ação dos japoneses só permite chegar a uma conclusão”, disse, “a de que eles são uma raça desumana e semicivilizada e, no futuro, não de ser tratados como tal”. A tragédia, acrescentou o senador Wheeler, era termos dado tantos aviões aos ingleses que ainda não podíamos bombardear Nagasaki, Yokohama e Tóquio.

O senador George W. Norris, de Nebraska, afirmou que as cidades japonesas estavam sujeitas ao tipo de ataque que as “apagaria da face da Terra”. E completou: “E é a isso que elas vão chegar”.

CHURCHILL discursou no Parlamento canadense, em Ottawa. Foi em 30 de dezembro de 1941.

A maré se voltara contra os hunos, disse Churchill aos canadenses. “Eles serão lançados na vala da morte e da vergonha”, prosseguiu, “e só quando a Terra estiver depurada e purgada de seus crimes e vilanias é que nós largaremos a tarefa que eles nos impuseram à força.”

O inimigo nos havia pedido guerra total, disse o primeiro-ministro. “Pois nós vamos providenciar para que a tenham.”

O presidente Roosevelt o escutou no rádio — achou o discurso simplesmente maravilhoso.

GANDHI pediu afastamento da Comissão de Trabalho do Congresso Nacional Indiano. Isso em 30 de dezembro de 1941.

“Preciso dar continuidade ao movimento de desobediência civil pela liberdade de expressão e contra todas as guerras, na companhia dos parlamentares que eu selecionei e que acreditam na não violência”, explicou. “Se há um país com uma mensagem para o mundo, que é vítima de uma violência talvez sem precedentes na história, esse país é a Índia.”

Com a saída de Gandhi da Comissão de Trabalho, os membros podiam apoiar a guerra da Inglaterra, coisa que alguns queriam fazer — na vã esperança de que, em troca, Churchill outorgasse a independência à Índia.

EM WASHINGTON, os chefes de estado-maior britânico e americano chegaram a um acordo para juntos ganharem a guerra. Foi no dia 31 de dezembro de 1941.

O documento de cinco páginas — A SER GUARDADO A SETE CHAVES — intitulava-se “Grande Estratégia Anglo-americana”. Revelava que os Aliados primeiro combateriam a Alemanha: “Uma vez derrotada a Alemanha, devem se seguir o colapso da Itália e a derrota do Japão”. Um ataque por terra não seria possível antes de 1943, decidiram os estrategistas dos dois países. Por ora, os Aliados construiriam armas dia e noite e exauririam a resistência da Alemanha. Bombas, fome, subversão e sabotagem para “fechar o cerco em torno da Alemanha” — essa era a grande estratégia dos Aliados.

ALGUNS SOLDADOS feridos no ataque a Pearl Harbor desembarcaram em San Francisco. Era a véspera do Ano-Novo de 1941. “Primeiro vieram os feridos que andavam”, notificou uma reportagem do *Chicago Tribune*, “apoiados em muletas ou com o braço na tipoia, descendo vagarosamente a rampa que saía do alto costado cinzento dos navios. Depois, os atendentes começaram a carregar os casos de padiola e a colocá-los na ambulância.” Uma vítima de queimadura tinha morrido no caminho. Um marinheiro paralisado, entrevistado pela revista *Time*, disse: “Antes disso, nós não queríamos combater ninguém. Mas agora a única coisa que queremos é sarar para meter chumbo naqueles bastardos”.

CHRISTOPHER ISHERWOOD passou a véspera do Ano-Novo em Haverford, Pennsylvania, numa festa organizada pelo refugiado Carl Furtmueller, um ex-inspetor escolar vienense. “O grupo estava muito unido”, escreveu Isherwood. “Esse foi o nosso melhor período.”

O GENERAL HIDEKO TOJO, primeiro-ministro do Japão, leu uma mensagem de Ano-Novo: “A guerra está apenas começando”.

O generalíssimo Chiang Kai-shek também leu uma mensagem de Ano-Novo: “Eu creio que, ao chegarem a certo estágio, os Aliados terão condições de infligir um castigo esmagador ao inimigo, por mar e por ar, como a preliminar da derrota decisiva de suas forças em terra”.

E Hitler também leu uma mensagem de Ano-Novo. “O primeiro ano da luta titânica contra o bolchevismo judaico acaba de chegar ao fim, e o segundo está prestes a se iniciar”, disse. “Quem lutar pela vida do seu povo, pelo pão de cada dia e pelo futuro alcançará a vitória, mas quem for movido pelo ódio judaico e procurar, nesta guerra, aniquilar todos os povos será destruído.”

O presidente Roosevelt exortou à oração.

UM HOMEM estava vendendo cornetas na rua Clark, em Chicago, na véspera do Ano-Novo de 1941. As pessoas as compraram e tocaram até perceber que nas cornetas estava escrito MADE IN JAPAN. “Quando o público descobriu a proveniência da mercadoria”, noticiou o *Chicago Tribune*, “pisotearam-na e obrigaram o vendedor a fugir.”

Na passagem do ano, as fornalhas das forjas e as fábricas de armamento “ficaram inundadas de luz”, informou o repórter do *Tribune*. “À meia-noite, os apitos das fábricas tocaram e os operários pararam o tempo suficiente para aplaudir. E logo retomaram o trabalho.”

À MEIA-NOITE, na virada de ano, no trem de Ottawa a Washington, o primeiro-ministro Winston Churchill, vestindo seu macacão cheio de zíperes, reuniu jornalistas e políticos de roupão no vagão-restaurant e brindou. A fotógrafa Jackie Martin olhou para ele com reverência e ternura. “Este é o homem cuja coragem, cuja força de vontade, cuja fé em Deus e nos ingleses salvaram o mundo civilizado”, pensou ela. “Este é o homem.”

Churchill disse:

Um brinde a 1942:

Um ano de muito trabalho,

Um ano de luta,

Um ano de perigo,

Mas um grande passo rumo à vitória.

Os jornalistas aplaudiram, e Churchill deu uma tragada no charuto. De mãos dadas com sir Charles Portal, comandante da Royal Air Force, ele começou a cantar “Auld lang syne”. Os repórteres cantaram “For he’s a jolly good fellow”, e Churchill fez o “V” da vitória, e todos no vagão o imitaram.

“Que todos cheguemos ao fim ilesos e com honra”, disse Churchill. E saiu do vagão-restaurant.

NÃO CAIU NENHUMA BOMBA na Inglaterra nem na Alemanha na última noite do ano. Os britânicos bombardearam La Pallice, um porto francês em que havia submarinos ancorados.

STEFAN ZWEIG escreveu uma carta de ano-bom ao amigo Victor Wittkowski. Agora Zweig morava em Petrópolis, no Brasil. A extensão da guerra no Pacífico, dizia, era a maior catástrofe da história. “Quando eu leio que para nós, em 1941, a vitória é prometida para 1943 ou 1944, a mão que segura o jornal treme de pavor.” Dois meses depois, ele e a esposa tomaram veneno.

VICTOR KLEMPERER comemorou a passagem do ano na Judenhaus, em Dresden. Teve chá e bolo, depois vermute e ponche. “Eu fiz um discursinho sério, tão sério que, quando nós brindamos, minha mão estava trêmula”, escreveu. Aquele tinha sido o ano mais pavoroso para eles, disse — o mais pavoroso de todos pelo que tantos outros estavam sofrendo. Mas concluiu com otimismo. “Minha exortação foi: cabeça erguida, pois a dificuldade dura cinco minutos!”

MIHAIL SEBASTIAN escreveu algumas linhas de fim de ano em seu diário. “Trago dentro de mim os terríveis 364 dias do ano atroz que termina esta noite”, dizia. “Mas nós estamos vivos. Ainda podemos esperar alguma coisa. Ainda há tempo; ainda nos resta algum tempo.”

Posfácio

Este livro termina no dia 31 de dezembro de 1941. A maioria das pessoas que morreram na Segunda Guerra Mundial ainda vivia naquele momento.

O que é uma “guerra boa”? Acaso empreendê-la ajudou quem precisava de ajuda? Essas eram as perguntas fundamentais que eu esperava responder quando comecei a escrever. Consultei artigos de jornal, diários, cartas, memórias e declarações públicas, tudo ligado, na medida do possível, a uma data específica, pois isso, mais do que as fontes secundárias, auxiliou-me a entender o fluxo dos fatos. Mas nem por isso deixei de usar fontes secundárias. E muitas. Todos os textos foram publicados e, de um ou de outro modo, são acessíveis ao público, e todos estão em inglês.

É provável que o *New York Times* seja a mais rica fonte referente à história dos anos de guerra e da época imediatamente anterior ao conflito — muito mais do que os jornais britânicos, que funcionavam sob rigorosa censura. As transmissões radiofônicas, as notas oficiais à imprensa, os textos dos panfletos lançados pelos aviões, as notícias estrangeiras traduzidas e os trechos não editados de depoimentos no Congresso, tudo se acha no *New York Times*, assim como o bom jornalismo. O *Herald Tribune* de Nova York é outra fonte de especificidade. (Aliás, o que me despertou interesse pela Segunda Guerra Mundial, há alguns anos, foi abrir um volume encadernado do *Herald Tribune*. Ao ler as manchetes dos bombardeios em Berlim e Tóquio, eu me perguntei como tínhamos chegado a tanto.) Os muitos livros de Martin Gilbert — especificamente o seu fascinante e impecável *Churchill War Papers* [Documentos de guerra de Churchill] — foram providenciais na elaboração deste trabalho.

Agradeço aos bibliotecários da Universidade de New Hampshire, que para mim fisgaram coisas nos lugares mais remotos. Os meus editores — Sarah Hochman, David Rosenthal e Timothy Mennel — e a minha agente Melanie Jackson apresentaram questionamentos e sugestões importantíssimos. A minha querida esposa plasmou e editou o livro; aos meus queridos filhos e pais, devo conselhos, esperança e acertados retoques.

O título provém de Franz Halder, um dos generais recalcitrantes, mas complacentes de Hitler. Halder contou a um interrogador que, no fim da guerra, quando estava preso em um campo de concentração, viu flocos de fumaça entrarem em sua cela. Fumaça humana — assim a chamou.

Dedico este livro à memória de Clarence Pickett e outros pacifistas americanos e britânicos. Eles

nunca foram reconhecidos. Tentaram salvar os refugiados judeus, abastecer a Europa de víveres, reconciliar os Estados Unidos com o Japão e impedir o advento da guerra. Fracassaram, mas estavam cobertos de razão.

Notas

NYT = *The New York Times*.

- “as minhas fábricas”: Bertha von Suttner, *The Records of an Eventful Life*, p. 437.
- “todos se puseram a vaiar”: Stefan Zweig, *The World of Yesterday*, pp. 210-11.
- “O bloqueio britânico”: Winston Churchill, *The World Crisis, 1911-1918*, ed. Martin Gilbert, p. 686.
- “Dei com uma fileira”: Zweig, *World of Yesterday*, p. 249.
- “Eu reconheci”: id., *ibid.*, p. 252.
- “Eu me debrucei na balaustrada da galeria”: “Suffrage Leaders Pardon Miss Rankin”, *NYT*, 7 de abril de 1917.
- “Eu quero ser leal”, “Eu senti” e “otária do Kaiser”: Hannah Josephson, *Jeannette Rankin*, pp. 76, 78, 77.
- “Agora a guerra é jogar”: Harry Emerson Fosdick, *The Challenge of the Present Crisis*, p. 62.
- “O seu país precisa de você”: id., *ibid.*, p. 99.
- “Em termos de guerra”: “President Signs Declaration of War”, *NYT*, 8 de dezembro de 1917.
- “Eu tive de ir”: Joseph P. Lash, *Eleanor and Franklin*, p. 214; Jan Pottker, *Sara and Eleanor*, p. 161.
- “O imperador está cercado”: “Says Pessimists Cow the Kaiser”, *NYT*, 4 de novembro de 1918.
- “Estamos impondo o bloqueio”: Suda Lorena Bane e Ralph Haswell Lutz, Eds., *The Blockade of Germany after the Armistice, 1918-1919*, p. 720.
- “Esse movimento judaico”: Winston Churchill, “Zionism versus Bolshevism”, *Illustrated Sunday Herald*, 8 de fevereiro de 1920, apud Gisela C. Lebzelter, *Political Anti-Semitism in England, 1918-1939*, p. 19.
- “O jihad vem sendo pregado”: Aylmer L. Haldane, *The Insurrection in Mesopotamia*, p. 214.
- “O gabinete decidiu”: id., *ibid.*, p. 215.
- “Acho que o senhor certamente”: Martin Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 4, vol. anexo 2, p. 1.190.
- “um terror intenso”: id., *ibid.*, vol. anexo 1, p. 649.
- “granadas de gás”: David Omissi, “Baghdad and the British Bombers”, *The Guardian*, 19 de janeiro de 1991.
- “É impossível”: Haldane, *Insurrection*, p. 331.
- “grupos separados”: id., *ibid.*, pp. 341-42.
- “Nesses meses difíceis”: id., *ibid.*, pp. 229-30.
- “O ataque com bombas”: James S. Corum, “The Myth of Air Control”.
- “Decidiu-se”: Frank Freidel, *Franklin D. Roosevelt*, p. 296.
- “Gandhi está treinando”: “Gandhi as World Savior”, *NYT*, 13 de março de 1922.
- “Eu estou empenhado em mostrar”: Homer A. Jack, ed., *The Gandhi Reader*, p. 205.
- “Se a guerra tivesse durado”: Winston Churchill, *Winston S. Churchill: His Complete Speeches*, p. 3267.
- “Agora começou o verdadeiro sabá”: Zweig, *World of Yesterday*, pp. 311-14.
- “Os franceses, num duelo de bombardeios”: Charles Webster e Noble Frankland, *The Strategic Air Offensive Against Germany*, vol. 4, p. 66.
- “ultrassegredo”: “Britain Denounces Soviet Propaganda in Note to Moscow”, *NYT*, 25 de outubro de 1924.
- “o grande aliado de Churchill”: Gill Bennett, *Churchill's Man of Mystery*, p. 80.
- “falsificação grosseira”: “Red Plot Confuses British Government”, *NYT*, 26 de outubro de 1924.
- “maquinação tosca”: “Soviet Repudiates Propaganda Letter”, *NYT*, 27 de outubro de 1924.
- “embuste”: “Red Plot Confuses British Government”, *NYT*, 26 de outubro de 1924.
- “cilada maligna”: “London Still Mystified”, *NYT*, 27 de outubro de 1924.
- “Como o comitê conservador”: “Macdonald Explains Action in Red Plot, Believes It Genuine”, *NYT*, 28 de outubro de 1924.
- “Todos vocês conhecem”: Churchill, *Complete Speeches*, vol. 4, p. 3498.
- “de todas as raças sob o sol”: Robert Rhodes James, “The Politician”, in A. I. P. Taylor et al., *Churchill Revised*, p. 99.
- “costurado dentro de um saco”: David Marquand, *Ramsey MacDonald*, p. 387.
- “Eu passava muito tempo acordado”: Viktor Reiman, *Goebbels*, p. 25.
- “Quem é esse homem?”: Anthony Read, *Devil's Disciples*, p. 144.
- “Ele se levanta de um salto”: Joachim Fest, *The Face of the Third Reich*, p. 85.
- “Hitler está presente”: id., *ibid.*

“*Eu dou tudo que tenho*”: Reimann, *Goebbels*, p. 56.

“*Adolf Hitler — eu te adoro*”: Fest, *Face of the Third Reich*, p. 89.

sermão na catedral: Robert Moats Miller, *Harry Emerson Fosdick*, p. 180.

“*Eu detesto a guerra*”: id., *ibid.*, pp. 497-98.

150 toneladas: Peter W. Gray, “The Myths of Air Control and the Realities of Imperial Policing”, citando David E. Omissi, *Air Power and Colonial Control*, p. 48.

“*Fiquei encantado*”: Churchill, *Complete Speeches*, vol. 4, pp. 4125-26.

“*O ‘vilarejo’*”: “32 Planes to Circle Britain for 2 days”, *NYT*, 12 de junho de 1927.

“*Chick, chick*”: “Airplanes Will Dance to Tunes of Radio”, *NYT*, 26 de junho de 1927.

“*carne dilacerada*”: “Bombs”, *Time*, 27 de fevereiro de 1928.

feriu a coxa do piloto: David Killingray, “A Swift Agent of Government”, p. 437.

“*Não mais que duzentos nueres*”: Omissi, *Air Power*, p. 153.

março de 1929: P. W. Wilson, “Mr. Churchill Plays With Fire” (resenha), *NYT*, 17 de março de 1929.

“*Nações inteiras*”: Churchill, *The Aftermath*, p. 481.

“*-19 incrível malignidade*”: id., *ibid.*, p. 482.

“*A morte estava*”: id., *ibid.*, p. 483.

“*Eu gosto que as coisas aconteçam*”: Christopher Hassall, *A Biography of Edward Marsh*, p. 565, apud James, “The Politician”, in Taylor, *Churchill Revised*, p. 95.

honorários de palestrante: Martin Gilbert, *Churchill and America*, p. 120.

“*fontes de informação profundas*”: Mary Soames, ed., *Winston and Clementine*, p. 345.

“*Vocês são os amigos*”: “Amity With Britain Urged by Churchill”, *NYT*, 26 de outubro de 1929.

“*Sempre ouvi dizer*”: Frederick, conde de Birkenhead, *Halifax*, p. 282.

“*varreram*”: “Poetess Set to Lead Indians in Salt Raid”, *NYT*, 15 de maio de 1930. Ver também “Benn Reassures Commons on India”, *NYT*, 13 de maio de 1930; “Sholapur Reported in Rioters Hands”, *NYT*, 13 de maio de 1930; “Bomb Injures Nine in Clash in India”, *NYT*, 20 de maio de 1930.

“*As palavras são bonitas*”: H. James Burgwyn, *Italian Foreign Policy in the Interwar Period, 1918-1940*, p. 59.

“*Sua exibição continuada*”: Kirby Page, *National Defense*, p. 230.

“*Castigados por uma chuva diária de bombas*”: “Afridis in Full Flight Before British Planes”, *NYT*, 18 de agosto de 1930.

Em um editorial: “Afridis Repulsed Again at Peshawar”, *NYT*, 11 de agosto de 1930.

“*Não há motivo*”: “Fascists Walk Out of Berlin Council”, *NYT*, 19 de setembro de 1930.

“*janota salafrário*”: F. T. Birchall, “The Man Who Inflames the Nazi Crowds”, *NYT Magazine*, 22 de abril de 1934.

“*uma obra sórdida*”: Reimann, *Goebbels*, p. 127.

“*Diversos proprietários*”: “Fascist Youth Riot As ‘All Quiet’ Runs”, *NYT*, 9 de dezembro de 1930, p. 17.

“*Nenhum deles passava dos*”: Hilton Tims, *Erich Maria Remarque: The Last Romantic*, p. 72.

“*A verdade é que*”: Churchill, *Complete Speeches*, vol. 5, p. 4938.

“*Caro amigo*”: Mohandas Gandhi, *Collected Works of Mahatma Gandhi*, vol. 51, p. 130.

“*fraca, insensata*”: Churchill, *Complete Speeches*, vol. 5, p. 4985.

“*Se apenas 2%*”: “Einstein Advocates Resitance to War”, *NYT*, 15 de dezembro de 1930.

“*perturbação mental*”: Richard Breitling, *Secret Conversations with Hitler*, pp. 17 ss.

RICHARD BREITLING *voltou*: id., *ibid.*, pp. 47 ss.

“*O ar quente que subisse*”: Willy Ley, *Bombs and Bombing*, pp. 43-44.

“*Abaixo a Judeia!*”: “Hitler Bids ‘Nazis’ Shun Violent Steps”, *NYT*, 3 de dezembro de 1931.

Churchill, mas este se negou a recebê-lo: Louis Fischer, *The Life of Mahatma Gandhi*, p. 31.

cerimônia nazista no Palácio de Esportes: Lilian T. Mowrer, *Journalist’s Wife*, pp. 260-65.

“*Às onze horas da noite*”: Hallett Abend, *My Life in China, 1926-1941*, p. 187.

fábrica de toalhas: “Japanese Threaten Chinese in Shanghai”, *NYT*, 22 de janeiro de 1932; ver também “Japanese Set Fire to Shanghai Mills”, *NYT*, 20 de janeiro de 1932.

medidas drásticas: “Japanese Threaten Chinese in Shanghai”, *NYT*, 22 de janeiro de 1932; “Japan Ready to Act at Shanghai Today if the Chinese Balk”, *NYT*, 25 de janeiro de 1932.

dois destróieres norte-americanos: “Joint Action Considered”, *NYT*, 28 de janeiro de 1932.

fuzileiros navais haviam desfilado: “President Reveals All Notes on China”, *NYT*, 28 de janeiro de 1932 (ver fotografia).

policiais britânicos: Hallett Abend, “Japanese Checked in Taking Shanghai”, *NYT*, 29 de janeiro de 1932. Em *My Life in China*, Abend omite os policiais britânicos (p. 190).

arrastando-se com uma metralhadora: Abend, *My Life in China*, p. 190.

“*Apague os faróis, seu maluco!*”: id., *ibid.*

“*Os bastardinhos amarelos*”: id., *ibid.*, p. 191.

“*Aviões semeiam terror*”: “Foreign Zone is Shelled”, *NYT*, 30 de janeiro de 1932.

“*Crianças feridas*”: “Thousands Flee Japanese Terror in Chapei; Wounded Children Lie All Night in Streets”, *NYT*, 31 de janeiro de 1932.

“*Vejo que os jornais americanos*”: Abend, *My Life in China*, p. 193.

GEORGE WESTERVELT: William M. Leary Jr., “Wings for China: The Jouett Mission, 1932-35”.

“Essas aeronaves podem”: id., *ibid.*

“A presença”: *Foreign Relations of the United States, 1932*, vol. 3, pp. 582-83. Ver também Leary, “Wings for China”.

“O cardeal escreve”: Edgar Ansel Mowrer, *Triumph and Turmoil*, p. 209.

“Somente a guerra leva”: Strang, *On the Fiery March*, p. 122.

88 cadetes chineses: William M. Leary, “Wings for China”.

“Depois do jantar”: Mowrer, *Triumph and Turmoil*, p. 213.

Hans ou Heinrich Arnhold: Gerald Feldman, “Two German Businessmen”, p. 16.

“quarenta por judeu”: “Hitler Ridiculed as a Writing Man”, *NYT*, 9 de fevereiro de 1933.

“Creio que tinham a intenção”: “Terror in Germany Amazes Novelist”, *NYT*, 21 de março de 1933.

“Você está louco?”: Alan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny*, p. 263.

“Goering soltou”: Zweig, *World of Yesterday*, p. 364.

“pura invenção”: “Jews in Reich Deny Atrocities by Nazis”, *NYT*, 25 de março de 1933.

McDonald contou a Hanfstaengel: James G. McDonald, “Hitler Foretold Slaughter” (carta), *NYT*, 17 de julho de 1944.

pelo bem loiro nas axilas: Mowrer, *Journalist’s Wife*, p. 299.

“Os nossos inimigos serão”: id., *ibid.*, p. 285.

“os vendedores não tinham o que fazer”: id., *ibid.*, p. 289.

“Ele pretende excluir”: Edgar B. Nixon, ed., *Franklin D. Roosevelt and Foreign Affairs*, vol. 1, pp. 172-73.

“Quanto aos judeus”: id., *ibid.*, pp. 174-76.

“A era do extremo”: Louis P. Lochner, introdução a Joseph Goebbels, *The Goebbels Diaries, 1942-1943*, p. 18.

“os livros de Lion Feuchtwanger”: “Nazi Book-Burning Fails to Stir Berlin”, *NYT*, 11 de maio de 1933; “Nazi Fires to Get 160 Writers Books”, 6 de maio de 1933.

“antialeão”: “Nazi Book-Burning”, *NYT*, 11 de maio de 1933.

“o mais vaiado”: Mowrer, *Journalist’s Wife*, p. 291.

“violentamente criticados”: Zweig, *World of Yesterday*, p. 366.

“veneno que escorre”: “Nazi Book-Burning”, *NYT*, 11 de maio de 1933.

“Iluminado por essas chamas”: Lochner, *in Goebbels Diaries, 1942-1943*, p. 18.

“Nós reconhecemos”: “1,200 Clergymen Sign Nazi Protest”, *NYT*, 26 de maio de 1933.

Ocuparam mais de uma página: “List of Christian Churchmen Who Signed Protest on Hitlerism”, *NYT*, 26 de maio de 1933.

“numa coisa tão bárbara”: “Churchmen Score Reich Hysteria”, *NYT*, 27 de outubro de 1933.

“Nós não vamos permitir” e “Propôs renunciar à presidência”: Mowrer, *Journalist’s Wife*, p. 303.

“Pense no amor que eles têm”: id., *ibid.*, p. 305.

“Em parte alguma eu tive”: id., *ibid.*, p. 309.

“insulto à inteligência”: “Cruelty of Nazis to Jews Asserted”, *NYT*, 11 de julho de 1933.

HITLER NOMEOU JULIUS STREICHER: Martin Gilbert, *The Holocaust*, p. 40.

“Eles foram obrigados”: “Nuremberg Jews Brutally Treated”, *NYT*, 31 de julho de 1933.

tiveram de “aparar a grama”: Gilbert, *The Holocaust*, p. 40.

“nós vendemos 24”: “Greater Shanghai”, *Time*, 24 de julho de 1933.

Ernst Udet: Murray Rubenstein e Richard M. Goldman, *To Join with the Eagles*, pp. 124, 125.

demonstrações aéreas norte-americanas: “63 Fliers to Start Coast Derby Today”, *NYT*, 23 de agosto de 1931.

Udet gostou: Cajus Bekker, *The Luftwaffe War Diaries*, p. 39; Rubenstein e Goldman, *To Join with the Eagles*, p. 125.

“Eu me ofereci”: “Nazis Use Penalty of Medieval Days”, *NYT*, 19 de agosto de 1933.

declarada mentalmente enferma: “Nazi Victim Deranged”, *NYT*, 4 de setembro de 1933.

comiam ratos: “Famine in Russia Held Equal of 1921”, *NYT*, 25 de agosto de 1933.

“Nós estamos morrendo”: “Visitors Describe Famine in Ukraine”, *NYT*, 29 de agosto de 1933.

“Eu sei que houve”: “Lloyd George Warns on ‘Bullying’ Reich”, *NYT*, 23 de setembro de 1933.

em Buffalo: Bekker, *The Luftwaffe War Diaries*, p. 39.

“É gás”: Frederick Birchall, “Reich is Thinking of War Despite Its Talks of Peace”, *NYT*, 8 de outubro de 1933.

demonstração aérea: “Bomb Feat Thrills Air Show Throng”, *NYT*, 8 de outubro de 1933.

“Frases isoladas”: “Reich Bans Book Advocating War”, *NYT*, 21 de outubro de 1933.

“A cabeça do condenado”: *Time*, 22 de janeiro de 1934.

“Qualquer um que pense”: “‘War Utter Futility’, Says Mrs. Roosevelt”, *NYT*, 18 de janeiro de 1934.

“Os pregadores esquerdistas”: “Peace Efforts Hit by Naval Officer”, *NYT*, 26 de janeiro de 1934.

“Talvez Hitler não estivesse”: F. W. Winterbotham, *The Nazi Connection*, pp. 49-50, 53, 54, 57.

“Enquanto vocês não acatarem”: Denis Richards, *Portal of Hungerford*, pp. 108-110.

best-seller: “H. C. Engelbrecht Stricken on Train”, *NYT*, 10 de outubro de 1939.

“A indústria bélica não conhece”: “Peace Hope Voiced Amid War Threats”, *NYT*, 15 de abril de 1934.

Schneider: H. C. Engelbrecht, “The Problem of the Munitions Industry”.

Vickers: id., *ibid.*

“a fim de averiguar o que”: Clarence E. Pickett, *For More than Bread*, p. 93.

“O rabino Leo Baeck em Berlim disse”: id., *ibid.*, pp. 99-100.

um documento: Francis R. Nicosia, “Zionism in National Socialist Jewish Policy in Germany, 1933-39”, *The Journal of Modern History*, dezembro de 1978.

“O objetivo da política judaica”: Francis R. Nicosia, “Zionism, Antisemitism, and the Origins of the Final Solution”, in Wolfgang Mieder e David Scrase, eds., *Reflections on the Holocaust*, p. 130.

“sem futuro”: id., *ibid.*, p. 129.

compridos e delgados: Callum MacDonald, *The Killing of SS Obergruppenführer Reinhard Heydrich*, p. 5.

centros de treinamento agrícola: Francis R. Nicosia, “Zionism in National Socialist Jewish Policy in Germany, 1933-39”.

32 navios de guerra: “Navy Has Been Strengthened and Army Has New Tasks”, *NYT*, 4 de março de 1934.

Visitou Pearl Harbor: “Roosevelt Tours Hawaii Naval Base”, *NYT*, 28 de julho de 1934.

“Essas forças sempre devem”: “Mr. Roosevelt’s Address”, *NYT*, 29 de julho de 1934.

“O presidente Roosevelt foi”: “Japanese General Finds Us ‘Insolent’”, *NYT*, 5 de agosto de 1934.

“O senhor aceita o axioma”: George Seldes, “The New Propaganda for War”, *Harper’s Magazine*, outubro de 1934.

“A boa estratégia exige”: Tami Davis Biddle, *Rhetoric and Reality in Air Warfare*, p. 195.

“As grandes populações urbanas”: Conrad C. Crane, *Bombs, Cities, and Civilians*, p. 21.

“Os reservatórios podem ser gaseados”: Biddle, *Rhetoric and Reality*, p. 350.

“Um estrategista militar consideraria”: “Reich to be Armed in Air with Mighty Fleet by 1936”, *NYT*, 11 de maio de 1934.

acordo de partilha de patente e virabrequins, cabeçotes: Thomas Etzold, “The (F)utility Factor”.

“As ilhas são ‘porta-aviões’”: “Japan is Opposed to Pacific Airline”, *NYT*, 15 de março de 1935; ver também “Washington Sticks to Pacific Air Plan”, *NYT*, 16 de março de 1935.

chá com o presidente Roosevelt no Salão Oval: Pickett, *For More than Bread*, pp. 392-93; ver também “Churches Oppose Open Door Force”, *NYT*, 18 de março de 1935.

“160”: “160 Ships to Begin War Games Friday”, *NYT*, 28 de abril de 1935.

iniciaram exercícios de guerra: id., *ibid.*, legenda.

“Desejamos comunicar”: “War Games Scored in Letter to Japan”, *NYT*, 3 de maio de 1935; ver também *Franklin D. Roosevelt and Foreign Affairs*, vol. 2, pp. 515-16.

“brandir uma espada”: “Swanson Retorts to Tokyo on Navy”, *NYT*, 16 de maio de 1935.

“Que pena”: “Navy Game Fears Arouse Standley”, *NYT*, 22 de maio de 1935.

quebrada por uma pedra: “Anti-Nazi Artist is Beaten in Raid”, *NYT*, 17 de maio de 1935.

Independent’s Show: “Institute Awards Arts Scholarships”, *NYT*, 18 de agosto de 1934.

Hitler expulsando Einstein: id., *ibid.*

“Nenhuma nação pode conjugar guerra e civilização”: “10,000 Here Join Anti-War Parade”, *NYT*, 19 de maio de 1935.

“O signor Mussolini participou”: “Italy Exhibits Chemical War”, *NYT*, 19 de maio de 1935.

“profundamente enquistada”: Leo Rosten, “Men Like War”, *Harper’s Magazine*, julho de 1935.

Baseou o enredo: “Field Notes for a Play on Peace”, *NYT*, 22 de setembro de 1935.

“Eles conseguiram”: “Anti-War Drama Seen in Westport”, *NYT*, 30 de julho de 1935.

“Para mim, foi”: John Haynes Holmes, *I Speak for Myself*, pp. 219-20.

“Toda criança é informada”: David Bankier, *The Germans and the Final Solution*, p. 96.

“A imigração proveniente”: Nixon, ed., *Franklin D. Roosevelt and Foreign Affairs*, vol. 3, pp. 50-51.

“pessoas da classe descrita”: id., *ibid.*, pp. 64-66.

“a China, mais uma vez”: “China Buys War Goods”, *NYT*, 15 de março de 1936.

“Eu não me oponho”: David G. Anderson, “British Rearmament and the ‘Merchants of Death’”, p. 22.

Imperial Chemical Industries podia: “British Arms Man Admits ‘Greasing’”, *NYT*, 7 de fevereiro de 1936.

“a empresa iniciou”: Robert Harris e Jeremy Paxman, *A Higher Form of Killing*, pp. 52-53.

“segurança coletiva”: Aldous Huxley, “Notes on the Way”, in *Complete Essays*, vol. 4, pp. 118-21.

“A partir das 7h30 da manhã”: “Two Kinds of Poison Gas Used by Italy in Air Raid”, *NYT*, 17 de março de 1936.

“contra a garoa”: “Gas Use is Shown in Photographs”, *NYT*, 10 de maio de 1936; Harris e Paxman, *A Higher Form of Killing*, p. 51.

“Só haverá segurança”: Churchill, “How to Stop War”, in *Step by Step*, p. 26.

“Liderados por um homem rubicundo”: “Fascisti in Uproar Shriek at Negus at League Session”, *NYT*, 1º de julho de 1936.

“borrifadores especiais”: “Summary of the Ethiopian Emperor’s Address to the League”, *NYT*, 1º de julho de 1936.

Jornais de Tóquio: “U. S. Loan to China Reported in Japan”, *NYT*, 21 de julho de 1936.

“Cercado de sorrisos”: Henry Channon, *Chips*, p. 111.

“Se os nossos ataques”: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 4, pp. 88-89.

Escola Alemã de Guerra: Albert C. Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, pp. 49-53.

Rosbach: id., *ibid.*, pp. 53-54.

Ernst Röhm: Ver Lothar Machtan, *The Hidden Hitler*, pp. 181-230.

“Heil Roosevelt”: Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, p. 37.

“Qual é a diferença”: H. C. Engelbrecht, *Revolt Against War*, pp. 15-16.

“O governo polonês”: “Poles Renew Call for Exile of Jews”, *NYT*, 14 de janeiro de 1937.

“Uma delegação”: Joseph Marcus, *Social and Political History of the Jews in Poland, 1919-1939*.

“o platô central”: “Madagascar Studied as a Home for Jews”, *NYT*, 1º de janeiro de 1938.

“inadequadas à habitação branca”: id., *ibid.*

“verdadeiro paraíso”: “Huge New Colony for Jews Proposed”, *NYT*, 19 de janeiro de 1937.

Trujillo queria imigrantes judeus: Henry L Feingold, *Bearing Witness*, p. 135. Eric Paul Roorda, *The Dictator Next Door*, p. 127.

“Cada navio alemão”: “Labor Democracy is Bar To Fascism, Lewis Says Here”, *NYT*, 16 de março de 1937.

“Eu sei que alguns de vocês”: Philip Williamson e Edward Baldwin, *Baldwin Papers*, p. 432.

-57 “fez três quintos”: “Pictures Women Fighting Next War”, *NYT*, 14 de abril de 1937.

“Foi uma pena”: John Killen, *A History of the Luftwaffe*, p. 77.

desconfiava de envenenamento: Breiting, *Secret Conversations*, p. 15.

Agosto de 1937: Winston Churchill, *Great Contemporaries*, p. x.

“Quem conhece”: id., *ibid.*, p. 232.

breve texto sobre Leon Trótski: id., *ibid.*, pp. 167-74.

O GOVERNO JAPONÊS anunciou: “Japan Disturbed by Report 182 Americans Have Enlisted to Fly Warplanes for China”, *NYT*, 6 de agosto de 1937.

-59 “A pior parte”: Abend, *My Life in China*, p. 257.

dois chineses mortos: “Two Times Correspondents Injured in Bombing of Department Store”, *NYT*, 24 de agosto de 1937.

“Eu saí em marcha lenta”: Abend, *My Life in China*, p. 261.

“comércio pacífico”: “Envoy for Parleys”, *NYT*, 29 de agosto de 1937.

O cargueiro: “U. S. Planes Off for China”, *NYT*, 29 de agosto de 1937.

Um marinheiro morreu: “1 Fatality on Ship: Chinese Planes Mistake the President Hoover for Foes’ Vessel”, *NYT*, 31 de agosto de 1937.

uma sobrinha: “Bombing of Liner a Tale of Terror”, *NYT*, 1º de setembro de 1937.

“Quero que o senhor”: Royal Leonard, *I Flew for China*, pp. 130-31.

Julius Barr: “U. S. Flier ‘Detained’ by Chang’s Troops”, *NYT*, 17 de dezembro de 1936.

“Trabalhando dia e noite”: Leonard, *I Flew for China*, pp. 147-48, 154; ver também “Japan, China Preen Wings”, *NYT*, 8 de agosto de 1937.

“Seria uma tolice perigosa”: Robert Rhodes James, *Churchill: A Study in Failure*, p. 285.

“Eu lhes pedi em particular”: Martin Gilbert, *Winston S. Churchill*, vol. 5, vol. companheiro 3, p. 791.

“É de importância vital”: “Urges Funds to Help Jews Leave Germany”, *NYT*, 18 de outubro de 1937.

“A polícia age”: Aldous Huxley, *Ends and Means*, p. 113.

“Nós todos sabemos”: id., *ibid.*, pp. 141-142.

“A sala estava lotada”: Leonard, *I Flew for China*, p. 118.

“Leatherface”: id., *ibid.*, p. 177.

“Ele julga o regime”: Channon, *Chips*, p. 141.

“Lembro-me das pessoas”: Leonard, *I Flew for China*, p. 140.

sua sala de maquetes: Albert Speer, *Inside the Third Reich*, pp. 187-89.

“Os Estados Unidos devem”: U. S. Department of State, *Peace and War*, pp. 400-401.

“Eu compreendo perfeitamente”: id., *ibid.*, p. 401.

“O mundo que se encarregue”: “Cuza Insists Jews Must Quit Rumania”, *NYT*, 22 de janeiro de 1938.

“Eu estava estudando”: “Jewish Students Beaten in Rumania”, *NYT*, 30 de janeiro de 1938.

No bonde, um judeu está lendo: Milton Mayer, *They Thought They Were Free*, p. 116.

“quimono violeta”: Fest, *Face*, pp. 78-79.

“Quero exortar”: Ronald Bayly e Nancy Landgren, *Jeannette Rankin, the Woman Who Voted No* (videoteipe), 1984 PBS.

“De repente parece não”: “216 Pastors Sign New Peace Pledge”, *NYT*, 2 de março de 1938.

“Nove aviões da Royal Air Force”: “British Mopping Up in Palestine Area”, *NYT*, 6 de março de 1938.

der Führer ist hier!: Authentic History Center WWII: 1938-Dec. 6, 1941 (CD 0400).

“Disseram-lhe”: “World Reaction to the Anschluss”, Mutual Broadcasting Network, id., *ibid.*

“tortura, fome”: Muriel Lester, *It So Happened*, p. 4.

“Queridos irmãos da China”: id., *ibid.*, p. 6.

“Os próprios navios de guerra”: “Quakers Attack May Bill on War”, *NYT*, 3 de abril de 1938.

“o soberano controle da Inglaterra”: Feingold, *Bearing Witness*, p. 107.

“Os senhores Baruch e Morgenthau”: Richard Breitman e Alan M. Kraut, *American Refugee Policy and European Jewry, 1933-1945*, p. 272n.

desembarcou do Queen Mary: “British Air Mission Arrives in Washington”, *NYT*, 26 de abril de 1938.

um bom compartimento de bombas: Walter J. Boyne, *Beyond the Horizons*, p. 91.

“Para minha surpresa”: John Terraine, *A Time for Courage*, p. 39.

“a maior paixão da vida do presidente”: “400 Planes Bought by Britain in U. S.”, *NYT*, 10 de junho de 1938.

“Quando falam”: Gandhi, “Interview to a Professor”, *Collected Works*, vol. 73, pp. 156-57.

“Nós fomos treinados”: Robin Cross, *The Bombers*, p. 70.

29 transporte/ bombardeios Lockheed Model 14: “British Try U. S. Planes”, *NYT*, 15 de maio de 1938.

“arma formidável”: “Big Orders Tax Plants”, *NYT*, 19 de junho de 1938.

construí-las mediante licença: Boyne, *Beyond the Horizons*, p. 82; “Japan”, www.lockheedmartin.com; “British Try U. S. Planes”, *NYT*, 15

de maio de 1938.

“Por favor, colaborem”: “Town to ‘Black Out’ in ‘Air Raid’ Tonight”, *NYT*, 16 de maio de 1938.

A polícia mandou os motoristas: Associated Press, “Long Island Town Has ‘Blackout’ Test”, in *Nebraska State Journal*, 17 de maio de 1938, disponível em www.ancestry.com.

800 milhões de velas: id., *ibid.*

cem paraquedas sinalizadores: “Night Air ‘Raid’ Awes Long Island”, *NYT*, 17 de maio de 1938.

“É suficientemente realista”: Associated Press, “Lights Out Order is Obeyed When Planes Stage Attack”, in *Reno Evening Gazette*, 17 de maio de 1938, disponível em www.ancestry.com.

“Esses exercícios de defesa nacional”: Jefferey S. Underwood, *The Wings of Democracy*, pp. 115-16.

sobrevoando Nagasaki: “Japan is ‘Raided’ by Chinese Planes”, *NYT*, 21 de maio de 1938.

“Guerra é sinônimo de fascismo”: “Fifth Ave. Scene of Anti-War Walk”, *NYT*, 22 de maio de 1938.

“a forma mais eficaz”: Churchill, *Step by Step*, p. 218.

“A indústria de aeronaves”: “Aircraft Plants Lead in Industry”, *NYT*, 5 de junho de 1938.

“As encomendas estrangeiras”: John Morton Blum, *From the Morgenthau Diaries*, vol. 2, p. 118.

“Trazem consigo”: Lawrence S. Wittner, *Rebels Against War*, p. 18.

“Listas telefônicas velhas têm muita utilidade”: Pickett, *For More than Bread*, p. 139.

as cotas de imigração então existentes nos Estados Unidos eram generosas: Breitman e Kraut, *American Refugee Policy and European Jewry*, p. 60.

“Potências fecham as portas”: *Herald Tribune* de Nova York, 8 de julho de 1938.

“Judeus à venda”: Rita Thalmann e Emmanuel Feinermann, *Crystal Night*, p. 22.

“Maria é judia”: Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, pp. 37-38.

“Não consigo entender”: Jasper, *George Bell*, pp. 142-43.

“Numa situação”: “Reich’s Jews Unit to Deal with Nazis”, *NYT*, 29 de julho de 1938.

Festa de aniversário de Henry Ford: “Henry Ford Getting High Honor from Germany”, *NYT*, 1º de agosto de 1938.

“Épocas anormais exigem atos”: Harold C. Deutsch, *The Conspiracy Against Hitler in the Twilight War*, p. 30.

“Agora tudo depende”: id., *ibid.*, p. 31.

mentalmente enfermo e cruel, um minucioso plano de golpe e o arrasado general Halder: Joachim Fest, *Plotting Hitler’s Death*, pp. 84, 87.

caçando faisão: “Season for Grouse Opens in Scotland”, *NYT*, 13 de agosto de 1938.

discutindo sobre aviões com Winston Churchill: Margaret L. Coit, *Mr. Baruch*, pp. 466-67.

“Hoje todos sabem”: “Baruch Is Silent on Defense Post”, *NYT*, 20 de setembro de 1938.

50 mil bombardeiros de longo alcance: Coit, *Mr. Baruch*, pp. 467-68.

“Eu acredito que os Estados Unidos”: “Baruch in Warning Asks Defense Step”, *NYT*, 14 de outubro de 1938.

entrevista coletiva: “Roosevelt Moves to Rush Expansion of Army and Navy”, *NYT*, 15 de outubro de 1938.

“O judeu Baruch”: Otto Tolischus, “Reich Impressed by U. S. Arms Plan; Baruch Denounced”, *NYT*, 16 de outubro de 1938.

“A descoberta teria”: Lester, *It So Happened*, p. 42.

“mostrava”: id., *ibid.*, p. 46.

Pequenos grupos de judeus: “Jews Left to Starve Near Czech Frontier”, *NYT*, 23 de outubro de 1938.

“Os judeus residentes na Alemanha”: “Reich Intensifies Pressure on Jews”, *NYT*, 27 de outubro de 1938. Outra tradução in Ian Kershaw, *Hitler, 1936-45*, p. 151.

um policial bateu: Thalmann e Feinermann, *Crystal Night*, pp. 35-36.

“a maior deportação em massa”: “Germany Deports Jews to Poland; Seizes Thousands”, *NYT*, 29 de outubro de 1938.

desastre iminente: Pickett, *For More than Bread*, p. 132.

“Podemos nos sentir penitentes”: Lawrence McK. Miller, *Witness for Humanity*, p. 178.

“por ordem do Führer”: Charles A. Lindbergh, *The Wartime Journals of Charles A. Lindbergh*, p. 102.

“boa mobília, ainda que pesada”: id., *ibid.*, p. 111.

O proprietário era judeu: Leonard Mosley, *Lindbergh*, p. 237.

“O senhor Churchill afirmou”: “Hitler Assails War Agitators”, *NYT*, 7 de novembro de 1938, p. 1.

“Eu sempre disse”: “Churchill Answers Hitler”, *NYT*, 7 de novembro de 1938, p. 14.

comprou um revólver: Gerald Schwab, *The Day the Holocaust Began*, p. 1.

CLARENCE PICKETT almoçou: Miller, *Witness for Humanity*, pp. 178-79.

“Tínhamos certeza”: Pickett, *For More than Bread*, pp. 132-33.

“eu me perguntei”: id., *ibid.*, p. 133.

“Ser judeu”: *Time*, 21 de novembro de 1938.

“Ele decidiu”: Herf, *The Jewish Enemy: Nazi Propaganda During World War II and the Holocaust*, p. 45.

“se não houver perigo”: Roderick Stackelberg e Sally A. Winkle, *The Nazi Germany Sourcebook*, pp. 223-24.

livros preferidos: Larry Tye, *The Father of Spin*, p. 111.

“Num bairro judeu”: Thalmann e Feinermann, *Crystal Night*, pp. 67-68.

“chocaram um mundo”: *Time*, 21 de novembro de 1938.

“A população de Colônia”: “Excerpts From the British Government’s White Paper on German Concentration Camps”, *NYT*, 31 de outubro de 1939.

“Sem dúvida, eles têm”: Lindbergh, *Wartime Journals*, p. 115.

“Eu próprio mal pude”: Franklin D. Roosevelt, *The Public Papers and Addresses of Franklin D. Roosevelt*, vol. 7, pp. 597-98.

“implorar visto”: Martin Gilbert, *Kristallnacht*, p. 152, citando “Throwing Responsibilities on Other Countries”, *Manchester Guardian*, 16 de novembro de 1938.

“Os telegramas da Alemanha indicam”: Miller, *Witness for Humanity*, pp. 180-81.

“Presidente, na terça-feira”: Roosevelt, *Public Papers*, vol. 7, p. 602.

“comunidade industrial densamente povoada”: “Excerpts from Commons Debate on Refugees”, *NYT*, 22 de novembro de 1938.

“Tanganica oferece”: “Tanganyika”, *NYT*, 24 de novembro de 1938.

“um sinal eloquente”: “After Munich”, *Time*, 28 de novembro de 1938.

“Tanganica era excessivamente quente”: “Tanganyika Opposed as Haven for Exiles”, *NYT*, 27 de novembro de 1938.

“Prefiro que meus irmãos”: Feingold, *Bearing Witness*, p. 139.

“Eu simpatizo totalmente”: Jack, ed., *Gandhi Reader*, pp. 324-26.

196: “Refugee Children Reach England”, *NYT*, 3 de dezembro de 1938.

foi à Alemanha: Elizabeth Gray Vining, *Friend of Life*, pp. 281-93; Hans A. Schmitt, *Quakers and Nazis*, pp. 107-11; David Hinshaw, *Rufus Jones, Master Quaker*, pp. 272-82.

“Nós precisamos da nota”, “interceder pessoalmente” e “Vêm nos investigar”: Vining, *Friend of Life*, pp. 283, 286, 301.

Cora Berliner: Schmitt, *Quakers and Nazis*, p. 107.

“Notamos que sua expressão”: Hinshaw, *Rufus Jones*, p. 281.

campos provisórios: Vining, *Friend of Life*, p. 291; “Germany Permits Relief by Quakers”, *NYT*, 3 de janeiro de 1939.

“Hoje à noite, eu vou telegrafar”: Hinshaw, *Rufus Jones*, p. 281.

“O governo alemão está decidido”: Miller, *Witness for Humanity*, p. 186.

“Não ponham a comida”: “Germany Permits Relief by Quakers”, *NYT*, 3 de janeiro de 1939.

“Essa breve trégua”: Pickett, *For More than Bread*, p. 137.

tiro ao alvo: Lindbergh, *Wartime Journals*, pp. 128-29.

“Presumo que isso signifique”: id., *ibid.*, p. 129.

“Eu não falei”: id., *ibid.*, p. 131.

“Por isso, eu me propus”: Pickett, *For More than Bread*, pp. 140-41.

“Foi uma entrevista extremamente”: Miller, *Witness for Humanity*, p. 187.

“Eu não passei”: Gilbert, *Kristallnacht*, p. 181.

“Com a onda de frio”: “Nazi Camps Release 7,000 Jews”, *NYT*, 24 de dezembro de 1938.

“Herr Hitler é”: Dennis Dalton, *Mahatma Gandhi: Nonviolent Power in Action*, p. 135.

“Lindbergh acusado de fornecer”: Lindbergh, *Wartime Journals*, p. 135.

“Se devemos nos armar”: id., *ibid.*, p. 136.

“Toda semana, os refugiados europeus”: “Anti-Refugee Riots by British Fascists”, *NYT*, 15 de janeiro de 1939.

departamento do Reich de Emigração Judaica: Arno Mayer, *Why Did the Heavens Not Darken?*, p. 290.

“Se os Estados Unidos aceitarem”: “German Proposal on Refugees Near”, *NYT*, 28 de janeiro de 1939.

“Com o visto de trânsito vencido”: Zweig, *World of Yesterday*, pp. 425-26.

HITLER gesticulava com dedo em riste: “Hitler Speaks Before the Reichstag”, United States Holocaust Memorial Museum, www.ushmm.org/museum/exhibit/online/szyk/action/93852.htm.

“um dos discursos mais sensacionais”: “Reactions to Hitler”, *Time*, 13 de fevereiro de 1939.

reunião secreta: “Stunning Secrets on Foreign Policy Hinted by Senator”, *NYT*, 2 de março de 1939.

“O que fazer”: David Reynolds, *From World War to Cold War*, p. 169.

“Milhares de famílias americanas”: *Congressional Record*, 9 de fevereiro de 1939, p. 1279.

“a medida humanitária a ser tomada”: David S. Wyman, *Paper Walls*, p. 97.

“Você faz bem”: id., *ibid.*

“tanto pela quantidade”: “The Child Refugees”, *Herald Tribune* de Nova York, 11 de fevereiro de 1939, citado in U. S. Senate and House of Representatives, *Admission of German Refugee Children*, p. 11.

“Se tivéssemos fronteiras”: “Children in the Dark”, *NYT*, 18 de fevereiro de 1939.

“O clamor”: “Mercy for Refugee Children”, *Times Herald* de Newport News, 15 de fevereiro de 1939, citado in U. S. Senate and House, *Admission of German Refugee Children*, p. 27.

pedidos de visto: “130,000 Ask for U. S. Visas”, *NYT*, 4 de março de 1939.

8 de março de 1939: Edward S. Miller, *War Plan Orange: The U. S. Strategy to Defeat Japan, 1897-1945*, p. 463.

“guerra básico ORANGE” e missão nacional: Richardson, *On the Treadmill to Pearl Harbor*, pp. 270-71.

“Quem aceita a ideia”: “Pacifists Denounce War Policy”, *NYT*, 12 de março de 1939.

“que nos foi transmitida”: “Hull Statement on Referendum”, *NYT*, 12 de março de 1939.

“Estou convencido”: “22,000 in Army Fete Parade in 5th Ave.”, *NYT*, 9 de abril de 1939.

“Massacrar”: “52 Pacifists March in Army Day Protest”, *NYT*, 9 de abril de 1939.

convivência de gente pacífica: Jonathan Fryer, *Isherwood*, p. 188.

Planejou uma viagem: Christopher Isherwood, *Diaries*, p. 14.

“O nosso método de resistência passiva”: id., *ibid.*, p. 16.

"Eu trago uma única": "Urge Bill to Admit Refugee Children", *NYT*, 21 de abril de 1939.

"A criança judia": U. S. Senate and House, *Admission of German Refugee Children*, pp. 56-57.

"O nome do meu pai": id., *ibid.*, p. 85.

"corrosivo e temível": "Declare Germans Abhor Nazi Terror", *NYT*, 22 de abril de 1939.

"Nenhum mal", "Essa questão é se" e "solapando por dentro": "Hoover Backs Bill to Waive Quota Act for Reich Children", *NYT*, 23 de abril de 1939.

Escoteiros: "Louis Taber Dies", *NYT*, 17 de outubro de 1960.

"não faltam mentes distorcidas": Schmitt, *Quakers and Nazis*, pp. 110, 245.

"os espaços inóspitos e áridos": Lester, *It So Happened*, p. 90.

"Esse tipo de guerra": id., *ibid.*, pp. 96-97.

"A sua antipatia pelo imperialismo": id., *ibid.*, p. 98.

"Terminado o período": Yale Law School, *The Avalon Project*, "British White Paper of 1939", www.yale.edu/lawweb/avalon/mideast/brwh1939.htm.

"Quem conhece a situação": "Britain is Warned by Zionist Leader", *NYT*, 14 de maio de 1939.

"Isso não invalida os meus argumentos": Dalton, *Mahatma Gandhi*, p. 136.

falou tranquilamente: "Chamberlain Bares Pledge", *NYT*, 1º de abril de 1939.

o governo de Sua Majestade acreditava: "Chamberlain's Statement", *NYT*, 1º de abril de 1939.

"O compromisso do sr. Chamberlain": "Chamberlain Bares Pledge", *NYT*, 1º de abril de 1939.

não tardou a retribuir: Ian Colvin, *The Chamberlain Cabinet*, p. 197.

O segredo era a condição: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 231-35.

os empregados da Lockheed continuaram: "Air Experts in Japan Only Fill Contracts", *NYT*, 27 de maio de 1939.

"Nunca na história": "Exiles' Woes Move Writers' Congress", *NYT*, 5 de junho de 1939.

comprou um avião Lockheed 14: Winterbotham, *Nazi Connection*, pp. 188-98.

"Não Agende Nada, FDR": Wyman, *Paper Walls*, p. 97.

"Os fatos e a lógica": Pickett, *For More than Bread*, p. 152.

Os formulários de registro foram distribuídos: Henry Friedlander, *The Origins of Nazi Genocide*, p. 45; J. Noakes e G. Pridham, eds., *Nazism, 1919-1945*, vol. 3, pp. 1006-7.

confiscada: Götz Aly et al., *Cleansing the Fatherland*, p. 40.

"CEM BOMBARDEIROS BRITÂNICOS": "Britain Posts Warnings For the Nazis to Read", *NYT*, 16 de julho de 1939.

Marselha: "British Bombers Fly to Marseille", *NYT*, 20 de julho de 1939.

240 aeronaves: "240 British Planes Soar Over France", *NYT*, 26 de julho de 1939.

"bombardeios vaivém": "Shuttle Bombing Raids Face Reich", *NYT*, 23 de agosto de 1939.

"ao alcance de Londres": id., *ibid.*

Os jornais diziam: "Britain to Assure Status of Danzig in Specific Pledge", *NYT*, 6 de julho de 1939; Gilbert, *Churchill*, vol. 5, pp. 1090-92.

"conselho de guerra secreto": "British Army Chief Arrives in Poland", *NYT*, 18 de julho de 1939.

"Ele é um pacifista de coração": Gilbert, *Churchill*, vol. 5, p. 1093.

"Sem dúvida, os judeus": Gilbert, *Holocaust*, p. 81.

"Gigantesco bombardeiro americano": "'Flying Fortress' Here With Record", *NYT*, 2 de agosto de 1939.

a um sinal do presidente: "Army Corps Sends 1,500 Planes in Air", *NYT*, 3 de agosto de 1939.

calça curta: Donald Cameron Watt, *How War Came*, p. 444.

"Eu os convoquei": Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 242-46.

"Falou um homem": Kershaw, *Hitler*, p. 209.

uma espécie de colapso mental: Watt, *How War Came*, p. 500.

"entendimento pacífico": Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, p. 249.

subsidiária britânica da Electrolux: Scott Newton, *Profits of Peace*, p. 123.

"anormal": Kershaw, *Hitler*, p. 216.

"Vou construir submarinos": Watt, *How War Came*, p. 505.

"prometia solenemente defender": id., *ibid.*

"uma vespa no piquenique": Alexander Cadogan, *The Diaries of Sir Alexander Cadogan*, p. 220.

"Anormalmente tenso": Watt, *How War Came*, p. 511.

"Os últimos dias": Victor Klemperer, *I Will Bear Witness*, vol. 1, p. 305.

"Passou quase duas horas": "Hitler Reported Locking Self In To Make Fateful Decision Alone", *Herald Tribune* de Nova York, 1º de setembro de 1939.

"Do meu ponto de vista": Ulrich Von Hassell, *The Von Hassell Diaries*, p. 69.

"O céu": Count Galeazzo Ciano, *The Ciano Diaries, 1939-1943*, p. 134.

"Todo mundo contra": William L. Shirer, *Berlin Diary*, p. 191.

"Para dar fim": *Herald Tribune* de Nova York, 1º de setembro de 1939.

"a Força Aérea alemã": Asher Lee, *Goering: Air Leader*, p. 69.

"Eu já tinha passado de fato": Franklin D. Roosevelt, *F. D. R.: His Personal Letters*, vol. 2, p. 915.

“Os alemães invadiram”: Zweig, *World of Yesterday*, p. 433.

“Guardem os problemas”: *Herald Tribune* de Nova York, 1º de setembro de 1939.

“sumamente intolerável”: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 254-56.

discurso fraco: Von Hassell, *Diaries*, p. 72.

“surpreendentemente pequena”: *Herald Tribune* de Nova York, 2 de setembro de 1939.

o hálito do ditador: Kershaw, *Hitler*, p. 222.

“Ao anoitecer”: *Herald Tribune* de Nova York, 2 de setembro de 1939.

Os aviões acabariam chegando: Shirer, *Berlin Diary*, pp. 198-99.

“Era como se”: Isherwood, *Diaries*, p. 46.

“conduzir as hostilidades”: J. R. M. Butler, *Grand Strategy*, p. 568; ver também as declarações separadas da França e da Inglaterra, in *Herald Tribune* de Nova York, 2 de setembro de 1939.

“Concordo com a sua proposta”: Hans Rumpf, *The Bombing of Germany*, p. 20.

Tiger Hill: Bernard Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe, 1939-1945*, p. 40.

“A glória da Velha Inglaterra”: Winston Churchill, *The Gathering Storm*, p. 409.

“Não se ouvia um murmúrio”: Shirer, *Berlin Diary*, p. 200.

“o segundo Armagedon”: *Life*, 11 de setembro de 1939.

“Você teria poupado”: Martin Gilbert, *The Churchill War Papers*, vol. 1, p. 12.

estojo de madeira”: Churchill, *Gathering Storm*, p. 410; Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 1, p. 8.

WINSTON VOLTOU: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 1, p. 6.

navio alemão que ia carregado de grãos e carne enlatada. “German Ship Sunk by British Cruiser”, *NYT*, 5 de setembro de 1939.

“Não espere”: Max Caulfield, *Tomorrow Never Came*, p. 13.

“Com fria deliberação”: “Text of British Leaflet”, *NYT*, 5 de setembro de 1939.

Alguns aviões erraram o alvo: Cadogan, *Diaries*, p. 213.

“Não estamos autorizados”: Harold Nicolson, *The War Years, 1939-1945*, p. 32.

os britânicos despacharam 29 aviões: Anthony Verrier, *The Bomber Offensive*, p. 110.

“Os nossos aviadores dizem ter bombardeado”: Cadogan, *Diaries*, p. 213.

Esbjerg: “Bombs Drop on Neutral Denmark but ‘Raid’ is Held Unintentional”, *NYT*, 5 de setembro de 1939; “First Picture of Bomb Damage in Neutral Danish City”, *NYT*, 15 de setembro de 1939.

Jogou 3 milhões de panfletos: “Britain Continues Leaflet ‘Bombing’”, *NYT*, 6 de setembro de 1939.

“Não esqueçam que a Inglaterra”: “Sylt, German Isle, Reported Bombed”, *NYT*, 9 de setembro de 1939; *Herald Tribune* de Nova York, 9 de setembro de 1939.

papel higiênico gratuito: Robin Neillands, *The Bomber War*, p. 39.

Os dinamarqueses chegaram a cogitar: “Sylt, German Isle, Reported Bombed”, *NYT*, 9 de setembro de 1939.

“Os alemães só podem sair”: “French Interne Germans”, *NYT*, 7 de setembro de 1939.

15 mil alemães: “French Speed Aid for Enemy Aliens”, *NYT*, 17 de dezembro de 1939; “France Interns 15,000 Germans”, *NYT*, 19 de setembro de 1939.

“esmagando a Polônia”: Otto D. Tolischus, *They Wanted War*, p. 289; “Poles Unprepared for Blow So Hard”, *NYT*, 12 de setembro de 1939.

conservar a espada: Tolischus, *They Wanted War*, p. 300.

Uma camada de dois centímetros: “Fires in Warsaw”, *NYT*, 5 de setembro de 1939.

“Perdi minha mulher”: *Herald Tribune* de Nova York, 3 de setembro de 1939.

“O enorme telhado”: “Italian Reports Warsaw Bombing”, *NYT*, 9 de setembro de 1939.

“destruir e eliminar”: Christopher Browning, *The Origins of the Final Solution*, p. 17.

“Foi você que nos declarou guerra”: “Further Excerpts from Speech”, *NYT*, 10 de setembro de 1939.

“O nosso amor e veneração”: id., *ibid.*

“ridículas folhinhas”: “Summary of Marshal Goering’s Speech to the Reich Munitions Workers”, *NYT*, 10 de setembro de 1939.

“A função dele é”: Edward R. Murrow, *This Is London*, pp. 22-23.

“O bloqueio foi imposto”: Churchill, *Gathering Storm*, p. 425.

“o público se sente”: Mollie Panter-Downes, “London War Notes”, *The New Yorker*, 10 de setembro de 1939.

“Lorraine parece não entender”: Colvin, *Chamberlain Cabinet*, p. 255.

PELAS CRIANÇAS: Peace Pledge Union, “PPU’s Women’s Peace Campaign”, www.ppu.org.uk; Pat Starkey, *I Will Not Fight*, p. 7.

“ofensiva de paz”: “Allies Prepared to Reject ‘Peace’”, *NYT*, 19 de setembro de 1939.

a paz não era possível: “Britain Bars Peace Until Hitler Goes”, *NYT*, 12 de setembro de 1939.

Ele tinha planos de fazer um discurso: Shirer, *Berlin Diary*, p. 216.

“Eu não tenho exigências”: Otto Tolischus, “Fuehrer at Danzig”, *NYT*, 20 de setembro de 1939.

“um bando de gangsteres”: Shirer, *Berlin Diary*, p. 217.

“Em parte, retoricamente muito eficaz” e “De duas, uma”: Klemperer, *Witness*, pp. 312-13.

“francamente aterrorizado”: Nicolson, *War Years*, pp. 35-36.

“todas as partes do Reich”: “Offers Lasting Peace”, *NYT*, 20 de setembro de 1939.

“A paz que Hitler”: William Shirer, “A Peace of Sorts”, faixa 5 do CD anexo a Mark Bernstein e Alex Lubertozzi, *World War II on the Air*.

“Não pode haver paz”: “London Shuns Bait”, *NYT*, 30 de setembro de 1939, citando *The Times* (Londres), 30 de setembro de 1939.

“O povo quer paz”: William L. Shirer, “*This Is Berlin*”, p. 101.

“A gente imagina a guerra”: Isherwood, *Diaries*, p. 46.

“O céu de Paris”: id., *ibid.*

“Ele diz que Hitler”: Nicolson, *War Years*, p. 39.

Uma igreja foi atingida: “Poles Fighting On”, *NYT*, 25 de setembro de 1939.

“Cavalheiros, os senhores viram”: Jon E. Lewis, ed., *The Mammoth Book of Eyewitness World War II*, p. 40.

detectar zonas cegas: Gilbert, *Holocaust*, p. 99.

“O que se tem publicado”: “Clash in Commons”, *NYT*, 4 de outubro de 1939.

“Quero examinar”: Vera Brittain, *Testament of a Peace Lover*, p. 2.

“uma solução definitiva”: Adolf Hitler, *My New Order*, p. 751, citado in Louis C. Kilzer, *Churchill’s Deception*, p. 169.

“Que história é essa agora”: George Bernard Shaw, “Uncommon Sense About the War”, in Edward Hyams, ed., *New Statesmanship*, pp. 167-71.

“Eu tomo a decisão”: Milton S. Mayer, “I Think I’ll Sit This One Out”, *The Saturday Evening Post*, 7 de outubro de 1939.

“O Führer ainda”: Joseph Goebbels, *The Goebbels Diaries, 1939-1941*, p. 17.

“chorou de rir”: id., *ibid.*, p. 18.

rigidamente postado: “Prime Minister Says Bar to Peace is the Present German Government”, *NYT*, 13 de outubro de 1939.

“É impossível”: Christopher Hill, *Cabinet Decisions on Foreign Policy*, p. 253.

tão horrorizado quanto: “Prime Minister Says Bar to Peace is the Present German Government”, *NYT*, 13 de outubro de 1939.

três horas: “Blood Bath”, *Time*, 23 de outubro de 1939.

“Nas peixarias”: Klemperer, *Witness*, pp. 315-16.

“A intenção explícita”: Vera Brittain, “Letters to a Peace Lover”, Peace Pledge Union, www.ppu.org.uk.

manicômio de Owinska: Browning, *Origins*, p. 188; Charles Sydnor, *Soldiers of Destruction*, p. 42; “Owinska Mental Home and Poznan Fort VII”, www.deathcamps.org; “Koscian and the Euthanasia in Poland”, www.deathcamps.org.

“A gente simples”: Browning, *Origins*, p. 17.

“nas pessoas bem informadas”: Von Hassell, *Diaries*, pp. 78-79.

“Sim, claro”: Cyril Joad, *Journey Through the War Mind*, p. 99.

“Suponha que você tenha razão”: id., *ibid.*, p. 118.

“debiloides pervertidos”: id., *ibid.*, p. 89.

“Sinceramente”: id., *ibid.*, p. 93.

“reserva”: “2,000 Jews Sent from Vienna”, *NYT*, 22 de outubro de 1939.

“livre de judeus”: Associated Press, “Jews Off to Reservation”, in *Nebraska State Journal*, 1º de novembro de 1939, disponível em www.ancestry.com.

“os nossos arqui-inimigos na esfera oriental”: Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 939.

chibata: Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, vol. 1, p. 191.

“com a presumível tolerância”: Browning, *Origins*, pp. 74-75.

Conservou-o consigo: Gerald Reitlinger, *The SS: Alibi of a Nation*, pp. 134-35, Omer Bartov, *Hitler’s Army*, p. 65.

nazista furibunda: Von Hassell, *Diaries*, p. 67; também Browning, *Origins*, p. 75.

“Todo soldado sente”: Gilbert, *Second World War*, p. 43.

“se propagar como uma epidemia”: Bartov, *Hitler’s Army*, p. 66.

“Com velocidade surpreendente”: Browning, *Origins*, p. 78.

“só a brutalidade”: Bartov, *Hitler’s Army*, p. 66.

“Ele precisa morrer”: Scott Newton, *Profits of Peace*, p. 145.

Um homem chamado Elser: Kershaw, *Hitler*, pp. 271-73.

“Os navios de guerra são importantes”: Tolischus, *They Wanted War*, pp. 324-25.

“Dentre os muitos”: Brittain, *Testament of a Peace Lover*, pp. 7-8.

“A falta de comida”: Klemperer, *Witness*, p. 320.

“Basta uma ordem”: “Goering Threatens Terror for British”, *NYT*, 31 de dezembro de 1939.

A metade do dinheiro: *Herald Tribune* de Nova York, 2 de janeiro de 1940.

“Eu fiz um passe de mágica”: Thomas M. Coffey, *Hap*, p. 205.

“Como toda essa gente”: Isherwood, *Diaries*, p. 81.

Hitler não andava bem: John Gunther, *Inside Europe*, p. 4.

“Tampouco é homossexual”: id., *ibid.*, p. 8.

“O Grupo considera”: Nicolson, *War Years*, p. 58.

“Eu tenho medo”: Isherwood, *Diaries*, pp. 83-84.

“Se a guerra na Europa”: “Fears for Polish Jews”, *NYT*, 22 de janeiro de 1940.

“Será que eles”: Churchill, *Complete Speeches*, vol. 6, pp. 6187-88.

mais gente: Verrier, *Bomber Offensive*, p. 91.

“uma nova inquietude”: Robert MacKay, *Half the Battle*, p. 56.

“O cemitério judeu”: Mary Berg, *Warsaw Ghetto*, p. 26.

“Foi deliberado”: J. M. Spaight, *Bombing Vindicated*, p. 69.

“Lembrem-se, senhores”: H. W. Koch, “The Strategic Air Offensive Against Germany”, p. 125.

ilha alemã de Sylt: “Nazis Give British Third Air Warning”, *NYT*, 26 de abril de 1940.

Alguns erraram o alvo: “British Planes in All-Night Raid Bomb Great Nazi Air Base at Sylt”, *NYT*, 20 de março de 1940.

Morre a esperança de paz: “British Planes in All-Night Raid”, *NYT*, 20 de março de 1940.

A guerra entra: Augur, “War Seen Entering New Phase of Violence”, *NYT*, 22 de março de 1940.

“Uma das ideias principais”: “Raid on Sylt Acts as Tonic to British”, *NYT*, 21 de março de 1940.

paralisaria a indústria: B. H. Liddell Hart, *History of the Second World War*, p. 57.

“levar os alemães”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 1, p. 780.

A imprensa deixou transparecer: “Nazi Ship is Sunk; Allies Open Drive to Cut Ore Route”, *NYT*, 25 de março de 1940.

era perder a guerra: J. R. M. Butler, *Grand Strategy*, p. 104.

“Coisa que só pode gerar”: Nicolson, *War Years*, p. 67.

“Ele diz que nós cometemos a maior tolice”: Cadogan, *Diaries*, p. 268.

“O governo norueguês protesta”: “Allied Mines Bring a Protest by Oslo”, *NYT*, 9 de abril de 1940.

“Parece que os alemães entraram”: Cadogan, *Diaries*, p. 268.

Um grupo confiscou: “More Allied Norway Units Return”, *NYT*, 9 de maio de 1940.

Um esquadrão de aviões da RAF: Killen, *History of the Luftwaffe*, p. 111.

bombas de efeito retardado: Richards, *Portal of Hungerford*, p. 144.

“A primeira de nossas evacuações gloriosas”: “H. G. Wells Insists on British Shake-Up”, *NYT*, 8 de setembro de 1940.

“A Noruega foi uma aventura de Winston”: Channon, *Chips*, pp. 251-52.

“O falcão se prepara”: Richards, *Portal of Hungerford*, pp. 24-25.

“a vasta fileira”: Clare Boothe, *Europe in the Spring*, p. 156.

“os alemães tentariam”: id., *ibid.*, pp. 158-59.

“milhares e milhares”: Browning, *Origins*, pp. 131-32.

Os alemães enviaram uma advertência formal: “Nazis Warn British of Major Air Raids”, *NYT*, 13 de abril de 1940; ver também “Berlin Renews Threat to Britain”, *NYT*, 15 de abril de 1940.

estação de Heiligenhafen e O ministro da Aeronáutica britânico negou: “Nazis Give British Third Air Warning”, *NYT*, 26 de abril de 1940.

os ingleses bombardearam a Oslo ocupada: “Allies Warn Oslo of Approaching Air-Raid”, *NYT*, 24 de abril de 1940.

terceira “e última” advertência: “Nazis Give British Third Air Warning”, *NYT*, 26 de abril de 1940.

“É aqui que”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 1, p. 1.153.

“Ele quer deslocar tropas”: Edmund Ironside, *Time Unguarded*, p. 278.

“Não houve nenhum ataque”: “Nazis Give British Third Air Warning”, *NYT*, 26 de abril de 1940.

navegação estimada: Hastings, *Bomber Command*, p. 111.

mirando rios: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 1, pp. 204-5.

“Normalmente, não havia dificuldade”: Neillands, *Bomber War*, p. 38.

UM FOTÓGRAFO começou a retratar: Friedlander, *Origins of Nazi Genocide*, p. 237.

“Hitler achava que”: Viktor Brack, “Affidavit Concerning the Nazi Administrative System, the Euthanasia Program, and the Sterilization Experiments”, p. 5.

As execuções em linha de montagem: Friedlander, *Origins*, pp. 109-10.

“Abundavam relatos”: id., *ibid.*, p. 237.

gratificação mensal: Norman J. W. Goda, “Black Marks: Hitler’s Bribery of His Senior Officers”.

“envelopes fechados”: Kurt von Schuschnigg, *Austrian Requiem*, p. 280.

“Os alemães estão chegando”: Boothe, *Europe in the Spring*, pp. 223-24.

“Os alemães nos livraram”: Cadogan, *Diaries*, p. 280.

cogitou bombardear a Alemanha: id., *ibid.*, p. 281; Gilbert, *War Papers*, vol. 1, pp. 1273-75, 1279.

“eu solicitei audiência”: “British Prime Minister Neville Chamberlain Resigns”, WWII: 1938–Dec 6, 1941, Authentic History Center, www.authentichistory.com.

“Todo o ódio”: Nicolson, *War Years*, p. 84.

“uma tirania monstruosa”: Churchill, *Their Finest Hour*, p. 25.

“Eu acertei na mosca, não?": James, “The Politician”, in Taylor, *Churchill Revised*, p. 122n.

bonecos jogados: Liddell Hart, *History of the Second World War*, p. 73.

A Luftwaffe alvejou: “French Towns Hit by First Bombings”, *NYT*, 11 de maio de 1940.

“Raramente conheci”: Birkenhead, *Halifax*, p. 456.

“A mera ideia de Churchill”: John Colville, in Sir John Wheeler-Bennett, *Action This Day: Working with Churchill*, p. 48.

“funcionários respeitabilíssimos”: id., *ibid.*, p. 50.

bombardeiros Whitley: Spaight, *Bombing Vindicated*, p. 69, citando Arthur Harris.

uma inglesa: Rumpf, *Bombing of Germany*, p. 25.

Os alemães derrubaram: A. C. Grayling, *Among the Dead Cities*, p. 32.

“Uma transmissão de rádio alemã”: “British Airmen Hit Nazi Columns”, *NYT*, 12 de maio de 1940.

“Essen não figurava entre”: “Cry for Reprisals Grows in France”, *NYT*, 13 de maio de 1940.

ENVIARAM-SE TELEGRAMAS: Fred Kaufman, *Searching for Justice*, pp. 33-34.

na maioria refugiados judeus: Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe*, p. 92; François Lafitte, *The Internment of Aliens*, pp. 76-77.

baioneta calada: Ver, p. ex., *The Illustrated London News*, 25 de maio de 1940, p. 706.

“Sinto que qualquer avanço”: George Morgenstern, *Pearl Harbor*, pp. 54-55.

“destruição completa”: Butler, *Grand Strategy*, pp. 569-70.

O óleo de uma fábrica de margarina: Killen, *History of the Luftwaffe*, p. 115.

“a cidades e aldeias indefesas”: Koch, “Strategic Air Offensive”, p. 127.

“O senhor acha”: ETTY HILLESUM, *An Interrupted Life*, 25 de março de 1941, p. 19.

“grande número” e era o momento: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, pp. 40-43.

“Hoje de manhã, o gabinete decidiu”: Cadogan, *Diaries*, p. 283.

“Espero que vocês”: Warren F. Kimball, ed., *Churchill and Roosevelt*, pp. 37-38.

Aachen, Düsseldorf, Colônia: Koch, “Strategic Air Offensive”, p. 130.

bombardando a esmo: “Charge Bombing at Random”, *NYT*, 19 de maio de 1940.

jogar por ar o besouro-da-batata: Simon M. Whitby, *Biological Warfare Against Crops*, pp. 78-81.

bombardeios de precisão stuka: Biddle, *Rhetoric and Reality*, p. 40.

“digno de atenção”: id., *ibid.*, p. 316.

“Eu enfatizei muito”: Yale Law School, *The Avalon Project*, Nuremberg Trial Proceedings, vol. 9, www.yale.edu/lawweb/avalon/imt/proc/03-15-46.htm.

“Um dia desagradável”: Hart, *History of the Second World War*, p. 86.

“square search”: Edward B. Westermann, *Flak*, p. 90.

“tinham dificuldade”: id., *ibid.*

“autorizada a atacar”: H. R. Trevor-Roper, ed., *Hitler’s War Directives*, p. 29.

“Eu queria que esta nação”: Coffey, *Hap*, p. 211.

“Tenha a maior admiração possível” e “Foi doloroso”: Churchill, *Their Finest Hour*, pp. 79, 82.

“É fácil”: William Shirer, *Collapse of the Third Republic*, p. 732.

“evitar um massacre inútil”: John Costello, *Ten Days to Destiny*, p. 219.

GOERING prometeu: John Toland, *Adolf Hitler*, vol. 2, p. 703.

“Talvez seja uma sorte”: Nicolson, *War Years*, p. 91.

“em certa eventualidade” e “A vida será sustentada”: Butler, *Grand Strategy*, pp. 209, 212-15.

“Algumas choravam”: “Alien Arrests Net Women in Britain”, *NYT*, 28 de maio de 1940.

“Ser preso”: Max Perutz, *I Wish I’d Made You Angry Earlier*, p. 75.

“Que o Mooragh Times seja”: Argus, “Friendly Enemy Aliens”; ver também Onlooker, “The Tragedy of the Refugees”.

“proibido”: Jennifer Taylor, “‘Something to Make People Laugh?’ Political Content in Isle of Man Internment Camp Journals, July-October 1940”, in Richard Dove, ed., “*Totally Un-English?*”, p. 143.

“Portanto, não nos deixemos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 168.

“Achei que Winston não fazia”: Birkenhead, *Halifax*, p. 458.

“Por cruel e trágico”: Browning, *Origins*, pp. 69-70.

Agora devia ser abandonada: Churchill, *Their Finest Hour*, pp. 110-12.

comício pacifista: “War Trend is Hit at Peace Session”, *NYT*, 8 de junho de 1940.

“Eu não o conheço bem”: Margaret Gowing, *Britain and Atomic Energy, 1939-1945*, p. 47.

num porta-aviões: Lewis, *Mammoth Book of Eyewitness World War II*, pp. 112-16.

Os estrangeiros inimigos: “Britain Interns Elder Aliens”, *NYT*, 11 de junho de 1940.

“Lamento muito”: Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe*, p. 96.

Às seis horas, o Duce: “Duce Gives Signal”, *NYT*, 11 de junho de 1940.

“A notícia da guerra”: Ciano, *Diaries*, p. 264.

o gerente do Picadilly Hotel: A. W. Brian Simpson, *In the Highest Degree Odious*, p. 194.

“Trancafiem essa malta”: Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe*, p. 90.

“italianização extensiva”: Eric Koch, *Deemed Suspect: A Wartime Blunder*, p. 15.

A polícia montada canadense prendeu: “Hundreds of Italians Arrested in Canada”, *NYT*, 12 de junho de 1940.

quitandas: “Disorders in Toronto”, *NYT*, 13 de junho de 1940.

“A culpa é dos judeus!”: Klemperer, *Witness*, p. 343.

“O que me deixa de dentes rangendo”: Nicolson, *War Years*, p. 95.

“Uma mulher em cadeira de rodas”: “Swiss Blame British for Killing 4”, *NYT*, 13 de junho de 1940.

O governo britânico pediu: “Bombs Fall on Swiss Soil”, *NYT*, 1º de julho de 1940.

“propaganda perniciosá”: Peace Pledge Union, “PPU History in Context”.

Foi fuzilado: Peace Pledge Union, “1940-1949: Candles in the Dark”.

“Nós nos comprometemos”: Harris e Paxman, *Higher Form of Killing*, p. 112.

“Quero um relatório”: id., *ibid.*, p. 113.

“como a reação aqui é morna”: Marie Vassiltchikov, *Berlin Diaries*, p. 18.

“luta de vida ou morte” e “Eu senti um brilho”: Churchill, *Their Finest Hour*, pp. 194-96, 198.

“É o cérebro mais extraordinário”: Birkenhead, *Halifax*, p. 459.

“Nada os afetará”: David Reynolds, “Churchill and the British ‘Decision’ to Fight on in 1940”, in Richard Langhorne, ed., *Diplomacy and Intelligence During the Second World War*, p. 162.

voltou para jogar, mais bombas quando a população estava saindo dos abrigos para apagar as incêndio. Koch, “Strategic Air Offensive”, pp. 121, 131-32.

FRANKLIN ROOSEVELT demitiu: Roosevelt, F. D. R.: *His Personal Letters*, pp. 1041-44.

“Ficamos sentados nos degraus”: Vassiltchikov, *Berlin Diaries*, p. 20.

“Causavam a morte”: “Reporters Find No Raid Havoc in Italian Plants”, *Herald Tribune* de Nova York, 22 de junho de 1940.

Os chineses ficaram contentes: “Senate Hearings Ordered On Stimson’s Nomination”, *NYT*, 22 de junho de 1940.

“O sr. Stimson é detestado”: “Nazis See Knox and Stimson as ‘Warmongers’”, *Herald Tribune* de Nova York, 22 de junho de 1940.

“Um membro da sua equipe”: Soames, *Winston and Clementine*, p. 454.

Ópera de Paris: Speer, *Inside the Third Reich*, pp. 235-36.

“Foi um grande alívio”: Adolf Hitler, *Hitler’s Table Talk*, pp. 98-99.

“à imprensa e ao rádio”: Churchill, *Their Finest Hour*, p. 170.

“grande participação”: “Our Plane Sales to Allies Detailed”, *NYT*, 28 de junho de 1940.

“Eles trabalham bem”: Raymond E. Lee, *The London Journal of General Raymond E. Lee*, p. 8.

“Assim se realizará”: Adam Czerniakow, *The Warsaw Diary of Adam Czerniakow*, p. 169.

As obras no novo gueto: Browning, *Origins*, p. 84.

“supergueto”: id., *ibid.*, p. 85.

120 navios: Richard Breitman, *The Architect of Genocide*, p. 130; ver também Browning, *Origins*, pp. 86-87.

Ciano perguntou-lhe: Ciano, *Diaries*, p. 272.

“Nós imaginamos que Somerville”: Max Arthur, ed., *Forgotten Voices of World War II*, pp. 98-99.

por ordem de Churchill: John Lukacs, *The Duel*, p. 163.

“Quando ele terminou”: Lee, *London Journal*, p. 12.

“Seus soldados estão fazendo”: Gandhi, “To Every Briton”, *Collected Works*, vol. 78, p. 387.

“um ódio generalizado”: Koch, “Strategic Air Offensive”, p. 133.

“explosão violentíssima a que incendiou”: “Violent Explosion at Hamburg”, *Times* (Londres), 6 de julho de 1940.

“Dia após dia” e “Agora eles vão firmar a paz”: Klemperer, *Witness*, pp. 346-47.

“O bloqueio foi rompido”: Churchill, *Their Finest Hour*, p. 643.

“A ideia essencial”: “Educators Assail Peacetime Draft”, *NYT*, 9 de julho de 1940.

“Deixar os nazistas”: Isherwood, *Diaries*, pp. 99-100.

“A NOSSA AÇÃO contra”: Nicolson, *War Years*, p. 100.

“firmemente decidido”: “Gandhi’s Non-Violence Toward Reich Rejected”, *NYT*, 14 de julho de 1940.

“Agradeço ao excelentíssimo vice-rei”: Gandhi, “To Every Briton”, *Collected Works*, vol. 79, p. 9.

“O país está gravemente”, “Se você quiser lutar”, “Consciência não é liberdade” e “Eu só queria enumerar”: U. S. Senate Committee on Military Affairs, *Compulsory Military Training and Service*, pp. 21, 25, 148, 255.

“nenhuma relação”: “Training Bill Wins Senators’ Support”, *NYT*, 11 de julho de 1940.

“Nós aguardamos sem temor”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 518.

“Como a Inglaterra”: Trevor-Roper, *Hitler’s War Directives*, p. 34.

“Junto à borda”: Lee, *London Journal*, p. 17.

A voz lhe saiu: Shirer, *Berlin Diary*, p. 454.

“O senhor Churchill voltou a declarar”: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 264-66.

“tom inusitadamente humano”: Ciano, *Diaries*, p. 277.

esplêndida túnica nova: Killen, *History of the Luftwaffe*, pp. 124-25.

“Seu orgulho e satisfação pueris”: Shirer, *Berlin Diary*, p. 456.

“Eu vou dizer o que nós”: Sefton Delmer, *Black Boomerang*.

“Tarde da noite”: Ciano, *Diaries*, p. 277.

“Eu proponho não dizer nada”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 568.

“A reação ao discurso”: Nicolson, *War Years*, p. 103.

“O primeiro-ministro quis saber”: Richards, *Portal of Hugerford*, p. 161.

“Mas é muito tantalizador”: Frances Partridge, *A Pacifist’s War*, p. 51.

por intermédio de um quacre: Costello, *Ten Days to Destiny*, p. 347.

“Temos a obrigação de descobrir”, id., *ibid.*

“Philip Lothian telefona”: Nicolson, *War Years*, p. 104.

“HALIFAX inflexível”: *NYT*, 23 de julho de 1940.

“várias frases”: “Text of Speech Changed”, *NYT*, 23 de julho de 1940.

“cortina de ferro”: “Nazis Hint Attack on Britain is Near”, id., *ibid.*

“Atração magnética”: “British See Blow Within 2 Weeks”, *NYT*, 6 de agosto de 1940.

“Recentemente, eu cheguei”: Jeanne Guillemin, *Biological Weapons*, p. 49.

“A verdade é”: Isherwood, *Diaries*, p. 115.

“A Grã-Bretanha Perdeu a Honra”: Spaight, *Bombing Vindicated*, p. 72.
bombas de efeito retardado: Koch, “Strategic Air Offensive”, p. 135.
“eu esperava”: Shirer, *Berlin Diary*, p. 464.
DESLAVADAS MENTIRAS BRITÂNICAS: “Nazis Call Hamburg ‘Pulverization’ False”, *NYT*, 4 de agosto de 1940.
“Ninguém se transforma”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 79, pp. 92-93.
“o tempo todo”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 651.
“uma espécie de náusea”: Lester, *It So Happened*, p. 123.
“A verdade óbvia”: “Hoover Maps Plan to Feed Europeans”, *NYT*, 12 de agosto de 1940.
“Era um militarista” e “Quando sucedeu Chamberlain”: Herbert Hoover, *An American Epic*, vol. 4, pp. 8, 17.
“Apresem os navios”: Lester, *It So Happened*, pp. 233-35.
“Eu recebi um alerta”: id., *ibid.*, p. 125.
“Então eles não vêm!”: Charles de Gaulle, *Complete War Memories*, p. 104.
“Pelo que vi”: Murrow, *This Is London*, pp. 143-44.
“Agora os bombardeiros britânicos”: “Italian Cities Hit”, *NYT*, 20 de agosto de 1940.
“O serviço de combate pesará”: “Peace Bloc Assail Conscription Bill”, *NYT*, 20 de agosto de 1940.
“fundadas nos mais elevados motivos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, pp. 689-90.
“A ideia”: Hoover, *American Epic*, pp. 20-21.
“desgraçada e deplorável”: “Britain Eases Loto f Interned Aliens”, *NYT*, 23 de agosto de 1940.
O porteiro começou a bater panelas a fim de acordar Marie: Vassiltchikov, *Berlin Diaries*, p. 27.
mutilando a perna, “boa metralhada” e bombas-relógio: Shirer, *Berlin Diary*, pp. 490, 492-93.
“Crianças pequenas deitadas”: Vassiltchikov, *Berlin Diaries*, p. 28.
“Heanley revelou”: Cecil King, *With Malice Toward None*, pp. 69-70.
“Fiquei muito contente”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 747.
Já a haviam tentado: Richards, *Portal of Hungerford*, p. 155.
“cartão de visita” Eram mais ou menos do tamanho de uma carta de baralho: Ley, *Bombs and Bombing*, pp. 38-39.
Hitler tinha depósitos: Kershaw, *Hitler*, p. 300.
“Florestas bombardeadas”: “Woods Are Bombed”, *NYT*, 5 de setembro de 1940.
“Os ingleses chegam”: “Talks of Invasion”, *NYT*, 5 de setembro de 1940.
“uns garotinhos”: Nicolson, *War Years*, p. 111.
“Os aviões voavam tão alto”: “Churchill Proud of British Morale”, *NYT*, 10 de setembro de 1940.
“Vários alvos militares”: “Capital is Shaken”, *NYT*, 8 de setembro de 1940.
“Afinal de contas” e “Lá dentro”: “London Total War Arouses Cold Anger”, *NYT*, 8 de setembro de 1940.
“Contornando esses intervalos vazios”: “Bases for Invasion Battered by R. A. F.”, *NYT*, 9 de setembro de 1940.
“nós tivemos um agosto muito úmido”: Shirer, *Berlin Diaries*, p. 502.
“Uma bomba grande” e “Parecia o farfalhar”: King, *With Malice Toward None*, pp. 74, 76.
Um piloto britânico viu a lua: “Navy Helps R. A. F.”, *NYT*, 12 de setembro de 1940.
“Típico das atuais”: “The Texts of the Day’s War Communiques”, 12 de setembro de 1940.
danificados ficaram: “Raid Nazi Capital”, *NYT*, 11 de setembro de 1940.
Um fragmento de bomba: Shirer, *Berlin Diary*, p. 504.
caíram no jardim: Shirer, *This Is Berlin*, p. 403.
Cinco civis: “The Texts of the Day’s War Communiques”, *NYT*, 12 de setembro de 1940.
“Reichstag bombardeado!”: “Berlin Threatens New Fury in Raids”, *NYT*, 12 de setembro de 1940.
“Agora que o prédio”: id., *ibid.*
“Esse homem perverso”: “Text of Premier Churchill’s Speech”, *NYT*, 12 de setembro de 1940.
“Até agora, não sofri”, “grotesca”, “o estado das meias” e “A Judenhaus conta permanentemente”: Klemperer, *Witness*, pp. 349, 355.
besouro-da-batata. “Germans Accuse British of Spreading Potato Bugs”, *NYT*, 15 de setembro de 1940.
“Os aviões que caem”: “Canadian Says Germans Man Planes With Boys”, *Herald Tribune* de Nova York, 13 de setembro de 1940.
“A nossa família de Wandsworth”: Partridge, *Pacifist’s War*, p. 60.
“Pensar na catedral de São Paulo”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 79, p. 217.
jogou golfe: Richardson, *On the Treadmill*, p. 378.
“A atual política”: id., *ibid.*, p. 380.
“Eu lhe disse”: id., *ibid.*, pp. 381-82.
CLARENCE PICKETT pediu: J. Garry Clifford e Samuel R. Spencer Jr., *The First Peacetime Draft*, p. 223.
“Nós não podemos ficar indiferentes”: Roosevelt, *Public Papers and Addresses*, vol. 9, p. 430.
aconselhasse, ajudasse ou instigasse: “Text of the Selective Service Measure as it Was Finally Passed by Congress Yesterday”, *NYT*, 15 de setembro de 1940.
“Todos estão preocupados” e Nos abrigos antiaéreos: Nicolson, *War Years*, pp. 114-16.
Plano Madagáscar: Christopher Browning, *The Path to Genocide*, pp. 18-19.
“Eu estou farto”: Murrow, *This Is London*, pp. 186-87.
“Ataques da Royal Air Force”: Ciano, *Diaries*, p. 295.

“Toda noite, os cidadãos”: id., *ibid.*, p. 296.

Kinderlandverschickung: Jost Hermand, *A Hitler Youth in Poland*, p. 6.

Baldur von Schirach: id., *ibid.*, p. xiv.

um velho camarada: William L. Shirer, *The Rise and Fall of the Third Reich*, p. 253; Machtan, *Hidden Hitler*, p. 82.

descobriu o antisemitismo: Shirer, *Rise and Fall*, p. 149.

doutrinação nacionalista: Hermand, *Hitler Youth*, p. xiv.

dirigido pela Juventude Hitlerista: Fest, *Face of the Third Reich*, p. 227.

“a possibilidade de termos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 880.

“Há algumas noites”: Vassiltchikov, *Berlin Diaries*, p. 31.

“As mangueiras estão velhas”: Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 61-62. Smith-Hutton é identificado como o adido naval in Thomas G. Mahnken, *Uncovering Ways of War*, pp. 22, 47.

“Estamos enfrentando”: Alexander S. Lipsett, “Mass Starvation Feared”, *NYT*, 2 de outubro de 1940.

O Serviço de Imprensa britânico providenciou: Nicholas John Cull, *Selling War*, pp. 120-21.

trigo, arroz e pulgas: Ed Regis, *The Biology of Doom*, p. 17; Peter Williams e David Wallace, *Unit 731: Japan’s Secret Biological Warfare in World War II*, pp. 101-2.

Chuhsien: atualmente se grafa Zhoushan.

entregou à imprensa o rol: “200 Points Listed by R. A. F. as Bombed”, *NYT*, 8 de outubro de 1940.

“A morte e a dor”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 922.

“A Luftwaffe mudou”: Michael Patterson, *Battle for the Skies*, pp. 59-60.

audiência com o presidente Roosevelt: Richardson, *On the Treadmill*, pp. 425, 434.

“Ele respondeu”: id., *ibid.*, p. 427; Morgenstern, *Pearl Harbor*, p. 58.

OS JORNAIS DE CECIL KING: King, *With Malice Toward None*, pp. 80-84.

“Não entrem em pânico”: Jean R. Freedman, *Whistling in the Dark: Memory and Culture in Wartime London*, pp. 106-7.

“Calmamente, sem medo”: “President Speaks”, *NYT*, 17 de outubro de 1940.

“Não odeiem”: “First Draft Objectors Are Called to Federal Inquiry Here Today”, *NYT*, 17 de outubro de 1940.

Quatro membros da Fellowship: id., *ibid.*; “Subpoenaed for Refusing to Register for Conscription”, *NYT*, 17 de outubro de 1940; “10 draft Objectors Are Indicted Here”, *NYT*, 22 de outubro de 1940.

“Você e outros”: Nicolson, *War Years*, pp. 121-22.

“a Blitzkrieg de bombas”: Franklin D. Roosevelt, “Campaign Address at Philadelphia, Pennsylvania”, 23 de outubro de 1940, in Wooley e Peters, *American Presidency Project*.

Em Dresden, as sirenes antiaéreas: Klemperer, *Witness*, p. 360.

novo decreto nazista: Eric A. Johnson, *Nazi Terror*, pp. 386-87.

“fomentar, direta ou indiretamente”: “India Bans Anti-War Talk”, *NYT*, 27 de outubro de 1940.

Foi preso e condenado: “Nehru Seized in India for Pacifist Speech”, *NYT*, 1º de novembro de 1940.

“Receio muito”: Nicolson, *War Years*, pp. 123-24.

entre as estipulações de Halifax: Newton, *Profits of Peace*, p. 150.

“Ontem nos reuniram”: Women’s International League for Peace and Freedom, “From a Letter from Camp de Gurs, South France”, disponível em www.wilpf.int.ch/history/1941.doc.

“Muito abalado”: Klemperer, *Witness*, p. 361.

“entre seis meses”: “Reich Jews Sent to South France”, *NYT*, 9 de novembro de 1940.

“Como há escassez”: Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 1.080.

“trabalho assistencial”: “Reich Jews Sent to South France”, *NYT*, 9 de novembro de 1940.

olhos vendados: Clifford e Spencer, *First Peacetime Draft*, p. 2.

A CRUZ VERMELHA decidiu enxugar: “Red Cross to Cut Staff in France”, *NYT*, 9 de novembro de 1940.

“uma coisa profundamente nociva”: Lester, *It So Happened*, p. 126.

“Um dos motivos”: “Hoover Food Plan Defended by Holmes”, *NYT*, 18 de novembro de 1940.

“Se a fome e a peste”: *Commonweal*, 22 de novembro de 1940.

imponente cervejaria Löwenbrau: “R. A. F. Fired Cellar After Hitler Left”, *NYT*, 10 de novembro de 1940.

“um dos homens”: “Hitler Forswears Any Compromise”, *NYT*, 9 de novembro de 1940; “Adolf Tells the World He’s One Tough Fellow”, *NYT*, 10 de novembro de 1940.

“Mas eis que então ocorre”: Toni Winkelnkemper, “The Attack on Cologne”, trad. Randall Bytwerk, *German Propaganda Archive*, www.calvin.edu/academic/cas/gpa/cologne.htm.

“Não é preciso procurá-lo”: Isherwood, *Diaries*, p. 124.

“Ao traírem todas as regras”: “Italians Charge Cowardice”, *NYT*, 10 de novembro de 1940.

“É uma cidade tão esparramada”: “Bomb-Proof City Shown as Model”, *NYT*, 11 de novembro de 1940.

“Eu não diria que”: Robert C. Twombly, *Frank Lloyd Wright*, pp. 296-97.

almoço de despedida: Lee, *London Journal*, pp. 129-30.

enterro de Neville Chamberlain: Cadogan, *Diaries*, p. 336.

“Diante do bombardeio indiscriminado”: “British Still Split on Bombing Nazis”, *NYT*, 15 de novembro de 1940; Hadley Cantril, ed., *Public Opinion*, p. 1067.

"Ele está convencido de que houve revoltas", "dimensões muito consideráveis" e "Provavelmente": F. H. Hinsley, *British Intelligence in the Second World War*, vol. 1, pp. 539-41.

"A guerra consiste em massacre": Staughton Lynd, ed., *Nonviolence in America*, pp. 296-99.

"Esta é uma emergência nacional": "8 draft Objectors Get Prison Terms", *NYT*, 15 de novembro de 1940.

"Às três horas": Aileen Clayton, *The Enemy Is Listening*, p. 71.

"Para ser aberto unicamente": Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 880.

"Largada anulada": id., *ibid.*, p. 1095.

Ninguém se comunicou com Coventry: Norman Longmate, *Air Raid*, pp. 263-64.

"Espera-se um grande ataque": id., *ibid.*, p. 74.

Lançaram 10 mil: Allan W. Kurki, *Operation Moonlight Sonata*, p. 17.

bombardeiros Whitley: King, *With Malice Toward None*, p. 85.

"Desapareceram todas as lojas": Harry Oakley, "The Worst Night of Our Lives".

"Era como se": "Coventry Plants Razed, Nazis Say", *NYT*, 16 de novembro de 1940.

"como centro produtor de munição": King, *With Malice Toward None*, p. 86.

"Para vingar o ataque": Carl Henze, "Bombs on Coventry".

"Um pequeno cortejo saiu": Arthur, *Forgotten Voices of World War II*, p. 107.

"Acho que eles gostaram": Longmate, *Air Raid*, p. 206.

grande extensão: Cull, *Selling War*, pp. 103-4.

"longa o suficiente": "Hamburg Pounded in Reply by R. A. F.", *NYT*, 17 de novembro de 1940.

"Às vezes, pequenas explosões": "Time Bombs Rock Coventry Anew; Many Dead Are Found in Shelters", *NYT*, 18 de novembro de 1940.

"Viam-se mulheres chorando": Angus Calder, *The People's War*, p. 204.

LAMENTAMOS INFORMAR: Longmate, *Air Raid*, p. 223.

172 cadáveres: "Coventrizing", *Time*, 2 de dezembro de 1940.

carbonizados ou mutilados: Cull, *Selling War*, fotografia e legenda da p. 134.

"uma vala comprida, estreita e funda": "Coventry Dead Laid in One Grave; Air Raid Siren is their Requiem", *NYT*, 21 de novembro de 1940.

sendo fotografado: Colville, *Fringes of Power*, p. 298.

"Uma moça muito bonita": Churchill, *Their Finest Hour*, p. 377.

braçadeiras: "All Antwerp Citizens Defy Nazis by Donning Armbands", *NYT*, 23 de novembro de 1940.

"Na Alemanha, podemos aguentar": Von Hassell, *Diaries*, p. 159.

Com a aprovação de Churchill e uma prisão britânica: Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe*, pp. 66-68.

"O problema de alimentá-los": U. S. Department of State, *Foreign Relations of the United States*, 1940, vol. 2, pp. 243-44.

várias semanas em banho-maria: "Hull Tells Basis of Refugee Curb", *NYT*, 10 de janeiro de 1941.

"Há poucos": "Nomura Holds U. S., Japan Need Peace", *NYT*, 27 de novembro de 1940.

"136 campos de pouso": Alan Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 38-39.

"com o entendimento": Blum, *From the Morgenthau Diaries*, vol. 2, p. 365.

"A invasão da Noruega": Milo Perkins, "Exports and Appeasement", *Harper's Magazine*, dezembro de 1940.

"o senhor me instruiu": Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, p. 1.186.

"Com o objetivo de provocar incêndios": id., *ibid.*, vol. 3, p. 353n.

"Os escrúpulos morais": Colville, *The Fringes of Power*, p. 311.

Tendo feito Soong jurar segredo: Michael Schaller, *The U. S. Crusade in China, 1938-1945*, p. 72.

"Dizer que ele se entusiasmou": Blum, *From the Morgenthau Diaries*, vol. 2, p. 366.

Soong podia dar informações sobre eles? Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 36, 39-40.

"a segurança do Estado": "Liberty for Mosley Debated in Commons", *NYT*, 11 de dezembro de 1940; "500 Mosley Aides Ordered Held", *NYT*, 26 de julho de 1940.

"No momento": "Friends to Ignore British Blockade", *NYT*, 12 de dezembro de 1940.

"Não podemos erigir uma paz": "Quakers Planning to Free Draft Foes", *NYT*, 1º de dezembro de 1940.

"concentrar o máximo de danos": Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 1, pp. 225-26.

"como uma fonte dourada": "Mannheim District is Bombed 7 Hours", *NYT*, 18 de dezembro de 1940.

um castelo e um hospital: id., *ibid.*

"Nós desferimos pancadas": "Prime Minister Churchill's Speech in the House of Commons", *NYT*, 20 de dezembro de 1940.

"Espero que a grande maioria": Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 1, p. 226.

Estava um pouco bronzeado: Frank L. Kluckhohn, "Aid Plan Outlined", *NYT*, 18 de dezembro de 1940.

quatro mulheres: "Swiss Have Alarms Again", *NYT*, 24 de dezembro de 1940.

A cidade pediu autorização: "Swiss Charge British with Bombing Basle", *NYT*, 18 de dezembro de 1940.

"Em outras ocasiões": "Mannheim Blasted Steadily by R. A. F.", *NYT*, 24 de dezembro de 1940.

"Ele ainda está disposto": Armstrong, *Preemptive Strike*, p. 51, citando Morgenthau Diary 324-A, China: Bombers, 3-22 de dezembro de 1940.

O governo chinês acusou: "Plague Declared Sprayed", *NYT*, 20 de dezembro de 1940.

"são todos uns fascistas": Nicolson, *War Years*, p. 131.

sala de jantar de Henry Morgenthau: Armstrong, *Preemptive Strike*, p. 59; Robert Smith Thompson, *A Time for War*, pp. 288-89.

“já que todas as cidades japonesas”: Schaller, *The U. S. Crusade in China*, p. 75.

“As leis dos Estados Unidos”: *Foreign Relations of the United States*, 1940, vol. 2, pp. 245-46.

“Se nós cedermos”: id., *ibid.*

“Colin acha”: Partridge, *Pacifist’s War*, p. 70.

“Naturalmente, eu me sinto mal”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 2, pp. 1276-77.

“Aviões em voo rasante”: “Berlin Assaulted in Heavy R. A. F. Raid”, *NYT*, 22 de dezembro de 1940.

“O ataque à maior igreja”: “Berlin Paper Talks of Reprisals”, *NYT*, 23 de dezembro de 1940.

“Não duvidamos”: Gandhi, “Letter to Adolf Hitler”, *Collected Works*, vol. 79, pp. 452-56.

A Guildhall medieval foi destruída: “Guildhall Housed Many Treasures”, *NYT*, 31 de dezembro de 1940.

“Eles estão semeando vento”: Henry Probert, *Bomber Harris*, p. 110.

“Decidiu-se dar publicidade ao ataque”: Cadogan, *Diaries*, p. 344.

A censura foi subitamente suspensa: “Havoc in ‘the City’”, *NYT*, 31 de dezembro de 1940.

“Destruíram-se edifícios”: id., *ibid.*

“tinha toda liberdade”: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 1, p. 221.

“o prédio enorme de uma loja”: Louis MacNeice, *Selected Prose of Louis MacNeice*, p. 103.

“Defesa do padrão de vida”: “Briton Hits Parley Supported by Reds”, *NYT*, 18 de dezembro de 1940.

“Eu acredito firmemente”: “Text of Senator Wheeler’s Speech”, *NYT*, 31 de dezembro de 1940.

falava sobre o leite: Kimball, *Churchill and Roosevelt*, pp. 11-18.

“Se ele não passar”: Pickett, *For More than Bread*, pp. 177-78.

A BONDADE CONSTRÓI A PAZ REAL: “Peace Trek Ends in a Parade Here”, *NYT*, 2 de janeiro de 1941.

1 “Em toda parte, havia”: Nicolson, *War Years*, p. 136.

1 “Tenho certeza”: Kimball, *Churchill and Roosevelt*, pp. 125-26.

1 *Mais de 50 mil*: René Kraus, *The Men Around Churchill*, p. 165; ver também “Many Interned in Britain Freed”, *NYT*, 4 de janeiro de 1941.

“Sou muito favorável”: Wasserstein, *Britain and the Jews of Europe*, p. 107; Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 18.

“navios, aviões, tanques e armas”: “Annual Message to Congress”, Roosevelt Library, www.fdrlibrary.marist.edu/4free.html.

“Se eu me alistasse”: “‘God’s Will’ Argued by Draft Objection”, *NYT*, 7 de janeiro de 1941.

“Quem?”, “Os políticos e a camada superior”, “Para mim, ficou mais claro”, “Ele tem muita esperança” e “Ele expressou a esperança”: Robert E. Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, pp. 239, 243, 259-60.

“O povo britânico ergue a voz!”: *NYT*, 13 de janeiro de 1941, p. 11.

2 mil delegados reuniram-se: “British Leftists Demand Control”, *NYT*, 13 de janeiro de 1941.

ameaçara proibir: “Britain May Forbid Anti-War Meeting”, *NYT*, 20 de dezembro de 1940.

O panfleto não podia: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 71-72.

“doutrinas totalitárias”: “Blockade Helps Britain’s Foes French Assert”, *Chicago Tribune*, 14 de janeiro de 1941.

SACERDOTES CATÓLICOS juntaram: “List Bombed Churches”, *NYT*, 14 de janeiro de 1941.

“Gigantescas concentrações navais”: “Hawaiian Position Assailed”, *NYT*, 17 de janeiro de 1941.

não se realizou em janeiro: National Committee on the Cause and Cure of War Records, www.swarthmore.edu/library/peace/CDGA.M-R/ncccw.html.

“Brincando, brincando”: “Britain Prepared to Repress Reds”, *NYT*, 19 de janeiro de 1941.

a Scotland Yard invadiu: “Daily Worker Office Raided by Scotland Yard Men”, *NYT*, 22 de janeiro de 1941.

“debilitavam a vontade”: “Morrison Defends Curb on Red Paper”, *NYT*, 23 de janeiro de 1941.

“Não é do interesse”: King, *With Malice Toward None*, pp. 93-94.

“Depois estudar e escrever”: Klemperer, *Witness*, p. 370.

com a cota de imigração: id., *ibid.*, p. 363.

Seu inglês não era dos melhores: id., *ibid.*, p. 370.

Quem o quereria?: id., *ibid.*, p. 363.

“Comenta-se muito”: Joseph C. Grew, *Ten Years in Japan*, p. 568.

“Durma um pouco”: Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, p. 253; Roosevelt, *F. D. R.: His Personal Letters*, p. 1114.

“maravilhas azuis”: A Reply to Roosevelt, *NYT*, 31 de janeiro de 1941.

31 de janeiro de 1941: “Japanese Ambassador Given Navy Escort”, *Oakland Tribune*, 30 de janeiro de 1941, disponível em www.ancestry.com.

“é em nome dos oficiais”: Richardson, *On the Treadmill*, pp. 409-10.

chegou às três horas da madrugada: “R. A. F. Planes Gun Nazis in Trenches”, *NYT*, 14 de janeiro de 1941.

“lago de fogo”: “Lake of Fire Seen At Wilhelmshaven”, *NYT*, 17 de janeiro de 1941.

“e de todos os canos extras” e “A máxima quantidade de B-17”: Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, p. 258.

“O bombardeiro gigante”: “Bomber for Britain Flies Here Non-Stop”, *NYT*, 17 de fevereiro de 1941.

18 482: Allan G. Blue, *The B-24 Liberator*, p. 192.

Estudar a “possibilidade”: Leo P. Brophy e George J. B. Fisher, *The Chemical Warfare Service: Organizing for War*, pp. 132-33.

produção de lewisita: “James B. Conant is Dead at 84”, *NYT*, 12 de fevereiro de 1978.

bombas, combustíveis, gases: Brophy e Fisher, *Chemical Warfare Service*, p. 38.

“Nós temos de fazer”: “Conant Backs Aid to Defeat Hitler”, *NYT*, 12 de fevereiro de 1941.

dois prisioneiros poloneses: Debórah Dwork e Robert Jan van Pelt, *Auschwitz: 1270 to the Present*, p. 203.

do tamanho de uma ervilha: Breitman, *Architect of Genocide*, p. 203.

“Eu não posso compactuar”: “Draft Evaders Get 2 Years in Prison”, *NYT*, 12 de fevereiro de 1941.

banqueiros internacionais: Edward S. Shapiro, “World War II and American Jewish Identity”, *Modern Judaism*, fevereiro de 1990.

“uma nota deplorável de fanatismo”: “Battle Accuses Wheeler”, *NYT*, 8 de março de 1941.

Por determinação de Baldur: Kershaw, *Hitler*, p. 351.

“muito velha ou muito jovem”: “Nazi Deportation of Jews Resumed”, *NYT*, 20 de fevereiro de 1941.

“Seu rosto não apresenta”: Reimann, *Goebbels*, p. 246.

“mais viçosa e linda”: Robert Menzies, *Dark and Hurrying Days*, pp. 63-64.

“O carro do judeu” e “Chegamos ao Monopol”: Klemperer, *Witness*, pp. 376-77.

“Muitos alunos”: Berg, *Warsaw Ghetto*, p. 53.

“Se decidirmos fazê-lo”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 289.

“Fora a pavorosa”: Menzies, *Dark and Hurrying Days*, pp. 70-71.

“Tópicos importantes” e “uma opinião”: Von Hassell, *Diaries*, pp. 171-72.

“Que mundo maluco”: Menzies, *Dark and Hurrying Days*, p. 82.

“Falamos na imensa”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 320-24.

“Chemical Board Crop Subcommittee”: Biddle, *Rhetoric and Reality*, pp. 178, 355.

do tipo Runcol: Tim Jones, *The X Site*, p. 8.

“distribuição aérea”: Harris e Paxman, *Higher Form of Killing*, p. 100.

“um radical”: Menzies, *Dark and Hurrying Days*, p. 84.

“doce e magnético Snakehips”: Laurel Holliday, *Children in the Holocaust and World War II*, p. 306.

ladrões esgueiraram-se: Maev Kennedy, “Sex, Fear, and Looting”, *Guardian Unlimited*, 5 de outubro de 2006, www.guardian.co.uk; Gavin Mortimer, *The Longest Night*, p. 44.

“No escuro”: John Howells, entrevistado in Greg Wilkinson, *Talking about Psychiatry*, p. 212.

“Nesta primavera, as bombas”: Murrow, *This Is London*, p. 235.

“O sr. Churchill veio”: Charles de Gaulle, *Complete War Memoirs*, p. 165.

Hitler disse que gostaria: Shlomo Aronson, *Hitler, the Allies, and the Jews*, p. 28.

“Agora nós vamos descer o malho”: Goebbels, *Goebbels Diaries, 1939-1941*, p. 240.

“Ameaça de represália contra judeus”: “Nazis Deny Alarm Over New U. S. Aid”, *NYT*, 13 de março de 1941.

“Tomara que a gente detone”: Max Hastings, *Bomber Command*, pp. 112-13.

“Aqui vai indo tudo”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 353.

“É o problema”: Hillesum, *Diaries*, p. 8.

“Um ódio indescritível”: Von Hassell, *Diaries*, pp. 172-73.

“Em breve, Viena estará” e *Este era da opinião*: Browning, *Origins*, pp. 104-5.

trabalho essencial: id., *ibid.*, p. 105; Martin Broszat, “The Genesis of the ‘Final Solution’”, in H. W. Koch, ed., *Aspects of the Third Reich*, p. 404.

“Leia GERMANY MUST PERISH”: “A Modest Proposal”, *Time*, 24 de março de 1941.

“Se ele estivesse a nosso serviço”: Randall L. Bytwerk, “The Argument for Genocide in Nazi Propaganda”.

“Vocês souberam”: Thomas Mann, *Listen, Germany!*, p. 23.

“Ruas e ruas”: Menzies, *Dark and Hurrying Days*, pp. 93-94.

a mistura da linhagem judaica: Browning, *Origins*, p. 106.

“Um procedimento prático”: Viktor Brack, “Report on Experiments Concerning X-ray Castration”, 28 de março de 1941, HLS (Harvard Law School) item n° 114, nuremberg.law.harvard.edu.

“Ele leu o relatório”: Tiefenbacher, “Letter to Viktor Brack Concerning the X-ray Sterilization Experiments”, 12 de maio de 1941, HLS (Harvard Law School), item n° 115, nuremberg.law.harvard.edu.

instigou e financiou: David Stafford, *Britain and European Resistance, 1940-1945*, p. 53; David Stafford, “SOE and British Involvement in the Belgrade Coup d’Etat of March 1941”.

ocupou a estação de rádio: Liddell Hart, *History of the Second World War*, p. 159.

“Poucas revoluções”: Winston Churchill, *The Grand Alliance*, p. 162.

“Esta madrugada”: id., *ibid.*, p. 168.

“anéis constritores”: Churchill, “The War Situation” (discurso na Câmara dos Comuns), in *Unrelenting Struggle*, p. 81.

“crueldade implacável”: Churchill, *Grand Alliance*, p. 163.

“aquela espécie de inchaço”: Nicolson, *War Years*, p. 155.

“coisas horríveis”: Lyle Wilson, “Greater Air Attacks Due Nazis Know” (Valparaíso, Ind.), *Vidette Messenger*, 2 de abril de 1941, disponível em www.ancestry.com.

mais uma norma punitiva: “Nazis Put New Curbs on Jewish Workers”, *NYT*, 3 de abril de 1941.

6 mil engenheiros estagiários: “British Arrest Strikers”, *NYT*, 5 de abril de 1941.

Operation Strafgericht: Gerhard Schreiber et al., *Germany and the Second World War*, vol. 3, p. 497.

campos de pouso romenos: Killen, *History of the Luftwaffe*, p. 165.

“Os atônitos habitantes”: “Dead in Belgrade 3,000, U. S. Aide Says”, *NYT*, 14 de abril de 1941.

“Uma cegonha ferida”: Churchill, *Grand Alliance*, pp. 174-75.

“Não se pode ter guerra”: “Anti-War Speakers Ask Public Protests”, *NYT*, 7 de abril de 1941.

“todos os refugiados”: “Havens of Refuge”, *Time*, 7 de abril de 1941.

uma ruína destelhada: Read, *Devil’s Disciples*, p. 682.

Passou duas semanas: Kershaw, *Hitler*, pp. 365-66.

“as incursões que”: Churchill, *Unrelenting Struggle*, p. 83.

“Devemos lamentar”: “Text of Pope Pius XII’s Easter Sunday Broadcast”, *NYT*, 14 de abril de 1941.

“Tenho medo do pensamento”: Klemperer, *Witness*, p. 381.

49o bombardeio de Lorient: “R. A. F. Fires Bases of Nazis’ Sea War”, *NYT*, 14 de abril de 1941.

“É impossível”: “Vichy Aide Assails R. A. F.”, *NYT*, 27 de abril de 1941.

“Eu continuo longe de estar”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 498-99.

“desculpa para interceptar”: “Guns Are Removed From 2 Food Ships”, *NYT*, 17 de abril de 1941.

Em carta ao Times: “Hoover Food Plea is Made to London”, *NYT*, 17 de abril de 1941; *The Times* (Londres), 16 de abril de 1941.

“O que me impressiona”: Lee, *London Journal*, p. 243.

“exposto à guerra real” e “Detona acima do solo”: Henry H. Arnold, *American Airpower Comes of Age*, vol. 1, pp. 134, 145.

“Arrumar a cidade” e “Portal é um homem inteligentíssimo”: id., *ibid.*, pp. 149, 152.

“Se a Europa for mesmo civilizada”: Jasper, *George Bell*, p. 262; *The Times* (Londres), 17 de abril de 1941; ver também Andrew Chandler, “The Church of England and the Obliteration Bombing of Germany in the Second World War”, e Grayling, *Among the Dead Cities*, p. 180.

“De agora em diante”: “Nazis Explain Raid as One of Revenge”, *NYT*, 18 de abril de 1941.

no valor de 61 milhões de dólares: “American Machine Guns on the Factory Line”, *NYT*, 18 de abril de 1941.

“nós passaremos a bombardear”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 511.

“Portanto, é necessário”: “Rome to be Raided if Cairo or Athens is Hit, British Warn, But Promise to Spare Vatican”, *NYT*, 19 de abril de 1941.

“esticado a canela”: Lee, *London Journal*, p. 250.

Fight for Freedom: “New A. E. F. Urged to Defeat Hitler”, *NYT*, 22 de abril de 1941.

o publicitário: “Advertising News and Notes”, *NYT*, 15 de janeiro de 1941.

O grupo recebeu financiamento: Cull, *Selling War*, p. 133.

“seja declarada, seja não declarada”: “U. S. is Now at War, New Group Holds”, *NYT*, 20 de abril de 1941.

“A guerra vai mal” e “Churchill está administrando a guerra”: Stephen Roskill, *Hankey: Man of Secrets*, vol. 3, pp. 496-97.

Howard Schoenfeld, juntamente com outros: Howard Schoenfeld, “The Danbury Story”, in Holley Cantine e Dachine Rainer, eds., *Prison Etiquette*, pp. 12ss.

documento novo e mais pragmático: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 1, p. 244 e n.

“congestionadas cidades industriais”: id., *ibid.*, vol. 4, pp. 137-41.

“Ando viajando o país”: Lindbergh, *Wartime Journals*, p. 478.

os saques: Murrow, *This Is London*, p. 213; “Looting Epidemic Stirs London to Action; Press Suggests Hanging”, *NYT*, 4 de novembro de 1940; “Crime Boom”, *Time*, 11 de novembro de 1940; MacKay, *Half the Battle*, p. 84.

A população de ratos: “Rat Plague Begun in Britain by Raids”, *NYT*, 24 de janeiro de 1941.

“transformados em montes de entulho”: Churchill, “Westward, Look, the Land is Bright”, in *Unrelenting Struggle*, p. 81.

“Pode-se dar por”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 556.

“Eu penso que o prolongamento”, “O senhor não precisa” e “defender Habbaniya até o fim”: Churchill, *Grand Alliance*, pp. 257, 259, 261.

quase duzentos voos: Kelly Bell, “World War II: Air War Over Iraq”.

Aviões iraquianos: San Diego Aerospace Museum, “History Makers”, *Flight Lines*, outono de 2005, www.aerospacemuseum.org.

“A situação no Iraque é péssima”: Cadogan, *Diaries*, pp. 375-76.

“Quando a guerra estourou”: “Textual Excerpts from Reichsfuehrer Hitler’s Address”, *NYT*, 5 de maio de 1941.

“Eu estou gostando cada vez mais”: Ciano, *Diaries*, p. 347.

Henry Ford estava iniciando: “Ford Asks to Make Complete Bomber”, *NYT*, 5 de fevereiro de 1941; “Ford Will Turn Out 205 Bombers a Month”, *NYT*, 26 de junho de 1941.

milagre econômico alemão: Charles Higham, *Trading with the Enemy*, p. 163.

“Vamos avançar”: “Roosevelt Urgent”, *NYT*, 6 de maio de 1941.

“Uma coluna de reforço”: Churchill, *Grand Alliance*, p. 259.

caças Curtiss Tomahawk: “British in U. S. Planes Driving Iraqis Back”, *NYT*, 26 de maio de 1941.

sedado, foi tirado de lá: Bell, “Air War Over Iraq”.

-6 “Foi uma catarse coletiva”: Schoenfeld, “Danbury Story”, p. 26.

Um boato: Newton, *Profits of Peace*, p. 188.

“eminentemente fidedigno”: “The World and Hess”, *Time*, 26 de maio de 1941.

golpe duplo: Newton, *Profits of Peace*, pp. 179-89.

estava sendo bombardeado: “German Aircraft Attacking Crete Fought by British Planes and Guns”, *NYT*, 6 de maio de 1941.

“É a minha cabeça que vai rolar”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 623.

Três votaram pelo não: D. N. Pritt, advogado socialista; Alfred Salter, médico; William Gallacher, comunista. “Churchill Upheld”, *NYT*, 8 de maio de 1941.

Uma frota de trezentos: “300 Planes Smash at German Ports”, *NYT*, 10 de maio de 1941; “American-Built Planes Used”, *NYT*, 10 de maio de 1941.

“um grande show”: “Biggest R. A. F. Raid”, *NYT*, 10 de maio de 1941.

“Viram-se muitos grandes incêndios”: “The Texts of Day’s Communiques on Fighting in Europe and the Middle East”, *NYT*, 10 de maio de 1941.

porão do Instituto Anatômico: Aly et al., *Cleansing the Fatherland*, pp. 125-27.

uma série de explosivos: “Biggest R. A. F. Raid”, *NYT*, 10 de maio de 1941.

68ª vez: “American-Built Planes Used”, *NYT*, 10 de maio de 1941.

94 pessoas: “Casualties in Hamburg”, *NYT*, 11 de maio de 1941.

“Estamos planejando” e brilhantes a cintilarem no veludo: Richard Collier, *The City That Would Not Die*, pp. 66-67.

Sala de Moedas e Medalhas e Queen’s Hall: Mortimer, *The Longest Night*, pp. 280-81.

Outras igrejas de Christopher Wren: Collier, *The City That Would Not Die*, p. 238.

Os postes de iluminação tombaram: Mortimer, *Longest Night*, p. 213.

pôs-se a gritar: id., *ibid.*, pp. 186-87.

“Cegava-nos a luz”: “100,000 Fire Bombs Dropped”, *NYT*, 12 de maio de 1941.

“Durante todo aquele dia”: Mortimer, *Longest Night*, p. 282.

“Eu odeio os alemães”: id., *ibid.*

“Eu não tenho bombas”: “Fugitive Nazi Tells Guards How He Bailed Out When Unable to Land”, *NYT*, 14 de maio de 1941.

“se contorceu de alegre incredulidade”: Collier, *The City That Would Not Die*, p. 107.

“Não, ele vai é”: id., *ibid.*, p. 108.

“Oh, meu Deus”: John Toland, *Adolf Hitler*, vol. 2, p. 760.

“R. tem um pouco de inveja”: Menzies, *Dark and Harrying Days*, pp. 126-29.

“um Górkí na literatura”: Kenneth Saunders, “Toyohiko Kagawa, the St. Francis of Japan”, pp. 308-17.

“muito pálido”: Isherwood, *Diaries*, p. 160.

O objetivo de sua viagem: “Japan’s Christians Discount U. S. War”, *NYT*, 15 de maio de 1941; “Peace Talk with Japan”, *Time*, 21 de abril de 1941.

vários milhares de judeus: “Internees Routed from Beds”, *NYT*, 16 de maio de 1941; “5,000 Paris Jews off to Labor Camps”, *NYT*, 16 de maio de 1941; Browning, *Origins*, p. 201.

os trancafiou em trens: “New Vichy Moves Strike Alien Jews”, *NYT*, 17 de maio de 1941.

voltou a bombardear Lorient: “Nazi Raid Strikes West Midlands”, *NYT*, 17 de maio de 1941.

O SR. E A SRA. OTTO SUESSER: “Berlin Exiles Here After Many Voyages”, *NYT*, 18 de maio de 1941.

“A história prova”: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 4, pp. 194-97.

concordou: id., *ibid.*, p. 200.

“Esta luta requer”: Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 1090.

“Eu expliquei”: Czerniakow, *Warsaw Diary*, pp. 237-83.

“A situação do bairro judeu”: Browning, *Origins*, p. 158.

“Ele observou” e Auerswald se propôs a doar: Czerniakow, *Warsaw Diary*, pp. 237-40.

rejeitou com veemência: “Ban on Night Bombings is Rejected by Britain”, *NYT*, 22 de maio de 1941; “Night Bombing”, *The Times* (Londres), 22 de maio de 1941.

“A notícia da destruição”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 80, p. 273.

uns 14 mil: Judith M. Brown, *Gandhi*, p. 331.

“Assim que ele percebe”: Delmer, *Black Boomerang*.

“Diante das declarações antijudaicas”: “Cancels Anti-War Talk”, *NYT*, 24 de maio de 1941.

“Quando recebo minha razão”: Dawid Sierakowiak, *The Diary of Dawid Sierakowiak*, p. 94.

“Aviadores chineses teriam sido”: “Chinese Air Force to Take Offensive”, *NYT*, 24 de maio de 1941.

“A cada dia passado em Tóquio”: “Japanese Believed Still Against War”, *NYT*, 26 de maio de 1941.

Começou por resumir: Jasper, *George Bell*, pp. 262-63; Chandler, “The Church of England and the Obliteration Bombing of Germany”.

“Duvido que o senhor possa se queixar”: Jasper, *George Bell*, p. 263.

“Escutar aquela patacoada nojenta”: Sierakowiak, *Diary of Dawid Sierakowiak*, p. 96.

a safra de batata: “Bread Ration Cut Restored by Vichy”, *NYT*, 29 de maio de 1941.

“O boicote econômico total”: “Avoidance of War Urged as U. S. Aim”, *NYT*, 1º de junho de 1941.

“Queijo!”: “First U. S. Food Under Aid Law Reaches Britain”, *Herald Tribune* de Nova York, 1º de junho de 1941.

cheddar de Wisconsin: “Our 1st Food Ship Unloads in Britain”, *NYT*, 1º de junho de 1941.

quase duas vezes: “Civilian Deaths Twice British Military Losses”, *Herald Tribune* de Nova York, 1º de junho de 1941.

“Informações de dentro”: “British Photos Show Havoc of Hamburg Raids”, *Herald Tribune* de Nova York, 2 de junho de 1941.

Rhys Davies: “British Laborites Back War Policy”, *NYT*, 4 de junho de 1941.

“Foi Hitler que começou”: *Herald Tribune* de Nova York, 5 de junho de 1951.

ONZE MIL OPERÁRIOS: “Huge Plane Plant Halted by Strike”, *NYT*, 6 de junho de 1941.

200 milhões de dólares: “Coast U. A. W. Votes on Aircraft Strike”, *NYT*, 24 de maio de 1941.

“A única coisa que nós queremos”: “He Sets a Deadline”, *NYT*, 8 de junho de 1941.

“o próximo campo da aventura”: “Hitler Ridicules U. S. Fears, Holds Nazi Attack Wild Idea”, *NYT*, 6 de junho de 1941.

“é uma desvantagem evidente”: “Quakers Issue Bid to ‘Dynamic Peace’”, *NYT*, 8 de junho de 1941.

“não há em nenhum governo”: “Quakers Offer Roosevelt Plan to End the War”, *Herald Tribune* de Nova York, 8 de junho de 1941.

Jones enviou exemplares: “Quakers Issue Bid to ‘Dynamic Peace’”, *NYT*, 8 de junho de 1941.

Dashiell Hammett: “Hammett Elected by Writers League”, *NYT*, 9 de junho de 1941.

Native Son de Richard Wright: “Native Son Wins Award for Novel”, *NYT*, 8 de junho de 1941.

Theodore Dreiser: “Theodore Dreiser Gets Peace Award”, *NYT*, 7 de junho de 1941.

“Hoje convém perguntar”: “Leftist Writers Denounce War as ‘Imperialist’”, *Herald Tribune* de Nova York, 7 de junho de 1941.

“O nosso país está em perigo”: “Roosevelt Explains Seizure”, *NYT*, 10 de junho de 1941.

“O Exército vem vindo”: “Troops’ Arrival Brings Quick Shift”, *NYT*, 10 de junho de 1941.

“um efeito psicológico profundo”: Nelson Lichtenstein, *Labor’s War at Home*, p. 63, citado in Lawrence W. Levine e Cornelia R. Levine, *The People and the President*, p. 477.

“Eu sempre lamento”: “Roosevelt Explains Seizure”, *NYT*, 10 de junho de 1941.

“jogadas no chão”: Berg, *Warsaw Ghetto*, p. 69.

“A Alemanha está enterrada”: Gabriel Gorodetsky, *Grand Delusion: Stalin and the German Invasion of Russia*, p. 279.

“Esse forno foi construído”: Aly et al., *Cleansing the Fatherland*, p. 130.

O QUE ESTAMOS ESPERANDO: Fight for Freedom advertisement, *NYT*, 15 de junho de 1941, p. 29.

“Se todos fizessem”: “Draft Evader Jailed”, *NYT*, 17 de junho de 1941.

“Se Hitler perceber”: Mihail Sebastian, *Journal, 1935-1944*, pp. 366-67.

“graves consequências”: “U. S. Bars Refugees with Kin in Reich”, *NYT*, 18 de junho de 1941.

“Acaso o nosso governo carece”: Justus D. Doenecke, “Non-Interventionism of the Left”, p. 299.

“A nossa gente vive sendo”: Jervis Anderson, *A. Philip Randolph*, pp. 256-59.

H. G. Wells enviou: Churchill Archive, www.chu.cam.ac.uk, catálogo de entrada CHAR 20/30/59-62.

“tomado providências”: Adam Grolsch, entrevista in Eric A. Johnson e Karl-Heinz Reuband, *What We Knew*, p. 237.

“Diga à BBC”: Churchill, *The Grand Alliance*, p. 331.

“Pois agora esse moleque”: Churchill, *Unrelenting Struggle*, p. 171.

“Nós sepultamos 48 pessoas”: Jan Cherniak et al., *Pobediteli: Soldiers of the Great War*.

“Este inconcebível ataque”: “Text of Moloff Address”, *NYT*, 23 de junho de 1941.

“Olhe, você estava um pouco”: Edvard Radzinsky, *Stalin*, pp. 462-63.

CHEGOU A HORA!: Fight for Freedom advertisement, *NYT*, 23 de junho de 1941, p. 10.

“Qual é a posição”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 842 e n.

“Se virmos que a Alemanha”: “Our Policy Stated”, *NYT*, 24 de junho de 1941.

“derrota militar dos agressores”: “Reds Here Shift in Stand on War”, *NYT*, 27 de julho de 1941.

não havia abrigos antiaéreos: Cherniak et al., *Pobediteli*.

figurava um judeu: Sebastian, *Journal*, p. 370.

“Cada mulher e criança alemãs”: Partridge, *Pacifist’s War*, p. 99.

trens lacrados: International Commission on the Holocaust in Romania, *Final Report*, cap. 5, pp. 24-26.

“A cidade está um forno” e “o abastecimento de produtos alimentícios”: Goebbels, *Goebbels Diaries, 1939-1941*, pp. 433-34.

“Todos os que usarem farda”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 871.

estoques de gás venenoso: id., *ibid.*, p. 927.

pequeno grupo trotskista: “29 Reds Indicted in Overthrow Plot”, *NYT*, 16 de julho de 1941.

“O que essa gente fez?”: I. F. Stone, *The War Years*, pp. 72-74.

o método da ostra: Ley, *Bombs and Bombing*, p. 37.

“O povo grego enfrenta”: “Famine Spread Menaces Greece”, *NYT*, 2 de julho de 1941.

“É preciso tomar um cuidado especial”: Noakes e Pridham, *Nazism*, vol. 3, p. 1092.

“Violentos ataques aéreos ingleses”: Goebbels, *Goebbels Diaries, 1939-1941*, p. 445.

Bombenfrischler: id., *ibid.*, p. 444.

Frango frito Baltimore: “All Britain Honors Independence Day”, *NYT*, 5 de julho de 1941.

“Ler jornal”: Sebastian, *Journal*, p. 375.

“carga três estrelas”: David Anderson, “Britain is Prepared to Press Her Air Offensive”, *NYT*, 7 de setembro de 1941; “RAF Blasts Reich Cities in Vast 24-Hour Offensive”, *NYT*, 9 de julho de 1941.

“vocês concentrarão”: Denis Richards, *The Royal Air Force*, cap. 13.

“Um dos nossos grandes objetivos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 908-9.

abrigos Nissen: James A. Donovan, *Outpost in the North Atlantic*.

“correndo atrás da guerra”: “Nazis Assail U. S. on Step in Iceland”, *NYT*, 10 de julho de 1941.

Certamente, pensou Victor Klemperer: Klemperer, *Witness*, p. 417.

“Embora o procedimento” e “Assim, fui o planejador”: Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, pp. 14-17.

“Eu via Varsóvia afogada” e “Por esse motivo”: Berg, *Warsaw Ghetto*, pp. 80-81.

“Agora, neste exato momento”: “Hitler is Plotting Peace Drive Here with Pacifist Help, Mayor Warns”, *NYT*, 15 de julho de 1941.

secundou o alerta de *LaGuardia*: “Supports Warning of Mayor on Peace”, *NYT*, 16 de julho de 1941.

passou em revista 6 mil: “Defense Workers’ Day”, *NYT*, 15 de julho de 1941.

“toda essa gente”: “Text of Churchill Address to Londoners”, *NYT*, 15 de julho de 1941.

“Por volta das sete, nós recebemos intercepções japonesas”: Cadogan, *Diaries*, p. 392.

“Não se trata da manifestação”: “Civilian Morale”, *NYT*, 15 de julho de 1941.

“as lascas atingem poucos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 948-49.

“Tenho o prazer de constatar”, id., *ibid.*, p. 990.

“Gostaríamos de ressaltar” e “O nosso primeiro-ministro”: Gowing, *Britain and Atomic Energy*, pp. 94, 86, 394-98.

“É iminente o perigo”: Lucy S. Dawidowicz, *The War Against the Jews*, p. 162.

“uma fonte de bacilos”: Broszat, “Genesis of the ‘Final Solution’”, p. 400.

Aquele milésimo avião: “Halifax Praises American Planes”, *NYT*, 18 de julho de 1941.

“Düsseldorf é pouco mais”: “German Cities Reported Hard Hit”, *NYT*, 18 de julho de 1941.

“Então poderia iniciar”: Nicolson, *War Years*, p. 178.

“Acho que, nos terrenos mais vastos”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 968.

30 mil pés: Alexander P. De Seversky, *Victory Through Air Power*, p. 246.

As armas congelavam: Wesley Frank Craven e James Lea Cate, *The Army Air Forces in World War II*, vol. 1, p. 601.

não conseguiam: Terraine, *Time for Courage*, pp. 279-80.

“alvos voadores”: Geoffrey Perret, *Winged Victory*, p. 98.

“féretros voadores”: Craven e Cate, *Army Air Forces in World War II*, vol. 1, p. 601.

“bombardeio incendiário do Japão”: Schaller, *The U. S. Crusade in China*, p. 79.

leu e aprovou: Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 103, 118.

“Muito me alegre informar”: Armstrong, “Secret Documents”, www.preemptivestrikethebook.com; Armstrong, *Preemptive Strike*, p. 138; Duane Schultz, *The Maverick War*, p. 14.

transmitiram a Tóquio: Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 124-26, 133-35.

“Há muita coisa”: “U. S. Policy Stated”, *NYT*, 25 de julho de 1941; “President on Defense and Far East”, *NYT*, 25 de julho de 1941.

“grandes quadrimotores”: “Boeings Strike from Great Height”, *NYT*, 25 de julho de 1941.

“Os raids foram organizados”: “Bombing from 40,000 Feet Up”, *NYT*, 26 de julho de 1941.

“A 11 mil metros de altitude”: Martin Caidin, *Flying Forts*, p. 116.

apresentou-se para o serviço ativo: “Professor at Columbia is Called by the Army”, *NYT*, 8 de julho de 1941; “Col. Zanetti Goes on Army Duty”, *NYT*, 25 de julho de 1941.

guerra incendiária: “Professor at Columbia is Called by the Army”, *NYT*, 8 de julho de 1941.

bomba incendiária italiana parcialmente queimada: Leo P. Brophy, Wyndham D. Miles e Rexmond C. Cochrane, *The Chemical Warfare Service: From Laboratory to Field*, p. 168.

“O gás se dissipa, ao passo que o fogo se alastra”: Brooks E. Kleber e Dale Birdsell, *The Chemical Warfare Service: Chemicals in Combat*, p. 616.

As favelas eram particularmente vulneráveis: “‘Ineptitude’ Is Seen in Fire Bomb Attacks”, *NYT*, 3 de fevereiro de 1941.

Zanetti foi encarregado: Brophy, Miles e Cochrane, *From Laboratory to Field*, p. 342.

levou de volta plantas: Kleber e Birdsell, *Chemicals in Combat*, p. 617.

bomba de termite-magnésio: Brophy, Miles e Cochrane, *From Laboratory to Field*, pp. 172-73.

propriedades de perfurar telhados: Kleber e Birdsell, *Chemicals in Combat*, p. 622.

“Considerando a emergência nacional”: “Freezing Statement’s Text”, *NYT*, 26 de julho de 1941.

“deviam sempre abordar”: Walter Laqueur, *The Terrible Secret*, p. 91.

“Este período de estiagem”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 982.

“A guerra com os russos”: Sebastian, *Journal*, p. 385.

jornalista americano: Quentin Reynolds Is Dead at 62”, *NYT*, 18 de março de 1965.

“Eu cheguei num avião”: Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, p. 320.

“Há pouco tempo”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 991.

“Nos últimos dois”: Lord Alanbrooke, *War Diaries*, p. 174.

“JAPÃO ENFURECIDO COM AMEAÇA DO PETRÓLEO”: *NYT*, 30 de julho de 1941.

“Eu gostaria de ver”: Harold L. Ickes, *The Secret Diary of Harold L. Ickes*, vol. 3, p. 593.

“Quantas crianças”: Vera Brittain, *Testament of a Peace Lover*, p. 86.

“No cumprimento da missão” e “A Solução Final”: Breitman, *Architect of Genocide*, pp. 192-94.

NOVENTA CRIANÇAS E BEBÊS judeus: Raul Hilberg, *Perpetrators, Victims, Bystanders*, pp. 58-60.

“subia como um vulcão”: “Nazi Capital Bombed Hard”, *NYT*, 4 de agosto de 1941.

“O vasto ataque aéreo”: “Biggest Air Attack Staged by R. A. F.”, *NYT*, 13 de agosto de 1941.

“o mais recente orgulho da R. A. F.”: “Nazi Capital Bombed Hard”, *NYT*, 4 de agosto de 1941.

“Há meses que”: Clemens von Galen, sermão, in Noakes e Pridham, *Nazism*, pp. 1036-38.

“As crianças, quando brigam”: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 332-33.

foram transferidos para Lublin: Brack, “Affidavit”, p. 6.

ALEXANDER CADOGAN foi à Escócia: Cadogan, *Diaries*, p. 395.

“Quando eu sai” e “Toda vez que eu vejo um judeu”: Sebastian, *Journal*, pp. 389-91.

“A melhor maneira de vergar”: Crane, *Bombs, Cities, and Civilians*, p. 32.

“Primeiro foi a criação”: “Japanese Insist U. S. and Britain Err on Thailand”, *NYT*, 8 de agosto de 1941.

não saber de cerco nenhum: “Hull Declares Japan Encircles Herself by Acts”, *NYT*, 9 de agosto de 1941.

“Os viveres, tanto quanto as munições”: “President Urges More Food Crops”, *NYT*, 13 de agosto de 1941.

“interessantíssimo”: Churchill, *Grand Alliance*, p. 429.

profundamente tocante: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 1.043.

caixas contendo: Walter Henry Thompson, *Assignment: Churchill*, p. 233.

plano de plantar árvores de Natal: Cadogan, *Diaries*, p. 398.

trocando elogios: Thompson, *Assignment: Churchill*, pp. 238-39.

linguagem dura: Churchill, *Grand Alliance*, p. 446.

declaração paralela britânica e americana: Maurice Matloff e Edwin M. Snell, *Strategic Planning for Coalition Warfare, 1941-1942*, pp. 68-69.

Max Beaverbrook: “London Expects More from Talks”, *NYT*, 15 de agosto de 1941.

“Os britânicos querem 6 mil”: Arnold, *American Airpower*, p. 224.

“Vão fornecer”: Churchill, *Grand Alliance*, pp. 446-47.

“Pelo menos ficou claro”: Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, p. 362.

dois raios: “Big Fires are Seen in Berlin as R. A. F. Pilots Hover Over City for Two Hours”, *NYT*, 14 de agosto de 1941.

“A primeira onda”: “300 Big Bombers Raid Nazi Cities”, *NYT*, 16 de agosto de 1941.

UM PETROLEIRO repleto: “U. S. Tanker Sails With Soviet Fuel”, *NYT*, 15 de agosto de 1941.

a maior campanha de propaganda: “Our Role in Pacific”, *NYT*, 16 de agosto de 1941.

Ao reparar em um menino: Breitman, *Architect of Genocide*, p. 195.

“Himmler nunca tinha visto”: Gilbert, *Holocaust*, p. 191.

“Olhe nos olhos”: Browning, *Origins*, p. 353.

“Raramente a história viu”: “Nazis See Bluff in Bid to Stalin”, *NYT*, 17 de agosto de 1941.

“O COQUETEL B & B”: *NYT*, 17 de agosto de 1941.

Churchill bebeu um Bénédictine: Cadogan, *Diaries*, p. 402.

“O presidente se disse”: “War-Entry Plans Laid to Roosevelt”, *NYT*, 2 de janeiro de 1972.

O SECRETÁRIO PESSOAL DE LORDE CHERWELL: Maurice W. Kirby, *Operational Research in War and Peace: The British Experience from the 1930s to 1970*, p. 135.

“Temos mil”: “Prisons Roll Out Defense Products”, *NYT*, 19 de agosto de 1941.

“Eu creio que”: Lester, *It So Happened*, p. 163; “Trinidad Holds Muriel Lester”, *NYT*, 29 de agosto de 1941.

Com o passaporte confiscado: Lester, *It So Happened*, p. 211.

“Imediatamente depois da conclusão”: Broszat, “Genesis of the ‘Final Solution’”, p. 401.

As vítimas caíram: Paul Ginsburg, “Engelbert Kreuzer: Butcher of Sudilkov”, Max Grossman, “The Holocaust”, www.grossmanproject.net/the_holocaust.htm.

“Em caso de novo ato”: “Nazis Will Hold French Hostages; Officer is Slain”, *NYT*, 23 de agosto de 1941.

“Nós esperamos sinceramente”: “Text of Prime Minister Churchill’s Address”, *NYT*, 25 de agosto de 1941.

“O que Churchill disse”: “Accusation of Falsehood”, *NYT*, 26 de agosto de 1941.

“Acho que são necessárias”: Lee, *London Journal*, p. 377.

dar um jeito de produzir: Brophy e Fisher, *From Laboratory to Field*, p. 342.

fábrica de magnésio: id., *ibid.*, p. 173; “Company to Build Magnesium Plants”, *NYT*, 14 de agosto de 1941; “The Nation: Critical Material”, *NYT*, 12 de abril de 1942.

METADE DA CAPACIDADE: Thompson, *Generalissimo Churchill*, p. 76.

“O sr. Churchill, naturalmente, era”: John Noble Kennedy, *The Business of War*, p. 96.

“Embora eu, pessoalmente”: Churchill, *Grand Alliance*, p. 814.

-7 programa vilarejos: Webster e Frankland, *Strategic Air Offensive*, vol. 4, pp.140-41.

arrasar cidades como Aachen: “See British Gain in Control of Air”, *NYT*, 31 de agosto de 1941.

“Não houve nenhum fogo”: “All Day Attacks Staged by R. A. F.”, *NYT*, 1º de setembro de 1941.

violenta represália: “Nazis Bomb English Port Hard”, *NYT*, 1º de setembro de 1941.

“Os alemães já não aguentam”: “Morale Among Germans Held to be Weakening”, *NYT*, 7 de setembro de 1941.

“esfregando aquele petróleo”: “Tokyo Press Scores U. S.”, *NYT*, 23 de agosto de 1941.

“morte lenta”: “Tokyo Army Aide Bids Japan Fight If Parleys Fail”, *NYT*, 2 de setembro de 1941.

“Führer de Medidas Imediatas”: Robert Gellately, *Backing Hitler*, p. 211.

“Para ser eficaz, o bombardeio” e “Precisamos de 2 ou 3 mil”: David Garnett, *War in the Air*, pp. 225-26, 269.

“Um pacifista entre duas guerras”: Miller, *Fosdick*, p. 491.

O NAVIO AMERICANO: “Press Ignores Tanker Arrival”, *NYT*, 6 de setembro de 1941.

HANS HIRSCHFELD E INGE KORACH: Alison Owings, *Frauen*, p. xxi.

“Gente abatida”: Sebastian, *Journal*, p. 405.

“É uma estrela de seis pontas”: “Nazis Order Jews Over Six Labeled”, *NYT*, 7 de setembro de 1941.

“As pessoas olhavam com tristeza”: Owings, *Frauen*, pp. 457-58.

“Hoje teve início”: “100 Leading Jews Seized in Paris”, *NYT*, 9 de setembro de 1941.

-1 “de todas as idades e ambos os sexos”: Associated Press, “Jews of Hanover ordered to Evacuate Homes in 24 Hours”, no *Herald* de Lethbridge, 8 de setembro de 1941; “Jews of Hanover Forced from Homes”, *NYT*, 9 de setembro de 1941.

“A força aérea inimiga”: *Herald Tribune* de Nova York, 9 de setembro de 1941.

“O bombardeio ofensivo”: Aronson, *Hitler, the Allies, and the Jews*, p. 297; ver também pp. 40, 291.

“os berlinenses saíram”: *Herald Tribune* de Nova York, 9 de setembro de 1941.

“Na lista de ataques criminosos”: “Berlin Accounts Rail at British”, *NYT*, 9 de setembro de 1941.

“Eu a encarava”: Sebastian, *Journal*, pp. 407-8.

“Eu entrei em pânico”: Owings, *Frauen*, p. 458.

“Para vencer o inimigo”: “Nazis May Use Gas, Gen. Porter Warns”, *NYT*, 11 de setembro de 1941.

o presidente foi a Hyde Park: “President Shuts Self from World”, *NYT*, 9 de setembro de 1941.

O submarino lançou torpedos: Kimball, *Churchill and Roosevelt*, p. 236.

“Roosevelt”, disse uma nota oficial alemã: “Accuse President”, *NYT*, 7 de setembro de 1941.

“Eles planejavam”: “Lindbergh Sees a Plot for War”, *NYT*, 12 de setembro de 1941.

“Vocês ouviram”: “Assail Lindbergh for Iowa Speech”, *NYT*, 13 de setembro de 1941.

“Cada um de nós tem direito”: “Two Jewish Groups Reply to Lindbergh”, *NYT*, 20 de setembro de 1941.

“Muitos grupos e elementos”: “Thomas Assails Speech”, *NYT*, 13 de setembro de 1941.

“um grande número”: “Death Rate Soars in Polish Ghettos”, *NYT*, 14 de setembro de 1941.

“É evidente”: “Britain ‘Silent War’ Tightening Pinch”, *NYT*, 21 de setembro de 1941.

Alfred Rosenberg achava: Browning, *Origins*, p. 324.

“ninho de peçonha”: Peter Witte, “Two Decisions”, *Holocaust and Genocide Studies*, vol. 9 (1995).

“O Führer cogita”: Peter Witte, “Two Decisions”; Christopher Browning, *Nazy Policy, Jewish Workers, German Killers*, p. 38; Roseman, *Wannsee Conference and the Final Solution*, p. 60.

“Nebe e eu chegamos à conclusão”: Eugen Kogon et al., *Nazi Mass Murder: A Documentary History of the Use of Poison Gas*, p. 53.

pesticida Zyklon B: Browning, *Origins*, pp. 357, 526-27.

“Quando o gás foi introduzido”: Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 1178.

“Devo admitir”: Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka*, p.10.

“O problema de derrotar o Japão”: Thompson, *Time for War*, pp. 365-66; Armstrong, *Preemptive Strike*, pp. 153-55.

“Idiota, pretensioso”: Sebastian, *Journal*, p. 414.

“A fábrica de bombardeiros Whitley”: Colville, *Fringes of Power*, p. 441.

“Sem esperar”: Ilya Ehrenburg e Vasily Grossman, *The Complete Black Book of Russian Jewry*, p. 9.

“O bombardeiro pesado quadrimotor”: “A Tool for Mr. Churchill”, *Fortune*, outubro de 1941.

quinze policiais alemães: Breitman, *Architect of Genocide*, pp. 200-201.

“um pouco injusta”: “Text of Prime Minister Churchill’s Review of War in House of Commons”, *NYT*, 1º de outubro de 1941.

“Em virtude do perigo”: Williams e Wallace, *Unit 731*, p. 93.

Edwin B. Fred: Regis, *Biology of Doom*, p. 20; Guillemin, *Biological Weapons*, p. 59.

“casos de compaixão inadequada”: Bankier, *Germans and the Final Solution*, p. 128.

“É gostoso ser livre”: “Freedom Rally Thrills 17,000”, *NYT*, 6 de outubro de 1941.

conversou sobre a bomba de urânio: John C. Culver e John Hyde, *American Dreamer: The Life and Times of Henry A. Wallace*, p. 167.

“parece-me desejável”: Kimball, *Churchill and Roosevelt*, p. 249.

“matado, seguramente”: Browning, *Origins*, p. 298.

82 BOMBARDEIROS WELLINGTON: Grayling, *Among the Dead Cities*, p. 296.

foram parar em Stuttgart: “Campaign Diary 1941”, *Bomber Command*, www.raf.mod.uk/bombercommand/diary1941_3.html.

“Bombardeiros britânicos incendeiam”: *NYT*, 14 de outubro de 1941.

“Uma guerra bárbara”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 81, p. 192.

“garantias de liberdades humanas”: “Gandhi for a Peace Without a Defeat”, *NYT*, 13 de outubro de 1941.

“tinham mais chance”: United States Congress, *Arming American Merchant Vessels*, p. 64; ver também “Foes of Ship Arming Demand President Make Peace Move”, *NYT*, 15 de outubro de 1941.

“em fábricas de munição”: “Rules Against Jews Multiply in Berlin”, *NYT*, 16 de outubro de 1941.

chegou de trem à estação, “um aristocrático Dante judeu” e “Caroline, ides”: Isherwood, *Diaries*, pp. 182, 185, 186.

“Para ir”: Sebastian, *Journal*, p. 427.

“os judeus foram despejados”: “Berlin Evicts Jews to Get Apartments”, *NYT*, 18 de outubro de 1941.

“Manter os alemães”: “R. A. F. Units Strike in Industrial Ruhr”, *NYT*, 18 de outubro de 1941.

“tanques numa quantidade”: “Defense Heads Draft Plan for 100 Billions for Arms”, *NYT*, 18 de outubro de 1941.

“A julgar pela ênfase”: Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, pp. 28-29.

21 pessoas ficaram feridas: Jones, *X Site*, pp. 16-17.

TODA A EMIGRAÇÃO JUDAICA: Browning, *Origins*, p. 197.

“Seu clamor por alimento”: “Feed Starving War Children, Hoover Pleads”, *Chicago Tribune*, 20 de outubro de 1941.

dois homens se aproximaram: “Nazi Commander Slain at Nantes”, *NYT*, 21 de outubro de 1941.

“55 mil dos estimados”: “55,000 of Berlin’s Jews Reported to Face Exile”, *NYT*, 21 de outubro de 1941.

“Quando se iniciaram as expulsões”: “Anti-Jewish Drive Renewed in Reich”, *NYT*, 22 de outubro de 1941.

“Relatos cada vez mais chocantes”: Klemperer, *Witness*, p. 440.

“Sua energia”: “Berlin Calls Action on Jews Military”, *NYT*, 24 de outubro de 1941.

“apartamento catástrofe”: “Nazis Seek to Rid Europe of All Jews”, *NYT*, 28 de outubro de 1941.

“Conforme uma diretiva de Speer”: Joachim Fest, *Speer*, p. 118.

“Desde sábado”: Helmuth James von Moltke, *Letters to Freya*, p. 175.

“Continuam chegando judeus”: Sierakowiak, *Diary*, pp. 142-43.

um oficial alemão caminhava pelo bulevar: “Frenchmen Slay a German Major”, *NYT*, 23 de outubro de 1941.

Exército romeno fuzilou: Gilbert, *Holocaust*, pp. 217-18.

“cenas terríveis”: Von Hassell, *Diaries*, p. 222.

“Todo judeu”: “Anti-Jewish Drive Renewed in Reich”, *NYT*, 22 de outubro de 1941.

“ultimamente, tem chegado com frequência”: Noakes e Pridham, *Nazism*, vol. 3, p. 1111.

um treinamento de blecaute antiaéreo: “Tokyo Blackout Stresses Crisis”, *NYT*, 23 de outubro de 1941.

“Você vai passar” e “Os japas vão ocupar Manila”: Mowrer, *Triumph and Turmoil*, pp. 323, 325.

orações diárias: “Berlin Dean Held; Prayed for Jews”, *NYT*, 9 de novembro de 1941; Yad Vashem, “Lichtenberg, Bernhard”.

Lichtenberg também andava rezando: papa Paulo II, “Address During a Meeting with the Central Council of the Jews in Germany”.

Os interrogadores ameaçaram: Von Moltke, *Letters to Freya*, p. 185.

“a única coisa que eu soube”: “Excerpts from the Press Conference”, in Wooley e Peters, *American Presidency Project*.

“Há muito que os povos civilizados”: “President Flays Hostage Killings”, *NYT*, 26 de outubro de 1941.

“a retribuição a esses crimes”: “Churchill to Avenge Crimes”, *NYT*, 26 de outubro de 1941.

“japoneses fanáticos e lúgubres”: “Tokyo, Capital of Shadows”, *NYT*, 26 de outubro de 1941.

“Todos levavam”: Ciano, *Diaries*, p. 398.

“Veja como Ciano” e “Vocês não acham”: Felix Kersten, *The Kersten Memoirs, 1940-1945*, pp. 112-13.

“Eu manifestei o meu temor”: Alanbrooke, *War Diaries*, p. 194.

torpedo que atinge sua praça das caldeiras: Robert Sinclair Parkin, *Blood on the Sea*, p. 3.

Mayflower Hotel: “Answer to Enemy”, *NYT*, 28 de outubro de 1941.

“oficinas dos falsificadores judeus” e ROOSEVELT, O VICE-REI: “Nazis Excoriate Navy Day Speech”, *NYT*, 29 de outubro de 1941.

“ridículo”: “Nazi Ire Over ‘Secret Map’ Is a ‘Scream’ to Roosevelt”, *NYT*, 29 de outubro de 1941.

Ele respondeu que estava em sua escrivaninha: id., *ibid.*

rotas percorridas pelos aviões: Joseph E. Persico, *Roosevelt’s Secret War*, pp. 127-28.

falsificação britânica: Cull, *Selling War*, pp. 170-73.

“Nós exortamos o presidente”: “Nazi Ire Over ‘Secret Map’ Is a ‘Scream’ to Roosevelt”, *NYT*, 29 de outubro de 1941.

“Vamos tentar não”: Sebastian, *Journal*, p. 435.

“Todo o quartirão”: Lindbergh, *Wartime Journals*, p. 551.

tocando sinetas de vaca: “Lindbergh Sees Trickery on War”, *NYT*, 31 de outubro de 1941.

“A guerra na qual querem”: “Text of Lindbergh’s Address at America First Rally”, *NYT*, 31 de outubro de 1941.

“Acho que a coisa”: Lindbergh, *Wartime Journals*, p. 552.

“Onze poloneses”: Aly et al., *Cleansing the Fatherland*, p. 137.

mapa do Extremo Oriente: *United States News*, 31 de outubro de 1941, reproduzido in Thompson, *Time for War*, p. 210.

“Isso me doe muito” e “Ouvimos de diversas”: Klemperer, *Witness*, pp. 442-43.

“As portas eram muito”: Yitzhak Arad, “‘Operation Reinhard’: Extermination Camps of Belzec, Sobibor and Treblinka”, pp. 4-5.

“No período de”: Fest, *Speer*, p. 118.

HALIFAX É UM BELICISTA: “Women Hurl Eggs and Tomatoes at Lord Halifax on Detroit Tour”, *NYT*, 5 de novembro de 1941;

“Realtors Discuss Impact of Defense”, *NYT*, 5 de novembro de 1941.

“Esta é a guerra das fábricas”: Conde de Halifax, *The American Speeches of the Earl of Halifax*, pp. 94-101.

“haraquiri nacional” e “Se houver guerra”: Grew, *Ten Years in Japan*, pp. 468, 470.

as sirenes antiaéreas: Regis, *Biology of Doom*, pp. 18-19; Williams e Wallace, *Unit 731*, pp. 95-96.

“O meu único sentimento”: “Halifax Envious Wasters of Eggs”, *NYT*, 6 de novembro de 1941; ver também Cull, *Selling War*, p. 167.

“Afinal, é o último”: Von Moltke, *Letters to Freya*, p. 177.

NOVA CERCA DE ARAME FARPADO: Lucjan Dobroszycki, ed., *The Chronicle of the Lodz Ghetto, 1941-1944*, pp. 82, 86.

“Os acidentes eram frequentes”: J. D. V. Ludlow, *Bridgend Royal Ordnance Factory*, p. 116.

“Logo na primeira noite”: Miriam Korber, “Transnistria”, in Alexandra Zapruder, ed., *Salvaged Pages*, pp. 250-51.

-9 “Em uma sociedade sadia”: Von Moltke, *Letters to Freya*, pp. 179-80.

“Bunny deseja”: Partridge, *Pacifist’s War*, p. 111.

“ofensiva de paz” e “Temos de encarar-los”: Churchill, “A Warning to Japan”, in *Unrelenting Struggle*, pp. 295, 298-99.

“À custa de muita pressão”: Kersten, *Kersten Memoirs*, pp. 119-20; ver também Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 1.121.

“Como eu combato”: Kersten, *Kersten Memoirs*, p. 121.

37 bombardeiros e “As nossas perdas catastróficas”: Cadogan, *Diaries*, pp. 411-12.

“Every House In Berlin”: Stewart Halsey Ross, *Strategic Bombing by the United States in World War II*, p. 138.

“Sem dúvida, a libertação”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, pp. 1446-47.

“Nós estamos preparando uma guerra”: Michael S. Sherry, *The Rise of American Air Power*, p. 109; Thompson, *Time for War*, p. 375.

“cobrir toda a área”: Thompson, id., *ibid.*, p. 376.

roupão de banho vermelho: Killen, *History of the Luftwaffe*, pp. 184-85.

“Os seus aliados não os ajudam”: “U. S. Plane Downs Nazi at Moscow”, *NYT*, 24 de novembro de 1941.

EM BREMEN, a Gestapo: Bankier, Germans and the Final Solution, p. 134.

O comboio partiu de Bremen: Christopher Browning, *Ordinary Men*, p. 42.

“O dia 9 de novembro”: Benno Müller-Hill, *Murderous Science*, pp. 47-48.

“A questão é como”: Richard N. Current, “How Stimson Meant to ‘Maneuver’ the Japanese”, p. 67.

DOIS ESTUDANTES estavam: “2 Quaker Objectors Sent to Prison Farm”, *NYT*, 27 de novembro de 1941.

“Para um homem ansioso” e “Não consigo conceber”: Parents of Arnold Satterthwait and Frederick Richards, *Federal Convicts Numbers 1128 and 1129, Collejo to Prison*.

“O moral do povo britânico”: Lee, *London Journal*, p. 468.

trabalho escravo: Gellately, *Backing Hitler*, p. 213.

“uma solução abrangente”: Roseman, *Wannsee Conference*, p. 81.

não há problemas: “U. S. Ultimatum is Seen by Japan”, *NYT*, 29 de novembro de 1941.

“Que eles tenham consciência”: “Peace with Japan is Asked in Prayer”, *NYT*, 30 de novembro de 1941.

“Chennault e eu já”: Leonard, *I Flew for China*, pp. 186-87.

“Em toda parte”: Berg, *Warsaw Ghetto*, p. 117.

rezando para evitar uma catástrofe no Pacífico: “Prayers for Peace Revealed in Tokyo”, *NYT*, 22 de abril de 1942.

“Os judeus lutarão”: “Jewish Army Urged to Win Just Peace”, *NYT*, 5 de dezembro de 1941.

“O único sentido”: “India Frees 502 Including Nehru”, *NYT*, 5 de dezembro de 1941.

atrasou a edição: Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!*, p. 178.

“apoio popular ao esforço”: *Congressional Record*, vol. 87, 77-1, 1941-42, A5450.

“métodos estratégicos”: “A. E. F. Plan Laid to Army and Navy”, *NYT*, 5 de dezembro de 1941.

“Não tenho nenhuma novidade”: Betty Houchin Winfield, *FDR and the News Media*, p. 200.

o senador Burton Wheeler, “Não tenho nenhuma prova” e PLANO SECRETO DOS ESTADOS UNIDOS: Thomas Fleming, *The New Dealer’s War*, pp. 12, 27, 29.

“A opinião corrente é a de que”: *Congressional Record*, vol. 87, p. A5446, 4 de dezembro de 1941.

“Vocês sabem dos crimes inomináveis”: Mann, *Listen, Germany!*, pp. 61-62; encontra-se outra tradução in “Mann Bids Reich Break Nazi Yoke”, *NYT*, 7 de dezembro de 1941.

“o único método tecnicamente”: Harris e Paxman, *Higher Form of Killing*, pp. 88-90.

gotas matinais: Persico, *Roosevelt’s Secret War*, p. XXII.

“Aqui eu o peguei”: David E. Lilienthal, *The Journals of David E. Lilienthal*, vol. 1, p. 506.

“dirija-me a Vossa Majestade”: Yale Law School, *The Avalon Project*, “Message from the President to the Emperor of Japan”, www.yale.edu/lawweb/avalon/wwii/p2.htm.

“Ficou ótimo”: Lilienthal, *Journals*, p. 506.

coleção de selos: Persico, *Roosevelt’s Secret War*, p. XXIII.

“Desgraçados!”: “Leaflets Carried by Raiders”, *NYT*, 25 de dezembro de 1941. Imagem no Naval Historical Centre, fotografia nº 80-G-413507, disponível em www.history.navy.mil.

dezenas de civis em Honolulu: Jack G. Henkels, “Civilians Died on Dec. 7, Too”, *Honolulu Star Bulletin*, 7 de dezembro de 1996, disponível em www.starbulletin.com.

“Recuperando-se da letargia”: W. Averell Harriman e Elie Abel, *Special Envoy to Churchill and Stalin, 1941-1946*, pp. 111-12.

“Senhor presidente, que história”: Churchill, *The Grand Alliance*, p. 605.

“A principal reação de Winant”: Martin Gilbert, *In Search of Churchill*, p. 184.

“com um sangue-frio admirável”: Churchill, *The Grand Alliance*, p. 605.

“ele estava mexendo”: *Newsweek*, 12 de dezembro de 1966, p. 42, parcialmente citado in Mark Emerson Willey, *Pearl Harbor*, p. 108.

estava em seu escritório: Harry Emerson Fosdick, *The Living of These Days*, p. 295.

“O público desta rádio”: Authentic History Center, *WWII: December 7-8, 1943 (CD0410)*, www.authentichistory.com.

“Knox sente uma coisa horrível”: Blum, *From the Morgenthau Diaries*, vol. 3, p. 1.

o homem naquele bar: Mowrer, *Triumph and Turmoil*, p. 327.

“Enfim desfechou-se”: Eleanor Roosevelt, “Pearl Harbor”, in *My Day*, p. 60.

um exportava pérolas: “F. B. I. Rounding Up Germans in Nation”, *NYT*, 9 de dezembro de 1941.

“É uma situação infeliz”: “Entire City Put on War Footing”, *NYT*, 8 de dezembro de 1941.

no Forte Missoula, achavam-se: “Japanese Arrests in Country at 345”, *NYT*, 9 de dezembro de 1941.

“uma grande caçada humana”: Peter H. Irons, *Justice at War*, p. 19.

“A Rússia salvou o governo”: Channon, *Diaries*, pp. 313-14.

“Saturado e saciado”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 1580.

VESTINDO UMA CAPA: Robert Smith Thompson, *Empires on the Pacific*, p. xi.

BRAÇADEIRA PRETA: Jan Pottker, *Sara and Eleanor*, p. ix.

Soldados do Exército e fuzileiros navais: James Reston, “Capital Swings Into War Stride”, *NYT*, 9 de dezembro de 1941.

sorriu e acenou: id., *ibid.*

“Os japoneses, ímpios assassinos” e “Sim, perecer”: *Congressional Record*, vol. 87, pp. 9529, 9536.

“Senhor orador, eu peço”: Josephson, *Jeannette Rankin*, p. 161.

Mais tarde, ela contou a um colega: Bayly e Landgren, *Jeannette Rankin*.

Chelmno: Breitman, *Architect of Genocide*, p. 202; “Chelmno”, in *Action Reinhard Camps*, www.deathcamps.org; “Chelmno”, United States Holocaust Memorial Museum, www.ushmm.org.

furgão cinzento estacionado no fim de uma rampa: Noakes e Pridham, *Nazism*, pp. 1138-40.

“O apaziguamento rendeu frutos”: Freda Kirchwey, “Fruits of Appeasement”, *The Nation*, 13 de dezembro de 1941.

“A GUERRA se alastra”: Sebastian, *Journal*, p. 450.

“continuará apoiando”: “Pacifist Group Shifts to Negotiated Peace”, *NYT*, 9 de dezembro de 1941.

REINHARD HEYDRICH se apressou: Roseman, *Wannsee Conference*, p. 86.

“Rápida e tranquilamente”: “Schools Emptied Quickly in ‘Raid’”, *NYT*, 10 de dezembro de 1941.

“A maioria acredita”: Berg, *Warsaw Ghetto*, p. 117.

“pálido e ilustre”: Channon, *Chips*, p. 314.

“O *Gazette* discorda frontalmente”: Josephson, *Jeannette Rankin*, p. 162.

67%: Cantril, *Public Opinion*, p. 1067, citado in Crane, *Bombs, Cities, and Civilians*, p. 29.

“Talvez os japoneses também” e “O Führer voltou a”: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, pp. 291-92.

“Não é impressionante essa história”: Birkenhead, *Halifax*, p. 532.

“Gostei do discurso”: Lawrence W. Levine e Cornelia R. Levine, *The People and the President*, p. 405.

“Para o Beefsteak”: Nicolson, *War Years*, p. 155.

fez uma sugestão: Probert, *Bomber Harris*, p. 122.

“A Alemanha declarou guerra” e “Foi o judeu”: Klemperer, *Witness*, pp. 449-50.

que se agrupou em torno desse homem: Johnson, *Nazi Terror*, p. 402.

“Foram todos fuzilados”: Noakes e Pridham, *Nazism*, p. 1121.

“maior derrota naval”: Patrick S. Washburn, *A Question of Sediton*, p. 47.

Ele discorreu sobre a Rússia: Kershaw, *Hitler*, p. 490.

“No tocante à questão judaica”: Stackelberg e Winkle, *Nazi Germany Sourcebook*, p. 292.

“Galochas, se possível”: “Text of Goebbels Plea for Clothing for the German Troops”, *NYT*, 21 de dezembro de 1941.

“Mais importante do que qualquer”: Holmes, *I Speak for Myself*, pp. 205-8; “Holmes as Pacifist Offers to Resign”, *NYT*, 15 de dezembro de 1941.

“Essa gente ainda tem”: Sebastian, *Journal*, p. 452.

comilões perniciosos: a frase de Frank é “*aussergewöhnlich schädliche Fresser*”; Hilbert, *Destruction of the European Jews*, vol. 2, p. 483, traduz a frase como “comilões muito parasitários”.

“seria um modo viável”: Nicolas Rasmussen, “Plant Hormones in War and Peace”, p. 302.

“Portanto, nestas circunstâncias”: “Reich Statement and Hitler’s Appeal”, *NYT*, 22 de dezembro de 1941.

“Bem, meu querido Winston”: Mary Soames, *Clementine Churchill*, pp. 410-11.

“Não vejo com bons olhos”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 81, p. 387.

“A queima das cidades japonesas”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 1652.

“O japonês moderno”: “How to Tell Japs from the Chinese”, *Life*, 22 de dezembro de 1941, p. 81.

levados de caminhão: Dobroszycki, ed., *Chronicle*, p. 108n.

AVIÕES SOVIÉTICOS jogaram: “Red Yule Cards for Foe”, *NYT*, 25 de dezembro de 1941.

“Para esta mulher”: “Russians Bombard Nazis with Taunts”, *NYT*, 26 de dezembro de 1941.

“Devemos entregar”: Czerniakow, *Warsaw Diary*, p. 309.

“Não há lugar”: Irmã Margherita Marchione, *Pope Pius XII: Architect for Peace*, p. 109.

“Que um raio”: “Pope Broadcasts Five Peace Points”, *NYT*, 25 de dezembro de 1941.

“Ontem à noite, começou a soprar”: Korber, “Transnistria”, in Zapruder, ed., *Salvaged Pages*, pp. 254-55.

“uma espécie de grunhido”: Lilienthal, *Journals*, p. 419.

Churchill foi passear e “*Eu acertei na mosca*”: Moran, *Churchill*, pp. 16-17.

“Ele está fazendo”: Partridge, *Pacifist’s War*, p. 118.

“Todo o trabalho normal” e *Contaram*: Czerniakow, *Warsaw Diary*, p. 310.

“Na qualidade de pacifistas”: Wittner, *Rebels Against War*, p. 52.

“Nós temos de bater”: “Must Strike Hard, Dr. Einstein Asserts”, *NYT*, 30 de dezembro de 1941.

“só podem ser consideradas”: “MacArthur Bids U. S. Take Raid Revenge”, *NYT*, 31 de dezembro de 1941.

“Pensem em Tóquio”: *Herald Tribune* de Nova York, 30 de dezembro de 1941.

“A ação dos japoneses”: “Washington Asks Revenge Bombings”, *NYT*, 28 de dezembro de 1941.

“apagaria da face da Terra”: “Hot Talk”, *Time*, 5 de janeiro de 1942.

“Eles serão lançados”: Gilbert, *Churchill War Papers*, vol. 3, p. 1711.

simplesmente maravilhoso: “Roosevelt Awaiting Return of Churchill”, *NYT*, 31 de dezembro de 1941.

“Preciso dar continuidade”: “Gandhi Steps Down in War Policy Rift”, *NYT*, 31 de dezembro de 1941; Gandhi, *Collected Works*, vol. 81, pp. 397-98.

“Se há um país com”: Gandhi, *Collected Works*, vol. 81, pp. 399.

“Grande Estratégia Anglo-americana”: Franklin D. Roosevelt Presidential Library and Museum, Safe Files, Box 1, www.fdrlibrary.marist.edu/psf/box1/a05s19.html.

“Primeiro vieram os feridos que andavam”: “Wounded Pour Into Frisco From Bombed Hawaii”, *Chicago Tribune*, 1º de janeiro de 1942.

“Antes disso, nós não”: “The Wounded Return”, *Time*, 5 de janeiro de 1942.

“O grupo estava muito”: Isherwood, *Diaries*, p. 201.

“A guerra está apenas”: “Tojo Tells Japan War Will Be Long”, *NYT*, 1º de janeiro de 1942.

“Eu creio que, ao chegarem”: Chiang Kai-shek, *All We Are and All We Have*, p. 4.

“O primeiro ano”: “Hitler Says Reich Will Break Russia”, *NYT*, 1º de janeiro de 1942.

“Quando o público”: “War Factories Roar New Note in Din of 1942”, *Chicago Tribune*, 1º de janeiro de 1942.

À meia-noite: Jackie Martin, “A Night to Remember: New Year’s Eve with Winston Churchill”, pp. 155-60.

“Um brinde a 1942”: “Churchill Toasts New Year on Train”, *NYT*, 2 de janeiro de 1942. Há outras versões in Winston Churchill, *The End of the Beginning*, p. 3, e Martin, “Night to Remember”.

de mãos dadas: Thompson, *Assignment: Churchill*, p. 257.

“NÃO CAIU NENHUMA BOMBA”: “No Bombs Disturb English New Year”, *NYT*, 1º de janeiro de 1942.

a maior catástrofe da história: D. A. Prater, *European of Yesterday*, p. 322.

“Eu fiz um discursinho”: Klemperer, *Witness*, p. 456.

“Trago dentro de mim”: Sebastian, *Journal*, p. 458.

Fumaça humana: Leon Goldensohn, *The Nuremberg Interviews*, p. 288.

Referências

- ABEND, Hallett. *My Life in China, 1926-1941*. Nova York: Harcourt, Brace, 1943.
- ALANBROOKE, Lord. *War Diaries*. Berkeley: University of California Press, 2001.
- ALY, Götz. “*Final Solution*”: *Nazi Population Policy and the Murder of the European Jews*. Londres: Arnold, 1999.
- ALY, Götz, Peter Chroust e Christian Pross. *Cleansing the Fatherland: Nazi Medicine and Racial Hygiene*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- American-Israeli Cooperative Enterprise. *Jewish Virtual Library*. www.jewishvirtuallibrary.org.
- ANDERSON, David G. “British Rearmament and the ‘Merchants of Death’”. *Journal of Contemporary History*, janeiro de 1994.
- ANDERSON, Jervis. A. *Philip Randolph: A Biographical Portrait*. Nova York: Harcourt, 1973.
- ARAD, Gulie Ne’eman. *America, Its Jews, and the Rise of Nazism*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- ARAD, Yitzhak. *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- “Operation Reinhard’: Extermination Camps of Belzec, Sobibor and Treblinka”. Shoah Resource Center. www.yadvashem.org.
- ARGUS. “Friendly Enemy Aliens”. *The Contemporary Review*, janeiro de 1941.
- ARMITAGE, John. “The Internment of Aliens” (resenha). *The Fortnightly*, dezembro de 1940.
- ARMSTRONG, Alan. *Preemptive Strike: The Secret Plan that Would Have Prevented the Attack on Pearl Harbor*. Guilford, Conn.: Lyons Press, 2006.
- ARNOLD, Henry H. *American Airpower Comes of Age: General Henry H. “Hap” Arnold’s World War II Diaries*. Org. John W. Huston. 2 vols. Maxwell Air Force Base, Alabama: Air University Press, 2002.
- ARONSON, Shlomo. *Hitler, the Allies, and the Jews*. Nova York: Cambridge University Press, 2004.
- ARTHUR, Max, org., *Forgotten Voices of World War II*. Guilford, Connecticut: Lyons Press, 2004.
- Authentic History Center. *WWII 1938-Dec. 6 1941* (CD 0400). CD de áudio.
- *WWII: December 7-8 1941*. CD de áudio. Disponível em www.authentichistory.com.
- BANE, Suda Lorena, e Ralph Haswell Lutz, orgs. *The Blockade of Germany after the Armistice, 1918-1919*. Stanford, California: Stanford University Press, 1942.
- BANKIER, David. *The Germans and the Final Solution*. Oxford: Blackwell, 1992.
- BARTOV, Omer. *Hitler’s Army: Soldiers, Nazis, and War in the Third Reich*. Nova York: Oxford University Press, 1991.
- BAYLY, Ronald, e Nancy Landgren. *Jeannette Rankin, the Woman Who Voted No*. Vídeo. Alexandria, Virginia: PBS Video, 1984.
- BEKKER, Cajus. *The Luftwaffe War Diaries*. Nova York: Da Capo, 1994.
- BELL, Kelly. “World War II: Air War Over Iraq”. *Aviation History*, maio de 2004. Disponível em www.historynet.com.
- BENNETT, Gill. *Churchill’s Man of Mystery*. Londres: Routledge, 2007.
- BERG, Mary. *Warsaw Ghetto: A Diary*. Org. S. L. Shneiderman. Nova York: L. B. Fischer, 1945.
- BIDDLE, Tami Davis. *Rhetoric and Reality in Air Warfare*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2002.
- BIRKENHEAD, Frederick, conde. *Halifax: The Life of Lord Halifax*. Londres: Hamish Hamilton, 1965.
- BLUE, Allan G. *The B-24 Liberator: A Pictorial History*. Nova York: Scribner’s, 1975.
- BLUM, John Morton. *From the Morgenthau Diaries, vol. 2, Years of Urgency, 1938-1941*. Boston: Houghton Mifflin, 1959.
- *From the Morgenthau Diaries, vol. 3, Years of War, 1941-1945*. Boston: Houghton Mifflin, 1967.
- BOOTHE, Clare. *Europe in the Spring*. Nova York: Knopf, 1941.
- BORG, Dorothy. *The United States and the Far Eastern Crisis of 1933-1938*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1964.
- BOYNE, Walter J. *Beyond the Horizons: The Lockheed Story*. Nova York: St. Martin’s, 1998.
- BRACK, Viktor. “Affidavit Concerning the Nazi Administrative System, the Euthanasia Program, and the Sterilization Experiments”. Harvard Law School Library, Nuremberg Trials Projects, nuremberg.law.harvard.edu.
- BREITING, Richard. *Secret Conversations with Hitler: The Two Newly-Discovered 1931 Interviews*. Org. Édouard Calic. Trad. Richard Barry. Nova York: John Day, 1971.
- BREITMAN, Richard. *The Architect of Genocide: Himmler and the Final Solution*. Nova York: Knopf, 1991.
- BREITMAN, Richard, e Alan M. Kraut. *American Refugee Policy and European Jewry, 1933-1945*. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1987.
- BRITAIN, Vera. *Testament of a Peace Lover*. Org. Winifred e Alan Eden-Green. Londres: Virago, 1988.

- BROOKS, Collin. *Fleet Street, Press Barons and Politics: The Journals of Collin Brooks, 1932-1940*. Org. N. J. Crowson. Londres: Royal Historical Society, 1998.
- BROPHY, Leo P., e George J. B. Fisher. *The Chemical Warfare Service: Organizing for War*. Washington, D. C.: Department of the Army, 1959.
- BROPHY, Leo P., Wyndham D. Miles e Rexmond C. Cochrane. *The Chemical Warfare Service: From Laboratory to Field*. Washington, D. C.: Department of the Army, 1959.
- BROSZAT, Martin. “The Genesis of the ‘Final Solution’”, em H. W. Koch, org., *Aspects of the Third Reich*. Nova York: St. Martin’s, 1985.
- BROWN, Judith M. *Gandhi: Prisoner of Hope*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1989.
- BROWNING, Christopher. *Nazi Policy, Jewish Workers, German Killers*. Nova York: Cambridge University Press, 2000.
- *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. Nova York: HarperCollins, 1992.
- *The Origins of the Final Solution: Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939-March 1942*. Londres: Heinemann, 2004.
- *The Path to Genocide*. Nova York: Cambridge University Press, 1992.
- BULLOCK, Alan. *Hitler: A Study in Tyranny*. Nova York: Harper, 1962.
- BURGWYN, H. James. *Italian Foreign Policy in the Interwar Period, 1918-1940*. Westport, Conn.: Praeger, 1997.
- BUTLER, J. R. M. *Grand Strategy*, vol. 2, *September 1939-June 1941*. Londres: Her Majesty’s Stationery Office, 1957.
- BYTWERK, Randall L. “The Argument for Genocide in Nazi Propaganda”. *Quarterly Journal of Speech*, vol. 91, n° 1 (fevereiro de 2005).
- CADOGAN, Alexander. *The Diaries of Sir Alexander Cadogan*. Org. David Dilks. Nova York: Putnam, 1972.
- CAIDIN, Martin. *Flying Forts: The B-17 in World War II*. Nova York: Bantam, 1990.
- CALDER, Angus. *The People’s War: Britain — 1939-1945*. Nova York: Pantheon, 1969.
- CANTRIL, Hadley, org. *Public Opinion*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1951.
- CAULFIELD, Max. *Tomorrow Never Came: The Sinking of the SS. Athenia*. Nova York: Norton, 1959.
- CHAMBERLAIN, Neville. “British Prime Minister Neville Chamberlain Resigns” (arquivo de áudio). *Authentic History*. www.authentichistory.com.
- CHANDLER, Andrew. “The Church of England and the Obliteration Bombing of Germany in the Second World War”. *English Historical Review* 108, n° 429 (outubro de 1993).
- CHANNON, Henry. *Chips: The Diaries of Sir Henry Channon*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1967.
- CHERNIAK, Jan, et al. *Pobediteli: Soldiers of the Great War*. english.pobediteli.ru.
- CHURCHILL, Winston. *Winston S. Churchill: His Complete Speeches*. Org. Robert Rhodes James. Londres: Chelsea House, 1974.
- CHURCHILL, Winston. *Great Contemporaries*. Freeport, N. Y.: Books for Libraries, 1971 [1937].
- *Step by Step, 1936-1939*. Freeport, N. Y.: Books for Libraries, 1971 [1939].
- *The Aftermath*. Nova York: Scribner’s, 1929.
- *The Unrelenting Struggle: War Speeches by the Right Hon. Winston S. Churchill*. Freeport, N. Y.: Books for Libraries, 1971.
- *The Second World War*, vol. 3, *The Grand Alliance*. Boston: Houghton Mifflin, 1950.
- *The Second World War*, vol. 2, *Their Finest Hour*. Boston: Houghton Mifflin, 1949.
- *The Second World War*, vol. 1, *The Gathering Storm*. Boston: Houghton Mifflin, 1948.
- *The End of the Beginning: War Speeches by the Right Hon. Winston S. Churchill C. H., M. P.* Org. Charles Eade. Boston: Little, Brown, 1943.
- CIANO, Galeazzo, conde. *The Ciano Diaries, 1939-1943*. Org. Hugh Gibson. Nova York: Doubleday, 1946.
- CLAYTON, Aileen. *The Enemy Is Listening*. Nova York: Ballantine, 1982.
- CLIFFORD, J. Garry, e Samuel R. Spencer Jr. *The First Peacetime Draft*. Lawrence, Kan.: University Press of Kansas, 1986.
- COFFEY, Thomas M. *Hap: The Story of the U. S. Air Force and the Man Who Built It, General Henry H. “Hap” Arnold*. Nova York: Viking, 1982.
- *Iron Eagle: The Turbulent Life of General Curtis LeMay*. Nova York: Avon, 1988.
- COIT, Margaret L. *Mr. Baruch*. Boston: Houghton Mifflin, 1957.
- COLLIER, Richard. *The City That Would Not Die*. Nova York: Dutton, 1960.
- COLVILLE, John. *The Fringes of Power: Downing Street Diaries, 1939-1955*. Nova York: Norton, 1985.
- COLVIN, Ian. *The Chamberlain Cabinet*. Nova York: Taplinger, 1971.
- CORUM, James S. “The Myth of Air Control”. *Aerospace Power Journal* (inverno de 2000), www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/apj/apj00/win00/corum.htm.
- COSTELLO, John. *Ten Days to Destiny*. Nova York: Morrow, 1991.
- CRANE, Conrad C. *Bombs, Cities, and Civilians: American Airpower Strategy in World War II*. Lawrence, Kan.: University Press of Kansas, 1993.
- CRAVEN, Wesley Frank, e James Lea Cate. *The Army Air Forces in World War II*, vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1948.
- CROSS, Robin. *The Bombers: The Illustrated Story of Offensive Strategy and Tactics in the Twentieth Century*. Nova York: Macmillan, 1987.
- CULL, Nicholas John. *Selling War: The British Propaganda Campaign Against American “Neutrality” in World War II*. Nova York: Oxford, 1995.
- CULVER, John C., e John Hyde. *American Dreamer: The Life and Times of Henry A. Wallace*. Nova York: Norton, 2000.
- CURRENT, Richard N. “How Stimson Meant to ‘Maneuver’ the Japanese”. *The Mississippi Valley Historical Review* 40, n° 1 (junho de 1953).
- CZERNIAKOW, Adam. *The Warsaw Diary of Adam Czerniakow*. Org. Raul Hilberg, Stanislaw Staron e Josef Kermisz. Nova York: Stein and

Day, 1979.

- DALTON, Dennis. *Mahatma Gandhi: Nonviolent Power in Action*. Nova York: Columbia University Press, 1993.
- DAVIS, Mike. *Dead Cities*. Nova York: New Press, 2002.
- DAWIDOWICZ, Lucy S. *The War Against the Jews, 1933-1945*. Nova York: Holt, Rinehart, and Winston, 1975.
- DE GAULLE, Charles. *The Complete War Memoirs*. Nova York: Simon and Schuster, 1964.
- DELMER, Sefton. *Black Boomerang*. www.seftondelmer.co.uk.
- DE SEVERSKY, Alexander P. *Victory Through Air Power*. Garden City, N. Y.: Garden City, 1943.
- DEUTSCH, Harold C. *The Conspiracy Against Hitler in the Twilight War*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1968.
- DOBROSYCKI, Lucjan, org. *The Chronicle of the Lodz Ghetto, 1941-1944*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1984.
- DOENECKE, Justus D. "Non-Interventionism of the Left: The Keep America Out of War Congress, 1938-41". *Journal of Contemporary History* 12, nº 2 (abril de 1977).
- DONOVAN, James A. *Outpost in the North Atlantic: Marines in Defense of Iceland* (Washington, D. C.: Marine Corps Historical Center, 1991). HyperWar Foundation, www.ibiblio.org/hyperwar/USMC/USMC-C-Iceland.html.
- DWORK, Debórah, e Robert Jan van Pelt. *Auschwitz: 1270 to the Present*. Nova York: Norton, 1996.
- EHRENBURG, Ilya, e Vasily Grossman. *The Complete Black Book of Russian Jewry*. Trad. David Patterson. New Brunswick, N. J.: Transaction, 2003.
- ENGELBRECHT, H. C. *Revolt Against War*. Nova York: Dodd, Mead, 1937.
- "The International Armament Industry". *Annals of the American Academy of Political and Social Science* (setembro de 1934).
- "The Problem of the Munitions Industry". *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 174 (julho de 1934).
- ETZOLD, Thomas. "The (F)utility Factor: German Information Gathering in the United States". *Military Affairs* 39, nº 2 (abril de 1975).
- "Evolution of the Hudson Bomber". www.hudsonbomber.com.
- FEINGOLD, Henry L. *Bearing Witness: How America and Its Jews Responded to the Holocaust*. Syracuse: Syracuse University Press, 1995.
- FELDMAN, Gerald. "Two German Businessmen". *Berlin Journal: Newsletter of the American Academy in Berlin*, nº 2 (verão de 2001), http://www.americanacademy.de/uploads/media/BJ2_final_final_final.pdf
- FEST, Joachim. — *Speer: The Final Verdict*. Nova York: Harcourt, 2001.
- *Plotting Hitler's Death: The Story of the German Resistance*. Nova York: Metropolitan, 1996.
- *The Face of the Third Reich*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1970.
- FISCHER, Louis. *The Life of Mahatma Gandhi*. Nova York: Harper, 1950.
- FLEMING, Thomas. *The New Dealers' War: Franklin D. Roosevelt and the War Within World War II*. Nova York: Basic Books, 2001.
- *The Living of These Days: The Autobiography of Harry Emerson Fosdick*. Nova York: Harper, 1956.
- FOSDICK, Harry Emerson. *The Challenge of the Present Crisis*. Nova York: Association Press, 1918.
- FREEDMAN, Jean R. *Whistling in the Dark: Memory and Culture in Wartime London*. Lexington: Kentucky University Press, 1999.
- FREIDEL, Frank. *Franklin D. Roosevelt: A Rendezvous with Destiny*. Boston: Little, Brown, 1990.
- FRIEDLANDER, Henry. *The Origins of Nazi Genocide*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- FRIEDRICH, Jörg. *The Fire: The Bombing of Germany, 1940-1945*. Nova York: Columbia University Press, 2006.
- FRYER, Jonathan. *Isherwood*. Nova York: Doubleday, 1978.
- GANDHI, Mohandas. *The Collected Works of Mahatma Gandhi*. www.gandhiserve.org/cwmg/cwmg.html.
- GARNETT, David. *War in the Air: September 1939-May 1941*. Nova York: Doubleday, Doran, 1941.
- GELLATELY, Robert. *Backing Hitler*. Londres: Oxford, 2001.
- GILBERT, *Kristallnacht: Prelude to Destruction*. Nova York: HarperCollins, 2006.
- Martin. *Churchill and America*. Nova York: Free Press, 2005.
- *The Churchill War Papers*, vols. 1-3. Londres: Heinemann, 1993-2000.
- *In Search of Churchill: A Historian's Journey*. Nova York: John Wiley, 1994.
- *Winston S. Churchill*, vols. 4-7. Londres: Heinemann, 1975-1986.
- *The Holocaust*. Nova York: Holt, 1985.
- GINSBURG, Paul. "Engelbert Kreuzer: Butcher of Sudilkov". Internet Archive, web.archive.org/web/*/http://www.sudilkov.com.
- GODA, Norman J. W. "Black Marks: Hitler's Bribery of His Senior Officers during World War II". *The Journal of Modern History* 72, nº 2 (junho de 2000).
- GOEBBELS, Joseph. *The Goebbels Diaries, 1939-1941*. Org. Fred Taylor. Nova York: Putnam, 1983.
- *The Goebbels Diaries, 1942-1943*. Org. Louis P. Lochner. Nova York: Doubleday, 1948.
- GOLDENSOHN, Leon. *The Nuremberg Interviews*. Nova York: Knopf, 2004.
- GORODETSKY, Gabriel. *Grand Delusion: Stalin and the German Invasion of Russia*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1999.
- GOWING, Margaret. *Britain and Atomic Energy, 1939-1945*. Londres: Macmillan, 1964.
- GRAY, Peter W. "The Myths of Air Control and the Realities of Imperial Policing". *Aerospace Power Journal* (outono de 2001), <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/apj/apj01/fal01/gray.html#gray>.
- GRAYLING, A. C. *Among the Dead Cities*. Nova York: Walker, 2006.
- GREW, Joseph C. *Ten Years in Japan*. Nova York: Simon and Schuster, 1944.
- GUILLEMIN, Jean. *Biological Weapons: From the Invention of State-Sponsored Programs to Contemporary Bioterrorism*. Nova York: Columbia University Press, 2005.
- HAFNER, Sebastian. *The Meaning of Hitler*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983.

HALDANE, Aylmer L. *The Insurrection in Mesopotamia, 1920*. Edimburgo: Blackwood, 1922.

HALIFAX, Iorde. *The American Speeches of the Earl of Halifax*. Freeport, N. Y.: Books for Libraries, 1970.

HARRIS, Robert, e Jeremy Paxman. *A Higher Form of Killing: The Secret History of Chemical and Biological Warfare*. Nova York: Random House, 2002.

Harvard Law School Library. *Nuremberg Trials Project*. www.nuremberg.law.harvard.edu.

HARVEY, Oliver. *The Diplomatic Diaries of Oliver Harvey*. Nova York: St. Martin's, 1970.

HASTINGS, Max. *Bomber Command*. Nova York: Dial Press, 1979.

"The Heavy Bomber". *Fortune*, outubro de 1941.

HENZE, Carl G. B.. "Bombs on Coventry: Experiences of a Ju 88 in Action Against England". Trad. Randall L. Bytwerk. German Propaganda Archive, www.calvin.edu/academic/cas/gpa/index.htm.

HERMAND, Jost. *A Hitler Youth in Poland: The Nazis' Program for Evacuating Children During World War II*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press, 1997.

HIGHAM, Charles. *Trading with the Enemy: The Nazi-American Money Plot, 1933-1949*. Nova York: Barnes and Noble, 1995.

HILBERG, Raul. *Perpetrators, Victims, Bystanders: The Jewish Catastrophe, 1933-1945*. Nova York: HarperPerennial, 1993.

HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Org. rev. 3 vols. Nova York: Holmes and Meier, 1985.

HILL, Christopher. *Cabinet Decisions on Foreign Policy: The British Experience, October 1938-June 1941*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

HILLESUM, Ety. *An Interrupted Life: The Diaries of Ety Hillesum, 1941-1943*. Nova York: Pantheon, 1983.

HINSHAW, David. *Rufus Jones, Master Quaker*. Nova York: Putnam, 1951.

HINSLEY, F. H. *British Intelligence in the Second World War: Its Influence on Strategy and Operations*. 5 vols. Nova York: Cambridge University Press, 1979.

HITLER, Adolf. *Hitler's Table Talk: His Private Conversations*. Nova York: Enigma, 2000.

— *My New Order*. Org. Raoul de Roussy de Sales. Nova York: Reynal and Hitchcock, 1941.

HOLLIDAY, Laurel. *Children in the Holocaust and World War II: Their Secret Diaries*. Nova York: Washington Square Press, 1996.

HOLMES, John Haynes. *I Speak for Myself*. Nova York: Harper and Brothers, 1959.

HOOVER, Herbert. *An American Epic*, vol. 4. Chicago: Regnery, 1964.

HÖSS, Rudolph. *Death Dealer: The Memoirs of the SS Kommandant at Auschwitz*. Org. Steven Paskuly. Nova York: Da Capo, 1996.

"How to Tell Japs from the Chinese". *Life*, 22 de dezembro de 1941.

HUXLEY, Aldous. *Complete Essays*, vol. 4, 1936-1938. Org. Robert S. Baker e James Sexton. Chicago: Ivan R. Dee, 2001.

— *Ends and Means*. Londres: Chatto and Windus, 1965.

ICKES, Harold. *The Secret Diary of Harold L. Ickes*. Nova York: Simon and Schuster, 1954.

International Commission on the Holocaust in Romania. *Final Report*. United States Holocaust Memorial Museum, www.ushmm.org.

IRONS, Peter H. *Justice at War*. Oxford: Oxford University Press, 1983.

IRONSIDE, Edmund. *Time Unguarded: The Ironside Diaries*. Nova York: D. McKay, 1962.

ISHERWOOD, Christopher. *Diaries*, vol. 1. Org. Katherine Bucknell. Nova York: HarperCollins, 1996.

JACK, Homer A., org. *The Gandhi Reader: A Sourcebook of His Life and Writings*. Unabridged edition. Nova York: Grove Weidenfeld, 1989.

JAMES, Robert Rhodes. *Churchill: A Study in Failure, 1900-1939*. Nova York: World, 1970.

JAMES, Ronald Michael, e John Bevis Reid, orgs. *Uncovering Nevada's Past*. Reno: University of Nevada Press, 2004.

JASPER, Ronald C. D. *George Bell: Bishop of Chichester*. Londres: Oxford University Press, 1967.

JOAD, Cyril. *Journey Through the War Mind*. Londres: Faber, 1940.

JOÃO PAULO II, Papa. "Address During a Meeting with the Central Council of the Jews in Germany". 23 de junho de 1996. Service International de Documentation JudéoChrétienne (SIDIC), www.sidic.org.

JOHNSON, Eric A. *Nazi Terror: The Gestapo, Jews, and Ordinary Germans*. Nova York: Basic Books, 1999.

JOHNSON, Eric A., e Karl-Heinz Reuband. *What We Knew: Terror, Mass Murder, and Everyday Life in Nazi Germany*. Nova York: Basic Books, 2005.

JONES, Simon. *World War I Gas Warfare Tactics and Equipment*. Nova York: Osprey, 2007.

JONES, Tim. *The X Site: Britain's Most Mysterious Government Facility*. Rhyl, Wales: Gwasg Helygain, 2000.

JOSEPHSON, Hannah. *Jeannette Rankin: First Lady in Congress*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1974.

KAI-SHEK, Chiang. *All We Are and All We Have: Speeches and Messages Since Pearl Harbor*. Nova York: John Day, 1943.

KAUFMAN, Fred. *Searching for Justice: An Autobiography*. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

KERSHAW, Ian. *Hitler, 1936-45: Nemesis*. Nova York: Norton, 2000.

KERSTEN, Felix. *The Kersten Memoirs, 1940-1945*. Nova York: Macmillan, 1957.

KILLEN, John. *A History of the Luftwaffe*. Nova York: Doubleday, 1968.

KILLINGRAY, David. "A Swift Agent of Government: Air Power in British Colonial Africa". *The Journal of African History* 25, nº 4 (1984).

KILZER, Louis C. *Churchill's Deception*. Nova York: Simon and Schuster, 1994.

KIMBALL, Warren F., org. *Churchill and Roosevelt: The Complete Correspondence*, vol. 1. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1984.

KING, Cecil. *With Malice Toward None: A War Diary*. Londres: Sidgwick and Jackson, 1970.

KIRCHWEY, Freda. "Fruits of Appeasement". *The Nation*, 13 de dezembro de 1941.

KLEBER, Brooks E., e Dale Birdsell. *The Chemical Warfare Service: Chemicals in Combat*. Washington, D. C.: US Army, 1966.

KLEMPERER, Victor. *I Will Bear Witness: A Diary of the Nazi Years*, vol. 1, 1933-1941. Trad. Martin Chalmers. Nova York: Random House, 1998. [Os diários de Victor Klemperer. Trad. Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.]

KOCH, Eric. *Deemed Suspect: A Wartime Blunder*. Toronto: Methuen, 1980.

KOCH, H. W. "The Strategic Air Offensive Against Germany: The Early Phase, May-September 1940". *The Historical Journal* 34, n° 1 (março de 1991).

KOGON, Eugen, et al. *Nazi Mass Murder: A Documentary History of the Use of Poison Gas*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1993.

KORBER, Miriam. "Transnistria", em Alexandra Zapruder, org., *Salvaged Pages: Young Writers' Diaries of the Holocaust*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2002.

"Koscian and the Euthanasia in Poland". Aktion Reinhard Camps. www.deathcamps.org.

KRAUS, René. *The Men Around Churchill*. Freeport, N. Y.: Books for Libraries, 1971 [1941].

KURKI, Allan W. *Operation Moonlight Sonata: The German Raid on Coventry*. Westport, Conn.: Praeger, 1995.

LAFITTE, François. *The Internment of Aliens*. Londres: Libris, 1988 [1940].

LAQUEUR, Walter. *The Terrible Secret: Suppression of the Truth about Hitler's "Final Solution"*. Boston: Little, Brown, 1980.

LASH, Joseph P. *Eleanor and Franklin*. Nova York: Norton, 1971.

LEARY, William M. "Wings for China: The Jouett Mission, 1932-35". *The Pacific Historical Review* 38, n° 4 (novembro de 1969).

LEBZELTER, Gisela C. *Political Anti-Semitism in England, 1918-1939*. Nova York: Holmes and Meier, 1978.

LEE, Asher. *Goering: Air Leader*. Nova York: Hippocrene, 1972.

LEE, Raymond E. *The London Journal of General Raymond E. Lee*. Boston: Little, Brown, 1971.

LEONARD, Royal. *I Flew for China*. Nova York: Doubleday, Doran, 1942.

LESTER, Muriel. *It So Happened*. Nova York: Harper and Brothers, 1947.

LEVINE, Lawrence W., e Cornelia R. Levine. *The People and the President*. Boston: Beacon, 2002.

LEWIS, Jon E., org. *The Mammoth Book of Eyewitness World War II*. Nova York: Carroll and Graf, 2002.

LEY, Willy. *Bombs and Bombing*. Nova York: Modern Age, 1941.

LICHTENSTEIN, Nelson. *Labor's War at Home: The CIO in World War II*. Nova York: Cambridge University Press, 1982.

LIDDELL HART, B. H. *History of the Second World War*. Londres: Pan, 1973.

LILIENTHAL, David E. *The Journals of David E. Lilienthal*, vol. 1, *The TVA Years, 1939-1945*. Nova York: Harper and Row, 1964.

LINDBERGH, Charles A. *The Wartime Journals of Charles A. Lindbergh*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.

LINDQVIST, Sven. *A History of Bombing*. Nova York: New Press, 2001.

LIPSETT, Alexander S. *Famine Stalks Europe*. Nova York: Craft Union Publishers, 1941.

LONGMATE, Norman. *Air Raid: The Bombing of Coventry, 1940*. Nova York: McKay, 1976.

LUDLOW, J. D. V. *Bridgend Royal Ordnance Factory: A Brief History, 1936-1946*. www.bridgend.co.uk, 2003.

LUKACS, John. *The Duel: 10 May-31 July 1940*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 2001.

LYND, Staughton, org. *Nonviolence in America: A Documentary History*. Nova York: Bobbs-Merrill, 1966.

MACDONALD, Callum. *The Killing of SS Obergruppenführer Reinhard Heydrich*. Nova York: Free Press, 1989.

MACKAY, Robert. *Half the Battle: Civilian Morale in Britain During the Second World War*. Manchester, Engl.: Manchester University Press, 2002.

MACHTAN, Lothar. *The Hidden Hitler*. Trad. John Brownjohn. Nova York: Basic Books, 2001.

MACNEICE, Louis. *Selected Prose of Louis MacNeice*. Org. Alan Heuser. Oxford: Clarendon Press, 1990.

MAHNKEN, Thomas G. *Uncovering Ways of War: US Intelligence and Foreign Military Innovation*. Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 2002.

MANN, Thomas. *Listen, Germany! Twenty-Five Radio Messages to the German People over BBC*. Nova York: Knopf, 1943.

MANSFIELD, Harold. *Vision: A Saga of the Sky*. Nova York: Duell, Sloan and Pearce, 1956.

MARCUS, Joseph. *Social and Political History of the Jews in Poland, 1919-1939*. Berlim: Mouton, 1983.

MARTIN, Jackie. "A Night to Remember: New Year's Eve with Winston Churchill", em *Memorial Addresses in the Congress of the United States and Tributes in Eulogy of Sir Winston Churchill*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1965.

MATLOFF, Maurice, e Edwin M. Snell. *Strategic Planning for Coalition Warfare, 1941-1942*. Washington, D. C.: Department of the Army, 1953.

MAYER, Arno. *Why Did the Heavens Not Darken? The Final Solution in History*. Nova York: Pantheon, 1988.

MAYER, Milton. "I Think I'll Sit This One Out". *Saturday Evening Post*, 7 de outubro de 1939.

MAYER, Milton. *They Thought They Were Free: The Germans, 1933-1945*. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

MENZIES, Robert. *Dark and Hurrying Days: Menzies' 1941 Diary*. National Library of Australia, 1993.

MILLER, Edward S. *War Plan Orange: The US Strategy to Defeat Japan, 1897-1945*. Annapolis: Naval Institute Press, 1991.

MILLER, Lawrence Mek. *Witness for Humanity: A Biography of Clarence E. Pickett*. Wallingford, Penn.: Pendle Hill, 1999.

MILLER, Robert Moats. *Harry Emerson Fosdick: Preacher, Pastor, Prophet*. Nova York: Oxford, 1985.

[Ministry of Information?]. *The Air Offensive Against Germany*. 1941.

MOLTKE, Helmuth James von. *Letters to Freya. 1939-1945*. Nova York: Knopf, 1990.

MORAN, Lord. *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran*. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

MORGENSTERN, George. *Pearl Harbor: The Story of the Secret War*. Nova York: Devin-Adair, 1947.

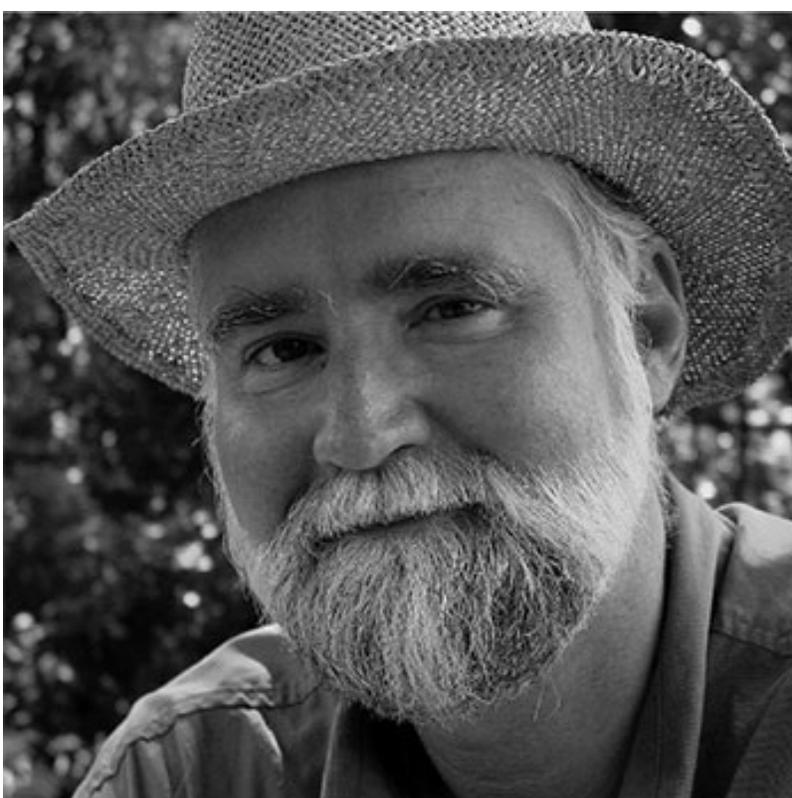
MORTIMER, Gavin. *The Longest Night: The Bombing of London on May 10, 1941*. Nova York: Berkley, 2005.

MOSLEY, Leonard. *Lindbergh: A Biography*. Nova York: Doubleday, 1976.

- MOWRER, Edgar Ansel. *Triumph and Turmoil: A Personal History of Our Time*. Nova York: Weybright and Talley, 1968.
- MOWRER, Lilian T. *Journalist's Wife*. Nova York: Morrow, 1937.
- MÜLLER-HILL, Benno. *Murderous Science: Elimination by Scientific Selection of Jews, Gypsies, and Others, Germany 1933-1945*. Trad. George Fraser. Nova York: Oxford University Press, 1988.
- MURROW, Edward R. *This Is London*. Nova York: Simon and Schuster, 1941.
- National Committee on the Cause and Cure of War Records. Swarthmore College Peace Collection. www.swarthmore.edu/library/peace/CDGA.M-R/ncccw.html.
- NEILLANDS, Robin. *The Bomber War: The Allied Air Offensive Against Nazi Germany*. Nova York: Barnes and Noble, 2005.
- NEWTON, Scott. *Profits of Peace: The Political Economy of Anglo-German Appeasement*. Oxford: Clarendon, 1996.
- NICOLSON, Harold. *The War Years, 1939-1945: Diaries and Letters*, vol. 2. Org. Nigel Nicolson. Nova York: Atheneum, 1967.
- NICOSIA, Francis R. "Zionism in National Socialist Jewish Policy in Germany, 1933-39". *The Journal of Modern History* 50, n° 4 (dezembro de 1978).
- "Zionism, Anti-semitism, and the Origins of the Final Solution", em Wolfgang Mieder e David Scrase, orgs., *Reflections on the Holocaust: Festschrift for Raul Hilberg on His Seventy-Fifth Birthday*. Burlington, Vermont: Center for Holocaust Studies, 2001.
- NIXON, Edgar B., org. *Franklin D. Roosevelt and Foreign Affairs*, vols. 1-3. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1969.
- NOAKES, J., e G. Pridham, orgs. *Nazism 1919-1945*. Exeter: University of Exeter, 1988.
- OAKLEY, Harry. "The Worst Night of Our Lives". *WW2 People's War: An Archive of World War Two Memories*. BBC, www.BBC.co.uk.
- OMISSI, David E. *Air Power and Colonial Control: The Royal Air Force 1919-1939*. Manchester: Manchester University Press, 1990.
- "Baghdad and The British Bombers". *The Guardian*, 19 de janeiro de 1991. Disponível em www.globalpolicy.org.
- ONLOOKER. "The Tragedy of the Refugees". *The Contemporary Review*, agosto de 1940.
- OWINGS, Alison. *Frauen: German Women Recall the Third Reich*. New Brunswick, N. J.: Rutgers University Press, 1993.
- "Owinska Mental Home and Poznan Fort VII". *Aktion Reinhard Camps*, www.deathcamps.org.
- PAGE, Kirby. *National Defense: A Study of the Origins, Results, and Prevention of War*. Nova York: Farrar and Rinehart, 1931.
- Pais de Arnold Satterthwait e Frederick Richards. *Federal Convicts Numbers 1128 and 1129, College as Prison*. Panfleto [1942]. Swarthmore College Peace Collection.
- PARKIN, Robert Sinclair. *Blood on the Sea: American Destroyers Lost in World War II*. Cambridge, Mass.: Da Capo, 2001.
- PARTRIDGE, Frances. *A Pacifist's War*. Londres: Phoenix, 1978.
- PATERSON, Michael. *Battle for the Skies*. Newton Abbot, Engl: David and Charles, 2004.
- Peace Pledge Union. "1940-1949: Candles in the Dark". www.ppu.org.uk/century/century5.html.
- "PPU History in Context". www.ppu.org.uk/ppu/history1.html.
- PERKINS, Milo. "Exports and Appeasement". *Harper's Magazine*, dezembro de 1940.
- PERRET, Geoffrey. *Winged Victory: The Army Air Forces in World War II*. Nova York: Random House, 1993.
- PERSICO, Joseph E. *Roosevelt's Secret War: F. D. R. and World War II Espionage*. Nova York: Random House, 2001.
- PERUTZ, Max. *I Wish I'd Made You Angry Earlier: Essays on Science, Scientists, and Humanity*. Plainview, N. Y.: Cold Spring Harbor Laboratory Press, 1998.
- PICKETT, Clarence E. *For More than Bread: An Autobiographical Account of Twenty-Two Years' Work with the American Friends Service Committee*. Boston: Little, Brown, 1953.
- PONTING, Clive. *1940: Myth and Reality*. Chicago: Ivan R. Dee, 1991.
- POTTKER, Jan. *Sara and Eleanor: The Story of Sara Delano Roosevelt and Her Daughter-in-Law, Eleanor Roosevelt*. Nova York: St. Martin's, 2004.
- PRATER, D. A. *European of Yesterday: A Biography of Stefan Zweig*. Oxford: Oxford University Press, 1972.
- PROBERT, Henry. *Bomber Harris: His Life and Times*. Londres: Greenhill, 2003.
- RADZINSKY, Edvard. *Stalin*. Trad. H. T. Willetts. Nova York: Doubleday, 1996.
- RASMUSSEN, Nicolas. "Plant Hormones in War and Peace: Science, Industry, and Government in the Development of Herbicides in 1940s America". *Isis* 92, n° 2 (junho de 2001).
- READ, Anthony. *The Devil's Disciples*. Nova York: Norton, 2004.
- REGIS, org. *The Biology of Doom*. Nova York: Holt, 1999.
- REIMANN, Viktor. *Goebbels*. Nova York: Doubleday, 1976.
- REITLINGER, Gerald. *The SS: Alibi of a Nation*. Nova York: Viking, 1968.
- REYNOLDS, David. "Churchill and the British 'Decision' to Fight on in 1940", em Richard Langhorne, org., *Diplomacy and Intelligence During the Second World War: Essays in Honour of F. H. Hinsley*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- REYNOLDS, David. *From World War to Cold War: Churchill, Roosevelt, and the International History of the 1940s*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- RICHARDS, Denis. *Portal of Hungerford*. Nova York: Holmes and Meier, 1977.
- *The Royal Air Force*, vol. 1, *The Fight at Odds*. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1953. Disponível na HyperWar Foundation, www.ibiblio.org/hyperwar/UN/UK/UK-RAF-I/UK-RAF-I-13.html.
- RICHARDSON, James O. *On the Treadmill to Pearl Harbor*. Washington, D. C.: Department of the Navy, 1973.
- ROOSEVELT, Eleanor. *My Day: The Best of Eleanor Roosevelt's Acclaimed Newspaper Columns, 1936-1962*. Org. David Emblidge. Cambridge, Mass.: Da Capo, 2001.
- ROOSEVELT, Franklin D. *F.D.R.: His Personal Letters*, vol. 2, 1928-1945. Nova York: Duell, Sloan, and Pearce, 1950.

- The *Public Papers and Addresses of Franklin D. Roosevelt*. Nova York: Russell & Russell, 1938-1950.
- ROSE, Norman. *Churchill: The Unruly Giant*. Nova York: Free Press, 1995.
- ROSEMAN, Mark. *The Wannsee Conference and the Final Solution: A Reconsideration*. Nova York: Picador, 2002.
- ROSKILL, Stephen. *Hankey: Man of Secrets*. Nova York: St. Martin's, 1972.
- ROSS, Stewart Halsey. *Strategic Bombing by the United States in World War II*. Jefferson, N. C.: McFarland, 2003.
- ROSTEN, Leo. "Men Like War". *Harper's Magazine*, julho de 1935.
- RUBENSTEIN, Murray, e Richard M. Goldman. *To Join with the Eagles: Curtiss Aircraft, 1903-1965*. Nova York: Doubleday, 1974.
- RUMPF, Hans. *The Bombing of Germany*. Nova York: Holt, 1962.
- SAUNDERS, Kenneth. "Toyohiko Kagawa, the St. Francis of Japan". *Pacific Affairs* 4, n° 4 (abril de 1931).
- SCHALLER, Michael. *The US Crusade in China, 1938-1945*. Nova York: Columbia University Press, 1979.
- SCHMITT, Hans A. *Quakers and Nazis: Inner Light in Outer Darkness*. Columbia, Mo.: University of Missouri Press, 1997.
- SCHOENFELD, Howard. "The Danbury Story", em Holley Cantine e Dachine Rainer, orgs., *Prison Etiquette*. Bearsville, N. Y.: Retort Press, 1950.
- SCHREIBER, Gerhard, et al. *Germany and the Second World War*, vol. 3. Nova York: Oxford University Press, 1995.
- SCHULTZ, Duane. *The Maverick War: Chennault and the Flying Tigers*. Nova York: St. Martin's, 1987.
- SCHUSCHNIGG, Kurt von. *Austrian Requiem*. Nova York: Putnam, 1946.
- SCHWAB, Gerald. *The Day the Holocaust Began: The Odyssey of Herschel Grynszpan*. Nova York: Praeger, 1990.
- SCOTT, Robert Lee. *Flying Tiger: Chennault of China*. Westport, Conn.: Greenwood, 1973.
- SEBALD, W. G. *On the Natural History of Destruction*. Nova York: Modern Library, 2004.
- SEBASTIAN, Mihail. *Journal, 1935-1944*. Chicago: Ivan R. Dee, 2000.
- SELDES, George. "The New Propaganda for War". *Harper's*, outubro de 1934.
- SHAPIRO, Edward S. "World War II and American Jewish Identity". *Modern Judaism* 10, n° 1 (fevereiro de 1990).
- SHAW, George Bernard. "Uncommon Sense About the War", em Edward Hyams, org., *New Statesmanship: An Anthology*. Londres: Longmans, 1963.
- SHERRY, Michael S. *The Rise of American Air Power*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1987.
- SHERWOOD, Robert E. *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History*. Nova York: Harper and Brothers, 1948.
- SHIRER, William L. "A Peace of Sorts". Registro sonoro com Mark Bernstein e Alex Lubertozzi, em *World War II on the Air*. Naperville, Ill.: Sourcebooks Media Fusion, 2003.
- *Berlin Diary: The Journal of a Foreign Correspondent, 1934-1941*. Nova York: Penguin, 1979.
- *Collapse of the Third Republic*. Nova York: Simon and Schuster, 1969.
- *The Rise and Fall of the Third Reich*. Nova York: Simon and Schuster, 1960.
- *"This Is Berlin": Radio Broadcasts from Nazi Germany*. Woodstock, N. Y.: Overlook, 1999.
- SIERAKOWIAK, Dawid. *The Diary of Dawid Sierakowiak*. Nova York: Oxford University Press, 1996.
- SIMPSON, A. W. Brian. *In the Highest Degree Odious: Detention Without Trial in Wartime Britain*. Oxford: Clarendon, 1992.
- SOAMES, Mary. *Clementine Churchill: The Biography of a Marriage*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.
- SOAMES, Mary, org. *Winston and Clementine: The Personal Letters of the Churchills*. Boston: Houghton Mifflin, 1998.
- SPAIGHT, J. M. *Bombing Vindicated*. Londres: Bles, 1944.
- SPEER, Albert. *Inside the Third Reich*. Nova York: Avon, 1970.
- STACKELBERG, Roderick, e Sally A. Winkle. *The Nazi Germany Sourcebook: An Anthology of Texts*. Londres: Routledge, 2002.
- STAFFORD, David. *Britain and European Resistance, 1940-1945: A Survey of the Special Operations Executive, with Documents*. Toronto: University of Toronto Press, 1980.
- "SOE and British Involvement in the Belgrade Coup d'Etat of March 1941". *Slavic Review* 36, n° 3 (setembro de 1977).
- STARKEY, Pat. *I Will Not Fight: Conscientious Objectors and Pacifists in the North West During the Second World War*. Liverpool: Liverpool University Press, 1992.
- STONE, Dan. *Reponses to Nazism in Britain, 1933-1939*. Londres: Palgrave MacMillan, 2003.
- STONE, I. F. *The War Years, 1939-1945: A Nonconformist History of Our Times*. Boston: Little, Brown, 1988.
- SYDNOR, Charles. *Soldiers of Destruction: The SS Death's Head Division, 1933-1945*. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1977.
- TAYLOR, A. J. P., et al. *Churchill Revised: A Critical Assessment*. Nova York: Dial, 1969.
- TAYLOR, Jennifer. "Something to Make People Laugh? Political Content in Isle of Man Internment Camp Journals, July-October 1940", em Richard Dove, org., *"Totally Un-English"?: Britain's Internment of "Enemy Aliens" in Two World Wars*. Amsterdam: Rodopi, 2005.
- TERRAINE, John. *A Time for Courage: The Royal Air Force in the European War, 1939-1945*. Nova York: Macmillan, 1985.
- THALMANN, Rita, e Emmanuel Feinermann. *Crystal Night: 9-10 November 1938*. Nova York: Holocaust Library, 1980.
- THOMPSON, Robert Smith. *A Time for War: Franklin Delano Roosevelt and the Path to Pearl Harbor*. Nova York: Prentice Hall, 1991.
- *Empires on the Pacific: World War II and the Struggle for the Mastery of Asia*. Nova York: Basic Books, 2001.
- THOMPSON, R. W. *Generalissimo Churchill*. Nova York: Scribner's, 1973.
- THOMPSON, Walter Henry. *Assignment: Churchill*. Nova York: Farrar, Straus and Young, 1955.
- TIMS, Hilton. *Erich Maria Remarque: The Last Romantic*. Nova York: Carroll and Graf, 2003.
- TOLAND, John. *Adolf Hitler*, vol. 2. Nova York: Doubleday, 1976.
- TOLISCHUS, Otto D. *They Wanted War*. Nova York: Reynal and Hitchcock, 1940.

- TREVOR-ROPER, H. R., org. *Hitler's War Directives, 1939-1945*. Londres: Sidgwick and Jackson, 1964.
- TWOMBLY, Robert C. *Frank Lloyd Wright: His Life and Architecture*. Nova York: Wiley, 1979.
- TYE, Larry. *The Father of Spin: Edward L. Bernays and the Birth of Public Relations*. Nova York: Crown, 1998.
- UNDERWOOD, Jeffery S. *The Wings of Democracy: The Influence of Air Power on the Roosevelt Administration, 1933-1941*. College Station: Texas A&M University Press, 1991.
- United States Congress, House of Representatives, Committee on Foreign Affairs. *Arming of American Merchant Vessels Hearings*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1941.
- US Department of State. *Foreign Relations of the United States*. Washington, D. C.: Government Printing Office.
- *Peace and War: United States Foreign Policy, 1931-1941*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1943.
- US Senate and House of Representatives. *Admission of German Refugee Children*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1939.
- US Senate Committee on Military Affairs. *Compulsory Military Training and Service Hearings*. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1940.
- VASSILTCHIKOV, Marie. *Berlin Diaries, 1940-1945*. Nova York: Knopf, 1987.
- VERRIER, Anthony. *The Bomber Offensive*. Londres: Batsford, 1968.
- VINING, Elizabeth Gray. *Friend of Life: The Biography of Rufus M. Jones*. Filadélfia: Lippincott, 1958.
- VON HASSELL, Ulrich. *The Von Hassell Diaries, 1938-1944*. Westport, Conn.: Greenwood, 1971.
- VON SUTTNER, Bertha. *The Records of an Eventful Life*, vol. 1. Boston: Ginn, 1910.
- WASHBURN, Patrick S. *A Question of Sedition: The Federal Government's Investigation of the Black Press During World War II*. Nova York: Oxford University Press, 1986.
- WASSERSTEIN, Bernard. *Britain and the Jews of Europe, 1939-1945*. Oxford: Clarendon, 1979.
- WATT, Donald Cameron. *How War Came: The Immediate Origins of the Second World War*. Nova York: Pantheon, 1989.
- WEBSTER, Charles, e Noble Frankland. *The Strategic Air Offensive Against Germany*, vols. 1 e 4. Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1961.
- WEDEMEYER, Albert C. *Wedemeyer Reports!* Nova York: Holt, 1958.
- WESTERMANN, Edward B. *Flak: German Anti-aircraft Defenses, 1914-1945*. Lawrence, Kan.: University Press of Kansas, 2001.
- WHEELER-BENNEN, John, org. *Action This Day: Working With Churchill*. Nova York: St. Martin's, 1969.
- WHITBY, Simon M. *Biological Warfare Against Crops*. Nova York: Palgrave, 2002.
- WILKINSON, Greg. *Talking about Psychiatry*. Londres: RCPsych, 1993.
- WILLEY, Mark Emerson. *Pearl Harbor: Mother of All Conspiracies*. Philadelphia, Pennsylvania: Xlibris, 2000.
- WILLIAMS, Peter, e David Wallace. *Unit 731: Japan's Secret Biological Warfare in World War II*. Nova York: Free Press, 1989.
- WILLIAMSON, Philip, e Edward Baldwin. *Baldwin Papers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- WINFIELD, Betty Houchin. *FDR and the News Media*. Urbana, Ill.: University of Illinois Press, 1990.
- WINKELNKEMPER, Toni. "The Attack on Cologne". Randall Bytwerk, trad. *German Propaganda Archive*, www.calvin.edu/academic/cas/gpa/cologne.htm.
- WINTERBOTHAM, F. W. *The Nazi Connection*. Nova York: Harper, 1978.
- *The Ultra Secret*. Nova York: Harper, 1974.
- WITTE, Peter. "Two Decisions Concerning the 'Final Solution to the Jewish Question'". *Holocaust and Genocide Studies* 9, 1995.
- WITTNER, Lawrence S. *Rebels Against War: The American Peace Movement, 1941-1960*. Nova York: Columbia University Press, 1969.
- Women's International League for Peace and Freedom. "From a Letter from Camp de Gurs, South France". www.wilpf.int.ch/history/1941.doc.
- WOOLEY, John T., e Gerhard Peters. *The American Presidency Project*. University of California, Santa Barbara, www.presidency.ucsb.edu.
- WYMAN, David S. *Paper Walls: America and the Refugee Crisis, 1938-1941*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1968.
- Yad Vashem. "Lichtenberg, Bernhard", em *The Righteous Among Nations*, www.yadvashem.org.
- Yale Law School. *The Avalon Project*. www.yale.edu/lawweb/avalon/avalon.htm.
- ZINN, Howard. *Passionate Declarations*. Nova York: Perennial, 2003.
- ZWEIG, Stefan. *The World of Yesterday*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1964.



MARGARET BRENTANO

Nicholson Baker (1957), formado pela Eastman School of Music e pelo Haverford College, é romancista e ensaísta. Recebeu o National Book Critics Circle Award, em 2001, por *Double Fold*. É autor de onze livros, entre os quais *Vox* e *Fermata*, publicados no Brasil pela Companhia das Letras.

Copyright © 2008 by Nicholson Baker

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Human Smoke

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

Getty Images

Preparação

Oswaldo Tagliavini Filho

Revisão

Viviane T. Mendes

Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-438-0145-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3940

www.companhiadasletras.com.br

für K.G.L.

PRIMO LEVI

COM LEONARDO BENEDETTI

Vorderansicht

**ASSIM FOI
AUSCHWITZ**

TESTEMUNHOS
1945-1986

Hinteransicht



Werkstatt

Assim foi Auschwitz

Levi, Primo

9788543804248

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

O testemunho de um dos maiores horrores da história — contado com grande potência narrativa por quem esteve lá. Primo Levi tinha só 24 anos quando foi deportado para Auschwitz, a fábrica construída pelos nazistas para exterminar judeus e minorias. Químico, Levi trabalharia junto a outro prisioneiro, o médico Leonardo De Benedetti. Em 1945, após a libertação, soviéticos encarregaram os dois de um relatório sobre as condições de saúde dos campos. O resultado, publicado em 1946, foi um testemunho pioneiro dessa experiência atroz, que inaugura o trabalho de Primo Levi como escritor. Depois, o químico continuaria contando a experiência de Auschwitz nas histórias, pesquisas e nos comentários agora recolhidos, que, graças à coerência, clareza e o rigor do método, reforçam a potência narrativa do autor.

[Compre agora e leia](#)



O LIVRO
DAS CRISES

COMPANHIA DAS LETRAS

**TÁ TODO MUNDO MAL
JOUT JOUT**

Tá todo mundo mal

Jout Jout

9788543805863

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Do alto de seus 25 anos, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, já passou por todo tipo de crise. De achar que seus peitos eram pequenos demais a não saber que carreira seguir. Em "Tá todo mundo mal", ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer". Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias!

[Compre agora e leia](#)

GEORGES
SIMENON

COMISSARIA DAS LETRAS

O enforcado
de Saint-Pholien

COMISSÁRIO MAIGRET

O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges

9788580869934

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

[Compre agora e leia](#)

COMPANHIA DAS LETRAS

FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

DIÁRIOS
DA 1997-1998
PRESIDÊNCIA



Diários da presidência — volume 2 (1997-1998)

Cardoso, Fernando Henrique

9788543805818

1000 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os bastidores da emenda da reeleição, crises internacionais e pressões especulativas contra a moeda brasileira, indecisões de fundo quanto à política cambial, a morte de dois fiéis escudeiros, supostos "escândalos" e chantagens.

Neste volume de seus diários (1997-1998), Fernando Henrique Cardoso registra alguns dos maiores desafios — tanto políticos quanto macroeconômicos — de seus anos no poder e transmite ao leitor a sensação palpável do áspero cotidiano presidencial.

Em meio à tenaz batalha para a implementação de reformas modernizadoras, tendo por aliados setores arcaicos do país ante a impossibilidade de acordo com a esquerda tradicional, o então presidente encontra tempo para reflexões premonitórias sobre o jogo de forças da política brasileira. Leitura indispensável para a compreensão do país hoje.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ SARAMAGO



CADERNOS DE LANZAROTE II

PRÊMIO NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Cadernos de Lanzarote II

Saramago, José

9788543801995

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

José Saramago mora em Lanzarote, uma das ilhas Canárias. Ali, em 1993, começou a compor um diário cujo primeiro volume abrange os anos de 1993, 94 e 95 (Companhia das Letras, 1997), enquanto este cobre 1996 e 1997. O autor pode falar sobre tudo: a família, os amigos, as coisas cotidianas, as coisas extraordinárias, as viagens constantes, o Brasil, os muitos brasileiros que conhece, as tarefas que decorrem da sua profissão, do seu modo de escrever etc. Para um escritor, manter um diário é trabalhar. O tom pode ser mais informal e nenhum projeto propriamente dito se explicita, mas a obra é legível em cada página. Entre coisas e pessoas, hábitos e decisões, afetos e idéias, o trabalho de José Saramago é escolher suas afinidades e gerar sua escrita humanizadora.

[Compre agora e leia](#)